

# RAMÁIANA

**Valmiki**

**InfoLivros.org**



## SINOPSE DE RAMÁIANA

O Ramáiana é um poema da Índia que data do século III a.C. e é atribuído a Vālmīki. O hinduísmo é a religião na qual esta história se baseia, e se tornou uma das mais célebres da literatura indiana.

O rei Dasharatha é casado com três mulheres e teve quatro filhos: Rama, Bhárata, Shatrughan e Laxamana. O filho mais velho, Rama, era o mais amado na corte e pelo povo por causa de seu caráter e bom comportamento. Um dia, a pedido do palácio, ele travou uma batalha contra os demônios que impediram a oração e venceram apesar de sua juventude.

Posteriormente, Rama casou-se com Sita, filha do rei Janaka. Dasharatha herda dele o trono e se aposenta para buscar sua libertação espiritual. É aí que começam os desafios de Rama, não apenas como rei, mas em seu casamento com Sita.

Se você quiser ler mais sobre este livro, você pode visitar o seguinte link

[Ramáiana por Valmiki em InfoLivros.org](http://InfoLivros.org)

**Se desejar ler este trabalho noutras línguas, basta clicar nos links correspondentes:**

- Inglês InfoBooks.org: [Ramayana author Valmiki](#)
  - Espanhol InfoLibros.org: [Ramayana autor Valmiki](#)
  - Francês InfoLivres.org: [Ramayana auteur Valmiki](#)
- 

**Se quiser aceder à nossa biblioteca digital com mais de 3.500 livros para ler e descarregar gratuitamente, convidamo-lo a visitar esta página:**

- [+3,500 livros gratuitos em formato PDF em InfoLivros.org](#)

## LIVRO I

### Capítulo 1 - Shri Narada narra para Valmiki a história de Rama

O sábio Valmiki,<sup>4</sup> o principal entre os munis<sup>5</sup> e o mais eloquente dos homens, constantemente engajado na prática do autocontrole e estudo das escrituras sagradas, questionou Shri Narada:<sup>6</sup>

"Quem há, no mundo de hoje, dotado de qualidades excelentes e heroicas, que é versado em todos os deveres da vida, grato, verdadeiro, firme em seus votos, um ator de muitos talentos, benevolente para com todos os seres, erudito, eloquente, belo, paciente, lento para a ira, que é verdadeiramente grande; que é livre de inveja e quando enfurecido pode encher de terror os corações dos seres celestiais? Ó sábio, eu gostaria de ouvir sobre tal homem de ti, que és capaz de descrevê-lo para mim.

Narada, conhecedor do passado, do presente e do futuro, satisfeito com as palavras do sábio Valmiki, lhe respondeu dizendo:

"Raros de fato são aqueles dotados das qualidades que tu enumeraste, contudo eu posso te falar de um. Nascido na família de Ikshvaku,<sup>7</sup> ele é chamado de Rama; renomado, totalmente autocontrolado, valoroso e ilustre, o Senhor de todos. Sábio, conhecedor do código de ética, eloquente,

afortunado, um matador de seus inimigos, de ombros largos, de braços longos, possuindo um pescoço em forma de concha e queixo proeminente, eminente no tiro com arco, com um corpo musculoso, braços estendendo-se até os joelhos, e cabeça e testa nobres; de coragem imensa; possuindo membros proporcionais e pele de tom azulado,<sup>8</sup> famoso por sua virtude; de olhos proeminentes, de peito largo, tendo marcas auspiciosas; aquele que protege os que nele se refugiam e está sempre atento ao bem daqueles dependentes dele; fiel às suas promessas, benevolente para com seus súditos, onisciente, renomado por suas boas ações, puro, e sempre sensível à devoção; meditando em sua própria essência.

"Igual a Brahma, o protetor de seu povo, agradável de olhar; sustentando o universo; o destruidor daqueles que violam o código moral; o inspirador da virtude; o que dá graça especial para seus devotos e para aqueles que observam devidamente ritos sacrificais e são caridosos; familiarizado com a essência da filosofia védica;<sup>9</sup> um perito na ciência da guerra; especialista na lei escritural; de memória infalível; amado por todos; de disposição cortês; incapaz de covardia; familiarizado com as leis desse mundo, como também dos outros mundos.

"Como os rios se apressam para o oceano, assim os homens de virtude sempre se aproximam dele.

4 Valmiki: uma vez um chefe ladrão, se tornou depois um sábio plenamente iluminado, autor do Ramayana.

5 Muni: um sábio santo, uma pessoa piedosa e erudita.

6 Narada: um grande rishi, filho de Brahma, o Criador. Muitos hinos do Rig-veda são atribuídos a ele.

7 Ikshvaku: filho de Manu, fundador da linhagem solar de reis, que reinaram em Ayodhya.

8 Tom azulado: as Encarnações ou Descidas Divinas chamadas Avataras são ditas terem a cor de uma nuvem recém-nascida.

9 [Védica: a grafia em nossos dicionários seria 'védica', porém isso não corresponde à pronúncia correta da palavra, 'vêdica', pois no sânscrito e e o sempre têm a pronúncia fechada].

"Igual a Vishnu<sup>10</sup> em bravura; agradável para a visão como a lua cheia; quando incitado à ira justa, assemelhando-se à morte que a tudo consome; em paciência como a terra, em generosidade como Kuvera;<sup>11</sup> em veracidade a personificação da virtude. Essas são as suas grandes qualidades – Rama, o herdeiro amado do rei Dasaratha, possuindo todos os atributos excelentes, benevolente para com todos, dedicado ao bem-estar de todos os seres vivos".

Seu pai, o rei Dasaratha, fez os preparativos para instalá-lo como seu regente, mas a rainha Kaikeyi, reclamando as

bênçãos anteriormente prometidas a ela, exigiu o exílio de Rama e a entronização do seu próprio filho Bharata. O rei, preso pela sua promessa e pelos laços da honra, enviou seu filho Rama, a quem ele amava como a sua própria vida, para o exílio. Obedecendo ao comando do seu régio pai, e, para satisfazer Kaikeyi, Shri Rama foi para a floresta. O filho da rainha Sumitra, o príncipe Lakshmana, inspirado por afeição e humildade, seguiu seu irmão Rama para o exílio. A filha do rei Janaka, uma encarnação de Lakshmi,<sup>12</sup> dotada das mais elevadas virtudes femininas, vendo príncipe Lakshmana acompanhando Rama, obediente ao seu marido, o seguiu como Vênus segue a lua.

Acompanhado por algumas léguas pelo rei Dasaratha e seu povo, Rama dispensou a carruagem ao chegar à cidade de Shringavera nas margens do Ganges, e mandou o ministro Sumantra retornar à capital.

Aqui o príncipe encontrou seu amado Guha, o chefe dos chandalas,<sup>13</sup> acompanhado por quem, com Lakshmana e Sita, ele cruzou o rio Ganges e entrou na floresta, chegando finalmente à montanha Chitrakuta descrita pelo sábio Bharadwaja. Rama, Sita e Lakshmana moraram alegremente na floresta como devas<sup>14</sup> ou gandharvas.<sup>15</sup>

Oprimido pela dor pela separação dos seus filhos e lamentando a sua ausência, o rei partiu desta vida, enquanto Rama morava na montanha Chitrakuta.

Os santos e sábios ofereceram o trono, deixado vago pela morte do rei Dasaratha, ao príncipe Bharata, que o recusou, não desejando o reino. Partindo para a floresta onde Shri Rama morava, a fim de propiciá-lo, ele se aproximou daquele herói da verdade com humildade e dirigindo sua atenção para o código de justiça que ele conhecia, pediu a Rama para voltar e governar o reino.

O magnânimo, belo e poderoso Rama se recusou a aceitar o trono, preferindo cumprir a ordem de seu pai e, presenteando o príncipe Bharata com as suas sandálias como um símbolo de autoridade, repetidamente o exortou a retornar à capital.

Shri Bharata, tocando os pés de Rama em submissão, partiu e começou a governar o domínio a partir da cidade de Nandigrama, aguardando avidamente o retorno do seu irmão.

Os sábios e eremitas, que moravam na floresta, atormentados constantemente por asuras,<sup>16</sup> se aproximaram de Shri Ramachandra para pedir sua proteção – Shri Rama concordou em matar os asuras malignos para preservar os sábios que tinham procurado a ajuda dele. Os homens santos, cuja aparência se

10 Vishnu: o Senhor como Mantenedor e Sustentador do universo.



11 Kuvera: o Deus da riqueza.

12 Lakshmi: a consorte de Shri Vishnu.

13 Chandala: pária.

14 Devas: deuses ou seres celestes, literalmente 'brilhantes'.

15 Gandharvas: músicos celestiais.

16 Asuras: uma raça de demônios.

igualava ao fogo em brilho, ouviram a decisão de Shri Rama e foram assegurados por ele da sua proteção.

A asuri<sup>17</sup> Shurpanakha, que podia assumir várias formas à vontade, foi dominada e desfigurada por Rama e Lakshmana. Todos os rakshasas<sup>18</sup> perversos vieram liderados por Khara, Dushana e Trishira, para se engajar em combate com Shri Rama, e foram mortos por ele. Shri Rama matou catorze mil rakshasas que habitavam naquela floresta. Sabendo do massacre dos rakshasas, o rei Ravana, levado pela raiva, levou com ele Maricha, um demônio como ele. Maricha, conhecendo a força superior de Rama, procurou dissuadir Ravana de entrar em combate com ele, mas Ravana, que estava marcado pelo destino, ignorou o conselho e foi com Maricha para a morada de Shri Rama. Lá, Maricha atraiu Shri Rama e Lakshmana para longe do eremitério e Ravana, tendo matado o abutre Jatayu, levou Sita embora.

Sabendo do moribundo Jatayu do rapto da filha do rei de Mithila, Shri Rama foi dominado pela aflição e começou a lamentar.

Tendo realizado as exéquias do abutre, enquanto vagando em busca de Sita, ele enfrentou um asura chamado Kabandha cuja forma era ameaçadora e terrível.

Shri Rama o matou e depois executou os ritos fúnebres após o que sua alma subiu ao céu. Ao passar para a esfera celestial, Kabandha falou a Rama de Shabari, uma asceta, e pediu-lhe para visitá-la. Shri Rama, o sempre resplandecente destruidor de seus inimigos, chegou ao local onde Shabari morava e foi devidamente adorado por ela.

Nas margens do Lago Pampa, Shri Rama encontrou o macaco Hanuman que apresentou Sugriva a ele. O poderoso Rama contou toda a sua história para ele até o rapto de Shri Sita. Sugriva tendo ouvido Shri Rama entrou no rito de amizade com ele, testemunhado pelo fogo. Com plena fé em Rama, Sugriva então lhe contou todos os sofrimentos que ele tinha suportado por causa da sua inimizade com Bali e a grande audácia do último. Então Shri Rama prometeu matar Bali,<sup>19</sup> mas Sugriva, incerto da bravura de Rama e desejando testá-lo, mostrou-lhe os ossos do corpo de Dundhubi,<sup>20</sup> formando uma pilha tão alta quanto uma montanha. Com seu pé, Rama chutou a pilha a uma distância de dez yojanas e, disparando uma seta, perfurou sete palmeiras, partindo uma montanha e com a flecha penetrando até o centro da terra. Tendo testemunhado essa

façanha, Sugriva estava satisfeito, e depois disso confiou em Rama implicitamente. Em sua companhia ele atravessou vales profundos até a cidade de Kishkindhya; lá, Sugriva de olhos amarelos rugiu como um trovão. A esse som terrível, o poderoso e valente chefe macaco, Bali, saiu, desconsiderando o aviso da sua esposa Tara, e entrou em combate com Sugriva.

Como desejado por Sugriva, Shri Rama matou Bali com uma única flecha; então ele confiou o governo de Kishkindhya a Sugriva que agora, como rei da tribo de macacos, reuniu suas forças e as mandou para todos os quadrantes em busca de Sita.

O chefe abutre, o corajoso Sampati, informou a Hanuman onde Sita estava, após o que o macaco saltou sobre o mar que fica entre Bharatvarsh<sup>21</sup> e Lanka,<sup>22</sup> uma distância de quinhentas milhas.

17 [Asuri: asura fêmea].

18 Rakshasas: maus espíritos ou demônios, inimigos dos deuses. 19 Bali ou Vali: um rei titã, filho de Virochana, filho de Prahlada. 20 Dundhubi: um gigante.

21 Bharatvarsh, [Bharata varsha]: Índia.

22 Lanka: Ceilão.

Entrando na cidade de Lanka que era protegida por Ravana, Hanuman viu Sita, meditando sobre Rama no jardim ashoka. Ele lá entregou o anel de Rama para ela e a informou do bem-estar do seu marido. Tendo revivido a coragem de Sita, ele quebrou o portão do jardim e matou sete filhos dos conselheiros de Ravana, cinco grandes capitães e igualou Akshyakumara, o filho de Ravana, ao pó. Então ele se permitiu ser capturado.

Sabendo que não poderia ser subjugado pela arma concedida por Brahma a Ravana, embora reconhecendo o poder da sua bênção,<sup>23</sup> Hanuman se permitiu ser preso, sofrendo muitas indignidades. Posteriormente ele queimou toda a Lanka, só poupando o lugar onde Sita habitava.

Voltando para entregar suas notícias bem-vindas, ele circunvirou respeitosamente o poderoso Rama e contou em detalhes como tinha encontrado Sita.

Partindo na companhia de Sugriva e outros, Rama chegou ao mar. Lá ele criou uma tempestade com suas flechas brilhantes e o senhor das águas, Sumudra, apareceu diante dele. Sob sua direção, Naja lançou uma ponte sobre o mar. Cruzando o mar por meio dessa ponte, Shri Rama entrou em Lanka, matou Ravana em batalha e recuperou Sita, mas sendo ela objeto de calúnia, foi abordada por ele com palavras duras no meio da assembleia. Depois de ouvir as palavras de Rama com paciência, Sita entrou em um grande fogo. Pelo testemunho do

deus do fogo, Sita mostrou-se inocente e Rama, adorado por todos os deuses, ficou contente.

Os seres animados e inanimados dos três mundos,<sup>24</sup> os deuses e os sábios, deram graças que Ravana tinha sido morto por Shri Rama. Shri Rama entronizou Vibishana<sup>25</sup> como o rei dos asuras e, estando totalmente satisfeito, reviveu todos os macacos e asuras que haviam caído na batalha.

Na carruagem aérea, Pushpaka, acompanhado por Sugriva, Shri Rama, um devoto da verdade, chegou ao eremitério de Bharadwaja. De lá, ele enviou Hanuman ao príncipe Bharata como seu mensageiro, e conversando com Sugriva subiu novamente na carruagem aérea e chegou a Nandigram.

Sempre obediente ao seu pai, Shri Rama então cortou seus cabelos emaranhados e com Sita ocupou o trono de Ayodhya.

Vendo Shri Rama ocupando o trono, as pessoas eram felizes e satisfeitas, virtuosas e livres de doença, tristeza, fome ou perigo. Ninguém testemunhava a morte de seu filho; nenhuma mulher ficava viúva e todas eram dedicadas aos seus maridos; não havia perigo de tempestades; ninguém perecia pela água; nem havia qualquer causa de medo do fogo; febre e praga eram desconhecidas; não havia escassez, e nenhum perigo de ladrões. Cidades e vilas eram ricas e prósperas; todos viviam felizes como no Satya Yuga.<sup>26</sup>

Shri Rama e Sita observaram inúmeros sacrifícios védicos e deram muito ouro, e centenas de milhares de vacas em

caridade, assim preparando para si mesmos um lugar nas regiões divinas. Shri Rama contribuiu incalculavelmente para a prosperidade da dinastia, e concedeu imensa riqueza aos brâmanes. Ele empregou seus súditos nos deveres das suas respectivas castas e governou por onze mil anos, depois do que ele voltou para a sua morada celeste, Vaikuntha.

23 O Deus Brahma tinha dado a Ravana uma arma que enredava todos em quem ela era usada de modo que eles não podiam escapar. Era apropriado, portanto, que Hanuman, embora não sujeito a ela, reconhecesse o poder do deus.

24 Bhur, Bhuvah, Swah. O mundo inferior, intermediário, e superior.

25 Bibishana ou Vibishana: irmão mais novo de Ravana, mas um devoto de Rama.

26 Satya Yuga: a Era Dourada.

Aquele que lê a história de Rama, que dá mérito e pureza, é libertado de todo o pecado. Aquele que a lê com fé e devoção por fim é adorado juntamente com seus filhos, netos e servos em sua morte.

Um brâmane<sup>27</sup> a lendo se torna proficiente nos Vedas, e filosofia; um kshatriya se torna um rei; um vaishya se torna

próspero no comércio; um shudra ao lê-la se tornará grande em sua casta.

## Capítulo 2 – O sábio Valmiki cria a forma métrica para a história

O sábio e eloquente Valmiki com seu discípulo, Bharadwaja, tendo ouvido as palavras de Narada, estava cheio de admiração e adorou Rama em seu coração. Ele ofereceu reverência a Shri Narada, que ansiava permissão para partir e após seu pedido ser concedido subiu através do espaço para os céus.

Narada tendo partido, o grande muni Valmiki foi para as margens do rio Tamasa, que era perto do Ganges. Chegando àquele local e vendo as águas puras e límpidas, Valmiki disse ao seu discípulo: "Ó Bharadwaja, veja quão pura é a água do rio sagrado, realmente ela é clara e agradável como a mente de um homem bom. Ó filho, baixe o cântaro e me traga o meu traje de pele do eremitério. Eu quero me banhar no rio sagrado, não demore".

Obediente ao comando do seu guru,<sup>28</sup> o discípulo trouxe o traje do eremitério do sábio e, retornando rapidamente, o ofereceu a ele. Recebendo o manto de pele das mãos de seu discípulo, o

sábio, com seus sentidos totalmente controlados, envolveu-se nele e durante o banho repetiu as orações tradicionais, oferecendo libações de água para os seus antepassados e para os deuses. Em seguida ele passeou pela floresta apreciando as belezas da natureza.

Nessas circunstâncias o sábio augusto, Shri Valmiki, viu um par de aves Krauncha<sup>29</sup> divertindo-se destemidamente em amor. Logo depois, um caçador, espreitando não observado, matou a ave macho na presença do sábio. A ave fêmea, privada de seu companheiro de crista amarela, que agora tinha estado abrindo suas asas no ato de amor para agradá-la, vendo-o sangrando e gritando de angústia, começou a lamentar.

O coração do sábio ficou cheio de pena ao ver a ave derrubada pelo caçador. Tocado pelo lamento do krauncha fêmea e enfurecido pelo ato cruel do caçador, o sábio disse: "Ó caçador, tendo matado a ave no meio do gozo de amor com sua companheira, tu nunca obterás prosperidade. Não visites a floresta por muitos anos a fim de que o mal não te alcance".

Refletindo sobre as palavras que ele tinha dirigido ao caçador, e percebendo sua implicação, o sábio disse para si mesmo: "Que palavras são essas que eu proferi, inspirado por minha compaixão pela ave agonizante?"

O sábio douto e erudito refletiu um momento, e então disse ao seu discípulo: "Aflito pela ave que morria, eu recitei esse verso de quatro pés, cada um de sílabas iguais, que pode ser cantado



com a vina.<sup>30</sup> Que ele me traga renome e que nenhum mal seja falado de mim por conta disso”.

27 As quatro castas tradicionais; os sacerdotes, os guerreiros, os mercadores e aqueles que servem os outros três.

28 Guru: tradicional preceptor espiritual.

29 Krauncha: Ardea jaculator: uma espécie de garça.

30 Vina: um instrumento musical de corda.

Com grande alegria o discípulo decorou o verso composto por seu preceptor espiritual, que expressou sua satisfação pela habilidade de seu pupilo Bharadwaja. Banhando-se no rio sagrado, de acordo com o ritual prescrito, o sábio voltou para o seu eremitério, pensando sobre o assunto. O discípulo humilde e erudito Bharadwaja seguiu o grande sábio, carregando seu loshta cheio de água. Ao entrar no eremitério, o sábio adorou o Senhor e realizou outros rituais, e tendo instruído seu discípulo na tradição e na história sagrada, entrou em profunda meditação. O Criador do mundo, o Autonascido, Brahma glorioso e de quatro faces finalmente apareceu diante do sábio santo. Valmiki ergueu-se às pressas, cheio de espanto, e recebendo a Divindade em grande humildade, ofereceu reverências a Ele. Levando-o para um assento, em profunda

reverência ele derramou libações de água como ordenado na tradição, fazendo perguntas quanto ao seu bem-estar. O Senhor Abençoado aceitou a homenagem oferecida a ele e mandou o sábio se sentar. Shri Valmiki ocupou o local designado por Brahma e mais uma vez se lembrou do seu pesar pelo incidente do caçador perverso, que matou impiedosamente a ave que estava tão feliz e arrulhando de prazer. Ele recordou o sofrimento da ave fêmea e leu e releu as linhas:

"Pelo caçador ignorante e perverso, nasce o sofrimento Pois ele matou cruelmente o Krauncha melodioso".

Shri Brahma, vendo o sábio angustiado e triste, disse-lhe: "Ó grande sábio, que essas palavras proferidas espontaneamente por ti, inspiradas pela morte do Krauncha, sejam poesia. Descreve toda a história de Rama, que é a essência da virtude e cheia dos maiores atributos, de acordo com o que tu ouviste de Shri Narada. Narra todos os conhecidos e até então desconhecidos atos de Shri Rama, Sita e Lakshmana e dos asuras. Tudo o que diz respeito ao rei Dasaratha, suas esposas, cidade, palácio, declarações, conduta e o que ele realizou, serão revelados a ti pela minha graça. Nenhuma das tuas palavras se revelará falsa. Traduze em verso os feitos sagrados e encantadores de Rama. Ó sábio, enquanto as montanhas e os rios permanecerem sobre a terra, a história de Shri Rama vai durar. Enquanto a história de Rama durar, tu residirás nas regiões mais elevadas".

Após proferir essas palavras, Shri Brahma ponderou algum tempo consigo mesmo e então desapareceu de vista.

O grande sábio e seu discípulo estavam cheios de admiração por esse evento, e, lendo a estrofe repetidas vezes, a sua alegria aumentou. Repetidamente recitando o dístico, composto por Valmiki, eles perceberam que o sábio santo havia expressado sua tristeza em forma poética. Então Shri Valmiki meditou no Senhor dentro da sua alma e lhe ocorreu narrar a história de Rama em verso similar. Para o bem do mundo, o sábio ilustre e santo, portanto, começou a compor a vida de Shri Rama em verso; aquele Rama, digno de renome mundial, que é generoso e encantador. Shri Valmiki compôs a história da vida de Rama e da morte de Ravana em estrofes belas e medidas, uma obra de mérito infinito.

Capítulo 3 – Os feitos de Rama que serão descritos no poema sagrado

Tendo ouvido a história da vida do sagaz Rama dos lábios de Shri Narada, a qual, quando contada, confere retidão perfeita ao ouvinte, o sábio santo desejou

saber mais sobre o tema sagrado. Lavando as mãos e os pés e bebendo um pouco de água pura, colocando-se de frente para o leste em um assento de grama kusha, com palmas unidas, ele entrou em meditação profunda e numa visão contemplou a história de Rama. Pela graça de Shri Brahma, o sábio santo viu tudo o que Rama, Sita e Lakshmana tinham experimentado, observado e feito. Ele testemunhou em detalhes a vida de Rama, que era a verdade encarnada, e tudo o que ele tinha feito na floresta e em outros lugares.

Pelo poder da meditação espiritual e yoga, o sábio Valmiki viu todo o passado tão claramente como se ele fosse um fruto colocado na palma da sua mão. Assim, tendo testemunhado tudo, o sábio mais iluminado começou a descrever a vida de Shri Rama em verso.

A história de Shri Rama, que confere retidão, prosperidade mundana e alegria ao leitor, que não degrada a mente e concede libertação da tristeza, aquela história que encanta o coração e é tão cheia de pedras preciosas fascinantes quanto o oceano, foi reproduzida por Shri Valmiki, na forma em que Shri Narada a tinha narrado para ele.

O nascimento de Rama, sua coragem, sua benevolência para com todos os homens, sua boa vontade universal, sua clemência, sua aparência agradável, sua doce disposição, seu amor à verdade, sua humildade, seus serviços úteis ao sábio Vishwamitra, a instrução dada pelo sábio Vishwamitra a ele e sua audição paciente; sua quebra do grande arco; seu

casamento com a princesa Sita; sua controvérsia com Parasurama; os preparativos para a sua coroação; uma descrição das suas grandes qualidades; a oposição oferecida pela rainha Kaikeyi à coroação; sua partida para a floresta; o lamento e a morte do rei Dasaratha, a tristeza do povo de Ayodhya; a conversa de Rama com o barqueiro; seu adeus a Sumantra; sua travessia do Ganges; sua visita ao santo sábio Bharadwaja; sua partida para Chitrakutana por insistência do sábio; sua morada na cabana de folhas de colmo no Monte Chitrakuta; a tristeza do rei pelo retorno de Sumantra e a partida do monarca para o céu; a chegada de Shri Bharata em Chitrakuta para convencer Rama a voltar ao seu reino; sua permanência no eremitério; sua entrevista com Rama; os ritos fúnebres de seu pai; a recusa de Rama a retornar; o recebimento das sandálias de Rama por Bharata como um símbolo de autoridade; a instalação de Bharata do símbolo e seu governo de Ayodhya a partir de Nandigrama; a visita de Shri Rama à floresta Dandaka; ele matando o perverso Virodha;<sup>31</sup> sua entrevista com o sábio Sharabhangha; sua chegada ao eremitério de Sutikshna; o encontro de Anasuya com Shri Sita e a transmissão de ensinamentos a ela; a visita do sábio Agastya; sua residência em Panchavati; o encontro com Jatayu; o aparecimento de Shurpanakha; a conversa de Rama e Lakshmana com ela; a mutilação de Shurpanakha; a morte de Khara, Dusana e Trishira; a chegada de Ravana; a morte de Maricha; o rapto de Sita; o lamento de Rama por sua separação de Sita; a morte de Jatayu por Ravana; o encontro

com Kabandha; a chegada ao Lago Pampa; a entrevista de Rama com Shabati; sua chegada à montanha Rishyamukha; seu encontro com Hanuman; o selo de amizade de Rama com Sugriva; sua promessa de destruir Bali; o combate entre Bali e Sugriva; a morte de Bali; o pranto de Tara; a instalação de Sugriva; a estada de Shri Rama na montanha na estação chuvosa; Sugriva ultrapassando o tempo estabelecido para a sua missão, a ira de Rama contra ele; a entrega por Lakshmana da mensagem para Sugriva; a visita de Sugriva a Rama; sua conciliação de Rama; a organização do exército de macacos; a expedição dos macacos para

31 Virodha: um demônio comedor de homens.

encontrar a morada de Sita; a descrição da terra dada a eles; a entrega do anel de Rama para Hanuman; a entrada dos macacos na caverna escura; seu jejum na praia em preparação para a morte; sua entrevista com Sampati, o rei dos abutres; sua informação a respeito de Lanka; o salto de Hanuman e sua travessia do oceano; o surgimento da colina Minaka do oceano; a morte do demônio fêmea perverso Singhika que aprisionava suas vítimas por capturar sua sombra; a aparência de Lanka à noite; a entrada de Hanuman em Lanka e suas reflexões solitárias; sua visão do cruel Ravana e sua carruagem aérea

Pushpaka; a entrada de Hanuman nos aposentos internos, onde Ravana está bebendo cercado por mulheres; a busca de Hanuman por Sita e sua contemplação da princesa no jardim ashoka; a entrada de Ravana no jardim e sua solicitação de Sita; as censuras dela; a ameaça de Sita pelas asuris; a descrição de Trijata do seu sonho relativo à entrega do anel de Shri Rama para Sita por Hanuman; a conversa sobre esse assunto; o presente da joia para Hanuman por Sita; a destruição do bosque por Hanuman; a fuga das mulheres asuras; a morte dos guardas de Ravana por Hanuman; a captura de Hanuman e a queima de Lanka por ele; a retravessia do mar; o consumo dos frutos da floresta Madhu; as palavras de consolo oferecidas para Shri Rama por Hanuman e a entrega de joia de Shri Sita para ele; a chegada do Shri Rama na costa e a construção da ponte sobre o oceano por Nala e Nila; o cerco de Lanka; a chegada do irmão de Ravana, Vibishana, para refugiar-se com Shri Rama e a revelação por ele do plano para destruir Ravana; a morte de Kumbhakarna e Meghanada; a destruição de Ravana; o reencontro com Sita; a coroação de Vibishana, rei de Lanka; o oferecimento da carruagem aérea Pushpaka por Vibishana para Rama; o retorno de Shri Rama para Ayodhya; o reencontro com o príncipe Bharata; a coroação de Shri Rama como rei; o adeus ao exército de macacos; o regozijo de seus súditos na coroação; o repúdio de Sita; esses e todos os outros atos de Rama sobre a terra foram descritos no poema sagrado escrito pelo próprio Valmiki abençoado.

## Capítulo 4 – Os filhos de Shri Rama cantam o poema

Enquanto Shri Rama ainda era rei de Ayodhya, o grande sábio Valmiki compôs este belo clássico.

O rishi santo compôs vinte e quatro mil versos e os dividiu em quinhentos capítulos e seis livros. Além disso, ele compôs o epílogo. A obra estando concluída, ele refletiu desta maneira: "Para quem eu ensinarei esse clássico?"

Enquanto o sábio estava refletindo sobre o assunto, os dois príncipes, Kusha e Lava, os filhos de Rama e Sita, se aproximaram dele e tocaram seus pés em reverência. O grande sábio estudou aqueles dois príncipes virtuosos de fala melíflua, que moravam com ele em seu eremitério naquela época. Sabendo que eles eram sábios e cheios de fé nos ensinamentos dos Vedas, o grande sábio, que havia exposto o significado das escrituras em seus versos, ensinou o clássico para eles. O grande Valmiki lhes ensinou o clássico que descreve os atos de Rama e Sita e tudo o que se refere aos incidentes que levam à morte de Ravana chamados "A morte do neto de Poulastya".<sup>32</sup> Esse clássico histórico é agradável de cantar e adaptado às três medidas de tempo,<sup>33</sup> ele está contido dentro das sete notas e pode ser cantado



32 Poulastyā [Pulastyā]: um dos sete grandes sábios, nascidos da mente de Brahma, o Criador.

33 Três medidas de tempo: lento, médio, rápido.

com a vina. Ele expressa os vários estados de espírito de amor, coragem, desgosto, ira, terror, compaixão, admiração, riso e serenidade.

Os dois príncipes eram músicos hábeis, proficientes em ritmo e melodia e tinham vozes doces; eles eram tão agradáveis de olhar quanto gandharvas.<sup>34</sup> Dotados de beleza divina, os dois doces cantores, as imagens refletidas do próprio Shri Rama, repetiram constantemente o clássico sagrado e o decoraram. Os dois príncipes adoráveis e encantadores recitaram habilmente o clássico sagrado, o Ramayana, que exalta a virtude, diante dos sábios, dos brâmanes eruditos e dos ascetas, como eles tinham sido instruídos a fazer.

Em uma ocasião específica, os dois príncipes, de grande alma, afortunados, e providos de todas as boas qualidades, cantaram o grande épico na assembleia de Shri Rama. Os sábios ouvintes ficaram visivelmente emocionados e derramaram lágrimas de alegria. Estando tomados de admiração, eles gritaram "Excelente! Excelente!", e elogiando os dois cantores, os sábios

amantes da virtude sentiram grande alegria. Derramando elogios sobre os irmãos, eles gritaram, "Quão melodiosamente vocês cantam! Quão extraordinário é o poema divino, a história de Rama!"

Estando satisfeito com os doces cantores, um sábio os presenteou com loshtas, outro com frutos deliciosos, um terceiro com mantos de pele e outro com peles de antílope; alguns deram fio sacrificial, alguns recipientes para coletar esmolas, outros deram tangas, grama kusha, vestes de tecido amarelo, lenços e fio para amarrar o cabelo, vasos sacrificais, rosários e machados. Outros deram suas bênçãos a eles, dizendo "Que vocês vivam por longo tempo", e todos aclamaram o autor do poema maravilhoso.

Eles disseram: "Essa métrica será a base do verso de futuros poetas; ele é composto de acordo com regras específicas; os dois príncipes cantaram esse poema maravilhoso com grande destreza; ele promoverá sabedoria naqueles que o ouvirem e lhes concederá longevidade e saúde; ele é realmente capaz de encantar o coração".

Enquanto os sábios estavam assim elogiando os dois príncipes, Shri Ramachandra, passando por aquele caminho, os levou para seu palácio real. Ocupando seu trono dourado, Shri Rama, o destruidor de seus inimigos, ofereceu hospitalidade e reverência aos dois príncipes dignos. Na assembleia, cercado por seus ministros e irmãos, Shri Rama olhou com aprovação para aqueles jovens belos e eruditos, e dirigiu-se aos príncipes

Lakshmana, Shatrughna e Bharata dizendo: "Ouçam o poema histórico que esses dois menestréis celestiais e brilhantes cantam, esse poema que retrata incidentes de significado extraordinário".

Então Shri Rama mandou os dois músicos cantarem, e os príncipes soaram suas vinas e cantaram o poema que tinham aprendido, docemente e claramente. Toda a assembleia escutou a música que era totalmente agradável para a mente e o coração.

Shri Rama disse: "Eu admiro a música e o verso cantado por esses dois menestréis que parecem ser dotados de atributos reais".

Dessa forma, elogiados e encorajados por Shri Ramachandra, os dois irmãos, demonstrando a sua habilidade em música, continuaram a cantar. Ouvindo-os na assembleia real, Shri Ramachandra estava encantado.

34 Gandharvas: músicos celestiais.

## Capítulo 5 – O reino e a capital do rei Dasaratha

A terra composta de sete ilhas esteve sob um governante desde o tempo dos reis descendentes de Manu,<sup>35</sup> que eram sempre vitoriosos.

Entre esses monarcas poderosos estava Sagara seguido por seus sessenta mil filhos que escavaram o oceano. Este clássico Ramayana contém a história da Casa de Sagara, fundada por Ikshvaku. Este Rama-Katha<sup>36</sup> será recitado do início ao fim, que todos o ouçam com fé.

Nas margens do rio Sarayu havia um país grande e próspero chamado Koshala, habitado por pessoas contentes. Nele era a cidade de Ayodhya, famosa nos três mundos, fundada pelo renomado Manu, um senhor entre os homens. As avenidas da cidade se estendiam por sessenta milhas; sua beleza era realçada por ruas admiravelmente planejadas, as estradas principais sendo aspergidas com água e cobertas com flores.

O rei Dasaratha protegia a cidade como Maghavan<sup>37</sup> protege Amaravati.<sup>38</sup> Ele morava lá em esplendor, como Indra no céu. A cidade tinha portões belos e enormes e mercados

encantadores; suas fortificações foram planejadas por engenheiros e artífices habilidosos. Havia bardos, cantores de baladas e músicos públicos na cidade; os habitantes eram saudáveis e tinham casas espaçosas com altos pórticos em arco, decoradas com bandeiras e estandartes. Ela era cheia de edifícios extensos e jardins belos, cercados por bosques de mangueiras, árvores altas realçando os limites da cidade, dando-lhe a aparência de uma bela moça usando um cinto de folhagem. A cidade era cercada por fortificações sólidas e um fosso profundo que nenhum inimigo podia penetrar, por qualquer meio que fosse. Incontáveis elefantes, cavalos, gado, camelos e mulas eram vistos na cidade. Inúmeros embaixadores e comerciantes residiam lá e pessoas de muitas terras negociavam em paz dentro dos seus muros.

Ayodhya, como Amaravati de Indra, resplandecia com palácios dourados, cujas paredes eram cravejadas com pedras preciosas, os domos parecendo picos de montanhas.

Incrustados com gemas, prédios que beijavam o céu podiam ser vistos por toda a capital real. Moradias, altas e formosas, ficavam em terrenos bem colocados e ressoavam com música agradável. Havia habitações encantadoras ocupadas por homens de origem nobre, parecidas com os carros aéreos que carregam aqueles de vida pura e perfeição espiritual para o céu.

Os guerreiros residentes nessa cidade eram daqueles que não matam um inimigo em fuga, eles eram arqueiros hábeis,

capazes de perfurar um alvo só pelo som. Muitos tinham matado tigres, leões e lobos vagando perto das suas casas, ou em combate individual ou com diferentes tipos de armas. Essa grande cidade que abrigava milhares de comandantes foi construída<sup>39</sup> pelo rei Dasaratha.

35 Manu: da raiz ‘man’, ‘pensar’. O progenitor da humanidade, criado por Brahma.

36 Rama-Katha: a recitação do Ramayana.

37 Maghavan: um título do Senhor Indra, Rei dos Celestiais.

38 Amaravati: a capital do Senhor Indra.

39 É indicado que Manu fundou a cidade original naquele local, mas várias cidades construídas por outros monarcas a sucederam.

Em Ayodhya viviam inúmeros homens eruditos empenhados na observância de rituais, havia também artistas e artesãos, homens profundamente versados no Veda e aqueles dotados de todas as virtudes, cheios de sinceridade e sabedoria, assim como milhares de videntes e sábios versados na ciência mística do Yoga.<sup>40</sup>

## Capítulo 6 - A cidade de Ayodhya

Morava naquela cidade o rei Dasaratha, um seguidor da tradição do ilustre imperador Manu. O rei era instruído na interpretação dos Vedas, a sua principal riqueza era preeminência em verdade e virtude; ele era alguém que nunca quebrava sua palavra, que era sempre prudente, majestoso e amado por seus súditos, um grande auriga, um digno descendente da dinastia de Ikshvaku, um celebrador de muitos sacrifícios, que sempre se deleitava na prática da justiça; em plena autoridade sobre o seu povo, igual a um grande sábio; um vidente real, famoso nos três mundos, triunfando sobre seus inimigos, um amigo para todos; tendo controle perfeito os seus sentidos e apetites; em prosperidade igual a Indra; em riqueza igual a Kuvera.

Aquele monarca amante da verdade, se esforçando para adquirir perfeição em virtude, prosperidade mundana e felicidade, governava a cidade como o monarca celeste Indra governa Amaravati.

Os cidadãos daquela cidade eram felizes, virtuosos, instruídos, experientes, cada um satisfeito com o seu estado, praticando a sua própria vocação, sem avareza e de fala sincera. Ninguém era indigente ou morava em uma casa pobre; todos viviam felizes com suas famílias, possuindo riqueza, grãos, gado e cavalos. Naquela cidade de Ayodhya ninguém era avarento ou

vigarista, ninguém era maldoso, orgulhoso, estouvado, indigno ou ateu. Homens e mulheres eram de conduta correta, totalmente autocontrolados, e em seu comportamento puro e casto eles se igualavam aos grandes sábios. Ninguém carecia de brincos, diademas e colares. Eles se banhavam diariamente e esfregavam seus corpos com óleo, usando essência de rosas e pasta de sândalo. Ninguém comia alimento impuro, ninguém permitia que seu vizinho passasse fome. Todos possuíam ornamentos e ouro, e não havia ninguém que não tivesse aprendido a dominar sua mente. Ninguém na cidade negligenciava oferecer manteiga e objetos perfumados no fogo sacrificial. Ninguém era vil, cruel ou deixava de cumprir seus deveres; não havia ladrões e ninguém nascia de castas misturadas.

Os brâmanes eram dedicados aos seus respectivos deveres, firmes em autocontrole e autorizados a aceitar presentes. Ninguém negava a existência de Deus, ninguém proferia falsidades ou era cativado por prazer mundano e ninguém era culpado de difamação. Todo brâmane era versado nos seis sistemas de filosofia e nenhum deixava de jejuar na lua cheia, ou em outros dias determinados; não havia ninguém que sofresse de enfermidades físicas ou mentais e ninguém era infeliz naquela cidade.

Entre os habitantes, não havia revolucionários e ninguém que não fosse leal ao rei e ao estado. Aqueles que moravam lá



adoravam os deuses e o hóspede não convidado; eles eram magnânimos e caridosos.

40 [Nunca é demais lembrar que yoga é uma palavra masculina].

Todos atingiam uma idade madura como pessoas virtuosas e amantes da verdade; suas casas eram cheias de filhos, netos e mulheres virtuosas. Os guerreiros estavam sujeitos aos brâmanes eruditos e os mercadores à casta guerreira; conforme a sua casta as pessoas serviam os brâmanes, os guerreiros e os mercadores.

Na administração do império, o imperador Dasaratha seguia o exemplo do primeiro soberano Manu que era supremo em sabedoria, e um deus entre os homens.

Ayodhya abundava em guerreiros, invictos na batalha, destemidos e hábeis no uso de armas, assemelhando-se a leões guardando suas cavernas da montanha.

Havia cavalos na cidade provenientes de Kamroja, Vanaya, Nudi e Vahli, e elefantes das regiões de Vindhya e Himavat.

A cidade de Ayodhya era cheia de homens corajosos e nobres pertencentes às linhagens de Bhadra, Mulla e Mriga, habitantes das regiões de Binchyachala e das montanhas do Himalaia.

A cidade possuía elefantes imensos como grandes colinas. Aquela capital era realmente digna do nome 'Ayodhya', que significa "A cidade que ninguém pode desafiar na guerra". Morando lá, o imperador Dasaratha, governando o reino, parecia a lua no meio de incontáveis estrelas. Aquele grande rei, igual ao próprio Indra, reinava sobre a cidade, guardada por fortificações e muralhas, uma cidade que continha inumeráveis residências de muitos tipos e milhares de habitantes prósperos.

## Capítulo 7 - A administração do reino

Sempre dedicados ao bem-estar do rei Dasaratha, os ministros da Casa de Ikshvaku possuíam todas as virtudes; seus conselhos eram baseados na verdade e eles entendiam o significado das ordens reais imediatamente.

Oito dos conselheiros do rei eram famosos; incansavelmente empenhados nos assuntos de estado, eles eram honestos e dedicados ao cultivo da virtude. Seus nomes eram Dhristi,

Jayanta, Vijaja, Siddhartha, Atyartha-Sadaka, Ashoka, Mantrapala e Sumantra.

Os sábios grandiosos e santos, Vasishtha e Vamadeva, ajudavam o rei na sua observância dos deveres espirituais e também agiam como seus conselheiros.

Todos os ministros eram virtuosos, desprezadores de fazer o mal, benevolentes, versados na lei moral, de ampla experiência, desinteressados, magnânimos, familiarizados com o espírito das escrituras, tolerantes, pacientes, obedientes ao rei, fiéis à sua palavra, alegres, livres de avareza e bem familiarizados com os assuntos dos seus súditos companheiros e com os dos súditos de outros monarcas. Eles eram eficientes, firmes em amizade, e julgariam até mesmo os seus próprios filhos se eles violassem a lei.

Esses conselheiros eram peritos na ciência da economia e da guerra, e nunca infligiam castigo imerecido a um inimigo. Eles eram corajosos e sem ambição. Conhecedores de todos os ramos da vida política, eles protegiam todos aqueles que viviam no estado. Aumentando o tesouro real sem sobrecarregarem os eruditos e os guerreiros, eles infligiam penalidades sobre os malfeitores com o devido respeito à sua capacidade de suportá-las. Esses ministros eram puros de coração e de conduta casta. Nenhum tinha relações com a mulher do seu próximo, nenhum era

perverso e todos viviam juntos pacificamente. Cultivando todas as boas qualidades e praticando as várias artes, eles eram famosos por sua coragem, seu bom nome era amplamente divulgado e suas vidas eram guiadas pela razão. Peritos nas leis do país e abençoados com riqueza, eles emitiam decretos sábios e ocupavam suas mentes em debate filosófico.

Conhecedores do código de moral, eles conversavam cortesmente uns com os outros; assim eram os ministros do rei Dasaratha que, informados pelos seus agentes das necessidades das pessoas, as satisfaziam e governavam com prudência.

Na administração do seu reino, o rei nunca permitia que a injustiça causasse dissensão, e tornou-se conhecido em todo o mundo como um oceano de verdade. Aquele leão entre os homens, o rei Dasaratha, reinando sobre a terra, não tinha ninguém superior ou igual a ele. Honrado por seus senhores feudais, cercado de amigos, o rei Dasaratha, como Indra, reinava em majestade.

Benevolente, poderoso, talentoso e afável, o rei Dasaratha protegia Ayodhya e brilhava em esplendor como o sol iluminando o mundo.

Capítulo 8 - O rei deseja realizar um sacrifício para o nascimento de um filho

O rei Dasaratha, aquele rei glorioso e justo, embora realizando grandes austeridades, não tinha um herdeiro para o trono. Então o monarca sábio e de grande alma disse para si mesmo: "Eu realizarei o sacrifício de cavalo (Aswa-medha),<sup>41</sup> para ter um filho".

Tendo assim decidido, o soberano extremamente sagaz convocou uma reunião de seus conselheiros e dirigindo-se ao seu ministro chefe, Sumantra, ordenou-lhe o seguinte: "Convoque rapidamente os preceptores espirituais e sacerdotes". Rápido para agir, Sumantra convocou imediatamente aqueles preceptores altamente eruditos e levou para lá Suyagna, Vamadeva, Javali, Kasyapa e Vasishtha juntamente com outros sacerdotes e brâmanes eminentes.

Tendo oferecido saudações a esses homens santos, o rei Dasaratha, falando em tons corteses, proferiu palavras cheias de verdade e propósito: Ele disse: "Ó sábios, eu tenho praticado virtude e, contudo eu não tive a boa sorte de ser abençoado com um filho; portanto a minha intenção é realizar o sacrifício de cavalo. Eu desejo agir conforme as injunções das escrituras; vocês, ó homens santos, me aconselhem, após a devida deliberação, sobre a forma como eu posso ser bem sucedido no empreendimento proposto".

Os brâmanes eruditos, liderados por Shri Vasishtha, elogiaram a intenção do rei e disseram: "Tu decidiste o procedimento apropriado, ó rei". Muito satisfeitos, eles mandaram que a coisas necessárias para o sacrifício fossem reunidas e que o

cavalo fosse solto. Eles disseram: "Ó rei, que um lugar de sacrifício seja escolhido na margem norte do rio Sarayu. Ó rei, essa decisão sagrada tomada por ti, por causa de um herdeiro, seguramente trará a realização do teu desejo".

41 Aswa-medha: um sacrifício, que nos tempos védicos era realizado por reis. Um cavalo, sendo consagrado por certas cerimônias, era solto e permitido vagar à vontade seguido por guerreiros; o governante de cada região na qual o animal entrasse era obrigado a lutar ou a se submeter; ao final o cavalo era sacrificado com ritos especiais.

Ao ouvir as palavras dos brâmanes, o monarca se regozijou e mandou seus ministros trazerem o equipamento sacrificial e soltarem o cavalo sob a proteção dos guerreiros; eles também foram instruídos para erguer um pavilhão sacrificial na margem do rio Sarayu. Ele, além disso, decretou a adoção das medidas que diminuiriam a possibilidade de impedimento do sacrifício, pois mesmo para reis, o sacrifício de cavalo não era realizado facilmente.

O rei disse: "Lembremo-nos de que, durante a celebração do sacrifício, nenhum sofrimento deve ser infligido a ninguém, para

que nenhum brâmane perverso e astuto cause obstrução aos procedimentos. Por realizar o ritual sem consideração pelas injunções escriturais, ele fracassa; portanto, levem o sacrifício a uma conclusão auspiciosa. Eu dependo de vocês, e espero que vocês levem o sacrifício a um resultado bem-sucedido”.

Os conselheiros responderam, dizendo: “Ó rei, que assim seja”.

Abençoando o monarca, os brâmanes eruditos se retiraram, e o rei se dirigiu aos seus ministros dizendo: “Preparem o sacrifício como os sacerdotes oficiantes os instruíram e aceitem a responsabilidade pelo seu sucesso final”.

Então o soberano ilustre deixou a corte e entrou nos seus aposentos privados onde moravam as rainhas, que amavam o rei do fundo dos seus corações.

O rei Dasaratha se dirigiu a elas, dizendo: “Eu pretendo celebrar um sacrifício para obter um filho, todas vocês sigam a disciplina prescrita”. As rainhas se alegraram ao ouvir essas palavras dos lábios do rei e os seus rostos como lótus brilharam como flores após a partida da estação fria.

Capítulo 9 – Sumantra conta uma tradição que um filho nascerá através da ajuda do sábio Rishyasringa

Sumantra, sabendo dos preparativos para o sacrifício, obteve uma audiência privada com seu soberano e disse: "Eu ouvi falar de uma tradição, contada antigamente para mim por brâmanes augustos. Ó rei, nos tempos antigos, o bem-aventurado Sanatkumara predisse para os santos e sábios ao seu redor que um filho nasceria para ti.

Foi profetizado que um filho de Kasyapa, chamado Vibhandaka, teria um filho chamado Rishyasringa e que ele moraria na floresta só com o seu santo pai, desconhecido para qualquer outro homem ou mulher.

Esse sábio cumpriria o voto duplo de brahmacharya ordenado pelos sábios. Dessa forma, ele passaria um longo tempo adorando a Deus através do sacrifício do fogo e do serviço ao seu pai.

No país chamado Anga, um rei famoso chamado Lomapada oprimiria o povo por seu modo de vida prejudicial e desse modo causaria uma seca. Por conta disso, o rei sofreria grande aflição e convocando os brâmanes diria a eles: "Ó homens sábios, conhecedores como vocês são dos costumes do mundo e também das leis divinas, me digam qual ritual de purificação e arrependimento que posso adotar para expiar meus atos malignos, que ocasionaram essa seca".

Então os brâmanes, versados no Veda, assim responderiam ao rei: "Ó rei, te esforça por todos os meios para trazer o filho do



sábio Vibhandaka para cá. Tendo-o trazido aqui com a devida reverência, dá a tua filha Shanta a ele em casamento”.

O rei depois de ter ouvido as suas palavras e refletido sobre como ele traria aquele sábio excelente para a corte, então pediria aos seus ministros e sacerdotes

para se aproximarem do sábio, mas eles revelariam relutância em realizar a missão, temendo o poder do rishi.

A fim de evitar o desagrado do monarca, no entanto, depois de deliberarem sobre o método pelo qual o sábio poderia ser trazido à corte, eles fariam a seguinte proposta: "Pelas cortesãs o sábio pode ser convencido a vir para a corte do rei, as chuvas então se seguirão e a seca chegará ao fim. Então o rei unirá sua filha em casamento com o sábio. Por derramar oblações no fogo sacrificial o sábio ilustre, Rishyasringa, irá, por sua graça, obter o filho desejado para o rei Dasaratha”.

"Assim falou o ilustre Sanatkumara, em meio aos sábios, e eu agora o contei isso para ti”.

O rei Dasaratha ficou encantado ao ouvir essas palavras, e pediu ao ministro para descrever como o rei Lomapada levou o sábio para a sua corte.

## Capítulo 10 – Ele descreve como Rishyasringa foi levado à corte do rei Lomapada

Assim requisitado, Sumantra começou a narrar a história em detalhes e disse: "Ó grande rei, ouve como os ministros levaram o sábio Rishyasringa para a corte.

"Os ministros se dirigiram ao rei Lomapada dizendo: 'Nós temos um plano pelo qual o jovem sábio pode ser trazido para cá com sucesso. Ele reside na floresta, dedicado ao estudo sagrado, práticas espirituais e ascetismo, e é totalmente alheio à busca do prazer.

"Por meio daquelas coisas agradáveis para os sentidos, nós muito certamente seremos capazes de trazer o sábio para a corte. Que cortesãs lindamente vestidas e encantadoras vão lá e, por seus atos, o encantem e o tragam para cá'.

"O rei aprovou o plano e mandou seus ministros o executarem.

As cortesãs então entraram na floresta e estabeleceram sua residência perto do eremitério, buscando um encontro com o jovem sábio. Protegido por seu pai, o jovem asceta raramente passava dos limites do eremitério, nem tinha visto nenhum homem ou mulher além dos seus arredores.

Um dia, impelido pelo destino, o jovem saiu do eremitério e viu as mulheres graciosas e belas, vestidas em mantos de muitas cores de modelo primoroso, cantando docemente. Elas se

aproximaram do filho de rishi Vibhandaka e se dirigiram a ele dizendo: "Quem és tu? De quem tu és filho? Qual é o teu nome? Por que tu moras na floresta escura?"

Nunca tendo visto mulheres de beleza e charme antes, Rishyasringa estava cativado e respondeu-lhes, dizendo: "Meu pai é o grande sábio Vibhandaka da família de Kasyapa e eu sou seu filho, meu nome é Rishyasringa. Ó belos seres de aparência encantadora, o meu eremitério é bem perto, por favor, venham até lá e me permitam lhes oferecer hospitalidade lá".

As cortesãs aceitaram o convite e acompanharam o sábio que as recebeu de forma tradicional, colocando diante delas água para lavar seus pés e deliciosas raízes e frutos.

Temendo o retorno do pai e ansiosas para partir com toda pressa, as cortesãs ofereceram ao jovem os doces saborosos que elas tinham trazido, dizendo: "Aceita essas guloseimas que trouxemos para tu desfrutares nessa ocasião". Elas então acariciaram o jovem, alimentando-o com doces e outras iguarias.

O sábio resplandecente compartilhou das oferendas, pensando que eram frutos, sem nunca ter experimentado qualquer outro alimento.

As cortesãs, temendo o retorno do pai, fingiram estar de jejum e deixaram o eremitério. Após a sua partida, o jovem se sentiu deprimido e inquieto.

No dia seguinte, as cortesãs, encantadoramente vestidas, foram novamente ao eremitério e sorriram ao perceber que o jovem sábio se mostrava tão desconsolado. Elas então se aproximaram dele e disseram:

"Ó belo jovem, hoje, por favor, honra o nosso eremitério com a tua presença.

Ó auspicioso, nós podemos te entreter melhor lá do que aqui".

O jovem concordou em acompanhá-las e foi com elas para a sua residência. Quando o jovem entrou na cidade, Indra derramou chuva sobre o domínio do rei Lomapada e as pessoas se regozijaram.

Quando a chuva começou a cair, o rei Lomapada, percebendo que o sábio santo havia entrado na cidade, saiu-lhe ao encontro. Oferecendo-lhe saudações humildes e afetuosas, ele lhe ofereceu os presentes tradicionais (arghya)<sup>42</sup> de água e comida, e rogou-lhe para conceder o benefício que seu pai Vibhandaka não infligisse seu descontentamento sobre ele. O rei então levou o jovem para os aposentos internos e o uniu em casamento com sua filha Shanta.

Profundamente reverenciado pelo rei, Rishyasringa viveu feliz na capital com sua noiva, a princesa Shanta.

Capítulo 11 – O rei Dasaratha vai ao rei Lomapada, por cuja permissão Rishyasringa vai para Ayodhya

Sumantra disse: "Ó grande rei, ouve atentamente, além disso, as palavras do grande sábio Sanatkumara:

"Na Casa dos Ikshvaku, haverá um rei muito justo e amante da verdade chamado Dasaratha que fará uma aliança com o rei Lomapada de Anga.

"O rei Dasaratha se aproximará do seu amigo Lomapada e pedirá o auxílio de Rishyasringa, o marido da princesa Shanta, na realização do sacrifício que ele deseja celebrar, para que ele seja abençoado com um filho. Depois de madura reflexão, o rei Lomapada permitirá que o marido de Shanta, Rishyasringa, acompanhe o rei Dasaratha. Muito satisfeito, o rei Dasaratha voltará para a sua capital com Rishyasringa e pedirá ao sábio para officiar no sacrifício que ele está prestes a realizar, para obter filhos e também uma futura morada nas regiões celestes.

"Como resultado do sacrifício, o rei Dasaratha terá quatro filhos, cada um de valor ilimitado. Esses filhos serão renomados no mundo inteiro e aumentarão a glória da sua dinastia'.

"Essa história foi narrada pelo sábio Sanatkumara no primeiro quarto do Satya-Yuga.<sup>43</sup> Ó grande rei! Tu deves te aproximar

de Rishyasringa com uma carruagem e comitiva dignas, e trazê-lo com cerimônia à tua capital”.

42 Arghya: uma oferenda cerimonial de água, leite e grama kusa, arroz, durva, pasta de sândalo, flores, etc.

43 Satya-Yuga, a Era de Ouro. Há quatro Yugas no ciclo do mundo, Satya ou Krita, Treta, Dwapara e Kali, a era de ouro, de prata, de cobre, e de ferro.

Tendo ouvido o bom conselho do seu ministro Sumantra, o rei mandou-lhe informar seu guru Vasishtha desse assunto, e o santo Vasishtha concordou com o plano.

Então o rei, com firme determinação, acompanhado de suas rainhas, conselheiros e sacerdotes, se preparou para partir para a cidade onde Rishyasringa morava. Passando por várias florestas e atravessando muitos rios, o rei chegou à capital de Lomapada. Lá, ele viu o sábio resplandecente, em esplendor como um fogo brilhante, sentado perto do rei Lomapada.

Inspirado pela amizade, o grande monarca Lomapada ofereceu saudações respeitadas ao rei Dasaratha e informou

Rishyasringa da sua aliança com este rei, no que o sábio expressou a sua aprovação em palavras de louvor.

Tendo desfrutado da hospitalidade do rei Lomapada por sete dias, o rei Dasaratha se dirigiu a ele assim: "Ó rei, eu desejo iniciar um empreendimento importante, tem a bondade de permitir que tua filha Shanta e seu marido retornem à minha capital para me ajudar".

Ouvindo essas palavras, o rei Lomapada respondeu: "Que assim seja", e voltando-se para o sábio disse: "Vá com a tua esposa para a capital do rei Dasaratha".

O jovem sábio concordou com a ordem do rei Lomapada, e ele, em companhia de sua esposa, partiu com o rei Dasaratha.

Tendo se despedido do seu amigo, o rei Dasaratha despachou mensageiros velozes para irem à frente dele para instruir seus ministros para se prepararem para a sua chegada.

O povo de Ayodhya executou tudo como lhes havia sido ordenado, e, radiantes com o retorno do monarca, cumpriram as instruções dos seus mensageiros. Os cidadãos ficaram encantados ao verem o jovem sábio entrar na cidade e ser homenageado pelo rei, como Indra no céu presta homenagem a Kasyapa.

Tendo introduzido o sábio e sua consorte aos aposentos internos, o rei lhes ofereceu as boas-vindas tradicionais como ordenado nas escrituras.

As senhoras reais também receberam Shanta de olhos grandes com seu marido nos aposentos privados, e expressaram seu prazer e alegria.

Honrados e adorados pelas rainhas, não menos do que pelo próprio rei Dasaratha, a princesa Shanta e seu marido, o sábio, residiram no palácio como Brihaspati<sup>44</sup> reside na cidade de Mahendra.

## Capítulo 12 - Rishyasringa concorda em ajudar no sacrifício

O tempo passou e a primavera chegou novamente, enquanto o sábio santo estava na corte do rei Dasaratha. Em um dia propício, o rei decidiu começar o sacrifício.

Ele se aproximou de Rishyasringa e, curvando-se, ofereceu saudações a ele, convidando aquele sábio divino para auxiliar no sacrifício que ele estava celebrando, para preservar a dinastia. O sábio concordou e pediu ao rei para providenciar o material necessário para o sacrifício e para soltar o cavalo.



44 Brihaspati: o guru dos deuses, também o regente do planeta Júpiter.

O soberano mandou seu ministro Sumantra convocar com toda velocidade os sacerdotes familiarizados com a filosofia do Veda, e enviou convites para os sábios Vamadeva, Javali, Kasyapa, o sumo sacerdote Vasishtha e outros brâmanes nobres e eruditos.

Sumantra, partindo às pressas, se aproximou dos sábios cortesmente e os levou ao rei. O monarca virtuoso, depois de prestar homenagem respeitosa a eles, dirigiu-se a eles humildemente, falando palavras cheias de franqueza e integridade.

Ele disse: "Ó sábios, apesar do meu desejo ardente de ter um herdeiro, eu estou sem um. Eu decidi, portanto, realizar o sacrifício de cavalo para esse fim. Eu desejo que o sacrifício seja celebrado de acordo com as leis escriturais e, pela graça do sábio Rishyasringa, espero atingir o meu objetivo".

Os sábios aconselharam o rei a reunir os artigos sacrificais e a soltar o cavalo. Eles disseram: "Justo é o teu desejo de ser abençoado com um filho; ó rei, tu seguramente obterás quatro filhos ilustres de coragem ilimitada".

As palavras dos brâmanes convenceram o rei de que herdeiros seriam concedidos a ele e ele comunicou sua satisfação aos seus ministros. Ele disse: "Ó conselheiros, reúnam quatro sumos

sacerdotes e ponham o cavalo em liberdade sob a proteção de quatrocentos guerreiros. Que um pavilhão sacrificial seja montado na margem do rio Sarayu, e que os ritos protetores adequados sejam celebrados para que não surjam obstruções”.

O rei então ordenou que durante o período de sacrifício nem sacerdotes nem outras pessoas deveriam estar sujeitas a qualquer sofrimento que fosse. Ele disse: “Em tais ritos, outros têm sido impedidos por seres sub-humanos, o que tem resultado na anulação do sacrifício. Vocês devem, portanto, usar todos os meios para levar o sacrifício a uma conclusão bem-sucedida”.

Ouvindo as palavras do rei, os ministros – muito satisfeitos – começaram a agir de acordo com as suas instruções. Então os brâmanes garantiram ao rei que o sacrifício seria executado sem obstáculos, e, oferecendo-lhe reverência, voltaram para as suas casas.

Os brâmanes tendo partido, o rei se despediu dos seus ministros e entrou nos seus aposentos privados.

### Capítulo 13 – O sacrifício é iniciado

No ano seguinte, a primavera tendo retornado mais uma vez, o rei, desejando completar o sacrifício por causa de um herdeiro,

prestou homenagem a Shri Vasishtha, oferecendo-lhe saudações humildes de acordo com a ordenança prescrita, e dirigiu-se àquele grande brâmane com submissão, dizendo:

"Ó grande sábio, tem a bondade de terminar a cerimônia sagrada de acordo com a tradição sagrada. Que ela seja realizada de modo que nenhuma interferência possa ocorrer. Tu és compassivo e o teu coração está inclinado em direção a mim. Tu também és meu guru, a responsabilidade do sacrifício deve ser assumida por ti".

O sábio mais excelente respondeu: "Que assim seja. Eu farei como tu desejas".

Depois disso, Shri Vasishtha convocou aqueles brâmanes capazes de realizar os rituais sagrados e também artífices, arquitetos, escritores, atores e dançarinos.

Dirigindo-se aos sacerdotes eruditos, ele disse: "Por ordem do rei, inaugurem o grande sacrifício. Façam com que tijolos aos milhares sejam trazidos para cá com

toda velocidade e ergam muitos tipos de habitações, bem organizadas, supridas com alimentos e todo o conforto para acomodar convidados reais e outros. Preparem centenas de belas casas em locais adequados, junto com provisões e todas as coisas requeridas por brâmanes; ergam também grandes estruturas para os povos de outras terras, e armazenem alimentos e artigos de conforto onde é melhor fazê-lo. Casas

boas e bem equipadas devem ser construídas para os aldeões. Certifiquem-se de que a hospitalidade na forma de alimento e repouso seja dada com cortesia e gentileza. Os participantes do sacrifício devem ser acolhidos com respeito e consideração, sendo recebidos de forma apropriada, de acordo com sua casta. Que nenhuma afronta seja feita a ninguém por ganância, raiva ou luxúria. Que artesãos e servos sejam devidamente respeitados, de modo que seus corações estejam colocados em sua tarefa e que ninguém aja de modo disruptivo. Tratem todos com um espírito de boa vontade e cortesia, para que o trabalho possa ser realizado com sucesso”.

As pessoas ouviram o sábio santo e responderam: “Nós agiremos de acordo com as tuas instruções, ó sábio, nada será omitido”.

Shri Vasishtha então convocou o ministro chefe Sumantra e disse: “Envie convites para o sacrifício a todos os reis justos da terra e também aos brâmanes, kshatriyas, vaishyas e shudras de cada país, nas vá primeiro ao grande soberano de Mithila, o heroico Janaka, realmente eminente, o maior dos guerreiros e um conhecedor do Veda, já que ele é um antigo aliado do rei Dasaratha. Depois disso, traga o sempre verdadeiro rei de Kashi, de conduta exemplar, igual a um deus; e então o idoso e virtuoso rei de Kaikeya, o sogro do nosso soberano, e convide seu filho também. Chame o afortunado rei Lomapada de Anga, o amigo íntimo do rei, e traga para cá, com respeito, Koshala, o rei de Magadha.

"Em seguida, envie mensageiros para os reis dos países do leste do Sindhu, Souriva e Sourashtra, e aos monarcas do sul, com outros grandes reis da terra; que eles venham com seus irmãos, parentes, atendentes e servos".

Tendo ouvido as palavras de Shri Vasishtha, Sumantra cumpriu as instruções dadas por ele, enviando convites por mensageiros especiais aos monarcas de muitas terras, ele mesmo partindo para escoltar alguns dos grandes reis.

Sumantra tendo partido, todos os trabalhadores empregados no sacrifício informaram o santo sábio do seu progresso, e ele os aconselhou ainda mais, dizendo: "Que nada seja oferecido a alguém sem o devido respeito, nem de brincadeira; presentes dados com desprezo levam à destruição do doador".

Poucos dias depois, os reis de longe chegaram ao pavilhão sacrificial trazendo presentes de pedras preciosas.

Então Shri Vasishtha, estando satisfeito, disse: "Ó rei, por teu comando, todos os reis vieram e foram recebidos por mim com a devida hospitalidade. Os preparativos para o sacrifício já estão concluídos, tem a amabilidade de entrar no pavilhão sacrificial e inspecionar os artigos necessários para a cerimônia. Vê como os teus servos providenciaram tudo o que era necessário e satisfizeram todos os teus desejos".

"Por recomendação do sábio Vasishtha e de Rishyasringa, o rei Dasaratha foi para a área sacrificial em um momento auspicioso, quando uma estrela propícia estava em ascensão.

Em seguida os brâmanes sábios e Shri Vasishtha elegeram Rishyasringa como sumo sacerdote.

O sacrifício começou de acordo com a lei antiga e o rei, com suas rainhas, se dedicou às iniciações preliminares.

Capítulo 14 – As cerimônias são realizadas com os ritos apropriados

Tendo viajado por toda parte e durante um ano, o cavalo voltou e na margem do rio Sarayu o sacrifício do rei Dasaratha continuou. Os sumos sacerdotes, sob as ordens de Rishyasringa, ajudaram o rei na celebração dos ritos. Brâmanes versados na ciência antiga também oficiaram e auxiliaram o rei de acordo com as instruções previstas no Kalpa Sutra.

As duas partes especiais do sacrifício, Pravargya e Upasada, foram devidamente observadas; então os brâmanes adoraram os deuses com alegria. O sábio ilustre realizou certos ritos e ofereceu a Indra a parte do sacrifício que lhe é devida. Depois todos compartilharam do suco soma que destrói todos os pecados.

O rei de grande alma assumiu devidamente a terceira parte da cerimônia com o auxílio dos brâmanes santos. No sacrifício, nenhuma oblação foi omitida e ninguém ofereceu erradamente

no fogo sagrado. Tudo o que foi feito foi executado corretamente realizado sob a supervisão dos sábios.

Durante o período de sacrifício, nenhum brâmane sentiu fome ou sede. Inúmeros sacerdotes estavam presentes e cada um estava acompanhado por centenas de discípulos. Os trabalhadores, servos e outras classes foram regalados como os brâmanes, e monges e ascetas foram aprovisionados abundantemente.

Os idosos, as crianças, e as mulheres foram servidos com tudo o que eles desejavam comer, e aqueles que os acompanhavam eram dispostos e agradáveis.

Por ordem do rei, vestes, dinheiro e outros presentes foram distribuídos livremente com generosidade imensurável.

Montanhas de alimentos cozidos e crus eram vistas e todas tinham o que ele exigia para atender às suas necessidades.

Homens e mulheres de muitas terras eram diariamente entretidos com comida e bebida. De todos os lados, o rei ouvia as exclamações "Quão deliciosa é a comida, nós estamos todos contentes".

Servos e atendentes vestidos esplendidamente e usando brincos dourados atendiam os brâmanes, enquanto outros adornados com joias serviam outras castas. No intervalo entre as duas partes do sacrifício, pânditas eloquentes e eruditos debateram problemas metafísicos e disputaram uns com os outros na exibição de

sabedoria e perspicácia.

Dia após dia, as cerimônias de sacrifício foram realizadas por sacerdotes santos e instruídos. Não havia nenhum auxiliar no ritual sagrado que fosse iletrado ou não familiarizado com os Vedas.

Cada atendente do rei era inspirado por princípios nobres e todos eram altamente eloquentes e profundamente versados nas escrituras.

Dezoito colunas de madeira foram erguidas no lugar de sacrifício, cada uma feita de um tipo diferente de madeira. Sacerdotes, especializados na arte de rituais sacrificais, as cobriram com ouro. Cada uma das dezoito colunas tinha vinte e um pés de altura, era polida e de forma octangular, e todas estavam firmemente fixadas no solo e cobertas com tecidos bordados. Além disso, elas estavam enfeitadas com sândalo e flores e pareciam tão belas quanto a constelação dos sete sábios,<sup>45</sup> no céu. Poços sacrificais foram construídos por mestres pedreiros e o fogo aceso por brâmanes.

O poço sacrificial preparado para o rei Dasaratha era formado como uma grande águia em ouro, suas asas cravejadas com pedras preciosas.

<sup>45</sup> A Ursa Maior, cada estrela da qual é dita ser presidida por um dos sábios imortais.



Os animais a serem sacrificados a cada divindade específica foram amarrados de acordo com a injunção escritural. Havia aves, cobras e cavalos, e de acordo com a tradição, o sumo sacerdote amarrou os animais aquáticos, tais como tartarugas, no pavilhão sacrificial. Trezentos animais e o cavalo que tinha percorrido a terra estavam reunidos.

A rainha Kaushalya alegremente prestou reverência ao cavalo antes de fazer o sacrifício com três golpes de espada. Motivada por desejo justo, a rainha Kaushalya passou a noite vigiando o corpo morto do cavalo, então os sacerdotes fizeram as servas do rei e as cortesãs se aproximarem dele.

Os nascidos duas vezes de sentidos subjugados cozinham a gordura do cavalo no fogo da forma prescrita pelo shastra. O rei Dasaratha, inalando o odor emitido pela gordura, reconheceu e expiou seus pecados. Dezesseis sacerdotes assistentes fizeram oferendas de partes do cavalo no fogo, em colheres feitas de cana, madeira de plaksha sendo usada em outros sacrifícios. No sacrifício de cavalo, três dias de ritos especiais são observados: durante o primeiro dia o Agnishtoma é realizado; durante o segundo dia, o rito Uktha, durante o terceiro dia o rito Atiratra. Os grandes atos sacrificais chamados Jyotishtoma, Agnishtoma, Atiratas, Abhijit, Vishnajit e Aptoryama também são celebrados.

O rei Dasaratha, o promotor da sua dinastia, após a conclusão do sacrifício, deu quatro partes do seu reino como dakshina<sup>46</sup> para os quatro sacerdotes. O rei distribuiu esmolas seguindo o grande exemplo de Swyambhumanu antigamente. O sacrifício estando concluído, o grande monarca deu grandes partes da terra em caridade aos sacerdotes oficiantes e, finalmente, aquele soberano magnânimo concedeu todo o reino aos sacerdotes auxiliares.

Então os brâmanes santos se dirigiram àquele monarca impecável dizendo: "Ó senhor de homens, nós não somos capazes de proteger, defender e administrar este vasto império, pois nós nos dedicamos ao estudo sagrado. Portanto, ó grande rei, nós devolvemos essas terras a ti, dá-nos em troca algum presente menor, seja gemas, ouro ou moedas para nos ajudar em nossos eremitérios".

Assim abordado pelos brâmanes eruditos, o rei deu a eles cem milhões de peças de ouro, e quatrocentos milhões de moedas de prata. Então os sacerdotes assistentes colocaram todos os presentes do rei diante dos sábios santos, Vasishtha e Rishyasringa, e lhes pediram para distribuí-los.

Cada um recebeu a sua parte justa e os sacerdotes ficaram muito contentes e satisfeitos. O rei deu moedas de ouro para os que vieram testemunhar o sacrifício e dez milhões de moedas de ouro foram concedidas a outros brâmanes presentes naquele momento. Um mendicante carente pediu pelo

bracelete cravejado de diamantes usado pelo próprio rei e esse foi lhe dado livremente.

Vendo os brâmanes totalmente satisfeitos, o rei Dasaratha com grande alegria prestou homenagem a eles repetidas vezes.

Os nascidos duas vezes então concederam suas bênçãos ao rei que era extremamente generoso e valoroso que os saudou por se prostrar sobre a terra.

Assim terminou o grande sacrifício, o meio de destruir o pecado e alcançar o céu e difícil de ser realizado por outros monarcas.

Então o rei dirigiu-se a Rishyasringa e disse: "Ó tu de determinação grande e virtuosa, me dize, o que mais deve ser feito por mim para ser abençoado com um herdeiro?"

46 Presentes de caridade dados na conclusão da cerimônia.

O sábio Rishyasringa respondeu: "Ó rei, tu serás abençoado com quatro filhos, que perpetuarão a linhagem real".

Capítulo 15 – Para destruir Ravana, Shri Vishnu decide encarnar

O sábio Rishyasringa, versado nas escrituras, meditou por um tempo e então falou ao rei Dasaratha dizendo:

"Ó rei, eu realizarei o sacrifício Puttatresti,<sup>47</sup> citado no Atharva Veda, que te ajudará no teu esforço para obter um filho".

Então o sábio inaugurou o sacrifício e derramou oblações no fogo sagrado acompanhadas pelo canto de mantras védicos.

Os seres celestiais, gandharvas, siddhas<sup>48</sup> e sábios se reuniram para obter a sua parte do sacrifício. Após o sacrifício, todos eles se aproximaram de Shri Brahma, o Senhor da humanidade, e com palmas unidas dirigiram-se a ele:

Eles disseram: "Ó senhor abençoado, tendo sido favorecido por ti, o asura Ravana atormenta perpetuamente a nós que estamos desamparados, já que tu deste grandes bênçãos a ele, e somos forçados a suportar sua opressão terrível.

"Esse senhor dos Rakshasas tem oprimido os três mundos e, tendo derrotado os guardiões da terra, ele sempre humilha o próprio Indra. Provocando os sábios, contemplativos, brâmanes e os deuses, ele mesmo controla os raios do sol e o poder do vento, o próprio oceano fica imóvel na presença dele.

Quando ele se aproxima, ó senhor abençoado, nós ficamos apavorados. Ó dador de bênçãos, tem a bondade de ocasionar a destruição dele".

Ouvindo essas palavras, Brahma refletiu por um tempo e respondeu: "Eu concebi um plano para matar esse tirano perverso. Foi concedido a Ravana que nenhum gandharva, yaksha ou deva seria capaz de matá-lo, mas, pensando que o homem é insignificante, ele não pediu para ser feito invulnerável em relação a ele; portanto, ninguém exceto o homem pode destruí-lo".

Essas palavras, proferidas por Shri Brahma, encheram os celestiais e os outros seres de alegria.

Nesse momento o imortal Vishnu, com concha, disco e maça, o Chefe Supremo do mundo inteiro, vestido em um manto amarelo, apareceu naquele local. Adorado pelos deuses, ele se aproximou e tomou seu assento ao lado de Shri Brahma, então todos os deuses se dirigiram a ele dizendo:

"Ó Madhusudana,<sup>49</sup> para o bem de todos os seres, nós rogamos que Tu nasças como herdeiro do supremamente justo, caridoso e ilustre sábio Dasaratha. Aparece, ó Senhor, sob a forma de quatro filhos para as três consortes daquele grande rei. Descendo em um corpo humano, mata Ravana, o flagelo do universo, a quem nós somos incapazes de destruir. Aquele ignorante, Ravana, pelo seu poder, aflige os devas, siddhas e sábios. Ó Senhor, aquele asura perverso, divertindo-se no jardim de Indra, tem matado incontáveis ninfas e gandharvas. Em companhia dos sábios, nós nos aproximamos de Ti para que possamos ser libertados dessa opressão. Nós tomamos refúgio em Ti, Tu és o nosso único refúgio! Ó Senhor, nós Te

rogamos para nascer como homem para destruir o inimigo dos homens e dos deuses”.

47 Puttatresti: o sacrifício para aumentar a linhagem por ter filhos.

48 Siddhas: seres semidivinos que moram na região entre a terra e o sol.

49 Madhusudana: matador de Madhu, (um demônio).

Assim os deuses apelaram a Shri Vishnu e ele, adorado pelo mundo, respondeu a eles que tinham se refugiado nele:

“Ó devas, não temam mais, que a paz esteja com vocês. Para o seu bem, eu destruirei Ravana, junto com seus filhos, netos, conselheiros, amigos e parentes. Tendo matado aquele asura perverso e cruel, motivo de temor para os sábios divinos, eu governarei no mundo dos mortais por onze mil anos”.

Assim Shri Vishnu concedeu uma bênção aos deuses, e em seguida refletiu a respeito de onde na terra que ele deveria nascer como homem.

Então o senhor dos olhos de lótus resolveu se encarnar como os quatro filhos do rei Dasaratha.

Os sábios celestes, os músicos celestiais e as ninfas louvaram o senhor dizendo: “Ó Soberano Universal, destrói o asura

perverso, que é arrogante, poderoso e vaidoso, o inimigo de Indra e o flagelo dos ascetas e homens piedosos, que inflige terror em cada coração, causando lamentação universal.

"Destrói, ó Senhor, aquele ser poderoso, juntamente com seu exército, generais, parentes, amigos e seguidores, elimina a causa da aflição do mundo e então volta para a tua morada perfeita".

Capítulo 16 - Ele decide encarnar como os quatro filhos do rei Dasaratha

O senhor onisciente, Shri Narayana,50 ouviu o louvor oferecido pelos deuses e, honrando-os, proferiu palavras de teor agradável para eles.

Ele disse: "Ó devas, por quais meios o rei dos Asuras pode ser morto, aquele espinho na carne dos homens santos?"

Os deuses de comum acordo responderam ao senhor imperecível, gritando: "Encarna-te na forma de homem e o mata em luta aberta. Ó Conquistador de Teus inimigos, Ravana praticou austeridades por muito tempo, por meio das quais ele ganhou o favor de Brahma reverenciado pelo mundo. Aquele deus lhe concedeu uma benção, pela qual ele se tornou invulnerável a todos exceto o homem. Considerando o homem

insignificante, ele não o teme. A bênção concedida a ele por Shri Brahma o tornou arrogante e ele está trazendo destruição para os três mundos e levando mulheres pela violência.

Portanto, ó Senhor, só o homem pode causar sua morte”.

Ouvindo as palavras dos deuses, Shri Vishnu resolveu escolher o rei Dasaratha como seu pai.

Naquela época, o ilustre rei Dasaratha, o matador de seus inimigos, começou a celebrar o sacrifício para a obtenção de um herdeiro. Shri Vishnu, tendo tomado a decisão de aparecer em forma humana e concluído suas deliberações com Shri Brahma, desapareceu.

Imediatamente saiu do fogo sacrificial do rei Dasaratha de som semelhante à batida de um tambor um grande ser de esplendor ilimitado, de face brilhante, vestido de vermelho e peludo como um leão. Tendo marcas auspiciosas e adornado com belos ornamentos, sua altura era igual ao pico de uma montanha. Andando audazmente como um leão, sua forma brilhava como fogo. Em ambas as mãos ele

50 Narayana: um nome de Shri Vishnu, ‘Aquele cuja residência é a água’.



carregava, como uma esposa amada, um recipiente de ouro, com uma tampa de prata, cheio de payasa.<sup>51</sup>

Esse grande ser dirigiu-se ao rei dizendo: "Ó rei, eu venho Prajapati".<sup>52</sup> O rei, curvando-se com palmas unidas, respondeu: "Tu és bem-vindo, ó Senhor, quais ordens tu tens para mim?"

Então o ser respondeu: "Recebe o fruto do teu sacrifício! Ó chefe de homens, aceita este prato de payasa preparado pelos deuses, ele te trará filhos e aumentará o teu poder. Que ele seja comido pelas tuas esposas, elas então te presentearão com os herdeiros por cuja causa tu realizaste o sacrifício".

O rei recebeu o alimento contido no recipiente dourado preparado pelos deuses e reverentemente o ergueu até sua testa. Tendo recebido o repasto divino, ele se regozijou como um homem sem dinheiro ao obter riqueza.

Em seguida, aquele ser maravilhoso e resplandecente desapareceu, tendo oferecido o alimento consagrado ao rei.

A notícia desse grande evento causou extrema alegria às consortes do rei Dasaratha e elas pareciam tão radiantes quanto os raios da lua brilhando do céu outonal.

Entrando nos aposentos privados, o rei se dirigiu à rainha Kaushalya, dizendo: "Recebe este alimento e compartilha dele para que tu possas ter um filho".

Por conseguinte, o monarca deu metade do prato à rainha Kaushalya e um terço à rainha Sumitra. Então ele deu um

oitavo do payasa à rainha Kaikeyi e, após reflexão, o restante à rainha Sumitra. Dessa forma o rei dividiu o prato de payasa entre as suas três rainhas.

Ao compartilharem do alimento, as belas rainhas ficaram radiantes e se consideraram as mais afortunadas.

Tendo consumido o payasa oferecido a elas pelo rei, as rainhas logo ficaram grávidas, seus ventres brilhando como o fogo no sol.

O soberano ilustre, ao perceber que os ventres das suas consortes estavam vivificados e que o seu grande desejo estava prestes a ser realizado, encheu-se de alegria suprema, como Shri Vishnu quando adorado pelos deuses e os seres perfeitos na região celestial.

Capítulo 17 - Para ajudar Shri Vishnu, seres celestiais se encarnam como guerreiros da tribo de macacos

Shri Vishnu tendo se tornado os filhos<sup>53</sup> do rei Dasaratha, o divino Brahma dirigiu-se aos deuses desta forma: "O abençoado Senhor Vishnu, o Oceano da Verdade está engajado em uma tarefa justa para o bem de todos, vocês, portanto devem apoiá-lo por se encarnarem como grandes seres na tribo de macacos, hábeis nas artes da magia, velozes como o

vento, conhecedores dos ditames da virtude, sábios e iguais em força ao Senhor, invencíveis, dotados de corpos celestes e hábeis na ciência da guerra. Alguns dentre vocês devem assumir as formas de ninfas, gandharvas e ascetas mulheres que darão à luz heróis na tribo de macacos.

51 Payasa: um preparo especial de arroz em leite.

52 Prajapati: um nome de Brahma, o criador.

53 Filhos. O Senhor estava manifestado parcialmente em todos os filhos de Dasaratha.

"No passado, quando eu bocejei, um grande urso, de nome Jambavan, saiu da minha boca".

Os deuses, assim instruídos pelo senhor bendito, fizeram com que guerreiros nascessem na tribo de macacos dos ventos de incontáveis seres celestiais.

Indra criou Bali, o Sol criou Sugriva; Brihaspati criou o sábio Tara, Kuvera gerou Gandha-madana,<sup>54</sup> Vishwakarma<sup>55</sup> gerou o macaco poderoso Nala, Agni gerou Nila, que era tão resplandecente quanto o fogo e superava seu pai em bravura.

Os Aswini-Kumaras<sup>56</sup> produziram Minda e Dvividá; Varuna<sup>57</sup> gerou Suchena; Megha,<sup>58</sup> foi o pai de Sharabha, o poderoso; Pavana<sup>59</sup> gerou o guerreiro chamado Hanuman, cujo corpo era tão duro quanto um diamante e cuja velocidade se igualava à de uma águia; ele superava todos os outros guerreiros em sabedoria e poder.

Havia milhares de guerreiros nascidos na tribo de macacos prontos para destruir Ravana. Todos os ursos, macacos e chimpanzés se pareciam com o deus que lhes havia produzido em características, hábitos e destreza, e muitos tinham coragem marcante. Os chimpanzés fêmeas e ursoras deram à luz grandes seres de natureza divina. Elas produziram centenas e milhares de prole saudável. Esses moradores da floresta tinham forma imponente e em força e destemor se assemelhavam a leões e tigres. Todos eram capazes de partir rochas e montanhas e de lutar com suas unhas e dentes. Hábeis com todos os tipos de armas, eles podiam abalar grandes picos, arrancar as árvores mais fortes e por sua velocidade até mesmo envergonhar o deus do mar. Capazes de rasgar a terra com os pés e fazer o oceano transbordar, eles podiam voar no ar e até agarrar as nuvens.

Esses seres da tribo de macacos vagavam nas florestas, capturando elefantes, e por seus gritos fazendo as aves em voo caírem no chão. Assim nasceram milhões de macacos, capazes de assumir qualquer forma, junto com centenas e milhares de chefes macacos.

Esses chefes geraram outros seres bravos e poderosos, alguns dos quais moravam nas montanhas enquanto outros habitavam os vales e as florestas.

Os dois irmãos, Sugriva, a prole de Surya,<sup>60</sup> e Bali, o filho de Indra, se tornaram os líderes de todos os macacos. Outros viviam sob o comando de líderes de grupos, como Nala, Nila e Hanuman. Eles eram tão fortes quanto águias e hábeis em todo tipo de guerra.

Vagando pela floresta, eles matavam leões, tigres e cobras venenosas, O poderoso Bali de braços longos protegia os macacos, ursos e chimpanzés por sua bravura. Esses heróis, invencíveis como montanhas e de tamanho imenso, nascidos para auxiliar Shri Rama, encheram a terra.

54 Gandha-madana: um general dos macacos aliados de Rama.

55 Vishwakarma: o arquiteto dos deuses.

56 Aswini-Kumaras: deuses, filhos do sol, precursores da aurora, também os patronos da medicina.

57 Varuna: o Netuno hindu.

58 Megha: o regente das nuvens.

59 Pavana: senhor dos ventos.

60 Surya: o sol.

Capítulo 18 - Os filhos do rei Dasaratha nascem e se tornam adultos

Quando o sacrifício do rei Dasaratha foi levado a uma conclusão exitosa, os deuses, recebendo as suas devidas porções, retornaram à sua morada.

O rei também, tendo cumprido as obrigações contraídas por sua iniciação, voltou à capital com suas rainhas, servos, exército e veículos.

Os convidados reais, a quem a devida hospitalidade foi mostrada, prestaram homenagem ao sábio Vasishtha e voltaram para as suas casas. Quando eles partiram, ornamentos, trajas e presentes foram distribuídos aos seus exércitos que foram para as suas próprias cidades com alegria.

O rei Dasaratha assistiu à partida de seus convidados e então reentrou na capital em uma procissão precedida pelos brâmanes santos.

Rishyasringa com sua esposa Shanta então se despediram do monarca e foram para a sua cidade, o rei Dasaratha os acompanhando por alguma distância. Então o rei, esperando ser abençoado com um herdeiro, morou feliz em Ayodhya.

Seis estações após a conclusão do sacrifício, no décimo segundo mês, no nono dia da lua de Chaitramas, a estrela Punarvasu estava em ascensão, e os planetas, o Sol, Marte, Saturno, Júpiter e Vênus estavam exaltados, e aqueles signos do zodíaco, como Áries, Peixes, e Libra em aspectos auspiciosos, a Lua e Júpiter estando em conjunção no período chamado Karka. Então o mundialmente honrado senhor do mundo, dotado de atributos divinos, Shri Ramachandra, nasceu do ventre de Kaushalya.

O promotor da glória da Casa de Ikshvaku, o abençoado Senhor Vishnu nasceu como um filho da rainha Kaushalya. Quando esse filho de esplendor ilimitado nasceu, a rainha parecia mais bela, como Aditi antigamente, favorecida por Indra.

O herói do reino da verdade, Bharata, nasceu da rainha Kaikeyi. Possuidor de toda graça, ele era dotado de um quarto da glória de Shri Vishnu.

Sumitra deu à luz Lakshmana e Shatrughna, heróis hábeis no manejo de armas e também compartilhando da glória de Shri Vishnu.

Bharata nasceu quando a estrela Pushya estava em ascensão em Lagna Meena.<sup>61</sup> Durante a ascensão da estrela Shlasa em Lagna Karka,<sup>62</sup> no momento do nascer do sol Shatrughna nasceu.

Cada um dos filhos do rei tinha atributos especiais, eles eram dotados de grandes qualidades, e eram tão resplandecentes quanto as estrelas Purva,<sup>63</sup> Uttara<sup>64</sup> e Bhadripata.<sup>65</sup>

Naquela ocasião gandharvas tocaram melodias divinas, ninfas dançaram, tambores celestes foram ouvidos e os deuses derramaram flores do céu.

Em todos os lugares na capital, sinais de alegria eram visíveis; as ruas estavam cheias de atores e dançarinos e daqueles que cantavam ou tocavam vários instrumentos.

O rei deu presentes aos bardos e aos cantores de baladas e conferiu riqueza e vacas aos brâmanes.

61 Lagna Meena: Peixes.



62 Lagna Karka: Câncer. Lagna é o ponto onde o horizonte e o caminho dos planetas se encontram.

63 Purva: Estrela do Oriente.

64 Uttara: Estrela Polar.

65 Bhadripata: um dos asterismos lunares.

As quatro crianças receberam os nomes no décimo segundo dia; o filho mais velho recebeu o nome Ramachandra, e o nome dado ao filho da rainha Kaikeyi foi Bharata.

Os filhos da rainha Sumitra foram chamados Lakshmana e Shatrughna. A cerimônia foi realizada pelo sábio santo Vasishtha com grande alegria. Depois disso, os brâmanes da capital e da região foram regalados e receberam presentes e pedras preciosas.

Parecendo o deus Shri Brahma, o rei demonstrou benevolência universal. Os príncipes cresceram no conhecimento do Veda, em coragem e boa vontade ativa para com todos. Embora todos fossem sábios, cultos e possuidores de todas as virtudes, contudo Shri Ramachandra os superava em veracidade e energia, e era amado por todos, como o orbe impecável da lua. Perito em montar o elefante, o cavalo e a carruagem, ele era hábil no tiro com arco e dedicado a servir seus pais.

Shri Lakshmana nutria um amor demasiado por seu irmão mais velho Shri Ramachandra, o deleite do mundo, e Shri Rama o

amava também como se a si mesmo. Shri Ramachandra amava Lakshmana que era dotado de todas as qualidades excelentes, como a sua própria vida, e nem dormia nem compartilhava de nenhum alimento sem o outro.

Quando Raghava montava a cavalo, ocupado na caça, Shri Lakshmana o seguia com arco e flechas para protegê-lo.

Emulando o exemplo de Shri Ramachandra, Bharata amava Shatrughna e era amado por ele com afeto igual.

O monarca estava tão contente e satisfeito com seus quatro filhos quanto Shri Brahma com os quatro Vedas. Observando a sabedoria, prudência e modéstia de seus filhos, que eram dotados de todos os atributos notáveis, o rei Dasaratha derivava uma alegria tão grande deles quanto Brahma dos quatro guardiões da terra.

Os príncipes estudavam o Veda com perseverança, acompanhados afetuosamente pelo rei, e obtiveram proficiência no uso de armas.

Um dia, quando o soberano ilustre estava em conselho com seus parentes, ministros, e preceptores eruditos, deliberando sobre o casamento dos seus quatro filhos, o grande sábio Vishwamitra apareceu na capital. Buscando uma audiência com o rei, ele se dirigiu ao porteiro, dizendo: "Informe ao rei rapidamente que o filho de Gadhi da linhagem de Kaushika está no portão". O guarda tomado de admiração se apressou para o aposento real e transmitiu a notícia com o devido

respeito à sua majestade, que com seu guru Vasishtha saiu para receber o sábio no portão e levá-lo para o palácio real.

Como Brahma recebe Indra, desse modo eles cumprimentaram o muni, e vendo aquele asceta resplandecente e poderoso, o cumpridor de grandes votos, de semblante alegre, o rei lhe ofereceu arghya de acordo com a tradição prescrita.

O virtuoso Vishwamitra então perguntou ao rei sobre o bem-estar do império, a prosperidade do seu povo, parentes e amigos e também a respeito do estado do tesouro real. Depois, o sábio questionou a monarca ainda mais, dizendo: "Os teus vassalos são obedientes a ti? Os teus inimigos estão subjugados? Os sacrifícios védicos são celebrados devidamente no teu domínio? Os visitantes são acolhidos com hospitalidade adequada?" Então, depois de indagar sobre o bem-estar de Shri Vasishtha e de outros sábios, Shri Vishwamitra entrou no palácio.

Lá o rei mais uma vez lhe prestou reverência e com prazer se dirigiu a ele dizendo: "Ó sábio augusto, a tua chegada me causou uma alegria tão grande quando a aquisição de ambrosia ou o advento da chuva caindo sobre o solo

ressecado. Ó sábio, a tua aproximação é tão agradável para mim quanto o nascimento de um filho para alguém sem um herdeiro ou a recuperação da riqueza para aquele que imaginou que ela estivesse irremediavelmente perdida. Ó sábio

poderoso, eu te recebo de todo o meu coração, dize quais ordens tu tens para mim? Quando o teu olhar cai sobre mim, ó sábio, eu me torno justo e adquire mérito; hoje a minha vida é tornada frutífera e o propósito do meu nascimento é realizado, visto que tu me visitaste. Ó auspicioso, outrora tu foste um sábio guerreiro, ilustre em virtude das tuas práticas sagradas, mas agora tu te tornaste um brâmane<sup>66</sup> e és digno de adoração suprema por mim. A tua chegada conferiu pureza e bênção a mim, e pela tua presença sagrada o reino e eu fomos purgados de todas as ofensas. Tem a bondade de nos falar do propósito da tua vinda. Eu desejo manifestar a minha gratidão a ti por te prestar serviço. Ó Kaushika, não hesites em dizer a tua vontade, eu estou pronto para fazer qualquer coisa por ti; tu és para mim como um deus. Ó vidente Brahman, por te ver, eu adquiri os grandes méritos de uma peregrinação”.

Ao ouvir as palavras do rei Dasaratha, de som agradável e em conformidade com os preceitos das escrituras, o grande sábio, o repositório de todas as qualidades excelentes, ficou muito satisfeito.

## Capítulo 19 – O pedido de Vishwamitra

Ouvindo as palavras laudatórias e admiráveis daquele leão entre os reis, Dasaratha, o grande sábio Vishwamitra

respondeu: "Ó grande rei, quem no mundo exceto alguém da Casa de Ikshvaku, instruído por Shri Vasishtha, poderia articular tais afirmações? Ó monarca ilustre, eu agora vou revelar o meu propósito, o realiza e prova a verdade das tuas palavras.

"Ó chefe de homens, quando eu me ocupo com a celebração de sacrifícios sagrados para aumentar a minha perfeição, dois rakshasas, peritos em magia, criam grandes impedimentos. Quando, após um longo esforço, o sacrifício se aproxima da consumação, então esses dois rakshasas, Maricha e Suvahu, destroem o rito e contaminam o altar com sangue e carne. Os meus esforços sagrados sendo assim frustrados, eu fico desanimado e deixo o local de sacrifício. Ó rei, não me é permitido demonstrar ira quando engajado em sacrifício, e eu, portanto, me abstenho de amaldiçoá-los. Empresta-me os serviços do teu filho, Shri Ramachandra, o verdadeiro, o corajoso, aquele herói, cujas madeixas caem em seu rosto.

"Sob a minha proteção, ele destruirá aqueles rakshasas danosos e eu darei grandes bênçãos a ele. Eu o instruirei para o seu bem em muitas ciências e ele se tornará famoso nos três mundos. Os rakshasas não serão capazes de resistir contra Rama e ninguém mais pode destruí-los. Eles são orgulhosos e poderosos, mas agora, devido aos seus pecados, a sua destruição é iminente, eles não serão capazes de resistir a Shri Ramachandra,

“Não permitas que o afeto de pai te domine, eu te garanto que, na presença de Shri Ramachandra, os rakshasas são tão bons quanto mortos. As virtudes de Rama são conhecidas por Shri Vasishtha e outros ascetas. Ó rei, se tu procuras

66 Vishwamitra era originalmente da casta guerreira e obteve a condição de brâmane por meio do seu ascetismo. A história dele vem depois.

renome eterno e mérito neste mundo, então deixa Shri Rama vir comigo. Busca o conselho de Shri Vasishtha e dos teus conselheiros, e se eles aprovarem o projeto, dá-me Ramachandra. Tem a amabilidade, ó rei, de me entregar o teu filho amado pelo espaço de dez dias, para que eu possa terminar o sacrifício. Ó rei, ajuda-me a promover o meu sacrifício, e não deixes que o tempo designado passe em vão. Faze o que é auspicioso, não te aflijas”.

O honesto e resplandecente sábio Vishwamitra, tendo pronunciado essas palavras justas, ficou em silêncio.

As palavras de Shri Vishwamitra encheram o rei de ansiedade e ele ficou perturbado. Por causa dessas palavras inexoráveis, o monarca tremeu e caiu inconsciente do seu assento, tomado pela dor.

## Capítulo 20 – A relutância do rei em permitir que Shri Rama lute com Maricha e Suvahu

Por algum tempo, o rei ficou inconsciente, então recuperando a consciência depois ele disse: "Meu Rama de olhos de lótus tem apenas quinze anos, eu não posso acreditar que ele seja capaz de lutar com os rakshasas. Eu possuo um exército grande e bem equipado e eu mesmo o liderarei contra os demônios. Meus guerreiros experientes, que são corajosos e hábeis em portar armas e que são remunerados apropriadamente por mim, estão aptos para lutar contra os rakshasas em batalha; portanto, não peças por Rama. Eu mesmo, levando meu arco e flechas, conduzirei o exército no campo e lutarei até o meu último suspiro. Com essa proteção, o teu sacrifício chegará a uma conclusão bem sucedida. Eu irei lá pessoalmente, não leves Shri Ramachandra. Shri Rama ainda é uma criança sem experiência militar, ele não pode estimar a força ou a fraqueza do inimigo, ele ainda não adquiriu proficiência na guerra.

"Tu bem sabes, ó sábio, quão espertos são os rakshasas em combate. Shri Ramachandra não é capaz de se opor a eles com sucesso. Eu não posso suportar o pensamento de Ramachandra lutando com eles. Ó sábio, eu não viverei, nem por um momento, se Shri Rama for separado de mim, por isso,

eu te suplico, não peças por ele. Se tu insistes em que Rama te acompanhe, então leva as minhas tropas também contigo. Ó augusto Vishwamitra, recorda, eu te peço, que eu tenho agora nove mil anos de idade e gerei esses filhos com grande dificuldade. Esses príncipes são mais valiosos para mim do que a própria vida e Shri Ramachandra é o mais querido de todos eles. Excelente em virtude, ele é meu filho mais velho, portanto, não o tires de mim. Ó grande sábio, quão poderosos são esses rakshasas? Quem são seus defensores e como tu imaginas que Shri Rama pode destruí-los? Ó senhor abençoado, dize se tu pensas que eu e meu exército podemos lutar com sucesso contra esses rakshasas que são habilidosos em magia?"

Shri Vishwamitra respondeu: "Ó rei, Ravana, nascido da grande família de Pulastya, tendo sido favorecido por Brahma com uma benção, está oprimindo os três mundos. Ele é extremamente poderoso e apoiado por muitos seguidores asúricos. Diz-se que esse grande guerreiro Ravana é o rei dos asuras. Ele é o irmão de Kuvera e o filho do sábio Vishravas. Ele não obstrui os sacrifícios menores pessoalmente, mas dois rakshasas poderosos chamados Maricha e Suvahu, induzidos por ele, interrompem os ritos sacrificais".

O rei ouviu as palavras do muni e depois falou: "Eu não sou capaz de lutar contra aquele asura de alma má. Ó conhecedor da lei da justiça, eu sou apenas um homem infeliz e tu és digno do meu culto; tu és verdadeiramente um deus e também meu



preceptor espiritual. Uma vez que os deuses, os danavas, gandharvas, yakshas, aves e cobras não podem destruir Ravana, como o homem pode fazer isso? Em batalha, Ravana é capaz de derrotar os guerreiros mais poderosos, é certo, portanto, que nem eu nem o meu exército podemos lutar com ele. Como eu posso então mandar o meu filho, belo como um deus, mas inexperiente na guerra, lutar contra Ravana? Ó sábio, eu não deixarei o meu jovem filho ir. Lavana, o filho de Madhu, está entre aqueles que destroem o sacrifício. Eu não entregarei meu filho. Os filhos de Sunda e Upasunda, Maricha e Suvahu, que parecem a própria morte em batalha, estão entre aqueles que impedem o sacrifício. Eles são habilidosos e guerreiros experientes, eu não me atrevo a enviar meu filho contra eles. Quem quer que tu escolhas, amigos, parentes ou até eu mesmo te acompanharei para me envolver na luta”.

Ao ouvir as palavras imprudentes do rei, o sábio santo se enfureceu. Como uma oblação derramada no fogo aumenta a violência da chama, assim as palavras do rei Dasaratha aumentaram o fogo da ira aceso no coração do sábio.

Capítulo 21 – Por conselho de Vasishtha o rei concorda

Ouvindo as palavras do rei Dasaratha inspirado pela preocupação por seu filho, o grande sábio respondeu com desagrado:

"Ó rei, recorda que tu és nascido na casa de Raghu, como tu podes te atrever a quebrar a tua promessa? Essa ação é indigna da tua linhagem real e também é imprópria. Se esse é o teu desejo decidido, eu me despedirei, vive à vontade entre os teus parentes e amigos, ó violador da tua palavra!"

Por causa da ira do sábio augusto, toda a terra se abalou e os deuses começaram a tremer. Vendo o mundo inteiro abalado com terror, o muni sábio e paciente Shri Vasishtha interveio, e assim se dirigiu ao rei:

"Ó rei, tu és nascido na família de Ikshvaku e és a retidão personificada! abençoado pela fortuna, cheio de paciência e perseverança, tu tens mantido grandes votos e não deves, portanto, abandonar o dharma.<sup>67</sup> Os três mundos te conhecem como virtuoso, é teu dever manter a integridade e não agir em contradição com ela. Ó chefe de homens, se alguém que faz uma promessa não a honrar, ele perde o mérito das suas boas ações. Portanto, tu deves ser fiel à tua palavra e deixar Rama acompanhar este sábio. Embora Shri Ramachandra seja inexperiente na guerra, contudo os asuras não serão capazes de derrotá-lo. Além disso, ele está sob a proteção de Shri Vishwamitra e nenhum mal pode alcançá-lo. Como alguém pode roubar o néctar que está cercado pelo fogo? O santo Vishwamitra é a própria virtude, seus poderes são insuperáveis,

e não há ser vivo igual a ele em sabedoria e ascetismo. No mundo inteiro dos homens e outros seres, ninguém o supera no uso de armas e ninguém sondou a profundidade da sua natureza. Nem os seres celestiais, nem os sábios, nem os asuras, nem quaisquer outros seres conhecem a glória completa deste sábio. O deus Krishasawa e seus

67 Dharma: a ação correta tradicional é o dharma, a ação pessoal é o dever. Pensa-se que é melhor traduzi-lo como retidão em ambos os casos.

filhos altamente virtuosos deram todas as variedades de armas para Vishwamitra quando ele era rei. As duas filhas de Daksha, Jaya e Suprabha, inventaram milhares de armas resplandecentes. Shri Vishwamitra não é um, mas muitos em uma forma; ele é ilustre, poderoso e capaz de derrotar qualquer um em batalha. Jaya produziu quinhentas armas extremamente potentes e capazes de destruir uma tropa de asuras. Suprabha também criou quinhentas de armas de guerra que nenhum inimigo no mundo poderia suportar. Shri Vishwamitra é um perito no uso de todas essas armas, ó rei, ele também é capaz de criar muitas novas armas e não há nada nas três divisões de tempo<sup>68</sup> que não seja conhecido por ele. Não hesites em enviar o teu filho Rama com este sábio

poderoso e corajoso, Shri Vishwamitra, e não tenhas quaisquer temores por sua segurança. O sábio Vishwamitra é bem capaz de destruir os demônios, mas pede pelos serviços do teu filho para o próprio bem dele”.

O guru Vasishtha tendo assim exortado o monarca, o rei concordou alegremente que Shri Ramachandra acompanhasse o sábio.

## Capítulo 22 – Ramachandra e Lakshmana partem com Vishwamitra

Instruído por Shri Vasishtha, o rei Dasaratha com um semblante alegre mandou chamar o príncipe Rama e também o príncipe Lakshmana. No momento da sua partida, o Canto da Paz foi recitado pelo rei, enquanto o guru Vasishtha pronunciava a bênção. O soberano ilustre então cheirou as cabeças<sup>69</sup> dos seus filhos com alegria e os entregou aos cuidados do sábio.

Quando Ramachandra de olhos de lótus e o príncipe Lakshmana tinham se despedido, Vayu<sup>70</sup> enviou brisas frescas e suaves perfumadas com fragrância e os seres celestiais derramaram flores, ao som do rufar de tambores e do sopro de conchas.

Shri Vishwamitra seguia na frente seguido pelo ilustre Ramachandra, em seguida, vinha Shri Lakshmana de madeixas flutuantes, tendo um arco na mão.

Os dois príncipes belos e poderosos com aljavas nas costas e arcos nas mãos, adicionando brilho aos dez pontos cardeais, seguiram o muni como se duas cobras de três cabeças<sup>71</sup> estivessem seguindo Shri Vishwamitra ou como os Aswinikumaras e Kinnaras<sup>72</sup> seguem Brahma.

Shri Ramachandra e Lakshmana, armados com seus arcos, adornados com pedras preciosas e usando luvas feitas de camurça, resplandecentes e belos, com espadas na cintura, seguindo o sábio santo, pareciam os dois filhos de Shiva.

Chegando ao rio Sarayu, nove milhas ao sul da capital, o sábio Vishwamitra se dirigiu a Shri Rama em tom gentil, dizendo: "Ó filho, purifica o teu corpo com água, quando tu fizeres isso, eu te ensinarei o uso da Bala e Atibala. A aplicação dessas duas ervas irá te impedir de ficar fatigado ou de sofrer de doença, nem a idade te afetará. Mesmo se tu te retirares para descansar sem a realização da cerimônia de purificação nenhum demônio será capaz de te afligir; ninguém no

68 Passado, presente e futuro.

69 O abraço tradicional.

70 Vayu: o deus do vento.

71 O arco em um ombro, a aljava no outro com a cabeça entremeio davam a aparência de uma cobra de três cabeças.

72 [Kinnaras: 'Uma raça de seres de forma humana, mas com as cabeças de cavalos, como centauros invertidos'.

- Griffith].

mundo será igual a ti em proezas. Ó Rama, ninguém nos três mundos irá rivalizar contigo em boa sorte, habilidade, conhecimento e sabedoria prática. Ó príncipe, quando tiveres aprendido essas ciências, tu serás capaz de responder a qualquer pergunta e serás único em erudição. Essas duas ciências, ó Rama, são as mães de todas as outras ciências. Tu serás capaz de controlar a fome e a sede pela sua aplicação. Ó príncipe da Casa de Raghu, pelo domínio desse conhecimento, Bala e Atibala, tu obterás renome no mundo inteiro. Essas ciências brilhantes são as filhas de Brahma, eu as comunicarei a ti, ó príncipe, porque tu és qualificado para recebê-las. Ó Rama, todos os frutos desse conhecimento já são teus atributos, mas quando tu as dominares, tu serás capaz de ensiná-lo a outros".

Shri Ramachandra então derramou água sobre seu corpo e com semblante alegre disse ao sábio Vishwamitra: "Ó grande Rishi, eu sou teu servo, ensina-me essas ciências".

Possuidor do conhecimento daquelas duas ciências, o poderoso Rama se assemelhava ao sol no outono, emitindo mil raios. Em

seguida, os dois irmãos massagearam os pés do guru santo e passaram a noite agradavelmente nas margens do rio Sarayu. Shri Rama não estando habituado a dormir no chão, os dois filhos do rei Dasaratha fizeram uma cama de grama, então, depois de terem ouvido as palavras gentis de Shri Vishwamitra, eles passaram a noite dormindo.

### Capítulo 23 – Eles chegam ao eremitério de Kama

Pouco antes do amanhecer, o grande muni Vishwamitra, repousando em sua cama de grama, dirigiu-se aos príncipes, dizendo: "Ó filho da rainha Kaushalya, ó Rama, a aurora está prestes a raiar, levantem-se e realizem as suas devoções matinais".

Os dois príncipes, ouvindo as palavras do sábio generosíssimo, ergueram-se, fizeram suas abluções, ofereceram água cerimonial ao sol nascente, adoraram seus antepassados e começaram a repetir a sagrada Gayatri.<sup>73</sup> Concluídas suas devoções, eles ofereceram saudações com grande reverência ao asceta distinto e ficaram prontos para prosseguir.

Em sua companhia, o sábio santo chegou à confluência dos rios, onde o Ganges se une com o Sarayu.<sup>74</sup> Lá eles viram os

ascetas santos em seu eremitério sagrado, onde por muito tempo eles tinham praticado yoga assiduamente.

Vendo o eremitério pacífico, Shri Ramachandra e Lakshmana estavam cheios de alegria e disseram ao sábio Vishwamitra: "Ó senhor abençoado, de quem é esse eremitério sagrado? Quem mora aqui? Nós dois estamos ansiosos para ouvir isso".

O grande sábio sorriu e respondeu a Rama, dizendo: "Ouve, meu filho, eu te direi quem morava aqui antigamente.

Kandarpa,<sup>75</sup> a quem os pânditas chamavam Kama, uma vez tomou forma humana e, concentrado em meditação, adorou o Senhor Shiva aqui. Quando Shri Shiva estava passando com sua noiva recém-casada, acompanhado por seres celestiais, Kama tentou agitar a mente do Senhor Shiva e recebeu a devida punição por sua insolência. Ó filho da Casa de Raghu, Shiva em ira abriu seu terceiro olho e os membros do corpo de Kama foram

73 Gayatri: dita ser a mãe de todas as preces, o texto mais sagrado do Veda. [Rig Veda 3.62.10].

74 [De fato o correto seria 'onde a Ganges se une com a Sarayu', porque o nome da maioria dos rios hindus é feminino].

75 O deus do amor.



consumidos. Já que Kama foi reduzido a cinzas pelo deus, ele tem sido um ser desincorporado. Ó Rama, desde aquela época ele é conhecido como Ananga (sem corpo) e a região na qual os seus membros foram espalhados enquanto ele procurava fugir é conhecida como Anga. Esse eremitério pertence ao Senhor Shiva e os homens santos que moram aqui são seus devotos tradicionais; eles são virtuosos e impecáveis. Ó Rama, tu de aparência agradável, esta noite eu interromperei minha jornada nesse eremitério e amanhã atravessaremos o rio sagrado e prosseguiremos. Ó Rama, vamos primeiro nos purificar por nos banharmos e então recitar a sagrada Gayatri silenciosamente, oferecendo oblações ao fogo sagrado, nós depois passaremos a noite no eremitério”.

Enquanto Shri Rama e o sábio conversavam, os santos ascetas habitantes do eremitério souberam pelo poder do seu yoga que aqueles grandes seres estavam se aproximando e ficaram muito satisfeitos.

Tendo oferecido arghya a Shri Vishwamitra, eles então ofereceram hospitalidade a Shri Ramachandra e Lakshmana. Acolhidos por aqueles moradores do eremitério que os regalaram com as tradições sagradas e discursos filosóficos, eles ficaram lá para as suas práticas religiosas do anoitecer e com grande prazer permaneceram no eremitério de Kama, os sábios devotos reunindo-se em volta de Shri Vishwamitra, que os envolveu em conversa agradável.

## Capítulo 24 – Os dois príncipes com Vishwamitra observam a floresta escura de Taraka

Quando o dia amanheceu, os dois príncipes realizaram as suas devoções diárias e seguiram Shri Vishwamitra até o rio.

Os cumpridores de votos sagrados, os moradores do eremitério sagrado os acompanharam até a margem do rio e arranjaram um barco excelente para levá-los para o outro lado; eles disseram para Shri Vishwamitra:

"Ó grande Rishi, não demores, por favor, sobe no barco com os príncipes reais, agora, e, assim, evita o calor do dia".

Shri Vishwamitra prestou reverência aos devotos e sábios e foi cruzar o rio sagrado. Quando a embarcação estava no meio do rio, o rugido das águas foi ouvido por Shri Ramachandra e seu irmão mais novo. Eles questionaram o sábio santo, dizendo: "Ó senhor venerável, qual é a causa desse tumulto?"

Em resposta a Shri Ramachandra, Shri Vishwamitra descreveu a causa do som da seguinte maneira:

"Ó príncipe, no Monte Kailasha,<sup>76</sup> Shri Brahma criou um lago pelo poder do seu pensamento, por conta do que ele é chamado o Lago da Mente (Manasarovara). O rio sagrado Sarayu nasce no Lago Manasa e flui através da capital Ayodhya, aqui ele se junta o rio sagrado Gunga, e esse som é

produzido quando os dois rios se unem. Com a mente concentrada, oferece saudações a eles”.

Os dois príncipes reais prestaram homenagem aos rios, e tendo alcançado a margem sul, deixaram o barco e seguiram adiante. Andando mais além, os dois príncipes viram uma floresta escura e terrível e Shri Ramachandra novamente abordou o sábio da seguinte forma: "Ó grande sábio, essa floresta parece escura e sinistra; acima do clamor incessante de grilos e outros insetos, animais temíveis podem ser ouvidos rugindo. A floresta ressoa com seus gritos pavorosos enquanto

76 Mt. Kailasha: a residência do Senhor Shiva.

as notas ásperas e discordantes de aves ecoam através dela. Vê, ó sábio! Javalis, leões, tigres e elefantes abundam lá, ela é coberta de árvores dhara, ashwakarna, kujaja, patala, sillea e tinduka,<sup>77</sup> ela é de fato aterrorizante”.

O altamente resplandecente sábio Vishwamitra, ouvindo essas palavras, disse: "Meu filho, eu te direi algo sobre essa floresta escura. Antigamente havia duas cidades chamadas Malava e Karusha, elas eram prósperas e pareciam as cidades construídas pelos deuses. Ó Rama, nos tempos antigos, Indra matou o perverso Vritrasura e então, estando com fome e sede, ele foi a um lugar inauspicioso e isolado onde ficou angustiado por causa do pecado de ter matado um brâmane. Os deuses e

sábios santos banharam Indra nas águas sagradas do Ganges, e purgaram seu pecado ao derramem jarros de água carregada com mantras sobre ele. Dessa forma, o remorso de Indra foi apaziguado, a contaminação causada por matar um brâmane foi eliminada e ele ficou muito satisfeito. Purificado e sem pecado, Indra alegremente concedeu uma benção a essa terra dizendo: "Essas duas cidades serão conhecidas como Malava e Karusha e elas obterão grande renome, sua prosperidade será famosa em toda a terra".

"Quando Indra favoreceu desse modo essas duas cidades, os seres celestiais o louvaram e gritaram: 'Que assim seja'. Esses dois lugares logo desfrutaram de grande prosperidade e fama. No decorrer do tempo, uma yakshini<sup>78</sup> perversa nasceu aqui, possuindo a força de mil elefantes. Seu nome era Taraka, a esposa de Sunda, e seu filho era o rakshasa Maricha, que era igual em força ao próprio Indra. Ele possuía braços longos, uma boca enorme, e um corpo gigantesco. Esse rakshasa terrível destrói continuamente as pessoas dessas duas terras.

"Ó Rama, a perversa Taraka saqueia e devasta constantemente esses dois países. Obstruindo a estrada, ela vive a duas milhas de distância daqui; vamos entrar na floresta de Taraka. Ao meu comando, ó Rama, mata a yakshini ímpia e liberta o país. Ó Rama, ninguém ousa vir aqui por medo de Taraka; salva essa terra do demônio fêmea perigoso. É por isso que essa floresta é desabitada, mas tu podes restaurá-la. Essa yakshini má está incessantemente empenhada em seus planos perversos".

## Capítulo 25 – Vishwamitra procura convencer Rama de que é seu dever matar Taraka

Ouvindo as palavras de Shri Vishwamitra, Shri Rama de poder e influência ilimitados pronunciou as seguintes palavras auspiciosas:

"Ó grande sábio, diz-se que as yakshinis têm pouco poder, então como é que Taraka chegou a possuir a força de mil elefantes?"

O mahatma ouviu as palavras de Rama e disse: "Ó príncipe, eu vou te contar a história. Esse demônio fêmea adquiriu sua grande força em virtude de uma bênção que ela recebeu. No passado, um yaksha poderoso de nome Suketu, que era virtuoso, mas sem filhos, realizou muitas práticas de yoga que agradaram Shri Brahma, que lhe prometeu uma filha de nome Taraka e deu a ela a força de mil elefantes. Mas o ilustríssimo Brahma não concedeu um filho àquele yaksha. Quando a filha cresceu e possuía o charme da juventude e grande beleza, seu pai lhe deu

77 Veja o Glossário separado de Flores e Árvores.

78 Yakshini: um yaksha fêmea, uma classe de seres sobrenaturais acompanhantes do deus da riqueza, Kuvera.

em casamento a Sunda, o filho de Jambha. Depois de algum tempo, a yakshini deu à luz um filho. Seu nome era Maricha e ele era muito poderoso; embora nascido de família yaksha ele se tornou um rakshasa através de uma maldição. Ó Rama, quando o sábio Agastya condenou Sunda à morte por amaldiçoá-lo, então Taraka e seu filho desejaram devorar o sábio. Ao vê-la correndo em direção a ele, o bem-aventurado sábio Agastya amaldiçoou Maricha e disse: 'Torne-se um demônio'. Ele também amaldiçoou aquela mulher cruel para que ela se tornasse uma canibal com feições hediondas. Shri Agastya disse: "Que a tua beleza desapareça e que tu te tornes uma rakshasi terrível'. Então Taraka, levada pela raiva sob essa maldição, começou a destruir essa terra sagrada porque foi aqui que o sábio Agastya realizou suas práticas de yoga.

"Ó Rama, tu deves matar esse demônio perverso e impiedoso Taraka, que assola a região. Para o bem dos brâmanes e do rei, ó Raghava, faze isso; não hesites em destruir essa vil yakshini. É o dever de um guerreiro proteger as pessoas das quatro castas. Um príncipe não deve evitar os atos que são dolorosos e difíceis, para a preservação do seu povo. É de acordo com a lei do dharma eterno, ó Rama, que até atos que parecem cruéis são permitidos àqueles designados para proteger seus súditos. Ó Raghava, Taraka é totalmente má, e, portanto, deve ser

destruída. Diz-se que no passado Manthara, uma filha do rei Virochana, foi morta por Indra porque ela era a causa da destruição de outros. O próprio abençoado Senhor Vishnu matou a esposa do sábio Bhrigu, dedicada ao seu marido, e mãe de Shukra, porque ela tinha a intenção de matar Indra. Muitos outros príncipes de grande alma de antigamente também condenaram mulheres malignas à morte. Portanto, tu deves cumprir o teu dever e matar essa yakshini sem demora”.

## Capítulo 26 – Como a yakshini Taraka foi morta

O filho de Dasaratha, firme em seus votos, ouviu as palavras inspiradoras do sábio Vishwamitra, que o encheram de ardor, e com as palmas unidas ele se dirigiu a ele humildemente:

”Para cumprir as ordens do meu nobre pai e para honrar a sua promessa, eu considero meu dever agir de acordo com as tuas instruções sem hesitação. Meu pai, o imperador, no momento da minha partida de Ayodhya me mandou cumprir as tuas instruções – ó Muni, eu as honrarei. Eu estou preparado para executar teus comandos, ó rishi, porque isso levará ao benefício dos brâmanes e do rei, e também trará felicidade para o povo dessa terra”.

Tendo falado dessa maneira, Shri Rama agarrou seu arco e, vibrando a corda, encheu os pontos cardeais com o som. Os ocupantes da floresta ficaram aterrorizados, e Taraka foi dominada por raiva impotente. Cheia de ira aquela yakshini correu na direção de onde vinha o som e Shri Ramachandra, vendo aquele monstro gigantesco e disforme, enfureceu-se e disse a Lakshmana: "Ó irmão, veja essa yakshini temível de tamanho formidável, cujo próprio aspecto infundiria terror nos corações timoratos. Veja, ó Lakshmana, como eu cortarei suas orelhas e nariz e a colocarei em fuga! Ela é horrível, versada em magia negra e difícil de dominar, mas não é apropriado tirar a vida de uma mulher. Uma mulher é digna de proteção, por isso, vou incapacitá-la, por privá-la do poder de movimento, assim impedindo-a de causar mais dano.

Enquanto Shri Rama ainda estava falando, a terrível Taraka correu em sua direção rugindo com os braços erguidos. O rishi Vishwamitra, aproximando-se dela incentivou Rama com um grito, bradando, "Vitória para o descendente de Raghu". Não obstante, Taraka ergueu uma espessa nuvem de poeira e por um tempo Shri Rama e Lakshmana não conseguiam ver nada. Então a yakshini pelo poder da magia fez uma chuva de rochas cair sobre os dois irmãos, e Rama agora estava cheio de ira. Evitando a chuva de rochas e avançando em direção a ela, ele cortou suas duas mãos. Então Shri Lakshmana cortou o nariz e as orelhas da Asuri que já tinha sido privada de suas mãos.



Assumindo várias formas, ela tentou enganar os príncipes por desaparecer. Em seguida, a partir do seu esconderijo, ela despejou rochas pesadas sobre eles, e uma chuva de pedras caiu por todos os lados.

Shri Vishwamitra, que estava observando o combate, agora gritou: "Basta, ela não merece mais compaixão; tu não deves poupá-la, ela ganhará força através de seus poderes mágicos e arruinará novamente os nossos ritos sagrados. A noite está se aproximando e à noite os rakshasas são derrotados com dificuldade; mata-a, portanto, sem demora".

Então Shri Vishwamitra apontou a yakshini escondida para Rama, que tirou da sua aljava flechas capazes de seguir o som, e a cercou com elas. O poderoso demônio fêmea, perita em poderes ocultos, cercada pela chuva de setas, avançou rugindo em direção aos príncipes. Com uma seta, Shri Rama perfurou o coração da yakshini perversa, que caiu no chão e expirou.

Vendo a terrível yakshini morta, Indra e outros seres celestiais adoraram Shri Rama, gritando: "Bem feito, bem feito, ó santo Rama!" Todos os deuses, cheios de alegria, disseram a Shri Vishwamitra: "Ó muni, que a prosperidade te acompanhe, Indra e os deuses estão satisfeitos com a destreza dos braços de Shri Ramachandra, mostra o teu favor especial para com ele e lhe entrega os dois tipos de armas, naturais e sobrenaturais, pertencentes a Krishashwa. Presenteia Shri Ramachandra, que é digno de recebê-las, com todas as outras armas poderosas,

ele é totalmente dedicado a ti; esses dois príncipes estão destinados a realizar coisas grandiosas”.

Tendo proferido essas palavras, os deuses reverenciaram o sábio Vishwamitra e voltaram para a sua morada.

A noite caiu, e o sábio santo, contente pela morte da perversa Taraka por Shri Rama, cheirou a cabeça do príncipe e se dirigiu a ele assim: “Ó Rama, essa noite nós ficaremos aqui e amanhã de manhã iremos ao meu eremitério”.

Shri Rama se alegrou ao ouvir as palavras do muni e descansou feliz durante a noite na floresta.

No dia em que Taraka foi morta, a floresta, livre da maldição, adornada árvores champaka, ashoka,<sup>79</sup> mangueira e outras, parecia tão encantadora quanto a floresta de Chitraratha.<sup>80</sup>

Shri Ramachandra, a quem os siddhas louvaram por ter matado Taraka, passou a noite na floresta, esperando o amanhecer.

Capítulo 27 – Shri Rama recebe as armas celestes

79 Champaka: uma espécie de magnólia. Ashoka: uma árvore parecida com o coqueiro. Para a lista completa das árvores veja o Glossário separado.

80 Chitraratha: o rei dos gandharvas.

Tendo passado a noite descansando na floresta, o ilustre sábio Vishwamitra falou com Rama sorridente, em tom gentil:

"Ó príncipe de grande renome. Eu estou totalmente satisfeito contigo e estou feliz em te dar estas armas por meio das quais tu serás capaz de conquistar e subjugar todos os teus inimigos, sejam devas, asuras ou nagas.<sup>81</sup> Aceita essas armas<sup>82</sup> divinas, ó Rama. Aqui está o grande disco celeste e a arma Dunda, o Disco de Dharma, a arma Kala, o disco de Vishnu e a arma irresistível de Indra. Ó grande príncipe, aqui está a Maça e a Lança de Mahendra, a Brahma-Shira e a Ishika. Ó de braços poderosos, pega a arma Shankara e as duas grandes maçãs Kaumodaki e Lohitamukhi. Ó grande príncipe, recebe também a poderosa Dharma-pasha, a Kala-pasha e a Varuna-pasha, e outras duas maçãs chamadas Shoshka e Ashani; a arma Pinaka, a arma Narayana, e a arma Agneya que emite fogo.

"Ó Rama, leva essa arma de vento, Vayuvya, e a arma de cabeça de cavalo, Hayashira, também a arma Krauncha. Eu te dou mais dois poderes e as armas chamadas Kankala, Mushala, Rapala e Kinkini. Ó príncipe poderoso, eu te dou as

duas armas sobrenaturais chamadas Vidyadhara e Nandana, úteis na luta contra os Asuras.

"Leva esta joia entre as espadas, que eu te dou, ó poderosamente armado, e outra arma sobrenatural chamada Gandharva, e aqui, ó Rama, está uma muito preciosa para mim chamada Manava. Aqui estão Prashaman, Soura, Praswaprana, Darpana e aquela que tem o poder de secar, e a arma que inflige dor causando lamentação. Eu te concedo também a força para portar a Madana-astra presenteada a mim por Kandarpa que cria no homem desejo sexual insuportável para que ele seja incapaz de lutar. Aqui também está a Paisha-astra e a Mohan-astra.

"Ó príncipe ilustre! Recebe também a arma que produz inércia, e a grandiosa arma Saumana. Ó grande Príncipe, aqui estão a Samvartta, Moushalya, Sattyastra e Mayadhara, e leva a Tajaprabha por meio da qual a força e coragem do inimigo são retiradas, e também a Shishira que gela e a Somastra e Twashtra.

"Ó Rama, agora tu és todo-poderoso e conhecedor dos segredos da magia, contudo leva a Bava, Shitesu e Manava Astra também. Ó príncipe, recebe a Paramodara-astra, leva todas essas armas de mim".

Então o grande Vishwamitra voltou seu rosto para o leste e realizou os ritos de purificação com alegria, conferindo a Rama os mantras<sup>83</sup> para empregar as armas e instruindo-o nos

métodos desconhecidos até mesmo para os deuses. Todas essas armas Shri Vishwamitra deu a Rama, e ele, repetindo os mantras apropriados, fez as divindades que as presidem aparecerem diante dele. Aproximando-se com palmas unidas, elas disseram: "Ó príncipe da Casa de Raghu, nós somos teus servos e obedeceremos aos teus comandos".

Shri Rama, as tendo examinado e abençoado, respondeu: "Venham e me sirvam quando eu as chamar".

Depois disso, Shri Ramachandra oferecendo saudações ao venerável sábio Vishwamitra, disse: "Vamos prosseguir, meu senhor".

## Capítulo 28 – Ele é instruído no uso delas

81 Naga: a raça de serpentes.

82 Para a lista completa veja o Glossário separado.

83 Mantras: fórmulas sagradas.

Tendo recebido as armas e as instruções para o seu uso, Shri Rama abordou o sábio em tons agradáveis enquanto eles prosseguiam.

Ele disse: "Ó abençoado, pela tua graça, eu recebi armas que nem devas nem asuras podem obter facilmente, tem a bondade de me dizer, além disso, como eu posso retirar essas armas quando elas forem disparadas?"

Em seguida, o sábio supremamente paciente e santo ensinou a Shri Ramachandra o método de retrair as armas propelidas por mantras lhe deu mais com o nome de Satya-vana, Satya-kirti, Dhrishta, Raphasa, Pratiharatara, Parangmukha, Avangmukha, Lakshya, Alakshya, Drir nabha e Sunabhuka, Dasharsha, Shutavaktra, Dasha-shirsha, Shatodara, Dharma-nabha e Maha-nabha, Dunda-nabha e Swanabhuka, Jyotisha e Shakuna e as duas armas Nirashya e Vimala, também a Yogandhara e Vinidra, Ditya e Pramanthana, Shuchivahu, Mahavanu, Nishkali, Virucha, Sarchi-mali, Dhriti e Mali, Vrittiman e Ruchira, Pitryia e Soamanas-vidhuta e Makara, Karavira com Rati, Dhana e Dhanya.

O sábio santo disse: "Ó Rama, recebe também Kamarupa, Kamaruchi, Moha e Avarana, também Jrim Bhala, Sarpa-natha com Sandhana e Varuna. Recebe de mim, ó Rama, a Krishashwa que assume qualquer forma – ó príncipe, que tu possas ser triunfante, tu és digno de possuir essas armas". Shri Rama respondeu: "Que assim seja, meu senhor".

O rishi<sup>84</sup> santo então colocou as armas divinas diante de Rama, algumas das quais brilhavam como fogo, outras com a cor da fumaça e ainda outras que pareciam o sol e a lua. Com palmas unidas as divindades presidentes delas se dirigiram a

Shri Rama com submissão, dizendo: "Ó príncipe, nós estamos a teu serviço, o que tu gostarias que nós realizássemos?" Shri Rama respondeu: "Quando chamadas à mente no momento de necessidade, concedam-me auxílio, agora partam, todas vocês".

Oferecendo reverência a Shri Ramachandra, elas responderam: "Assim seja, meu senhor", e voltaram para a sua morada.

Shri Rama então questionou o grande rishi, dizendo: "Ó soberano espiritual, o que é isso que se assemelha a uma nuvem escura perto da montanha? Parece ser um bosque de árvores, agradável à vista, cheio de veados. Eu ouço aves cantando docemente, nós então passamos pela floresta perigosa que era motivo de temor? Ó senhor, vamos descansar aqui em paz; dize-me, de quem é esse eremitério? Ó grande muni, nós estamos agora no teu próprio eremitério, onde os demônios maus, os matadores de brâmanes, obstruem o teu sacrifício? Ó abençoado, tem a bondade de me mostrar o lugar do teu sacrifício. Ó sábio, eu matarei os demônios intrometidos que dificultam as tuas práticas religiosas. Tem a amabilidade de me esclarecer sobre o assunto, ó sábio".

Capítulo 29 – Vishwamitra conta a história do seu eremitério e começa o sacrifício

Para o muito glorioso Shri Ramachandra que indagava a respeito da floresta, o ilustre sábio Vishwamitra respondeu:

"Ó Rama, esse é o lugar no qual o abençoado Senhor Vishnu, o primeiro entre os deuses, habitou, observando suas práticas de yoga por anos imensuráveis,

84 Rishi: um sábio iluminado, que teve uma visão da Verdade ou Realidade.

e antes disso ele pertenceu ao glorioso Vamana.<sup>85</sup> Esse lugar é chamado de Siddha- ashrama, pois aqui essas grandes almas praticaram austeridades com sucesso. Naquela época, Bali o filho do rei Virochana conquistou Indra e os outros devas, junto com as divindades do vento e ele governava os três mundos. Quando Bali iniciou um sacrifício, os devas, sob a liderança de Agni<sup>86</sup> se aproximaram de Shri Vishnu em seu ermitério e disseram: "Ó senhor, o filho de Virochana, o rei Bali, está celebrando um grande sacrifício; enquanto ele ainda está incompleto, vem em nosso auxílio. O senhor concede os pedidos daqueles que buscam seu favor, portanto, pelo poder do teu yoga e para o nosso próprio bem, assume a forma de um anão (Vamana) e garante o nosso bem-estar". Enquanto isso, ó Rama, o sábio Kashyapa, resplandecente como fogo, que era dotado de esplendor supremo em virtude das suas práticas de yoga, com sua esposa Aditi, tendo completado austeridades de



mil anos, começou a louvar Madhusudana, o concessor de bênçãos, dizendo: 'Ó Supremo Purusha,<sup>87</sup> Tu és adorado através de austeridade e Tu concedes o fruto da austeridade, Tua natureza é conhecimento e ascetismo, é em virtude da austeridade que eu Te contemplo. Ó Senhor, no Teu corpo eu vejo o mundo inteiro animado e inanimado. Em Ti que és sem início e indescritível eu me refugio'.

"O bem-aventurado Vishnu ficou satisfeito com essa prece e disse ao sábio impecável: 'Ó Kashyapa, tu podes ver a perfeição, tu mereces uma bênção, pede o que quiseres'".

"Então Kashyapa, filho de Marichi, respondeu: 'Ó Senhor bem-aventurado, Aditi, os deuses e eu te pedimos para conceder esta bênção – Torna-te o filho da minha esposa impecável e de mim mesmo. Ó Senhor, torna-te o irmão mais novo de Indra e ajuda os devas entristecidos. Este local, pela Tua graça, será então conhecido como Siddha-Ashrama'. (Eremitério dos Perfeitos).

"Após isso, o resplandecente Vishnu nasceu do ventre de Aditi como a encarnação Vamana e, disfarçado de mendicante, ele se aproximou do rei Bali. Dele, ele pediu um pedaço de terra que pudesse ser coberto por três passos e, tendo obtido o que pediu, ele cobriu todo o universo em três passos.

"Esse eremitério tranquilo, antigamente pertencente a Vamana, cujo devoto eu sou, é desfrutado por mim. Aqui os rakshasas causam destruição. Ó leão entre os homens, permanece aqui e

os mata. Ó Rama, vamos entrar juntos hoje no Siddha-Ashrama. Ó amigo, esse eremitério não é só meu, mas teu também”.

Acompanhado por Shri Ramachandra e Lakshmana, o sábio santo entrou no eremitério, que parecia tão belo quanto a lua outonal acompanhada pelo planeta Punarvasu.<sup>88</sup> Quando os sábios residentes no Siddha-Ashrama perceberam Shri Vishwamitra, eles se levantaram e o saudaram com alegria. Tendo honrado devidamente o sábio resplandecente, eles acolheram os príncipes de forma adequada.

Tendo descansado um pouco, os dois príncipes humildemente e respeitosamente dirigiram-se ao sábio santo, dizendo: “Ó grande sábio, inaugura o teu sacrifício hoje, que ele seja acompanhado pela boa sorte. Este lugar é o Siddha- Ashrama, nós te desejamos sucesso na tua tarefa”.

85 Vamana: uma encarnação de Shri Vishnu como o Anão santo.

86 Agni: o deus do fogo.

87 Purusha: O Ser Supremo, a Alma do universo. Literalmente o Senhor do corpo, chamado de a cidade de nove portas.

88 Punarvasu: o sétimo dos asterismos lunares, chamados Nakshatras ou esposas da lua. Punarvasu é o mais amado.

Então o grande sábio, com a devida preparação, a sua mente subjugada, começou o sacrifício enquanto os dois príncipes faziam vigília. Tendo passado a noite dessa maneira, de acordo com as regras prescritas, eles realizaram suas abluções, repetindo o mantra silenciosamente, eles então prestaram respeito a Shri Vishwamitra e ocuparam seus assentos como fazem aqueles que realizam um sacrifício de fogo.

Capítulo 30 – Maricha e Suvahu obstruem o sacrifício e são mortos por Rama

Os dois príncipes, sabendo o que era apropriado em relação à hora e lugar e peritos na arte de vencer seus inimigos, proferiram palavras apropriadas para o lugar e a ocasião.

Eles disseram: "Ó abençoado, nós queremos saber, em qual momento no decorrer do sacrifício os dois demônios aparecem? É essencial que nós estejamos familiarizados com o assunto, para evitar seu o ataque".

Os moradores do Siddha-ashrama, ouvindo as palavras dos príncipes, e notando-os ávidos para combater os demônios, os elogiaram dizendo: "Ó príncipes, a partir de agora, vigiem o sacrifício por seis dias; o sábio Vishwamitra tendo começado o rito observará um silêncio rigoroso durante esse tempo".

Nisso, os dois príncipes ilustres vigiaram a floresta Tapovana continuamente por seis dias sem dormir. Armados com arco e flechas eles protegeram o rishi e seu sacrifício com firme determinação. Cinco dias se passaram sem interrupção, e no sexto dia Shri Ramachandra disse a Lakshmana: "Irmão, esteja preparado hoje".

Quando Shri Rama proferiu essas palavras a respeito da aproximação do conflito com os demônios, o fogo do altar flamejou subitamente. O brâmane oficiante, o sacerdote e Shri Vishwamitra, que estavam assistindo, viram todos os utensílios sacrificais em chamas.

O sacrifício do sábio santo ainda prosseguindo, um clamor grande e terrível ressoou no firmamento. Assim como na estação chuvosa as nuvens cobrem o céu, assim os demônios pelo poder da magia começaram a percorrer o ar.

Maricha e Suvahu e outros demônios, cercando o altar, derramaram torrentes de sangue. Vendo o altar inundado de sangue, Shri Ramachandra e Lakshmana ficaram cheios de raiva e correram para descobrir a causa. Então eles viram Maricha e outros demônios no céu. Raghava, vendo os demônios avançando para ele, disse a Lakshmana, "Ó Lakshmana, veja esses demônios maus comedores de carne, eu os destruirei com a arma Manava, como o vento espalha as nuvens".

Assim dizendo, Shri Ramachandra arremessou a brilhante arma Manava neles, e atingindo o peito de Maricha, infligiu um ferimento. Assim atingido, o demônio foi lançado ao mar, a uma distância de cem milhas. Percebendo Maricha cambaleante, desacordado pela arma Manava, Shri Ramachandra dirigiu-se a Lakshmana, dizendo: "Veja o poder dessa grande arma criada pelo muni! No entanto, apesar de Maricha ter sido privado de seus sentidos, ele não está morto; realmente agora eu destruirei esses demônios maus, impiedosos, pecadores e bebedores de sangue que obstruem o sacrifício sagrado". Assim dizendo, ele agarrou a arma de fogo e a descarregou no peito de Suvahu, que imediatamente caiu no chão e expirou. Nisso, Shri Rama destruiu os demônios restantes com a arma de ar (Vayuvya).

Assim, por matar os obstrutores do sacrifício Shri Ramachandra levou alegria aos corações dos sábios e foi adorado por eles como foi antigamente o vitorioso Indra.

Quando o sacrifício tinha sido concluído com sucesso, percebendo que o mundo estava livre da interferência dos asuras, o rishi Vishwamitra disse a Rama:

"Ó príncipe poderosamente armado, hoje eu realizei o meu propósito espiritual, tu obedeceste aos comandos do teu guru perfeitamente, realmente tu tornaste o Siddha-Ashrama digno de seu nome".

## Capítulo 31 – Vishwamitra parte com os dois príncipes para comparecer ao sacrifício do rei Janaka

O grande herói, o sempre alegre Rama, junto com Lakshmana, tendo ajudado com sucesso Shri Vishwamitra, passou a noite no eremitério.

Ao amanhecer, depois de se purificarem, eles se aproximaram de Shri Vishwamitra e ofereceram reverência a ele e aos outros sábios. Curvando-se perante o grande muni, que era tão resplandecente quanto um fogo ardente, eles se dirigiram a ele em tom submisso, dizendo: "Ó grande rishi, nós dois somos teus servos humildes, que outros comandos há para nós? Nós estamos aqui para obedecer".

Os outros rishis, liderados por Shri Vishwamitra, ouviram as palavras de Shri Ramachandra e responderam dizendo: "Ó grandioso, o rei de Mithila, o virtuoso Janaka, está executando um sacrifício sagrado e nós vamos participar. Ó grandes seres, tenham o prazer de nos acompanhar; lá vocês verão um arco raro e maravilhoso. Nos tempos antigos aquele arco foi dado pelos devas para Janaka, ele é extremamente pesado e esplêndido. Nem gandharvas nem asuras podem curvar aquele grande arco, quanto menos o homem? Para testar sua habilidade, grandes reis têm ido à assembleia do rei Janaka,

mas nenhum conseguiu erguer o arco e encordoá-lo. Ó ilustre, vamos partir e ver o sacrifício do rei de Mithila e também aquele arco extraordinário. No passado, o rei Janaka realizou um sacrifício e o fruto dele foi o grande arco que ele obteve dos deuses que o instruíram dizendo: 'Coloque este arco na câmara de sacrifício e que ele seja adorado com incenso, perfume e luzes''.

Shri Vishwamitra, tendo relatado esses fatos, partiu acompanhado pelos dois príncipes e outros sábios. Invocando a Vanadevata (A Divindade da Floresta), ele lhe disse: "O meu sacrifício chegou a uma conclusão bem-sucedida, que a minha alegria seja tua. Eu estou deixando o Siddha-Ashrama para as margens do rio sagrado Gunga nas encostas do Himalaia, situado no domínio do rei Janaka".

Então o sábio circungirou reverentemente o eremitério e se voltou para o norte. Quando Shri Vishwamitra iniciou sua jornada, os sábios peritos no conhecimento da ciência de Brahman o acompanharam com os seus bens móveis colocados em centenas de carruagens. As aves e animais do eremitério também os acompanharam por um longo caminho até que o muni santo lhes pediu que voltassem.

Os sábios e o muni santo chegaram às margens do rio Shona ao pôr do sol e, depois de terem se banhado e recitado as suas preces vespertinas, realizaram o sacrifício de fogo.

Shri Ramachandra e o príncipe Lakshmana então ofereceram saudações a Shri Vishwamitra e aos outros rishis, e se sentaram diante deles. Posteriormente Shri Rama perguntou alegremente: "Ó senhor, que país é esse, coberto com bosques verdejantes? Tem a amabilidade de narrar tudo a respeito dele".

O grande asceta dos votos firmes ficou satisfeito ao ouvir essas palavras e, sentando-se em meio aos sábios, ele descreveu o país totalmente para eles.

Capítulo 32 - Vishwamitra fala dos seus antepassados e da dinastia do rei Kusha

"Ó Rama, nos tempos de outrora havia um rei chamado Kusha, ele era o filho de um brâmane, um asceta notável, fiel aos seus votos, conhecedor do dharma e sempre reverenciado pelos virtuosos. Ele se casou com uma mulher nobre de grande beleza chamada Bhidharvi, e gerou quatro filhos, todos parecidos com ele. Seus nomes eram Kushamba, Kushanabha, Umurita-Rajasa e Basu; esses quatro príncipes eram poderosos e ativos, e desejava de lhes ensinar os deveres de um kshatriya, o verdadeiro e justo rei Kusha se dirigiu a eles como segue:

"Ó meus filhos, protejam e cuidem dos seus súditos, essa prática é produtiva de grande mérito".



"Para cumprir as instruções de seu pai, aqueles príncipes fundaram quatro cidades e deram seus nomes a elas. O poderoso Kushamba chamou sua cidade de Kaushambi, e o justo Kushanabha fundou a cidade de Mahodaya. Ó Rama, o príncipe Umurita-rajasa fundou a cidade chamada Dhar-maranya e o príncipe Basu chamou sua cidade de Giribrat, também chamada Basumati. Essa cidade era cercada por cinco picos de montanha e o rio Magadhi ou Shona serpeando através das montanhas parecia uma linda guirlanda. Ó Rama, esse rio, o Magadhi, flui para o leste e irriga os campos férteis em ambas as margens.

"Ó príncipe de Raghu, Kushanabha tomou em matrimônio uma ninfa chamada Ghritachi, e com ela ele teve cem belas filhas, que ao atingirem a maturidade eram encantadoras de olhar. Um dia, vestidas com trajes graciosos, incomparáveis em beleza de forma elas vagavam no jardim como relâmpagos entre as nuvens. Cantando, dançando e tocando instrumentos elas pareciam ser formas divinas que tinham se materializado e descido à terra, ou como estrelas no firmamento.

"Vendo aquelas princesas adoráveis e virtuosas, Vayu o deus do vento falou- lhes assim: 'Eu rogo a vocês todas que se casem comigo; abandonem a sua forma mortal, eu as tornarei imortais. Lembrem-se de que a juventude está passando e a juventude entre os mortais passa ainda mais rapidamente; casadas comigo, vocês serão belas para sempre'.

"As donzelas escutaram o discurso impróprio do deus do vento e responderam zombeteiramente: 'Ó deus do vento, tu sabes tudo o que está se passando nos corações dos homens, mas nós sabemos o que está se passando no teu coração. Por que tu nos insultas, ó Vento? Ó Vayu, que és renomado pela tua sabedoria, nós virgens pelo poder da nossa devoção e autocontrole podemos causar a tua queda, mas porque os méritos dos justos se arruínam quando eles fazem mal a outros, nós manteremos os nossos votos sagrados intactos. Ó estúpido, que o céu nos impeça de escolhermos maridos para nós sem antes procurar a aprovação do

nosso honrado pai. Ele é como um deus para nós e nosso mestre, e nós nos casaremos com os maridos que ele escolher para nós'.

"O deus do vento ficou enfurecido, e entrando em seus corpos, os desfigurou e deformou. Assim afligidas, as princesas em lágrimas se aproximaram de seu pai para obter assistência.

"O rei entristeceu-se ao ver suas filhas naquela condição e disse: 'Ó falem, o que ocorreu? Quem, desconsiderando a justiça, as deformou? Contem-me tudo". O monarca ficou profundamente comovido por esse evento e seu coração tornou-se pesado".

## Capítulo 33 – As cem filhas do rei Kushanabha

Quando a cem princesas foram assim questionadas pelo rei seu pai, elas colocaram suas cabeças a seus pés e responderam: "O deus do vento, que permeia tudo, entrou no mau caminho e quis que nós abandonássemos a conduta virtuosa. Nós dissemos a ele que não éramos livres para escolher nosso modo de vida já que o nosso pai ainda era vivo e que ele deveria te consultar se ele quisesse se casar conosco, mas aquele deus pecaminoso, desconsiderando o nosso pedido, desfigurou e deformou os nossos corpos dessa maneira".

O grande rei, ouvindo a queixa das cem virgens, disse-lhes: "Vocês agiram nobremente por praticarem paciência para com a divindade. É adequado que os de mente generosa exercitem a paciência, vocês contribuíram para a honra da nossa dinastia. A paciência é o principal ornamento de homens e mulheres, vocês realizaram algo raro; poucos são capazes de tal paciência. Ó virgens, paciência é caridade, paciência é verdade, paciência é sacrifício. A verdadeira glória do homem é a paciência; paciência é dharma. O mundo está estabelecido na paciência".

Tendo ouvido isso, as princesas foram consoladas, e o rei as dispensou. Então o monarca, poderoso como um deus, convocou seus ministros e os consultou a respeito da aliança de

suas filhas com famílias adequadas no momento e lugar adequados.

Nessas circunstâncias um grande muni chamado Chuli, cheio de glória derivada do celibato prolongado e altamente virtuoso, estava empenhado em austeridades sagradas com a finalidade de libertação espiritual.

Naquele local, a virgem filha da ninfa Urmila, chamada Somada, começou a atender o muni. Ela serviu o grande sábio por um longo tempo com fé e devoção inabaláveis e seu guru estava satisfeito com ela; ele disse a ela: "Eu estou satisfeito contigo, qual desejo teu eu realizarei?"

Percebendo que o muni estava altamente satisfeito, aquela ninfa de voz doce familiarizada com a arte da conversa lhe respondeu: "Ó rei dos reis, eu desejo ter um filho, resplandecente com poder divino, um adorador de Deus e dedicado ao dharma. Eu não tenho marido, nem quero ser esposa de ninguém, porque eu sou um brahmacharini,<sup>89</sup> portanto, em virtude do teu yoga, concede-me um filho produzido pelo poder do teu pensamento".

O sábio divino Chuli ficou satisfeito ao ouvir essas palavras e lhe concedeu um filho chamado Brahmadata, pelo poder da sua mente. Brahmadata se tornou rei

89 Brahmachari ou brahmacharini: Estudante religioso celibatário homem ou mulher que vive com o professor e se dedica à prática da disciplina espiritual.

de Kampila e era tão próspero quanto Indra no céu. O rei Kushanabha resolveu dar suas filhas em casamento ao rei Brahmadata. Kushanabha pediu ao rei Brahmadata para visitá-lo e com alegria deu-lhe suas filhas em casamento.

Ó Ramaji, o rei Brahmadata, que era igual a Indra em glória, casou-se com as princesas, uma por uma, tomando suas mãos nas dele. Através do toque da sua mão, as princesas foram libertadas de sua deformidade e restauradas à sua antiga beleza. Quando o rei Kushnabha viu suas filhas livres de sua deformação e devolvidas à sua antiga beleza ele se encheu de alegria.

Foi assim que o rei Kushnabha deu suas filhas em casamento ao rei Brahmadata, e então mandou seus preceptores as acompanharem para a corte de seu genro.

Somada ficou encantada com a união de seu filho com as donzelas e, recebendo-as com muito carinho, elogiou o virtuoso rei Kushanabha.

Capítulo 34 – Seu filho, Gadhi, é o pai de Vishwamitra

"Ó Ramaji, após o casamento de suas filhas, o impecável rei Kushanabha se preparou para realizar um sacrifício para obter um filho.

"Na inauguração do sacrifício, o magnânimo rei Kusha, filho de Shri Brahma, disse a Kushanabha: 'Ó meu filho, tu obterás um filho como tu mesmo, ele deve se chamar Gadhi, ele te trará fama imortal".

"Depois de algum tempo nasceu um filho do rei sábio Kushanabha que era um amante da virtude, e seu nome era Gadhi. Esse Gadhi, ó Rama, era meu pai virtuoso,<sup>90</sup> e porque eu nasci na família de Kusha fui chamado Kaushika.

"Eu tinha, ó príncipe, uma irmã mais velha chamada Satyavati, que se tornou a fiel esposa de Richika. Quando seu marido morreu, ela subiu ao céu e tomou a forma do rio Kaushiki. O rio é sagrado e belo, e suas águas dão mérito aos homens. Para abençoar o mundo Satyavati se tornou o rio que corre perto dos Himalaias.

"Ó príncipe, por amor à minha irmã, eu moro nas margens do rio Kaushiki perto dos Himalaias.

"Estabelecida na verdade, fiel ao seu marido, aquela minha irmã, chamada Satyavati, é hoje o rio Kaushiki, grandioso entre os rios e altamente afortunado.

"Ó Rama, para realizar um sacrifício eu fui para o Siddha ashrama, eu já realizei meu propósito.

"Ó Rama, a teu pedido, eu te contei sobre a minha família e origem; a noite está muito adiantada por ouvir essa história, agora descansa, para que, revigorados, nós possamos retomar nossa viagem amanhã. Que a paz esteja contigo!

"As folhas das árvores estão imóveis, os pássaros e os animais estão em silêncio e a escuridão cobre tudo. Quão imperceptivelmente a noite passou. O céu está brilhante com estrelas, como se mil olhos olhassem para em nós.

"A lua brilhante com seus raios frios, subindo lentamente cada vez mais alto, dissipa as trevas. Andarilhos noturnos e os terríveis yakshas comedores de carne perambulam aqui e ali".

Tendo proferido essas palavras, o grande sábio Vishwamitra ficou em silêncio. Os outros munis o louvaram dizendo: "Bem falado, bem falado, ó sábio".

90 O rishi Vishwamitra ainda está falando aqui.

Eles disseram: "A dinastia de Kusha sempre praticou a retidão e os reis dessa linhagem têm sido eminentes por virtude. Dessa

dinastia, tu, ó Vishwamitra, és o mais ilustre, a fama dessa linhagem real foi aumentada pelo belo rio Kaushiki”.

Assim os grandes sábios elogiaram o rishi Vishwamitra, que então se retirou para descansar, como o sol se põe atrás de uma montanha.

Shri Ramachandra e seu irmão Lakshmana, cheios de admiração, também reverenciaram o sábio santo e se retiraram para dormir.

Capítulo 35 - Vishwamitra começa a narrar a origem do rio sagrado Gunga

Tendo passado a noite com os outros munis nas margens do rio Shona, Shri Vishwamitra disse ao príncipe Rama ao amanhecer: “Levanta-te, ó príncipe, o dia raiou, que a prosperidade esteja contigo! Faze as tuas práticas religiosas matinais e preparemo-nos para a nossa jornada”.

Shri Rama ouviu as instruções do sábio santo, recitou suas preces da manhã e se preparou para partir, dizendo: “Ó conhecedor de Deus, as águas do rio sagrado Shona parecem ser muito rasas e se apoiar em um leito de areia, por favor, indica onde devemos cruzá-lo”.



O sábio respondeu: "Ó príncipe, eu te mostrarei onde os grandes rishis o atravessam". Depois eles vadearam o rio e viajaram sem parar, apreciando os bosques e as florestas muito belas pelas quais eles passaram.

Depois de prosseguir uma grande distância, num fim de tarde, eles chegaram ao sagrado rio Ganges, amado dos sábios. Ao verem o rio adorável tornado belo pela presença de cisnes e garças, Rama, Lakshmana e os sábios encheram-se de alegria.

Eles pararam nas margens e se banharam no rio sagrado como prescrito pela lei sagrada, então acendendo seus fogos sacrificais eles comeram os restos das oferendas. Segundo a tradição, eles ofereceram água aos seus antepassados e espalhando cobertas, sentaram-se ao lado do sagrado Ganges.

Sentado no meio dos sábios com os dois príncipes diante dele, Shri Vishwamitra foi questionado por Shri Rama da seguinte maneira:

"Ó senhor, eu desejo ouvir a história desse rio sagrado, que percorre os três caminhos.<sup>91</sup> Como o sagrado Gunga, passando através dos três mundos, imerge finalmente no oceano?"

Após esse pedido, Shri Vishwamitra começou a narrar a origem e gênese do rio sagrado.

"Ó Rama, o grande Himavat, Senhor dos Himalaias, o tesouro de todos os metais preciosos, teve duas filhas, que eram insuperáveis em beleza sobre a terra. A mãe delas, Mena, a

esposa de Himachala (Himavat) era filha do Monte Meru. Sua filha mais velha se chamava Gunga e a mais nova Uma.

"Os devas, desejando celebrar certos ritos sagrados, pediram para Shri Gunga promover o sucesso do seu empreendimento e, com a permissão de seu pai, a levaram com eles.

91 Na mitologia hindu o universo é dividido em três mundos: Bhur, Bhuvah, Swah, o mundo inferior, intermediário e superior. É dito que o rio sagrado atravessa todos os três.

"Himachala, atento ao bem de todos os seres, deu sua filha Gunga, a purificadora do mundo inteiro, para os deuses, pensando ser seu dever fazê-lo. Os deuses supremamente gratificados levaram sua filha Gunga e, abençoando a todos, deixaram Himachala.

"Ó príncipe da Casa de Raghu, a outra filha de Himachala, chamada Uma, praticou grande ascetismo, considerando-o como a sua principal riqueza. Himachala deu sua filha asceta Uma, que era venerada por todo o mundo, para Shri Mahadeva<sup>92</sup> em casamento, considerando-o um consorte digno.

"Ó Rama, agora eu te falei das duas filhas de Himachala, veneradas por todo o mundo, o rio Gunga e Uma Devi.

"Ó meu filho, ó principal dos discípulos, eu te contei a história de Shri Gunga acompanhando os devas para o céu. Essa bela filha do rei do Himalaia, uma vez residente no céu, é o charmoso rio Gunga, cujas águas destroem todos os pecados".

### Capítulo 36 – A história de Uma, a filha mais nova do rei do Himalaia

Ouvindo a narrativa maravilhosa, contada de forma tão eloquente por Shri Vishwamitra, ambos os príncipes elogiaram o sábio santo e disseram:

"Ó sábio divino, tu nos contaste uma história, pela audição da qual grande mérito é adquirido, tem a bondade de nos esclarecer mais sobre a filha mais velha do rei do Himalaia. Tu és onisciente, portanto, descreve para nós detalhadamente como o Gunga, o rio que purifica o mundo, desceu do céu para a terra. Ó tu, versado na ciência do dharma, por que esse rio sagrado é chamado Tripathaga (o que percorre os três mundos) e de onde esse nome é derivado?"

Sentado em meio aos outros sábios, Shri Vishwamitra, cuja única riqueza era verdade e austeridade, falou o seguinte, em resposta ao questionamento de Shri Rama:

"Ó príncipe, nos tempos antigos, o santo Senhor Mahadeva se casou com Parvati,<sup>93</sup> e estando encantado com sua beleza dedicou-se às delícias da felicidade conjugal. De acordo com a medida de tempo dos deuses, o Senhor Mahadeva passou cem anos com aquela devi,<sup>94</sup> mas se manteve sem filhos. Em sua ansiedade, os deuses se aproximaram de Shri Brahma e disseram:

"'Quem será capaz de suportar o poder e a glória dos descendentes produzidos por esses dois seres poderosos?'

"Eles, então, se refugiaram com Shri Mahadeva, dizendo: 'Ó Deus dos Deuses, ó Mahadeva, sempre engajado em fazer o bem a todos os seres, nós oferecemos saudações a ti, sê bondoso para conosco! O teu poder, ó primeiro entre os deuses, ninguém pode suportar, portanto com essa deusa ocupa-te em penitências iogues. Para o bem dos três mundos, retém a tua energia dentro do teu corpo para que o universo possa ser preservado e não sofra destruição'".

O governante do mundo, Shri Mahadeva, ouviu as palavras dos devas e disse: "Que assim seja, ó devas, eu vou conter o meu poder para que todas as

92 Mahadeva: um título do Senhor Shiva.

93 Parvati: a consorte do Senhor Shiva.

94 Devi: outro nome de Parvati. Devi significa literalmente deusa ou brilhante.

regiões, incluindo a terra, possam viver em paz, mas, ó devas, se o meu fluido vital transbordar, quem o receberá?"

Os deuses responderam a Shri Mahadeva, dizendo: "Que a terra o receba".

Então Shri Mahadeva deixou cair sua semente sobre a terra cobrindo as montanhas, mares e florestas. Quando a terra não podia suportar mais, os devas pediram às divindades do vento e do fogo para se unir àquele poder criativo e desse modo uma montanha branca foi criada, e posteriormente uma floresta celestial tão resplandecente quanto a luz do sol. Desta luz ardente nasceu o glorioso Swami Karttikeya.<sup>95</sup>

"Todos os deuses e rishis ficaram cheios de alegria e adoraram o Senhor Shiva e a Deusa Uma. Enquanto eles os adoravam com corações agradecidos, Uma encheu-se de ira e disse: 'Ó devas, a sua ação me encheu de desagrado, vocês não escaparão das consequências'.

"Então Uma, brilhante como o sol, tomou água na palma de sua mão e pronunciou uma maldição sobre os deuses, dizendo: 'Ó

devas, vocês me impediram de ter um filho, que vocês não tenham filhos desse dia em diante, que as suas esposas não tenham progênie’.

”Ainda não apaziguada, Uma amaldiçoou a terra também, e disse: ‘Ó Terra, tu nunca permanecerás em uma forma, tu terás muitos mestres. Ó tola, tu nunca terás um filho, já que tu me impediste de me tornar mãe’.

”Shri Mahadeva, vendo os devas frustrados, se preparou para partir para a região norte dos Himalaias. Lá, em um pico chamado Himavatprabhava, ele se ocupou em práticas iogues prolongadas, junto com Uma.

”Ó Rama, eu te falei de uma das duas filhas dos Himalaias; agora, com Lakshmana, ouve a história da outra filha do Himalaia, chamada Gunga”.

### Capítulo 37 - A filha mais velha do rei, Gunga

Enquanto Shri Mahadeva estava ocupado em meditação iogue, os devas, sob a liderança de Agni, foram para a região de Brahma onde, com Indra, eles prestaram reverência ao Senhor do mundo, e disseram: ”Ó Senhor, no início da criação tu fizeste de Shri Mahadeva o nosso líder, mas agora ele se retirou para os Himalaias e está empenhado na prática de austeridade com

Uma. Ó tu que desejas o bem do mundo, faze o que tu consideras que deve ser feito, tu és nosso único amparo”.

Então Shri Brahma encorajou os devas, com palavras gentis, dizendo: “Ó devas, a maldição de Uma Devi, que vocês devem permanecer sem prole, é irrevogável, mas o deus do fogo Agni fará Gunga ter um filho que destruirá os inimigos dos deuses. A filha mais nova de Himanchala (Uma) considerará o filho de sua irmã como dela própria e inevitavelmente dará generosamente seu afeto a ele”.

“Ó Rama, as palavras de Shri Brahma encheram os deuses satisfação e eles ofereceram reverência a ele. Então todos eles circungiraram o Monte Kailasha,<sup>96</sup> o repositório de metais preciosos, e pediram a Agni para gerar um filho.

“Agni concordou com seu pedido e se aproximando de Shri Gunga disse: ‘Ó Devi, vamos gerar um filho, pois esse é o desejo dos deuses”.

<sup>95</sup> Karttikeya: o deus da guerra.

<sup>96</sup> Monte Kailasha: dito ser a residência do Senhor Shiva.

"Assumindo a forma de uma ninfa celestial, Gunga inspirou o deus do fogo a plantar sua semente nela, cada veia dela estando cheia de esplendor. Depois de um tempo, ela se dirigiu a Agni, dizendo: 'Ó deva, eu sou incapaz de suportar o esplendor cada vez maior que tu me transmitiste. O meu corpo está queimando como fogo, a minha mente está agitada e estou cheia de medo".

"Agni respondeu: 'Ó impecável, coloca o feto perto dos Himalaias'.

"Então Gunga Devi expeliu o ser resplandecente, brilhante como ouro. Aquela substância, caindo na terra, tornou-se o ouro mais puro que pode ser encontrado. Todos os objetos em sua proximidade se tornaram de prata e as áreas mais distantes expostas aos seus raios penetrantes se tornaram de cobre, as partes mais inferiores se tornando zinco e chumbo. Dessa forma, o seu brilho foi transmutado em metais e se espalhou e as montanhas e florestas próximas foram convertidas em ouro. Ó Rama, o ouro sendo produzido daquela forma deslumbrante é chamado jatarupa (nascido da forma) e, ó herói, por isso o ouro brilha como fogo. A grama, as trepadeiras, arbustos, todos foram transformados em ouro, e desse esplendor nasceu Kumara.

"Os devas com Indra encarregaram as Kritikas<sup>97</sup> de amamentar a criança e elas o consideravam como seu próprio filho. Os deuses chamaram a criança de Karttikeya e disseram: "Ele será nosso filho e ele será renomado nos três mundos".



"As Kritititas banharam a criança, e quando ele cresceu a sua forma se assemelhava ao fogo. Porque o bebê nasceu prematuramente, os devas o chamaram de Skanda.

"As amas começaram a nutrir a criança com leite e ele brilhava como uma chama. Com seis bocas ele sugava o leite das seis amas ao mesmo tempo. Logo ele se tornou tão poderoso que enquanto ainda um bebê ele desafiava grupos de demônios para o combate. Então todos os deuses o nomearam seu comandante supremo. Os devas e Agni prestaram homenagem afetuosa àquela criança.

"Ó Rama, essa é a história inspiradora e concessora de mérito de Shri Gunga e Karttikeya.

"Ó Raghava, nessa terra, aqueles que leem essa narrativa com fé e devoção terão vida longa, filhos e netos e obterão a região divina de Skanda".

Capítulo 38 – A história do rei Sagara, antepassado de Shri Rama

Shri Vishwamitra em tom gentil contou essa história para Shri Ramachandra, e depois se dirigiu a ele novamente, dizendo:

"Nos tempos antigos viveu um rei chamado Sagara, que governou em Ayodhya. Ele era corajoso e virtuoso e amava

seus súditos, mas ele não tinha filhos. "O nome da sua rainha principal era Keshini, uma filha do rei Vidharba; ela era virtuosa e verdadeira. Sua segunda rainha era Sumati, uma filha de Arishtanemi e

ela era graciosa e encantadora.

"O rei foi para os Himalaias e se ocupou em severas práticas de yoga na floresta de Bhrigu-prasravana. Quando ele havia completado cem anos de práticas ascéticas, o sempre verdadeiro maharishi Bhrigu ficou satisfeito com ele e o favoreceu com uma benção. Ele disse: 'Ó rei impecável, tu gerarás muitos filhos e a

97 Kritikas: as Plêiades, as seis amas do deus da guerra.

tua fama será imensurável. De uma das tuas rainhas nascerá um filho, e da outra sessenta mil filhos'.

"Quando as rainhas souberam da bênção concedida pelo rishi, elas se aproximaram dele, dizendo: 'Ó conhecedor de deus, nós temos certeza de que a tua benção dará frutos, por favor, diz-nos, portanto, qual de nós gerará um filho e qual gerará sessenta mil?'

"Ouvindo suas palavras, o altamente virtuoso Bhrigu disse:  
"Isso depende dos seus desejos. Digam-me, qual de vocês desejaria ser a mãe do fundador da dinastia e qual deseja gerar sessenta mil filhos ilustres?"

"Ó Rama, a rainha Keshini desejou ser favorecida por um filho apenas, mas Sumati, a irmã de Garuda<sup>98</sup> obteve a bênção de ter sessenta mil filhos poderosos e ilustres.

"Ó príncipe, o rei ofereceu saudações ao rishi Bhrigu e com as suas consortes voltou para a capital.

"Quando o tempo estava maduro, a rainha principal Keshini deu à luz um filho que foi chamado Asamanjasa.

"Ó grandioso, uma cabaça foi produzida pela rainha Sumati da qual, quando aberta, surgiram sessenta mil bebês meninos.

As mães os colocaram em jarros cheios de manteiga e cuidaram deles. Depois de um longo tempo eles atingiram o estado de adolescência, e então se tornaram adultos.

"Ó Rama, o filho mais velho do rei Sagara, Asamanjasa, costumava agarrar crianças e jogá-las no rio Sarayu. Ao vê-las se afogando, ele se alegrava. Esse malfeitor cresceu para oprimir os bons por sua conduta.

"Os cidadãos da capital do rei Sagara exilaram o príncipe, dando, assim, um julgamento sobre ele. Asamanjasa tornou-se o pai de um príncipe valente chamado Anshuman, que era estimado por todos e se dirigia a todos os homens com

cortesia. "Depois de um longo tempo, o rei Sagara decidiu realizar um sacrifício. Ó

Rama, o rei convocando os sumos sacerdotes começou os ritos de iniciação".

Capítulo 39 – O cavalo com o qual ele realiza um sacrifício é roubado

Tendo ouvido essa história, Shri Rama dirigiu-se ao muni Vishwamitra, que se parecia com o fogo em esplendor, e disse: "Ó sábio, que a prosperidade te acompanhe constantemente! Eu desejo saber como meu antepassado, o rei Sagara, realizou o sacrifício".

Shri Vishwamitra, muito satisfeito com o pedido ansioso de Shri Rama, respondeu sorridente: "Ouve, ó Rama, a história do rei Sagara de grande alma. Há uma região entre os Himalaias e as montanhas Vindhya, e foi lá que o rei Sagara realizou seu sacrifício. Aquela terra é adequada para esse propósito, ó grande príncipe.

"O grande arqueiro e guerreiro Anshuman foi nomeado o protetor do cavalo solto para o sacrifício. Um rakshasa disfarçado roubou o cavalo, e quando ele estava sendo levado,

os sacerdotes se aproximaram do rei, gritando: 'Veja, alguém está

98 Garuda: uma ave mitológica, metade homem, metade ave, o veículo de Shri Vishnu, e o matador de serpentes. É dito que Garuda roubou o néctar da imortalidade dos deuses, quando ele foi batido do oceano.

levando o cavalo, mate o ladrão e o recupere'. O rei chamou seus sessenta mil filhos e disse: 'Um demônio perverso roubou o cavalo sacrificial, em qual direção ele foi levado? Ele foi consagrado por mantras para evitar obstruções; busquem o cavalo, meus filhos, e que o sucesso os acompanhe. Vasculhem a terra cercada pelos mares, e escavem a terra ao meu comando, até que o cavalo sagrado seja encontrado. Tendo recebido a iniciação, eu não posso deixar este lugar. Vão, meus filhos! Eu ficarei aqui com Anshuman e os brâmanes.

"Ó Rama, mandados por seu pai, aqueles príncipes poderosos partiram alegremente em busca do cavalo. Ó grandioso! eles percorreram o mundo em vão e começaram a cavar o solo com suas unhas que eram tão afiadas quanto diamantes.

"Ó príncipe da Casa de Raghu, eles usaram arados, pás e outros instrumentos para escavar o solo e a terra tremeu com o som. Enquanto aravam a terra, muitas cobras, demônios e titãs poderosos foram mortos e feridos.

"Ó Raghava, aqueles príncipes poderosos perfuraram a terra até a profundidade de sessenta mil milhas e atingiram os antípodas. Tendo perfurado a terra com suas montanhas, eles procuraram pelo cavalo em Jambudwipa.<sup>99</sup>

"Os devas, gandharvas, asuras e nagas ficaram agitados, e se aproximaram de Shri Brahma; curvando-se diante dele com suas mentes angustiadas e em grande aflição, eles disseram: 'Ó senhor abençoado, os filhos do marajá Sagara estão cavando a terra inteira e eles causaram a morte de muitos grandes seres. Quem quer que se oponha a eles é morto com as palavras, 'Tu és um ladrão, tu roubaste o cavalo sacrificial'".

Capítulo 40 – Os filhos do rei procuram pelo cavalo, eles acusam Shri Kapila de roubá-lo e são reduzidos a cinzas

"O avô Shri Brahma, ouvindo as palavras dos deuses sobre os filhos do rei Sagara, que já estavam condenados, disse:

"Ó devas, todo este mundo pertence ao glorioso Vasudeva,<sup>100</sup> e ele, sob a forma do sábio Kapila, o sustenta. Esses príncipes serão vítimas da ira do santo Kapila; a terra é eterna e não pode ser destruída". Os deuses, ouvindo essas palavras, voltaram para as suas próprias regiões, cheios de alegria.

"Enquanto isso, o tumulto causado pelos filhos de Sagara cavando a terra parecia o estrondo do trovão.

"Tendo circundado o mundo inteiro, eles voltaram a seu pai e disseram: 'Nós percorremos o mundo inteiro e matamos deuses, demônios e cobras, mas não encontramos nenhum vestígio do cavalo sacrificial nem do ladrão. Ó pai, que a prosperidade esteja contigo, tem a bondade de refletir sobre o assunto e nos dá mais instruções'.

"O grande monarca respondeu com raiva: 'Vão, cavem a terra mais uma vez, capturem o cavalo, cumpram o seu propósito, então voltem'.

"De acordo com a ordem de seu pai real, os príncipes mais uma vez renovaram sua abertura de túneis e chegaram à forma monstruosa de um grande elefante, que se assemelhava a uma montanha.

99 Jambudwipa: um dos sete continentes dos quais o mundo era composto.

100 Vasudeva: um nome de Vishnu.

"Ó príncipe de Raghu, toda a terra e as montanhas daquele quadrante são sustentadas por aquele elefante Vimpaksha, e

sempre que, por fadiga, ele move seus pés para se confortar, o mundo inteiro treme e se abala.

"Os príncipes o reverenciaram e circungiraram. Eles, então, continuaram a cavar cada vez mais fundo, primeiro para o leste, em seguida, para o oeste. No sul eles viram o segundo grande elefante, cujo nome era Mahapadma. Eles o viram sustentando aquele quadrante da terra e ficaram admirados; eles lhe ofereceram saudações.

"Ó príncipe, os filhos do rei Sagara em seguida cavaram o quadrante norte da terra e viram lá um elefante branco que parecia uma pilha de neve. Seu nome era Hima-Pandara e sua forma era gigantesca; eles o adoraram enquanto ele permanecia sustentando aquele quadrante da terra.

"Então, com zelo furioso, aqueles filhos poderosos e valentes de Sagara cavaram a terra e prosseguiram para aquele quadrante famoso onde eles viram Kapila o eterno senhor Vasudeva e o cavalo pastando perto dele.

"Ó Rama, eles se alegraram, pensando que Shri Kapila havia roubado o cavalo. Cheios de ira, pegando arados, árvores, rochas e pedras, eles correram em direção a ele, gritando: 'Tu és o ladrão do cavalo sacrificial, tu és o ladrão. Ó perverso, nós, os filhos do rei Sagara, te encontramos'".

"Ó Rama, Shri Kapila, ouvindo essas palavras, cheio de raiva, proferiu o som 'Hum' e instantaneamente pelo seu poder



imensurável todos os filhos de Sagara foram reduzidos a cinzas”.

Capítulo 41 – O neto do rei Sagara, Anshuman, encontra o cavalo e as cinzas de seus tios. Ele descobre que os ritos fúnebres devem ser realizados com as águas do rio sagrado Gunga

“Ó Ramachandra, percebendo que um longo período tinha decorrido desde a partida de seus filhos, o rei Sagara falou ao seu poderoso e resplandecente neto Anshuman:

“Ó filho, tu és valente, erudito e ilustre como os teus antepassados, vai e procura os teus tios e o ladrão do cavalo também. O interior da terra é habitado pelos seres mais poderosos, arma-te portanto com espada, arco e flechas. Presta reverência àqueles dignos de serem adorados a quem tu encontrares no caminho e presta homenagem a eles; mata aqueles que obstruírem o teu propósito, então, bem-sucedido, volta e garante a conclusão do sacrifício’.

“Assim instruído por seu avô, o príncipe Anshuman, armando-se com espada, arco e flechas, partiu rapidamente. Honrado no caminho por devas, danavas, asuras e nagas, pisachas, aves e serpentes, ele chegou ao elefante poderoso e resplandecente e

o adorou, perguntando sobre o seu bem-estar. O elefante disse em resposta: 'Ó príncipe Anshuman, tu realizarás o teu propósito e logo retornarás à capital'.

"O príncipe prosseguiu e inquiriu da mesma forma cada um dos outros elefantes grandiosos. Eles todos aconselharam o príncipe, que tinha prestado o devido respeito a eles, a seguir adiante. Como instruído por eles, Anshuman chegou ao lugar onde as cinzas empilhadas dos corpos de seus tios jaziam. Dominado pela tristeza, Anshuman lamentou ao ver que morte os tinha alcançado. Afligido pela

angústia e dor, de repente ele percebeu o cavalo sacrificial pastando por perto. Desejoso de oferecer o rito de água para seus parentes falecidos, ele olhou em volta mas não pôde encontrar água em lugar nenhum. Estendendo o olhar, ele viu seu tio materno, a águia santa, que se dirigiu ao príncipe do seguinte modo:

"Ó leão entre os homens, não te aflijas, esses príncipes encontraram a morte que mereciam. Eles foram reduzidos a cinzas pelo mahatma Kapila de glória inimaginável. Ó sábio, não é adequado oferecer os ritos habituais para eles. Ó grandioso, realiza os ritos com a água do rio sagrado Gunga, a Filha do Himalaia. Quando as águas da purificadora do mundo, a sagrada Gunga, fluírem sobre as suas cinzas, a cerimônia

será coroada de sucesso e os sessenta mil príncipes serão recebidos no céu”.

O ilustre e poderoso príncipe Anshuman ouviu as palavras de Shri Garuda e, voltando rapidamente com o cavalo, se aproximou do rei Sagara, que ainda aguardava a conclusão dos ritos iniciatórios; ele contou-lhe tudo o que a águia tinha dito. O monarca terminou o sacrifício e voltou para sua capital, considerando os meios pelos quais ele poderia fazer Shri Gunga descer à terra; mas em vão.

O rei Sagara, incapaz de conceber qualquer maneira de resolver essa questão, tendo governado por trinta mil anos, partiu daqui.

Capítulo 42 – O filho de Anshuman, Dilipa, fracassa, e seu filho Bhagiratha realiza austeridades para induzir o rio sagrado a descer

Após sua morte, os ministros instalaram o virtuoso Anshuman como rei. Ó Rama, glorioso foi o reinado do rei Anshuman. Ele foi sucedido por seu filho, o mundialmente famoso Dilipa.

O rei Anshuman, deixando seu reino para Dilipa, retirou-se para o topo de um pico do Himalaia e começou a realizar severas austeridades iogues. Tendo passado trinta e dois mil anos

desse modo, sem induzir os rio sagrado Gunga a descer sobre a terra, ele abandonou sua vida.

Familiarizado com o destino dos seus tios, e dominado pela aflição, o soberano poderoso Dilipa não encontrou meios de trazer o rio sagrado para a terra. Consumido pela ansiedade, ele refletia diariamente sobre como ele deveria realizar a descida de Gunga e executar os ritos fúnebres para a libertação das almas de seus antepassados. O virtuoso e ilustre rei Dilipa, constantemente ocupado nessas reflexões, foi então abençoado com o nascimento de um filho virtuoso, Bhagiratha.

O famoso monarca Dilipa, celebrando muitos sacrifícios, governou seu reino por trinta mil anos; seus pensamentos estavam sempre dedicados à libertação das almas dos seus antepassados até que, acometido de doença, ele foi reivindicado pela morte. Tendo deixado o reino para o seu filho Bhagiratha, seu espírito ascendeu à região de Indra.

Ó Rama, Bhagiratha era um sábio nobre e virtuoso, mas ele não tinha herdeiro e estava desejoso de obter um filho. Ó Raghava, ele confiou a administração do seu reino aos seus ministros e foi para o lugar sagrado chamado Gokarna onde ele praticou penitências iogues para atrair a descida da santa Gunga. Com os braços erguidos e os sentidos controlados, ele ficou no meio de cinco fogos na estação mais quente, ingerindo alimento uma vez por mês apenas, e continuou assim durante mil anos.

Ó príncipe poderoso, depois de mil anos, Shri Brahma, o senhor e governador do mundo, ficou satisfeito com Bhagiratha e, acompanhado dos devas, aproximou-se do rei de grande alma e disse:

"Ó Bhagiratha, as tuas práticas virtuosas de yoga provocaram a nossa admiração; pede uma bênção, ó afortunado".

O altamente resplandecente Bhagiratha, com palmas unidas dirigiu-se submissamente a Shri Brahma, dizendo: "Ó Senhor abençoado, se tu queres me conferir os frutos das minhas austeridades, e me conceder uma bênção, então me permite libertar as almas dos filhos do rei Sagara por lhes oferecer água em seus ritos fúnebres, do rio sagrado. Ó Senhor, concede também mais uma bênção para que a dinastia de Ikshvaku possa ser preservada e que eu possa ter um herdeiro".

O avô do mundo inteiro ouviu o rogo do marajá Bhagiratha e respondeu-lhe em tom gentil e agradável:

"Ó poderoso rei Bhagiratha, tu pediste uma grande bênção, que o sucesso te acompanhe! Que o teu desejo de um filho seja realizado. Ó rei, quando Gunga, a filha mais velha do Himalaia, cair sobre a terra com poder esmagador, a terra não será capaz de sustentá-la; ninguém exceto o Senhor Shiva pode realizar isso!"

Tendo proferido essas palavras ao rei Bhagiratha e tendo falado com Shri Gunga também, Shri Brahma voltou com os deuses para a sua própria região.

#### Capítulo 43 – O Senhor Shiva solta o rio sagrado que segue a carruagem celeste do rei Bhagiratha

Shri Brahma tendo partido, o rei Bhagiratha, permanecendo sobre a ponta de um dedo do pé, adorou Shri Shiva por um ano inteiro. Ó poderoso, com os braços erguidos, vivendo do ar, sozinho, fixo como um pilar, dia e noite o rei Bhagiratha oferecia suas adorações ao Senhor.

Um ano inteiro tendo passado, o Senhor de Uma, Shri Mahadeva, que é adorado por todo o mundo, falou o seguinte ao rei Bhagiratha: "Ó grandioso, eu estou satisfeito contigo, eu farei o que tu desejas, eu receberei a descida de Gunga sobre a minha cabeça".

Então a santa Gunga, a filha mais velha do Himalaia, objeto de reverência para o mundo inteiro, assumindo a forma de um rio caudaloso, desceu com força torrencial sobre a cabeça de Shiva. A deusa refletiu consigo mesma que ela forçaria para baixo o Senhor Mahadeva até os antípodas. Shri Shiva, lendo seus pensamentos, ficou irritado e decidiu deter o rio poderoso

em seu cabelo. Parecendo os majestosos Himalaias, as madeixas de Shri Shiva seguraram Gunga que caía e o rio sagrado permaneceu preso lá. Por inúmeros anos Gunga deu voltas e mais voltas nos cabelos de Shri Mahadeva e não conseguia encontrar uma saída.

Ó Rama, quando Shri Bhagiratha não viu o rio sagrado descendo à terra, ele novamente começou sua penitência para propiciar o Senhor do mundo.

Então Shri Shiva soltou Gunga no lago Brindusara e quando ela caiu se dividiu em sete correntes. Os três braços, conferindo prosperidade, Hladini, Pavani e Nalini, fluíram para o leste a partir da cabeça do santo Shiva.

Em seguida a sagrada Gunga de água pura e agradável foi dividida em mais três ramos, Suchakshu, Sita e Sindhav, todos fluindo para o oeste. O sétimo desses rios seguiu a carruagem do marajá Bhagiratha.

O sábio nobre, em um belo carro, seguiu na frente e o rio sagrado Gunga o seguiu.

Foi assim que o rio sagrado desceu do céu sobre a testa de Shri Mahadeva e de lá veio à superfície da terra.

A queda do rio sagrado provocou uma poderosa reverberação, suas águas fluindo por belos caminhos. Viajando em suas carruagens aéreas tão grandes quanto cidades, contendo

elefantes e cavalos, os deuses, sábios, músicos celestes, yakshas e siddhas em grandes números vieram testemunhar a queda do santo Ganges do céu para a terra. Em suas carruagens aéreas chamadas Pariplava, os deuses vieram ver esse evento extraordinário do rio sagrado fluindo sobre a terra, e quando eles desciam dos céus, o esplendor dos seus ornamentos celestes iluminava a abóbada celeste sem nuvens como se mil sóis tivessem surgido lá.

Os peixes vivos e as criaturas aquáticas pulando do rio, jogados para cima pela força da corrente, brilhavam como relâmpago no céu, enquanto a espuma e os borrifos espalhados por todos os lados pareciam bandos de cisnes em voo ou nuvens no inverno.

As águas da sagrada Gunga às vezes subiam alto no ar, às vezes fluíam tortuosamente, às vezes se expandiam, às vezes se chocavam contra as pedras e, às vezes, jorraram para cima depois de caírem ao chão; aquela água pura capaz de remover pecados parecia encantadora fluindo sobre a superfície da terra.

Então os sábios celestes e músicos celestiais e os habitantes da terra tocaram reverentemente aquele rio sagrado caindo das madeixas de Shiva.

Aqueles seres, que por causa de uma maldição, tinham caído das regiões celestes e tinham sido obrigados a viver na terra, foram purificados das suas transgressões por se banharem na



sagrada Gunga. Purificados e livres dos seus pecados, aqueles seres resplandecentes retornaram para as regiões celestes, passando pelo céu.

Onde quer o que sagrado Ganges fluísse, as pessoas ficavam limpas dos seus pecados por se banharem em suas águas.

O rei Bhagiratha, andando em uma carruagem celeste, seguia em frente e Shri Gunga seguia atrás dele.

Ó Rama, os deuses, os sábios, rakshasas, asuras, yakshas, as principais serpentes e ninfas seguindo o rei Bhagiratha, junto com os seres aquáticos e cisnes, acompanhavam o rio sagrado. Qualquer rumo que o rei Bhagiratha tomasse, aquele poderoso rio Gunga, a Destruidora de todo pecado, seguia. Fluindo sempre adiante, Shri Gunga chegou onde o sábio Jahnu, fazedor de milagres, estava realizando um sacrifício. Então o rio sagrado varreu o pavilhão sacrificial e tudo o que ele continha. O rishi Jahnu percebendo o orgulho de Gungaji, enfureceu-se e bebeu toda a água daquele rio, realmente um grande milagre!

Os devas, gandharvas e sábios ficaram admirados e começaram a adorar aquele mahatma Jahnu, dizendo: "A partir de hoje o rio sagrado será chamado de tua filha". O poderoso Jahnu, estando satisfeito, soltou o rio através de seus ouvidos. Por isso Shri Gunga é chamada de Jahnavi (filha de Jahnu). Depois disso ela fluiu novamente atrás da carruagem do rei Bhagiratha. Por fim, a santa Gunga chegou ao mar e entrou nas regiões inferiores para cumprir o propósito do rei.

O sábio real Bhagiratha, acompanhado do rio sagrado, olhou com tristeza para as cinzas de seus ancestrais. Ó príncipe da Casa de Raghu, assim que o rio sagrado tocou as cinzas, os filhos do rei Sagara foram ressuscitados, libertos do pecado, e alcançaram a região celeste.

Capítulo 44 – O rei Bhagiratha termina os ritos fúnebres para os seus antepassados

Quando o rei, acompanhado da sagrada Gunga, chegou ao litoral, ele entrou na região subterrânea onde os filhos do rei Sagara tinham sido reduzidos a cinzas.

"Ó Rama, quando a água sagrada fluiu sobre as cinzas, Shri Brahma o Senhor de todos os mundos dirigiu-se ao rei Bhagiratha deste modo: 'Ó grande rei, tu redimiste os sessenta mil filhos do rei Sagara, que agora moram na região celeste. Ó rei, enquanto as águas do mar continuarem sobre a terra os filhos do rei Sagara em forma celestial desfrutarão do céu. Daqui em diante, ó grande soberano, Shri Gunga será a tua filha mais velha e será conhecida pelo teu nome por toda a terra. Esse rio sagrado se chamará Shri Gunga, Tripathaga<sup>101</sup> e Bhagirathi.

"Ó rei, executa os ritos fúnebres dos teus antepassados e cumpre o teu dever prescrito. O poderoso rei Sagara não foi capaz de alcançar esse objetivo e o rei Anshuman de coragem

ilimitada também não conseguiu obter a realização do seu desejo sincero. Teu pai Dilipa, igual a nós mesmos em mérito e um guerreiro plenamente estabelecido nos deveres de sua casta, aquele ilustre Dilipa suplicou à santa Gunga para descer à terra em vão. Esse grande projeto foi realizado somente por ti. Tu adquiriste renome eterno em todo o mundo.

”Por conseguir isso, tu és possuidor do dharma mais elevado. Ó grande soberano, agora te banha no rio sagrado também. Ó leão entre os homens, purifica-te e adquire mérito, então realiza os ritos fúnebres dos teus antepassados. Ó rei, que a prosperidade te acompanhe, retorna à tua capital, eu agora subirei para a minha própria morada.”

”O poderoso e ilustre Brahma então subiu ao céu, e o sábio nobre Bhagiratha, tendo realizado as exéquias dos filhos do rei Sagara, com a água do sagrado Ganges, voltou à sua capital.

”Desfrutando de toda felicidade, o rei Bhagiratha começou a governar mais uma vez e o seu povo se alegrou porque ele tinha assumido o governo novamente. Todos foram libertados do sofrimento e ansiedade e eles cresceram em riqueza e prosperidade.

”Ó Rama, eu narrei para ti integralmente a história da descida de Shri Gunga. Que a prosperidade esteja contigo. O crepúsculo chegou e é hora da oração da noite. Essa história dá riqueza, prosperidade, fama, longevidade, filhos, e residência no céu para o leitor. Aquele que faz com que ela seja ouvida por

outros, seja ele um brâmane ou um kshatriya, leva alegria aos seus ancestrais e aos deuses.

"Ó Ramachandra, aquele que ouve essa história com atenção fixa obterá tudo o que ele deseja, seus pecados serão perdoados e ele obterá vida longa e renome".

Capítulo 45 – Vishwamitra começa a narrar a história da cidade de Vishala e o batimento do oceano, que leva ao combate entre os devas e os daityas

Shri Ramachandra e Shri Lakshmana ficaram cheios de admiração ao ouvirem as palavras de Shri Vishwamitra, e lhe disseram: "Ó sábio santo,

101 Tripathaga: a que percorre três caminhos.

maravilhosa de fato é a história do rei Sagara e da descida do Ganges, que tu nos contaste".

A noite se aproximou enquanto eles estavam ouvindo a história, e Shri Rama e Lakshmana passaram as horas restantes meditando sobre o assunto.

O dia claro amanheceu e Shri Rama, tendo realizado suas devoções diárias, disse a Shri Vishwamitra: "A noite passou em ouvir essa narrativa divina, ela passou como se fosse um momento. Agora vamos atravessar o rio sagrado e concessor de mérito refletindo sobre a sua origem extraordinária. Sabendo que tu vieste, os outros sábios enviaram um barco em preparação para cruzar o rio sagrado".

Shri Vishwamitra convocou o barqueiro e com os príncipes e os sábios todos foram transportados para o outro lado. Eles descansaram um pouco na margem oposta e acolheram os sábios em sua companhia. À distância eles viram a cidade chamada Vishala, e logo o grande rishi Vishwamitra com os príncipes chegou àquele lugar de beleza, que parecia uma das cidades de Indra.

Então Rama, cheio de sabedoria, se aproximou do sábio santo e perguntou humildemente a respeito da cidade. Ele disse: "Ó grande sábio, qual casa real e ilustre governa aqui? Eu desejo saber".

Ao ouvir essas palavras de Rama, o sábio santo começou a relatar a história da cidade como se segue:

"Ó Rama, presta atenção! Eu te contarei a história dessa cidade, que eu ouvi de Indra.

"Na era de ouro (Satya Yuga) Diti<sup>102</sup> deu à luz um poderoso filho daitya, um asura, e Aditi<sup>103</sup> deu nascimento ao filho altamente afortunado e extremamente virtuoso Devata, um ser

celestial. Esses dois seres sagazes procuraram tornar-se imortais, incorruptíveis e livres de doença, velhice e outros males. Após refletirem sobre esse assunto, eles resolveram bater Kshiroda (o oceano de leite) e obter dele a água da imortalidade. Usando a poderosa cobra Vasuki como uma corda e a montanha Mandara como a batedeira, eles começaram a bater o oceano. Quando eles tinham feito isso por mil anos, a cobra Vasuki mordeu as rochas com seus dentes e vomitou veneno. Disso foi produzido o grande veneno que começou a consumir homens, deuses, demônios e o mundo inteiro.

"Os deuses buscaram proteção com o Senhor Shiva e o adoraram gritando 'Protege-nos, protege-nos'. Atraídos pelo clamor pesaroso dos deuses, Shri Mahadeva e Shri Hari<sup>104</sup> apareceram lá com concha e disco.

"Shri Vishnu dirigiu-se sorridente ao portador do tridente, Shri Mahadeva, e disse: 'Ó Senhor, tu és o principal dos deuses e deves, portanto, aceitar tudo o que é produzido primeiro pelo batimento do oceano. Recebe o veneno como o teu presente, o primeiro tributo'.

"Tendo dito isso, Shri Vishnu desapareceu, e o abençoado Senhor Shiva, movido pela aflição dos deuses e pelas palavras de Shri Vishnu, bebeu o veneno terrível, como se ele fosse néctar, e voltou para Kailasha.

"Ó príncipe de Raghu, os devas e os daityas começaram a bater mais uma vez, mas o bastão de bater começou a afundar. Então os devas e os gandharvas louvaram o Senhor Vishnu, dizendo: 'Ó Senhor abençoado, Tu és o Mestre de todos os seres, tu és o refúgio dos deuses - protege a nós todos, ó Senhor grandioso, e sustenta a montanha Mandara que está afundando'.

102 Diti: uma deusa, mãe dos titãs, daityas.

103 Aditi: uma deusa, denotando 'infinito', mãe dos deuses, adityas.

104 Shri Hari: outro título do Senhor Vishnu.

"Shri Vishnu, assumindo a forma de uma tartaruga, entrou no oceano e apoiou a montanha em suas costas. Agarrando o pico em sua mão, o abençoado Vishnu bateu o oceano, permanecendo entre os devas e os asuras.

"Depois de mil anos, Shri Dhanwantari<sup>105</sup> o professor de Ayur Veda apareceu, segurando um bastão e um loshta em suas mãos; depois disso muitas ninfas emergiram. Ó Raghava, elas foram chamadas de apsaras, 'ap' significando água e 'yara' emergir de; por causa disso aquelas belas donzelas foram chamadas de 'apsaras'. Ó Rama, elas contavam seiscentos

milhões e suas atendedoras femininas eram inúmeras. Nenhuma foi recebida pelos devas nem pelos daityas, portanto, elas ficaram sem um senhor.

"Então, ó príncipe, Varuni,<sup>106</sup> a filha do deus Varuna, nasceu. Os filhos de Aditi não a aceitaram, mas os asuras o fizeram alegremente. Aqueles que a rejeitaram se chamavam suras (devas), e aqueles que a receberam ficaram alegres e se chamavam asuras.

"Ó Raghava, em seguida, o cavalo celestial Uchchaihshravas e a joia Kaustubha também se ergueram do mar, e eles foram seguidos pela água da imortalidade.

"Ó Rama, os devas lutaram com os danavas<sup>107</sup> pela posse do néctar e os daityas se aliaram com os asuras nessa luta; terrível de fato foi esse combate.

"Depois que muitos tinham perdido suas vidas na luta, Shri Vishnu assumiu a forma de Mohini, uma mulher encantadora, o produto de Maya,<sup>108</sup> e roubou o néctar dos combatentes.

"Aqueles que se opuseram ao imperecível Vishnu foram destruídos por ele. Nesse conflito os deuses mataram incontáveis daityas.<sup>109</sup> Indra, depois de matar os asuras, tornou-se o rei dos devas e com a ajuda dos sábios começou a governar com alegria".



## Capítulo 46 – Diti passa por austeridades rigorosas em busca do nascimento de um filho

"Ó Rama, sabendo que seus filhos tinham sido mortos, Diti estava muito aflita e aproximou-se de seu marido Kasyapa<sup>110</sup> com as palavras: 'Ó senhor, por teus filhos poderosos, eu estou sem os meus filhos. Eu desejo um filho que seja capaz de destruir Indra, mesmo que para esse fim eu deva passar por grande penitência. Tais austeridades eu realizarei, se me concederes um filho que seja poderoso, valente, de vontade forte e de propósito firme'.

"O sábio santo respondeu à aflita Diti dizendo: 'Que assim seja! Permanece casta por mil anos, tu então terás um filho capaz de destruir Indra. Por minha graça, o teu filho será o soberano dos três mundos'.

105 Dhanwantari: médico dos deuses.

106 Varuni: literalmente 'vinho', a filha de Varuna, o Senhor das águas.

107 Danavas: [filhos de Danu], gigantes que guerreavam contra os deuses.

108 Maya: o princípio ou poder indescritível, indefinido pelo qual todas as criaturas são iludidas. (Para mais explicações recorra ao Glossário).

109 Daityas: Titãs.

110 Kashyapa: um sábio védico.

"Assim o sábio consolou Diti, e, abençoando-a, partiu para praticar penitência. Diti se retirou contente para a floresta de Kushaplava e começou a passar por austeridades severas.

"Indra então, chegando lá, prestou reverência a ela e começou a servi-la com humildade, suprindo-a com fogo, grama kusha<sup>111</sup> e outras necessidades, massageando seu corpo quando ela ficava fraca por causa do rigor das práticas ascéticas. Ó Rama, Indra serviu Diti por mil anos menos dez dias.

"Então Diti dirigiu-se alegremente a Indra dizendo: 'Ó Indra, o teu pai prometeu me dar um filho depois de mil anos de penitência. Tu logo verás o teu irmão, a quem eu desejo que te supere. Com ele tu compartilharás os três mundos e serás feliz, não tenhas ansiedade'.

"A essa altura a tarde tinha chegado. Diti, dominada pelo sono, colocando seus pés onde a cabeça jazera, descuidadamente assumiu uma postura impura.

"Indra se regozijou e riu alto. Entrando em seu corpo, ele cortou o feto em sete pedaços com sua grande maça. O sono de Diti foi interrompido pelo grito da criança em seu ventre. Indra disse a ela 'Não chores', 'Não chores', e novamente dividiu a criança com sua maça, apesar de os gritos de Diti: 'Não o destruas, não o destruas'.

"Então Indra parou seu ataque assassino e com extrema humildade dirigiu-se a Diti dizendo: 'Ó Diti, tu estavas impura por dormires com teus pés na direção da cabeça da cama, tu assim ocupaste uma posição imprópria. Eu, portanto, cortei o teu filho não nascido em sete partes, já que ele era para ser a causa da minha destruição. Ó Devi, perdoa-me'".

Capítulo 47 – O sábio santo e os príncipes chegam a Vishala e são recebidos pelo rei Pramati

Sabendo que feto estava dividido em sete partes, Diti ficou muito perturbada e disse a Indra:

"Isso ocorreu por minha culpa, ó Indra, de modo algum tu és culpado. Essa criança estando dividida, para o teu bem e o meu próprio, eu declaro que esses sete se tornarão os protetores dos quarenta e nove ventos. Esses sete filhos de aparência divina serão conhecidos como os ventos Bala-Kanda. Que um

vagueie na região de Brahma, outro na região de Indra, e o terceiro no espaço. Que os quatro ventos restantes vão para qualquer lugar sob as tuas instruções; que todos sejam conhecidos pelo nome de Maruts, conferido a eles por ti”.

Com palmas unidas, o deus Indra de mil olhos disse em resposta a Diti: "Ó Devi, seguramente ocorrerá como tu desejas. Os teus filhos irão vagar sob a forma de devas na floresta Tapovana”.

Assim reconciliados e plenamente satisfeitos a mãe e o filho ascenderam ao céu.

Assim eu ouvi, ó Rama! Esta é a floresta Tapovana na qual Indra antigamente serviu sua mãe Diti. Ó leão entre os homens, aqui uma grande cidade foi fundada pelo virtuoso príncipe Vishala, o filho do rei Ikswaku e Alambusa.

111 Grama kusha: grama sagrada usada em cerimônias religiosas, uma grama de talo longo e folhas pontudas. (Desmostachya bipinnata).

Ó Rama, o poderoso filho de Vishala se chamava Hemachandra, e seu filho era o renomado Suchandra. Ó Rama, o filho de Suchandra era Dhumrashwa e seu filho era Srinjaya. O glorioso Sahadeva era filho de Srinjaya e o filho de Sahadeva era o altamente virtuoso Krishashwa.

O filho de Krishashwa era Somadatta e seu filho era Kakustha. O mais ilustre e invencível dos guerreiros, o rei Pramati, filho de Kakustha, é o atual governante de Vishala.

Pela graça do rei Ikswaku todos os soberanos de Vishala são de vida longa, virtuosos e poderosos.

Ó Rama, vamos passar a noite aqui, e amanhã visitaremos o rei Janaka”.

Quando o poderoso rei Pramati soube da chegada de Shri Vishwamitra em seu reino, ele foi com seu preceptor espiritual e parentes recebê-lo.

Com palmas unidas, eles lhe ofereceram o devido culto e perguntaram sobre o seu bem-estar. O rei disse: "Ó Muni, hoje eu sou de fato afortunado porque tu tiveste a amabilidade de visitar o meu reino. Ninguém é mais abençoado do que eu."

Capítulo 48 – Eles chegam ao eremitério de Gautama e Vishwamitra conta sua história

disse:

O rei Pramati, tendo perguntado a respeito do bem-estar de Shri Vishwamitra,

"Ó sábio santo, que o senhor proteja aqueles dois jovens; tem a bondade de

me dizer quem eles podem ser. Esses príncipes, iguais aos deuses em poder, caminhando com o andar de um elefante, destemidos como leões ou touros em combate, cujos olhos parecem lótus, que estão armados com espadas, arcos e aljavas, que rivalizam com os divinos Aswins<sup>112</sup> em beleza e que, na flor da sua juventude, parece deuses visitando a terra. Porque eles estão viajando a pé? Eles são filhos de quem? Porque eles vieram? Abrilhantando a terra como o sol e a lua iluminam o céu; sua maneira de discursar e se comportar mostrando que eles são parentes, porque esses dois heróis de descendência nobre, portando armas poderosas, são encontrados neste caminho difícil? Eu anseio saber".

Shri Vishwamitra narrou para o rei toda a história da visita ao Siddha Ashrama e da morte dos asuras.

O rei ficou muito satisfeito em encontrar os príncipes, e observando que eles eram virtuosos, os acolheu com o maior respeito. Shri Ramachandra e Lakshmana, tendo recebido a hospitalidade do rei Pramati, passaram a noite lá. No dia seguinte, eles partiram para Mithilapuri, a capital do rei Janaka.

Quando eles viram a cidade à distância, eles gritaram: "Como é bela, quão bela ela é!" Em seguida, encontrando um eremitério encantador que estava desabitado, Rama perguntou ao rishi Vishwamitra o seguinte: "Ó sábio, como é que esse belo eremitério não é frequentado? Ó senhor, nos conta, de quem é esse eremitério?"

Shri Vishwamitra, o principal entre os eloquentes, respondeu a Rama dizendo: "Ó príncipe, ouve a história verdadeira desse eremitério, eu te contarei quem foi seu criador e como ele o amaldiçoou em fúria.

112 Aswins: cavaleiros celestiais, filhos gêmeos de Surya, o sol, precursores da aurora.

"Ó Rama, este lugar, uma fonte de admiração até para os deuses, pertencia ao rishi Gautama e parecia a morada dos

celestiais. Aqui, com Ahalya, o sábio praticou yoga por milhares de anos.

"Ó Rama, um dia, o sábio tendo ido para um lugar distante, Indra, encontrando Ahalya sozinha, assumiu a forma dele, e disse a ela: 'Ó formosa, eu estou tomado pelo desejo, vamos cumprir o nosso dever conjugal'.

"Ó Raghava, embora Ahalya reconhecesse Indra disfarçado como seu marido, ela ainda concordou com seu pedido. Então Ahalya dirigiu-se a Indra dizendo: 'Ó Indra, eu estou muito satisfeita, agora parte rapidamente, sem ser observado. Ó chefe dos deuses, protege a mim e a ti mesmo de Gautama'".

"Indra riu e respondeu: 'Ó tu de bela cintura, hoje eu me regozijo, e agora partirei para a minha região'. Nisso ele procurou deixar a cabana de Ahalya.

"Ó Rama, naquele instante, ele observou o rishi Gautama entrar na cabana e ficou agitado e ansioso. Vendo o sábio santo não vencido por devas ou danavas, dotado do poder de yoga, encharcado com água sagrada, brilhando como fogo, segurando o combustível sagrado e a grama kusha em suas mãos, Indra ficou apavorado e empalideceu.

"Shri Gautama, vendo Indra em sua própria aparência, e julgando pela sua aparência culpada que ele estava deixando sua esposa tendo cometido pecado com ela, o amaldiçoou dizendo:



“Ó canalha perverso, assumindo a minha forma, tu cometeste este ato pecaminoso. Sê impotente’. Amaldiçoado pelo rishi Gautama, Indra foi imediatamente privado da sua virilidade. Em seguida, o sábio Gautama amaldiçoou Ahalya também dizendo: ‘Tu permanecerás imóvel neste lugar por milhares de anos, teu alimento o vento somente. Tu serás como a poeira, invisível para todas as criaturas. Quando Rama, o filho de Dasaratha, visitar essa floresta, então tu serás purificada do teu pecado. Tendo-o servido, ó iludida, sem desejo de ganho pessoal, tu serás devolvida a mim no teu corpo presente’.

“Assim o ilustre Gautama amaldiçoou a pecaminosa Ahalya e, abandonando o eremitério, começou suas penitências de yoga em um belo pico do Himalaia, habitado por siddhas”.

#### Capítulo 49 – Shri Rama liberta Ahalya da maldição de Gautama e parte para Mithila

Privado de sua virilidade, Indra ficou deprimido, e dirigindo-se a Agni e aos outros deuses, disse: “Por obstruir as práticas ascéticas do mahatma Gautama, que procurava usurpar meu poder, eu realmente servi ao propósito dos deuses. Evocando sua ira, fazendo-o me amaldiçoar e condenar Ahalya, eu privei o rishi de seu poder espiritual, portanto, ó devas, ó seres divinos, ajudem-me agora a recuperar a minha masculinidade”.

Então os deuses com Agni em sua liderança se aproximaram dos Pitris, kavyavahanas e outros seres e lhes disseram: "Indra foi privado de sua virilidade; este carneiro de vocês está em plena posse dos seus poderes, nos permitam transplantar os testículos do carneiro para Indra, nós podemos compensar o carneiro desta maneira - a partir de hoje, que aqueles que desejam propiciá-los ofereçam o sacrifício um carneiro castrado e recebam a recompensa de grande mérito pelas suas mãos".

Os Pitris fizeram conforme pedido por Agni e enxertaram os testículos do carneiro em Indra. Desde aquele tempo, Ó Rama, eles têm aceitado o sacrifício de um carneiro castrado.

Esse evento prova o poder imensurável das práticas do sábio santo. Agora vamos entrar no seu eremitério. Ó Rama, liberta a infeliz Ahalya, para que ela possa mais uma vez retomar sua forma semelhante à ninfa".

Shri Rama aceitou a ordem e entrou no eremitério, precedido pelo sábio Vishwamitra. Lá eles viram Ahalya, em virtude das práticas yôguicas dela. Não percebida por devas, asuras ou homens, parecia que Brahma a tinha criado com as suas próprias mãos como uma grande mestra de poderes ocultos. Assemelhando-se à lua cheia velada na névoa ou o reflexo do sol na água ou um fogo brilhante envolto em fumaça, pela maldição do rishi Gautama ela permanecia invisível, e foi

ordenado que ela se mantivesse assim até que ela visse Shri Ramachandra, e, até aquela hora, ninguém dos três mundos olharia para ela.

Com a mais profunda reverência Shri Rama e Lakshmana tocaram os pés de Ahalya e ela, lembrando-se das palavras do rishi Gautama, caiu em devoção diante deles. Em seguida, ela os acolheu com a devida hospitalidade, como ordenado nas escrituras, enquanto os dois príncipes reconheciam a honra prestada a eles. Nesse momento uma chuva de flores caiu do céu, espalhada pelos deuses; músicos celestes cantaram e ninfas celestiais dançaram enquanto todos se regozijaram e prestaram homenagem a Ahalya.

O ilustre sábio Gautama, tomando conhecimento do caso através dos seus poderes divinos, dirigiu-se ao ermitério e se regozijou ao ver Ahalya restituída ao seu estado anterior. Reunidos, ambos adoravam o glorioso Rama e depois retomaram a sua vida espiritual juntos.

Shri Rama, tendo aceitado a homenagem oferecida a ele, partiu de lá para Mithila.

Capítulo 50 – Eles são recebidos no local de sacrificio pelo rei Janaka

Precedidos por Shri Vishwamitra, Shri Rama e Lakshmana chegaram ao lugar de sacrifício do rei. Contemplando o pavilhão sacrificial, eles disseram ao sábio santo: "Quão bem o grande Janaka se preparou para o sacrifício! Ó rishi augusto, milhares de brâmanes versados nos Vedas, de muitas terras, com centenas de carros de boi transportando os seus bens, podem ser vistos aqui. Ó santo pai, vamos escolher um lugar onde tu possas descansar".

O sábio então escolheu um lugar que era isolado e abastecido de água.

Sabendo da chegada de Shri Vishwamitra, o rei Janaka, acompanhado por seu ilustre sacerdote, Shri Shatananda, e muitos outros, apressou-se para aquele local, e ofereceu reverências humildemente ao sábio santo. Então o rei colocou os presentes tradicionais de água adoçada com mel<sup>113</sup> diante dele e ele, aceitando os presentes, perguntou sobre o bem-estar do rei e, além disso, se o sacrifício estava prosseguindo sem obstáculos; ele, então, devidamente perguntou sobre o bem-estar de Shri Shatananda e outros homens santos em serviço ao seu soberano.

<sup>113</sup> Madhuparka: uma mistura de coalhos, manteiga, mel e leite de coco – uma oferenda tradicional.

O rei recebeu todos com um semblante alegre e com palmas unidas disse a Shri Vishwamitra: "Ó senhor augusto, por favor, senta-te com os outros grandes sábios". Assim solicitados, eles se sentaram, após o que Janaka com o sacerdote da sua família, brâmanes e conselheiros ocuparam seus lugares, o rei sentou-se no meio de seus ministros.

Tendo cuidado da devida colocação dos seus convidados, o soberano ilustre disse: "Ó senhor, hoje, pela graça dos deuses, todos os preparativos para o sacrifício foram realizados, agora pela tua chegada aqui eu adquiri mérito igual ao fruto do meu sacrifício. Eu sou abençoado porque tu honraste o lugar de sacrifício com a tua presença. Ó sábio divino, os sumos sacerdotes me informaram que o sacrifício será concluído no decurso de doze dias, os deuses então virão receber a sua parte; tu, ó senhor ilustre, os verás".

Tendo assim se dirigido ao sábio, o rei também o questionou seriamente, dizendo: "Que a prosperidade te acompanhe! Ó sábio, quem são esses dois príncipes ilustres, iguais aos deuses em poder, cuja atitude se assemelha à majestade de um elefante, ou de um leão, que são valentes e cujos olhos são como lótus, que estão armados com espadas, arcos e aljavas e cuja beleza rivaliza com os Aswini-Kumara, que são jovens e parecem ter descido do céu para a terra como os deuses? Eles vieram aqui a pé? Eles são filhos de quem? Eles, cujos olhos são grandes e que estão armados com armas sagradas, que usam o cabelo como Karttikeya<sup>114</sup> e que cativam os corações dos

homens por suas qualidades magnânimas e virtuosas?  
Seguramente eles vieram aqui para exaltar os nossos corações e contribuir para a fama da nossa dinastia? Adornando a terra como o sol ou lua adornam o céu, parecidos um com o outro em porte e estatura, ó grande sábio, eles são filhos de quem? Por favor, conta-me tudo”.

Ouvindo as palavras do rei Janaka, Shri Vishwamitra disse:  
“Esses são os filhos do rei Dasaratha”.

Ele então falou ao rei da sua residência no Siddha-Asrama e da morte dos demônios, da sua visita a Vishala e do resgate de Ahalya, também do seu encontro com o sábio Gautama. Então ele disse: “Agora nós viermos ver o grande arco”.

Tendo contado tudo isso ao rei, o grande muni ficou calado.

Capítulo 51 - O filho de Gautama, Shatananda, conta mais da história do sábio Vishwamitra

Tendo ouvido as palavras do sábio Vishwamitra, Shri Shatananda, o filho mais velho do sábio Gautama, resplandecente em virtude da sua prática de yoga, ficou cheio de admiração e alegria e, vendo Shri Rama ficou atônito.

Vendo os dois príncipes sentados à vontade, Shri Shatananda disse ao sábio Vishwamitra: “Ó sábio santo, minha mãe, há

tanto tempo envolvida na prática de austeridade, foi mostrada por ti a Shri Ramachandra? Ó ilustre, minha mãe acolheu esses dois heróis dignos de adoração com frutas e aquelas coisas que ela era capaz de obter no eremitério?

"Ó rishi santo, tu contaste a Shri Ramachandra a história do comportamento impróprio de Indra para com minha mãe nos tempos antigos? Ó santo, em virtude da

114 Karttikeya: o deus da guerra; o cabelo era raspado no topo e as duas partes laterais como asas de corvos deixadas no lado.

chegada de Shri Rama minha mãe obteve o favor do meu pai mais uma vez? Ó Kaushika, meu pai honrou devidamente a Shri Ramachandra, e esse ilustre, tendo recebido a hospitalidade dos meus pais, realmente veio para cá? Ó sábio santo, por favor, me conta; quando o meu pai de mente tranquila entrou no eremitério, ele foi honrado por Shri Rama?"

Shri Vishwamitra, hábil na arte da conversa e conhecedor das leis da retórica, respondeu a Shri Shatananda dizendo:

"Ó grande Muni, eu fiz o que deveria ser feito, por falar o que era apropriado para a ocasião, e ouvir pacientemente o que foi dito, lembrando o meu dever. Como Jamadagni, que primeiro amaldiçoou Renuka e depois foi reconciliado com ela, assim teu

pai mostrou benevolência para com tua mãe, e a recebeu novamente”.

Ouvindo as palavras de Shri Vishwamitra, o grande Shatananda dirigiu-se a Shri Ramachandra, dizendo: "Ó grandioso, que a tua vinda seja a fonte de prosperidade para todos. É venturoso de fato que tu tenhas visitado o eremitério do meu pai e devolvido minha mãe ao seu estado anterior. Como eu posso louvar suficientemente aquele poderoso sábio Shri Vishwamitra, reverenciado por todos os sábios? Ó Rama, iluminadas são as ações dele; em virtude das suas práticas sagradas ele tornou-se um brahmarishi<sup>115</sup> embora anteriormente um sábio real. Entre os brahmarishis ele é único, ele é conhecido por mim como alguém que está sempre preocupado com o bem de todos. Ó Rama, ninguém é igual a ti sobre a terra, pois tu és protegido por um sábio tão grandioso quanto Vishwamitra. Ouve enquanto eu narro a história do grande Kaushika<sup>116</sup> para ti:

"No passado, esse sábio santo era um monarca virtuoso, versado em todos os ramos do saber, que se deleitava com o bem-estar dos seus súditos, e o destruidor de seus inimigos.

"Kusha, o rei justo e poderoso, era o filho de Prajapati, e seu filho era Gadhi, e o grande e ilustre sábio Vishwamitra é o filho de Gadhi.

"Ao subir ao trono, o rei Vishwamitra governou a terra por muitos milhares de anos. Em certo momento, o rei Vishwamitra,



reunindo seu exército, partiu para percorrer a terra. Ó Rama, ele passou por muitas cidades e reinos e cruzou inúmeros rios, montanhas e florestas, visitando muitos eremitérios até que chegou a um pertencente a Shri Vasishtha. Aquele eremitério era densamente plantado com árvores de muitos ramos com folhagem densa nas quais moravam aves de todos os tipos. Muitas espécies de animais frequentavam aquele local, e os siddhas também iam lá, devas, gandharvas e outros seres celestiais contribuía para a paz e beleza daquele eremitério com a sua presença. Belas aves voavam por toda parte e veados pacíficos vagavam aqui e ali. Muitos brâmanes eruditos também moravam naquele eremitério.

"Sábios brâmanes e também rishis celestes habitavam aquele lugar, de modo que ele brilhava como fogo em virtude da presença deles. Aquele eremitério abrigava muitos grandes estudiosos védicos iguais a Brahma, alguns vivendo só do ar, alguns de água, alguns de folhas secas. Outros sábios viviam de frutas e raízes, e havia também milhares de brahmacharis totalmente autocontrolados.

"Cada sábio observava as tradições sagradas, realizando suas devoções da manhã e da noite, repetindo a prece silenciosa (japa), oferecendo água aos espíritos dos seus antepassados, e derramando oblações no fogo sacrificial.

115 Há quatro tipos de sábios ou rishis: o rajarishi ou sábio real [ou nobre], o maharishi ou grande sábio, o brahmarishi ou sábio sagrado, e o devarishi ou sábio divino. A escala ascendente culmina no devarishi.

116 Kaushika: o nome de Vishwamitra, ele sendo o filho do rei Kusika, ou Kusha.

"Muitos chefes de família aposentados praticantes de yoga moravam lá com suas esposas. Realmente aquele eremitério parecia a morada de Brahma, e o grande e poderoso rei Vishwamitra regozijou-se ao contemplá-lo".

Capítulo 52 – Como o rei Vishwamitra visita o eremitério de Shri Vasishtha e aceita a hospitalidade fornecida pela vaca realizadora de desejos, Shabala

Contemplando o eremitério, o poderoso Vishwamitra, cheio de alegria, curvou-se com grande humildade a Shri Vasishtha que estava ocupado na contagem de seu rosário.

Shri Vasishtha recebeu o rei e o convidou a sentar-se, e ele tendo feito isso lhe foram oferecidas as frutas e raízes que cresciam naquele local.

Honrado pelo sábio santo, o rei Vishwamitra perguntou a ele se estava tudo bem com o sacrifício de fogo, suas práticas espirituais e seus discípulos. Shri Vasishtha contou a ele tudo o que concernia ao seu bem-estar e ao bem-estar daqueles no eremitério, até mesmo às próprias árvores.

Sentado à vontade, Shri Vasishtha disse ao rei Vishwamitra, eminente entre os yogues e um filho do próprio Shri Brahma: "Ó rei, tudo vai bem contigo de todas as maneiras? Tu dás satisfação aos teus súditos de acordo com a lei da justiça e tu governas e proteges o teu povo de acordo com a lei espiritual? A tua receita é justamente recebida e aumentada? Ela é administrada judiciosamente e distribuída para aqueles que são elegíveis e merecedores? Os teus servos são remunerados na época adequada? Os teus súditos te obedecem de bom grado? Ó soberano, tu tens subjugado os teus inimigos? Ó rei impecável, está tudo bem com o teu exército, teu tesouro, teus amigos, teus filhos e netos?"

Em resposta a essas perguntas, o rei Vishwamitra respondeu humildemente: "Tudo está bem, meu senhor!"

Conversando agradavelmente por um longo tempo, contando as tradições antigas um ao outro, eles assim promoveram a sua alegria mútua.

Ó príncipe da Casa de Raghu, quando o rei Vishwamitra fez uma pausa, Shri Vasishtha disse-lhe sorrindo: "Ó rei, embora tenhas contigo uma grande comitiva, no entanto, é meu desejo

oferecer-te hospitalidade, juntamente com o teu exército. Fica satisfeito em aceitá-la. Já que tu és um convidado ilustre, é adequado que eu faça tudo ao meu alcance para entreter-te, portanto, tem a bondade de receber o pouco que eu tenho a oferecer”.

O rei Vishwamitra respondeu: "Ó senhor, as tuas palavras gentis e agradáveis são entretenimento suficiente. Além disso, tu já me presenteaste com frutas e água pura do teu eremitério. Por me encontrar contigo sozinho, eu estou suficientemente honrado. Ó supremamente sábio, foi apropriado que eu oferecesse homenagem a ti; agora tu me entretiveste, permite-me te oferecer saudações e partir”.

O grande sábio se recusou a aceitar a recusa do rei à sua oferta, e ainda insistiu que ele deveria entretê-lo.

Então Vishwamitra disse: "Que seja segundo a tua vontade, meu senhor, eu farei o que tu desejas”.

A essas palavras, Shri Vasishtha mandou buscar sua vaca malhada favorita Kamadhenu e disse-lhe: "Ó Shabala, aproxima-te e ouve-me, eu desejo oferecer

hospitalidade ao rei e seu exército. Ó querida, tu és a vaca realizadora de desejos e podes realizar qualquer coisa, portanto, agora prepara pratos magníficos que sejam agradáveis para eles, dos seis tipos de sabor.<sup>117</sup> Produze

rapidamente todo alimento que pode ser comido, bebido, lambido ou chupado”.

Capítulo 53 – O rei deseja possuir Shabala, mas Shri Vasishtha não a entregará

A vaca Shabala proveu as necessidades de todos de acordo com a instrução de Shri Vasishtha. Cana de açúcar, doces de vários tipos, mel, cevada moída, vinho e outras bebidas excelentes, arroz quente em pilhas tão altas quanto montanhas, leite, curry e outras comidas combinando os seis sabores e inúmeros outros pratos com doces feitos de jagari<sup>118</sup> foram distribuídos. Todos ficaram totalmente satisfeitos e contentes com a hospitalidade de Shri Vasishtha, que atendeu todos os companheiros e serventes do rei Vishwamitra ao máximo dos seus desejos.

O rei com seus sacerdotes familiares, ministros e atendentes, compartilhando do banquete oferecido com generosidade e respeito pelo grande sábio, ficou muito satisfeito.

Quando todos os conselheiros e assistentes pessoais e o exército tinham recebido plena hospitalidade, o rei, totalmente satisfeito, disse a Shri Vasishtha: “Ó sábio santo, tu me acolheste regamente, por favor, ouve o que tenho a dizer, ó

eloquente! Ó senhor, dá-me a vaca Shabala em troca de cem mil vacas excelentes. Shabala é uma joia e joias devem ser desfrutadas por um rei – de acordo com a lei natural, esse tesouro deve, portanto, ser meu”.

Shri Vasishtha respondeu, dizendo: “Ó rei, eu não entregaria Shabala em troca de dez milhões de vacas, menos ainda por cem mil. Se tu me oferecesses montanhas de prata eu ainda me recusaria a te dar Shabala, pois ela deve permanecer no meu eremitério.

“Ó rei, como um homem justo se importa com o seu bom nome, assim eu me importo com Shabala. Ela me ajuda a satisfazer os devas, os Pitris e outros seres. O meu sagrado sacrifício de fogo e outros ritos védicos, além dos vários ramos de ciência, dependem de Shabala. Ó grande soberano, de fato eu não posso renunciar a esta vaca, ela é meu tudo e atende a todas as minhas necessidades – por essas e numerosas outras razões eu me recuso a ceder a vaca para ti. Ó rei, eu realmente não entregarei Shabala”.

As palavras de Shri Vasishtha apenas aumentaram o desejo do rei e ele, sob grande emoção, declarou com paixão: “Ó grande muni, eu te darei quatorze mil elefantes adornados com arreios dourados, ornamentos e agulhões e, além disso, eu te darei cento e oito carros feitos de ouro maciço, cada um puxado por quatro cavalos brancos como leite. Ao mesmo tempo, eu te ofereço onze mil cavalos bem treinados, cada um com arreios de ouro e mais dez milhões de vacas de cores variadas, que são

jovens e saudáveis. Ó, dá-me Shabala, e eu te darei em troca tanto ouro quanto tu desejares. Concede-me Shabala, eu te imploro, e aceita os meus presentes, ó sábio”.

117 Os seis tipos de sabor: doce, amargo, ácido, salgado, pungente e acre.

118 Jagari: açúcar mascavo grosso indiano feito de seiva de palmeira.

Em seguida, o sábio Vasishtha disse: "Sob nenhuma condição eu posso desistir de Shabala, ó rei, ela é minha joia e minha riqueza. Ela é a minha própria vida, meu tudo em tudo, e ela me supre com esmolas e tudo o que eu necessito para o sacrifício. Em resumo, ó rei, Shabala é a fonte da minha vida espiritual e eu nunca vou entregá-la”.

Capítulo 54 – O rei Vishwamitra tenta levá-la à força

Ó Rama, percebendo que Shri Vasishtha não concordaria em entregar a vaca de boa vontade, Vishwamitra decidiu levá-la à força.

Ó Raghava, enquanto Shabala estava sendo levada embora violentamente, perturbada pela aflição, ela começou a refletir deste modo: "Por que o santo Vasishtha me abandonou? De que forma eu ofendi o sábio santo? Por que os servos do rei me estão me arrastando para longe do eremitério? Eu sou inocente e dócil, o santo muni é caro para mim; que falha eu cometi para que o mahatma Vasishtha me abandonasse?"

Suspirando repetidamente, Shabala, livrando-se das mãos dos atendentes do rei, correu rapidamente e colocou a cabeça aos pés do sábio santo. Diante de Shri Vasishtha, derramando lágrimas e lamentando alto, ela gritou: "Ó senhor, ó filho de Brahma, tu realmente me abandonaste? Por que os servos do rei estão me tirando da tua presença, pela força?"

Vendo a extremamente aflita Shabala, Shri Vasishtha dirigiu-se a ela como se fosse sua própria irmã, dizendo: "Ó Shabala, não é por minha vontade que tu estás sendo levada dessa maneira, nem tu me ofendeste de alguma forma, ó querida. Ébrio pelo desejo, o rei está te tomando de mim à força. Eu não tenho o poder para te defender. O rei é um guerreiro e senhor da terra, ele está acompanhado por um poderoso exército com cavalos, e elefantes e carros, de fato ele é mais poderoso do que eu".

Shabala, que era hábil em argumentação, escutou as palavras de Shri Vasishtha e disse: "Ó sábio santo, o poder de um guerreiro é como nada comparado àquele de um sábio santo. Ó senhor ilustre, a força de um sábio é divina e baseada no exercício de práticas espirituais e disciplina, ele é, portanto,



ilimitado; tu és, ó senhor, incomensuravelmente mais forte do que um kshatriya. A energia daquele rei poderoso Vishwamitra é grande, mas ele não pode igualar a tua força e esplendor. Ó senhor, pela tua força e energia me permite destruir o poder e orgulho desse patife perverso”.

Shri Vasishtha respondeu: "Que assim seja! Cria um exército pela tua energia espiritual, que irá destruir as forças do rei”.

Mugindo alto, Shabala, em obediência ao sábio, instantaneamente produziu centenas de soldados estrangeiros, que começaram a destruir o exército de Vishwamitra, enquanto ele estava olhando. Percebendo seu exército prestes a ser derrotado, o rei Vishwamitra ficou enfurecido e, subindo na sua carruagem, seus olhos vermelhos de raiva, ele avançou para o ataque. Com várias armas, ele começou a matar milhares de homens, e Shabala, vendo o exército criado por ela, aniquilado, então produziu seres estranhos chamados shakas em tais números, que encheram toda a terra. Muito corajosos, suas peles brilhantes como ouro, vestidos com armadura amarela, equipados com cimitarras e maças, eles começaram a consumir o exército de Vishwamitra como um fogo furioso.

Então o grande Vishwamitra, com o auxílio de armas yôguicas, começou a criar desordem nas fileiras das tropas produzidas por Shabala.

## Capítulo 55 – Shabala cria um exército que aniquila as tropas de Vishwamitra

Quando os poderosos guerreiros caíram, perfurados pelas armas das tropas de Vishwamitra, Shri Vasishtha disse a Shabala: "Ó Shabala, cria mais guerreiros pelo poder do yoga".

Shabala, mugindo ruidosamente, produziu soldados bem armados a partir dos seus pés e úberes, e do seu pelo e coxas nasceram os guerreiros extraordinários Harita e Kirata. Por esses, todo o exército de Vishwamitra composto de elefantes, cavalos e carruagens, foi destruído imediatamente. Vendo todo o seu exército exterminado pelo poder de Shri Vasishtha, os cem filhos do rei Vishwamitra portando armas poderosas e com várias armas lançadas pelo pensamento avançaram furiosamente para o sábio santo Vasishtha. Shri Vasishtha apenas proferiu o som "Hum" e eles todos foram imediatamente consumidos. Pelo grande sábio Vasishtha, a infantaria, cavalaria e carros, junto com os filhos do rei Vishwamitra, foram imediatamente reduzidos a cinzas.

Então o monarca ilustre Vishwamitra, cujos filhos e exército tinham sido aniquilados, ficou cheio de vergonha e consternação. Privado da sua glória, ele parecia um mar sem ondas ou uma cobra sem suas presas ou o sol sob eclipse. Como um pássaro sem asas, sua confiança abalada, seu

orgulho humilhado, ele ficou cheio de ansiedade. Conferindo o reino ao seu único filho remanescente, ele o exortou a governar de acordo com o dharma e, em seguida retirou-se para a floresta para praticar ascetismo.

Depois de algum tempo, ele obteve a graça de Shri Mahadeva,<sup>119</sup> o magnânimo concesso de bênçãos, e ele, aparecendo diante de Vishwamitra, dirigiu-se a ele dizendo: "Ó rei, por que tu estás passando por penitência? Qual é o teu desejo? Eu te concederei tudo que pedires".

Shri Vishwamitra prestando reverência a Shri Mahadeva disse a ele: "Ó Deus Grandioso, se eu caí nas tuas boas graças, então me instrui nas Upanishads e outros ramos de conhecimento, me ensina também os mistérios e a ciência do tiro com arco. Todas as armas que são conhecidas pelos danavas, yakshas, asuras e outros seres, que elas sejam reveladas a mim pela tua graça".

Ao ouvir o pedido do rei, Shri Shiva respondeu: "Que assim seja", e voltou para a sua morada.

O rei Vishwamitra, tendo adquirido as várias armas de Mahadeva, ficou tão feliz quanto o mar na hora da lua cheia. Ele então resolveu subjugar o sábio Vasishtha e já o considerava como seu prisioneiro.

Indo ao eremitério dele ele descarregou as suas grandes armas como chuva, pondo em chamas a floresta Tapovan. Afligidos por aquelas armas terríveis, todos os sábios começaram a fugir aterrorizados para os quatro quadrantes; até mesmo os

discípulos de Shri Vasishtha, junto com inúmeros pássaros e animais, escaparam às pressas em todas as direções. O eremitério de Shri Vasishtha ficou deserto e um profundo silêncio caiu sobre ele, fazendo-o se assemelhar a um campo estéril.

119 Maha-deva: Grande Deus, um nome de Shiva.

Shri Vasishtha bradava repetidamente: "Não tenham medo, não tenham medo, eu destruirei Vishwamitra como o sol dissipa a névoa da manhã".

Então o grande sábio Vasishtha, o mais notável entre aqueles que praticam a prece silenciosa, dirigiu-se furiosamente a Vishwamitra dizendo:

"Tu destruíste o meu eremitério antigo e auspicioso, ó patife perverso e iludido, tu mesmo serás destruído".

Pegando seu bastão igual à vara de Yama, ele avançou como uma chama viva.

## Capítulo 56 – Shri Vasishtha por sua força espiritual vence Vishwamitra que então se dedica a penitências

Ouvindo as palavras duras proferidas por Shri Vasishtha, Vishwamitra, erguendo a arma de fogo, gritou: "Pare! Cuidado!"

Então Shri Vasishtha, erguendo seu bastão Brahma em ira, exclamou: "Ó mais vil dos guerreiros, eu estou aqui, solta todas as tuas armas, incluindo aquelas impulsionadas pelo pensamento que obtiveste do Senhor Shiva. Ó filho de Gadhi, hoje eu te privarei de todas essas armas. Como o teu poder como um guerreiro pode se comparar com o de um sábio divino? Ó canalha estúpido, eis a minha energia divina!"

Assim dizendo, Shri Vasishtha apagou a perigosa arma de fogo lançada nele por Vishwamitra como a água apaga o fogo.

Então o filho de Gadhi disparou cinquenta outras armas perigosas sobre o sábio santo, as armas Varuna, Rudra, Indra, Pashupata e Ishika junto com a Manava, Mohana, Gandharva, Swapana, Jrimbhana, Viadana, Santapana e Vilapana; a Shoshana, Darana e a terrível Vatra; a Brahma-pasha e Kalapasha, a Varuna-pasha e o inestimável Pinaka e também os mísseis Shushka e Ardra, a arma Danda e a Pisacha, a Krouncha e o disco Dharma, o disco Kala e o disco de Vishnu, também a arma Vayuvya, Mathana e Haya-shira ele descarregou sobre o grande sábio com as duas Shaktis, a

Kankala, Mushala, Vidyadhara, Kala, o tridente Kapala e a Kankana. Todas essas ele lançou no sábio santo.

Então Shri Vasishtha realizou um grande prodígio e só por meio do seu bastão destruiu todas as armas de Vishwamitra. Vendo aquelas armas tornadas ineficazes, Vishwamitra ergueu a Brahman-astra. Nisso, Agni, os sábios divinos e os seres celestes foram tomados de terror e os três mundos tremeram de medo. Mas, por meio do seu poder espiritual e do estudo e prática do Brahman-Vidya, Shri Vasishtha subjugou a Brahman-astra. Quando Shri Vasishtha consumiu essa arma tremenda, seu semblante encantador e agradável tornou-se terrível e de cada poro do seu corpo brotaram flechas de luz enquanto o bastão do sábio santo, brilhando como fogo, irrompeu em chamas.

Todos os sábios agora começaram a louvar a Shri Vasishtha, dizendo: "Teu poder é sem igual e sempre produtivo de benefício, pelo poder do teu yoga, pacifica a Brahman-astra. Ó sábio santo, tu humilhaste o orgulho de Vishwamitra. Ó grande asceta, sê pacificado, para que nós também possamos nos livrar do medo".

Assim abordado, Shri Vasishtha assumiu seu semblante habitual e Vishwamitra, derrotado, suspirando pesadamente, exclamou: "Ai, ai do poder de um guerreiro! O poder real é o poder espiritual. Shri Vasishtha por sua força espiritual

derrotou totalmente o meu. Eu irei, portanto, abandonar a minha natureza guerreira e procurar obter a condição de brâmane”.

Capítulo 57 – Shri Vasishtha se recusa a ajudar o rei Trishanku a entrar no céu em seu estado físico

O coração de Vishwamitra estava pesado, se lembrando da sua desgraça, e ele estava cheio de remorso por ter tido inimizade para com Shri Vasishtha.

Ó Rama, com sua rainha ele foi para o quadrante sul e começou sua grande penitência ascética lá.

Depois de muito tempo quatro filhos nasceram dele, todos devotos da verdade, que eram virtuosos e de grande destreza militar. Seus nomes eram Havisyanda, Madhusyanda, Drirhanetra e Maharatha.

Tendo praticado austeridades rígidas por mil anos, o avô do mundo, Shri Brahma, apareceu diante de Vishwamitra e disse: “Ó filho de Kaushika, tu superaste os sábios reais em teu grande ascetismo, tu, portanto, serás incluído entre eles”.

Tendo assim falado, Shri Brahma com os deuses foi para Brahmaloaka. Vishwamitra estava cheio de vergonha e de cabeça baixa, tomado pela dor, falou desse modo: “Ai! Apesar

de austeridades prolongadas, os deuses ainda me consideram um sábio real.<sup>120</sup> Eu não considero esse estado uma recompensa pela penitência pela qual passei”.

Ó Rama, com determinação renovada, Vishwamitra, preeminente no campo do esforço, começou sua vida de mortificação novamente.

Nesse momento, o grande rei Trishanku da Casa de Ikswaku, totalmente autocontrolado e um amante da verdade, resolveu iniciar um sacrifício, a fim de entrar no céu em seu corpo físico. Convocando o santo sábio Vasishtha, ele comunicou sua intenção a ele, mas o mahatma Vasishtha, tendo considerado o assunto devidamente, disse: “Ó rei, isso não pode ser”.

Desencorajado por Shri Vasishtha e para o propósito de realizar o seu plano, o monarca foi para sul onde os filhos de Shri Vasishtha moravam, levando vidas de pureza e ascetismo. Quando o rei Trishanku viu os filhos do seu próprio guru, aquele sábio grande e ilustre, ele ficou cheio de vergonha, e de cabeça baixa ofereceu saudação a eles, dirigindo-se a eles com grande humildade dizendo: “Ó protetores daqueles que buscam amparo em vocês, eu vim para buscar sua ajuda. Ó seres santos, eu roguei ao seu pai para me auxiliar na celebração de um sacrifício e ele me desencorajou. Eu vim, portando, procurar seu auxílio nessa questão. Ó filhos do meu santo guru, eu lhes ofereço saudações. Repetidamente eu me curvo a vocês, ó santos; e rogo a vocês para oficiarem no sacrifício proposto, que eu desejo realizar para o cumprimento do meu projeto, ou



seja, para que eu possa subir ao céu em meu estado encarnado. Desencorajado pelo professor santo Vasishtha, eu considero que só vocês são capazes de me ajudar. Se vocês recusarem, não há ninguém em quem eu possa me refugiar. Os reis da Casa de Ikshwaku sempre têm buscado a orientação de seu preceptor espiritual em tempos de necessidade, e o santo e erudito sábio Vasishtha sempre tem preservado a dinastia e, depois dele, só vocês são meus instrutores”.

120 [Sábio nobre]. Veja a nota 115.

Capítulo 58 – O rei apela aos filhos de Shri Vasishtha para conduzir o sacrifício. Eles o amaldiçoam e ele apela para Vishwamitra

Ó Rama! Ouvindo as palavras do rei, os cem filhos de Shri Vasishtha ficaram cheios de ira e disseram: “Ó patife de mente má, desencorajado pelo teu preceptor espiritual, como tu te atreves a procurar nossa ajuda? Ó rei, nós sabemos que tu és um homem ignorante. Shri Vasishtha é capaz de fomentar os sacrifícios dos três mundos, realmente tu não és um verdadeiro discípulo de tal sábio. Nós deveríamos anular a declaração do nosso grande pai?”

Ouvindo essas palavras duras, o rei respondeu: "Desencorajado pelo meu guru e agora por vocês, eu vou procurar ajuda em outro lugar; que tudo fique bem com vocês".

Os filhos do grande sábio se enfureceram ao ouvirem essas palavras faladas em desafio, e amaldiçoaram o rei, dizendo: "Que tu te tornes um da casta caída". Tendo o amaldiçoado dessa maneira, eles retornaram ao seu eremitério.

Quando a noite passou, o rei foi transformado em um ser de nascimento inferior. Sua cor escura, seu corpo emaciado, sua cabeça raspada, todo o seu corpo coberto de cinzas do crematório, seus ornamentos de ouro transformados em chumbo.

Quando o povo da capital viu o rei nessa condição eles fugiram daquele lugar, e Trishanku partiu, cheio de angústia.

Mergulhado na angústia dia e noite, ele finalmente buscou refúgio com Shri Vishwamitra. O sábio, vendo o monarca privado de seu reino e condenado a assumir a forma de um ser de casta baixa, foi tomado de compaixão, e se dirigiu a ele dizendo: "Ó príncipe poderoso, que tu sejas próspero! Por que tu viste aqui? Eu sei que tu és o soberano de Ayodhya que, através de uma maldição, chegaste a esse estado".

O eloquente rei Trishanku, com palmas unidas, respondeu em tom submisso: "Ó grandioso, desencorajado pelo meu guru e seus filhos no meu desejo de entrar no céu no corpo físico, eu fui transformado por eles em um chandala.<sup>121</sup> Agora, por

vergonha, eu não posso me mostrar para ninguém. Ó senhor, eu falhei em obter o fruto de inúmeros sacrifícios, uma in verdade nunca foi proferida por mim, eu tenho regido meu povo com justiça e por minha conduta satisfiz meu preceptor espiritual e homens santos. Eu desejava fazer um novo sacrifício meritório, mas, ó grande sábio, meu guru negou seu auxílio. Ó senhor, o destino é irrevogável, o destino é inexorável, ninguém pode contrariá-lo. Todos são governados pelo destino. Ó sábio divino, sê favorável a mim, que caí em desgraça! Além de ti, não há ninguém em quem eu possa me refugiar. Ó santo, pela tua energia espiritual, afasta essa má sorte”.

Capítulo 59 – Vishwamitra procura a ajuda dos filhos de Vasishtha e Mahodeva; eles se recusam e são amaldiçoados

Shri Vishwamitra ouviu o apelo do soberano caído e em tom agradável falou palavras de conforto, dizendo: "Ó rei, tu és bem-vindo, eu sei que tu és totalmente virtuoso, eu serei teu refúgio, não temas. Eu convidarei para cá os brâmanes

121 Pária.

eruditos e piedosos que te ajudarão no desempenho do teu sacrifício. Este tu realizarás e alcançarás o céu na forma imposta a ti pelo teu guru. Ó rei, tendo te refugiado comigo, considera o teu propósito já realizado”.

Tendo proferido essas palavras, Shri Vishwamitra mandou seus filhos prepararem todas as coisas para o sacrifício.

Convocando seus discípulos, ele lhes disse: “Tragam aqui os brâmanes piedosos e eruditos e os filhos de Shri Vasishtha também. Que eles venham com seus discípulos, seus amigos, os eruditos e os sacerdotes. Se alguém desatender a minha ordem, que isso me seja relatado”.

Em obediência ao sábio, os discípulos partiram para todos os quadrantes, convocando os sábios e doutos de muitas terras. Retornando, eles se aproximaram Vishwamitra, e disseram: “Ó senhor, por tua ordem os sábios santos estão vindo para cá, alguns já chegaram, exceto Mahodeva; mas os filhos do santo Vasishtha, levados pela raiva, proferiram palavras duras as quais nós te diremos. Eles disseram: “Como os sábios divinos participarão de um sacrifício realizado por um chandala, no qual um kshatriya oficia? E como aqueles brâmanes, obrigados por Vishwamitra, compartilhando do alimento oferecido por um chandala, entrarão no céu?”

Ó grande sábio, essas são as palavras dos filhos de Shri Vasishtha”.

Vishwamitra, com os olhos vermelhos de raiva, respondeu: "Por que os filhos de Shri Vasishtha desrespeitariam a mim, que estou empenhado em práticas ascéticas rígidas e sou inocente? Pelo meu poder, aqueles homens de mente má neste dia serão reduzidos a cinzas e entrarão na morada da morte. Pela minha maldição eles se tornarão daqueles que subsistem dos mortos por cem encarnações. Eles comerão a carne de cães e serão chamados de 'Musthika'.

Desprezados por todos, eles vagarão entre os homens, e que o perverso Mahodeva também, tendo imputado falha a mim, nasça como um caçador, por um longo tempo se tornando o destruidor impiedoso das vidas de outros, e por minha ira que ele caia em um estado miserável e abjeto".

Sentado em meio aos sábios, o sábio Vishwamitra, tendo pronunciado essa maldição, ficou em silêncio.

Capítulo 60 – Por medo de Vishwamitra, os sábios auxiliam no sacrifício e o rei Trishanku ascende a um céu criado especialmente

Tendo atingido os filhos de Shri Vasishtha pelo poder do seu ascetismo, Vishwamitra, sentado em meio aos sábios, falou:

"O famoso monarca Trishanku, da dinastia de Ikshvaku, que é magnânimo e virtuoso, se refugiou comigo. Ele está deseioso de entrar no céu em seu estado encarnado, e eu devo realizar isso. Ó sábio, auxiliem-no unidamente neste sacrifício. Os sábios, ouvindo as palavras de Vishwamitra, e sendo familiarizados com a tradição, deliberaram em si, dizendo: "Ó filho de Kaushika, o rishi Vishwamitra é dado a ira. Se nós não realizarmos o seu desejo, como um fogo devorador ele derramará sua maldição sobre nós. Vamos, portanto, ajudá-lo no sacrifício para que

o rei possa entrar no céu em seu corpo físico. Agora vamos inaugurar os ritos.

Então os ritos começaram, como prescrito pela tradição antiga, Vishwamitra atuando como o sumo sacerdote e os brâmanes se tornando os sacerdotes sacrificadores subordinados a ele. Celebrando numerosos rituais, o sacrifício continuou durante um longo tempo. Então Shri Vishwamitra chamou para lá os

deuses para a sua parte do sacrifício, mas nenhum daqueles seres celestiais apareceu. Nisso o grande sábio ficou extremamente irado e erguendo o recipiente sacrificial, disse ao rei Trishanku: "Ó rei, vê o poder do meu ascetismo em virtude do qual eu agora te envio para o céu no teu estado encarnado. Ó rei, embora seja considerado impossível alcançar esse

objetivo, pelo poder adquirido por mim eu agora te digo; 'ascende ao céu na tua forma física'".

Tendo proferido essas palavras, o rei Trishanku, na presença dos sábios subiu aos céus instantaneamente.

Vendo Trishanku lá, Indra e todos os outros deuses exclamaram: "Ó Trishanku, tu não tens lugar no céu. Amaldiçoado por teu guru, ó canalha estúpido, cai de cabeça na terra".

Conseqüentemente Trishanku começou imediatamente a cair em direção à terra, clamando a Shri Vishwamitra, "Protege-me", "Protege-me".

Shri Vishwamitra, ouvindo o grito, ficou bastante irritado e bradou, "Fica, Fica". Naquele momento, permanecendo entre os sábios, o grande rishi parecia Prajapati. Depois disso ele criou sete planetas no quadrante sul chamados Sete Rishis,<sup>122</sup> e então ele criou a Ashwini e vinte e sete outras estrelas. Sentado entre os sábios, cheio de ira, Vishwamitra refletiu consigo mesmo: "Eu criarei outro Indra ou deixarei este céu sem um Indra. Mais ainda, eu farei de Trishanku o Senhor deste céu", e ele começou a criar um novo grupo de deuses.

Nisso, os sábios, deuses e seres celestiais, desnorteados e perturbados, se aproximaram de Vishwamitra e disseram com humildade: "Ó grande sábio, este rei foi amaldiçoado por seu preceptor espiritual e não é digno do céu".

Shri Vishwamitra lhes respondeu, dizendo: "Ouçam, ó deuses, eu jurei que este rei entraria no céu em seu estado encarnado, essa promessa deve ser cumprida. Para esse fim, eu criei a Estrela Polar e outros planetas e esse céu permanecerá enquanto o céu antigo durar, como também os deuses criados por mim, cabe a vocês, portanto, confirmar o que eu prometi".

Os deuses em admiração, tendo ouvido essas palavras, responderam: "Assim seja, ó rishi ilustre, o céu criado por ti durará além do Caminho de Vishwanara, e que Trishanku, suspenso de cabeça para baixo, permaneça como se imortal entre essas estrelas brilhantes. Como as estrelas acompanham homens famosos e bem-sucedidos, assim que esses luminares brilhantes, criados por ti, acompanhem o rei Trishanku".

Shri Vishwamitra, enaltecido pelos deuses, concordou com a sua proposta.

Depois disso, ó Rama, os deuses e os ascetas que tinham participado do sacrifício voltaram para as suas próprias regiões.

Capítulo 61 - O cavalo sacrificial do rei Ambarisha é perdido e ele procura uma vítima humana



Ó Rama, quando Vishwamitra viu os sábios partindo, ele disse aos residentes da floresta Tapovana: "Na região sul, grandes obstruções têm dificultado as minhas penitências, eu, portanto, irei para outro quadrante para realizar austeridade. A oeste deste local, no local sagrado chamado Pushkara, há uma floresta grande e bela onde eu vou continuar as minhas práticas sem ser incomodado".

122 [Ursa Maior].

Chegando àquele local, o grande sábio, se engajando em práticas ocultas, subsistiu de frutas e raízes.

Enquanto isso, o rei Ambarisha de Ayodhya inaugurou o sacrifício de cavalo, mas o cavalo foi levado por Indra, no que o sacerdote dirigiu-se ao monarca, dizendo: "Ó rei, tu deverias proteger o corcel sacrificial, o cavalo foi roubado devido à tua negligência, portanto, providencia outro ou procura uma vítima humana, de modo que o sacrifício possa ser realizado sem mais obstáculos".

Ouvindo essas palavras, o famoso monarca ofereceu milhares de vacas para quem quer que encontrasse ou um cavalo, ou ser humano. Procurando o animal sacrificial, o soberano ilustre passou por muitos países, cidades e florestas, e entrou em eremitérios e lugares sagrados.

Por fim, o rei Amharisha viu Richika o sábio, com filhos e esposa residindo na montanha Bhrigutunga.

Prestando homenagem a ele, o rei o honrou de várias maneiras e perguntou sobre o seu bem-estar. Ele então lhe disse: "Se for agradável para ti, dá-me um dos teus filhos em troca de cem mil vacas. Depois de procurar em muitos países, eu não encontrei um cavalo ou uma vítima humana para o sacrifício. Ó senhor, portanto, entrega o teu filho para mim e concorda com o meu pedido".

Richika respondeu: "Ó rei, eu nunca darei o meu filho mais velho a ninguém". Sua esposa então disse: "Meu marido não quer se desfazer do seu filho mais velho, mas o filho mais novo Shunaka é o mais querido para mim, eu não me desfarei dele. Ó grande muni, o filho mais velho é amado por seu pai e o mais novo é querido para sua mãe, portanto, esses dois não devem ser levados." Ó Rama, o filho do meio, cujo nome era Shunashepha, ouvindo essas palavras, falou assim: "Meu pai não deseja entregar seu filho mais velho, nem minha mãe seu filho mais novo, portanto, leva-me, ó rei".

Ó Rama, o rei deu ao sábio Richika cem mil vacas em troca de Shunashepha e, subindo na sua carruagem, partiu com ele em sua jornada para casa.

## Capítulo 62 – Shunashepha, a vítima humana, procura e obtém ajuda de Vishwamitra

Ó Rama, o ilustre rei Ambarisha, acompanhado por Shunashepha, tendo à tarde chegado a Pushkara, descansou lá. Enquanto o rei descansava, Shunashepha, indo para certo local, viu Shri Vishwamitra, seu tio materno, empenhado com outros sábios na realização de práticas espirituais e ele, triste, sedento e cansado, caiu aos pés do sábio, e disse: "Ó senhor, para mim não existe pai, nem mãe, nem parente, nem casta. Ó sábio pacífico, ó soberano entre os ascetas, eu busco refúgio em ti; em nome do dharma, me salva. Tu podes proteger o mundo inteiro, quanto mais alguém tão insignificante como eu. Ajuda o rei na conclusão do seu sacrifício para que ele possa ser realizado sem impedimento, e para que eu possa viver e chegar ao céu por meio das minhas práticas espirituais. Tu és meu mestre que estou sem mestre. Protege-me, infeliz como sou, como um pai protege seu filho".

Shri Vishwamitra, ouvindo as palavras comoventes de Shunashepha, dirigiu-se aos seus próprios filhos, dizendo: "Ó meus filhos, aquele mundo pelo qual pais

geram seus filhos está próximo,<sup>123</sup> esta criança é o filho do sábio Richika e buscou proteção comigo, vamos proteger sua vida. Vocês são todos virtuosos e caridosos, que um de vocês

tome o lugar da vítima sacrificial no sacrifício do rei, e, assim, satisfaça o deus Agni. Dessa maneira, nós podemos resgatar Shunashepha. Ajudem-me na conclusão do sacrifício do rei, propiciem os deuses, e me permitam ser fiel à minha palavra”.

Ouvindo essas palavras, Madhusyanda e os outros filhos responderam sombriamente a Vishwamitra, dizendo: "Ó rei dos reis, tu abandonarias os teus próprios filhos e protegeria o de outro? Tal ato se assemelha ao abandono de um prato saboroso para compartilhar da carne de um cão”.

Ouvindo essa resposta, Shri Vishwamitra enfureceu-se, com os olhos inflamados de ira, ele disse: "A sua fala é arrogante e contrária ao dharma, é uma violação do afeto filial. Eu considero vocês todos como insubordinados, por isso, eu agora os amaldiçoo. Como os filhos de Shri Vasishta, que vocês caíam da sua casta alta e, comendo a carne de cães, vaguem pelo mundo durante o período de mil anos!"

Tendo assim amaldiçoado seus filhos, o muni, oferecendo sua proteção a Shunashepha, o instruiu desta maneira: "Ó filho de um sábio, no sacrifício do rei Ambarisha, te permite ser amarrado, enfeitado com a guirlanda vermelha, coberto com pasta de sândalo e amarrado ao poste sacrificial. Eu te darei dois mantras, que quando repetidos, te libertarão”.

O sábio santo então o instruiu cuidadosamente nas fórmulas sagradas. Depois disso, Shunashepha se aproximou do rei e

disse: "Ó monarca ilustre, começa agora a iniciação sem demora e conclui a realização do teu sacrifício".

O rei, cheio de alegria, foi sem demora ao pavilhão sacrificial. Com o consentimento do sacerdote oficiante, o rei vestiu Shunashepha em traje vermelho e o amarrou ao poste como a vítima consagrada. Estando amarrado, Shunashepha começou a louvar Upendra<sup>124</sup> recitando os mantras que recebeu de Vishwamitra.

Indra, satisfeito com a adoração de Shunashepha, lhe deu a bênção de vida longa vida.

Ó Rama, então o rei terminou seu sacrifício e obteve o fruto desejado de

Indra.

Depois disso, o justo Vishwamitra renovou sua penitência yogue em Pushkara

e a realizou lá por mil anos.

Capítulo 63 – Depois de mais austeridades Vishwamitra é proclamado um maharishi

Shri Vishwamitra passou mil anos na prática de mortificação, então os deuses foram lhe dar os frutos do seu ascetismo. O

supremo Brahma se dirigiu a ele em tom agradável, dizendo: "Ó santo, que tu sejas próspero, tu agora te tornaste um rishi em virtude das tuas grandes austeridades". Tendo dito isso, Shri Brahma e os outros seres celestes voltaram para as suas próprias esferas.

123 Os hindus consideram que a sua esperança de uma existência futura depende em grande parte de seus filhos realizarem suas exéquias.

124 Um nome de Indra.

Vishwamitra novamente se empenhou em austeridade rígida e desse modo se passaram muitos mais anos. Enquanto assim empenhado, a ninfa celestial Menaka veio se banhar no lago Pushkara. Parecendo um relâmpago iluminando uma nuvem, sua beleza agitou a paixão de Vishwamitra e ele lhe disse:

"Sê bondosa comigo porque estou cheio de grande amor por ti".

Então aquela bela concordou em morar no ermitério do rishi. As penitências de Vishwamitra foram assim anuladas pela presença de Menaka no ermitério. Ó Rama, aquela ninfa passou dez anos naquele local. Após esse tempo, Shri

Vishwamitra, percebendo que tinha sido iludido, ficou cheio de vergonha e refletiu sobre a causa da sua paixão. Então ele julgou que os deuses tinham arquitetado esse plano para destruir seu ascetismo e ele gritou: "O que, eu passei dez anos com essa mulher, com se fossem uma noite. Ai! As minhas grandes austeridades foram destruídas por essa paixão".

Suspirando pesadamente e cheio de remorso, ele viu Menaka tremendo de medo, próxima, mas Vishwamitra, dirigindo-lhe palavras tranquilizadoras, despediu-se dela.

Tendo controlado as suas paixões, Shri Vishwamitra foi para as montanhas do norte e começou a fazer penitência nos Himalaias na margem do rio Kaushiki.

Então, ó Rama, os deuses ficaram cheios de temor pelas austeridades praticadas pelo rishi nas montanhas do Himalaia, e aproximando-se de Shri Brahma disseram:

"Ó Avô, agora concede o título de maharishi para Shri Vishwamitra".

Shri Brahma então apareceu diante de Vishwamitra e em tom gentil disse a ele: "Saudações a ti, ó rishi, eu estou satisfeito com a tua austeridade. Eu te nomeio o principal entre os rishis".

Então Vishwamitra, prestando homenagem a Shri Brahma, falou submissamente dizendo: "Ó senhor, eu tenho feito essas penitências para que eu possa me tornar um brahmarishi. Já que tu ainda me nomeias maharishi, eu considero que ainda não sou totalmente autocontrolado".

Shri Brahma respondeu, dizendo: "Assim é, tu ainda não obtiveste completamente o domínio sobre os teus sentidos. Ó grande muni, faze mais penitência". Tendo proferido essas palavras, Shri Brahma voltou para as regiões celestiais.

Então Vishwamitra começou uma penitência extremamente severa, de pé sem apoio com os braços erguidos, vivendo apenas do ar; no verão, permanecendo no meio de cinco fogos, na temporada chuvosa ficando sem uma cobertura, no inverno praticando sua disciplina espiritual na água, assim ele passou mil anos.

Percebendo que Vishwamitra estava passando por essas penitências severas, os deuses ficaram muito perturbados. Finalmente seu senhor, Indra, aproximou-se da ninfa Rambha e pediu-lhe para promover seu interesse e causar dano a Vishwamitra.

Capítulo 64 – Indra fica perturbado e envia Rambha para interromper as novas austeridades do sábio

Indra se dirigiu Rambha dizendo: "Ó Rambha, tu deves realizar esta grande obra e estimular as paixões do grande sábio Vishwamitra, para que as suas práticas espirituais possam ser anuladas".



Ó Rama, Rambha, cheia de apreensão ao ouvir as palavras de Indra, disse com humildade: "Ó Indra, o rishi Vishwamitra se enfurece facilmente, ele certamente me amaldiçoará se eu me aproximar dele. Eu temo entrar em sua presença, portanto, não me peças para realizar essa tarefa".

Para Rambha, tremendo de medo, permanecendo com palmas unidas, em sinal de submissão, Indra, respondeu: "Ó Rambha, não temas, realiza o meu desejo, que o sucesso te acompanhe!

Na primavera, assumindo a forma de um cuco chamando docemente, acompanhado pelo deus do amor, eu tomarei meu lugar em uma árvore florescente não longe de ti. Ó Rambha, vestida em traje belo e encantador desvia a mente do muni das suas práticas espirituais".

Por insistência de Indra, aquela ninfa adorável vestida com trajes encantadores, levemente sorridente, partiu para cativar o coração de Shri Vishwamitra.

Naquele momento, as notas fluídas do cuco começaram a encantar o rishi e ele, em seguida, viu a ninfa Rambha. Afetado pela nota do cuco e o som arrebatador da bela canção de Rambha, Shri Vishwamitra, lembrando sua antiga queda, ficou cheio de receio, e reconhecendo o plano do deus Indra, levado pela raiva, amaldiçoou Rambha, dizendo:

"Ó Rambha, ó desafortunada, tu viste aqui para me atrair para longe da minha penitência, eu, que conquistei a luxúria e a ira.

Que tu te tornes petrificada e assumas a forma de uma rocha por dez mil anos. Um brâmane aperfeiçoado no poder de yoga um dia te livrará dessa maldição”.

Tendo pronunciado essa maldição sobre Rambha, o rishi se tornou vítima do remorso, pois, cedendo à ira, ele perdeu o fruto de todas as suas práticas yogues.

Rambha tendo sido instantaneamente transformada em pedra, Indra e Kama, percebendo o sábio cheio de ira, fugiram aterrorizados.

Shri Vishwamitra, tendo perdido o mérito das suas penitências não podia obter paz; suas paixões permanecendo indomadas, ele resolveu não falar nenhuma palavra para ninguém e nunca dar lugar à raiva; ele disse: "Por mil anos, eu não respirarei. Reduzindo o meu corpo à última extremidade, dominando meus sentidos, eu obterei a condição de brâmane pelo poder da minha penitência. Por incontáveis anos, eu permanecerei de pé, nem respirando nem comendo, mesmo que os meus membros se tornem atrofiados”.

Ó Rama, Vishwamitra decidiu fazer essa mortificação pelo espaço de mil anos.

Capítulo 65 – Vishwamitra realiza outros mil anos de austeridades e ele obtém a condição de brâmane

Depois disso o grande Rishi Vishwamitra, deixando o quadrante norte, foi para o leste e se engajou em um curso mais rígido de austeridades. Observando silêncio por mil anos, ele realizou práticas ascéticas incomparáveis, dificilmente capazes de serem realizadas.

Depois de mil anos, sua forma reduzida à aparência de madeira, o sábio nobre, sob a maior provocação, não foi incitado à raiva. Ó Rama, quando Vishwamitra estava convencido de que ele tinha vencido a raiva, seu voto de mil anos de mortificação estando terminado, ele sentou-se para comer.

Naquela hora, Indra apareceu sob o disfarce de um brâmane e pediu o alimento colocado diante do muni, no que Vishwamitra, acreditando que ele era um sábio, deu-lhe tudo o que ele tinha preparado para si, e, ainda cumprindo o voto de silêncio, não proferiu nenhuma palavra.

"O principal dos sábios, suspendendo sua respiração por mais mil anos, continuou sua penitência, então brotou da sua cabeça uma fumaça que aterrorizou os seres dos três mundos. Pelo poder da sua mortificação, os devas, gandharvas, e outros seres foram privados de sua glória e perderam a consciência.

Angustiados, eles se dirigiram a Shri Brahma dizendo: "Ó Senhor, por todos os meios ao nosso alcance nós procuramos distrair o grande sábio das suas penitências e provocá-lo à ira, mas ele persistiu em suas práticas e está livre de desejo e aversão. Se tu não lhe concederes a condição de brâmane, de fato, os três mundos serão destruídos. Ninguém pode encontrar descanso em nenhum lugar, os mares estão secando e as montanhas são partidas pelo poder das suas austeridades; o sol é privado de seu esplendor, a terra está agitada e o vento não se move. Ó Senhor, não podemos movê-lo da sua decisão. Por conta desse perigo, homens como ateus deram-se à realização de atos de caridade. A paz não é encontrada em lugar nenhum. Ó Ser Divino, para que o poderoso Vishwamitra, resplandecente como fogo, não decida destruir o universo, digna-te a conceder-lhe o seu desejo. Como o tempo, na forma de fogo, na dissolução do mundo, consome o universo inteiro, assim também fará o sábio Vishwamitra. Concede a ele, portanto, a posição de Indra, se ele assim o desejar, pois se Tu negares a posição de brâmane que ele tem procurado adquirir, então apenas a soberania da região da Indra irá contentá-lo".

Assim abordado, Shri Brahma, acompanhado pelos deuses, apareceu diante de Shri Vishwamitra e em tons agradáveis se dirigiu a ele, dizendo: "Ó brahmarishi, reverências a ti, nós estamos satisfeitos com a tua austeridade. Ó santo Vishwamitra, pelo poder da tua penitência, tu obtiveste a condição de brâmane. Os deuses te abençoam, que a

prosperidade te acompanhe, que a longevidade seja tua! A partir de hoje, tu és livre, agora vai para onde quiseres”.

Oferecendo saudações a Shri Brahma e a todos os deuses, Shri Vishwamitra disse: "Tendo me dado a condição de brâmane e longevidade, deem-me instrução sobre a sílaba sagrada "AUM" e os Vedas também, e, além disso, me deem autoridade para officiar no sacrifício. Ó deuses, que o filho de Brahma, Shri Vasishtha, totalmente familiarizado com a ciência vênica, me reconheça como um brahmarishi. Se esse meu desejo for realizado, vocês todos podem partir”.

Então os deuses apareceram diante de Shri Vasishtha, que tendo concordado com a sua vontade e selado sua amizade com Vishwamitra, disse-lhe: "Realmente tu és agora um brahmarishi e como tal eu te reconheço". Depois disso os deuses voltaram para a sua própria região. Desse modo o ilustre sábio Vishwamitra alcançou a condição de brâmane.

O sábio divino então prestou homenagem ao grande Vasishtha e, seu propósito cumprido, vagou pela terra empenhado em atos de caridade. Shri Shatananda disse: "Ó Rama, essa é a história de Shri Vishwamitra e de como ele obteve a posição de brâmane. Ó Raghava, realmente ele é o chefe dos sábios e a personificação do yoga. Constantemente envolvido em atos de virtude, ele ainda faz penitências rigorosas”.

Tendo proferido essas palavras, Shri Shatananda ficou silencioso.

Quando esse sábio excelente tinha terminado a sua narrativa, o rei Janaka na presença de Rama e Lakshmana humildemente se dirigiu a Shri Vishwamitra

dizendo: "Ó chefe dos sábios, eu sou abençoado que tu tenhas vindo com Shri Rama e Lakshmana ao meu sacrifício. Ó muni, tu, pela tua presença, nos prestaste grande honra. Ó brahmarishi, tu contribuístes para o nosso renome. Shri Rama, meus conselheiros e eu ouvimos a história das tuas austeridades extraordinárias e também das tuas qualidades excelentes. Ó grande sábio, imenso é o teu poder, inimagináveis as tuas penitências, incalculáveis as tuas virtudes, e ninguém jamais se cansa de ouvir sobre os teus atos maravilhosos. Ó senhor ilustre, o sol se pôs e a hora da devoção da noite está próxima, bondosamente nos dá licença para partir; de manhã te veremos novamente".

Shri Vishwamitra, satisfeito com as palavras do rei, elogiou-o e concedeu-lhe permissão para partir, após o que o rei Janaka se levantou, e circungirando o grande sábio, partiu, acompanhado por seu preceptor espiritual e parentes.

Honrado pelos sábios, o grande Vishwamitra, com Shri Rama e Lakshmana também, retornou à sua residência.

## Capítulo 66 – O rei Janaka conta a história do grande arco e do nascimento de Sita

O dia amanheceu em paz e o rei Janaka, tendo realizado suas devoções matinais, chamou os dois príncipes e Vishwamitra. Tendo honrado o sábio e os dois descendentes da Casa de Raghu, ele disse: "Ó senhor abençoado, a paz esteja contigo, qual serviço eu posso te prestar? Eu sou totalmente teu".

Assim abordado pelo rei, o sábio respondeu: "Estes dois príncipes são os filhos do rei Dasaratha, eles são renomados na casta guerreira e exaltados por toda a terra. Eles desejam ver o grande arco, que está depositado contigo, tem a amabilidade de permitir que eles o vejam e, assim, tendo realizado seu objetivo, eles voltarão para a sua própria capital".

Assim abordado, o rei Janaka respondeu ao sábio: "Ó rishi santo, ouve de mim por qual razão esse arco está depositado comigo. Houve um rei chamado Devarata na sexta geração do monarca Nimi, que obteve a guarda desse arco. Antigamente, Shri Mahadeva, na destruição do sacrifício de Daksha,<sup>125</sup> levantando seu arco em zombaria, disse aos deuses: 'Ó devas, vocês falharam em me dar a minha parte no sacrifício, por isso, por meio desse arco eu vou destruir todos vocês'. "Ó grande sábio, os devas dominados pelo medo, fazendo súplica ao deus, conseguiram propiciar Shri Mahadeva. Então ele entregou o arco para os deuses e

eles o deram ao rei Devarata. Este é o arco.

“Depois disso, enquanto eu estava arando a terra para um sacrifício, uma virgem emergiu dela. Sendo descoberta pelo gume do arado, eu a chamei de Sita,<sup>126</sup> e ela se tornou minha filha. Essa virgem nascida da terra cresceu sob a minha proteção. Para o casamento de minha filha, foi estabelecido por mim e dado a conhecer aos reis que vêm em busca da mão dela que eu não a entregaria a nenhum príncipe cuja força não tivesse sido totalmente provada. Ó sábio renomado, esses reis têm vindo testar sua destreza e eu tenho colocado o arco diante deles e lhes pedido para encordoá-lo, mas nenhum ainda foi capaz de fazer isso. Percebendo que eles eram deficientes em força, eu me recusei a conceder a minha

125 Daksha, o pai de Parvati, o filho de Brahma, um dos Prajapatis.

126 Literalmente um sulco.

filha a qualquer um deles. Esses reis, cheios de raiva, considerando que a sua incapacidade de encordoar o arco os desprestigiou, cercaram a minha capital, e infligiram grande sofrimento ao meu povo. Esse cerco durou um ano inteiro e reduziu imensamente o meu tesouro. Passando por penitências severas, eu propiciei os deuses, que me concederam um grande exército com o qual eu derrotei aqueles reis que se retiraram,



desprovidos de coragem, mas ainda sofrendo sob injúria imaginada.

"Ó grande sábio, este é aquele arco e vou mostrá-lo para esses dois príncipes. Ó rishi, se Shri Ramachandra puder encordoar o arco, eu darei a minha filha Sita a ele em casamento".

## Capítulo 67 – O ilustre Rama quebra o arco e recebe a princesa Sita em casamento

Ouvindo as palavras do rei Janaka, Shri Vishwamitra disse: "Ó rei, que o arco seja mostrado para Shri Rama".

Em seguida o monarca se dirigiu aos seus ministros, dizendo: "Vão, tragam o arco, adornado com flores e sândalo, para cá".

Os conselheiros comandados por Janaka foram para a capital e trouxeram o arco. Quinhentos homens, de grande força, trouxeram o carro de oito rodas sobre o qual o arco estava colocado. Tendo trazido a caixa feita de ferro contendo o arco, os ministros se dirigiram ao seu soberano divino, dizendo: "Ó chefe de homens, aqui está o arco adorado pelos antigos reis, ó soberano de Mithila, ele está à tua disposição".

Então, com palmas unidas em humildade, o rei Janaka falou ao sábio santo Vishwamitra permanecendo com Rama e Lakshmana: "Ó senhor santo, este é o arco que tem sido objeto

de adoração para os reis da dinastia de Nimi e que os monarcas da terra, vindo para cá, têm procurado encordoar. Nem os deuses são capazes de erguer, curvar ou encordoar este arco. Como, portanto, os mortais teriam o poder de fazê-lo se os deuses falharam? Ó grande rishi, vê o arco, que os dois príncipes o examinem”.

O sábio justo Vishwamitra, ouvindo as palavras do rei, disse a Rama: “Ó filho, vê este arco divino.” Então Shri Rama, se aproximando da urna na qual o arco estava, a abriu e olhou para ele.

Ele disse: “Ó senhor divino, pegando-o em minha mão e erguendo-o, eu me esforçarei para encordoar o arco”. Então o rei e o sábio responderam: “Que assim seja”, e Shri Ramachandra com um leve esforço, agarrando o centro do arco, o ergueu na presença de milhares de pessoas e o puxou sem esforço. Pela força incomparável do ilustre Rama, o arco quebrou-se em duas partes e um som semelhante à queda de um raio ressoou rachando as montanhas e fazendo a terra a tremer, e nisso as pessoas por todos os lados caíram inconscientes, exceto apenas Vishwamitra, Rama e Lakshmana.

Depois de um tempo, as pessoas estando um pouco recuperadas, e os receios do rei acalmados, ele se dirigiu ao sábio excelente com humildade, dizendo: “Ó senhor abençoado, eu testemunhei uma façanha incomparável, extraordinária e incontestável de Shri Ramachandra. Minha filha, a princesa Sita, obterá o príncipe Rama como seu marido e contribuirá

para a glória da minha dinastia. Ó grande sábio, hoje o meu compromisso de submeter o futuro pretendente da minha filha a

um teste de força foi cumprido. Agora eu darei a Rama, Sita, que vale mais para mim do que a minha vida. Com a tua permissão, ó sábio, os meus mensageiros em carros rápidos devem ir a toda pressa para Ayodhya, e, contando respeitosamente esse evento ao rei Dasaratha, convidá-lo para a minha capital. Eles devem também informá-lo a respeito do bem-estar dos dois príncipes protegidos por ti e, com a devida honra, trazer o grande rei para cá”.

O sábio Vishwamitra concordando com a proposta, o rei comunicou o assunto aos seus mensageiros e, confiando a eles uma missiva pessoal ao rei Dasaratha, os enviou na sua delegação.

Capítulo 68 – O rei Janaka envia mensageiros para convidar o rei Dasaratha para a capital

Comandados pelo rei Janaka, os mensageiros em carruagens velozes, passando três noites a caminho, com seus cavalos

muito cansados, chegaram a Ayodhya. Entrando nos portões do palácio, eles abordaram as sentinelas, dizendo:

"Por favor, informem ao rei que viemos da parte do rei Janaka e desejamos uma audiência".

O rei Dasaratha, sendo informado, fez com que os mensageiros fossem levados até ele. Entrando no palácio real, eles viram o rei idoso que parecia um deus. Sua presença benigna e cortês os colocando à vontade, eles se dirigiram a ele em tons gentis e submissos dizendo: "Ó soberano ilustre, o senhor do reino de Mithila, o realizador de grandes sacrifícios, o rei Janaka, pergunta com afeição a respeito do teu bem-estar e também sobre o bem-estar dos teus súditos. Com o consentimento do sábio Vishwamitra ele te envia as seguintes boas novas. A filha dele, que tem sido cortejada por muitos reis incapazes de passar pelo teste de força exigido, que então têm voltado para casa frustrados, foi conquistada pelo teu filho altamente afortunado e esplêndido. Ele, na companhia do sábio Vishwamitra, vindo para cá, quebrou o arco sagrado na presença de uma grande assembleia, portanto, o rei Janaka, querendo ver sua filha casada com teu filho, Shri Ramachandra, te envia a seguinte mensagem: "Ó grande soberano, tem a bondade de visitar meu reino com toda velocidade, junto com teus preceptores, tua família e atendentes e te une com os teus filhos. Aceita a forte afeição que eu tenho por ti. Vem para cá e testemunha as núpcias dos teus filhos.

"Ó rei, essas são as palavras do rei Janaka que nós trazemos a ti, aprovadas pelo sábio Vishwamitra e o sacerdote Shri Shatananda".

Tendo proferido essas palavras, os mensageiros, intimidados pela presença do soberano, ficaram em silêncio.

Ao receber essas notícias, o rei Dasaratha, cheio de alegria, disse ao sábio santo Vasishta, Shri Vamadeva e seus ministros: "Protegido por Shri Vishwamitra, Shri Ramachandra e o príncipe Lakshmana estão agora na cidade de Mithila. O famoso Janaka testemunhou a destreza de Shri Ramachandra e deseja dar a sua filha em casamento a ele. Se essa união é aprovada por vocês, vamos partir para Mithila imediatamente, para que possamos alcançá-la com toda velocidade".

Os sábios e ministros lá presentes responderam: "Está bem", após o que o rei, muito satisfeito, disse: "Vamos partir amanhã".

O rei Dasaratha com seus conselheiros acolheu os mensageiros do rei Janaka com grande respeito, e eles passaram a noite lá em conforto.

## Capítulo 69 – O rei Dasaratha parte com seu preceptor espiritual, parentes e ministros

Quando a noite terminou, o rei Dasaratha, contente de coração, acompanhado por seu preceptor espiritual e parentes, convocou seu ministro-chefe, Sumantra, e disse:

"Que os oficiais da tesouraria levem com eles riqueza e joias em abundância e nos precedam em boa ordem. Que as quatro divisões do meu exército se coloquem em prontidão e que carros e palanquins sejam preparados. Que as minhas ordens sejam cumpridas com rapidez. Permitam que Shri Vasishtha, Vamadeva, Javali, Kashyapa, Bhrigu, Markandeya e Katyayana com outros homens eruditos e santos liderem a procissão. Preparem a carruagem real, que não haja atraso, os mensageiros do rei Janaka estão ansiosos para voltar".

Então o poderoso rei Dasaratha acompanhado pelos sábios santos partiu na viagem seguido por seu exército. Passando quatro noites na estrada, eles entraram na capital do rei Janaka, que, tendo mandado a cidade ser enfeitada, avançou para prestar honras aos seus convidados reais. Aproximando-se do idoso soberano Dasaratha, o rei Janaka se encheu de alegria, e se dirigiu a ele com palavras alegres, dizendo: "Ó grande rei, eu te dou boas-vindas, afortunado de fato sou eu, pois tiveste a bondade de me honrar com a tua presença. Agora tu terás a felicidade de olhar para os teus dois filhos.

Duas vezes abençoado sou eu que Shri Vasishtha, acompanhado de outros sábios eruditos, tenha vindo também, como se fosse Indra no meio dos deuses. Todo impedimento à cerimônia de casamento foi afastado e essa dinastia antiga, pela aliança com a Casa de Raghu, adquirirá novo brilho. Ó soberano ilustre, amanhã na conclusão do sacrifício, tendo deliberado com os sábios, tem a amabilidade de celebrar o casamento”.

O monarca eloquente, Dasaratha, sentado em meio aos sábios, respondeu: “Eu tenho ouvido que aqueles que recebem caridade estão sujeitos ao concessor daquela caridade! Ó tu conhecedor da virtude, a nossa é nos submetermos a ti em todas as coisas”.

Ao ouvir o discurso do soberano veraz, o rei Dasaratha, o rei Janaka encheu-se de admiração.

Todos os sábios então se reunindo, passaram a noite em conversa, alegrando uns aos outros mutuamente.

O rei Dasaratha, estando unido com seus filhos estava cheio de felicidade e se rendeu totalmente à hospitalidade do rei Janaka.

O soberano magnânimo de Mithila, tendo concluído as ordens para os preparativos da cerimônia de casamento, se retirou para descansar.

Capítulo 70 – O rei com Vishwamitra e os príncipes são convidados para a corte do rei Janaka onde Vishwamitra relata a linhagem da dinastia

No dia seguinte, o rei Janaka, tendo realizado o sacrifício com a ajuda dos sacerdotes, disse a Shri Shatananda:

“Meu irmão mais novo, o virtuoso e poderoso Kushadwaja, reside na cidade de Sankanshya, que é cercada por um fosso e ameias, provida de plataformas para peças de artilharia pesadas, o rio Ikshu fluindo ao seu lado, e parece a carruagem aérea Pushpaka. Eu desejo ver aquele excelente, que, com generosidade, me ajudou no ato de sacrifício; é apropriado que ele acompanhe a cerimônia de casamento”.

Tendo falado assim para Shri Shatananda, o rei mandou alguns atendentes próximos partirem para lá. Por ordem dele, os mensageiros, como deuses partindo por ordem de Indra, saíram em cavalos velozes para trazer de volta o convidado real.

Chegando a Sankanshya, e sendo recebidos pelo rei Kushadwaja, eles deram-lhe a conhecer a proposta do rei Janaka. O grande rei, concordando com o seu pedido, foi à capital do soberano de Mithila e vendo o virtuoso Janaka de grande alma, junto com Shri Shatananda, curvou-se a eles em saudação.



Tendo ocupado um assento real na assembleia, os dois irmãos ilustres ordenaram seu ministro-chefe, Sudamana, dizendo: "Ó chefe dos conselheiros, rapidamente te aproxima do grande soberano, Dasaratha, de glória ilimitada, e traze aquele excelente à minha corte, junto com os dois príncipes e os seus ministros".

Sudamana, indo para o acampamento do rei Dasaratha, e curvando-se a ele, disse: "Ó grande herói, ó senhor de Ayodhya, o soberano de Mithila humildemente te convida com teu preceptor espiritual, teus sacerdotes e teus dois filhos para a sua assembleia".

Então o rei Dasaratha, acompanhado por seus amigos e parentes, foi ao local onde o rei Janaka estava sentado em meio aos sábios e ministros. E ele, o monarca sábio e eloquente, dirigiu-se ao rei Janaka, dizendo: "Ó grande rei, tu sabes que o sacerdote principal da Casa de Ikshwaku é Shri Vasishtha e meu porta-voz em todas as questões. Portanto, com a aprovação de Shri Vishwamitra ele narrará a linhagem da nossa dinastia para ti".

Tendo falado, Dasaratha ficou em silêncio e Shri Vasishtha então se dirigiu ao rei Janaka e a Shri Shatananda:

"De Brahman, o Imanifesto, surgiu o Eterno e Imperecível Brahma. Dele foi produzido Maricha, Maricha gerou Kashyapa; Kashyapa gerou Surya, Surya gerou Vivaswat, e Vivaswat gerou Manu. Manu era o pai de Ikshwaku que foi o primeiro rei

de Ayodhya. O filho de Ikswaku era Kukshi e seu filho era Vikukshi; o ilustre Vana era o filho de Vikukshi e o filho de Vana era o poderoso Anranya; seu filho era Prithu e o filho de Prithu era Trishanku; o grande Dhundhumara era filho de Trishanku e seu filho foi o herói Yuvanashwa. O renomado Mandhata nasceu de Yuvanashwa e o filho de Mandhata se chamava Susandhi. Susandhi teve dois filhos, Dhruva-sandhi e Prasenajit. Bharata era o filho de Dhruva-sandhi e o famoso Asit era filho de Bharata. Os três filhos de Asit eram Hihaxas, Talajanghas e Shashavindus, grandes reis, que, hostis ao seu pai, travaram guerra contra ele e o mandaram para o exílio. Então o rei Asit, com suas duas consortes, indo para os Himalaias, lá abandonou a vida, deixando as rainhas grávidas, no que uma delas, para destruir o fruto do ventre da outra, deu-lhe veneno.

"Naquela época, um sábio da família de Bhrigu, de nome Chyavana, morava nas alturas do Himalaia praticando penitência lá. Então a rainha de olhos de lótus, Kalindi, desejosa de ter um filho excelente, aproximou-se do sábio que se assemelhava a um deus e curvou-se diante dele. O brâmane dirigiu-se à rainha,

dizendo: 'Ó afortunada, tu levas no teu ventre um herói, que em breve nascerá com o veneno; não tenhas ansiedade''.

"A rainha, fiel ao seu falecido marido, dominada pela tristeza, temendo a morte de seu filho, prestou homenagem ao muni.

Depois disso ela deu à luz um filho, nascido com o veneno administrado pela outra esposa, e ele se chamava Sagara.

"O filho de Sagara era Asumanjas, e seu filho era Anshuman. O filho de Anshuman era Dilipa, e o filho de Dilipa era Bhagiratha. O filho de Bhagiratha era Kakustha e seu filho era Raghu. O filho de Raghu, Prabradha, tornou-se um demônio, e posteriormente foi chamado de Kalamashapada e seu filho era Shangana. O filho de Shangana era Sudarshana, e seu filho era Agni-varna. Shighraga era o filho de Agni-varna e o filho de Shighraga era Manu. O filho de Manu era Prashushruka e seu filho era Ambarisha. O filho de Ambarisha se chamava Nahusha e seu filho era Yayati. O filho de Yayati era Nabhaga.

"O filho de Nabhaga era Aja, e o filho de Aja é o rei Dasaratha; os dois filhos do rei Dasaratha são Rama e Lakshmana.

"Ó rei, eu narrei a genealogia do rei Ikswaku para ti. Todos esses reis eram nobres, virtuosos e notáveis em seu amor pela verdade.

"O rei Dasaratha pede as mãos das tuas filhas em casamento para seus dois filhos, que são em todos os sentidos dignos de ser teus parentes. Ó chefe de homens, concede as tuas filhas a eles".

## Capítulo 71 – O rei Janaka dá um relato da sucessão e sua dinastia

O rei Janaka, prestando homenagem ao sábio Vasishtha, disse: "Ó maharishi, a paz esteja contigo, ouve o relato da sucessão da nossa dinastia. Na hora de entregar uma filha em casamento é usual que o pai recite a árvore genealógica da sua família, tem a bondade de me ouvir, ó senhor.

"Nos tempos antigos, conhecido nos três mundos era o rei Nimi, eminente em virtude, um amante da verdade e o principal entre os reis daquela era. Nimi gerou Mithi cujo filho foi o primeiro Janaka e ele gerou Udavasu. Seu filho era Nandivardhana e ele gerou Sutetu. Suketu gerou o justo Devarata e o filho de Devarata era o sábio real Brihadratha. Ele gerou o grande herói Mahavirya cujo filho era Dhratiman e seu filho era o veraz Sudhriti. Ele gerou Dhrishta-Ketu e seu filho era o sábio nobre Haryashwa. Haryashwa gerou Maru. Então vieram Prasadhaka, Kirttiratha, Devamirha, Bibudha, Mahidhraka, Kirtivaja e Maharoma. Maharoma gerou Swarnaroma e seu filho era Hraswaroma. Hraswaroma teve dois filhos dos quais eu mesmo sou o mais velho, e este é meu irmão mais novo Kushadwaja. Meu pai, legando o reino a mim e me encarregando de cuidar de Kushadwaja, retirou-se para a floresta. Meu pai idoso tendo passado desse mundo, eu comecei a governar de acordo com o dharma, sustentando meu irmão com a maior afeição. Após algum tempo, o rei Sudhanwa sitiou a capital de Mithila, depois

ele me enviou ofertas de paz com a condição de que eu entregasse minha filha, Sita, e também o arco sagrado de Shiva para ele. Ó brahmarishi, ao rejeitar sua oferta uma batalha se seguiu entre nós, na qual Sudhanwa foi morto. Ó grande sábio, o rei Sudhanwa estando morto, eu dei o reino de Sankasya ao meu bem-amado irmão Kushadwaja. Este é o meu irmão bem-amado. Ó sábio, nós nos submetemos em amor, a ti.

"Ó Raghava, para Shri Ramachandra eu dou a minha filha Sita, e o príncipe Lakshmana receberá a princesa Urmila. Sita, semelhante a uma filha dos deuses, eu concedo a Rama; realmente de todo o meu coração eu entrego essas duas filhas minhas aos teus filhos. Ó rei, agora tem a bondade de inaugurar a distribuição tradicional das vacas em caridade. Realiza a cerimônia Nandi-Mukha<sup>127</sup> para que as núpcias possam ser celebradas.

"Hoje a estrela Magda está em ascensão e em três dias a Uttara Phalguni terá surgido; o casamento deve ocorrer naquela conjunção.

"Para assegurar a sua felicidade, que Rama e Lakshmana agora distribuam vacas, terra, sementes de gergelim e outras oferendas necessárias".

Capítulo 72 – O casamento dos quatro filhos do rei Dasaratha é organizado e começam os preparativos

O rei Janaka tendo pronunciado essas palavras, o mahamuni Vishwamitra, como desejado por Shri Vasishtha, disse-lhe:

"Ó rei, magníficas de fato são as duas Casas de Ikshvaku e Videha, sua glória é ilimitada, realmente elas não têm igual. Shri Rama e Sita estão em perfeita harmonia um com o outro, como também Lakshmana e Urmila, cada um é igual ao outro em graça e herança. Ó rei virtuoso, eu tenho algo mais a dizer, ouve-me. Teu irmão mais novo, o rei Kushadwaja, insuperável em virtude, tem duas filhas de beleza incomparável, essas duas eu peço para o sagaz Bharata e o piedoso Shatrughna. Os quatro filhos do rei Dasaratha são jovens, belos, parecidos com os deuses, iguais aos (quatro) guardiões do mundo. Ó grande rei, concede essas duas donzelas aos filhos mais novos do rei Dasaratha. Tu és incomparável em virtude e a Casa de Ikshvaku é inigualável".

Ouvindo as palavras magnânimas de Shri Vishwamitra ecoadas por Shri Vasishtha, o rei Janaka com as palmas unidas dirigiu-se humildemente ao dois sábios augustos:

"Ó santos, eu estou orgulhoso de que vocês tenham aprovado a aliança da minha casa com a Casa de Ikshvaku. Suas ordens devem ser cumpridas. As filhas do rei Kushadwaja devem ser dadas aos príncipes Bharata e Shatrughna em casamento. Que

os quatro grandes filhos do rei Dasaratha sejam unidos com as quatro princesas no mesmo dia. Ó sábio divino, amanhã a constelação Phalguni presidida pelo deus Bhaga<sup>128</sup> estará em ascensão. Os sábios consideram esse período como auspicioso para as núpcias”.

Shri Vasishtha respondendo "Assim seja", o rei Janaka, em grande humildade, dirigiu-se aos sábios santos, dizendo: "Ó reis espirituais, é pela sua graça que eu sou capaz de oferecer as minhas filhas em casamento. Considerem-me como seu servo. Vocês são dignos desses assentos preparados para vocês. Que o meu reino agora pertença ao rei Dasaratha e as minhas afeições se estendam ao reino de Ayodhya. Eu falei a verdade. Ó santos, façam o que é considerado necessário”.

127 A cerimônia Nandi-mukha: a distribuição de vacas em caridade.

128 Bhaga: um dos Adityas cuja época especial Uttara Phalguni é considerada favorável para casamentos e alianças.

O rei Dasaratha, ouvindo com atenção as palavras proferidas pelo rei Janaka, ficou satisfeito e respondeu, dizendo: "Ó irmãos, possuidores de inúmeras qualidades excelentes, vocês

têm honrado os rishis santos e os reis com hospitalidade abundante. Que vocês sejam abençoados! Que a felicidade seja sua! Com a sua licença eu agora me retirarei para os meus próprios aposentos para inaugurar os ritos preliminares”.

Tendo se despedido do rei de Mithila, Shri Dasaratha, precedido pelo sábio santo, foi embora.

No dia seguinte, tendo realizado os ritos tradicionais, o rei Dasaratha deu inúmeras vacas em caridade. Em nome de cada um dos seus filhos, ele deu aos brâmanes milhares de vacas cujos chifres foram cobertos com ouro, produzindo leite rico, junto com seus bezerros. Com cada vaca o rei deu um recipiente de metal para ordenha. Naquele dia, quatrocentas mil vacas foram dadas por ele. Aquele rei poderoso, amando seus filhos sumamente, deu riqueza incalculável em nome deles. O rei Dasaratha, executando essas obras de caridade, cercado por seus filhos, parecia Brahma acompanhado pelos regentes do mundo.

### Capítulo 73 - As cerimônias de casamento são concluídas

No dia em que o rei Dasaratha distribuiu as vacas em caridade, o grande herói Yudhajit, o filho do rei Kaikeya, e o tio materno de Bharata, também chegaram à capital de Janaka.



Vendo o rei Dasaratha, ele fez perguntas a respeito do seu bem-estar e disse: "Ó rei, o senhor de Kaikeya, por afeição, envia notícias do seu bem-estar para ti, e procura saber se está tudo bem com os teus amigos. Ó grande rei, o meu pai desejava ver o príncipe Bharata, e para esse fim eu fui para Ayodhya. Lá, sabendo que tu tinhas ido para Mithila com teus filhos, para as suas núpcias, eu vim para cá às pressas para ver o filho da minha irmã".129

O rei Dasaratha então honrou devidamente seu parente que passou a noite alegremente na companhia dos príncipes.

No dia seguinte, acordando cedo, o rei Dasaratha, executando suas devoções habituais, foi para o pavilhão sacrificial, escoltado pelos sábios.

Em uma hora auspiciosa na presença de Shri Vasishtha e outros sábios, Shri Ramachandra e seus irmãos, enfeitados com todos os ornamentos, estando presentes, as cerimônias preliminares foram realizadas.

Então Shri Vasishtha dirigiu-se ao rei Janaka dizendo: "Ó rei, o rei Dasaratha inaugurou as cerimônias preliminares, ele agora aguarda a tua vontade. O rito sagrado é concluído quando o anfitrião e os convidados se reúnem. Tem a bondade, portanto, de realizar os ritos nupciais principais".

O rei Janaka ouviu as palavras de Vasishtha de grande alma e respondeu: "Qual guarda detém o rei Dasaratha no portão? A sanção de quem sua majestade real procura? Não é essa a sua

casa? Que o rei entre! Ó chefe dos sábios, as minhas filhas, de prontidão, permanecem no altar, brilhantes como a chama clara. Eu, próximo, espero por vocês todos. Não há necessidade de demora. Que o rei faça a cerimônia ocorrer sem mais obstáculos”.

129 Bharata sendo o filho da rainha Kaikeyi, filha do rei de Kaikeyi.

Então o rei Dasaratha com seus filhos e os sábios santos entrou no pavilhão de casamento. Depois disso, o rei Janaka dirigiu-se a Shri Vasishtha, dizendo: "Ó sábio virtuoso, com os outros sábios realiza a cerimônia de casamento”.

Então Shri Vasishtha acendeu o fogo sacrificial no centro do pavilhão. Shri Vishwamitra e Shri Shatananda, permanecendo diante dele, aspergiram o altar com perfume, e o enfeitaram com flores. Em seguida, ele dispôs os recipientes de ouro e a sagrada grama kusha, enchendo muitos vasos com incenso e organizando-os na forma de uma concha. Pratos cheios de grãos tostados e arroz foram colocados lá, e grama durbha espalhada em volta, as fórmulas sagradas sendo pronunciadas

sobre eles. Os rishis santos agora acenderam um fogo pronunciando os mantras védicos e ofereceram oblações nele.

Shri Sita, enfeitada com joias, sentou-se junto ao fogo sagrado defronte a Shri Ramachandra. O rei Janaka, dirigindo-se ao Filho de Raghu, disse: "Ó Rama, a partir de hoje a minha filha Sita será tua companheira na virtude. Aceita-a, ó príncipe, e toma a mão dela na tua. Essa princesa afortunada, fiel e carinhosa, te acompanhará constantemente, seguindo-te como uma sombra, em obediência amorosa. Que ambos sejam felizes".

Dizendo isso, o rei Janaka aspergiu sobre eles água purificada por mantras. Então todos os deuses gritaram: "Jai! Jai!"<sup>130</sup> e música divina tocou, enquanto uma chuva de flores caiu do céu.

Assim Sita foi unida em casamento a Shri Ramachandra.

Então o rei Janaka disse a Shri Lakshmana: "Ó Lakshmana, vem aqui, que a paz esteja contigo! Toma em tua mão a mão da minha filha Urmila, não demores, ó príncipe".

Tendo assim falado, Janaka igualmente dirigiu-se ao príncipe Bharata, dizendo: "Ó Filho de Raghu, aceita a mão da princesa Mandavi", e ao príncipe Shatrughna, ele disse: "Ó grande príncipe, aceita a mão de Shruta-kirtti. Ó príncipes da Casa de Raghu, sejam gentis e fiéis às suas esposas como elas serão a vocês, recebam-nas agora, que não haja demora".

Assim instruídos pelo rei Janaka, os quatro príncipes, pegando as mãos das quatro princesas conforme orientação do sábio Vasishtha, circungiraram o fogo, o rei Janaka e os sábios realizando os ritos como ordenado pela lei sagrada.

Quando a cerimônia nupcial dos quatro príncipes da Casa de Raghu com as quatro princesas terminou, uma chuva de flores caiu sobre eles do céu. Música divina soou, ninfas dançaram e os cantores celestes irromperam em péons<sup>131</sup> de louvor. Todos esses eventos maravilhosos marcaram o casamento dos filhos do rei Dasaratha enquanto os príncipes, circungirando o fogo, eram unidos com suas noivas.

Depois disso, com suas esposas, eles voltaram para os seus aposentos e o rei Janaka, com seus parentes e amigos, tendo participado das festividades com o coração alegre, também se retirou.

Capítulo 74 – Parasurama aparece em meio a sinais inauspiciosos

130 Jai! Jai! Literalmente Vitória! Vitória!

131 [Pé de verso, grego ou latino, formado de três sílabas breves e uma longa].

Quando a noite passou, o grande sábio Vishwamitra despediu-se do rei Dasaratha e do rei Janaka e, abençoando os príncipes e o pai deles, partiu para os Himalaias para meditar lá. O rishi santo tendo ido, o rei Dasaratha pediu a permissão do senhor de Mithila para regressar à sua capital. Despedindo-se do rei piedoso, Janaka o escoltou por alguma distância em seu caminho.

Para o rei de Ayodhya, em nome de sua filha, o rei Janaka deu cem mil vacas, tecidos de lã, incontáveis mantos de seda e elefantes ricamente decorados, cavalos e carruagens. Ele também lhe deu criados homens e mulheres, inúmeras moedas de ouro com quantidades de pérolas e coral. Todos esses e muitos outros presentes o rei Janaka deu com a mente alegre, e tendo se despedido do rei Dasaratha, voltou a Mithila, depois do que o rei Dasaratha com seus filhos ilustres, precedido pelos sábios, partiu na viagem de volta, acompanhado por seu exército.

Conforme os sábios, com Shri Ramachandra, avançavam na companhia do rei, o guincho de aves estranhas e terríveis era ouvido, enquanto cervos assustados fugiam através do seu caminho.

Percebendo esses sinais desfavoráveis, o rei se dirigiu a Shri Vasishtha, dizendo: "Ó guru santo, por que as aves gritam tão ominosamente, e os veados atravessam o nosso caminho? O que esses presságios anunciam? Minha mente está cheia de ansiedade, ó senhor divino".

O maharishi Vasishtha, em tons gentis, respondeu: "Ó rei, o grito temível das aves prenuncia algum grande perigo, mas a travessia dos veados da esquerda para a direita indica um fim rápido para os teus medos".

Enquanto eles ainda estavam falando, a terra começou a tremer e árvores gigantes caíram, a escuridão cobriu a terra e nuvens de poeira velaram o sol, nem os pontos cardeais podiam ser discernidos. Na grande tempestade de poeira que se seguiu, o exército foi dominado pelo terror e todos ficaram paralisados, exceto apenas Shri Vasishtha, o rei Dasaratha e os príncipes.

Quando a poeira se dissipou e o exército estava um pouco recuperado, Shri Vasishtha viu o filho de Yamadagni de aspecto terrível. Com cabelo emaranhado, Parasurama, o que humilha o orgulho de reis e imperadores, se aproximou.

O aspecto do muni semelhante ao esplendor do Monte Kailasha ou os fogos da dissolução no final do período mundial era difícil de ser suportado pelos olhos humanos. Com seu machado de batalha em seu ombro, portando um arco poderoso, brilhante como relâmpago, ele parecia Shiva prestes a derrubar

Tripura.<sup>132</sup> Vendo Parasurama semelhante a um fogo ardente, os sábios refletiram entre si e disseram: "Seu pai estando morto, Parasurama veio novamente para destruir a casta guerreira? Sua ira não foi aplacada quando ele antigamente destruiu toda a casta guerreira? Ele voltou novamente para se vingar de nós?"

Refletindo desse modo, eles se aproximaram de Parasurama com as oferendas tradicionais, dizendo: "Ó Rama, aceita este arghya".

Shri Parasurama, aceitando a oferenda, então se dirigiu a Shri Rama.

## Capítulo 75 – Ele desafia Rama para o combate

"Ó Rama, ó herói ilustre, eu ouvi falar da tua grande destreza. Eu também estou familiarizado com o teu ato heroico, a quebra do arco em Janakapura,

<sup>132</sup> Tripura: o nome de um demônio morto por Shiva.

realmente um feito que desperta admiração e supera a imaginação. Tendo sabido da tua realização, eu, pegando este outro arco, vim aqui. Com esse arco terrível chamado Yamadagni, mostra a tua força, ó Rama, e, colocando uma flecha nele, o dispara. Se tu puderes realizar isso, eu vou me ocupar em combate honroso contigo”.

Ouvindo essas palavras, o rei Dasaratha ficou abatido e abordou o rishi humildemente, dizendo: “Ó santo Parasurama, tu és um grande sábio brâmane, não cabe a ti mostrar raiva para com os guerreiros; sê bondoso para com o meu filho, que ainda é uma criança. Tu nasceste na família de Bhrigu e prometeste a Indra não portar armas nunca mais. Tendo dado o domínio do mundo para Kashyapa e te retirado para a montanha Mahendra para a prática de ascetismo, por que tu agora vens aqui para nos destruir? Ó sábio, se Rama for morto, nenhum de nós sobreviverá”.

O grande filho de Jamadagni, desconsiderando a súplica do rei Dasaratha, novamente dirigiu-se a Rama, dizendo: “Ó Rama, esses dois arcos de modelo primoroso, famosos em todo o mundo, extremamente poderosos, foram forjados por Vishwakarma.<sup>133</sup> Um deles, manejado por Shri Shiva em combate com Tripura, foi quebrado por ti. O outro, mantido por mim, de poder inexprimível, foi dado a Vishnu pelos deuses e é conhecido por dar a vitória sobre o inimigo; ele é igual em força ao que tu quebraste.



"Antigamente os deuses perguntaram a Brahma qual dos dois se superava o outro e Shri Brahma, familiarizado com a sua intenção, invocou uma disputa entre Vishnu e Mahadeva. Eles entraram em combate um com o outro. Pelo grito erguido por Shri Vishnu, Shri Mahadeva foi tornado imóvel e seu arco desencordado. Então os deuses e rishis foram àquele local e fizeram os dois deuses se reconciliarem. Depois disso os deuses julgaram o arco de Vishnu como o mais poderoso e Shri Shiva cedeu seu arco ao rei de Mithila, junto com todas as suas setas.

"Este arco, pertencente a Vishnu, foi dado nos tempos antigos por aquele deus a Richika e ele o deu ao seu filho Jamadagni, meu pai. Ele, tendo renunciado ao porte de armas, retirou-se para praticar austeridade, quando o monarca tolo e impulsivo Sahasravaku o matou. Sabendo da morte cruel do meu pai, eu destruí sucessivamente a casta guerreira, de geração em geração, assim adquirindo domínio sobre a terra. Eu conferi esse grande domínio como um presente ao sábio Kashyapa após a conclusão de um sacrifício, e me retirei para a montanha Mahendra, alegremente observando a prática de yoga. Hoje, ó príncipe valente, familiarizado com a tua grande conquista, eu vim para cá para te ver. Recebe esse arco, dado aos meus antepassados por Shri Vishnu, e no espírito de um guerreiro, coloca uma flecha nele. Se tu conseguires puxar o arco, eu te desafiarei para lutar".

## Capítulo 76 – Parasurama é vencido e privado de sua glória e poder

Ouvindo essas palavras, Shri Rama, tendo em conta a presença de seu pai, respondeu com moderação, dizendo: "Ó Parasurama, os teus feitos são conhecidos por mim, como também a vingança dos assassinos do teu pai. Parece-me que tu me consideras deficiente em coragem, eu, um kshatriya, e um descendente da linhagem solar. Ó rishi, testemunha a minha destreza".

133 Vishwakarma: o arquiteto dos deuses.

Tendo falado assim, Shri Ramachandra, enraivecido, pegou o arco e as flechas das mãos do rishi e encordoando-o, colocou uma flecha nele. Ao puxar o arco poderoso, o filho de Dasaratha dirigiu-se ao rishi com desafio, dizendo: "Ó sábio, tu és um brâmane e como tal eu te honro; tu és, além disso, um parente de Shri Vishwamitra, portanto eu não vou te matar com essa flecha, mas por essa flecha eu vou te tirar o poder de movimento de modo que tu já não serás capaz de viajar através do espaço, ou eu vou te banir daquelas regiões elevadas que alcançaste pela prática da penitência. Dize: qual é

o teu desejo? Essa flecha divina de Vishnu, possuindo o poder de vencer a força e orgulho do inimigo, não pode ser devolvida por mim à aljava, até que tenha cumprido o seu grande objetivo”.

Quando Rama colocou a flecha no arco sagrado, Brahma se reuniu com os deuses para contemplar aquele ato glorioso, seguido pelos gandharvas, apsaras, yakshas e outros seres. Shri Ramachandra tendo segurado o arco poderoso, os três mundos começaram a tremer e Parasurama, privado de seu poder divino, ficou consternado. Privado de sua glória e sem poder, Shri Parasurama, com súplica humilde, dirigiu-se a Rama de olhos de lótus:

“Quando o domínio da terra foi dado por mim ao sábio Kashyapa, ele disse: ‘Tu não deves habitar este reino’. Portanto, ó Rama, em obediência ao sábio, eu não ficarei na terra à noite. Esse mundo já não é meu, mas pertence a Kashyapa. Ó Rama, não me prives do poder de movimento, mas me permitas voltar rapidamente para a bela montanha Mahendra. Tu não podes me privar dos méritos auferidos pela prática de yoga. Eu sei que tu és o Imperecível, tu és realmente o próprio Vishnu, ninguém além de ti pode empunhar esse arco. Ó filho de Raghu, os deuses se reuniram para te ver; tu és preeminente em combate, e o conquistador de teus inimigos. Ó príncipe virtuoso, ser derrotado por Ti não é ignomínia; dispara a tua flecha incomparável e eu voltarei para a montanha Mahendra”.

Então Shri Ramachandra disparou a flecha e o mérito de Parasurama foi anulado, ao que ele partiu rapidamente para a montanha Mahendra.

A escuridão estando dissipada e todo o mundo mais uma vez cheio de luz, Rama foi adorado pelos deuses e sábios, e Shri Parasurama, tendo circungirado o filho de Dasaratha, retornou ao seu próprio eremitério.

Capítulo 77 - O rei Dasaratha com seu exército, e os príncipes com suas noivas, retornam a Ayodhya

Shri Parasurama tendo partido, Shri Rama entregou o arco e as flechas aos cuidados do deus Varuna. Tendo oferecido saudações a Shri Vasishtha e aos outros sábios ele, vendo seu pai cheio de apreensão, se dirigiu a ele, dizendo: "Pai, Shri Parasurama agora se foi, manda o teu exército prosseguir para Ayodhya".

O rei Dasaratha, ouvindo as palavras de Rama, o abraçou e refletiu que o seu filho tinha nascido para ele uma segunda vez. Em seguida, convocando seu exército para avançar, ele em uma carruagem, enfeitada com estandartes, para a fanfarra de trombetas proclamando vitória, entrou em Ayodhya.

As ruas da cidade aspergidas com água e flores pareciam belas, e os cidadãos, regozijando-se com o regresso de seu soberano, o cumprimentaram com gritos de boas vindas.

Recebido pelos brâmanes habitantes da cidade, o rei com seus amigos e parentes, seguido pelos príncipes e suas noivas, entrou no palácio real, que era branco como a neve.

Lá, os parentes do rei o receberam com guirlandas e sândalo. As rainhas Kaushalya, Sumitra e Kaikeyi receberam as noivas e conduziram a afortunada Sita, a ilustre Urmila, e as duas filhas de Kushadwaj ao seu palácio, com ritos auspiciosos. Vestidas em suntuosos mantos de seda, e levadas ao templo para adorar as imagens sagradas, as noivas então ofereceram saudações respeitosas às suas sogras e outras dignas de honra. A partir daí, cada uma começou a viver com seu marido em seu próprio palácio.

Shri Ramachandra com os outros príncipes, possuindo o conhecimento do uso de armas e da ciência da defesa, passava o tempo com seus amigos em serviço a seu pai idoso.

Depois de algum tempo, o rei Dasaratha disse a seu filho Bharata: "Ó meu filho, o teu tio materno, que veio com o propósito de te levar para a casa dele, ainda permanece na capital, portanto, vai com ele ver teu avô".

O príncipe Bharata e o príncipe Shatrughna se prepararam para partir em sua viagem, e se despediram de seu pai e de seu irmão Rama altamente compassivo.

Bharata tendo ido, Shri Rama e Lakshmana serviram o rei envelhecido como se ele fosse um deus e em seu nome realizaram obras de caridade entre as pessoas da cidade.

Rama também serviu sua mãe com profunda afeição, e serviu seu guru com devoção sincera. Seu comportamento nobre satisfazia o rei, os brâmanes, comerciantes e outras castas; sua disposição doce e conduta piedosa encantavam as pessoas da capital. Rama, totalmente dedicado à verdade, era famoso por sua virtude, e dotado de todas as qualidades excelentes como Swyambhu<sup>134</sup> – o próprio Brahma.

Por muito tempo Shri Rama desfrutou de uma vida de contentamento com Sita. Para ele, ela era querida além de todas as coisas e ele entregou todo o seu coração para ela. O amor é reforçado pela beleza, virtude e bondade, e Sita possuía todos esses em um grau de igualdade com Rama. Adorável como uma deusa, Shri Sita era capaz de perceber os pensamentos de seu marido antes que ele os expressasse. A bela Sita, com Shri Ramachandra totalmente satisfeito, parecia Lakshmi, a consorte do incomparável Vishnu.

## L I V R O II

Capítulo 1 – O rei Dasaratha deseja ver o príncipe Rama feito regente, e convoca um conselho

Bharata de grande alma pediu afetosamente ao piedoso Shatrughna para acompanhá-lo na viagem até seu avô materno.

Desfrutando de hospitalidade abundante e mantidos por seu tio Ashwapati com todo o afeto, os dois irmãos moraram lá felizes. Satisfeitos com o amor e o acolhimento concedidos a eles, eles diariamente se lembravam do seu nobre pai, o monarca idoso, e o rei também pensava em seus filhos, agora em um país distante.

Os quatro filhos do rei idoso eram tão estimados por ele quanto os seus próprios quatro braços brotando do seu corpo, mas Rama, parecido com Brahma, dotado de todos os bons atributos, era o mais amado por seu pai. Shri Rama, o Purusha<sup>135</sup> eterno, o próprio Senhor Vishnu, desceu à terra a pedido dos deuses, para matar Ravana, o inimigo de todo o mundo.

A encantadora rainha Kaushalya, brilhando com amor materno por seu filho Ramachandra, parecia Aditi no nascimento de Indra.

Inigualável em beleza, corajoso e cavalheiresco, nunca falando mal dos outros, Rama herdou as virtudes de seu ilustre pai; de temperamento alegre, falando palavras gentis para todos, nunca dando uma resposta rude quando tratado com insolência; quando ofendido, perdoando o ofensor e não lembrando mais da ofensa; demonstrando gratidão pelo menor dos favores e dedicando as suas horas vagas dos assuntos de estado a buscar a amizade daqueles eminentes em sabedoria, conhecimento, idade e conduta. Sábio e generoso, ele era o mais notável em se dirigir a outros, falando com afeição; sumamente corajoso, contudo não tornado arrogante por seus próprios poderes; nunca proferindo falsidade, honrando os eruditos e os idosos, mostrando respeito pelo seu povo que era devotado a ele; tendo dominado a ira; extremamente compassivo, venerando os brâmanes; mostrando extrema piedade pelos pobres; bem versado em responsabilidades públicas e individuais, cumprindo seus deveres domésticos, não só para acrescentar brilho à dinastia, mas também para alcançar um estado elevado no outro mundo. Sábio no cumprimento das suas obrigações; como um filho da Casa de Ikshvaku, mostrando-se terno e amoroso para com aqueles que procuravam a sua proteção; reprimindo os malfeitores; sempre buscando o bem-estar de seus súditos; evitando atividades frívolas e conversas superficiais; nem ouvindo nem falando alguma coisa contra o dharma; em debate igual a Brihaspati em eloquência; livre de enfermidades; jovem, belo, tendo conhecimento do tempo e do espaço e sendo capaz de



adivinhar o conteúdo do coração de um homem em um único olhar; realmente um grande sábio e por suas qualidades maravilhosas tão amado pelo povo quanto a própria vida. Profundamente versado na ciência e na filosofia do Veda, que ele tinha estudado com seu preceptor espiritual, ele até superava seu pai na arte da guerra. O repositório de toda auspiciosidade, virtuoso, alegre, verdadeiro e sincero; tendo recebido plena instrução dos brâmanes na política sagrada e secular, sabendo o significado da virtude, da prosperidade material e do prazer; de memória prodigiosa, familiarizado com a sabedoria do mundo, possuindo uma disposição agradável, gentil, capaz de esconder seus pensamentos; sabendo quando recusar e quando aceitar presentes materiais; ganhando muitos amigos, firme na sua devoção a seu guru e a Deus, não aprovando o pecado; nunca proferindo uma palavra amarga ou

135 Purusha: literalmente o senhor da cidade de nove portões, isto é, o corpo – o morador do corpo como o Senhor interno.

que agitaria os corações dos outros; enérgico, deplorando as suas próprias falhas enquanto desculpando as dos outros; um grande protetor, grato, dando apoio àqueles estimados; em todas as circunstâncias fiel à sua palavra; capaz de proteger os interesses de sua família e amigos; sabendo como infligir

castigo aos perversos. Adquirindo riqueza por meios justos, e sabendo como distribuí-la com discriminação. Proficiente no Veda, seguindo as artes literárias e dramáticas com entusiasmo, dotado do dom da oratória na língua sânscrita e na própria língua nativa; dependendo só do que é correto para felicidade e prosperidade; prudente, talentoso no esporte, música e pintura; um cavaleiro incomparável seja montado em cavalo ou elefante; hábil no tiro com arco, renomado no campo, antecipando o inimigo no ataque e sabendo como destruir suas defesas; excitado com ira justa quando se engajando em combate, de modo que nem deus nem titã podiam resisti-lo; não falando nada contra ninguém; livre do orgulho e da inveja; sempre submisso, mas não dominado em sua resolução por ninguém; preeminente entre o seu povo; famoso nos três mundos; em paciência assemelhando-se à terra, em sabedoria, igual a Brihaspati, em coragem semelhante a Indra.

Brilhando resplandecente como a lua cheia no amor de seu povo e de seu pai, adorado por suas qualidades excelentes, sua coragem incomparável e sua integridade, a terra desejava fazer dele o seu senhor.

Vendo seu filho ilustre manifestar essas qualidades, o rei Dasaratha começou a refletir desta maneira: "Eu fiquei velho e governei por uma grande quantidade de anos. Eu desejo ver Rama coroado enquanto ainda estou vivo!"

Essa inclinação cresceu na mente do rei, e ele esperou ansiosamente pelo momento em que ele poderia renunciar ao

seu trono em favor de Rama. Ele refletiu: "Rama, semelhante a uma nuvem, derramando compaixão sobre todos; amado muito além de mim mesmo; em bravura igual a Yama e Indra, em conhecimento como Brihaspati, em resistência como uma montanha, superior a mim em atributos excelentes; a ele eu desejo conferir o domínio da terra; isso será o meu céu".

Então aquele grande soberano, convocando seus ministros, comunicou-lhes a sua decisão de proclamar Rama, dotado daqueles poderes, raros mesmo em um rei, e uma mina de virtudes extraordinárias, como herdeiro presuntivo.

Naquela época, portentos inauspiciosos apareciam sobre a terra e nos céus, e o rei, consciente de que tinha envelhecido, refletiu que, concedendo o trono a Rama, ele satisfaria seu filho gracioso, e também amenizaria a sua própria tristeza e beneficiaria o seu povo. Cheio de carinho por seus súditos, e para o bem deles, ele desejou aumentar sua felicidade por instalar Rama como herdeiro presuntivo, quando a hora era auspiciosa.

Convocando os príncipes sujeitos e os habitantes de outras cidades e terras com o devido respeito, o monarca idoso os acolheu em seus palácios, conferindo-lhes presentes de vários tipos, mas o soberano de Kaikeya e o rei de Mithila não foram informados da ocasião já que eles saberiam disso posteriormente.

Sentado na assembleia, o rei parecia Prajapati no meio de seus súditos.

Os reis da terra reunindo-se em conselho, o rei Dasaratha ocupando o trono e eles tomando os lugares preparados para eles, reverentemente ficaram em frente à plataforma real, observando as tradições da corte. Cercado por seus senhores feudais e os anciãos, o rei parecia Indra sentado entre os deuses.

## Capítulo 2 – Os anciãos e os conselheiros aceitam prontamente Shri Rama como regente

Em voz sonora, o rei Dasaratha se dirigiu aos líderes das pessoas sentadas à sua frente, proferindo palavras que alegraram seus corações.

Quando o monarca idoso começou a falar, as suas palavras pareciam com a batida de tambores, ou a queda do trovão, mas elas eram sobretudo cheias de grande doçura, e proferidas à maneira de um rei. Ele disse: "Vocês bem sabem que esse vasto império foi mantido pelos meus predecessores e seus pais antes deles. Para promover a felicidade e a prosperidade do reino, antigamente protegido pelos reis de Ikshvaku, eu, percorrendo o caminho trilhado por meus antepassados, o tenho preservado ao máximo. Tendo passado sessenta mil anos sob o dossel real, o meu corpo ficou velho e fraco e procura

repouso. Os encargos do estado, que não podem ser suportados por aqueles de mente descontrolada, eu tenho exercido, e agora estou cansado. Hoje, portanto, com a aprovação dos brâmanes eruditos aqui presentes e para o bem do meu povo, eu desejo entregar o domínio à proteção do meu filho mais velho. Possuidor de todas as virtudes essenciais, Shri Ramachandra, meu filho amado, igual a Indra em bravura e conquistador de seus inimigos, excelente em todas as virtudes, parece a lua acompanhada pela estrela Pushya.<sup>136</sup>

"Eu desejo instalar como regente,<sup>137</sup> Rama, exaltado entre os homens, o irmão mais velho de Lakshmana, digno de ser seu protetor. Realmente, eu de fato acredito que não só a terra, mas os três mundos irão considerá-lo como o seu senhor. Desejando a alegria do universo, eu colocarei sobre ele o peso do governo e assim me livrarei da ansiedade relativa ao reino.

"Se isso lhes parece adequado, me deem seu conselho ou digam o que deve ser feito de outro modo. Embora esse seja o meu decreto, se vocês julgarem que algum outro será um caminho melhor, então falem para que eu possa saber. É bem sabido que o melhor rumo é determinado após deliberação cuidadosa".

Ao ouvirem as palavras do rei Dasaratha, os outros monarcas e os anciãos gritaram em uníssono: "Excelente, Excelente!" Nisso, um som como um trovão distante, agradável de ouvir, ou como o grito de pavões deleitando-se na tempestade, ergueu-se. Depois disso, a intenção do soberano sendo comunicada a

todos, aclamações irromperam que abalaram os alicerces do palácio.

Em seguida, os brâmanes eruditos, os ministros, reis e os anciãos da cidade se reuniram para consulta com aqueles que tinham vindo de longe, e, sendo unânimes, após a devida deliberação, dirigiram-se deste modo ao rei:

"Ó soberano poderoso, tu tens governado por milhares de anos e agora te tornaste idoso, que tu, portanto, nomeies Rama como regente. É nosso desejo que o glorioso príncipe Rama seja visto por nós, montado em um elefante sob o dossel real".

O rei, desejando sondar seus verdadeiros motivos, respondeu com franqueza, dizendo: "Agindo conforme a minha sugestão, vocês todos expressaram a sua vontade de ver Rama nomeado regente, contudo ainda há alguma incerteza em minha mente; digam-me francamente por que vocês desejam ver Rama coroado. Eu errei? Eu falhei em governar com justiça?"

Então os anciãos do povo e os conselheiros responderam ao sagaz soberano Dasaratha deste modo: "Ó rei, teu filho é dotado de atributos excelentes. Ouve sobre

136 Pushya: o nome da sexta mansão lunar, também uma constelação de três estrelas.

137 Regente - Yuvaraja = herdeiro presuntivo.

as qualidades divinas e amáveis daquele sábio e perfeito Ramachandra, qualidades que o fazem benquisto por todos e agradáveis de recordar.

"Em seu amor e zelo pela verdade ele é igual a Indra. Tu, ó rei, és enaltecido acima de todos na Casa de Ikshvaku, mas ninguém no mundo pratica a retidão como faz Shri Rama.

"Por sua conduta, ele acrescentou brilho à virtude e prosperidade. Difundindo felicidade entre o seu povo, ele parece a lua alegrando a terra. Em paciência, ele é como a terra, em sabedoria como Brihaspati, em coragem como Indra. Com um profundo respeito pela verdade, livre de inveja e ciúme, sua disposição é excelente.

"Perdoando todas as ofensas, um consolador dos aflitos e angustiados, ele se dirige a todos com gentileza. Reconhecendo cada favor recebido em medida plena, autocontrolado, fiel à sua palavra aconteça o que acontecer, não falando mal dos outros, de fala sincera; cheio de sabedoria ele sempre reverencia os idosos.

"De renome imensurável, Shri Rama, cuja glória e esplendor aumentam constantemente, que na ciência do tiro com arco é superior até aos deuses, asuras e homens, que estudou todos os ramos do saber e o Veda, também é inigualável na arte da música. A morada da paz e prosperidade, sempre cortês, humilde e sábio, e que, tendo recebido a maior instrução dos brâmanes, é hábil em expor o significado do Veda.

"Quando, em companhia de Lakshmana, ele vai para o ataque, assaltando cidades e aldeias, ele nunca se retira sem derrotar totalmente o inimigo. Retornando triunfante, ele pergunta sobre o bem-estar de seus súditos como se eles fossem seus próprios filhos, e dá atenção especial ao bem-estar das mulheres, servos e de seus discípulos como um pai considera as necessidades de sua família.

"Ó majestade, Shri Rama bondosamente pergunta a respeito dos nossos próprios discípulos se eles nos prestam serviço e hospitalidade adequados e além disso se cumprem seus deveres fielmente.

"Ele sofre com os aflitos e se regozija como um pai quando seu povo celebra um festival. Aquele arqueiro poderoso, o observador da verdade, o servo dos idosos, que abençoa todos aqueles que procuram sua proteção, é totalmente justo.

Realizando ações nobres, ele não ouvirá ou proferirá palavras que criem discórdia. Possuindo uma fronte graciosa e olhos grandes, nisso assemelhando-se ao próprio Vishnu, Rama, pelo processo de dedução, é capaz de conversar com eloquência. Por sua coragem, valentia, autoconfiança e paciência, ele se tornou a alegria de seu povo.

"Sempre pronto para servir seus súditos, desprezando os prazeres sensuais, ele é capaz de governar os três mundos, quanto mais essa pequena terra?



"Sua alegria e ira nunca são excitadas sem motivo. Ele destrói aqueles que merecem a morte, mas demonstra misericórdia para com os inocentes.

"Generoso com aqueles que têm sua aprovação, disposto a sofrer no exercício do autocontrole; amado por seus súditos, ele evoca devoção em todo coração virtuoso.

"Brilhante como a lua por causa dos seus atributos excelentes, a terra o reclama como seu senhor.

"Ó rei, tu és afortunado por possuir esse grande filho que se parece com Kashyapa, o filho de Marichi. O povo de Ayodhya e os cidadãos do reino de Koshala oram continuamente pela vida e bem-estar de Rama.

"Os homens, as mulheres, os idosos e os de longe e de perto, ao amanhecer e ao anoitecer, unidos rezam a todos os deuses para que Shri Rama possa ser sempre acompanhado pela prosperidade. Ó grande rei, concorda bondosamente

com o nosso pedido. Ó dador de bênçãos, nós te pedimos para instalar Shri Rama como regente sem demora. Teu filho, parecendo o próprio Shri Vishnu, é benevolente e generoso para com todos. Ó rei, faze isso com a mente alegre".

Capítulo 3 – O rei decide que Shri Rama deve ser instalado

Para aqueles que com palmas unidas estavam fazendo essa petição, o rei Dasaratha respondeu cortesmente:

"Hoje, de fato, eu sou feliz e afortunado uma vez que o povo deseja que o meu filho, Shri Rama, seja proclamado regente".

Assim, na presença de seus súditos, o rei em tom afável dirigiu-se a Shri Vasishtha, Vamadeva e outros sábios:

"Nesse mês de Chitra, quando as matas estão belas com árvores florescentes, tenham a bondade, ó santos, de preparar todas as coisas para a instalação do meu filho como herdeiro presuntivo".

Depois que o rei tinha falado, o povo aplaudiu, e quando os gritos de aclamação tinham acabado, o monarca dirigiu-se ao poderoso sábio Vasishtha, dizendo: "Ó senhor abençoado, é adequado que tu encomendes as coisas necessárias para a cerimônia de coroação".

Então Shri Vasishtha mandou os ministros presentes providenciarem ouro, pedras preciosas, unguentos, guirlandas de flores brancas, arroz tostado, mel e manteiga clarificada em recipientes separados, também tecidos novos, carros, armas de todos os tipos, um exército completo, elefantes livres de qualquer imperfeição, bandeiras brancas, um dossel branco, chamaras,<sup>138</sup> cem vasos de ouro brilhantes como fogo, touros com chifres dourados, peles de leão e outros requisitos.

Em seguida o sábio Vasishtha lhes ordenou, dizendo:

"Coloquem todos esses no pavilhão sagrado do rei. Que cada portão na capital e nos aposentos privados do palácio seja decorado com guirlandas e sândalo, e que incenso fragrante seja aceso em todos os lugares.

"Ó ministros talentosos, providenciem alimentos doces e que deem saúde, leites e coalhos em pratos atraentes suficientes para alimentar cem mil brâmanes. Amanhã os brâmanes santos devem ser respeitosamente servidos com manteiga, coalhada e arroz tostado e presenteados com dakshina suficiente para preservá-los da escassez para o resto de suas vidas.

"Amanhã, no início da manhã, o Canto da Paz deve ser recitado, portanto, que os brâmanes santos sejam convidados e seus assentos preparados. Que estandartes e arcos de flores sejam expostos em todos os lugares, e as estradas borrifadas com água. Que moças lindamente vestidas com suas acompanhantes esperem às portas do palácio; que alimentos e bebidas refrescantes sejam fornecidos em todos os cruzamentos principais, também doações de dinheiro e objetos rituais que são considerados sagrados; que frutas e flores sejam enviadas separadamente; que guerreiros armados vestidos em traje limpo e armados com cimitarras esperem no pátio do rei".

Desse modo, Shri Vasishtha e Shri Vamadeva realizaram tudo o que tinha sido ordenado pelo rei e, tudo sendo executado para

a sua satisfação, informaram ao grande monarca conformemente. Então o soberano ilustre disse ao primeiro

138 Chamaras: espanadores [ou abanadores] feitos de cauda de iaque.

ministro Sumantra: "Que o talentoso príncipe Rama seja trazido aqui com toda rapidez". Concordando com a ordem real, Sumantra levou para lá em uma carruagem real aquele grande guerreiro, Shri Rama. Cercado pelos governantes da terra, do leste, do oeste, do norte e do sul, os reis de descendência ariana e não ariana e os das florestas e das colinas, o rei Dasaratha parecia Indra no meio dos deuses.

Ele viu seu filho Shri Ramachandra, belo, corajoso, de considerável comprimento de braço, destemido, andando como um elefante ébrio, seu rosto assemelhando-se à lua, belo de se olhar, cativando os corações de todos por sua virtude e generosidade, revigorando seus súditos como as nuvens refrescam os afligidos pelo calor.

O monarca não podia olhar suficientemente para o seu filho amado enquanto ele, acompanhado por Sumantra que o seguia com reverência, desceu da sua carruagem e subiu os degraus do palácio real que parecia o monte Kailasha.

Aproximando-se do rei, ele anunciou o seu nome e fez profunda reverência a seus pés.

Vendo o príncipe de pé respeitosamente ao seu lado, o rei o abraçou e pediu-lhe para ocupar o trono de ouro engastado com joias e ouro. Raghava assim sentado parecia o sol nascendo na montanha Sumeru. Toda a assembleia foi iluminada pela presença de Shri Rama que se parecia com a lua passeando no céu noturno cheio de inúmeras estrelas.

Como um homem adornado com muitos ornamentos fica radiante de alegria ao ver a sua própria imagem refletida em um espelho, assim o rei Dasaratha ficou cheio de alegria inefável ao contemplar a glória de seu filho; e como Kashyapa dirigindo-se a Indra, o soberano poderoso sorrindo falou com Rama:

"Ó meu filho, tu és o fruto da minha rainha principal e pareces com ela, tu és muito querido para mim, dotado como és de todos os atributos grandiosos, tu imbuíste o teu povo com as tuas qualidades nobres; aceita, portanto, o alto cargo de regente. Embora, meu filho, tu sejas, por natureza, dotado de todas as boas qualidades e sejas humilde, ouve enquanto eu te digo o que é para o teu bem.

"Mantém longe de ti aqueles maus hábitos nascidos do amor, prazer e raiva; pelo teu serviço secreto familiariza-te de perto com todos os acontecimentos do teu reino e outros domínios, como se ocorressem diante dos teus olhos. Dá alegria ao teu

povo por encher os vários armazéns e arsenais. Ó príncipe, o soberano que governa seus súditos com a devida consideração pela felicidade deles faz seus amigos se regozijarem como os deuses que beberam o néctar da imortalidade. Portanto, ó meu filho, conduze-te com a mente totalmente subjugada”.

Em seguida, os amigos de Rama comunicaram à rainha Kaushalya a decisão do rei, e ela recompensou os mensageiros dessas boas novas com muitas vacas e pedras preciosas.

Shri Rama, ouvindo as palavras do rei, respondeu: “Que assim seja”, e, curvando-se ao grande monarca, deixou o palácio em seu carro, as pessoas cumprimentando-o com alegria enquanto ele passava.

Satisfeitas com o decreto do soberano, elas o aclamaram com saudações, e retornando para suas casas adoraram os seus deuses, propiciando-os para que nenhum impedimento surgisse na instalação de Shri Rama como regente.

Capítulo 4 – Shri Rama e a princesa Sita se preparam para a cerimônia

Os cidadãos tendo partido, o rei consultou novamente os seus ministros, dizendo-lhes: “Amanhã, a estrela Pushya estará em ascensão, eu decreto, portanto, que Rama de olhos de lótus deve, então, ser instalado como meu sucessor”.

Dispensando seus conselheiros, o rei, entrando no aposento interno, mandou Sumantra trazer Rama até ele mais uma vez. Em obediência ao comando de seu mestre real, Sumantra foi ao palácio de Rama, para levá-lo para lá.

Rama, ouvindo o porteiro anunciar a segunda visita do ministro, ficou ansioso e mandando trazê-lo com toda pressa lhe perguntou o propósito da sua vinda. Sumantra respondeu, dizendo: "O rei deseja ver-te". Shri Rama então se dirigiu apressadamente ao palácio do rei seu pai.

O rei Dasaratha, se retirando para o apartamento privado, deu instruções para que Rama fosse levado para lá. O príncipe, entrando no palácio de seu pai, curvou-se, com as palmas unidas, de uma distância, e contemplou seu pai.

O rei, levantando-o, o abraçou e, dando-lhe um assento, mais uma vez se dirigiu a ele:

"Ó príncipe, eu já envelheci e governei por muito tempo, desfrutando de todos os prazeres do coração. Eu também realizei centenas de sacrifícios e distribuí grandes quantidades de alimentos e dei presentes caros em profusão como esmola para os brâmanes. Ó grandioso, um filho como tu é fruto de muita caridade e estudo do Veda. Ó excelentíssimo, o que eu desejava dar em caridade, eu dei, e eu estudei o Veda e ofereci muitos sacrifícios. Meu desejo de prazer é passado; eu cumpri todas as obrigações para com os deuses, os sábios, os meus antepassados e os brâmanes eruditos, nada resta a ser feito

por mim exceto a tua instalação. Ó meu filho, ouve-me, é a vontade do meu povo que tu te tornes seu soberano; eu irei, portanto, te instalar como meu sucessor. No entanto, ó Rama, sonhos terríveis me visitaram à noite, acompanhados pelo estrondo do trovão e a queda de meteoros, sinais que predizem oposição. Ó Rama, a estrela do meu nascimento está cercada pelo sol, Marte e Rahu; aqueles versados em divinação falam disso como de mau augúrio, que prenuncia ou a morte de um rei ou a visita de alguma calamidade grave. Ó príncipe de Raghu, eu desejo te ver te coroado antes que os meus sentidos falhem. Realmente, a mente do homem é inconstante. Hoje, os astrólogos anunciam que Purnavasú está em ascensão, mas amanhã será a estrela Pushya, auspiciosa para a tua coroação. Eu desejo, portanto, que tu sejas proclamado regente amanhã. Que tu, a partir de agora, jejues com a tua esposa, passando a noite em um leito de grama kusha, com uma pedra como teu travesseiro. É dever dos amigos te rodear para te proteger. Em tais empreendimentos surgem muitas obstruções.

"O príncipe Bharata está na cidade de seu avô, é minha vontade que tu sejas instalado na ausência dele. Teu irmão, Bharata, é virtuoso, compassivo, mestre de seus sentidos e obediente a ti, contudo, ó príncipe, eu sei que a mente do homem é inconstante, até mesmo a mente de um homem justo e devoto pode estar sujeita à inconstância. Amanhã, a tua coroação ocorrerá, portanto, agora volta para a tua residência.



"O rei Dasaratha tendo dito isso, Shri Rama partiu para o seu palácio. Entrando em sua própria morada, ansioso para informar Janaki da proposta do rei e não encontrando a princesa no seu próprio apartamento, Rama foi ao palácio de sua mãe. Lá ele viu a rainha Kaushalya, sentada no templo, cumprindo o voto de silêncio e rezando pelo bem-estar de seu filho. Avisados do decreto do soberano, Shri

Lakshmana e Sumitra já estavam no palácio da rainha principal, e Sita também, tendo sido convocada para lá, estava sentada ao lado dela.

A rainha Kaushalya acompanhada pela rainha Sumitra, Lakshmana e Sita, tendo ouvido que Shri Rama seria instalado quando a estrela Pushya estivesse em ascensão, estava meditando em Narayana,<sup>139</sup> com os olhos fechados e a respiração controlada.

Shri Rama, aproximando-se de sua mãe, prestou reverência a ela e exclamou com alegria: "Ó mãe, meu pai me mandou servir as pessoas e amanhã eu vou assumir a responsabilidade do governo. Shri Vasishtha, meu preceptor, e outros sábios ordenaram que a princesa Sita, essa noite, jejue comigo. Ao amanhecer, a princesa Sita e eu vamos realizar aquelas preces e ritos próprios para a ocasião".

A rainha Kaushalya, muito desejosa desse evento, derramando lágrimas de alegria, respondeu: "Ó Rama, meu filho amado, que

tu vivas por muito tempo e que todos os teus inimigos pereçam. Adquirindo o trono, que tu tragas alegria para os teus amigos, parentes e também para a rainha Sumitra. Ó filho, certamente tu nasceste sob uma estrela auspiciosa já que foste favorecido pelo teu nobre pai por teus atributos excelentes. O propósito da minha devoção e austeridade, empreendidos para agradar a Narayana de olhos de lótus, foi cumprido hoje visto que tu estás prestes a obter o reino da dinastia de Raghu”.

Shri Rama, ouvindo as palavras de sua mãe, dirigiu-se sorridente a Shri Lakshmana, ele que sempre prestava honras a seu pai, e disse: "Ó Lakshmana, compartilha comigo o governo do reino, tu és o meu segundo eu, o domínio é igualmente teu. Ó irmão, eu desejo a vida e um reino por tua causa”.

Nisso, Shri Rama, curvando-se às duas rainhas, com sua permissão se retirou com Sita para o seu próprio aposento.

## Capítulo 5 – Eles jejuam por conselho de Vasishtha

O rei Dasaratha, após ter comunicado ao seu filho Rama o conhecimento da sua regência que se aproximava, então chamou seu preceptor espiritual, Shri Vasishtha, e se dirigiu a ele, dizendo: "Ó sábio, cuja única riqueza é a austeridade, bondosamente te aproxima de Shri Rama e faze-o observar um

jejum com a princesa Sita em preparação para a sua coroação".

Shri Vasishtha, respondendo, "Que assim seja", foi ele próprio ao palácio de Shri Rama. Subindo em uma carruagem puxada por dois cavalos, ele foi até o palácio, e entrando pelos três portões, se aproximou da morada de Raghava, branca como uma nuvem.

Shri Rama, sabendo da chegada de seu preceptor, saiu rapidamente para recebê-lo e oferecer-lhe a devida reverência. Tomando-o pela mão, ele o ajudou a descer da carruagem e, estudando o seu estado de espírito, fez perguntas a respeito de seu bem-estar.

O venerável Vasishtha disse: "Ó Rama, teu nobre pai é atencioso para contigo, amanhã tu serás proclamado governante do reino, faze jejum hoje. Amanhã, o rei Dasaratha te instalará como regente, como Nahusha antigamente transferiu seu reino para Yayati."

139 Narayana: um nome do Senhor, as águas (nara) sendo Seu primeiro centro de movimento.

Tendo proferido essas palavras, o conhecedor da verdade, o soberano dos munis, pediu a Rama e Sita para fazerem jejum aquela noite.

Então Shri Ramachandra saudou Shri Vasishtha respeitosamente, e o preceptor real aceitando a sua saudação partiu para sua casa.

Conversando alegremente com seus amigos, Shri Rama, quando pedido por eles, retirou-se para os aposentos internos. O palácio de Raghava estava repleto de homens e mulheres alegres, e parecia um lago cheio de lótus visitado por inúmeras aves.

Saindo do palácio, Shri Vasishtha percebeu que as ruas estavam cheias de pessoas. Todas as estradas que entravam em Ayodhya estavam tão lotadas de espectadores ansiosos para testemunhar a coroação de Shri Rama que ninguém podia passar para lá e para cá sem dificuldade. O som das multidões gritando de alegria, enchendo as estradas, parecia o bramido do mar.

Todas as ruas da capital foram varridas e borrifadas com água; de ambos os lados, guirlandas de flores estavam pendendo, e cada casa estava enfeitada com bandeiras e estandartes. Homens e mulheres, crianças e idosos, todos esperando avidamente o amanhecer, para que eles pudessem testemunhar a cerimônia sagrada, aguardavam com ansiedade o grande festival que promoveria a sua felicidade.

O sacerdote Shri Vasishtha, evitando as ruas lotadas, finalmente chegou ao palácio real. Subindo a varanda que parecia uma nuvem branca, ele cumprimentou o rei como Brihaspati presta homenagem a Indra.

Vendo o sábio se aproximando, o rei levantou-se e perguntou o que Shri Rama tinha dito. Shri Vasishtha respondeu: "Tudo está preparado". Quando o rei se levantou de seu trono, toda a assembleia se levantou para honrar o sábio venerável.

Tendo ouvido o relatório do seu preceptor espiritual, o rei, dispensando a corte, se retirou para o aposento interno, como um leão entra em sua caverna.

Entrando naqueles apartamentos suntuosos e ricamente ornamentados iguais a um dos palácios de Indra, ele se parecia com a lua deslizando pelos céus.

Capítulo 6 – A cidade de Ayodhya é decorada para a proclamação

Shri Vasishtha tendo partido, Shri Ramachandra e Sita de olhos grandes se purificaram, e adoraram mentalmente o Senhor Narayana. Oferecendo saudações ao recipiente contendo a oblação sacrificial e para propiciar Narayana, Shri Rama derramou manteiga clarificada no fogo sagrado. Então

compartilhando do restante da oferenda e rezando pelo que era auspicioso, sentado sobre a grama kusha, ele meditou em Shri Narayana. Observando silêncio com mentes purificadas, o príncipe e a princesa dormiram no templo. Três horas antes da aurora, eles se levantaram e fizeram seus servos limparem e decorarem o palácio. Então, depois de ouvirem a recitação das baladas dinásticas que lhes causavam grande prazer, eles realizaram as suas devoções da manhã e repetiram silenciosamente a Gayatri. Quando o sol nasceu, vestidos em trajes de seda, eles saudaram Shri Narayana residente no orbe dourado e depois instruíram os brâmanes eruditos a recitarem o Canto da Paz e outras preces.

O som profundo e melodioso do Canto da Paz, recitado pelos brâmanes, misturando-se com a batida dos tambores, encheu a capital de Ayodhya. Os

habitantes da cidade, sabendo que Rama e Sita estavam fazendo jejum e oferecendo devoção ao Senhor, estavam cheios de alegria.

Ao amanhecer do dia os cidadãos trouxeram figueiras, instalando-as como pilares para enfeitar a cidade para a coroação vindoura. Os templos altos parecendo os picos do Himalaia, as casas majestosas, as estradas, as crescentes e as ruas, as lojas cheias de mercadorias, as mansões onde os membros da família real moravam, as salas de assembleias

públicas e as árvores altas estavam todas enfeitadas com bandeiras de diferentes cores que flutuavam na brisa. Aqui e ali, companhias de atores e dançarinos davam alegria ao povo por cantarem docemente e tocarem seus instrumentos melodiosamente. No mercado, nas casas, em casa e fora de casa, todos só falavam da proclamação vindoura de Shri Rama como soberano. Crianças brincando na frente de suas casas também conversavam sobre esse assunto.

Em honra da ocasião, as estradas foram cobertas com flores, e perfumadas com incenso e odores agradáveis; lâmpadas foram colocadas aqui e ali para que a procissão real passasse à noite.

Tendo decorado a cidade, os habitantes, aguardando a proclamação, reuniram-se em assembleias públicas ou ficaram nas tribunas erguidas. Elogiando o rei Dasaratha, eles disseram: "Aquele poderoso rei Dasaratha da dinastia de Ikswaku é de fato um homem piedoso. Percebendo que envelheceu, ele próprio está instalando Rama como governante. Quão bondoso é o nosso rei que ele está nos colocando sob o governo de Shri Ramachandra. Que o Senhor proteja por longo tempo o príncipe como nosso soberano. Shri Rama é simples, altamente erudito, dedicado à justiça e afetuoso com seus irmãos. Virtuoso e sábio, Shri Rama nos ama como aos seus próprios irmãos. Que o justo e impecável rei Dasaratha viva muito, por cuja graça nós vemos Rama entronizado hoje".

Ouvindo os louvores ao rei Dasaratha pelo povo, aqueles que viviam muito distantes foram atraídos para a cerimônia

sagrada e se reuniram para ver o cortejo real, enchendo a cidade de Ayodha Puri.

No dia da lua cheia, o tumulto da multidão era como o bramido do oceano. As pessoas vindo de perto e de longe para Ayodhya, que parecia a cidade de Amaravati, aumentaram a beleza da capital como criaturas aquáticas contribuem para a beleza do mar.

Capítulo 7 - A criada corcunda, Manthara, informa a rainha Kaikeyi sobre a vindoura instalação de Shri Rama

Nesse momento, a rainha Kaikeyi tinha uma serva que a tinha acompanhado desde a casa do seu nobre pai e estava sempre a serviço da rainha. Seu nome era Manthara.

Por acaso, subindo a varanda do palácio que parecia a lua cheia, ela viu que a capital Ayodhya estava enfeitada com guirlandas de lótus e as ruas principais aspergidas com água. Bandeiras estavam flutuando dos topos das casas altas, as estradas niveladas, e as ruas largas lotadas de pessoas.

Brâmanes santos carregando presentes auspiciosos estavam esperando para oferecê-los a Shri Ramachandra; os templos estavam pintados de branco e melodias de instrumentos musicais ressoavam em todos os lugares. Exultantes com as



festas, multidões jubilosas estavam cantando os mantras védicos e não só homens, mas elefantes,

cavalos e bovinos demonstravam sua alegria do seu próprio modo peculiar. Bandeiras grandes debruadas com flores estavam sendo carregadas por cidadãos alegres vagando aqui e ali.

Manthara ficou surpresa ao ver essas atividades incomuns e, encontrando a ama real de Shri Rama vestida elegantemente com um manto de seda branca, ela a questionou, dizendo: "Porque a rica rainha Kaushalya, mãe de Shri Rama, está distribuindo imensas riquezas em caridade hoje? Por que o povo da capital está tão alegre? O que o rei alegre está prestes a realizar?"

A ama real, tomada de alegria naquele momento, falou à corcunda Manthara da entronização de Rama. Ela disse: "Amanhã, ao amanhecer, sob a estrela Pushya, o rei Dasaratha irá instalar o impecável Rama, o subjugador da ira, como Yuvaraja".

As palavras da ama encheram a mulher corcunda de ira ciumenta. Descendo rapidamente do alto palácio que parecia o monte Kailasa, aquela mulher pecadora, consumida pela malícia, entrou no quarto da rainha Kaikeyi e, acordando-a, se dirigiu a ela deste modo:

"Por que estás dormindo, ó iludida? Tu estás em perigo iminente; tu estás cega para o futuro sofrimento? Ó bela, a boa sorte que tu alardeias está prestes a findar, como um rio que seca no verão".

A rainha Kaikeyi, aflita pelas palavras amargas da pecaminosa serva corcunda, respondeu-lhe dizendo: "Ó Manthara, está tudo bem? Por que eu te vejo com um semblante sombrio, qual é o motivo da tua angústia?"

Ouvindo os tons gentis da rainha Kaikeyi, Manthara, que era cheia de esperteza, assumindo um semblante triste e fingindo amizade pela rainha, falou com amargura, "Ó devi, uma grande calamidade te aconteceu. Ouve-me! O rei Dasaratha está prestes a proclamar Shri Ramachandra como regente. Eu estou imersa no mar insondável do medo; eu estou aflita pela dor e a tristeza; eu estou como se chamuscada pelo fogo, e para o teu bem eu vim aqui. Ó Kaikeyi, teus problemas são meus problemas, tuas tristezas minhas tristezas, isso eu tenho certeza. Escuta! Tu és a filha de uma grande Casa real e tu és a favorita do rei Dasaratha. Por que tu és enganada por suas artimanhas? Exteriormente, teu marido parece ser alguém que fala a verdade, mas, interiormente, ele é um homem enganoso. A fala dele é agradável, mas o seu coração é duro. Tua honestidade é a causa do teu sofrimento. Persuadindo-te por palavras ilusórias, o rei te visita e te fala palavras insinceras. Ao entregar o reino ao filho de Kaushalya, ele procura fazer dela senhora de todos. Como uma mãe afetuosa, tu tens nutrido no

teu colo o inimigo que é chamado de teu senhor. Tu pareces alguém que pressionou uma serpente junto ao peito crendo, por ilusão, que ela é seu bebê. Como uma cobra ou um inimigo prejudica aquele que o poupou, assim o rei Dasaratha hoje se comporta contigo e teu filho. Esse monarca enganoso, pecaminoso, vai destruir a ti, teu filho e teus parentes, que são dignos de felicidade, por entronizar Shri Ramachandra. Ó tu de intelecto iludido, sempre indiferente ao teu próprio bem, ouve-me, ainda há tempo. Faze o que quer que tu possas fazer para o teu próprio benefício e, assim, protege teu filho e a mim”.

Ouvindo as palavras de Manthara, a bela rainha levantou-se de sua cama, como a lua outonal. Cheia de surpresa e prazer, ela tirou de seu corpo um ornamento precioso e ofereceu-o à mulher corcunda.

Aquela adorável, inigualável em beleza entre as mulheres jovens, disse a Manthara: "Ó Manthara, tu me trouxeste notícias alegres. Dize-me, o que eu posso te oferecer em troca dessas palavras agradáveis? Eu não acho que há diferença entre Rama e Bharata. Eu ficarei, portanto, plenamente satisfeita se o rei instalar

Shri Ramachandra. Ó querida, nada é mais agradável para mim do que a notícia da entronização de Shri Rama. Pede o que quiseres, que eu te darei”.

## Capítulo 8 – Manthara convence a rainha de que Bharata deve ser regente e o príncipe Rama banido

Incitada por decepção e raiva, Manthara, lançando longe a joia, com desdém, gritou: "Ó rainha tola, essa não é ocasião de regozijo, tu sabes que tu estás prestes a ser submersa em um mar de tristeza? Eu não posso deixar de rir em silêncio da tua tolice. Tu te alegras quando há razão para lamentar. Eu tenho pena da tua simplicidade, como uma mulher se alegraria pela promoção do filho da sua inimiga? O príncipe Bharata tem o mesmo direito ao reino que Ramachandra. Rama teme o príncipe Bharata e, temendo-o, procura destituí-lo. Lakshmana, embora herdeiro do trono, é servo obediente de Rama, assim como o príncipe Shatrughna é fiel a Bharata. Ó bela, por nascimento Bharata tem direito ao trono. Tradicionalmente, o reino deveria ser dele. Shri Rama é bem versado em assuntos de estado, e age de imediato em seus próprios interesses. Sabendo do perigo que ameaça Bharata da parte de Rama, eu estou cheia de medo.

"Hoje, a rainha Kaushalya é afortunada de fato, seu filho será entronizado pelos brâmanes sagrados ao amanhecer, quando a estrela Pushya estrela estiver em ascensão. Daí em diante, tu terás que ficar em completa submissão como uma pedra, diante da rainha Kaushalya cujos inimigos serão subjugados.

Assim, não só tu, mas o príncipe virtuoso Bharata se tornará um servo e dependente da rainha Kaushalya. As mulheres da casa de Shri Rama ficarão cheias de alegria, mas as tuas noras, não tendo prestígio, sofrerão de grande ansiedade e tristeza”.

A rainha Kaikeyi, acreditando que Manthara realmente estava disposta benevolmente para com ela, começou a exaltar as grandes virtudes de Ramachandra, dizendo: "Shri Rama instruído por seu santo guru é verdadeiramente justo, grato, verdadeiro e piedoso; ele, o filho mais velho do rei, certamente merece ser feito regente. Que ele tenha vida longa! Ele sempre vai proteger seus irmãos e servos como um pai protege seus filhos. Ó Kubija,<sup>140</sup> por que estás com ciúmes da coroação de Rama? Após cem anos, Bharata herdará o trono de seus antepassados ilustres. Por que estás triste em tal ocasião alegre, ó Manthara? Shri Ramachandra é tão querido para mim quanto Bharata, ele me serve com maior zelo até do que ele serve a rainha Kaushalya. Se Shri Rama subir ao trono, será como se Bharata governasse a terra; Shri Rama considera seu irmão como a si mesmo”.

Ouvindo as palavras da rainha, Manthara, intensamente provocada, suspirou profundamente e disse: "Ó estúpida, tu consideras que a adversidade é prosperidade, tu estás afundando em um oceano de sofrimento, mas não percebes isso. Quando Rama se tornar rei, quem o sucederá, o príncipe Bharata ou seu próprio filho? O príncipe Bharata ficará sem um reino para sempre.

"Ó bela princesa, todos os filhos do rei não podem ocupar o trono, e se pudessem, isso traria calamidade. Portanto, ó Kaikeyi, o soberano confere seu trono ao filho mais velho; no entanto, se o filho mais novo for dotado de boas qualidades que ele pode suceder; o reino é dado a um e somente a um. Quando Rama se tornar rei, então o teu filho, como um órfão, privado de todo o conforto, será expulso

140 Kubija: corcunda.

da dinastia real para sofrer. Eu vim te dizer isso para o teu bem e tu não compreendes. Se tu fosses sábia, tu não me recompensarias com essa joia por causa do aumento da prosperidade da tua rival. Seguramente, quando Rama assumir a regência, ele vai banir o príncipe Bharata ou condená-lo à morte. Através da proximidade as pessoas adquirem afeto mesmo por objetos inanimados, mas tu enviaste teu filho em sua infância para a casa do teu pai.

"O príncipe Shatrughna acompanhou Bharata; Lakshmana segue Rama como Shatrughna segue Bharata. É dito que uma árvore escolhida para o corte pelos moradores da floresta é preservada pela proximidade dos arbustos espinhosos ishika. Assim Lakshmana sempre protegerá Rama, e Rama em troca preservará Lakshmana. Esses dois irmãos se amam como os Aswins; isso é bem conhecido. Rama, portanto, buscará

prejudicar Bharata embora ele sempre vá proteger Lakshmana. Eu, portanto, considero que seria melhor Bharata fugir para a floresta. Se Rama suceder ao reino de seu pai, como o teu bem-estar e o dos teus parentes pode ser assegurado? Para ti Bharata é um filho digno de felicidade, mas para Rama ele é um rival. Quando Rama for rei, Bharata não vai viver por muito tempo. Cabe a ti, portanto, ó rainha, proteger o príncipe Bharata, como o líder de uma manada de elefantes a protege do pulo do leão. Induzida pelo orgulho, tu no passado menosprezaste a rainha Kaushalya; tu achas que ela te poupará quando ela for a rainha principal? Ó bela, observa bem, quando Rama obtiver o reino junto com suas montanhas, mares e vales, então tu e o teu filho, o príncipe Bharata, sofrerão ignomínia. Seguramente, quando Rama for rei, o príncipe Bharata será privado de vida, portanto, age para que Rama possa ser exilado para a floresta e Bharata obtenha o reino”.

Capítulo 9 – A rainha Kaikeyi se decide sobre o seu plano perverso

O rosto da rainha Kaikeyi enrubesceu de raiva, e suspirando profundamente, ela disse para Manthara: "Hoje eu de fato banirei Rama e garantirei que Bharata seja proclamado

regente. Ó Manthara, como Bharata pode se tornar regente, e Rama ser privado do reino?"

Ouvindo essas palavras, a pecaminosa Manthara, desejando a destruição total de Shri Rama, disse à rainha: "Ouve, ó Kaikeyi, eu vou te revelar o único modo de ação que levará à coroação do príncipe Bharata. Ó Kaikeyi, tu esqueceste o que me contaste frequentemente? Ó amante de poesia, se for a tua vontade ouve dos meus lábios a história, ouve e então age".

Ao ouvir isso, a rainha Kaikeyi, levantando-se da cama, respondeu: "Ó Manthara, conta por quais meios Bharata pode obter o trono e Shri Rama sofrer um revés".

Então a perversa Manthara, desejosa de prejudicar Rama, disse: "Antigamente, quando o teu marido estava envolvido em uma guerra entre os devas e os asuras, ele apoiou a causa de Indra. Ele te levou com ele e eu te acompanhei. Ó Kaikeyi, ao sul, na floresta de Dandaka, governava um rei chamado Timidwaja em sua capital Bijayanta. Ele era versado na magia chamada Shambara, e ele não podia ser vencido pelos deuses. Ele travou guerra com Indra e no grande conflito os asuras, à noite, levavam os feridos de suas camas e os matavam. O rei Dasaratha lutou grandes batalhas com esses asuras que perfuraram seu corpo muitas vezes com suas armas. Ele, caindo inconsciente, tu, ó devi, o levaste do campo de batalha



e, quando eles ainda o atacavam, o protegeste habilmente. Ó bela, então o rei, teu marido, bem satisfeito contigo, te ofereceu duas bênçãos, e tu respondeste: 'Eu as reivindicarei quando surgir a necessidade'.

"Eu não estava então familiarizada com esse assunto, mas tu mais tarde o relataste para mim. Induzida pelo meu amor por ti, eu guardei tudo isso em minha memória. Agora, exige a cessação dos preparativos para a entronização de Shri Rama. Como a primeira bênção pede a proclamação de Bharata como regente, e como a segunda o banimento de Rama por quatorze anos. Durante o período de seu exílio, os homens passarão a amar o teu filho e seu governo será assegurado.

"Ó filha de um rei poderoso, entrando no quarto da ira, vestida em traje sujo, atira-te no chão nu. Quando o rei entrar, nem olha nem fala com ele, mas, rolando no chão, continua a chorar. Sem dúvida tu és muito querida para o teu marido que, por tua causa, entraria em um fogo ardente. O rei nunca te provocaria nem suportaria te ver chorar. Ele sacrificaria a própria vida por tua causa. O rei não pode ser indiferente aos teus pedidos. Ó indolente, testa o poder da tua beleza hoje; mas tem cuidado que o rei pode te oferecer diamantes, pérolas, ouro e outras pedras preciosas, e não sê apanhada na cilada da ganância.

"Ó afortunada, faze o rei se lembrar das duas bênçãos prometidas a ti no campo de batalha; esforça-te muito para o sucesso da tua tarefa. Se o rei quiser te levantar, o permite sob o juramento de renovar sua promessa. Dize a ele: 'Ó grande rei,

manda Rama para o exílio por quatorze anos e faze de Bharata o soberano do reino’.

“Enquanto Rama estiver ausente, o governo de Bharata será estabelecido e ele reinará para sempre. Ó bela, exige do rei Dasaratha o exílio de Rama e tudo ficará bem com teu filho. Os homens esquecerão seu amor por Rama e deixarão de se importar com ele, e Bharata não terá inimigo em lugar algum. Quando Shri Rama voltar, a supremacia de Bharata estará firmemente estabelecida; governando com amor, ele irá inspirar afeto e muitos amigos vão apoiá-lo. Portanto, ó rainha, questionada pelo rei, sem medo e com firmeza exige que os preparativos para a entronização de Rama cessem”.

Kaikeyi, assim persuadida a executar o plano perverso de Manthara e totalmente preparada para lhe dar cumprimento, seguiu seu conselho como um pintinho segue sua mãe. A bela rainha, aflita porque o rei não a tinha consultado a respeito desse grande evento, disse: “Ó Manthara, tu és realmente a minha sincera benquerente! De todas as criaturas deformadas sobre a terra, tu és a mais sábia. Ó Kubija, até agora, eu não consigo entender a real intenção do rei. Mulheres deformadas geralmente são pecaminosas e perversas, mas tu, ó Kubija, és única, semelhante a um lótus inclinando-se à brisa. Apesar do teu defeito físico, tu não deves ser desprezada. Parece que a tua cintura fina, envergonhada do teu peito cheio arredondado, se retraiu. Ó Manthata, o teu rosto é como a lua cheia, tu és realmente adorável, o teu corpo é suave, tua cintura enfeitada

com um cinto, tuas coxas são longas, teus membros delgados. Ó Manthara, quando tu andas diante de mim, vestida com um sari de seda, chegando aos teus tornozelos, tu és tão graciosa quando um cisne.

"Familiarizada com toda graça e agrado, a tua corcunda saliente como o cubo de uma roda é certamente cheia de sabedoria, diplomacia e entendimento. Eu, portanto, te presenteio com uma corrente de ouro para enfeitá-la.

"Ó mulher encantadora, quando Bharata se tornar rei e Rama for para o exílio, eu vou cobrir a tua corcunda com ouro laminado. Quando eu estiver certa do

sucesso do meu empreendimento, eu vou aplicar pasta de sândalo à tua corcunda, e à tua frente um diadema de ouro e pedras preciosas.

"Ó Kubija, eu te darei ornamentos de ouro puro, assim vestida e adornada tu serás livre para viver como quiseres. Tu envergonharás as minhas irmãs rainhas e as precederás com orgulho. Ó tu cujo rosto é incomparavelmente belo, tu és uma rival da lua cheia. Ó deformada, muitas mulheres corcundas usando ornamentos de ouro te atenderão como tuas servas".

Assim bajulada, Manthara, reclinada em um sofá branco, brilhante como uma chama do altar, falou: "Ó afortunada, é inútil construir uma barragem quando a água já escapou, por

isso, enceta a tua tarefa imediatamente. Vai esperar o rei no quarto da ira”.

Assim incitada pela Kubija, a rainha Kaikeyi de belos olhos, cheia de ambição, entrou no quarto da ira com Manthara. Lá, inspirada pela mulher corcunda, jogando no chão o seu colar de pérolas de valor imensurável, a rainha, rolando no chão, se dirigiu a ela: “Ó Kubija, ou Rama irá para o exílio e Bharata obterá o reino, ou o rei Dasaratha terá notícias da minha morte. Eu nem colocarei ornamentos, nem comerei pratos deliciosos; se Rama for instalado, isso será o fim da minha vida”.

Manthara continuou a instruir Kaikeyi da maneira mais cruel, proferindo palavras hostis a Rama. “Saibas bem, ó afortunada, que se Rama se tornar governante, isso significará sofrimento eterno para ti e teu filho. Portanto esforça-te para derrubá-lo”.

A rainha, ferida pelas flechas das palavras de Manthara, colocando as duas mãos em seu coração, respondeu com raiva: “Ó Kubija, ou tu levarás a notícia da minha morte ao rei, ou Rama será exilado e Bharata entronizado. Se Rama não for exilado, então eu não dormirei em uma cama nem usarei trajes flutuantes, nem aplicarei pasta de sândalo nem antimônio em meu corpo. Se Bharata não for entronizado, eu não comerei nem beberei. Se isso não for feito, eu não desejarei viver”.

Tendo resolvido isso firmemente, lançando seus enfeites no chão, ela, ela mesma, deitou-se como uma kinnari<sup>141</sup> caída. Sua face velada em ira, seu corpo despido de suas guirlandas e

jóias, a rainha se assemelhava ao céu desprovido do sol e das estrelas.

## Capítulo 10 – O rei fica profundamente aflito ao ver a rainha chorosa

Incitada por Manthara, Kaikeyi, como uma kinnari, continuou a rolar no chão como se ferida por uma flecha envenenada. A rainha astuta, elaborando um plano, gradualmente revelou seu esquema para Manthara. Dando suspiros profundos, como uma cobra, Manthara ficou cheia de satisfação, percebendo a sua favorita, Kaikeyi, decidida em seu rumo de ação perverso.

Refletindo sobre o assunto, dilacerada pelo ciúme, a rainha, arrancando suas sobrancelhas, espalhou seus ornamentos brilhantes no chão adornando-o como as estrelas iluminam o firmamento. Jazendo assim, vestida em trajes sujos com seu cabelo despenteado, ela parecia uma ninfa caída do céu.

141 Kinnaris: seres míticos, coristas celestes, ditas terem surgido do dedo do pé de Brahma.

O rei, tendo dado suas instruções para a instalação de Shri Rama, dispensou a corte e entrou nos aposentos internos das rainhas para informá-las da grande ocasião.

Ansioso para dar as boas novas às suas amadas consortes, o ilustre rei Dasaratha entrou no apartamento interno, indo primeiro à bela morada de Kaikeyi. Como a lua navega em um céu claro após o eclipse, assim o rei entrou no aposento da rainha Kaikeyi. Ele passou pelo jardim embelezado por papagaios, pavões, cisnes e garças. Música estava tocando suavemente, enquanto empregadas anãs e corcundas passavam para lá e para cá. Havia caramanchões folhosos e alcovas em cujas paredes foram pintadas belas imagens. Em todo lugar champaka<sup>142</sup> e asoka<sup>143</sup> abrilhantavam a vista, enquanto outras árvores estavam carregadas de flores e frutos. Altares de marfim, prata e ouro com fontes de água corrente ao lado de assentos embutidos com metais preciosos e joias caras, onde comida e bebida deliciosas eram servidas constantemente, transformavam o palácio no próprio paraíso.

O rei entrou nos aposentos internos, mas não viu a rainha no leito onde o desejo o levava a procurá-la. Chamando alto e não recebendo resposta, ele entristeceu-se; nunca antes Kaikeyi tinha perdido a hora do flerte, nunca antes o rei tinha encontrado o apartamento deserto. O monarca, querendo saber onde a rainha estava, questionou uma serva, que respondeu com medo e submissão: "Ó majestade, ela entrou na câmara da ira".

Ao ouvir essas palavras, o coração do soberano ficou muito perturbado. Inquieto e agitado em mente, o rei curvado com tristeza entrou no quarto da ira e encontrou a rainha deitada no chão de forma imprópria. O rei que, na sua velhice, amava a jovem rainha tão profundamente quanto a sua própria vida, ficou profundamente aflito com a visão. Aquele monarca impecável contemplou a ambiciosa Kaikeyi deitada no chão como um ramo arrancado de uma árvore, ou uma ninfa empurrada do céu. Ela jazia como um apsara caída na terra, quando seu mérito se esgota, ou como uma guirlanda rompida, ou uma corça apanhada numa armadilha pelo caçador, ou como um jovem elefante ferido por uma flecha envenenada.

De pé sobre ela como um imenso elefante, o monarca a olhou com carinho. Afagando-a gentilmente, apreensivo, contudo impulsionado pelo desejo, o rei se dirigiu à sua rainha de olhos de lótus: "Ó devi, eu não sei por que tu estás descontente, por quem tu foste insultada. Ó, dize-me! Ó auspiciosa, eu estou aflito ao te ver deitada no pó, porque tu, sempre benevolente para comigo, estás deitada no chão? Tu és tão querida para mim como a minha própria vida, por que tu ages como alguém possuído por um espírito maligno? Tu estás doente? Se assim for, eu tenho muitos médicos eminentes que podem curar o teu mal, que, estando satisfeitos com os presentes e as honras concedidas a eles, estão prontos para obedecer à minha vontade. Em um instante eles te devolverão a saúde. Ó bela, dize-me os sintomas da tua enfermidade. Ou tu desejas

recompensar ou punir algum homem? Não deixes que o encanto do teu rosto seja desfigurado pela dor.

"Para te agradar, eu condenarei à morte alguém que não merece a pena, ou perdoarei alguém que merece a morte. Eu reduzirei um homem rico à pobreza, ou tornarei rico um indigente. Eu e todos os que pertencem a mim somos teus servos obedientes. Eu nunca me oporei à tua vontade, ó rainha. Se eu puder te agradar,

142 Champaka: magnólia, *Michelia champaka*.

143 Asoka: uma árvore parecida com o coqueiro.

mesmo à custa da minha vida, tu tens só que falar. Tu bem sabes o quanto eu te amo, agora me dize o que eu posso fazer por ti.

"Eu juro realizar o que quer que tu desejes. Conhece-me como o monarca de um reino no qual o sol nunca se põe. As terras de Drivira, Sindhu, Souvira, Sourashtra, Dakshinaputha, Vanga, Anga, Maghandha, Matsha, Kashi e Koshala junto com sua produção e riqueza abundantes são governadas por mim. Se tu desejas alguma dessas, me dize.



"Ó frágil, por que tu te causas sofrimento? Levanta-te, levanta-te, ó querida, o que tu temes? Ó Kaikeyi, como o sol dissipa a névoa, eu dissiparei os teus medos".

Assim lisonjeada pelo rei, Kaikeyi pareceu um pouco pacificada, contudo, para afligir seu marido, ela começou a proferir palavras amargas e duras.

Capítulo 11 – Ela pede as duas bênçãos prometidas a ela pelo rei

A rainha se dirigiu ao grande soberano, Dasaratha, que, dominado pelo desejo, tinha sido perfurado pelas flechas de Kama-deva<sup>144</sup> e disse: "Nem eu estou doente nem alguém me insultou. Eu nutro certa ambição que tu podes realizar. Se tu estás disposto a fazer isso, então me dá a tua promessa solene e eu darei a conhecer seu teor a ti".

O monarca resplandecente, agitado pelo desejo, erguendo a cabeça da rainha do chão tomou-a nos braços e respondeu sorridente: "Ó afortunada, tu não sabes que ninguém é mais querido para mim do que tu, exceto aquele leão entre os homens, Shri Ramachandra? Eu juro pelo invencível Rama, que é ainda mais querido para mim do que tu, que eu vou realizar a tua ambição. Ó Kaikeyi, eu juro por Rama, sem ver a quem eu

não posso viver uma hora, que realizarei o teu desejo. Ó querida, por meu juramento eu demonstrei a ti a intensidade do meu amor, agora me dize o que tu desejas. Sabendo do grande amor que eu tenho por ti, não tenhas medo; pelos meus atos meritórios, eu te declaro, eu te concederei o que tu pedires”.

Seguindo as instruções de Manthara, sabendo que a realização da sua ambição estava perto e preocupada com a promoção de Bharata, Kaikeyi falou asperamente. Satisfeita com a atitude do rei, ela, parecendo o terrível deus da morte, dirigiu-se a ele: “Ó grande rei, antigamente tu me prometeste duas bênçãos, do que os trinta e três deuses foram testemunhas. Ó rei, a lua, o sol, o éter, os planetas, o dia e a noite, os pontos cardeais, o universo e aqueles que nele habitam, a terra, os gandharvas, os asuras, os espíritos e outros seres são testemunhas daquela promessa que me foi dada por ti. Ó deuses, ouçam com atenção as bênçãos que o rei, um amante da verdade, altamente resplandecente e familiarizado com a lei do dever, me concede”.

A rainha Kaikeyi, louvando o rei, que estava tomado de desejo e pronto para dar qualquer benção, disse: “Ó rei, lembra como, na guerra entre os deuses e os asuras, tu caíste ferido como morto, e eu te salvei pela aplicação dos meios adequados? Na tua recuperação, tu me prometeste duas bênçãos. Ó monarca verdadeiro, agora eu desejo sinceramente essas duas bênçãos que tu tens o poder de conceder. Se tu, apesar de tuas

promessas dadas, não realizares esses desejos, então eu vou renunciar à minha vida, desonrada por ti”.

144 Kama ou Kandarpa: o deus do amor.

A rainha, mantendo a mente do rei dominada por suas doces palavras, parecia um caçador que, pretendendo matar um veado, prepara uma armadilha para ele. Então se dirigindo ao rei cego de paixão e disposto a conceder qualquer benefício, ela disse:

“Ó deva, me ouve, eu agora reclamo essas duas bênçãos. Usando os preparativos feitos para a instalação de Rama, que o meu filho Bharata seja proclamado regente, essa é a primeira bênção. A segunda promessa feita a mim no campo de batalha agora também deve ser cumprida. Que Ramachandra seja exilado para a floresta por quatorze anos, usando um traje de pele, com cabelos emaranhados como um eremita, enquanto o meu filho, o príncipe Bharata, governa sem entraves. Esse é o meu desejo sincero. Que eu, hoje, veja o exílio de Rama. Ó rei, protetor da verdade, preserva a tua integridade e as tradições do teu nascimento. Os rishis declaram que a observância da verdade é o meio mais excelente de alcançar o céu”.

## Capítulo 12 – O rei sofre amargamente ao pensar em mandar Rama para o exílio

As palavras duras da rainha Kaikeyi causaram intenso sofrimento e agitação ao coração do rei. Ele começou a refletir: "Eu estou tendo um sonho de dia, a minha mente está desequilibrada, eu estou possuído por um espírito do mal, uma estrela inauspiciosa está me causando aflição ou essa perturbação é o resultado de alguma doença?"

Ponderando algum tempo, o rei se acalmou, mas sua mente ainda estava preocupada, e, recordando as exigências da rainha Kaikeyi, ele voltou a ficar inquieto e agitado como um cervo na presença de uma leoa. Exalando suspiros profundos, sentado no chão, ele parecia uma cobra altamente venenosa hipnotizada pelo poder de um mantra. Ele gritou de raiva, "Ai de mim" e caiu sem sentidos.

Depois de um longo tempo, ele recuperou a consciência, e sofrendo grande aflição, cheio de ira, respondeu a Kaikeyi, enquanto seu olhar parecia como se fosse queimá-la. "Ó tu de má propensão, ó destruidora da minha dinastia, que mal Shri Ramachandra ou eu fizemos para ti? Rama sempre tem te tratado como sua própria mãe. Por que decidiste isso? Ai! Eu te trouxe para a minha casa para a destruição do meu lar. Eu te considerei como a filha de um rei e tu te mostraste ser uma

serpente venenosa. Todo o meu povo se une em louvor a Rama. Por qual falha eu devo abandoná-lo? Seria possível eu desistir da rainha Kaushalya, de Sumitra, do meu reino, até da própria vida, mas eu não posso abandonar Shri Rama. Ver o herdeiro legítimo alegria o meu coração; quando não o vejo, a minha mente perde a sua capacidade de agir. O mundo pode continuar a existir sem o sol, as colheitas podem crescer sem água, mas eu não posso viver, mesmo por pouco tempo, sem Shri Ramachandra.

"Portanto, ó pecaminosa, abandona a tua arrogância. Vê, eu coloquei minha cabeça a teus pés, tem piedade de mim. Por que tu resolveste essa crueldade, ó perversa? Se tu desejas testar o meu amor pelo príncipe Bharata, então faze isso. Quando antes tu dizias que Rama, meu filho mais velho, tinha direito ao reino por causa de suas virtudes, tu proferias essas palavras em adulação para me agradar ou para extorquir algum serviço de Rama?

"A notícia da instalação de Rama está te causando um descontentamento ardente. Possuída por um espírito do mal, tu não és tu mesma, eu creio. Ó devi, é uma grande calamidade que a Casa de Ikshvaku, famosa por sua probidade, caia em descrédito.

"Se tu não tivesses sido afligida por um espírito maligno, ou influenciada por um planeta pouco auspicioso, tu nunca terias

falado em detrimento de outros. É certo que tu estás possuída por uma entidade maligna. Ó filha, tu disseste muitas vezes que amavas Shri Ramachandra assim como o próprio Bharata. Ó devi, como tu ousas buscar o banimento de Ramachandra por quatorze anos? Como tu podes exigir o exílio do virtuoso e gentil Ramachandra por quatorze longos anos? Ó tu de belos olhos, como podes pensar em enviar Rama para o exílio, que sempre te honra? Rama tem te prestado maior respeito do que Bharata. Eu não consigo compreender como tu podes desejar seu exílio. Reflete bem, ninguém no mundo vai te oferecer maior serviço, respeito e obediência do que Rama.

"Entre os milhares de mulheres e servas nos meus aposentos privados, ninguém nunca fala mal de Rama, e ele de coração puro oferece proteção a todos os seres vivos, enquanto seus súditos sempre o amam e obedecem. Ele ganhou os corações de todos os seres ao proteger os interesses dos necessitados e aflitos. Generosidade, serviço fiel ao seu preceptor, coragem no campo de batalha, habilidade no tiro com arco, contribuíram para o seu renome. Veracidade, austeridade, amizade, pureza, simplicidade de vida, conhecimento de filosofia e serviço ao seu professor são qualidades bem conhecidas de Shri Ramachandra.

"Ó devi, Shri Ramachandra, sempre agindo nos mais altos interesses de todos, igual aos maharishis e aos deuses em iluminação, não deve sofrer os males do exílio. Shri Rama nunca falou uma palavra dura a ninguém, como então eu irei,

instigado por ti, dar-lhe essa mensagem impiedosa? O que acontecerá a mim sem Rama que é dotado de perdão, gratidão, autocontrole, renúncia, verdade e virtude, e que nunca inflige dor a nenhum ser humano?

"Ó Kaikeyi, eu envelheci e o meu fim está próximo. Nessa condição infeliz eu te rogo que tenhas misericórdia de mim. A terra cercada pelo mar, e tudo o que está contido nela, será tua. Por que tu me conduzes para a beira do abismo escuro da morte?

"Ó Kaikeyi, eu toco os teus pés em súplica. Protege Shri Ramachandra e me salva de desonrar a minha palavra".

O rei Dasaratha, atingido pelo sofrimento, caiu sem sentidos, todo o seu corpo convulsionado e agitado. Repetidas vezes ele rogou à rainha para levá-lo para além do mar de sofrimento, mas ela, cruel, ficando mais dura a cada instante, respondeu: "Ó rei, se tu te arrependeres das duas bênçãos dadas a mim, ninguém no mundo vai te chamar de justo. Quando outros reis te questionarem sobre as tuas promessas, ó justo, qual será a tua resposta? Tu dirás que aquela a quem tu deves a tua vida e por cuja graça tu ainda vives, que te prestou grande serviço na hora do infortúnio e a quem tu prometeste duas bênçãos, agora teve essas bênçãos recusadas?

"Certamente tu te tornarás um estigma na ilustre dinastia de Ikshvaku, tendo dado promessas das quais agora tu recuas prontamente. Recorda que o rei Shivyá, que deu a carne do seu

próprio corpo para pagar uma promessa, era da tua casa real. O rei Alarka, igualmente da tua dinastia, arrancou seus olhos para que a visão de um brâmane idoso e erudito pudesse ser restaurada, e assim obteve o estado mais elevado. Não somente o homem é obrigado por sua palavra, o oceano, cujos limites estão fixados, não ultrapassa a costa. Portanto, recordando a tua promessa, não a abandona. Ó rei, tu perdeste a razão? Abandonando a verdade, tu darias a

Rama o reino para poderes desfrutar dos abraços da rainha Kaushalya. Esteja de acordo com o dharma ou não, seja verdade ou falsidade, tu deves cumprir a promessa feita a mim, ela nunca deve ser revogada.

"Se tu retirares tua promessa e concederes o reino a Ramachandra, eu abandonarei a minha vida por beber veneno mortal. Se eu visse a rainha Kaushalya recebendo saudações como rainha principal, eu não seria capaz de suportar.

"Ó grande soberano, eu juro por Bharata e pela minha própria vida que nada exceto o exílio de Rama me satisfará".

Depois de falar essas palavras, Kaikeyi ficou em silêncio, desconsiderando as súplicas do monarca aflito.

Compreendendo o pleno presságio das palavras duras de Kaikeyi, implicando o exílio de Rama e o governo de Bharata, o rei permaneceu em silêncio por um longo tempo. Seus sentidos



entorpecidos, eu olhou firmemente para o rosto da sua amada rainha, falando assim amargamente.

O marajá Dasaratha, aflito ao ouvir a fala ameaçadora de Kaikeyi semelhante a um raio, inspirando dor e aflição, sabendo que ela tinha resolvido banir Rama, gritou: "Ó Rama! Rama!" e dando suspiros profundos caiu por terra como uma árvore derrubada. Como um louco desprovido de juízo ou como alguém em delírio ou uma cobra hipnotizada por encantamentos, ele caiu, privado de sua glória. Em tons abjetos, ele se dirigiu a Kaikeyi, dizendo: "Quem te instruiu nesse plano maléfico, envolto em traje ilusório? Tu não tens vergonha de te dirigires a mim como alguém possuído? Antigamente, eu não te considerava capaz de tal conduta; na juventude, a tua disposição era o contrário. Quem te dominou para que tu buscassem tal bênção? Para com essas palavras injustas que Rama deve ir para a floresta e Bharata ocupar o trono. Ó pecaminosa, ó de coração cruel, ó malfeitora, abandona a insistência na tua decisão, para o teu próprio bem e por causa dos teus súditos e do teu filho. Ou Rama ou eu devemos ter te ofendido. Como nós fizemos isso, que tu falas assim? Seguramente o príncipe Bharata nunca desejará ocupar o trono enquanto Rama viver. Eu julgo Bharata não menos virtuoso do que Ramachandra. Ao instruir Rama a ir para a floresta, vendo-o aflito, como eu poderei olhar para ele? Como eu poderei olhar para o seu rosto escurecido como a lua no eclipse? Como posso revogar aquela decisão tomada em

consulta com meus ministros e amigos que desejam o meu bem-estar, causando confusão, como a derrota súbita de um exército pelo inimigo? O que os reis de outras terras dirão quando souberem da quebra da minha decisão, que foi alcançada por consentimento comum? Eles não dirão: 'O rei Dasaratha da Casa de Ikshvaku é como uma criança. Nós nos surpreendemos que ele tenha governado por tanto tempo'. Quando os brâmanes idosos, sábios e cultos perguntarem por Rama, eu devo responder a elas que, coagido por Kaikeyi, eu o enviei para o exílio? Se eu disser isso, na verdade, será considerado falsidade visto que eu já instruí meu guru a instalar Shri Rama como regente. O que sua mãe, a rainha Kaushalya, dirá, se eu banir Rama? Como eu hei de explicar esse ato cruel à rainha Kaushalya? Ela é sempre respeitosa, uma amiga, me servindo como uma criada, guardando meus segredos como uma companheira confiável, praticando virtude como uma mulher e ao cuidar do meu bem-estar parecendo uma irmã, servindo-me com alimento delicioso como uma mãe, sempre falando docemente para mim, sempre desejando o meu bem; seu filho é o mais querido para mim. Como posso deixar de dar a ela o devido respeito? Temendo o teu desagrado, quão grande seria o meu arrependimento e remorso posterior?

"Como alguém que come alimento delicioso, realmente prejudicial para ele, depois fica cheio de arrependimento, assim sabendo que Rama foi exilado por minha ordem, a aterrorizada Sumitra não colocará mais fé em mim. Ó, como é

lamentável, Sita, ouvindo essas más notícias da minha morte e do banimento de Shri Ramachandra, abandonará sua vida, como uma ninfa morre privada de seu companheiro em um vale do Himalaia.

"Eu não vou sobreviver por muito tempo ao exílio de Rama e à aflição de Sita. Desfruta do reino com teu filho, mas como uma viúva! Saibas bem, ó devi, não haverá felicidade para mim na vida se Rama for exilado. Como os homens enfeitiçados pela cor de vinho o bebem enquanto pensam mal dele conhecendo as suas consequências prejudiciais, assim eu, encantado por ti, entrei em união contigo, acreditando-te fiel e verdadeira. Contudo agora eu sei que a tua disposição é incomparavelmente vil. Tu me iludiste com truques sedutores.

"Como um caçador engana um cervo por meio de música agradável, assim ai! o povo da capital pensará em mim como o carrasco de meu filho. Eles vão me evitar como a um brâmane que bebe licor embriagante. Ai de mim se eu ouvir palavras tão amargas! Agora eu estou sofrendo aflição profunda como os homens que consomem o fruto das suas antigas iniquidades. Ó pecaminosa, tendo te protegido por tanto tempo, eu é que errei, como o homem que preserva cuidadosamente a corda com a qual ele é finalmente enforcado.

"Como uma criança, em um lugar solitário, brinca com uma cobra negra não sabendo que ela será causa da sua morte,

assim sou eu. Quem é mais perverso do que eu que, durante a minha vida, faço com que o meu filho santo se torne um órfão? O mundo inteiro me desprezará dizendo: 'O rei Dasaratha é dominado pela luxúria e pelo incitamento de uma mulher mandou seu filho para o exílio'.

"Shri Rama em sua infância se absteve de carne, mel<sup>145</sup> e vinho, e fiel ao seu voto de brahmacharya, foi reduzido a um esqueleto pela observância de austeridades severas, muito estudo e serviço firme ao seu preceptor. Agora, um chefe de família, chegou a hora em que ele deveria gozar de saúde e prosperidade, mas agora ele é condenado a sofrer grande privação física. É certo que quando eu o mandar ir para a floresta, ele responderá 'Que assim seja, ó majestade'. Ai, seria muito melhor se pudesse ser de outro modo. O meu filho amado certamente não me desobedecerá. Não conhecendo o meu verdadeiro motivo, e acreditando que a ordem vem da sinceridade do meu coração, ele vai concordar e partir de bom grado; mas todos vão me execrar se Rama nos deixar.

"A morte, que não poupa ninguém, vai me levar para a região de Yama quando Shri Ramachandra tiver ido para a floresta, então, ó Kaikeyi, que injustiça grave tu infligirás aos teus parentes restantes e à rainha Kaushalya? Ela, privada de Rama e Lakshmana, não será mais capaz de suportar sua tristeza e abandonará sua vida.

"Ó Kaikeyi, tendo lançado a mim, Kaushalya, Sumitra e meus três filhos no poço da morte, tu poderás ser feliz? Tu serás

capaz de proteger a dinastia de Ikshvaku, que por longas eras tem sido governada sem perturbação, quando Rama e eu tivermos ido? Será que Bharata vai aprovar o banimento de Rama? Se assim for, que ele não realize as minhas exéquias. Ó inimiga, que as tuas ambições sejam realizadas. Quando eu estiver morto e Rama banido, então tu, uma viúva, governarás o reino com teu filho.

"Ó tu residente em nosso meio como a pretensa filha de um rei, se tu fosses verdadeiramente uma princesa, a tua fama incomparável não teria sido manchada, nem eu teria sido aviltado por ti.

145 O mel naquela época sendo obtido por matar todas as abelhas, Shri Rama o evitava.

"Agora o meu filho, acostumado a andar em cavalos, carruagens, e elefantes, terá que andar com os pés descalços na floresta. Ele, que antigamente era servido à mesa por atendentes em uniformes adornados com joias, disputando uns com os outros, dizendo: 'O meu prato é mais doce, ó senhor', como é que Rama daqui em diante viverá de frutos amargos e insípidos da floresta? Como ele passará a sua vida dependente

de frutas e raízes? Como Shri Ramachandra, acostumado a roupas caras e cama suntuosa, dormirá no chão nu, vestido com o manto amarelo de um mendicante? Eu não sei por que uma mulher mal-intencionada emitiria esse decreto cruel que Rama deve ser exilado e Bharata ser instalado como regente.

"Ai daquelas mulheres que procuram o ganho material, hábeis em realizar o seu próprio propósito! Eu não condeno todas as mulheres, mas aquelas como a mãe de Bharata. Ó Kaikeyi, versada em fazer o mal, sempre disposta torpemente e buscando o teu próprio benefício, tu entraste em minha casa para me causar aflição? Qual falha tu viste em mim ou em Ramachandra, o amigo de todo o mundo? Ó Kaikeyi, ao ver Rama sofrendo na floresta a teu pedido, pais vão abandonar seus filhos, esposas fiéis seus maridos, e o mundo inteiro vai te condenar.

"Quando eu vejo Shri Ramachandra adornado e belo como um deus, se aproximando de mim, meus olhos ficam encantados; ao vê-lo assim, eu me encho de alegria e coragem. Os assuntos do mundo podem continuar na ausência da aurora, e a terra existir sem chuva, evocada por Indra, mas ninguém na capital vai desfrutar de felicidade vendo Rama ir para o exílio.

"Ai de mim! Hoje, eu estou prestes a perecer por te nutrir por tanto tempo em meus braços, ó Kaikeyi, uma cobra venenosa decidida a me destruir. Tu és a minha verdadeira inimiga. Agora tu, Rama e Lakshmana realizem as minhas cerimônias fúnebres, então governa o reino com teu filho, Bharata. Destrói os meus

parentes e amigos, despovoou as minhas cidades e o país, e vive em harmonia com os meus inimigos, ó tu canalha cruel! Por que os teus dentes não se quebram em mil fragmentos, visto que tu falaste inadequadamente diante do teu senhor, e revelaste ostentações vãs. O meu Rama nunca falou uma palavra áspera para ti. Ele não sabe como falar grosseiramente. Tu acusas Rama de vileza, que sempre foi de fala gentil e que é dotado de todas as qualidades excelentes.

"Ó tu difamadora do reino de Kaikeya, eu não concederei teu pedido tu fiques zangada ou triste ou tires tua vida por engolir veneno ou lances tua cabeça contra uma rocha, ou mesmo afundes na terra. Tu proferes palavras afiadas como a borda de uma navalha, enganosas e comoventes, velando-as em tons gentis, a tua natureza é perversa, tu és a destruidora da tua própria família. Tu infligiste amarga agonia a mim. Embora encantadora em aparência, tu és uma mulher perigosa. Eu não desejo me unir com alguém tão infinitamente perverso.

"De que serve falar de amor e alegria, eu não posso viver sem Ramachandra.

Ó devi, abstém-te de me destruir. Eu toco os teus pés, tem piedade de mim".

Encontrando seu coração insensível ao seu apelo, o rei Dasaratha, como um órfão, adulator e abjeto, caiu inconsciente aos pés de Kaikeyi como alguém prestes a morrer.

## Capítulo 13 – Kaikeyi ignora a imensurável aflição do rei

O rei Dasaratha, deitado no chão em ignomínia absoluta, parecia o rei Yayati caído do céu. A rainha cruel, vendo seu propósito ainda não realizado, ela mesma

sem medo, contudo inspirando terror no coração do rei, mais uma vez exigiu as bênçãos, dizendo:

"Ó rei, tu sempre te consideraste um homem honesto e fiel aos seus votos, por que tu então retiras as bênçãos prometidas a mim?"

Depois de algum tempo, o monarca extremamente inquieto respondeu com

raiva:

"Ó mulher pecaminosa, depois da minha morte quando Ramachandra, o

chefe de homens, tiver ido para o exílio, tu podes realizar o teu objetivo. No céu, os deuses vão perguntar sobre o bem-estar de Shri Ramachandra. Se eu responder que enviei Rama para o exílio para agradar Kaikeyi, isso será encarado como uma mentira, e ninguém vai acreditar. Após ter passado inúmeros anos sem um filho, como eu iria, após longo sofrimento e



ansiedade, sendo abençoado com um herdeiro, abandonar Rama de braços longos?

"Como Rama, corajoso, erudito, tolerante e paciente, cujos olhos são como lótus, pode ser levado ao exílio por mim? Como eu enviaria o belo Rama, cuja tez é como o lótus azul, para a floresta de Dandaka? Shri Rama, merecendo todo o conforto e prazer, não merecedor de tristeza, como eu poderei ver aquele sábio Ramachandra em sofrimento?

"Se eu morresse sem ver Rama aflito, que não merece nenhum sofrimento, o meu espírito sentiria alegria no céu. Ó impiedosa, ó pecaminosa Kaikeyi, por que, por que tu me obrigas a enviar o meu filho querido e sincero, Shri Ramachandra, para a floresta? Eu me exporei à desonra no mundo inteiro".

Assim lamentando e perturbado, o anoitecer tendo caído e a noite passando em ritmo acelerado, o rei Dasaratha aflito e em grande angústia não sentiu nenhum prazer ao contemplar a lua. O velho rei, suspirando pesadamente, continuou a lamentar, e olhando para o céu estrelado gritou: "Ó Noite, enfeitada com estrelas, não passes para a aurora. Ó Noite auspiciosa, com grande humildade, eu te suplico, tem piedade de mim e não vás embora. Eu não tenho nenhum desejo de ver o rosto dessa cruel Kaikeyi, que me causou sofrimento imensurável".

Então o monarca novamente suplicou a Kaikeyi dizendo: "Um homem virtuoso e, contudo infeliz, eu me refugio em ti, pois tenho pouco tempo de vida. Ó auspiciosa! Saibas disso; eu sou

um rei e não sozinho, mas na assembleia real eu proclamei Rama como regente. Tem misericórdia de mim, ó Kaikeyi, ó filha, ó dadora de alegria! Concede regência imperecível para Shri Ramachandra e te torna estimada por mim. Ó Kaikeyi, desse modo tu obterás grande renome.

"Ó tu de bela face, deixa Rama ser instalado, assim tu darás alegria a Shri Ramachandra, a Bharata, à corte, mais que isso, ao mundo inteiro".

Então o soberano de coração puro, com os olhos vermelhos em sua aflição irrompeu em uma torrente de lágrimas, mas a ímpia Kaikeyi ignorou tanto a sua bajulação quanto o seu pranto.

O rei, ao perceber que o exílio de Shri Rama não poderia ser evitado, caiu inconsciente no chão. Suspirando profundamente a todo o momento, o rei Dasaratha passou a noite em grande angústia.

Ao amanhecer, os músicos reais começando a tocar para despertar o grande monarca, foram mandados ficar em silêncio por ele.

Capítulo 14 - O rei é dominado pela dor; a rainha convoca Shri Rama

Kaikeyi, vendo o rei perturbado pelo sofrimento, indeciso sobre como agir, e inquieto como um peixe em terra firme, disse:

"Ó rei, qual é o significado da tua dor e tristeza? Tendo me prometido duas bênçãos, tu incorrerás no pecado de omissão? Aqueles versados no segredo da justiça chamam a verdade de a essência da virtude. Eu te peço apenas para proteger a verdade para o teu próprio bem. Ó rei, nos tempos antigos o teu antepassado, o rei Shivya, cumpriu uma promessa feita ao ceder o seu corpo para um falcão e, assim, adquiriu um estado espiritual elevado. Desse modo também o ilustre Alarka extraindo alegremente os seus próprios olhos os deu a um brâmane cego versado no Veda. O Senhor das Águas, o oceano, prestando o devido respeito à verdade, não vai além dos seus limites na época da lua cheia. A verdade é Brahman. A verdade é a coroa da retidão. O imperecível Veda proclama a glória da verdade. Quando o coração é purificado pela prática da verdade, Brahman é percebido. Ó rei, se tu consideras a verdade como o fruto da virtude, então, seguindo a verdade me concede as duas bênçãos, ó concessor de bênçãos. Para salvaguardar a tua felicidade futura, manda Rama para o exílio! Manda Rama para o exílio a meu pedido. Três vezes eu repito o meu desejo. Se tu não exilares Rama, eu não sobreviverei à desonra e rejeitarei a minha vida na tua presença".

Ouvindo as palavras de Kaikeyi, o rei Dasaratha encontrou-se obrigado e incapaz de escapar, como o rei Bali antigamente na presença de Vamana.<sup>146</sup> Atormentado, com sua mente agitada, seu semblante pálido, o rei parecia um novilho

cambaleando entre o jugo e a roda. Ansiedade e tristeza oprimiam o rei; com um esforço supremo, reunindo sua coragem e controlando seus sentidos, seus olhos dilatados, ele se dirigiu a Kaikeyi; "Ó mulher pecaminosa, no momento das nossas núpcias, na presença da chama sagrada, eu tomei a tua mão na minha, mas hoje eu te rejeito e ao filho nascido de ti, o príncipe Bharata. Ó devi, a noite quase acabou e o sol está prestes a nascer. Meu guru e os anciãos vão me incitar a realizar a cerimônia de instalação. Que os preparativos feitos para a instalação sejam usados para os meus ritos fúnebres. Que tu não participes deles, ó Kaikeyi, já que tu te opões à instalação de Shri Rama. Como eu olharei para os rostos daquelas pessoas agora cheios de alegria em antecipação à entronização de Rama, que em breve se tornarão entristecidos e melancólicos?"

A noite iluminada pela lua e as estrelas passou enquanto o rei estava falando, e o dia amanheceu. Então Kaikeyi, eloquente em discurso, mas cheia de iniquidade, levada pela raiva, falou veementemente:

"Ó rei, por que tu falas como alguém afetado por uma grave doença? Convoca o teu filho Ramachandra a vir para cá. Instala o meu filho no trono e manda Rama para o exílio. Então tu terás cumprido o teu dever".

O rei, como um cavalo de boa raça sofrendo sob o chicote, respondeu: "Eu estou preso na rede do dharma, estou

desprovido de entendimento, deixa-me ver o meu filho mais velho, Shri Rama”.

A manhã já tinha surgido, e a noite tinha fugido; o sol tinha nascido e um planeta auspicioso estava em ascensão. O abençoado senhor Vasishtha, dotado de todas as qualidades excelentes, rodeado por seus discípulos, segurando os artigos sagrados necessários para a instalação, chegou à grande porta. Passando pela

146 Vamana: o Anão santo, uma encarnação divina.

capital, Shri Vasishtha observou as ruas varridas e regadas. Bandeiras estavam tremulando na brisa em todos os lugares, flores de vários tipos estavam espalhadas nas estradas e guirlandas penduradas aqui e ali. Todos os habitantes pareciam felizes; lojas e tendas exibiam uma variedade de mercadorias, enquanto incenso misturado com âmbar cinzento e sândalo perfumava o ar. Em toda parte as pessoas estavam celebrando o festival e aguardando ansiosamente a coroação de Ramachandra.

Tendo atravessado a cidade de Ayodhya, que parecia Amaravati, Shri Vasishtha chegou ao palácio real, e viu no portão uma assembleia de brâmanes e professores que realçavam a cena. Inúmeros sacerdotes, hábeis no ritual de sacrifício, cortesãos e líderes da classe guerreira, assim como

comerciantes, estavam reunidos lá. Shri Vasishtha penetrou nos aposentos privados e entrou lá alegremente. Na porta, ele viu o quadrigário Sumantra de aparência agradável e o sábio santo pediu-lhe para anunciar sua chegada ao rei e informar a sua majestade que ele havia trazido a água sagrada do Gunga em vasos de ouro, e várias sementes, ervas aromáticas e gemas de diferentes tipos. Havia também mel, coalhos, manteiga clarificada, arroz tostado, grama kusha, flores e leite, junto com oito virgens belas e um elefante branco. Uma carruagem puxada por quatro cavalos, uma espada e arco excelentes, um palanquim com carregadores e um dossel semelhante à lua em pureza. Dois chamaras brancos, um jarro de ouro de boca estreita, novilhas brancas, um leão de dentes grandes, um corcel excelente, um trono de leão, uma pele de tigre, combustível sacrificial e fogo. Músicos de todo tipo, cantoras belamente adornadas, professores, sacerdotes, vacas, veados e aves; representantes do povo e dos comerciantes com suas famílias estavam reunidos lá. Essas e muitas pessoas, inspiradas pelo afeto e de fala gentil, tinham vindo com seus líderes para ver a coroação de Rama.

Shri Vasishtha ordenou Sumantra informar ao rei com toda pressa que Rama deveria ser instalado quando a estrela Pushya estivesse em ascensão. Sumantra, instruído pelo sábio real Vasishtha, e tendo acesso ao rei, entrou no palácio gritando "Jai! Jai! à sua majestade". Os guardas lhe permitiram entrar sem obstáculos e Sumantra, se aproximando do rei,

ignorante da sua condição, começou a louvar seu mestre real, de acordo com o costume predominante. Com grande humildade ele se dirigiu a ele, dizendo: "Ó soberano benevolente, como o sol ao raiar do dia dá prazer ao mar, assim tu nos dás alegria pelo teu semblante radiante. Aumenta o nosso deleite, ó senhor poderoso! Como na manhã Indra foi adorado por seu quadrigário, após o que ele derrotou os asuras, desse modo eu te saúdo. Eu vim te acordar como os Vidyas e os Vedas acordam Brahma. Como o sol e a lua estimulam a terra que sustenta todos os homens e a vida, assim eu vim te despertar, ó grande soberano. Desperta, ó marajá, e alegra os corações das pessoas pela tua visão. Veste os teus mantos reais e adorna-te com as grandes pedras preciosas, resplandecente como o sol no topo do monte Meru. Ó majestade, que a Lua, o Sol, Shiva e Kuvera sejam auspiciosos para ti. Que Varuna, Agni e Indra te concedam sucesso. A bela noite passou e o dia auspicioso raiou. Ó sábio nobre, levanta-te e cumpre os teus deveres; os preparativos para a instalação de Rama estão concluídos, os principais cidadãos e os habitantes da capital estão esperando reverentemente no portão; o abençoado sábio Vasishtha, com seus discípulos, está à porta. Manda-nos, ó rei, inaugurar a coroação de Rama imediatamente; como gado sem um protetor, um exército sem um general, noite sem lua, vacas sem um touro, assim é o teu reino sem um rei hoje".

O rei, ouvindo as palavras pacíficas de Sumantra, ficou novamente submerso no mar de tristeza; embora dominado pela dor, com os olhos vermelhos de raiva, ele lhe respondeu: "Ó Sumantra, as tuas palavras de louvor me infligem grande dor".

Sumantra, vendo a condição miserável de seu mestre, e ouvindo suas palavras angustiadas, unindo suas palmas em submissão, recuou, com a língua presa.

Então Kaikeyi, hábil em conseguir seu próprio objetivo, se dirigiu a Sumantra: "Ó Sumantra, estando muito feliz por conta da instalação de seu filho, o rei não dormiu esta noite. Estando cansado, ele agora está dominado pelo sono. Vai tu, portanto, e traze o ilustre Ramachandra aqui; esse assunto não requer nenhuma deliberação".

Sumantra pensou que a chegada de Shri Ramachandra iria pacificar a mente do rei; ele foi rapidamente convocá-lo e no caminho refletiu: "Por que a rainha Kaikeyi convocou Rama às pressas?" O auriga acreditou que a ansiedade do rei o tinha incitado a convocar Shri Ramachandra para o propósito de sua instalação. Sumantra chegou alegremente ao belo palácio de Shri Rama que parecia uma pequena ilha no mar, e viu lá muitas pessoas permanecendo no portão.

Ele viu muitos reis e grandes comandantes reunidos em seus lugares designados.



## Capítulo 15 – Sumantra se apressa para o palácio do príncipe Rama

Quando a noite tinha dado lugar à aurora, brâmanes bem versados no Veda, juntamente com os sacerdotes do rei, foram ao portão do palácio. Com eles vieram os conselheiros, os chefes do exército, e comerciantes importantes para testemunhar a instalação de Rama.

O sol tendo nascido e o planeta Pushya com Karrata<sup>147</sup> estando auspicioso,<sup>148</sup> sendo o momento em que Rama nasceu, brâmanes trouxeram vasos de ouro cheios de água, um trono finamente decorado e uma carruagem resplandecente, com um assento coberto com uma pele de tigre. Água foi trazida da confluência do Gunga e Yamuna e dos rios sagrados, lagos e poços, dos ribeiros que fluem a oeste e daqueles que descem das grandes alturas e fluem através das planícies. Dos mares também água foi providenciada e armazenada em vasos brilhantes de ouro e prata, nos quais flores de lótus flutuavam e em cuja superfície gravetos de Gular<sup>149</sup> e figueira foram espalhados.

Mel, coalhos, manteiga clarificada, grama kusha e flores também foram fornecidos. Cantoras lindamente enfeitadas também estavam presentes. Chamaras com cabos de ouro cravejados de joias, um belo dossel, cintilante e redondo como

a lua, foram fornecidos para a cerimônia, também um corcel branco equipado, um jovem elefante de tamanho grande, e oito virgens vestidas graciosamente.

Músicos com vinas, bardos e aqueles que proclamam o louvor do rei; tudo o necessário para a instalação de um soberano da dinastia de Ikshvaku foi providenciado por ordem do rei. Não vendo o rei Dasaratha na hora determinada, os presentes disseram: "Quem vai anunciar a nossa chegada para o monarca? O sol

147 Câncer.

148 Na conjunção correta astrologicamente.

149 Gular: ramos de uma árvore fragrante resinosa.

nasceu, mas o rei não saiu; toda a preparação para a instalação de Rama está agora completa".

Enquanto eles estavam falando assim, Sumantra, honrado servo do estado, dirigiu-se aos convidados reais e marajás, dizendo: "Como ordenado pelo rei, eu pretendo trazer Shri Rama diante dele. Na minha volta, eu vou perguntar à sua majestade, por vocês que são dignos de honra, o motivo do atraso".

O idoso Sumantra chegou à porta do aposento interno e entrou, não anunciado. Elogiando a dinastia real de Raghu, ele

chegou à câmara onde o rei estava deitado no chão. Derramando o seu louvor, ele se aproximou do arrás pendurado diante da câmara do rei, e disse: "Ó soberano, que Surya, Kuvera, Varuna, Agni e Indra te concedam a vitória. A deusa Noite partiu, a aurora chegou, levanta-te, ó leão entre os reis! Brâmanes, embaixadores e chefes das forças armadas se reuniram e estão desejosos de ver-te".

O rei, despertando, disse ao seu ministro chefe, Sumantra: "Traz Shri Ramachandra aqui rapidamente. Por que tu demoras? Eu não estou dormindo, vai trazer Shri Rama com toda pressa".

Sumantra, curvando-se ao rei, saiu para executar seus comandos. Pensando que a instalação de Rama estava próxima, ele partiu para o palácio, passando alegremente ao longo da estrada real alegre com bandeiras e estandartes. Ouvindo, de todos os lados, pessoas conversando sobre o evento esperado, ele se misturou com a multidão feliz e depois de caminhar certa distância, viu o palácio de Shri Rama, branco como o pico do monte Kailasha e belo como a residência de Indra.

As torres, adornadas com imagens de ouro, cravejadas de corais e joias, tornavam o palácio resplandecente, como as nuvens de inverno nas cavernas do monte Sumeru. A passagem principal, decorada com grinaldas de gemas e pérolas, estava perfumada com sândalo e âmbar cinzento, suavemente perfumada como a montanha Malaygiri e cheia de grous e

pavões. As portas e as paredes dos aposentos internos estavam decoradas com pinturas de leões, tigres e lobos, agradáveis para os olhos e a mente.

O palácio de Rama, resplandecente como o sol e a lua, mobiliado como o palácio de Kuvera e igualando a morada de Indra, estava cercado por muitas espécies de aves que se divertiam lá. Homens de terras distantes em trajes adornados com joias esperavam trazendo presentes em suas mãos, ansiosos para ver Rama. O palácio espaçoso estava decorado suntuosamente e os atendentes que serviam lá eram homens de baixa estatura.

Shri Sumantra, alegrando o povo, em sua carruagem puxada por cavalos, chegou à porta do palácio que era cheio de riqueza incalculável e cercado por cervos e pavões que alegravam o coração.

Entrando nos portões e cumprimentando aqueles queridos para Rama, Sumantra chegou à porta do aposento interno. Lá também ele ouviu todos conversando sobre Shri Rama e se alegrou ao ouvi-los falar da sua glória. Ele contemplou o recinto interno, resplandecente e sublime como o monte Meru, que era tornado encantador pela presença de muitos veados e aves. Lá, também, ele viu aqueles de várias terras, descendo das suas carruagens e trazendo presentes.

Ele observou um elefante igual a uma colina em altura, assemelhando-se a uma nuvem escura, que nunca tinha

conhecido o toque de um agulhão e cuja testa estava pingando de suor. Seu nome era Shatrunja, e estava preparado para transportar Rama.

Prosseguindo, Sumantra viu muitos aurigas e cavaleiros preparados com seus cavalos ajazados. Continuando em seu caminho, o ministro chefe de Shri Rama viu inúmeros artistas e poetas reunidos lá.

Passando pela multidão, ele chegou ao apartamento particular de Shri Rama. Incontestemente, o grande Sumantra, parecendo uma nuvem, entrou no apartamento como um crocodilo entra no oceano cheio de pedras preciosas.

Capítulo 16 – Shri Rama em sua carruagem vai rapidamente até o rei

Passando por mais uma entrada, repleta de gente, Sumantra chegou a outro portão onde não havia guarda. Ele viu lá muitos jovens, alertas, vigilantes, e dedicados ao seu mestre, armados com arcos e machados, e usando brincos belos. Além desses, Sumantra viu homens idosos, vestidos de vermelho, esplendidamente trajados, segurando bastões em suas mãos, guardando os aposentos das rainhas. Vendo o virtuoso

Sumantra se aproximando com outros, eles permaneceram respeitosamente em atenção.

Sumantra, abordando esses atendentes humildes e experientes, disse: "Tenham a bondade de informar a Shri Ramachandra que Sumantra espera à porta". Eles, sempre desejando o bem de Rama, informaram ao príncipe e Sita sobre a chegada de Sumantra. Sabendo que Sumantra tinha a confiança do rei seu pai, Shri Rama afetuosamente o fez ser convocado.

O quadrigário, entrando lá, viu Shri Ramachandra parecendo o próprio Kuvera, sentado em um sofá dourado, coberto com almofadas macias e ricamente ornamentado. Sua frente estava ungida com pasta de sândalo pura e perfumada, da cor do sangue de um javali selvagem.

Ao seu lado a princesa Sita, tão bela quanto a Lua acompanhada pelo planeta Chitra,<sup>150</sup> estava sentada, segurando um chamara em sua mão.

Sumantra, versado nos costumes da corte, ofereceu saudações respeitosas a Shri Rama que parecia tão resplandecente quanto o sol do meio-dia. Com as palmas unidas, Sumantra humildemente perguntou sobre o bem-estar do príncipe e se dirigiu a ele que estava assim sentado no sofá, dizendo: "Ó filho excelente da rainha Kaushalya, o rei deseja te ver no apartamento da rainha Kaikeyi, tem a bondade de ir para lá sem demora".

Assim abordado, aquele leão entre os homens, o ilustríssimo Ramachandra, cheio de alegria ao receber a convocação, respondeu: "Que assim seja, eu irei para lá com toda velocidade". Então se dirigindo a Sita, ele disse: "Ó devi, minha mãe Kaikeyi e meu pai deliberaram um com o outro a respeito dos assuntos relativos à minha instalação. Ó princesa de olhos belos, minha mãe Kaikeyi, sempre benevolente e polida, sabendo do desejo do rei, o está influenciando para o meu bem! Aquela filha do grande rei de Kaikeya, sempre obediente ao meu nobre pai, deseja a minha prosperidade. Ele, com sua amada rainha, mandou me buscar através de Sumantra, que é sempre bem disposto para comigo, e deseja o que é agradável para mim, assim como o rei, meu pai, e a rainha, minha mãe. Seguramente, hoje o rei vai me proclamar regente. Eu irei até o rei meu pai com toda pressa, conversa alegremente com as tuas damas de honra".

150 Chitra: Spica virginis.

Ouvindo essas palavras gentis, faladas por seu marido, a princesa Sita de olhos de lótus recitando o Canto da Paz, seguiu Shri Ramachandra até a porta. Ela disse: "Ó marajá, o reino tem muitos brâmanes eruditos que irão te coroar, como Indra foi coroado por Brahma. Quando a iniciação preliminar estiver concluída e tu realizares o sacrifício Rajasuya<sup>151</sup> e eu te

contemplar vestido em uma pele de antílope com os chifres do cervo em tua mão, então me permite te prestar homenagem. Que Indra no leste te proteja, que Yama no sul te proteja, que Varuna no oeste te proteja, que Kuvera no norte te proteja”.

Tendo se despedido de Sita, Shri Rama deixou seu palácio com Sumantra. Shri Rama, saindo de seu palácio, como um leão sai de sua caverna, viu Shri Lakshmana esperando humildemente na porta.

No portão do meio, Shri Rama encontrou seus amigos e honrou aqueles que se reuniram ali para testemunhar a sua coroação. Então aquele leão entre os homens, o filho do rei Dasaratha, subiu na sua carruagem resplandecente como chama, coberta com peles de tigre e que, em seu curso, fazia um barulho como trovão. Incrustada com ouro e pedras preciosas, ela deslumbrava os espectadores como o brilho do sol. Os cavalos atrelados à carruagem, iguais a elefantes jovens, galopavam tão velozmente quanto os corcéis de Indra.

Shri Rama, sentado no seu carro resplandecente movendo-se rapidamente com um som como o de um trovão saindo das nuvens, parecia a lua correndo nos céus. Seu irmão mais novo, o príncipe Lakshmana, o acompanhava de pé atrás dele na carruagem, com um chamara na mão.

Por todos os lados, gritos de "Jai! Jai!" se erguiam, enquanto a multidão seguia a carruagem de Shri Rama com sua cavalcada de cavaleiros montados e elefantes como montanhas.



Guerreiros, cujas frentes estavam unguidas com pasta de sândalo e âmbar cinzento, precediam a carruagem portando espadas desembainhadas em suas mãos. Então seguiam os músicos e os bardos cantando seus louvores, e os gritos dos guerreiros pareciam o rugido de leões. A carruagem avançou em meio a uma chuva de flores derramadas das varandas e janelas por mulheres lindamente enfeitadas, de membros impecáveis, que assim ofereciam saudações a Rama, e desejosas de seu bem-estar cantavam hinos de adoração, dizendo:

"Ó alegria da tua mãe, cujo coração hoje está elevado em exultação por causa de ti; hoje a tua nobre mãe te verá em posse do trono.

"A princesa Sita, extremamente querida por Rama, é estimada a mulher mais feliz do mundo pelas mulheres que, acreditando que ela praticou um alto grau de virtude e ascetismo em um nascimento anterior, dizem: "Como o planeta Rohini<sup>152</sup> encontrou união com a lua, assim a princesa Sita encontrou união com Rama".

Ouvindo os elogios encantadores das mulheres, Raghava prosseguiu, ouvindo a conversa dos cidadãos e as que vinham de longe, a respeito da sua coroação que se aproximava. Alguns diziam: "Hoje Shri Ramachandra, nosso senhor, obterá riqueza e poder ilimitados pela graça do rei seu pai. Aquelas pessoas sobre as quais ele domina obterão o desejo de seu coração e a realização das suas ambições. Se ele desfrutar do

reino por muito tempo, o ganho será nosso, uma vez que nenhuma aflição visitará o reino enquanto ele for rei”.

Assim precedido por cavalos relinchantes e os louvores da sua dinastia cantados por cronistas e bardos, Rama avançou como o deus Kuvera, enquanto por

151 Sacrifício Rajasurya: um sacrifício grandioso realizado na instalação de um rei.

152 Rohini: quarto dos asterismos lunares.

todos os lados ele via as estradas enfeitadas cheias de homens e elefantas, carruagens, cavalos e pessoas e tendas cheias de pedras preciosas e mercadorias.

Capítulo 17 – Ele avança para o palácio em meio às palmas de seus amigos

Sentado em sua carruagem, o príncipe viu seus amigos alegres e a cidade, branca como uma nuvem, adornada com bandeiras e estandartes tremulando aqui e ali, fragrante com o perfume do incenso, cheia de uma multidão de homens e enriquecida

por prédios majestosos. Passando pelas estradas perfumadas, onde pilhas de madeira de sândalo estavam queimando, e perfumes raros, tecidos de lã e de seda, pérolas não perfuradas e inúmeras gemas expostas à vista, com tendas repletas de artigos de alimento e bebida e mercadorias de todos os tipos, ele contemplou a estrada real adornada como o caminho dos deuses no céu, com todos os símbolos auspiciosos, como coalhos, arroz, sândalo, grãos tostados e leite. Atravessando os cruzamentos alegres com flores e objetos perfumados, em meio às bênçãos e saudações de seus amigos, ele reconheceu seus elogios com humildade. Aqueles de idade avançada gritavam: "Ó príncipe, tu que serás coroado hoje, que o teu reinado se assemelhe ao do teu avô e do teu bisavô, desse modo nós prosperaremos como nos tempos dos teus antepassados, que a nossa felicidade supere até aqueles tempos. Nós não precisamos dos confortos desse mundo, nem daqueles do outro mundo. Vendo Shri Ramachandra retornando após a sua coroação, a nossa alegria será superior a tudo o mais. Nada é mais querido por nós do que a instalação de Shri Ramachandra de glória ilimitada".

Assim Raghava avançou, em meio aos elogios de seus amigos, o foco de todos os olhos e corações, sereno e imperturbável. Aqueles que não foram capazes de contemplá-lo ou não foram notados por ele se tornaram objeto de desprezo para os outros, não só isso, eles eram uma vergonha para si mesmos. O todo-compassivo Ramachandra olhava para cada uma das quatro

castas com igual condescendência. Cada um o amava acordo com sua capacidade.

Passando pelos templos, bosques sagrados e pavilhões, Shri Ramachandra os circungirou em reverência. Ele então viu o palácio real, semelhante a uma nuvem branca, suas torres como os picos cobertos de neve do monte Kailasa, suas varandas parecendo quase alcançar os céus como as carruagens de fogo dos deuses; as casas de recreio, incrustadas com pedras preciosas, faziam todo o palácio sobrepujar todos aqueles na terra e até mesmo rivalizar com a morada de Indra.

Aproximando-se do palácio de seu pai, Shri Rama passou pelos três portais guardados por arqueiros, e prosseguiu a pé através do quarto e quinto recintos. Lá, deixando seus atendentes, ele entrou nos aposentos privados do rei.

A multidão, vendo-o entrar no palácio, ficou cheia de alegria e aguardou a sua saída como o mar espera a vinda da lua cheia.

Capítulo 18 – Ele vê o rei cheio de angústia e sem fala; Kaikeyi profere palavras cruéis

Entrando no aposento particular, Shri Ramachandra viu o rei Dasaratha cheio de angústia, com seu semblante pálido, sentado com Kaikeyi no sofá real. Primeiro colocando sua

cabeça aos pés do seu pai real, ele então respeitosamente ofereceu saudações à mãe Kaikeyi.

O rei, com seus olhos cheios de lágrimas, com a garganta embargada pela emoção, só pôde pronunciar a palavra "Rama" e nada mais. Como o coração de um homem que toca acidentalmente uma serpente fica cheio de medo, assim ficou o coração de Rama ao ver a miséria do rei. O rei, agitado pela dor e pelo remorso, suspirando amargamente, cheio de angústia, parecia o mar que, calmo por natureza, é agitado por uma forte tempestade, ou Rahu<sup>153</sup> causando o eclipse do sol, ou a alma de um sábio agitada pela afirmação de falsidades. Sem saber a causa da aflição do rei, Shri Rama ficou agitado como o mar no dia da lua cheia. Shri Ramachandra, sempre engajado na busca do bem-estar de seu pai, refletiu: "Por que meu pai não está feliz em me ver hoje? Anteriormente, quando desagradado, ao ver-me ele ficava pacificado, mas hoje, vendo-me, ele está preocupado. Por que ele está dominado pela tristeza e desprovido de sua glória?"

Fazendo reverência a Kaikeyi, ele disse: "Se por uma ofensa involuntária eu causei desgosto ao meu pai, então, ó mãe, o propicia por mim. Outrora, mesmo quando descontente, meu pai era bondoso para comigo, mas hoje eu o vejo de semblante pálido, e profundamente angustiado, e ele não fala comigo. O meu pai venerável está sofrendo alguma aflição física ou mental? É raro de fato para um homem ser consistentemente feliz. Sua majestade viu alguma falha grave no amável príncipe

Bharata ou no corajoso Shatrughna, ou nas minhas mães ou em mim? Eu não desejo viver um único instante se sua majestade não está satisfeita comigo, ou está descontente ou se eu o desobedeci. Por que o homem não obedeceria aos seus pais, que são a fonte do seu nascimento e que são deuses viventes? Tu falaste palavras duras, por vaidade, ao rei, ao ouvir as quais seu coração está dilacerado? Ó devi, responde a minha pergunta sinceramente. Dize-me a causa dessa aflição sem precedentes do meu pai”.

Kaikeyi, assim abordada por Shri Rama, morta para toda vergonha e hábil em defesa de seu propósito egoísta, falou com arrogância: "Ó Rama, o rei não está zangado nem está sofrendo de dor física, ele tem algo em mente que ele teme revelar para ti. Ele te ama muito e por isso hesita em te falar desse assunto desagradável. Tu deves cumprir o que ele me prometeu e agir de acordo com isso. Tendo antigamente me concedido uma benção, ele agora se arrepende disso como um homem comum. Prometer uma benção e depois procurar se esquivar é como a criação de uma barragem quando a água já passou. Ó Rama, toma cuidado para que o rei não abandone a verdade por tua causa. Entre os homens santos, é dito que a verdade é a raiz do dharma. Se o rei te comandar e tu cumprires seu comando sem mais deliberação, então eu te revelarei toda a verdade. O rei pode não se comunicar contigo diretamente, portanto, fica pronto para executar o que eu ordeno em seu nome”.

Shri Rama, muito agitado, respondeu a Kaikeyi na presença do rei: "Que vergonha, ó devi, falar assim comigo. Por ordem de meu pai eu estou disposto a fazer qualquer coisa, até mesmo me jogar no fogo. Por ordem do rei meu pai e

153 Rahu: um demônio mítico, dito ser a causa do eclipse do sol e da lua por engoli-los.

criador do meu bem-estar eu beberei alegremente veneno mortal ou me jogarei no mar. Ó devi, me revela a vontade dele, eu me comprometo a cumprir o seu comando. Tem a certeza, ó mãe, de que Rama não profere mentira".

Para o sempre sincero Rama, Kaikeyi respondeu nestas palavras danosas: "Ó Ramachandra, há muito tempo o marajá lutou contra os asuras e caiu ferido no campo. Eu então o protegi e ele me prometeu duas bênçãos. Como essas eu peço a instalação do príncipe Bharata e o teu exílio para a floresta de Dandaka. Ó grandioso, se tu desejas que tu e teu pai mantenham a verdade, então me ouve. Em obediência ao teu pai, vai agora para o exílio por quatorze anos. Que as preparações feitas para a tua instalação sejam usadas para a entronização de Bharata. Desistindo do teu direito ao reino, com cabelo emaranhado, usando uma pele de veado, vive na floresta de Dandaka por sete e mais sete anos. Que a terra seja governada pelo príncipe Bharata. Este reino cheio de

abundância de gemas, cavalos e elefantes deve ser dele. Por conta disso o rei está angustiado, com seu rosto pálido e ele é incapaz de olhar para ti. Ó Rama, obedece ao rei e o protege por cumprir a sua ordem”.

Ao ouvir essas palavras cruéis de Kaikeyi, Shri Ramachandra não revelou nenhum sinal de aflição, mas o rei, percebendo o futuro sofrimento de seu filho, foi dominado pela angústia.

Capítulo 19 - Shri Ramachandra não revela sinal de aflição e se prepara para o exílio

O matador de seus inimigos, Shri Ramachandra, ouvindo as palavras de Kaikeyi, fortes como as dores da morte, não foi de forma alguma alterado por elas, e respondeu: "Que assim seja! Para honrar a promessa feita pelo rei eu partirei para a floresta imediatamente, com cabelos emaranhados, vestido com roupas feitas de pele; mas eu desejo saber por que o soberano ilustre não se dirige a mim? Ó devi, não temas, eu juro, na tua presença, que eu viverei na floresta vestido em peles com cabelos emaranhados; alegrem-se, portanto! Qualquer ordem que o monarca benevolente, sempre atento ao meu bem-estar, impuser a mim, eu executarei alegremente para agradá-lo. Não há nada que eu não faria por ele sem hesitação, mas um pensamento doloroso se mantém em minha mente. Por que o



próprio rei não me fala da entronização de Bharata? Ó mãe, pela tua ordem, eu estou disposto a entregar ao meu irmão Bharata não só o reino, mas também Sita, junto com todo objeto de desejo, minha riqueza e minha vida. Quanto mais eu faria pelo meu pai, para que ele possa preservar o voto de veracidade e servir o teu propósito. Torna essa questão clara para o rei. Como é que eu vejo o meu pai de cabeça baixa, derramando lágrimas? Que mensageiros em cavalos velozes convoquem o príncipe Bharata imediatamente da casa de seu tio, enquanto eu, sem considerar o mérito ou demérito das injunções do meu pai, entrarei na floresta de Dandaka por quatorze anos”.

A rainha Kaikeyi, muito satisfeita com as palavras proferidas por Shri Ramachandra e certa do seu exílio, o incitou a partir, dizendo: "Assim seja; mensageiros em cavalos de pés velozes irão convocar Bharata imediatamente da casa de seu tio. Ó Rama, estando pronto para entrar na floresta, não demores; parte, portanto, com toda velocidade. Tomado de vergonha, o rei não ousa te pedir

para partir, mas que tu desconsideres isso. Ó Ramachandra, o rei não irá nem se banhar, nem ingerir alimentos até que tu tenhas entrado no teu exílio”.

O rei, ao ouvir as palavras de Kaikeyi, gritou "Ai", "Ai", e, angustiado, caiu sem sentidos no sofá dourado. Erguendo o rei,

Shri Ramachandra, incitado pelas palavras de Kaikeyi como um cavalo sob o chicote, se preparou para entrar na floresta com toda pressa. Com seu coração inalterado pelas palavras cruéis da rainha, ele respondeu: "Ó devi, eu não desejei o reino para adquirir riqueza e poder, mas, tornando-me regente, eu desejava preservar o dharma. Saibas que eu, como os sábios, sou um protetor do dharma. Se eu puder prestar algum serviço para o meu pai ao custo da minha vida, isso é como se já realizado. Não há maior bem nesse mundo do que servir ao próprio pai por pensamento, palavra e ação. Por essa ordem, não emitida pelo rei, mas por ti, eu vou morar por quatorze anos na floresta desabitada. Ó Sati, tu tens sido minha mãe e ainda não estás familiarizada com a minha natureza. Se tu me conhecesses, não teria surgido a necessidade de consultar meu pai em uma questão tão insignificante. Agora eu vou me despedir da minha mãe, a rainha Kaushalya, e oferecer consolo à minha Sita. Que Bharata governe o reino de acordo com o dharma e sirva fielmente ao nosso nobre pai. Esse é o dever permanente de um filho".

Ouvindo as palavras de Shri Ramachandra, o rei, sem palavras e cheio de tristeza, chorou alto, derramando lágrimas amargas. O ilustríssimo Rama prestou homenagem a seu pai que jazia lamentosamente lá e, então, curvando-se aos pés de Kaikeyi, deixou o aposento. Tendo circungirado o rei e a rainha Kaikeyi com extrema reverência, Shri Ramachandra saiu da câmara interna e viu seus amigos permanecendo na porta. Shri

Lakshmana cheio de ira, com os olhos cheios de lágrimas, seguiu Rama.

Shri Rama circungirou os artigos sagrados preparados para a cerimônia de instalação com grande reverência, e rezou para que eles fossem dedicados à instalação do príncipe Bharata. Então se afastando deles sem olhar para trás ele se retirou lentamente.

O abandono da cerimônia não conseguiu diminuir a serenidade de Shri Ramachandra, o esplendor do seu rosto permaneceu inalterado como a lua não sofre diminuição de sua beleza no período minguante. Ao renunciar ao reino e partir para o exílio, Shri Ramachandra parecia um grande yogue e ninguém observou qualquer mudança de humor nele.

Abandonando o dossel real, o belo chamara e despedindo-se respeitosamente e afetuosamente dos seus amigos e representantes do povo e convidados, lembrando-se da tristeza causada a eles, e reprimindo seus sentidos, o príncipe foi para os aposentos de sua mãe para lhe revelar as notícias angustiantes. Aqueles em volta dele não encontraram nenhuma mudança nele, nem nos adornos de seu corpo, postos em preparação para a cerimônia real, nem na alegria do seu rosto. Assim era o verdadeiro Ramachandra. Como a lua outonal não perde o seu esplendor, assim a alegria de Rama de braços poderosos não diminuiu. Dirigindo-se aos que estavam próximos com delicadeza e respeito, ele se aproximou de sua mãe Kaushalya.

O corajosíssimo príncipe Lakshmana, que compartilhava das alegrias e tristezas de seu irmão, o seguiu. Ciente da grande aflição que surgiria nos corações de seus amigos, Shri Rama por causa de sua mãe entrou no palácio em um estado de espírito sereno e alegre.

## Capítulo 20 – A rainha Kaushalya fica aflita e desamparada com tristeza

Percebendo aquele leão entre os homens, Shri Ramachandra, com suas palmas unidas em um gesto de despedida, saindo dos aposentos de seu pai, as damas da câmara interna começaram a lamentar alto, dizendo: "Shri Rama, que realizava todos os nossos desejos sem aguardar a injunção do rei seu pai, e que é nosso único amparo, irá hoje para o exílio?"

"Desde o seu nascimento ele tem nos honrado e respeitado como a sua própria mãe, a rainha Kaushalya. Quando nós falamos palavras duras para ele, ele nunca ficou com raiva, nem ele alguma vez nos deu qualquer motivo de desagrado. Aquele príncipe que sempre apaziguava os que estavam afrontados está indo hoje para o exílio. Nosso rei, agindo como um homem ignorante, está decidido a destruir seus súditos e está enviando Rama, que é o único amparo de todos os seres, para o exílio".

Desse modo, chorando amargamente, todas as damas de honra e criadas do rei lamentaram como vacas desprovidas de seus bezerros. O rei, ouvindo os seus gritos de angústia, profundamente aflito com pesar por seu filho, tomado de vergonha, caiu em seu sofá. Shri Ramachandra, angustiando-se pelas aflições de seus parentes, respirando como um elefante poderoso se aproximou, com Lakshmana, dos apartamentos de sua mãe.

Entrando lá, ele viu no primeiro portão o venerável e idoso guardião da porta e seus assistentes, que se levantaram ao ver o príncipe, gritando "Jai" "Jai" para ele. Chegando ao segundo portão, ele se encontrou com os brâmanes idosos honrados pelo estado por sua grande erudição. Saudando-os, ele entrou no terceiro portão onde as mulheres, os idosos e as crianças estavam de guarda. As mulheres deram suas bênçãos ao príncipe e foram informar a rainha Kaushalya da chegada de Shri Rama.

De acordo com preceitos das escrituras, a rainha tinha passado a noite inteira adorando Shri Vishnu, desejosa do bem de seu filho. Vestida com um sari de seda, ela estava derramando oblações no fogo sagrado, com alegria. Shri Rama, entrando no aposento de sua mãe, a viu oferecendo oblações na chama sagrada; ele viu ali os artigos sacrificais preparados para a adoração dos deuses; coalhos, arroz, manteiga, doces, arroz cozido no leite, guirlandas de flores brancas, sementes de gergelim, combustível e jarros cheios de água pura.

Shri Rama viu a rainha de pele clara em uma túnica branca, emaciada por longos jejuns. Depois de um tempo, percebendo seu filho, Shri Ramachandra, ela correu em direção a ele como uma égua corre ao encontro de seu potro. Abraçando-o, inspirada pelo amor materno, ela dirigiu-se ao grande Rama com palavras gentis e afetuosas: "Ó meu filho, que tu te tornes idoso e virtuoso como os sábios reais. Que tu alcances a idade apropriada para a tua dinastia. Que tu obtenhas renome e cumpras os teus deveres familiares. Ó caro príncipe, agora te aproxima do teu pai amante da verdade, que te aguarda hoje para te nomear regente do reino".

Oferecendo a seu filho um assento, ela colocou doces diante dele; Shri Rama, apenas tocando-os, com palmas unidas se dirigiu a ela humildemente; ele, sempre carinhoso e agora mostrando ainda maior sensibilidade em proteger a honra de sua mãe, disse: "Ó deusa, tu ainda não sabes da grande calamidade que nos ameaça. Eu devo ir para a floresta de Dandaka e vim pedir a tua autorização. Essa é a época de tristeza para ti, Sita e Lakshmana. Agora, entrando na floresta, o meu assento será de grama kusha e lá, residindo por quatorze anos, eu viverei de mel, raízes e

frutas. O rei concedeu a regência ao príncipe Bharata e eu, abandonando a alimentação real, devo entrar na floresta para comer o alimento de ascetas lá. Por ordem do rei, Bharata será instalado como regente. Por quatorze anos, é ordenado que eu

viva na floresta, praticando ascetismo longe dos lugares frequentados pelos homens. De agora em diante a floresta será o meu lar; raízes e frutos silvestres serão meu alimento!"

Ouvindo essas palavras, a rainha caiu no chão como o galho de um abeto cortado do tronco por um machado! Parecendo uma ninfa caída do céu ou uma árvore fantasma derrubada, ela caiu. Shri Ramachandra a ergueu até seu sofá, seu corpo sujo de poeira, como um corcel que rolou na terra, e gentilmente limpou a poeira com as suas próprias mãos. A rainha, digna de toda a felicidade, sentada ao lado de seu filho, cheia de angústia, se dirigiu a ele na presença de Shri Lakshmana: "Ó filho, ó Rama, se tu não tivesses nascido do meu ventre, eu teria sofrido a angústia de não ter filhos, mas teria sido poupada dessa tristeza. Ó meu filho, se eu fosse uma mulher estéril, eu não estaria aflita desse jeito, pois uma mulher estéril só tem uma dor, a de não ter filhos. A boa sorte que cai sobre uma esposa, ai! não era para ser desfrutada por mim por muito tempo! Tendo um filho, eu procurei a felicidade, mas agora, embora a rainha principal, eu devo suportar as palavras cortantes das minhas rivais consortes, não mais me mostrando deferência. Qual calamidade maior pode acontecer a uma mulher? Os insultos que se acumularão sobre mim, sem ti, se revelarão insuportáveis. Ai de mim! Essa é a época de tristeza e aflição incomensuráveis! Ó meu filho, quando tiveres partido, eu deixarei de viver. Como rainha-chefe, eu já tenho suportado grande provocação; agora, servindo Kaikeyi, eu serei

considerada inferior à criada dela, de fato alguns dizem que eu já sou sua escrava. Aqueles que me atendem me abandonarão ao virem Bharata feito regente”.

Então a rainha Kaushalya, enfurecendo-se, começou a proferir palavras, amargas dizendo: "Como eu, assim aflita, olharei no rosto de Kaikeyi? Ó Rama, dezessete anos se passaram desde que tu recebeste o fio sagrado.<sup>154</sup> Desde então, eu tenho vivido na expectativa da tua instalação e do término das minhas tristezas, mas agora eu devo sofrer ainda mais. Eu não poderei aguentar isso. Ó Rama, eu não poderei sofrer o desprezo das outras rainhas na minha velhice. Ó filho, não vendo o teu rosto parecido com a lua cheia, como eu suportarei essa vida miserável? Eu tenho feito inúmeros jejuns, adorado os deuses e te nutrido até agora, contudo, infeliz como sou, isso se revelou inútil. Certamente o meu coração é feito de pedra já que não ele não se partiu hoje, ele parece um rio na temporada chuvosa que não transborda sob chuva contínua. Certamente a morte se esqueceu de mim ou não há espaço em sua morada. Se não fosse assim, ele teria me levado daqui hoje como uma corça levada por um leão. Seguramente o meu coração deve ser tão duro quanto ferro, que não se despedaça sob essa aflição. Ó, por que a terra não se abre e me engole; parece que alguém não pode morrer antes da hora marcada. Aquelas austeridades sagradas, jejuns, meditação e penitência empreendidas para a prosperidade do meu filho se revelaram



vãos, como sementes semeadas em um campo estéril. Se nesse momento de tristeza eu pudesse morrer, ameaçada com a tua separação, eu abraçaria a morte tão voluntariamente quanto uma vaca privada de seu bezerro. Ó meu filho, para que serve a vida agora para mim, roubada da

154 Um menino brâmane recebe o fio sagrado por volta dos oito anos de idade, a cerimônia se chama Upa-naya. É possível que Shri Rama o tenha recebido mais cedo.

visão do teu rosto que se assemelha à lua cheia? Ou melhor, eu vou te seguir para a floresta como uma vaca fraca seguindo seu bezerro”.

A rainha Kaushalya, a mãe de Rama, aflita e desamparada, percebendo a sua própria posição lamentável, e que seu filho estava comprometido no serviço à verdade, lamentou como uma kinnari cuja prole foi capturada.

Capítulo 21 – Shri Rama, apesar dos lamentos da rainha e de Shri Lakshmana, se prepara para a partida

Shri Lakshmana, tomado pela dor, dirigiu-se à mãe Kaushalya em palavras adequadas para a ocasião. Ele disse: "Ó mãe, não pode ser agradável para ti que Rama, por ordem do rei que está sujeito a uma mulher e esquecido da prosperidade do reino, vá para a floresta. A velhice prejudicou o intelecto do monarca que, impelido pelo desejo, não é mais mestre de seus sentidos; quais palavras ele não proferirá? Eu não vejo falha em Ramachandra pela qual ele deva ser exilado e privado de seu reino. Eu não conheço o homem, seja amigo ou inimigo, que possa encontrar defeitos em Rama mesmo em ausência. Como um deus, ele é sincero, autocontrolado e tolerante até com seus inimigos; qual rei justo abandonaria tal filho sem motivo? Qual filho versado no exercício dos deveres de um soberano daria obediência a um rei tão pueril?"

Dirigindo-se a Rama, Lakshmana continuou: "Ó irmão, antes que a multidão saiba dessas notícias, assume as rédeas do reino, eu te ajudarei na tarefa. Ó Raghava, quem ousará se opor a ti, quando, como a própria morte, eu ficar ao teu lado, armado com meu arco? Se duas ou três, não só isso, se todas as pessoas de Ayodhya se opuserem a ti em teu empreendimento, eu as destruirei. Se todos os partidários de Bharata se opuserem a ti, nem um sequer escapará. Os dóceis são sempre oprimidos. Caso nosso pai, inspirado por Kaikeyi, se torne nosso inimigo, então, embora digno de proteção, eu vou matá-lo, sem dúvida! Até mesmo um preceptor espiritual

deve ser reprimido se, incitado pelo egoísmo, ele seguir o caminho do mal e fizer o que não deve ser feito.

"Com qual autoridade o rei confere o reino ao filho de Kaikeyi, quando o filho da rainha principal, justamente herdeiro do trono, ainda vive? Ó matador de teus inimigos, quem se atreverá a incorrer em nossa inimizade e dar a Bharata o reino?"

"Ó mãe, eu juro pela verdade, pelo meu arco, pelas leis da caridade, pelo mérito adquirido ao adorar os deuses, que eu sou um servo disposto de Shri Rama. Ó devi, se Rama entrar no fogo ardente ou na floresta escura, saibas que eu o terei precedido. Ó deusa, que tu e Shri Ramachandra contemplem a minha bravura pela qual eu destruirei todos os seus sofrimentos, como o sol destrói a escuridão. Eu também vou matar o rei escravizado por Kaikeyi, que é velho, desprezível, de mente não subjugada e que está na segunda infância".

Ouvindo as palavras do nobre Lakshmana, a rainha Kaushalya foi tomada pela dor e disse para Shri Ramachandra: "Ó filho, tu conheces o conteúdo do coração de teu irmão, agora age como tu consideras adequado. Não te é apropriado abandonar tua mãe entristecida por causa das palavras injustas de sua rival. Ó justo, se tu estás estabelecido no dharma, então permanece aqui, serve-me e adquire virtude. Não há dever maior do que o serviço à mãe. Eu sou, com o rei, igualmente um objeto da tua reverência, e eu ordeno que tu não vás para a floresta. Em tua separação, não há motivo de alegria, nem eu desejo viver, mas contigo terei prazer

em viver, sustentando-me só de ervas. Se tu, deixando-me afligida pela dor, fores para a floresta, então eu me recusei a comer e abandonarei minha vida. Então, ó meu filho, sendo responsável pela minha morte tu irás, como Samudra,<sup>155</sup> sem consideração pela tua mãe, entrar no inferno”.

Vendo sua mãe, a rainha Kaushalya, lamentando dessa maneira, o justo Ramachandra falou a ela respeitosamente, dizendo: “Ó deusa, eu não posso ignorar as ordens de meu pai, por isso eu me curvo diante de ti e peço a tua permissão e aprovação para entrar na floresta. Saibas que o sábio Kandu, um grande pândita, familiarizado com seu dever yogue, matou uma vaca em obediência às ordens de seu pai, sabendo que era um pecado, o qual posteriormente não foi apresentado contra ele.

“Nos tempos antigos, igualmente, na nossa própria dinastia, os filhos do rei Sagara, cavando a terra, sacrificaram suas vidas por ordem de seu pai. Por ordem de seu pai, o filho de Jamadagnya, Parasurama, com seu machado, cortou a cabeça de sua mãe Renuka. Ó devi, esses e outros homens divinos obedeciam a seu pai resolutamente. Eu, também, sem hesitação, realizarei aquilo que beneficia o meu pai. Ó mãe, não só eu obedeço ao meu pai, mas todos aqueles homens virtuosos, mencionados por mim, eram obedientes à vontade de seu pai. Eu não sigo uma lei nova, nem uma contrária às tradições da dinastia real, mas sigo o caminho dos meus

antepassados ilustres. Eu não estou realizando nada que já não tenha sido realizado neste mundo. Aquele que age de acordo com os comandos de seu pai não renega a virtude”.

Tendo falado assim com sua mãe, Shri Rama dirigiu-se a Lakshmana, dizendo: “Ó Lakshmana, eu conheço o teu amor imensurável por mim, a tua bravura e a tua destreza; ninguém pode te resistir. Ó Lakshmana, minha mãe dotada de todas as boas qualidades está agora sujeita à miséria e ao sofrimento por ignorância do dharma e falta de resignação. Ó irmão, o dharma é o maior bem sobre a terra, a verdade e o dharma são um só. A ordem do meu pai está baseada no dharma, portanto, é superior à decisão da minha mãe. Ó herói, é indigno de alguém que busca o fruto supremo do dharma não cumprir uma promessa feita a seu pai, mãe ou a um brâmane erudito, eu não posso, portanto, desconsiderar a ordem do meu pai. Ó herói, inspirada por meu pai, a mãe Kaikeyi me incitou a esse rumo, portanto, ó Lakshmana, abandona a ideia de derramamento de sangue e, abraçando a condição de virtude, segue-me”.

Dirigindo-se assim carinhosamente a Lakshmana, de cabeça baixa e com grande humildade Rama voltou-se para a rainha Kaushalya e disse: “Ó deusa, agora me concede permissão para ir para o exílio. Em minha ausência reza por mim. Após ter honrado o meu voto, eu voltarei, como o rei Yayati que, caindo à terra do céu, novamente subiu para lá. Ó mãe, conforta o meu pai infeliz. Não tenhas ansiedade, ó mãe, eu voltarei após

quatorze anos como desejado pelo meu pai. Que tu, Sita, Lakshmana e Sumitra obedeam ao meu nobre pai. Essa é a antiga tradição. Ó mãe, desconsiderando as preparações feitas para a minha instalação, que a tua mente fique livre de tristeza e me permita ir para o exílio como ordenado pelo dharma”.

Ouvindo as palavras de Rama, inspiradas por motivos justos, faladas com coragem e equanimidade, a rainha Kaushalya, como alguém devolvido à vida, olhou fixamente para Rama e disse: “Ó meu filho, se tu és versado em dharma e estás consciente do bem feito a ti por teus pais, então eu sou tão digna de respeito quando

155 Samudra: o senhor dos rios que matou um brâmane.

o teu pai. Ó teu filho, não abandona a tua mãe infeliz mãe e entra na floresta. Ó meu filho, de que vale a minha vida sem ti? A terra, a região dos Pitris, o céu e a região de Mahaloka, que são as moradas da maior felicidade, para mim são todas vazias sem ti. Uma hora contigo é a minha maior alegria, ó meu filho”.

Shri Rama, ouvindo o lamento de sua mãe, ficou agitado, como um rei que é perturbado quando em uma noite escura seus carregadores de tochas são atacados no caminho.

Então o respeitoso Rama novamente dirigiu-se a sua mãe que estava quase sem sentidos de tristeza e a Lakshmana angustiado e inquieto, e falou-lhes para o seu bem, em palavras que eram cheias de integridade:

"Ó Lakshmana, eu sei da tua destreza e da intensidade da tua devoção por mim, mas agora, em oposição ao meu propósito, tu aumentas o sofrimento de minha mãe. Ó irmão, há três meios de felicidade neste mundo, eles são a virtude, a prosperidade e o prazer. Aqueles que amam a virtude devem segui-la como uma esposa adquire mérito por ser obediente ao seu marido, e prazer por se tornar agradável para ele e prosperidade por se tornar mãe. O empreendimento que não assegura esses três deve ser abandonado e aquele pelo qual eles são garantidos deve ser executado. Aquele que só procura a prosperidade não tem amigos e tem muitos inimigos, e aquele que é dedicado ao prazer, que não se baseia na virtude, é um objeto de desprezo. Ó irmão, o rei é em primeiro lugar nosso preceptor, em segundo lugar, nosso pai e em terceiro lugar, ele é um homem idoso. Do ponto de vista do dharma, eu devo obedecer aos seus comandos, sejam eles inspirados por raiva ou desejo. Como um homem virtuoso, eu devo cumprir suas ordens. Raro é o filho tão insensível a ponto de desobedecer ao seu pai. Como eu posso escapar das ordens do meu progenitor, que é meu pai e tem plena autoridade sobre mim como um rei, e, além disso, é o consorte da minha querida mãe Kaushalya? Como, portanto, a rainha, abandonando o rei

virtuoso, seu marido, me seguiria como uma mulher viúva? Ó deusa, dá-me permissão para partir para a floresta, enquanto tu recitas o Canto da Paz, para que o meu voto possa ser completado.

"Como o rei Yayati antigamente, que voltou para o céu, inspirado por seu amor à verdade, eu, também, voltarei. Ó mãe, eu não ousa desobedecer ao meu pai por causa de um mero reino! A vida é breve e eu não tenho nenhum desejo pelo governo do mundo por meio do sacrifício da virtude".

O poderoso Rama, assim comunicando a sua mãe a sua intenção de entrar na floresta como exigido por Kaikeyi, circungirou a rainha Kaushalya, fixando seu coração em sua partida.

## Capítulo 22 – Ele pede a Shri Lakshmana para não se afligir

Shri Ramachandra então se voltou para Shri Lakshmana, que, incapaz de aguentar sua angústia, cheio de ira contra Kaikeyi, com seus olhos alterados, estava respirando pesadamente como um elefante poderoso. Dirigindo-se a ele em palavras afetuosas como um irmão amado e amigo, pacientemente acalmando seus temores, Rama disse: "Ó irmão, desiste da tristeza e da raiva e arma-te com paciência, esquecendo as



preparações feitas para a minha instalação, fica pronto para a minha partida para a floresta. Ó Lakshmana, prepara-te com o mesmo zelo como tu te preparaste para a minha coroação. A mente da minha mãe, Kaikeyi, está nublada com desconfiança por conta da minha entronização proposta, portanto, ó

Lakshmana, age de modo que suas suspeitas possam ser dissipadas. Ó irmão, a mãe Kaikeyi acredita que tu usarás a força para me colocar no trono. Isso eu não posso suportar, nem posso permitir que ela sofra de ansiedade. Em nenhum momento eu me lembro de ter voluntariamente dado motivo de desgosto para os meus pais. Ó Lakshmana, vamos aliviar as apreensões do nosso nobre pai, sempre sincero e valente mas agora temeroso de que a sua vida futura seja prejudicada. Se eu não abandonar o desejo pela coroa, o sofrimento causado ao coração do rei, por causa da violação de seu voto, será meu também. Ó Lakshmana, por causa disso, eu desejo entrar na floresta sem demora, abandonando o projeto da minha instalação. Considerando realizado o seu objetivo, a rainha Kaikeyi irá hoje, se eu partir para a floresta, fazer o seu filho Bharata ser convocado e transferir o reino para ele com alegria. O coração de Kaikeyi não encontrará descanso até que eu, vestido com uma pele de veado, com cabelos emaranhados, entre na floresta. Eu não posso afligi-la, que me incitou a ir para a floresta e contribuiu para a minha resolução, portanto, eu partirei sem demora. Ó Lakshmana, a aquisição do reino

não é parte do meu destino. Se a providência tivesse me favorecido, Kaikeyi não teria desejado me enviar para a floresta. Ó caro, tu sabes que nenhuma distinção foi feita por mim entre as minhas três mães, nem Kaikeyi me considerava como diferente do príncipe Bharata, mas hoje para frustrar a minha coroação e me mandar para o exílio, ela proferiu palavras cruéis e impiedosas. Isso é a vontade de Deus e nada mais. Se não fosse assim, como Kaikeyi, a filha de um rei, de disposição gentil e natureza nobre, falaria desse modo como uma mulher vulgar na presença de seu marido? Tudo o que é inescrutável para o homem deve ser conhecido como o decreto da providência; nem Brahma pode fugir às consequências do karma.<sup>156</sup> É esse decreto inalterável e fixo que criou a discórdia entre Kaikeyi e mim, não entendido pelo homem.

"Prazer, dor, medo, raiva, lucro e perda, vida e morte, e coisas similares passam a existir como resultado de nosso karma. Até os sábios que praticam grandes austeridades, incitados pelo seu karma, abandonando o ascetismo têm sido afetados pela concupiscência e avareza. Esse acontecimento súbito, nunca receado, essa frustração de um plano bem elaborado, é obra do karma. Portanto, eu de modo algum me arrependo da minha decisão, nem do cancelamento da minha coroação. Que tu também abandones o pesar e seguindo-me te esqueças dos preparativos para a coroação. Ó Lakshmana, com esses vasos de água trazidos para cá para a minha instalação que a minha dedicação à vida ascética seja feita. Mas que uso eu tenho

agora para essas águas sagradas? A partir de agora eu vou buscar água com as minhas próprias mãos para cada ritual.

"Ó Lakshmana, não te aflijas que a cerimônia de instalação permaneça não realizada. Nós sabemos pela razão e discernimento que há pouca diferença entre governar um reino e viver em uma floresta. Ó Lakshmana, nem por um instante culpa a rainha Kaikeyi por obstruir a minha coroação; incitados pelo karma, os homens dizem o que é contrário à lei".

156 Karma: a lei que governa o comportamento da matéria em todas as suas formas grosseiras e sutis.

Capítulo 23 - Shri Lakshmana se oferece para derrotar todos aqueles que impedem a instalação de Shri Rama

Instruído por seu irmão, Lakshmana, de cabeça baixa, estava cheio de angústia por causa da partida iminente de Shri Rama, mas contente em aprender o segredo do dharma.

Permanecendo na caverna da raiva por algum tempo, respirando como uma cobra provocada em seu buraco, seu semblante carrancudo semelhante a um leão enfurecido, balançando-se como a tromba de um elefante, com membros trêmulos, evitando seu olhar, ele se dirigiu ao seu irmão mais velho, dizendo: "Ó irmão, nessa má hora, tu estás sujeito a uma grande ilusão. Inoportuna é essa afirmação que a desobediência a um pai é contrária ao dharma. Não convém a alguém virtuoso como tu falar dessa maneira. Tu, um líder entre os guerreiros, podes controlar o teu destino, mas como um homem fraco falas dele como irrevogável. Tu respeitas esses seres perversos,<sup>157</sup> ó virtuoso? Tu sabes quantos enganadores aparecem como homens honestos? Tem em mente como o rei e Kaikeyi para fins egoístas te enganam e te mandam para o exílio. Se essa questão das bênçãos concedidas a Kaikeyi fosse verdade, então por que isso não foi revelado antes que os preparativos para a tua instalação fossem feitos? Se pode se dizer que isso foi feito erroneamente, então esse erro é uma calamidade. Isso causará discórdia entre as pessoas. Como pode o mais novo ter precedência sobre o mais velho em questões de estado? Eu não posso permitir isso, ó grande herói, perdoa-me. Essa lei que tu louvas, pela qual a tua mente é

governada, é incompreensível para mim. Tu que és poderoso, por que tu deves te submeter a Kaikeyi? Tu obedecerás à ordem injusta de teu pai, contrária à lei do dharma? Tu não percebes a falsidade deles, ao frustrarem a tua instalação sob o pretexto de conceder uma bênção? Eu considero que seguir esse rumo de ação é digno de condenação. Essa é a razão da minha aflição. Embora nossos pais, o rei e Kaikeyi, desejem te prejudicar e sejam dominados pela paixão, quem, além de ti, toleraria o seu plano? Todavia, tu atribuis essa questão ao decreto do destino. Essa ação é desagradável para mim. Deixa que os fracos e os covardes creiam em um destino tão incerto, heróis e homens de determinação paciente não aceitam os ditames do karma. Aquele que pelos seus próprios esforços conquista o destino nunca sofre. Que seja visto hoje se o destino ou o esforço prevalecem.

"Esse destino<sup>158</sup> que impede a tua instalação, que parece um elefante recusando-se a responder ao aguilhão, e, tendo quebrado seus grilhões, está vagando sem controle, esse decreto eu vou conquistar pela minha destreza.

"Nem os guardiões dos quatro quadrantes, nem todos os habitantes dos três mundos, unidos como um só, podem impedir a tua instalação, quanto menos, então, meu pai? Aqueles que planejaram o teu exílio, eles mesmos devem passar quatorze anos em exílio. Eu frustrarei as esperanças de meu pai e Kaikeyi, que, te privando do reino, procuram entronizar Bharata. O poder do karma não trará tão grande adversidade

para aqueles que se opõem a nós como a minha bravura infligirá a eles! Depois de governares por mil anos, te retira para a floresta, deixando teus filhos governarem o reino, então, como os nossos antepassados, que, ficando idosos, se retiravam para um eremitério, que tu continues a viver na floresta. Anteriormente, os reis nos seus últimos anos de vida, entregando seus súditos ao governo de seus filhos e netos, costumavam se retirar para a floresta como ascetas. Se, ó Rama, tu

157 O rei e Kaikeyi.

158 O resultado do karma.

temes governar contra as ordens do rei, pensando que a administração seria insegura, eu protegerei o teu reino como a costa protege a terra das incursões do mar. Se eu falhar, que eu nunca seja chamado de herói! Agora fixa a tua mente na tua entronização com essas preparações auspiciosas; sozinho eu posso causar a derrota dos reis que obstruem a tua instalação. Esses meus dois braços não são só para exibição, nem o meu arco é uma mera decoração. A minha espada nunca foi concebida para balançar ao meu lado, nem as minhas flechas são projetadas para serem mantidas na aljava! Todos esses são dedicados à tarefa de destruir o inimigo. Eu não vou tolerar a existência dos meus inimigos. Com minha espada afiada

brilhante, eu cortarei seus corpos em pedaços, mesmo se for o próprio Indra. Eu cortarei em pedaços elefantes, cavalos e homens com minha espada, criando grandes pilhas e tornando o avanço impossível. Hoje, os meus inimigos cairão como nuvens partidas pelo raio. Pondo o godha,<sup>159</sup> erguendo o meu arco, eu atacarei o inimigo com muitas setas e um grande número deles com uma única flecha. Eu destruirei inúmeros soldados, cavalos e elefantes por perfurar suas partes mais vulneráveis com minhas flechas. Hoje eu demonstrarei o poder das minhas armas e estabelecerei a tua soberania. Hoje esses dois braços acostumados a serem adornados com ornamentos e pasta de sândalo e habituados a distribuir caridade e a proteger os amigos provarão sua destreza por resistirem àqueles que obstruem a tua instalação. Ó Ramachandra, eu sou teu servo, me dize quem é teu inimigo e me manda combatê-lo para que os separando de sua fama e amigos, o reino seja colocado em tuas mãos”.

Shri Ramachandra, ouvindo as palavras de Lakshmana, enxugando suas lágrimas, consolou-o, dizendo: "Ó caro, saibas que o meu valor principal é a obediência à vontade de meu pai; cabe aos virtuosos cumprirem as ordens de seu pai”.

Capítulo 24 – A rainha percebe que ela não tem poder de impedir a decisão de Shri Rama

Vendo o virtuoso Ramachandra determinado a obedecer a seu pai, a rainha Kaushalya, com os olhos cheios de lágrimas e a garganta embargada pela emoção, disse:

"Ó Rama, tu nunca experimentaste dificuldades. Fruto do meu ventre e semente do rei Dasaratha, tu, seguindo o dharma, sempre falaste gentilmente a todos, como tu serás capaz de aguentar viver na floresta? Ele cujos servos vivem de doces e manteiga, como esse meu Rama poderá viver de raízes e frutas? Quem não sentiria insegurança, sabendo que o rei Dasaratha baniu seu filho ilustre e virtuoso? Se ele age assim com tal filho, o que de mim mesma? Se Ramachandra, amado por todos, é obrigado a entrar na floresta, então indubitavelmente o destino (karma passado) governa as nossas alegrias e tristezas. Ó filho, o fogo da tristeza no meu coração, atiçado pelo vento da tua ausência, alimentado com lamento e aflição; estimulado por lágrimas, emitindo fumaça de ansiedade, me consumirá totalmente e me destruirá, como um incêndio florestal no fim do inverno reduz os arbustos, trepadeiras e grama a cinzas. Ó filho, como uma vaca corre atrás de seu bezerro, assim eu te seguirei para onde quer que tu vás".

159 Uma proteção de couro e metal, usada no braço esquerdo para protegê-lo da corda do arco.



Rama, ouvindo o discurso da rainha triste Kaushalya, respondeu: "Ó mãe, o rei está muito aflito por causa do truque de Kaikeyi, e eu também devo deixá-lo quando eu for para a floresta. O marajá não sobreviverá se tu também fores comigo. Nenhum ato mais cruel uma mulher pode realizar do que deixar seu marido; isso não deve ser aprovado. Enquanto meu pai viver, tu deves servi-lo. Esse dharma eterno deve ser seguido por ti".

A virtuosa maharani ouvindo os conselhos de Shri Ramachandra, ele que vencida dificuldades com facilidade, respondeu submissamente a ele: "Ó meu filho, as tuas palavras são verdadeiras".

Shri Rama então se dirigiu a ela que estava sofrendo angústia profunda, dizendo: "Ó deusa, tu e eu devemos obedecer ao meu pai. Ele é primeiro meu preceptor, em segundo lugar meu pai, em terceiro lugar teu marido e, finalmente, o protetor, mestre e senhor de todos nós. Tendo alegremente passado quatorze anos na floresta, eu vou voltar e ficar às tuas ordens".

A rainha Kaushalya, com os olhos cheios de lágrimas, ela que não merecia sofrimento, respondeu a Shri Ramachandra, dizendo: "Ó meu filho. Como eu suportarei morar com minhas rivais? Se estás decidido a entrar na floresta sob o comando do teu pai, então como uma corça selvagem me leva contigo".

Para sua mãe lamentosa, Shri Rama respondeu: "Enquanto uma mulher viver, ela deve considerar seu marido como seu mestre e seu senhor. O rei é nosso mestre, como nós estaríamos sem mestre se o rei vive? Bharata também é virtuoso, humilde e dedicado ao bem de todos. Ele, sem dúvida, te tratará com respeito e não se oporá a ti. Quando eu me for, não deixes que o rei sofra por conta da minha separação, e não o deixes ser dominado por essa grande dor. O rei agora é idoso, cabe a ti servi-lo com todo o cuidado. Mesmo uma mulher virtuosa, dedicada à piedade e jejum, se negligente em relação ao seu consorte, chega à condição de um pecador, mas aquela que é dedicada ao seu senhor alcança o céu. A mulher que é sempre dedicada ao seu marido e sempre pronta a buscar o bem-estar dele alcança o céu, mesmo que ela não tenha adorado nenhum deus. Serviço ao marido é um dever sancionado pela tradição antiga, pelo Veda e pela lei das escrituras. Ó mãe, realiza aqueles rituais que promovem a paz universal e serve os deuses com oferendas florais. Por minha causa, dá hospitalidade aos brâmanes piedosos e eruditos e aguarda o meu regresso. Realizando a disciplina de purificação diária, desistindo de alimentos saborosos, e vivendo de pratos simples, serve ao rei. Se o rei ainda estiver vivo quando eu voltar, realmente isso estará bem".

A rainha, com os olhos repletos de lágrimas, angustiada por causa da separação iminente de seu filho, respondeu a Shri Ramachandra: "Ó filho, a tua decisão de entrar na floresta

estando fixada, eu não tenho poder de te impedir. Ó herói, o destino é irrevogável, portanto, entra na floresta, sem ansiedade, que tu sejas feliz. Quando retornares, os meus sofrimentos acabarão. Ó auspicioso, quando tu voltares após o cumprimento do teu voto, pagando a dívida que tens com teu pai, a minha alegria será completa. Ninguém pode compreender a teia do destino.<sup>160</sup> É o destino que te impele a te opor a mim. Ó príncipe, agora parte e retorna em segurança, promovendo a minha alegria com um coração puro. Ó filho; eu oro para que tu voltes logo, e para que eu te veja em trajes de pele com cabelos emaranhados”.

A rainha Kaushalya, sabendo que Ramachandra estava ansioso para entrar na floresta, reverentemente lhe deu suas bênçãos, proferindo palavras auspiciosas.

<sup>160</sup> O resultado dos pensamentos e ações acumulado por incontáveis vidas.

Capítulo 25 – A rainha dá sua bênção e os brâmanes pronunciam a bênção

Reprimindo sua dor, tomando algumas gotas de água pura de sua mão, a rainha Kaushalya, purificando-se, realizou os ritos abençoadores para o bem-estar de Rama. Ela disse: "Ó príncipe da Casa de Raghu, eu não posso te impedir, portanto, parte agora, e após o teu retorno, trilha o caminho dos virtuosos. Ó grande Raghu, que esse dharma que tens praticado com coragem te proteja. Que os deuses que tu adoraste nos templos e nas estradas e os grandes sábios te protejam. Que as armas dadas a ti pelo sábio Vishwamitra te protejam. Ó poderoso, preservado por esse serviço prestado por ti ao teu pai, mãe e à verdade, que tu tenhas vida longa. Que a grama kusha sacrificial, aros de grama sagrada, altares, templos, lugares sagrados, montanhas, árvores de todas as espécies, lagos, rios, aves, serpentes e leões sempre te protejam! Que Brahma, Pusha,<sup>161</sup> Aryama,<sup>162</sup> Indra e Lokapala<sup>163</sup> sejam todos auspiciosos para ti! Que as estações, os meses, as semanas, os anos, o dia e a noite te favoreçam! Ó meu filho, que a meditação sagrada, concentração e dharma, junto com as injunções ordenadas no Veda te protejam! Que o senhor Sanatkumara,<sup>164</sup> Mahadeva<sup>165</sup> com Uma,<sup>166</sup> Brihaspati, os sete Rishis santos<sup>167</sup> e Shri Narada te abençoem! Que todos os seres perfeitos adorados por mim sempre te protejam! Que as cadeias de montanhas, os mares como também Varuna seu senhor, o espaço, a terra, os rios e as estrelas com suas divindades, os planetas e o dia e a noite te protejam na

floresta! Que as seis estações, os doze meses, o ano inteiro e as divisões da hora promovam a tua felicidade! Que os devas, os Adityas<sup>168</sup> e os asuras, vagando na floresta sob o disfarce de eremitas, te protejam!

"Que rakshasas,<sup>169</sup> pisachas,<sup>170</sup> aqueles que praticam crueldades, aquilo que é de mau agouro e os comedores de carne jamais te causem dano! Que nem macacos, escorpiões, moscardos, serpentes ou répteis se aproximem de ti! Ó meu filho, que nenhum elefante, leão, tigre, urso ou fera com mandíbulas terríveis, ou búfalos e aqueles com chifres perigosos, sejam hostis a ti; propiciados por mim, que eles não te causem dano na floresta! Que o teu caminho seja abençoado, que o teu entendimento seja coroado com êxito! Ó meu filho, que tu sempre encontres frutas, raízes e meios de subsistência! Que tu sempre trilhes a floresta desimpedido! Que todas as coisas entre o céu e a terra te protejam em todos os momentos! Que Indra, a Lua, o Sol, Kuvera e Yama, adorados por ti, te protejam dos teus inimigos! Que Agni, Vayu, Dhuma,<sup>171</sup> e as fórmulas sagradas, ensinadas pelos rishis, te protejam

161 Pusha ou Pushan: o Sol.

162 Aryama [ou Aryaman]: o chefe dos Pitris ou antepassados.

163 Lokapala: guardião dos quatro quadrantes.

164 Sanatkumara: filho nascido da mente de Shri Brahma. 165 Mahadeva: deus grandioso, um título do Senhor Shiva. 166 Uma: Parvati, a consorte de Shiva.

167 Os sete Rishis santos: Angira, Atri, Aditya, Pulastya, Vasishtha e Vasu.

168 Adityas: deuses do sol.

169 Rakshasas: demônios.

170 Pisachas: fantasmas.

171 Dhuma: deus da fumaça.

quando inadvertidamente entrares em contato com os intocáveis! Que o Senhor do mundo, Brahma, Vishnu e os deuses não mencionados por mim, te protejam na floresta!"

Então a ilustre Kaushalya adorou os deuses com flores e sândalo, oferecendo oblações e acendendo o fogo sagrado pela saúde e paz de Shri Ramachandra com o auxílio de brâmanes piedosos, versados em rituais. Com manteiga, flores brancas, combustível sacrificial e sementes de mostarda preparadas para a oblação pela rainha Kaushalya, os brâmanes cultos e virtuosos realizaram a cerimônia Hawan<sup>172</sup> pelo bem-estar de Rama.

Em seguida, a mãe de Rama pediu que os brâmanes pronunciassem a bênção e oferecessem as oblações aos Lokapalas, os sacerdotes recebendo o restante. Com mel,

coalhos, arroz e manteiga clarificada, os brâmanes pronunciaram suas bênçãos e a rainha, tendo lhes oferecido esmolas abundantes e tudo o que eles desejavam, dirigiu-se a Rama, dizendo: "Ó Rama, que a mesma bênção concedida a Indra na destruição de Bratrasura<sup>173</sup> seja tua. Que a bênção concedida a Garuda<sup>174</sup> quando levando embora o amrita,<sup>175</sup> seja tua, pelo poder do meu culto a Vinata.<sup>176</sup> Que a bênção acompanhante de Indra, o portador da maçã, no momento em que o amrita se ergueu do oceano a pedido de sua mãe, Aditi, seja tua. Ó meu filho, que a boa sorte que acompanhou o abençoado Trivikrama,<sup>177</sup> quando medindo o mundo em três passos, seja tua também. Ó Rama, que as estações, o oceano, as ilhas, os Vedas e os pontos cardeais contribuam para a tua felicidade".

Assim, espalhando arroz sobre a cabeça de seu filho, a rainha de olhos grandes, Kaushalya, aplicando pasta de sândalo na testa dele, deu a Rama a madeira medicinal 'Vishalya Karina'. Para sua proteção, a rainha repetiu silenciosamente os mantras, e, embora seu coração estivesse cheio de angústia, parecia com alguém contente. Abraçando seu filho, e beijando sua cabeça, ela disse: "Ó meu filho, agora vai em paz. Que tu, tendo cumprido as ordens do rei, retornes com saúde para Ayodhya. Ó filho, a minha alegria estará completa quando eu te vir na tua coroação. Com os meus problemas acabados e as minhas ambições satisfeitas, no teu retorno do exílio, vendo-te ocupando o trono, eu conhecerei felicidade suprema. Tendo

cumprido as injunções do teu pai, tu voltarás, e eu, vendo-te vestido em trajes reais com inúmeras pedras preciosas, então encontrarei a paz. Ó príncipe, agora parte e realiza o desejo da princesa Sita e meu”.

A rainha, recitando o Canto da Paz, com seus olhos cheios de lágrimas, abraçando seu filho repetidas vezes, o circungirou, olhando em seu rosto.

Tocando os pés dela várias vezes, o ilustre Ramachandra, resplandecente na luz da perfeição do Eu,<sup>178</sup> partiu para o palácio da princesa Sita.

172 Hawan: uma antiga cerimônia de fogo.

173 Bratrasura ou Vratrasura ou Vritra: um asura morto por Indra.

174 Garuda: rei das aves, veículo de Shri Vishnu.



175 Amrita: o néctar da imortalidade.

176 Vinata: a mãe de Garuda.

177 Trivikrama: outro nome de Vamana, o Anão santo, quinta encarnação de Shri Vishnu.

178 Eu: o Divino no homem.

## Capítulo 26 – Shri Rama conta sua decisão à princesa Sita

Shri Ramachandra, sempre dedicado à virtude, despedindo-se de sua mãe, pronto para entrar na floresta, passou pelas ruas lotadas, por suas qualidades excelentes inspirando paz nos corações da multidão.

A princesa asceta Sita, não sabendo do que tinha acontecido, com sua mente cheia de alegria ao pensar na coroação esperada de seu consorte, adoradora dos deuses e proficiente em todos os deveres, aguardava a aproximação de seu marido com o coração feliz.

Enquanto isso, Rama vestido em seu traje habitual, de cabeça baixa em humildade, entrou no palácio cheio de pessoas alegres e ricamente vestidas.

Vendo Ramachandra sem adornos, a princesa ficou cheia de consternação e medo, e levantou-se tremendo de seu assento. Rama, vendo a princesa, mais preciosa do que a vida para ele,

não pode conter sua aflição. Sita, vendo o rosto de Rama, triste, pálido e úmido de angústia, se dirigiu a ele: "Ó meu senhor, o que é isso? Hoje o planeta Pushya e a Lua estão em conjunção, e Brihaspati em ascensão, esse é o momento fixado para a tua coroação pelos brâmanes santos, por que tu estás assim aflito? Por que eu não vejo o dossel, puro como espuma, incrustado com cem estrelas sobre a tua cabeça? Por que os chamaras, brancos como a lua ou o cisne, não estão ondeando para cá e para lá sobre ti? Ó grandioso, por que eu não ouço os bardos hoje expressando eloquentemente o teu louvor, ou os pânditas recitando o Cântico da Paz?

"Por que os brâmanes eruditos não te ungiram com mel e coalhos como um símbolo da tua entronização? Por que tu não estás acompanhado por ministros, cidadãos e cortesãos vestidos suntuosamente? Por que quatro cavalos velozes com arreios de ouro, de pés rápidos, não te precedem? Eu não vejo o grande elefante semelhante a uma nuvem, possuidor de todas as marcas auspiciosas, no teu cortejo. Por que tu pareces abatido quando os preparativos para a tua coroação estão concluídos? Ó meu senhor, por que o teu rosto não manifesta sinais de alegria?"

Ouvindo as palavras tristes da princesa Sita, Rama respondeu: "Ó Sita, meu honrado pai me mandou ir para o exílio. Ó princesa, nascida de uma família ilustre, familiarizada com a lei do dharma e eminente em virtude, ouve, enquanto eu te conto o que me aconteceu. Há muito tempo, meu pai, um amante da

verdade, deu duas bênçãos para a minha mãe Kaikeyi. Vendo os preparativos para a minha coroação, Kaikeyi exigiu o cumprimento de suas bênçãos e agora ganhou domínio sobre a mente dele. De acordo com as duas bênçãos concedidas a ela, eu devo passar quatorze anos na floresta de Dandaka e o príncipe Bharata deve ser instalado como regente. Eu estou indo agora para o exílio e vim te dizer adeus. Que nenhuma palavra em meu louvor seja repetida para o príncipe Bharata, para que ele não retire sua proteção de ti. Tu deves te submeter à vontade dele por causa do teu sustento. O rei conferiu a regência ao príncipe Bharata para sempre. Cabe a ti agir de tal forma que ele não fique descontente contigo. Ó sábia, agora eu vou para a floresta em obediência à ordem de meu pai, fica aqui com o coração tranquilo. Ó impecável, quando, vestido como um eremita, eu partir para a floresta, então que tu também deixes de te enfeitar. Levantando cedo, adora os deuses de acordo com os rituais prescritos, então, aproximando-te do meu pai e da minha mãe, oferece reverência a eles. Minha mãe, a rainha Kaushalya, tendo envelhecido, está aflita por causa da minha partida, cabe a ti servi-la com respeito. As minhas outras mães devem ser honradas e servidas por ti como a rainha Kaushalya, seus corações

também estão cheios de amor por mim. Como a minha própria mãe Kaushalya, elas também me trataram com carinho,

portanto, eu as considero dignas da mesma honra. Os meus irmãos Bharata e Shatrughna devem ser considerados por ti como teus irmãos ou teus filhos. Cabe a ti nunca provocar o príncipe Bharata, a partir de agora o governante do reino e chefe da família. Servido com sinceridade, um rei fica satisfeito, mas se provocado, ele fica cheio de ira. Um monarca renuncia aos seus próprios filhos se eles se opõem a ele e recebe até estranhos, como amigos, que promoveram o seu bem-estar. Ó Kalyani, obedecendo ao rei Bharata, permanece aqui, buscando o bem dele. Ó querida, eu entrarei na grande floresta, cabe a ti ficar aqui; eu te encarrego de agir de tal maneira que ninguém fique descontente.

Capítulo 27 – Ela pede para Rama permitir que ela o acompanhe

Sita de voz doce, digna do amor de Rama, sendo assim instruída a permanecer em Ayodhya, embora cheia de afeto, respondeu indignadamente: "Ó filho de um grande rei, ó Rama, como podes falar dessa maneira? Ó príncipe, as tuas palavras evocam riso. Ó chefe de homens, pai, mãe, filho e nora vivem de acordo com seus méritos e dependentes disso, mas uma esposa desfruta da sorte de seu marido já que ela é uma parte

dele mesmo. Eu, portanto tenho o direito de compartilhar da ordem do teu pai e também ir para o exílio.

"A felicidade de uma mulher depende de seu marido, nem pai, mãe, filho, parente ou companheiro a beneficiam na morte; nesse mundo e no outro mundo, só seu marido é seu tudo em tudo. Se tu partires hoje para a floresta, eu te precederei a pé, removendo os espinhos e a grama kusha do teu caminho. Ó herói, renunciando à raiva e orgulho, leva-me contigo sem hesitação. Não há falha em mim que mereça a minha permanência aqui, sem ti. A alegria sentida pelos senhores de homens seja residindo em um palácio ou transportados em uma carruagem aérea pelos céus ou possuindo os poderes óctuplos psíquicos é muito inferior à alegria da esposa a serviço de seu senhor. O meu nobre pai me instruiu plenamente nos deveres de uma esposa e, portanto, eu não preciso de mais instrução sobre o assunto. Seguramente eu te acompanharei à floresta, desabitada por homens, cheia de animais selvagens, tais como ursos e touros. Ó meu herói, eu vou morar na floresta tão alegremente quanto no palácio de meu pai, não tendo ansiedade nos três mundos exceto o serviço ao meu esposo. Ó herói, eu vou vagar contigo na floresta de acordo com a antiga lei espiritual, livre do desejo por prazer, percorrendo a mata de aroma de mel. Ó senhor da minha vida, uma vez que tu podes proteger e sustentar inúmeras pessoas, tu não podes mais facilmente me proteger? Sem dúvida hoje eu entrarei na floresta contigo, ó príncipe

afortunado, ninguém pode mudar a minha decisão. Eu viverei feliz de frutas e raízes contigo na floresta, não te causando ansiedade. Sob a proteção de alguém tão sábio como tu, ó senhor, eu desejo desfrutar da beleza de lagos, montanhas e rios sem obstáculos. Ó Rama, eu almejo ver contigo os belos lagos onde os cisnes e as aves kavandava<sup>179</sup> brincam, e lótus encantadores florescem. Lá eu me banharei contigo, ó meu senhor de olhos de lótus, me divertindo lá contigo. Assim eu passaria mil anos contigo, a felicidade desfrutada em tua companhia torna até mesmo as delícias do céu desagradáveis para mim. Ó príncipe, sem ti, o próprio céu não me agrada. Eu almejo entrar na

179 Ave kavandava: uma espécie de pato.

floresta contigo onde cervos, macacos e elefantes vagam. Ó príncipe, servindo teus pés sagrados, eu passarei o tempo lá tão alegremente quanto na casa do meu nobre pai. Não reconhecendo nenhum outro, em ti a minha mente encontra o seu maior prazer; separada de ti, eu certamente morrerei. Ó mestre, tem a bondade de me levar contigo, com certeza eu não vou te sobrecarregar”.

Shri Ramachandra, ouvindo as palavras humildes e comoventes de Shri Sita, não querendo deixar a princesa acompanhá-lo,

tentou dissuadi-la, descrevendo as dificuldades de uma vida na floresta.

## Capítulo 28 - Shri Rama tenta dissuadi-la

O virtuoso Ramachandra, dedicado à verdade, refletindo sobre as dificuldades a serem suportadas na floresta, apesar da súplica de Sita não estava disposto a conceder-lhe o pedido.

Mais uma vez, ele se dirigiu à lamentosa Sita, insistindo que ela não deveria acompanhá-lo, dizendo: "Ó Sita, tu nasceste nobremente e és dedicada à prática da virtude; fica aqui continuando a agir com retidão. Ó princesa frágil, age de acordo com a minha vontade. A vida na floresta é repleta de miséria, ó Sita, abandona a ideia de compartilhar do meu exílio, os perigos são muitos lá. A floresta é chamada 'Antara', significando que ela é imprópria para habitação humana. Para o teu próprio bem-estar, eu te aconselho a permanecer aqui; na floresta não há conforto. Os rios que brotam das montanhas são difíceis de atravessar, os leões que vagam nas cavernas das montanhas infundem terror no coração e tornam a floresta perigosa; portanto, fica aqui. Ó Sita, muitos animais selvagens que vagueiam à vontade na floresta podem te atacar, portanto, a vida lá é cheia de perigo. Os pântanos profundos e os rios infestados de crocodilos são difíceis de atravessar, mesmo um

elefante pode julgá-los intransponíveis. Muitos elefantes selvagens vagam aqui e ali; seguramente a floresta está repleta de perigos. Sem água são os caminhos cobertos de espinhos e trepadeiras venenosas, lá o grito rouco de aves selvagens ressoa; a floresta é uma fonte de sofrimento. Cansado da jornada o viajante não encontra almofadas de seda, nem um leito macio, mas à noite deve dormir no chão nu, sua cama as folhas caídas; realmente a floresta é uma fonte de sofrimento! Ó Sita, na floresta não há nada para comer exceto o fruto que caiu das árvores; com isso o viajante deve ficar satisfeito dia e noite, portanto, a floresta é uma fonte de sofrimento! Ó filha de Mithila, jejuando à extensão máxima, com cabelos emaranhados, vestindo roupas de pele, uma pessoa deve adorar constantemente os devas e Pitris e oferecer hospitalidade respeitosa ao convidado inesperado. Três vezes ao dia abluções devem ser realizadas por aqueles que vivem de acordo com o decreto prescrito, portanto, a floresta é uma fonte de sofrimento. Ó princesa jovem, é necessário fazer oferendas de flores nos altares, colhidas pelas próprias mãos, como ordenado pelos sábios. Um morador da floresta deve ficar satisfeito com qualquer alimento que ele puder obter, portanto, a floresta é uma fonte de sofrimento. Grandes tempestades visitam a floresta, cobrindo-o com escuridão de dia; fome constante e muitos outros perigos prevalecem lá, portanto, ela é uma fonte de sofrimento. Ó bela, grandes cobras e pítons moram na floresta, serpentes tão tortuosas quanto as correntes do rio vivem nas águas e obstruem o



caminho do viajante, portanto, a floresta é uma fonte de sofrimento. Ó princesa delicada, escorpiões, répteis venenosos, marimbondos e mosquitos afligem alguém

constantemente na floresta; portanto, a floresta é uma fonte de sofrimento. Ó princesa encantadora, a floresta é cheia de arbustos espinhosos, grama áspera e árvores nodosas que obstruem o caminho, ela é, portanto, uma fonte de sofrimento. A vida na floresta é cheia de condições adversas ao corpo e perigos múltiplos, ela é, portanto, uma fonte de sofrimento. Ó Sita, um morador da floresta deve abandonar a raiva e a avareza e praticar penitências severas, nem o medo deve visitá-lo em meio a sinais de perigo.

"Portanto, não consideres entrar na floresta que não está destinada a ser tua sina. Refletindo cuidadosamente, eu não vejo nada exceto sofrimento na floresta para ti".

Assim Rama revelou sua opinião para Sita e procurou dissuadi-la de entrar na floresta, mas a princesa, muito aflita, incapaz de concordar com seu conselho, então respondeu.

Capítulo 29 – Sita continua com suas súplicas, mas o príncipe não está disposto a permitir a partida dela

Shri Sita, ouvindo as palavras de Rama, ficou muito angustiada e com lágrimas escorrendo pelo rosto, respondeu em voz baixa:

"Ó Rama, os sofrimentos de uma vida na floresta descritos por ti serão, pelo meu amor por ti, transmutados em alegrias. Cervos, ursos, leões, elefantes, sarabhas, 180 aves, touros e outros animais da mata, ao virem o teu rosto incomparável, fugirão aterrorizados. Todos te temem, ó senhor! Instruído por meus superiores a permanecer em tua companhia, cabe a mim ir contigo; separada de ti, eu não posso viver. Quando perto de ti, ó Rama, nem Indra o rei dos devas se atreve a me causar dano. Ó Rama, tu me ensinaste que uma mulher não deve ser separada de seu senhor. Ó senhor sapientíssimo, há muito tempo, na casa de meu pai, eu ouvi de alguém familiarizado com os movimentos dos planetas que eu teria que morar na floresta. Ó poderoso, desde que eu ouvi daquele brâmane hábil nas ciências ocultas sobre a minha vida na floresta contigo, eu aguardei o momento com alegria. Ó, que felicidade viver contigo na floresta! Ó querido, tu deves me conceder permissão para ir para a floresta contigo. Eu devo ir contigo, não pode ser de outra forma, assim eu provarei a minha fidelidade, prescrita pelos meus superiores. A hora da realização da profecia do brâmane está próxima. Ó herói, eu conheço todas as misérias da vida na floresta, mas são aqueles de mente incontrolada que as sofrem. Enquanto ainda vivia na casa de meu pai, uma mulher piedosa e santa previu na presença de minha mãe que eu deveria viver na floresta. Ó meu senhor, antigamente eu te

pedi para me deixar me divertir contigo nas florestas. A hora agora chegou, concede o meu rogo e me deixa ir contigo! Ó príncipe, que o empreendimento seja propício. Alegre eu estou para te acompanhar à floresta, te servir será meu grande prazer. Ó senhor, abandonando a inveja, acompanhando-te na floresta, todos os meus pecados serão eliminados através da minha devoção a ti. Eu não tenho outro deus além de ti, se a morte me surpreender eu não sentirei felicidade no outro mundo sem ti. Eu ouvi dos brâmanes que uma mulher, dada por seu pai conforme a lei sagrada para um homem, se torna sua esposa neste mundo e também no outro mundo. Ó príncipe de belas madeixas, em perfeita devoção a ti,

180 Sarabha: um animal lendário de oito pernas.

cheia de humildade, considerando dor e prazer como iguais, partilhando tuas austeridades, me permite te acompanhar. Se tu ainda não tens vontade de me levar, uma mulher angustiada, para a floresta, então eu buscarei a morte por envenenamento ou afogamento”.

Dessa maneira, Sita suplicou a Rama para deixá-la acompanhá-lo, mas ainda assim o grande príncipe não estava disposto a consentir. Vendo Rama não disposto a conceder seu pedido, Sita estava cheia de tristeza, e suas lágrimas quentes caíam, umedecendo a terra. Shri Rama, vendo a princesa

corada de ansiedade e indignação ainda procurou desviá-la de seu propósito.

Capítulo 30 – Vendo a determinação fixa dela Rama atende ao seu pedido

Shri Rama voltou a salientar os perigos da floresta e procurou persuadir Sita a não acompanhá-lo; mas Sita, com determinação fixa, tremendo de medo, mas incitada por amor e orgulho, falou como em escárnio: "Ó Rama, se o meu pai, o senhor de Mithila, te conhecesse como um homem apenas na forma, mas no fundo uma mulher, ele nunca teria me unido a ti. Ai! os homens em ignorância falam de Rama como semelhante ao sol em esplendor, quando na realidade ele não é assim. Ó Rama, o que te faz triste? Donde o teu temor que tu, abandonando a mim que sou devotada a ti, irás para a floresta? Ó herói, saibas que eu sou para ti o que Savitri<sup>181</sup> foi para Satyavanta, o filho do rei valente Dyumatsena.<sup>182</sup> Ó príncipe impecável, eu nunca olhei para ninguém, nem em pensamento, além de ti, nem me assemelho àquelas mulheres desonradoras do nome de suas famílias que olham para outros homens; portanto, deixa-me ir contigo.

"Ó Rama, por que tu desejas me ceder a Bharata, eu, que, residente contigo por tanto tempo, tua esposa jovem, sou

unicamente dedicada a ti? Seja vivendo como um asceta ou eremita ou residindo no céu, eu te seguirei. Viajar na floresta não vai me cansar; seguindo-te, eu sentirei a mesma alegria como caminhando nos jardins ou me divertindo contigo nos bosques. Ó Rama, em tua companhia, as urzes espinhosas como kusha, sarpat e shara me parecerão tão suaves quanto pele de veado. A poeira erguida pela tempestade, cobrindo meu corpo, será como pasta de sândalo para mim. Eu dividirei contigo o leito de grama com o mesmo prazer como uma cama de tecido de seda. Quaisquer folhas, raízes ou frutas que tu me trouxeres serão tão doces e satisfatórias quanto ambrosia. Apreciando contigo os frutos e flores de cada estação, eu não me lembrarei de minha mãe, pai e casa. Nenhuma ansiedade será causada a ti pela minha presença na floresta, nem o meu sustento será um fardo para ti. Digo-te que a floresta vai ser o céu em tua companhia, e sem ti mesmo o palácio vai ser um inferno para mim. Tem a bondade, portanto, de me deixar ir para a floresta contigo. Eu não temo nada na floresta, mas, se tu ainda te recusares a me levar contigo, então eu vou acabar com a minha vida por meio de veneno; eu nunca vou morar no meio de estranhos. Ó meu senhor, sem ti nada me resta exceto a morte; abandonada por ti, seria melhor morrer. Eu não posso suportar

181 Savitri: a filha do rei Aswapati, que salvou seu marido Satyavanta [Satyavan] do deus da morte e o devolveu à vida. A história inteira é contada no Mahabharata, Vana Parva, [cap. 291-297].

182 Dyumatsena: príncipe de Salva.

a dor da tua separação nem por uma hora, como então eu a sofreria por quatorze anos?"

Assim Sita, lamentando e abraçando Shri Rama, chorou alto. De seus olhos, como uma elefanta ferida por flechas envenenadas, brotavam lágrimas contidas por muito tempo, como o fogo é aceso pela fricção da madeira. Gotas cristalinas caíam de seus olhos como a água desliza das pétalas das flores de lótus. O rosto da princesa assemelhando-se à lua cheia, murcho pelo fogo do sofrimento intenso, parecia um lótus retirado da água.

Shri Ramachandra, pegando Sita, aflita e desfalecendo, em seus braços, falou-lhe do seguinte modo: "Ó devi, eu não desejo nem entrar no céu se isso te causa dor! Eu não temo nada! Como Brahma, eu sou totalmente destemido! Embora capaz de te proteger de todas as maneiras, contudo não conhecendo plenamente a tua vontade, eu não quis te deixar compartilhar do meu exílio. Vendo que tu estás destinada a compartilhar do meu exílio, eu não desejo te abandonar, como um homem de conduta virtuosa decide não sacrificar o seu bom nome. Ó bela, seguindo o exemplo dos bons de outrora, eu agirei da mesma

forma; que tu me sigas como Suvarchala<sup>183</sup> segue o sol. Ó filha do rei Janaka, eu não estou entrando na floresta por minha própria vontade, mas para obedecer às injunções do meu pai. Ó devi, é o dever de um filho obedecer aos seus pais, eu não poderia suportar a vida se eu não respeitasse a ordem do meu pai. O destino é invisível, quem pode controlá-lo senão os pais e o preceptor espiritual que são divindades visíveis, e as suas ordens devem ser obedecidas. O que no mundo é tão sagrado quanto o culto daquele que concede dharma, prosperidade e prazer? Por esse culto, homenagem é prestada aos três mundos. Ó Sita, observância da verdade, caridade e sacrifício acompanhado por oferendas adequadas (dakshina) é de menos utilidade na obtenção do reino espiritual do que o serviço aos pais e ao guru. Aqueles que servem a seus pais e ao preceptor espiritual obtêm céu, riqueza, conhecimento e progênie e nada é impossível para eles. Aqueles que são dedicados aos seus pais e ao seu guru obtêm entrada para o céu e as regiões dos devas, dos gandharvas e de Brahma. Esta é a eterna retidão - obedecer ao comando de teus pais, firme na prática da verdade. Ó Sita, não sabendo a tua opinião, eu te aconselhei a não me acompanhar, mas agora, vendo a tua determinação fixa eu desejo te levar comigo. Ó princesa, cujos olhos brilham como vinho, tu estás destinada a ser minha companheira, que tu me ajudes no cumprimento do meu dever. É bom que tu desejes estar comigo de acordo com o costume dos nossos antepassados. Ó Sita, te prepara para ir para o exílio sem demora; sem ti, nem o céu me agrada. Concede as

tuas joias aos brâmanes em caridade e oferece alimento aos pobres; apressa-te, não demores. Dá aos brâmanes, joias, enfeites, vestes ricas, tudo o que tu possuis ou é usado para o meu entretenimento, tudo o que é meu e teu, sofás, cobertores e veículos dá em caridade para os brâmanes e o que restar distribui entre os servos”.

Shri Sita, feliz com a aquiescência do príncipe Rama e sabendo que a sua partida estava decidida, começou a distribuir todas as suas posses. Livre de ansiedade, Sita concedeu aos brâmanes virtuosos sua riqueza e todas as suas joias.

183 Suvarchala: a consorte do sol.

Capítulo 31 - Shri Lakshmana está decidido a acompanhá-los



Shri Lakshmana estando presente, ouvindo a conversa de Rama e Sita, ficou aflito e incapaz de conter sua dor, e chorando amargamente, falou o seguinte: "Se tu estás resolvido a entrar na floresta na qual moram muitos animais selvagens e elefantes, eu vou te acompanhar com meu arco e flechas. Eu passarei contigo na bela floresta aos sons encantadores de aves e veados abundantes lá. Ó Ramachandra, sem ti eu não me interesse em viver nem na região dos deuses nem desejo imortalidade ou domínio sobre outras residências".

Vendo o príncipe Lakshmana determinado a acompanhá-lo à floresta, Shri Ramachandra procurou dissuadi-lo, mas Shri Lakshmana respondeu: "Ó irmão, já tendo me concedido permissão para te acompanhar, por que tu agora me proíbes? Ó impecável, eu gostaria de saber o que te impede de me levar contigo; minha mente está nublada com temores".

Shri Ramachandra vendo Lakshmana humildemente diante dele pronto para acompanhá-lo, disse: "Ó Lakshmana, tu és caríssimo para mim, virtuoso, corajoso e constantemente engajado em obras virtuosas, tu és tão querido para mim quanto a minha vida. Tu és meu irmão mais novo, meu servo e meu amigo. Se eu conceder teu pedido, quem protegerá as renomadas Kaushalya e Sumitra na tua ausência? Ó irmão, o rei que concedia seus desejos, como uma nuvem responde à necessidade da terra, ainda está sob o jugo do desejo por prazer. Quando Kaikeyi, a filha do rei Ashvapatti, se tornar a rainha-mãe, ela não vai tratar bem as suas consortes rivais. Ela

não atenderá às necessidades e confortos da rainha Kaushalya e de Sumitra, nem Bharata, governado por sua mãe, as respeitará. Portanto, ó Lakshmana, permanecendo aqui, ganhando o favor do rei, torna feliz a rainha Kaushalya. Ó irmão, presta atenção à minha instrução. Ó conhecedor do dharma, agindo assim, tu demonstrarás tua grande devoção a mim e também servirás tua mãe e, assim, ganharás grande mérito. Ó Lakshmana, refletindo sobre essas palavras, segue a minha injunção. Sem nós, as nossas mães não podem ser felizes”.

Rama tendo pronunciado essas palavras, o eloquente Lakshmana respondeu em tom gentil: "Ó herói, Bharata seguramente terá a devida consideração pelas rainhas Kaushalya e Sumitra. Se Bharata, tendo obtido esse reino imenso, por mau conselho e orgulho não proteger as rainhas, eu seguramente matarei aquele canalha perverso. Ó nobre, a mãe Kaushalya pode muito bem comandar milhares como eu. Aquela rainha ilustre pode facilmente proteger a minha mãe e ela mesma e inúmeros outros. Faze de mim o teu humilde servidor, não há nada de errado nisso. Assim o meu maior desejo será realizado e tu também encontrarás satisfação. Armado com meu arco e flechas, uma espada e gabião, colhendo frutas e flores selvagens, eu te precederei, apontando o caminho. Diariamente eu te fornecerei alimento de asceta, folhas e outras oferendas adequadas. Que tu, com a filha do rei

de Videha, te divirtas nas encostas das montanhas. Dormindo ou acordado, eu farei tudo por ti”.

Shri Ramachandra ouviu as palavras amáveis de Shri Lakshmana com prazer e respondeu: "Ó Lakshmana, pede a permissão da tua mãe Sumitra e de outros parentes para ires comigo. Ó Lakshmana, vai buscar, sem demora, os arcos temíveis dados pelo próprio Varuna ao rajarishi Janaka no momento do grande sacrifício, também a armadura impenetrável e as aljavas celestes, as duas espadas brilhantes como o sol, decoradas com ouro, que o rei Janaka me ofereceu no momento das minhas núpcias e que foram guardadas com cuidado na casa de Shri Vasishtha”.

Sabendo que o seu exílio era indubitável, Shri Lakshmana despediu-se de seus parentes e, trazendo as armas enfeitadas com flores frescas da casa de Shri Vasishtha, apresentou-as a Rama.

Então Shri Ramachandra falou alegremente para Lakshmana e disse: "Ó príncipe belo, tu és bem-vindo nessa hora, ó irmão, eu desejo oferecer todo o meu sustento em caridade para os brâmanes e ascetas, ajuda-me. Para aqueles brâmanes que moram na cidade dedicados ao seu guru, para eles e para os meus servos distribuí toda a minha riqueza. Convoca o excelente Suyajna, filho de Shri Vasishtha, e o convida a vir aqui

sem demora. Tendo devidamente honrado a ele e a outros brâmanes piedosos, eu partirei para a floresta”.

## Capítulo 32 – Shri Rama dá sua riqueza aos brâmanes, seus amigos e servos

Comandado por Shri Rama, Lakshmana foi para a casa do rishi Suyajna. Vendo o rishi sentado em seu pavilhão sacrificial, ele fez uma reverência para ele e disse: “Renunciando ao reino, Shri Ramachandra está entrando na floresta, vem com toda pressa para vê-lo embarcar nessa tarefa árdua”.

Tendo realizado sua devoção da noite, o rishi Suyajna, com o príncipe Lakshmana, entrou no palácio belo e encantador de Shri Rama. Vendo que aquele conhecedor do Veda tinha chegado, Shri Rama e Sita se levantaram e com palmas unidas saudaram o rishi com reverência. Oferecendo-lhe saudações, Shri Rama deu-lhe esmolos, belos ornamentos, brincos adornados com pedras preciosas, colares de gemas encordoadas em fio de ouro, amuletos e outras joias, e a pedido de Sita, disse: “Ó rishi pacífico, tem a amabilidade de aceitar esse colar e ouro que Shri Sita oferece à tua esposa, também os braceletes e anéis de ouro batido e pulseiras de pedras preciosas; prestes a entrar na floresta, Shri Sita os oferece à tua esposa. Aceita também esse sofá puro macio

com um cobertor bordado com pedras preciosas, pérolas e pendões. Este elefante também, chamado Shatranjaya, que meu tio me deu, eu ofereço a ti, ó grande rishi, junto com mil moedas de ouro”.

Suyajna, rogado por Shri Rama, aceitou todos os presentes, e deu suas bênçãos a Rama, Lakshmana e Sita. Então Rama, sempre de fala gentil, se dirigiu a Lakshmana como Brahma se dirige a Indra, dizendo: "Ó Lakshmana, chama aqui os dois filhos excelentes do rishi Agastya e de Shri Vishwamitra, e os honra com presentes de pedras preciosas. Dá a cada um em abundância, como um campo de grãos é visitado pela chuva, mil vacas, ouro, prata, joias e ornamentos. Para aquele brâmane, versado no Taittiriya<sup>184</sup> que, diariamente, com devoção, dá a sua bênção à rainha Kaushalya e Sumitra, que é versado no Vedanta e experiente em todos os assuntos, dá veículos, mantos de seda e criadas, de modo que ele possa ficar totalmente satisfeito. Para o meu conselheiro confidencial, Chitaratha, que me serviu por um longo período, dá joias preciosas, tecidos e riqueza abundante, e para os brahmacharis, meus colegas que estudam o Veda e são de conduta excelente, que não exercem uma profissão, vivendo desapegados, desfrutando de bons alimentos, mas dependentes de esmolas, dá mil vacas a cada um desses. Ó Lakshmana, dá a eles oitenta camelos para cada, carregado com joias, mil bois carregados com arroz

184 Taittiriya Samhita: uma coleção de ensinamentos do Krishna Yajurveda, instruções sobre a realização de sacrifícios.

e duzentos touros para arar o solo. Ó Lakshmana, dá a eles vacas para que eles possam desfrutar de manteiga, leite e coalhos, e a cada um dos brahmacharis que atendem a rainha Kaushalya dá mil vacas e mil moedas de ouro e lhes dá esmolas abundantes para que a minha mãe fique satisfeita conosco”.

Obedecendo aos comandos do príncipe Rama, Shri Lakshmana ofereceu hospitalidade aos brâmanes. Como Kuvera, ele deu a cada brâmane riqueza abundante, conforme instruído por seu irmão. Então Shri Rama, vendo seus servos de pé perto dele chorando, lhes deu riqueza suficiente para as suas vidas inteiras e disse: "Até eu voltar da floresta, vigiem o palácio pertencente a Shri Lakshmana e a mim”.

Em seguida, todos choraram dominados pelo pensamento de sua partida, e Rama se voltando para o seu tesoureiro disse: "Traz aqui a minha riqueza”, e eles empilharam quantidades de ouro e prata diante dele, maravilhosas de se ver. Então Rama com o auxílio de Lakshmana a distribuiu entre os idosos, os doentes e necessitados.

Agora, havia certo brâmane da família de Garga, cujo nome era Trijata, cuja pele era pálida por causa de muitas privações. Ele, trabalhando honestamente, ia para a floresta diariamente com

pá, machado e arado, mantendo sua família com as frutas e flores da floresta. Sua esposa, cansada de tanta pobreza, reunindo suas crianças pequenas, dirigiu-se a seu marido, dizendo: "Abandonando o teu arado e a pá, segue as minhas instruções. Vai com toda velocidade e te aproxima do virtuoso Shri Ramachandra, sem dúvida, tu obterás alguma coisa lá".

O brâmane, cobrindo-se com uns poucos trapos miseráveis, partiu para o palácio de Shri Rama, seu semblante, em brilho,<sup>185</sup> parecido com aquele do rishi Bhrigu ou Angiras.

Entrando no quinto portão incontestemente, ele chegou onde a multidão estava reunida e se aproximando de Shri Ramachandra, disse: "Ó príncipe ilustre, eu sou desprovido de riqueza e, tendo muitos filhos, subsisto com o que eu encontro na floresta, olha-me com compaixão".

Shri Rama respondeu jocosamente: "Eu ainda tenho muitos milhares de vacas ainda não concedidas a ninguém. Jogando o teu bastão a partir deste ponto, eu te darei tantas vacas quanto puderem ficar no espaço entre ti e onde o bastão tiver caído".

Trijata, ouvindo essas palavras, atando seus trapos firmemente em volta de sua cintura, girando seu bastão, o jogou longe com toda a força. O bastão caiu na outra margem do rio Sarayu onde milhares de vacas e touros reais estavam pastando. Shri Rama ordenou que todos esses fossem levados ao eremitério do brâmane e dirigiu-se a ele deste modo: "Não fiques

descontente, ó brâmane, que eu brinquei contigo; eu desejava testar os teus grandes poderes. Agora, o gado será levado para a tua residência, pede, além disso, tudo o que desejares. Ó brâmane, eu darei qualquer coisa que tu pedires; toda a minha riqueza é para ser dada aos brâmanes. Nada me satisfaz tanto quanto a concessão da minha riqueza a brâmanes tais como tu, trazendo-me renome”.

Então o brâmane Trijata muito satisfeito, levando as vacas, partiu com sua esposa, cheio de poder, fama e devoção, abençoando Shri Ramachandra.

Depois disso, Rama deu o restante da sua riqueza, adquirida através da virtude, a seus amigos, honrando-os com sinais de respeito. Não houve um

185 É aqui sugerido que a condição elevada do brâmane se expressava na forma de esplendor espiritual.

brâmane, servo, indigente ou mendigo que ele não tenha honrado com caridade naquele momento.



## Capítulo 33 – Ele vai, com Sita e Lakshmana, ao palácio do rei Dasaratha

Shri Rama, tendo, com Sita, distribuído riquezas em abundância aos brâmanes em caridade, foi com Lakshmana e Sita ver o rei Dasaratha, seguido por seus servos portando armas adornadas com flores e sândalo.

O povo da capital, subindo no topo dos edifícios altos e nos telhados das casas de sete andares para vê-los, ficou desanimado. Alguns disseram: "Vejam agora Shri Rama, anteriormente acompanhado por quatro divisões do exército, é hoje seguido apenas por Sita e Lakshmana". Outros responderam: "Shri Rama, tendo provado as delícias da soberania e experimentado todas as alegrias da vida, ele que dá riqueza aos necessitados, incitado pelo dever, deseja tornar frutífera a promessa de seu pai. Hoje Sita, nunca vista antes nem mesmo pelas aves, está exposta à visão das pessoas comuns na estrada".

Um deles disse: "Certamente, o rei está possuído por um espírito maligno senão ele nunca enviaria um filho tão querido para o exílio". E outro, "Ninguém jamais baniu nem mesmo um traidor, quanto menos Shri Rama que ganhou a afeição de todo o mundo por sua conduta excelente? Ele não é só virtuoso mas é inocente, compassivo, culto, verdadeiro, autocontrolado e de mente subjugada. Seus súditos estão tão angustiados ao

pensarem em sua ausência quanto a ave aquática durante a seca do verão. Os sofrimentos de Rama, senhor do mundo, afligem a todos, como faz uma árvore arrancada da terra. O glorioso Ramachandra, conhecedor do dharma, parece a raiz de uma árvore da qual as flores, frutos, folhas e galhos são as pessoas. Vamos, abandonando os nossos jardins, campos e casas, compartilhando das suas angústias, seguir Shri Rama. Nossas casas desertas, seu tesouro removido, seus pátios negligenciados, sem grãos ou provisões, sua beleza perdida, serão enterradas no pó. Os devas deixarão de visitá-las, mas os ratos correndo aqui e ali as encherão de incontáveis buracos. Sem água, cobertas de fuligem, sujas, nenhum rito diário será realizado lá. Caídas em ruínas, repletas de recipientes quebrados, como se amaldiçoadas pelo rei ou por decreto divino, de todas essas, totalmente abandonadas por nós, que Kaikeyi desfrute.

"Nós rezamos para que essa cidade abandonada por Shri Rama seja convertida em uma selva e a floresta onde Rama morar se torne uma cidade próspera. Que as cobras abandonem seus buracos, os veados e aves abandonem sua residência nas montanhas e vales, e o leão e o elefante deixem a floresta, com medo de nós e venham habitar na capital de Ayodhya. Que a cidade abandonada por nós, desprovida de feno e cereais tendo-se tornado o refúgio de serpentes, veados e aves, seja governada por Kaikeyi e seu filho e que nós,

morando na floresta com Rama, desfrutemos plenamente de toda a felicidade”.

Shri Rama passando, ouvindo sua conversa, não ficou perturbado de nenhuma maneira, mas prosseguindo lentamente, como um jovem elefante, com andar majestoso se aproximou do palácio de seu pai, que parecia a montanha Meru. Shri Rama, entrando no palácio real guardado por tropas experientes, viu Sumantra permanecendo lá desconsolado. Shri Rama, com um semblante sorridente,

passando pelas pessoas que estavam aflitas e cheias de dor, se aproximou do aposento de seu pai, desejoso de servi-lo.

Antes de entrar na câmara real, ele pediu a Sumantra, abatido por conta da partida de Rama, para informar ao rei de sua chegada. Desejoso de cumprir a ordem do monarca virtuoso, Shri Rama, determinado a entrar na floresta, pediu a Sumantra para anunciar sua presença para o rei.

Capítulo 34 – O rei dá a sua bênção, enquanto todo o palácio se enche de lamentação

Ramachandra de pele escura, de olhos de lótus, aquele príncipe inigualável, instruiu seu ministro a anunciar sua chegada ao rei.

Nisso, Sumantra, entrando no apartamento real, viu o rei extremamente angustiado, lamentando amargamente, como o sol sob eclipse ou um fogo enterrado em cinzas ou um lago sem água.

O erudito Sumantra com palmas unidas dirigiu-se ao monarca extremamente aflito por louvá-lo de forma apropriada e, oferecendo reverência, ele disse: "Jai a ti, ó rei". Então, hesitantemente, em tons baixos e gentis ele acrescentou: "Ó rei, teu filho Rama, aquele leão entre os homens, está à tua porta, tendo distribuído toda a sua riqueza para os brâmanes piedosos e os servos; tendo agora se despedido de seus amigos, ele deseja se aproximar de ti. Provido de todas as qualidades excelentes como o sol com seus raios, ele está prestes a partir para a floresta, tem a bondade de recebê-lo, ó majestade".

O monarca virtuoso, o conhecedor do dharma, profundo como o mar, puro como o céu, falou: "Ó Sumantra, convoca as damas da corte, eu gostaria de ver Rama em sua presença".

Entrando nos aposentos privados das rainhas, Sumantra disse: "Sua majestade exige a sua presença, vão ter com ele sem demora". Assim abordadas por Sumantra, em obediência aos desejos de seu consorte, elas se prepararam para se aproximar do rei. Trezentas e cinquenta mulheres, com seus olhos avermelhados por chorarem por causa da partida de Rama, em torno da rainha Kaushalya, avançaram lentamente em direção

ao rei. Elas estando presentes, o rei mandou Sumantra trazer seu filho diante dele.

Sumantra, trazendo Shri Rama, Lakshmana e Sita com ele, entrou rapidamente no aposento do rei. O monarca, vendo Shri Rama se aproximando, se levantou de seu assento, e correu em direção a ele com pressa, com suas consortes, mas antes que o alcançasse ele caiu ao chão inconsciente.

Então Shri Rama e Lakshmana, avançando, ergueram o rei que tinha ficado inconsciente pela dor e sofrimento. O palácio ressoava com os lamentos de mil mulheres gritando, "Rama, Rama", "Ai! Ai!" o tilintar de seus ornamentos abafado pelo tumulto de seus gritos.

Shri Rama e Lakshmana sustentando o rei em seus braços o levaram ao sofá, e depois de um longo tempo ele despertou. Então Shri Ramachandra abordou o monarca que estava afundando no oceano do sofrimento, e disse: "Ó grande rei, mestre de todos, eu estou prestes a entrar na floresta de Dandaka, tem a amabilidade de me olhar com benevolência. Permite também que Lakshmana e Sita me acompanhem, já que eles, recusando o meu conselho que eles deviam permanecer aqui, resolveram me seguir, com propósito fixo. Ó majestade, abandonando a tristeza, nos comanda, como Prajapati comanda seus súditos".

Com os olhos cheios de compaixão, fixando seu olhar em seu filho amado, o rei, sabendo que ele estava prestes a entrar na floresta com o coração sereno, disse: "Ó Ramachandra, eu fui enganado pela rainha Kaikeyi em razão de uma promessa, que tu, me deixando de lado, te apoderes do reino de Ayodhya pela força".

Ouvindo as palavras do rei, Rama, eminente em virtude, falou eloquentemente e humildemente: "Meu senhor, que Deus te conceda ainda mil anos para viver e governar a terra! Desejoso de seguir a verdade, eu seguramente entrarei na floresta, residindo quatorze anos lá. Eu então voltarei para te servir e te oferecer homenagem".

Seguro firmemente nas redes da verdade, o rei, instigado por Kaikeyi, chorou e cheio de angústia respondeu: "Ó filho, para obter felicidade no outro mundo e renome na terra e por causa do teu retorno, entra na floresta com o coração pacífico. Que nenhum medo de qualquer fonte te visite no caminho. Ó Ramachandra, firme na verdade e no cumprimento do dever, ninguém pode te desviar do caminho da retidão. Ó meu filho, não partas ainda, fica mais uma noite com a tua mãe e eu. Satisfeito após a noite, parte de manhã cedo para a floresta. Meu filho, por minha causa, tu empreendeste o que ninguém pode realizar. Para o meu bem e a minha felicidade futura tu escolheste entrar na floresta. Ó filho, na verdade, eu não posso permitir a tua partida, mas estou impotente. Enganado por Kaikeyi, cujos planos se assemelham a um fogo coberto com

cinzas, eu estou preso nessa armadilha, mas por que tu também deves sofrer? Ó filho, é de admirar que tu, meu filho mais velho, desejasse que o teu pai mantivesse a veracidade?"

Ouvindo as palavras de seu aflito pai, Shri Rama, profundamente angustiado, respondeu: "Ó pai, se hoje eu permanecesse alegremente no palácio real, o que de amanhã? Portanto, com a tua permissão, eu desejo partir imediatamente. Que o teu reino, cheio de riqueza e de grãos, habitado por teus súditos, cercado por estados tributários, seja dado ao príncipe Bharata! Ó concessor de bênçãos, a minha resolução de entrar na floresta é fixa. Assim tu ordenaste! Eu devo morar na floresta por quatorze anos com os ascetas. Que tu, sem demora, dês o reino a Bharata! Eu não desejo nada, nem a felicidade é tão querida para mim como a obediência aos teus comandos. Ó meu pai, não te aflijas, nem fiques angustiado; o poderoso oceano, senhor dos rios, não ultrapassa os seus limites. Ó majestade, eu não desejo nem reino nem prazer, nem mesmo Janaki,<sup>186</sup> nem deleite, nem céu, nem a própria vida, mas só desejo te ver o devoto da verdade. Ó meu pai, tu és como um deus para mim, eu juro pela verdade e pelos méritos adquiridos por mim que as minhas palavras estão livres da nódoa da hipocrisia. Ó meu pai e senhor, eu não posso ficar aqui por nem mais um momento; contém a tua dor, nada pode me mover da minha decisão. Quando Kaikeyi me mandou entrar na floresta, eu respondi "Eu irei", portanto, fiel à minha palavra, eu partirei. Não fiques angustiado, ó meu senhor, eu

viverei na floresta, onde cervos pacíficos são abundantes e aves cantam suas belas canções. Ó pai, é dito que um pai é o deus dos deuses; sabendo que tu és uma divindade suprema, eu sou obediente às tuas ordens. Ó rei augusto, eu passarei facilmente quatorze anos na floresta e então voltarei para ti. Agora cabe a ti pacificar aqueles afligidos e entristecidos. Ó leão entre os homens, cumpre o teu dever e não caias vítima da dor. Eu renuncio à capital, ao reino e à terra; que eles sejam dados a Bharata. Sem hesitar eu seguirei a tua ordem e entrarei na floresta. Que esse reino adornado por altas montanhas e florestas profundas, cheio de cidades e aldeias,

186 Janaki: um nome de Sita.

seja governado pelo príncipe Bharata de acordo com o dharma. Que a tua palavra seja cumprida. Ó rei, meu coração não é dado a deleites, nem a qualquer objeto de prazer, tudo o que eu desejo é realizar teus comandos, aprovados por homens virtuosos. Ó rei, abandona toda a tristeza por minha causa; eu não desejo nem a felicidade, nem a riqueza, nem a terra, nem Janaki, nem mesmo a vida. Eu desejo que o mundo te conheça como o devoto da verdade. Ó meu senhor, sê feliz. Eu, entrando na floresta cheia de muitas espécies de árvores, vendo as



montanhas e rios, viverei alegremente, subsistindo de frutas e raízes”.

O rei cheio de angústia abraçou seu filho e caiu ao chão inconsciente. As rainhas todas começaram a lamentar, exceto Kaikeyi somente. Então o idoso Sumantra também caiu inconsciente, e todo o palácio estava cheio de lamentação.

### Capítulo 35 – Sumantra acusa a rainha Kaikeyi

Voltando a si, o ministro Sumantra, dominado pela raiva, respirando pesadamente, rangendo os dentes, torcendo as mãos, batendo a cabeça, seus olhos avermelhando-se, sua cor alterada, mostrou todos os sinais de angústia. Percebendo que a rainha Kaikeyi tinha perdido o respeito do rei, Sumantra perfurou o coração dela com palavras tão afiadas quanto flechas, fazendo-a tremer. Penetrando nas partes mais vulneráveis do seu ser, Sumantra expôs os defeitos ocultos da rainha, por suas palavras farpadas. Ele disse: “Ó senhora, tu abandonaste teu marido o nutridor e sustentador dos móveis e imóveis. Não há nada indesejável no mundo que tu não tenhas realizado. Eu te considero a assassina de teu marido e a destruidora de tua família. Por meio dos teus atos vis, tu atingiste o rei Dasaratha, que é inconquistável, que se assemelha a Indra e que é imóvel como uma montanha. Ó

Kaikeyi, não insultes o rei idoso que conferiu essas bênçãos a ti. A obediência ao marido deve, em uma mulher, exceder em muito o amor por mil filhos. É a antiga tradição dessa dinastia que o filho mais velho deve suceder seu pai, mas tu procuras revogá-la e fazer de teu filho o governante enquanto o rei idoso ainda vive. Que o teu filho Bharata governe o reino, nós seguiremos Rama para onde quer que ele vá. Ninguém de boa fama permanecerá para ajudar o teu filho na administração, já que tu procuras repudiar o costume imemorial. Eu me admiro que a terra não se abra e te engula pelos teus crimes. Por que os sábios santos não te condenam totalmente? Que tolo corta pela raiz uma árvore de manga doce com seu machado, a fim de plantar uma árvore nimba<sup>187</sup> em seu lugar, que não dá fruto doce, mesmo se regada com leite? É comum dizer que o mel não flui da árvore nimba. Eu vejo que tu és tão perversa quanto a tua mãe. Os pecados cometidos por tua mãe são conhecidos por mim, eu ouvi sobre eles em relatório digno de confiança. Teu pai, em virtude de uma bênção concedida a ele por um Yogi, entendia a linguagem de todas as criaturas; de toda ave, ele entendia a voz. Uma vez, voltando para a capital, ele ouviu a conversa entre duas formigas e riu-se, após o que tua mãe se enfureceu e ameaçou tirar sua vida, dizendo: "Eu preciso saber a causa do teu riso". O rei respondeu, dizendo: "Ó senhora, se eu te disser a causa da minha risada, isso sem dúvida levará à minha morte". Então tua mãe falou para seu marido, Kaikeya, dizendo: "Eu não me importo se vives ou morres, dize-me a

causa do teu riso. Se tu estivesses morto, tu não poderias me insultar com a tua risada”.

187 Árvore Nimba ou Nima, uma árvore de folhas extremamente amargas.

O rei, se aproximando do Yogi, contou-lhe toda a história, e o Yogi disse: "Ó rei, que a tua esposa volte para a casa de seu pai ou morra, não reveles o segredo a ela". Então o rei Kaikeya, com a mente satisfeita, abandonou tua mãe, e viveu livre como Kuvera. Ó rainha pecaminosa, tu também segues o mau caminho, enganando o rei e incitando-o para os maus costumes. É um ditado verdadeiro: 'O filho segue o pai e a filha a mãe'. Não sigas tua mãe, mas obedeças ao teu marido, o rei, nosso protetor, por respeitar a sua palavra. Deixes de ser governada pelo mal e não leves o teu marido para o caminho da injustiça. O rei não vai rescindir a promessa feita a ti. Ó senhor, pede ao rei para dar a coroa a Rama que é o filho mais velho, que é generoso, virtuoso, um cumpridor de seu dever, e um protetor de todos os seres vivos. Se Shri Rama for para a floresta, o mundo inteiro vai falar mal de ti. Que a tua mente fique em paz e deixe Rama ser coroado. Se alguém que não Rama governar o reino, isso não será benéfico para ti. Se Rama

se tornar regente, então o rei seguindo a tradição antiga indubitavelmente se retirará para a floresta”.

Assim Sumantra com palavras duras acusou a rainha na assembleia, mas Kaikeyi não se alterou de nenhuma maneira, nem demonstrou qualquer sinal de arrependimento, nem sua face mudou.

### Capítulo 36 – Ela ignora as palavras do ministro-chefe e do rei

Então o rei Dasaratha, profundamente angustiado por conta de seu voto, abordou o lamentoso Sumantra, dizendo: “Ó Sumantra, prepara quatro divisões do exército carregadas com riqueza para acompanhar Shri Rama. Que mulheres belas e eloquentes e comerciantes sigam em sua esteira, junto com os comerciantes ricos que possam montar estoques abastecidos com as coisas necessárias para o exército de Shri Rama. Que aqueles assistentes pessoais agradáveis para Rama, tendo recebido riqueza abundante, o acompanhem. Que cidadãos escolhidos acompanhem Rama com instrumentos de guerra e veículos, e que aqueles que conhecem os caminhos da floresta vão também. Shri Rama caçando veados e elefantes, bebendo mel fresco e desfrutando a beleza dos rios se lembrará daqueles deixados para trás. Que toda a minha riqueza e grãos sejam enviados com Rama para a floresta desabitada.

Celebrando sacrifícios com os sábios em lugares sagrados, dando esmolas a eles, Shri Rama viverá lá alegremente. O príncipe Bharata governará o povo aqui e Rama partirá suprido abundantemente”.

Kaikeyi ficou temerosa ao ouvir as palavras do rei, sua boca secou e ela ficou incapaz de falar. Trêmula com agitação, ela então disse: “Ó chefe de homens, Bharata não aceitará o reino despojado de sua riqueza e povo, assemelhando-se ao vinho não fermentado”.

Os olhos do rei se avermelharam de raiva por causa das palavras cruéis e desavergonhadas de Kaikeyi, e ele respondeu: “Ó patife perversa, por que tu procuras me esmagar com essa carga de tristeza? Quando tu exigiste o exílio de Rama, tu não adicionaste que ele deveria ir de mãos vazias”.

Ao ouvir as palavras do rei, a fúria de Kaikeyi foi redobrada, e ela disse: ‘Da tua dinastia, o rei Sagara enviou seu filho Asumanjas para o exílio. Que Rama parta na mesma maneira’.

Ao ouvir essas palavras, o rei Dasaratha gritou: “Ai, ai de mim!” e todo o povo sentiu-se envergonhado, mas Kaikeyi permaneceu impassível. Em seguida, o ministro-chefe, de nome Siddhartha, um homem virtuoso, muito favorecido pelo rei

Dasaratha, dirigiu-se a Kaikeyi, dizendo: “Ó senhora, Asumanjas, agarrando as crianças que brincavam na rua, os jogava no rio Sarayu, por isso ele foi considerado um homem

extremamente perverso. O povo da cidade, desgostoso com suas crueldades, pediu para o rei Sagara bani-lo, dizendo: 'Tu preservarás a nós ou ao príncipe Asumanjas na cidade?' O rei Sagara lhes perguntou o motivo de seu temor e eles disseram em resposta: 'O príncipe Asumanjas se tornou insano, pegando as nossas crianças quando brincando e as jogando no rio; ele se alegra com esse ato'. O rei Sagara, portanto, abandonou seu filho malévolo e colocando-o em uma carruagem com sua esposa, roupas e outras coisas necessárias, proclamou: 'Asumanjas está banido para o resto da vida'. Asumanjas, armado com um machado e cesta, vagou na floresta e colheu os frutos das suas maldades. O virtuoso marajá Sagara banuiu seu filho por causa do seu mau comportamento, mas, ó rainha, qual pecado Rama cometeu que ele deve ser exilado por ti? Eu não vejo defeito em Rama. Seria tão fácil encontrar uma mácula na lua! Ó senhora, se tu encontraste alguma falha em Rama, então a declara abertamente e ele será banido do reino. Ó Kaikeyi, é um ato injusto abandonar alguém que segue o caminho da virtude, sem motivo real; tal ato destruiria o esplendor do próprio Indra. Ó senhora de belo rosto, não destruas a prosperidade de Shri Ramachandra e te tornes uma fonte de ignomínia para o povo".

Ouvindo as palavras do ministro Siddhartha, o rei Dasaratha, tomado pela dor, falou a Kaikeyi, em tons entrecortados e disse: "Ó pecaminosa, tu ignoras as palavras de meu ministro? Tu estás cega para o teu próprio bem-estar e o meu? Tu estás

determinada a seguir o mau caminho? Desistindo da minha riqueza e sustento e dos confortos do palácio, eu vou seguir Rama. Governa à vontade com Bharata para sempre”.

Capítulo 37 - Apesar da instrução de Vasishtha, Shri Sita ainda deseja entrar na floresta

Ouvindo as palavras do ministro chefe Siddhartha e aquelas do rei, o príncipe gentil humildemente deu a seguinte resposta: "Ó rei, tendo renunciado a todos os prazeres para viver dos produtos da floresta, que necessidade eu tenho de riqueza, de um exército ou de outros requisitos? Quem se importará com as cordas que atam o assento ao elefante quando se desfez do elefante? Ó grandioso, como eu estou, que razão eu tenho para um exército na floresta? Que ele seja dado ao príncipe Bharata. Tragam-me trajes de pele. Eu passarei catorze anos na floresta, e preciso só de uma pá para escavar raízes e frutas e um cabaz e cesto. Eu desejo partir sem mais demora”.

Ouvindo suas palavras, Kaikeyi se levantou e trouxe as vestes de pele, e no meio da assembleia, sem vergonha, dirigiu-se ao príncipe Rama dizendo: "Coloca- os”.

Shri Ramachandra recebendo o traje de Kaikeyi, se livrando de sua roupa valiosa, colocou o traje de pele. Shri Lakshmana

também tirando seus belos mantos, colocou a roupa de um asceta na presença de seu pai. Shri Sita vestida em um adorável sari de seda, vendo as vestes de pele oferecidas a ela, se assustou, como uma corça ao ver a armadilha do caçador.

A princesa Janaki, dotada de qualidades excelentes, recebeu o traje de pele, com vergonha e angústia. Versada nos deveres de uma esposa fiel, ela, dirigindo-se

ao seu marido divino, com os olhos repletos lágrimas, disse:

"Como é que os ascetas vestem os mantos de pele?"

Shri Sita, ignorante do costume, permaneceu confusa, não habilidosa na arte de vestir roupas de pele, colocando uma extremidade da vestimenta em volta do pescoço e segurando a outra em suas mãos, ela ficou perplexa. Então Ramachandra, o principal dos bons, se aproximando da princesa, prendeu o manto da pele sobre o seu sari de seda. Todas as damas da corte, vendo Rama auxiliando Sita a colocar o traje de pele, começaram a chorar e timidamente abordaram o ilustre Rama: "Ó príncipe amado, teu pai não concedeu permissão para Shri Sita entrar na floresta. Que tu entres na floresta de acordo com a ordem do rei, mas não deixes Janaki ir contigo. Permite que a nossa vida seja frutífera ao contemplar seu rosto. Que Lakshmana vá contigo para a tua proteção, mas a bela Sita não tem condições de morar na floresta como um asceta. Ó



Rama, incitado pelo dharma, vai sem demora como tu desejas, mas, nós te rogamos, deixa a princesa Sita conosco”.

Shri Rama, sabendo que Sita não estava disposta a ficar lá na sua ausência, desconsiderando o pedido, ajudou Sita a vestir as vestes pele. Shri Vasishtha, preceptor do rei, vendo Sita vestida com o hábito de um asceta, ficou descontente, e disse a Kaikeyi: "Ó destruidora da tua dinastia, ó Kaikeyi de mente má, tu enganaste o rei e agora excedes as bênçãos concedidas a ti, tu estás morta para todo o bom senso. Não é para a princesa Sita entrar na floresta, deixa-a governar no lugar de Rama até ele voltar. A mulher é, por assim dizer, metade de seu esposo, portanto, o que lhe é devido é dela também. Shri Sita sendo a metade de Shri Rama na ausência dele tem direito ao trono. Caso Shri Sita acompanhe Rama, então eu e todo o povo de Ayodhya vamos segui-lo. Aonde Rama for com Sita, para lá seguirão os guardas, o povo do reino e os cidadãos da capital. Não só isso, até mesmo o príncipe Bharata e o príncipe Shatrughna, assumindo as vestes de ascetas, vão acompanhar seu irmão mais velho. Então esse reino abandonado pelos homens, povoado por árvores somente, será governado por ti, ó tu, empenhada na destruição de teus súditos. Saibas bem que não há reino onde Shri Rama não é rei, mas a floresta na qual Rama mora se torna o reino. O rei, consentindo de má vontade, pode conferir o reino a Bharata, mas Bharata nunca aceitará a coroa, nem te honrará como sua mãe, se ele for o verdadeiro filho do rei Dasaratha. Mesmo que tu morras, ainda assim o

príncipe Bharata, familiarizado com a lei antiga, se recusará a governar o reino enquanto seu irmão mais velho, Shri Ramachandra, viver. Tu, desejando o progresso de teu filho, Bharata, procurando fazê-lo rei, estás na verdade lhe trazendo sofrimento, já que ele seguirá Shri Ramachandra. Ó Kaikeyi, tu verás animais, cobras, cervos, aves e até mesmo árvores se curvarem diante de Rama, governados por seu amor, para não falar dos homens. Ó senhora, remove o traje de pele e permite que Sita se vista com mantos reais, a vestimenta de asceta não convém a ela”.

O guru Vasishtha proibiu Sita de vestir o manto de pele e disse à rainha: "Ó filha do rei Kaikeya, tu exigiste o exílio de Rama sozinho, que Sita se vista em mantos nobres quando acompanhando Rama. A benção exigida por ti não implicava o exílio de Shri Sita, portanto, que a princesa, belamente vestida e adornada, entre na floresta em uma carruagem real”.

Apesar da instrução do sábio resplandecente, o principal entre os brâmanes e o preceptor do rei, Shri Sita, não abandonando a roupa de asceta, desejou entrar na floresta, vestida como seu marido.

Capítulo 38 – Shri Rama pede ao rei para proteger sua mãe durante a sua ausência

Vendo Sita como uma viúva embora possuindo um marido, vestindo o traje de pele, todas as pessoas presentes condenaram o rei Dasaratha. O rei ouvindo seu murmúrio perdeu todo o interesse na vida, virtude e fama, anteriormente apreciados por ele. Suspirando profundamente, ele disse à sua consorte Kaikeyi:

"Ó Kaikeyi, é inadequado que Sita entre na floresta vestindo o hábito de um asceta. Nosso santo guru Vasishtha falou verdadeiramente. Sita não está preparada para a vida na floresta, essa princesa frágil é digna de felicidade perpétua. A filha do grande imperador Janaka causou prejuízo a alguém, que em meio ao povo ela permanece calada, vestida em um traje de pele, como uma asceta? Eu não prometi que a filha do rei Janaka vestiria a roupa de um devoto. Que essa princesa entre na floresta vestida de forma auspiciosa, com todos os seus ornamentos. A minha morte não está muito distante e a minha mente está em confusão; por prometer essas bênçãos a ti, eu fui reduzido a nada. Esse ato está me consumindo como o bambu por sua floração.<sup>188</sup> Se for dito que Shri Rama te causou dano, ó pecaminosa, que mal Janaki fez para ti? Do que tu acusas a filha do rei Janaka, cujos olhos se assemelham aos da gazela e que é meiga e gentil?

"Ó perversa, por enviar Rama sem motivo para a floresta, tu certamente irás para o inferno; o que mais não te acontecerá por conta das tuas más ações?

"Quando Shri Rama se aproximou de mim, na véspera da sua instalação, tu então não o proibiste de inaugurar a cerimônia e lhe ordenaste que entrasse na floresta com cabelos emaranhados em um traje de asceta. Pelo meu silêncio, eu dei consentimento, mas agora, desejosa de mergulhar no inferno tu requeres que Sita entre na floresta vestida no hábito de um recluso".

O rei Dasaratha, lamentando, não via fim para a sua angústia. Finalmente, impotente e tomado pela dor, por causa de seu filho, ele caiu ao chão.

Shri Rama, de cabeça baixa, pronto para entrar na floresta, observando o sofrimento de seu pai, disse: "Ó rei, minha mãe Kaushalya, dedicada ao seu senhor, idosa e de disposição generosa, que nunca fala mal de ninguém, sem mim se afogará em um mar de tristeza. Ela, que até agora não conheceu sofrimento, agora é digna da tua consideração especial. Ó pai, tu, a quem honra é devida, considera minha mãe com atenção afetuosa, para que ela não sofra pela separação de seu filho e por suportar tantas aflições, mas viva dependente de ti. Ó imperador, igual a Indra em poder, protege a minha mãe em minha ausência para que ela não defina e morra".

Capítulo 39 - Enquanto eles se preparam para a partida o palácio ressoa com o pesar

Ouvindo as palavras de Rama e vendo-o na aparência de um asceta, o rei perdeu a consciência e suas consortes se afastaram em angústia. Tomado pela dor, o monarca infeliz não podia nem olhar para Rama nem pronunciar uma palavra para ele e por um espaço de tempo permaneceu sem sentidos. Então, recuperando a

188 É dito que quando o bambu floresce a moita inteira perece.

consciência, o rei de braços longos, se lembrando de Rama, começou a se lamentar: "Agora, sem dúvida, eu sei que em algum nascimento anterior eu separei muitos bezerros de suas mães e privei muitos seres de suas vidas, por conta do que tudo isso me aconteceu. Os ares vitais não deixam o corpo antes da hora marcada; embora atormentado por Kaikeyi, a morte ainda não me reivindica. Ai de mim! Eu vejo Shri Ramachandra, resplandecente como o fogo, despojado de suas vestes reais e vestido em trajes de asceta. Esse mal causado por Kaikeyi, por fraude e pelo desejo de vantagem pessoal é a fonte de angústia universal".

Os olhos do rei estavam cheios de lágrimas, e gritando: "Rama, Rama", sua garganta ficou embargada, e ele não pode dizer mais nada. Depois de algum tempo, ainda derramando lágrimas, ele se dirigiu Sumantra, dizendo: "Atrela os melhores

corcéis à carruagem e leva Shri Rama para fora da cidade. Agora está claro que a virtude de um homem o leva à aflição, uma vez que um filho tão sábio e valente está sendo banido por seus pais”.

Como instruído pelo rei, Sumantra atrelou os corcéis mais excelentes a uma carruagem ricamente decorada e, levando o carro dourado com os melhores cavalos atrelados ao mesmo diante do príncipe, disse humildemente: "O carro está à disposição”.

O rei então convocou seu tesoureiro justo e confiável e falou com ele em palavras adequadas à hora e lugar: "Traz aqui, para Janaki, roupas e ornamentos caros para servirem à princesa por quatorze anos”. Como instruído pelo rei, o mestre da tesouraria trouxe os vários artigos e os entregou à princesa Sita. Sita de nascimento nobre, vestindo-se em um manto suntuoso e ornamentos, se aprontou para partir para a floresta. Assim vestida, Shri Janaki iluminou o palácio como os raios do sol nascente iluminam o céu. A rainha Kaushalya abraçou a princesa de conduta virtuosa em seu peito e abençoando-a disse: "O mundo está cheio de esposas desobedientes, que deixam de respeitar seu marido quando ele caiu em infortúnio. Tal é a natureza daquelas que tendo desfrutado grandes prazeres, ao encontrarem seu consorte envolvido em problemas, o condenam e às vezes até o abandonam. Muitas são as mulheres mentirosas, cruéis, incastas, divergentes<sup>189</sup> e presunçosas, cheias de más paixões, as destruidoras de

vínculos honrados por longo tempo. Nem uma família digna nem o dever, nem a instrução do guru, nem presentes, as controlam, nem elas honram os laços do casamento, suas mentes sendo inconstantes. Mas aquelas mulheres dedicadas aos seus maridos, de conduta virtuosa, que honram a tradição de sua família, honestas, que seguem as instruções de seu preceptor, consideram o seu senhor como o principal dos homens. Portanto, não condene o meu filho, agora pronto para entrar na floresta, que deve ser considerado por ti certamente como uma divindade, seja na pobreza ou na prosperidade”.

Shri Sita, compreendendo a importância dessas palavras, inspiradas pelo dharma, humildemente respondeu: “Ó nobre senhora, eu cumprirei as tuas ordens. Eu sei que uma mulher deve servir seu marido, e meus pais me instruíram sobre o assunto. Não me consideres uma mulher falsa. Eu sou tão incapaz de abandonar o caminho da virtude quanto a luz do sol a lua. Como um alaúde é inútil sem cordas, como uma carruagem não pode se mover sem rodas, assim é uma esposa sem seu marido, mesmo que ela tenha cem filhos.

”Pai, mãe ou filho podem dar apenas uma pequena quantidade de felicidade, mas o marido é a fonte de alegria ilimitada. Qual mulher é tão indigna que ela não

189 Cujas mentes não são conhecidas facilmente.

obedecerá a seu marido? Eu estou familiarizada com todos os deveres de uma esposa, sendo instruída por aqueles eminentes em virtude. Um marido é como um deus para a sua consorte, eu nunca deixarei de honrá-lo”.

A rainha de coração simples, derramando lágrimas de angústia por causa da separação de seu filho, ouvindo as palavras da princesa Sita, ficou aliviada.

Então Rama disse: "Ó mãe, quando eu estiver na floresta, não olhes para o meu pai com uma expressão reprovadora, o prazo do meu exílio terminará logo. Os quatorze anos passarão como um sonho. Cercado por meus amigos, tu me verás servindo o meu pai”.

Falando assim para sua mãe Kaushalya, Shri Rama pensou em como se dirigir às trezentas e cinquenta outras consortes do rei. Para essas que estavam lamentando amargamente, ele falou com humildade. "Enquanto vivia entre vocês, se eu alguma vez, em ignorância, as ofendi, tenham a bondade de me perdoar”.

Essas palavras piedosas e humildes de Rama, inspiradas pelo dharma, tocaram os corações das rainhas, fazendo-as derramarem lágrimas, e seus lamentos pareciam o som das aves krauncha.

O palácio do rei, anteriormente ressoando com a batida de tambores semelhante ao estrondo do trovão, estava naquele dia cheio com o pranto das rainhas cheias de tristeza.



## Capítulo 40 – Toda a Ayodhya se aflige ao ver a carruagem de Rama partir

Shri Rama, tomado pela dor, tocou os pés de seu soberano e curvando-se, com Lakshmana e Sita, circungirou o rei. Tendo se despedido de seu pai, Rama com Sita prestou reverência à entristecida rainha Kaushalya.

Em seguida, Shri Lakshmana curvou-se diante da rainha Kaushalya e abraçou os pés de sua mãe Sumitra. Sua mãe, chorando, desejando o bem de seu filho, abençoou Lakshmana e disse: "Ó meu filho, Shri Rama nasceu da rainha Kaushalya para a proteção do mundo, e eu te tive para que, devotado a Shri Rama, tu o acompanhasses à floresta. Ó meu filho, não negligencies o serviço a Shri Rama. Ó impecável, seja na fortuna ou na adversidade, o considera como a tua vida! É dever dos bons estar sujeitos aos mais velhos. A tradição da tua dinastia é a doação de caridade, a realização de sacrifício, a morte no campo de batalha e o respeito implícito pelos teus superiores".

Falando dessa maneira, Sumitra, vendo Rama pronto para partir para a floresta, repetidas vezes exortou Lakshmana desta maneira: "Ó meu filho, entra na floresta com Rama, ó filho, não tenhas ansiedade, não te aflijas por teu pai, mãe,

casa ou país, estima Rama como Dasaratha, Janaki como a mim mesma e a floresta como igual a Ayodhya”.

Sumantra então se dirigiu a Rama com humildade como Matali<sup>190</sup> se dirige a Indra: “Ó príncipe ilustre, tem a bondade de subir na carruagem. Eu te levarei para onde quer que tu desejes. Que o período do teu exílio ordenado por Kaikeyi comece hoje”.

190 Matali: o auriga de Indra.

Então a bela filha do rei Janaka, adornada com as joias dadas a ela pelo rei, subiu alegremente no veículo à espera, que brilhava como o sol. Shri Rama e Lakshmana também subiram rapidamente no carro enriquecido com ouro e armas.

Tendo em conta o período de exílio, o rei Dasaratha tinha dado mantos e joias à sua nora e ordenado que armas e armas carregadas com mantras, armaduras e escudos fossem colocados na carruagem. Vendo que todos tinham subido, Sumantra colocou a carruagem em movimento guiando os cavalos velozes como o vento. Rama tendo partido para a floresta de Dandaka, toda a cidade, jovens e velhos, homens e

mulheres, soldados, elefantes e cavalos, distraídos e cheios de indignação e angústia, se tornaram como seres dementes. A soltura de elefantes, e o relincho alto de cavalos encheram Ayodhya de tumulto e agitação. Jovens e velhos, perturbados, correram atrás da carruagem de Rama como homens dominados pelo sol mergulham na água. Alguns correndo ao lado do carro real, alguns atrás olhando para Rama, outros chorando e lamentando, gritavam para Sumantra: "Ó auriga, conduze lentamente, refreia os teus cavalos, para que possamos ver o rosto de Rama que logo será escondido de nós. Certamente o coração da mãe dele deve ser feito de aço que não se partiu ao ver o príncipe divino partir para a floresta. Grandiosa de fato é Shri Sita, que segue seu marido como uma sombra, como a luz do sol que nunca abandona a montanha Meru. Ó Lakshmana, tu és perfeito, constantemente servindo teu irmão amável e divino. Isso é perfeição, isso é prosperidade, servir ao teu irmão dessa maneira é o caminho para o céu".

Assim lamentando, seguindo a carruagem de Rama, as pessoas não podiam conter suas lágrimas. O monarca aflito e infeliz, o rei Dasaratha, tomado pela dor, saindo do palácio descalço, rodeado por suas rainhas, gritou: "Eu devo ver novamente o meu filho amado". Então ele ouviu o lamento das mulheres chorando como elefantas quando seus companheiros são amarrados em correntes, e como a lua cheia em eclipse, o rei Dasaratha foi desprovido de seu esplendor.

Shri Rama, livre de ansiedade, incitou o auriga, dizendo: "Mais rápido! Mais rápido!" e enquanto ele falava, mandando Sumantra conduzir mais rapidamente, o povo gritava: "Para, para", de modo que o condutor do carro não sabia como obedecer a ambos os comandos. A poeira erguida pelas rodas da carruagem de Rama foi assentada pelas lágrimas das pessoas. Quando Shri Rama deixou a cidade, as pessoas chorando e desnorteadas ficaram perturbadas, as lágrimas das mulheres caindo como gotas de água sobre folhas de lótus, quando os peixes pulam. As pessoas seguindo a carruagem de Rama, e percebendo a angústia do rei, choraram em simpatia. Um grande tumulto então se ergueu das senhoras do palácio e dos atendentes do rei todos chorando e gritando: "Ó Rama! Ó Kaushalya!" e ouvindo o pranto e o lamento das pessoas Shri Rama olhou para trás e viu o rei e sua mãe Kaushalya, descalços, seguindo seu carro, e ficou cheio de tristeza. Shri Rama, amarrado pela corda do dever, desviou os olhos de seus pais, como um potro não permitido seguir sua mãe. Vendo seus nobres pais, não familiarizados com o sofrimento, dignos de carruagens excelentes, correndo descalços em direção a ele, ele disse a Sumantra: "Dirige rapidamente!" incapaz de suportar a visão da aflição de seus pais, como um elefante é incapaz de suportar o aguilhão. Sua mãe Kaushalya tremendo e cambaleante, correu em direção a ele, como uma vaca ouvindo os gritos de seu bezerro que foi amarrado, gritando, "Ó Rama! Ó Sita! Ó Lakshmana!" O rei chamando, "Para! Para!" para o condutor do carro, com Rama gritando, "Vai em frente

rapidamente”, fizeram o coração de Sumantra ser partido, como alguém permanecendo entre dois exércitos rivais.

Nisso, Rama se dirigiu a ele, dizendo: “Ao retornares ao palácio, quando acusado pelo rei de desobedecer aos seus comandos, dize: ‘Em meio ao barulho das rodas rodando eu não pude ouvir’. Mais atraso demonstrará ser calamitoso”. Shri Sumantra, acatando as palavras do príncipe, sinalizando para as pessoas que seguiam retornarem, incitou os cavalos adiante. A carruagem, andando mais depressa que o rei, o levou a parar com sua família, e, circungirando Rama mentalmente, ele voltou ao palácio. Os cortesãos então disseram ao rei: “Ninguém segue um amigo a grande distância, a quem ele deseja ver retornar”. O rei Dasaratha ouvindo essa injunção, banhado em suor, totalmente infeliz, ficou olhando para a carruagem que se afastava.

#### Capítulo 41 – Todo o mundo se aflige pelo príncipe Rama

Aquele leão entre os homens, o príncipe Ramachandra, tendo partido em humildade, um grande grito de angústia se ergueu dentre as senhoras do aposento interno. Elas gritaram: “Onde está Ramachandra, o único amparo e refúgio dos órfãos, dos

fracos e dos sofridos? Onde está o príncipe Rama, que quando provocado não demonstrava raiva, que não causava agitação a nenhum coração, que apaziguava aqueles que eram coléricos, e considerava a aflição dos outros como a sua própria? Onde está aquele Rama agora, que nos tratava com o mesmo respeito que ele mostrava com sua mãe ilustre, a rainha Kaushalya? Onde ele está vagando agora, aquele Rama, protetor do mundo, que foi para a floresta, perseguido por Kaikeyi, e exilado por seu pai? Ó, quão insensível o rei se tornou, que ele enviou o virtuoso e sincero Rama, o objeto de amor universal, para o exílio". Dessa forma, todas as damas da corte lamentaram em voz alta como vacas que foram desprovidas de seus bezerros. O rei, oprimido pela dor por causa da separação de seu filho, sofria cada vez mais ao ouvir os gritos altos e comoventes das senhoras do palácio. Após a partida do príncipe, nenhum brahmachari realizou a cerimônia de fogo, nenhum chefe de família preparou alimentos, mas passou o dia em profunda angústia. Os elefantes rejeitaram seus arreios e as vacas se recusaram a alimentar seus bezerros, mães não demonstraram alegria ao verem seu primogênito. Trishanku, Marte, Júpiter, Saturno e Vênus e outros planetas inauspiciosos se reuniram em volta da lua, pulsando lá; as estrelas perderam o brilho e os planetas o seu esplendor. Vishaka,<sup>191</sup> ficando obscurecido, mal era distinguível no céu. As nuvens, impulsionadas por um vento forte, ultrapassando umas às outras, pareciam ondas se erguendo no oceano. Quando Shri Rama partiu, um terremoto fez a cidade tremer, os dez pontos

cardeais foram cobertos com escuridão, e nem os planetas nem as estrelas eram visíveis. Todos os habitantes da cidade foram dominados pela infelicidade, ninguém compartilhou de alimentos naquele dia ou encontrou prazer em algum passatempo. Todas as pessoas de Ayodhya, suspirando pesadamente, estavam cheias de tristeza e aflitas pelo rei. Aquelas que andavam nas ruas choravam e em nenhum lugar havia qualquer sinal de alegria. Nenhuma brisa fresca soprou, nem a lua brilhou, os raios do sol eram fracos e todo o mundo lamentou por Rama. Filhos não deram atenção aos seus pais, maridos ficaram indiferentes às suas esposas e irmãos não demonstraram carinho uns pelos outros; todos estavam submersos na dor. Os amigos de Rama, inconscientes de si mesmos e cheios de

191 Vishaka: um asterismo lunar, que aparece em outubro.

aflição, ficaram sem dormir. Sem Rama, Ayodhya parecia a terra, com todas as suas montanhas, sofrendo com a seca. Cada casa foi consumida pela aflição e os gritos de elefantes, cavalos e guerreiros encheram a cidade.

## Capítulo 42 – Sem Rama o coração do rei não encontra sossego

Enquanto a poeira erguida pelas rodas do carro de Rama podia ser vista o rei não afastou seu olhar do caminho. Enquanto o rei Dasaratha podia ver seu filho amado e virtuosíssimo, Shri Ramachandra, ele ficou olhando atrás dele, e quando a poeira não era mais visível, o monarca infeliz, cheio de dor caiu por terra. Então a rainha Kaushalya segurando o seu braço direito e a rainha Kaikeyi o esquerdo, o atenderam. O rei virtuoso e correto vendo a rainha Kaikeyi perto dele, disse: "Ó rainha perversa, não me toques, eu não desejo ver o teu rosto. Tu nem és minha consorte, nem eu desejo relacionamento contigo; os teus servos não são mais os meus servos, nem eu sou seu mestre. Tu, que abandonaste a obediência ao teu senhor, eu agora repudio. A tua mão, aceita por mim quando circungirando o fogo sagrado, eu abandono, e renuncio às promessas mundanas e espirituais dadas a ti na cerimônia. Se Bharata, recebendo este reino, ficar satisfeito, então que ele não realize as minhas exéquias".

A rainha Kaushalya, ferida pela dor, ergueu o rei, sujo de poeira, e o levou para a carruagem dele. O rei extremamente aflito, lembrando-se de seu filho em trajes de asceta, parecia alguém que assassinou um brâmane ou que toca um fogo ardente com sua mão nua. Voltando-se repetidamente para o caminho que a carruagem tinha tomado, o semblante do rei se assemelhava ao sol em eclipse. Imaginando que seu filho Rama



tinha ultrapassado o limite da cidade, e pensando nele, ele novamente cedeu à aflição, gritando: "Eu vejo as marcas dos cascos dos cavalos que foram atrelados ao carro do meu filho, mas eu não o vejo. Ai de mim! O meu filho, que perfumado com pasta de sândalo, dormia em travesseiros macios, abanado por mulheres belas, hoje dorme debaixo de uma árvore com madeira ou pedra como o seu travesseiro. De manhã, ele vai acordar no chão duro, com sua mente oprimida, seu corpo sujo de poeira, suspirando profundamente como um touro levantando-se ao lado de uma fonte. Os habitantes da floresta verão Rama levantando-se como um órfão e vagando como alguém desamparado. Aquela filha do rei Janaka, digna de toda a felicidade, com seus pés perfurados por espinhos, ouvindo o rugido de animais como tigres, ficará aterrorizada; ó Kaikeyi, a tua ambição está realizada, agora governa o reino como uma viúva, pois eu não posso suportar a vida sem o principal dos homens".

Assim lamentando, o rei voltou para a capital, como um homem que cremou alguém extremamente querido para ele. Ele viu pátios e casas desertas, os mercados abandonados e os templos fechados, enquanto na estrada real apenas os fracos e os aflitos eram vistos. Vendo a cidade desolada e se lembrando de Shri Rama, chorando amargamente, o rei entrou no palácio como o sol entra em uma nuvem. Como a presença de uma águia priva um lago de suas serpentes, tornando-o imóvel,

assim a capital parecia quando Shri Rama, Lakshmana e Sita tinham ido para o exílio.

Então o rei angustiado, com a garganta embargada pela tristeza; falou em voz fraca e trêmula: "Levem-me rapidamente para o palácio da rainha Kaushalya, mãe de Rama, em nenhum outro lugar eu posso obter paz".

Os atendentes levaram o rei para os apartamentos da rainha Kaushalya e o colocaram em um sofá, mas o coração do rei não podia encontrar sossego; o palácio sem Rama, Lakshmana e Sita lhe parecia como o céu sem a lua. Não encontrando alegria lá, o rei, levantando as mãos, gritou: "Ó meu filho, ó Rama, tu estás me deixando? Como são abençoados aqueles que, vendo Rama retornar, vão abraçá-lo".

Percebendo a noite escura, semelhante à hora da morte, o rei à meia-noite se dirigiu desse modo a Kaushalya: "Ó Kaushalya, eu não te vejo, a minha vista seguiu Rama, ela nem voltou ainda, portanto, estende a tua mão e me toca, ó rainha".

Vendo seu consorte real imerso na memória de Rama, a rainha, suspirando, sentou-se ao lado do rei e começou a lamentar em simpatia com ele.

Capítulo 43 – O lamento da rainha Kaushalya

A rainha Kaushalya, profundamente aflita pela separação de seu filho, vendo o rei jazendo no sofá imerso em tristeza, disse: "Ó rei, aquela má Kaikeyi, tendo soltado seu veneno sobre Shri Rama, vai vaguear à vontade, como uma cobra que perdeu sua pele. Aquela mulher pecadora, tendo realizado seu plano e enviado Rama para a floresta sempre vai me inspirar terror, como uma serpente venenosa na casa. Se a sua exigência tivesse sido que Rama vivesse na cidade de esmolas ou se ela o tivesse condenado a ser seu escravo, seria melhor do que o exílio. Ela baniu Rama, como a oblação oferecida para os asuras é jogada fora por aqueles que cuidam do fogo sacrificial. Rama de braços longos, o manejador do grande arco, andando como o rei dos elefantes, deve agora ter chegado à floresta com Sita e Lakshmana. Ó rei, considera como o teu filho Rama, que nunca antes experimentou sofrimento, está banido por ti, incitado por Kaikeyi! O que acontecerá com eles agora? Sem riqueza, exilado em sua juventude quando a felicidade de um rei deveria ter sido a sua parte, como ele poderá viver de raízes e frutos silvestres na floresta? Será que chegará o momento em que eu verei Rama, Lakshmana e Sita voltarem, pondo um fim à minha tristeza? Quando amanhecerá aquele dia feliz, quando a capital ilustre cheia de multidões exultantes, decorada com bandeiras, estandartes e guirlandas, receberá Rama? Ó, aquela hora auspiciosa alguma vez soará, quando os cidadãos ouvindo sobre o seu retorno ficarão cheios de alegria, como o

mar na época da lua cheia? Quando Shri Rama, com Sita, entrará na cidade, como o touro que, ao entardecer, precedendo o rebanho de vacas, retorna para a cidade? Quando é que o povo da capital, esperando para espalhar o arroz sobre ele, se reunirá aos milhares nas estradas para receber Rama, o subjugador de seus inimigos? Ó, quando eu verei meus filhos, resplandecentes como dois picos de montanhas, voltarem para Ayodhya, enfeitados com brincos, portando a espada e a cimitarra? Quando é que os dois príncipes, circungirando a cidade com Janaki, receberão presentes de flores e frutas das mãos de virgens e brâmanes? Quando é que o virtuoso e sagaz Rama correrá em minha direção, pulando como uma criança? Certamente o meu amor se derrama para ele, como os seios das mães quando amamentando seus bebês. Ó grande rei, por causa disso, Kaikeyi aumentou meu amor pelo meu filho; sem ele, eu sou como uma vaca cujo bezerro foi levado à força por um leão. Meu único filho Rama é versado em todos os clássicos e dotado de todas as qualidades excelentes; sem tal filho, eu não posso viver. Ó grande rei, eu não posso sustentar a vida na ausência de meu filho corajoso e amado; o fogo da

dor causada pela separação de meu filho está me consumindo, como os raios do sol no verão consomem a superfície da terra”.

## Capítulo 44 – Ela encontra paz no consolo da rainha Sumitra

A virtuosa rainha Sumitra, ouvindo o lamento da rainha Kaushalya se dirigiu a ela em palavras razoáveis: "Ó rainha, por que tu choras de forma abjeta pelo teu filho, o principal dos homens, dotado de todas as virtudes? Ó nobre senhora, Shri Rama renunciou ao trono e entrou na floresta para tornar seu pai ilustre como o devoto da verdade. Shri Rama, honrando seu pai, se comportou como o melhor dos homens e protegeu a futura glória de seu pai. Não há motivo para tristeza, já que Rama está trilhando o caminho do dharma, e não há motivo para se afligir por Lakshmana, sempre compassivo para com todos, impecável, servindo Rama e em todos os sentidos digno do mais alto bem. Janaki de membros delicados, também, está seguindo o teu filho virtuoso. Ó rainha, o exílio de Rama não é motivo para tristeza, pois ele é o protetor de todos os seres e o seguidor da virtude. Ó rainha, a bandeira do seu bom nome tremula sobre os três mundos. Considera a pureza de Rama; nem o sol se atreve a lhe causar sofrimento por seus raios. Na sua presença, os ventos quentes da floresta no verão se tornarão frescos e como a brisa da primavera lhe trarão frescos! Quando dormindo na floresta à noite, a lua, como um pai, vai socorrê-lo com seus raios frios. Aquele Ramachandra, a quem o brahmarishi Vishwamitra deu armas celestes após a morte do seu filho Shambara, aquele filho valoroso, aquele leão

entre os homens, dependendo da força de seus braços viverá na floresta tão destemidamente como em seu próprio palácio. Aquele herói cujas flechas destroem seus inimigos certamente será socorrido pela terra. Aquele Rama, dotado de grande destreza, poder e coragem, logo voltará ao término do seu exílio, para reivindicar o reino. Ó senhora, Shri Rama, que ilumina o sol que dá luz ao mundo inteiro, que dá esplendor ao fogo, que é o governante supremo dos governantes, que é a fama da fama e a essência do perdão, que é o principal dos seres; onde quer que ele more, na floresta ou na cidade, tudo é o mesmo para ele. Shri Rama, esse grande herói, vai recuperar rapidamente o seu reino, junto com Sita, a terra e toda prosperidade. Shri Rama por quem, quando partindo para a floresta, o povo de Ayodhya cheio de dor derramou lágrimas, em breve recuperará o reino. Nada é difícil de obter no mundo para ele, que, embora invencível, entrou na floresta, vestido como um asceta, seguido por Sita, que é Lakshmi<sup>192</sup> em outra forma.

"O que seria difícil para ele, que, armado com arco e espada, é precedido em seu caminho por Lakshmana? Ó senhora, abandona a tristeza e a obsessão, seguramente tu verás Shri Rama voltando do seu exílio. Ó tu que és irrepreensível, ó Kalyani, ó auspiciosa, tu verás o teu filho como a lua crescente, colocando sua cabeça aos teus pés. Tu derramarás lágrimas de alegria, vendo teu filho instalado no trono e em posse do tesouro do rei. Ó senhora, nem te aflijas nem que a tua mente

fique perturbada, eu vejo que nada é inauspicioso a respeito de Rama. Logo tu verás o teu filho com Sita e Lakshmana. Ó rainha impecável, cabe a ti encorajar outros, portanto, por que tu agora causas angústia ao teu coração? Ó devi, não te aflijas, não há ninguém no mundo mais virtuoso que Rama. Vendo Rama voltando da

192 Lakshmi: a consorte de Shri Vishnu.

floresta com seus amigos, fazendo reverência a ti, então tu derramarás lágrimas de alegria, como as nuvens na estação chuvosa. Em poucas palavras, eu te digo, o teu filho Shri Rama, voltando para a capital, apertará os teus pés junto dele com suas mãos macias. Vendo teu filho curvando-te aos teus pés tu o cobrirás com lágrimas como as nuvens cobrem as montanhas com chuva”.

Assim a bela Sumitra, sempre persuasiva e benevolente para com todos, ofereceu palavras de consolo à rainha Kaushalya e, tendo falado, ficou em silêncio. A rainha principal, a mãe de Shri Rama, ouvindo as palavras da rainha Sumitra, encontrou a paz e esqueceu sua tristeza que parecia a chuva das nuvens outonais que desaparece rapidamente.

## Capítulo 45 – O lamento dos brâmanes que seguem Shri Rama

O povo da capital, profundamente devotado a Shri Rama, o mantenedor da verdade, o seguiu em seu caminho para a floresta. Embora o rei Dasaratha, a conselho de seus ministros, tivesse voltado atrás, os cidadãos de Ayodhya continuaram a correr ao lado do carro de Rama. Os habitantes da cidade eram devotados a Rama cujas virtudes o tornavam resplandecente como a lua cheia, e chorando copiosamente, imploraram para o príncipe santo voltar, mas Rama, determinado a provar que seu pai era fiel à sua palavra, seguiu adiante em direção à floresta. Eles, olhando para Rama como um homem sedento olha para a água, foram abordados por ele com terna afeição como um pai se dirige aos seus filhos.

Ele disse: "Ó povo de Ayodhya, por minha causa concedam o amor e a honra mostrada a mim, em maior medida até, a Bharata! O príncipe Bharata, que tem uma disposição excelente, seguramente se comportará benevolmente para com vocês e virá a ser estimado por vocês. Apesar de jovem, ele é sábio, gentil e dotado de grande coragem. De coração bondoso e caridoso, vocês não terão nenhum motivo de temor após sua acessão ao trono. O rei Dasaratha o nomeou herdeiro presuntivo em consideração à sua grande virtude, nós devemos, portanto, obedecer ao rei. Quando eu estiver ausente



na floresta, vocês devem agir para com ele de modo a não causar-lhe desconforto. Que vocês, desejosos de me agradar, obedeçam ao rei”.

Rama, repetidamente instruindo as pessoas a obedecer ao rei, só aumentou o desejo delas de vê-lo como seu soberano. Parecia que Rama com Lakshmana puxavam os habitantes aflitos e lamentosos da cidade atrás deles como se amarrados por uma corda.

Entre os superiores em idade, sabedoria e austeridade, os principais, com suas cabeças tremendo pela idade avançada, chamando de longe, diziam: "Ó cavalos velozes e excelentes, voltem, voltem, não avancem mais e favoreçam Rama. Todos os seres são dotados de percepção, mas vocês se sobressaem no sentido da audição, portanto, ouçam a nossa súplica e retornem. Nós sabemos que o coração do nosso mestre é simples e gentil, nós sabemos que ele é um herói firme em seus votos, portanto, voltem a Ayodhya, não levem Rama para longe da cidade para a floresta”.

Ouvindo o lamento dos brâmanes idosos e vendo a sua aflição, Shri Rama, fazendo o carro parar, desceu. Com Lakshmana e Sita, ele caminhou em direção à floresta, seguido pela multidão, prosseguindo lentamente a pé. O sempre virtuoso e compassivo Rama foi incapaz de suportar a visão dos brâmanes idosos andando a

pé, muito atrás da carruagem. Os brâmanes vendo que Rama não voltava, apesar de suas súplicas, mas que ainda seguia em direção à floresta, ficaram aflitos e dominados pelo pesar, e gritaram: "Ó Rama, tu és um amigo dos brâmanes e toda a casta está te seguindo com o fogo sagrado levado sobre os seus ombros. Vê, nós estamos levando os dosséis sagrados, como as nuvens outonais, obtidos por nós por celebrar a cerimônia Vaja-peya.<sup>193</sup> Por te cobrir com sua sombra, nós vamos te proteger dos raios do sol. Ó filho, anteriormente a tua mente estava fixa no estudo do Veda, mas agora tu estás determinado a entrar na floresta. A nossa única riqueza, o Veda, nós armazenamos em nossa memória e as nossas consortes estão em casa, protegidas por sua devoção conjugal. Não há motivo para mais reflexão, nós estamos decididos a ir contigo! Se tu não andares no caminho do dharma, quem o seguirá?<sup>194</sup>

"Ó Rama, o que mais pode ser dito? Nós, cujas cabeças são brancas como as penas do cisne, oferecemos humildes saudações a ti. Entre nós, alguns iniciaram seus sacrifícios, ó Rama, sua conclusão depende de ti. Não só nós, mas animais, aves e árvores te suplicam para voltar; tem piedade de todos esses. As árvores, desejando seguir-te, impedidas por suas raízes que penetram profundamente na terra, te imploram para não partir, os seus ramos pendendo baixos no vento. Vê as aves, se esquecendo de buscar seu alimento, pousam imóveis

sobre as árvores, suplicando a ti que és compassivo para com todos”.

Assim lamentando, os brâmanes viram o rio Tamasa como se obstruindo o caminho de Rama, impedindo seu progresso ulterior.

Então Sumantra, soltando os cavalos cansados, os deixou rolar no chão para aliviar sua fadiga e lhes deu de beber levando-os para tomar banho no rio, e lhes permitindo pastar nas margens do Tamasa.

Capítulo 46 – Shri Rama, com Sita e Lakshmana e o auriga seguem adiante sozinhos para a floresta

Shri Rama, chegando às belas margens do rio Tamasa, fitando Sita, se dirigiu ao seu irmão Lakshmana: "Ó filho da rainha Sumitra, essa é a primeira noite do nosso exílio, não há motivo para ansiedade. A floresta parece deserta e melancólica, as aves e os animais tendo se retirado para descansar. Sem dúvida, a capital de Ayodhya com seus habitantes e meu pai real estão profundamente aflitos por causa da nossa partida. O rei, vendo em nós muitas virtudes, olha para nós com profundo afeto. Ó Lakshmana, eu temo que meu pai e minha mãe ilustre fiquem cegos com pranto incessante. Contudo, o príncipe

Bharata, de conduta correta, seguramente oferecerá consolo aos meus pais em palavras obedientes e piedosas. Ó príncipe de braços fortes, refletindo sobre a compaixão do príncipe Bharata, eu não temo pelos meus pais. Ó herói, tu fizeste bem em me acompanhar para a floresta, se não fosse assim, seria grande a minha preocupação com Sita. Ó Lakshmana, há abundância de raízes, frutas e bagas aqui, mas essa noite eu desejo só compartilhar de água”.

Tendo se dirigido dessa maneira ao príncipe Lakshmana, Shri Rama disse a Sumantra: “Ó amigo gentil, cuida dos cavalos com grande atenção”. O sol tendo se posto abaixo do horizonte, Sumantra, prendendo os cavalos a uma árvore, colocou

193 Vaja-peya: um sacrifício no qual uma bebida desse nome é preparada para os deuses.

194 Isto é, mostra obediência irrestrita aos brâmanes.

grama tenra diante deles, atento ao seu bem-estar. A hora da Sandhya<sup>195</sup> tendo chegado, o auriga observou suas devoções de acordo com as regras de sua casta, então, com a ajuda de Lakshmana, preparou uma cama para Rama. Vendo a cama feita de folhas macias, nas margens do Tamasa, Shri Rama com Sita e Lakshmana descansou lá.

Notando Shri Rama e Sita dormindo, Lakshmana, deixando seu lugar, relatou as excelentes virtudes de Rama ao auriga.

Lakshmana passou assim a noite inteira até o que o sol nasceu, conversando com Sumantra sobre os atributos de Rama.

Desse modo, nas margens do Tamasa, entre rebanhos de gado, Shri Rama e aqueles que o tinham seguido passaram a noite.

Ao amanhecer, Shri Rama se levantou e vendo as pessoas ainda dormindo, disse ao seu virtuoso irmão Lakshmana:

"Ó Lakshmana, vê como essas pessoas, abandonando suas casas e propriedades para nos seguir, estão dormindo debaixo das árvores. Parece que elas, prometendo nos trazer de volta, abandonarão suas vidas em vez de serem falsas em sua determinação. Vamos, portanto, ó irmão, deixar este lugar antes que elas acordem. Quando nós tivermos cruzado o Tamasa, não haverá mais motivo para ansiedade. Pela nossa partida silenciosa, as pessoas da capital do rei Ikshvaku não irão, como nós, ser obrigadas a dormir sob as árvores. É o dever de um príncipe protegê-las do sofrimento e não fazer delas as companheiras de seu infortúnio".

Shri Lakshmana respondeu a Ramachandra, dizendo: "Ó sábio, eu aceito a tua decisão, vamos subir no carro imediatamente".

Rama então disse a Sumantra: "Prepara a carruagem rapidamente, eu prosseguirei para a floresta, vamos, portanto partir daqui sem demora".

O auriga, atrelando rapidamente os cavalos à carruagem, humildemente dirigiu-se a Rama, dizendo: "Ó grande príncipe, a carruagem já está pronta, por favor, sobe com Lakshmana e Sita; que a prosperidade te acompanhe".

Shri Rama com seu arco, aljava e outras armas, subiu na carruagem e passou sobre o rio que fluía rapidamente. Cruzando o Tamasa, a uma curta distância da margem, eles atravessaram um caminho acidentado coberto com arbustos espinhosos, e então chegaram a uma estrada larga, onde eles poderiam viajar com facilidade e que era segura contra qualquer perigo. Para iludir os cidadãos, Shri Rama disse a Sumantra: "Ó auriga, dirige primeiro para o sul. Tendo assim dirigido por uma distância, volta novamente, de modo que nenhum rastro de nós possa ser encontrado".

Shri Sumantra, seguindo as instruções de Rama, seguiu adiante, então retornando, ficou diante de Rama. O filho de Dasaratha, o aumentador da glória da casa de Raghu, falou da carruagem, dizendo: "Agora, segue em direção a Tapovana".

Sumantra, virando a carruagem para o norte, prosseguiu na direção da floresta.

195 Sandhya: práticas religiosas realizadas ao amanhecer e anoitecer.

Capítulo 47 – Aqueles que tinham seguido o príncipe Rama se encontram sozinhos

Quando a noite acabou e o dia amanheceu, os cidadãos acordaram, e não vendo Rama, foram tomados pela aflição, não sabendo como agir. Procurando aqui e ali, com os olhos banhados em lágrimas, eles foram incapazes de descobrir por qual caminho Shri Rama tinha partido. Infelizes e pálidos com angústia, com corações trêmulos e totalmente desanimados, eles irromperam em exclamações tristes, dizendo:

“Maldito seja o sono que velou as nossas percepções, agora nós não veremos Rama de peito largo e olhos grandes. Quão infrutífera é a nossa devoção, já que Rama foi para a floresta deixando a nós, seus amigos fiéis, aqui. Por que Rama, que

sempre nos tratou como seus filhos, nos deixou para entrar na floresta? Ou nós encontraremos a morte aqui ou iremos para os Himalaias e pereceremos na neve. De que vale a vida sem Rama? Aqui há madeira seca, vamos coletá-la, e, acendendo uma fogueira, perecer nas chamas. O que nós diremos ao voltarmos? Nós diremos aos outros que abandonamos o poderosamente armado Rama, que é livre de inveja e um devoto da verdade? Ai! Nós não podemos fazer isso. A cidade infeliz com as mulheres, os idosos e as crianças, vendo-nos voltar sem Rama, será mergulhada em tristeza. Tendo abandonado as nossas casas para seguir aquele príncipe autocontrolado, como nós podemos nos atrever a encarar as pessoas sem ele?"

Assim lamentando, com os braços erguidos, cheios de angústia, eles pareciam vacas desprovidas de seus filhotes. Seguindo a trilha das rodas da carruagem, eles seguiram em frente, até que, perdendo o seu rastro, eles ficaram prostrados com pesar. Não encontrando outro caminho para seguir, eles voltaram gritando: "Ai! o que devemos fazer? O destino está contra nós!" Então, pelo caminho pelo qual eles tinham vindo, eles refizeram seus passos para Ayodhya.

Shri Rama não retornando, as pessoas ficaram inquietas, e vendo a capital melancólica, desanimada e atingida pela tristeza, elas choraram, murmurando umas para as outras: "A cidade, sem Rama, não tem beleza, ela se assemelha a um rio que secou, despojado de suas cobras por uma águia". Como o



céu sem lua ou o mar sem água, assim a cidade parecia para as pessoas, fazendo seus corações esmorecerem dentro delas.

Entrando tristemente em suas residências magníficas, aflitas e atormentadas, elas eram incapazes de distinguir um dos seus próprios parentes de um estranho.

#### Capítulo 48 – Ayodhya sem Shri Ramachandra fica desprovida de beleza

Assim aflitos, os cidadãos da capital, seus olhos derramando lágrimas, desejavam abandonar suas vidas. Tendo seguido Rama para a floresta, eles ficaram melancólicos e pareciam estar quase sem vida. Em suas casas, com suas esposas e filhos, eles lamentaram amargamente. Ninguém se regozijou, ninguém ficou alegre, ninguém enfeitou seus filhos para um bom efeito, nem as mulheres se adornaram; nenhum fogo queimou na lareira de nenhuma casa, ninguém ficou feliz por recuperar a riqueza que tinha perdido e ninguém se alegrou com um aumento

repentino de riquezas. As mães não encontraram deleite com o retorno de seu primogênito depois de uma longa ausência. Todas as casas estavam cheias de lamentação; os maridos

voltando sem Rama foram repreendidos por suas esposas com palavras amargas, como um elefante é aguilhoado por seu condutor. Em todos os lugares era ouvido: "Sem ver Ramachandra, de que nos servem as nossas casas, mulheres, riqueza, filhos ou prazer? Existe apenas um que é verdadeiramente virtuoso e é Lakshmana, que seguiu Rama e Sita para a floresta! Quão afortunados são os lagos e rios cheios de flores de lótus, cujas águas Rama purifica, entrando para se banhar! Belas florestas, rios com margens verdejantes, lagos e montanhas serão adornados pela presença de Shri Ramachandra. Aquelas montanhas visitadas por Rama, reconhecendo seu amado convidado, vão honrá-lo com a devida hospitalidade.

"As árvores também, seus ramos carregados de flores e botões, nos quais as abelhas estão zumbindo e murmurando, oferecerão sua beleza a Rama. As colinas lançarão flores fora de época e darão frutos e flores em sua honra. As cascatas cristalinas de beleza variada jorrarão das montanhas para dar deleite a ele. As árvores, crescendo nas encostas das montanhas, vão encantá-lo. Onde Rama está, o medo e o perigo são banidos. Os filhos heroicos do rei Dasaratha, mesmo agora, estão apenas a uma pequena distância de nós; venham, vamos segui-los. Não há felicidade exceto no serviço aos pés sagrados daquele iluminado. Realmente ele é o único Senhor do mundo, o Absoluto, o estado mais elevado e nosso único amparo".

As mulheres da cidade, tomadas pela dor, abordando seus maridos disseram: "Vamos seguir Rama, nós serviremos Shri Sita, vocês escoltarão Shri Rama. Lembrem-se, Rama os protegerá e manterá na floresta. Enquanto Shri Sita concederá sustento a nós. De que serve a vida quando o coração está inquieto e a mente desprovida de propósito? Se Kaikeyi governar o reino colocando de lado a lei moral, que alegria nós podemos ter em filhos e posses?; até mesmo as nossas vidas se tornarão sem valor. Kaikeyi será solícita em nosso interesse, ela, que abandonou o rei Dasaratha e seu filho Shri Ramachandra por causa do poder? Nós juramos por nossos filhos que, enquanto vivermos, nunca seremos escravas de Kaikeyi. Quem pode viver feliz sob o governo daquela mulher sem-vergonha e má que exilou impiedosamente o filho do rei? Sem um governante o reino sem defesas será vítima de todo infortúnio e perecerá por causa das maldades de Kaikeyi. O rei não vai sobreviver por muito tempo ao exílio de Rama e sem ele o reino será destruído. O nosso bom karma estando esgotado nós somos miseráveis; vamos recorrer ao veneno, ou seguir Rama, ou procurar algum outro lugar e viver lá desconhecidos. Por exilar Rama, Sita e Lakshmana, através de falsos meios nós ficamos sujeitos ao governo de Bharata como animais são levados para o abate. Shri Rama, uma fonte de alegria parecendo a lua cheia, o destruidor de seus inimigos, de braços poderosos, irmão mais velho de Lakshmana, cujos olhos são como lótus, que fala em tons gentis, que é corajoso, sincero

e amado pelo povo, seguramente adornará a floresta onde quer que ele ande”.

As mulheres da cidade, aflitas por sua separação de Rama, choraram e lamentaram como fazem os amigos de um homem moribundo. Lamentando dessa maneira, o sol se pôs e a noite caiu, nenhum fogo sacrificial era visível, nem os brâmanes, dedicados ao estudo dos Vedas, entoaram os textos sagrados, ou recitaram os Puranas, e em nenhuma residência alguma lâmpada foi acesa. A cidade de Ayodhya, afetada e desamparada, as bancas de mercadorias abandonadas, estava desprovida de beleza como o céu privado de estrelas. As mulheres de Ayodhya, cheias de tristeza como se os seus próprios filhos ou irmãos

tivessem sido banidos, choraram amargamente, Shri Ramachandra sendo mais querido para elas do que os seus próprios filhos. Na cidade, nenhuma música ou canção foi ouvida, não houve dança ou qualquer sinal de regozijo. Os comerciantes deixaram de expor sua mercadoria e permaneceram afundados em desânimo. Assim Ayodhya, sem alegria ou atividade, parecia tão desolada quanto um oceano sem água.

Capítulo 49 – A carruagem atravessa a fronteira de Koshala

Shri Rama, se lembrando da ordem de seu pai, tinha viajado muito durante a noite. O dia amanheceu enquanto ele ainda estava viajando; oferecendo sua prece da manhã, ele continuou em seu caminho, logo chegando ao limite sul de Koshala.

Apreciando os campos cultivados, as florestas e árvores carregadas de flores, ele seguiu adiante, puxado por cavalos velozes. Enquanto ele passava, ele ouvia as pessoas das vilas e aldeias conversando deste modo: "Ai do rei Dasaratha escravizado pela concupiscência! Ah! como é duro o coração da perversa Kaikeyi, como é cruel a sua disposição; violando a antiga tradição, ela fez essa ação má, ela que banuiu o Príncipe da Luz, que é erudito, compassivo e autocontrolado. Como a filha do rei Janaka, criada no conforto, suportará as privações da floresta? Ai! O rei não tem amor por seu filho ou ele não teria abandonado alguém tão perfeito, que é dedicado ao bem-estar de todos".

Ouvindo as palavras dos aldeões, Shri Rama avançou rapidamente e cruzou a fronteira de Koshala. Em seguida, vadeando o rio Vedasruti, uma corrente pura, ele prosseguiu para o sul. Após percorrer uma grande distância, ele chegou às águas frias do Gomati que flui para o oceano, com muitas vacas pastando em suas margens. Os corcéis velozes, controlados por Rama, cruzaram esse rio e, em seguida, o Syandika, em cujas margens pavões e patos eram ouvidos. Rama aqui mostrou a Sita a terra antigamente dada por Manu

para Ikshvaku, uma região vasta e aberta de muitos principados. Então Shri Rama, cuja voz parecia um cisne encantado, se dirigiu a Sumantra, dizendo: "Ó auriga, quando chegará o dia em que eu, retornando da floresta, em companhia de meus pais, me divertirei nos bosques florescentes de Sarayu? Caçar na floresta é uma prerrogativa dos sábios nobres. Essa é a atividade favorita dos reis e outros também se dispõem a isso. Eu não a considero nociva e desejo me dedicar a ela quando o período de minhas austeridades terminar".

Assim, firme em seu propósito, Shri Ramachandra continuou a conversar agradavelmente com Sumantra.

Capítulo 50 – Eles chegam ao rio Gunga e encontram o chefe dos barqueiros, Guha

Tendo cruzado a fronteira de Koshala, Rama, voltando seu rosto para Ayodhya, com palmas unidas, dirigiu-se à cidade: "Ó Ayodhya, principal das cidades, protegida pelos reis da Casa de Ikshvaku, eu me despeço de ti e dos deuses teus protetores que moram contigo. Tendo cumprido a ordem do rei, eu irei, voltando da floresta, ver novamente a ti e os meus pais".

Então, erguendo os braços, Shri Rama, as lágrimas caindo de seus olhos, dirigiu-se aos cidadãos do reino de seu pai: "Ó vocês que me trataram com o respeito e o carinho devidos a um mestre, não é adequado que vocês permaneçam comigo, agora voltem para as suas casas e cumpram os deveres de suas famílias".

Curvando-se a Shri Rama, as pessoas o circungiraram com reverência e retornaram para casa, frequentemente parando, chorando e lamentando. Shri Rama, vendo-as chorando e ainda não satisfeitas em contemplá-lo, disse para o auriga conduzir rapidamente e passou para além de sua visão como o sol sai de nossa vista no período da noite.

Prosseguindo em seu caminho, Shri Rama viu cidades prósperas e vilas cheias de homens de disposição caridosa, virtuosa e destemida evidenciada pela abundância de templos e pilares sacrificais em suas cidades. Os jardins cheios de árvores de manga eram enriquecidos por tanques de água translúcida com estradas zeladas cuidadosamente e manadas de gado pastando aqui e ali. Em todos os lugares a recitação do Veda podia ser ouvida. Da sua carruagem, Shri Rama examinou o reino de Koshala e passou para além de seus limites. O sagaz Rama, prosseguindo através da terra extensa habitada por pessoas felizes e prósperas, enriquecida por jardins agradáveis, chegou à fronteira sul de Koshala e viu o santo Gunga, adornado pela presença dos sábios, com suas águas frias que correm em três direções. Perto da margem do

rio sagrado, ele viu os belos eremitérios, frequentados por homens santos e piscinas de águas límpidas visitadas por ninfas celestes em diversão. O santo Ganges, honrado por divindades, titãs, músicos celestes e náiades, aquele rio sagrado, mostrando inúmeras vistas encantadoras, embelezado pelos jardins dos deuses, e que no céu é chamado de "Rio dos Lótus Dourados", aquele rio sagrado, o som de cujas ondas colidindo se assemelha à risada profunda, que, se movendo rapidamente, coberto com espuma branca como a neve, flui alegremente para frente e, caindo das alturas sobre as rochas abaixo, parece as madeixas trançadas de uma donzela; às vezes embelezado por redemoinhos, aqui escuro e profundo, lá com o rugido das águas, proclamando a presença da própria Shri Gunga; aquelas águas sagradas nas quais os seres celestes mergulham e nadam, onde lótus brancos flutuam, rodeadas por margens altas ou areias inclinadas; lá onde cisnes, grouns, e aves chakur são ouvidas, onde árvores adornam as margens e nenúfares flutuam ou campos de flores de lótus cujos botões revelam sua beleza delicada à maré. Às vezes as águas, avermelhadas por pétalas de lótus, fazem o rio parecer com uma linda mulher vestida em um sari carmesim; aquelas águas espumantes, verdes como esmeralda, onde elefantes poderosos se divertem e também os grandes elefantes guardiões dos quatro quadrantes da terra, ou aqueles que carregam os deuses, onde o som de Hara! Hara! ressoa sempre. Shri Gunga, bela como uma mulher primorosamente enfeitada com gemas brilhantes; Shri Gunga, enriquecida com



frutas, flores e aves de todas as cores, cheia de toninhas, crocodilos e serpentes; aquele rio sagrado, caindo dos pés do bem-aventurado Vishnu, divino e impecável, o destruidor do pecado dos outros, tendo se divertido nas madeixas de Shri Shiva, depois descendo à terra, através do poder da penitência de Bhagiratha.

Shri Rama, prosseguindo para a cidade de Shringavera, vendo a rainha do oceano, a santa Gunga, onde as canções da ave krauncha são ouvidas, observando onda após onda surgindo no rio sagrado, aquele guerreiro poderoso, Rama, disse a Sumantra: "Ó auriga, vamos nos abrigar aqui. Lá, sob a árvore ingudi,<sup>196</sup> carregada

196 Árvore ingudi: figueira sagrada indiana.

de folhas verdes e flores, vamos descansar. Ó benevolente, vamos ficar ao lado do rio poderoso, cujas águas auspiciosas são adoradas pelos deuses, os danavas, serpentes, animais e aves, e vamos oferecer homenagem lá".

Sumantra e Lakshmana respondendo "Que assim seja", pararam a carruagem debaixo da árvore ingudi.

Chegando lá, Shri Rama e Lakshmana desceram da carruagem e Sumantra, desatrelando os cavalos, respeitosamente sentou-se de frente para Rama, ao pé da árvore.

O rei daquele país era um, Guha, querido para Rama como a sua própria vida, por casta um barqueiro, mas possuidor de um exército e designado "rei dos barqueiros". Sabendo que aquele leão entre os homens, Shri Rama, tinha chegado ao seu território, ele junto com seu ministro idoso e parentes saiu ao encontro do príncipe. Shri Rama, vendo o chefe dos barqueiros, de longe, foi com Lakshmana encontrá-lo e recebê-lo.

Percebendo que Shri Rama estava em traje de asceta, Guha, aflito, curvando-se diante dele, disse: "Ó príncipe, que este pequeno reino seja como Ayodhya para ti, por favor, emite os teus comandos, eu estou a teu serviço. Ó poderosamente armado, é raro receber um convidado tão profundamente amado!"

Guha então trouxe pratos excelentes de comidas deliciosas, junto com o arghya e disse: "Nós somos teus servos e tu és nosso senhor, aceita esse reino e o governa como teu. Aqui estão pratos de vários tipos, sobremesas, líquidos, especiarias, camas excelentes nas quais descansar e forragem para os cavalos, tudo à tua disposição".

Shri Rama respondeu: "Ó Guha, tu vieste a pé para receber-me por afeto, por isso eu estou devidamente honrado, eu estou satisfeito contigo". Então o tomando em seus braços fortes e abraçando-o, Shri Rama se dirigiu a ele em tom alegre, dizendo:

"Ó Guha, pela minha boa sorte eu vejo a ti e teus amigos com boa saúde. Está tudo bem entre o teu povo, e com os teus bens? Ó amigo, tendo renunciado à aceitação de presentes, eu não posso compartilhar do que tu me ofereceste com amor; saibas que tendo assumido o manto de grama kusha e a pele de antílope, eu vivo de frutas e raízes; eu sou o protetor do dharma e servo de meu pai. Sendo um asceta, eu só posso aceitar um pouco de grama para os cavalos e nada além disso - só por isso, eu sou totalmente bem recebido. Estes cavalos do meu pai Dasaratha são queridos para ele, eles tendo recebido aveia, grama e água pura, eu me sinto plenamente honrado".

Nisso, Guha mandou seus servos fornecerem bebida e forragem para os cavalos. Então Rama, assumindo um traje de pele, realizou suas devoções do anoitecer, bebendo a água trazida por Shri Lakshmana. Então Lakshmana lavou os pés de Rama e Sita que se deitaram debaixo da árvore ingudi e sentou-se respeitosamente perto deles. Guha com Sumantra se sentou perto de Shri Lakshmana que, armado com arco e flecha, protegia Rama cuidadosamente, e passou a noite em conversa sagrada. Rama, o filho sábio e ilustre do rei Dasaratha, merecedor de todo o conforto e que agora, deitado no chão, sofria adversidade, passou a noite sem ser perturbado em sono profundo.

Capítulo 51 - A noite é passada na margem do rio sagrado

Guha dirigiu-se a Shri Lakshmana que estava guardando humildemente seu irmão nobre, e disse: "Ó amigo, descansa à vontade nesta cama macia preparada para ti. Nós estamos preparados para a vida da floresta, mas tu, acostumado ao conforto, descansa agora, nós vamos vigiar durante a noite e proteger Shri Rama do perigo, ninguém é mais querido para mim sobre a terra, eu te juro realmente. Para satisfazer Shri Rama, eu adquirirei fama, virtude, riqueza e prazer.<sup>197</sup> Eu, com meu arco e flecha, acompanhado por meus parentes, vigiarei Shri Rama, agora adormecido com Sita. Vagando diariamente na floresta, nada lá é desconhecido para mim, mesmo que um inimigo poderoso me atacasse na floresta, eu poderia resistir a ele".

Lakshmana respondeu: "Eu tenho plena fé no poder da tua proteção, nem temo alguém, mas como, esquecido do dharma, eu posso deixar de vigiar Shri Rama? Vendo o principal herdeiro de Dasaratha, soberano da terra, deitado no chão com a filha do rei Janaka, como eu ousaria descansar enquanto ele está dormindo?

"Vê Nishada!<sup>198</sup> Esse príncipe poderoso, Shri Rama, a quem ninguém se atrevia a desafiar, dorme em uma cama de palha. Esse grandioso obtido pelo rei Dasaratha pelo mérito de caridade, austeridade e devoção, tendo se tornado um asceta, seu pai idoso não vai sobreviver por muito tempo e então a terra se tornará uma viúva. Ó Nishada, eu creio que as

mulheres chorando e lamentando na nossa partida ficaram em silêncio e o palácio real também, mas eu temo que o rei, Kaushalya e minha mãe, não vão durar mais que esta noite. Consolada por Shatrughna, minha mãe pode durar algum tempo, mas a rainha Kaushalya, a mãe desse herói, certamente vai abandonar sua vida sem Rama. Ai! Ayodhya, o repositório da riqueza e habitada por aqueles que amam Rama, perecerá por causa do infortúnio causado pela morte do rei. Como o rei pode viver sem ver seu amado e virtuoso filho mais velho? A rainha Kaushalya também perecerá, nem minha mãe poderá sobreviver por muito tempo à morte de Kaushalya. Ai! Toda a estrutura do propósito do rei caiu em ruínas; desejando nomear Rama como seu regente, ele deixará este mundo ainda nutrindo essa esperança. Afortunado é aquele que, acompanhando as últimas horas do rei, realizará as suas exéquias – e então percorrerá a cidade de pátios encantadores, palácios e templos com ruas de interseção onde cortesãs encantadoras são vistas; aquela cidade cheia de carruagens esplêndidas, cavalos e elefantes, ressoando com trombetas, possuindo todas as comodidades, cheia de pessoas alegres, enriquecida por parques e jardins, onde conferências e reuniões alegres são realizadas diariamente. Quando nós, voltando da floresta, caminharemos na cidade real? Que o rei Dasaratha continue a viver, para que possamos ver aquele monarca excelente em nosso regresso, com Shri Rama o Defensor da Verdade”.

Assim lamentando e aflito, Shri Lakshmana, vigiando Rama, passou a noite. O príncipe Lakshmana, proferindo palavras verdadeiras e afetuosas a respeito de seus pais e superiores, falou assim com Guha, que, aflito e inquieto, chorou como um elefante com dor.

197 Os quatro objetivos legítimos na vida.

198 Nishada é a tribo da montanha à qual Guha pertencia.

Capítulo 52 – Sumantra é mandado retornar; Shri Rama, Sita e Lakshmana cruzam o rio sagrado

Quando o dia amanheceu, o ilustre Rama de peito largo dirigiu-se ao virtuoso príncipe Lakshmana. "Vê! a deusa Noite desapareceu e o sol está prestes a nascer. Ó, ouve como o melro está cantando e o grito do pavão é ouvido na floresta. Vamos cruzar a Bhagirathi que flui velozmente, que corre para o oceano".

Shri Lakshmana, ouvindo o comando de Shri Rama, permanecendo diante de seu irmão, chamou Guha e Sumantra. Guha adivinhando o propósito de Shri Rama, convocou seus ministros e lhes disse: "Tragam rapidamente um bom barco, firme e forte, capaz de levar Shri Rama para o outro lado".

O ministro de acordo com a instrução de Guha trouxe um barco excelente e disse: "Senhor, o barco está pronto". Então Guha, com as palmas unidas, aproximando-se de Shri Rama se dirigiu a ele deste modo: "Ó senhor, teu barco está disponível, o que mais tu requeres de mim? Ó leão entre os homens, ó príncipe, ó tu cumpridor de grandes votos, o barco capaz de atravessar o rio que corre em direção ao mar está aqui, por favor, entra nele".

O glorioso príncipe Rama respondeu a Guha dizendo: "Tu me forneceste tudo o que eu poderia desejar, agora coloca a bagagem no barco". Os príncipes pondo suas aljavas, e levando seus arcos, chegaram ao lugar onde o barco estava à espera.

Então Sumantra se aproximando do justo Rama, de cabeça baixa e palmas unidas, disse: "Quais ordens tu tens para mim, ó senhor?" Tocando Sumantra com sua mão direita, Shri Rama respondeu: "Ó virtuoso Sumantra, agora volta ao rei e o serve com vigilância, eu não preciso mais de ti. Ó amigo, deixando a carruagem, eu vou entrar na floresta a pé". Sumantra, recebendo a ordem para retornar, imaginou-se já separado de Rama e cheio de tristeza exclamou: "Ó senhor, ninguém no reino deseja que tu entres na floresta com Sita e Lakshmana

como um homem comum. Quando eu te vejo, compassivo e sincero, enfrentando grande adversidade, eu considero como inúteis a compaixão, a simplicidade, o voto brahmacharya e o estudo do Veda! Ó príncipe, morar na floresta com Sita e Lakshmana te trará renome igual a alguém que conquista os três mundos; mas nós, separados de ti, ó Rama, estamos condenados e cairemos sob o domínio da pecaminosa Kaikeyi".

O sábio Sumantra, certo da partida de Rama, cheio de aflição, chorou amargamente por muito tempo. Por fim, reprimindo suas lágrimas ele se purificou com água, e foi então abordado por Rama que falou com ele em tons gentis, dizendo: "Entre os ministros da casa de Ikshvaku, nenhum é um amigo tão querido. Tu irás, portanto, agir de tal modo que o rei se liberte do sofrimento? O senhor da terra é idoso, sua mente está confusa e ele é atormentado pelo desejo, portanto, eu te peço para servi-lo. Qualquer que seja a ordem do rei, por afeição pela rainha Kaikeyi, cumpre. Reis governam para realizar seus desejos. Ó Sumantra, age de tal forma que o rei não fique descontente, e para que ele não possa afundar sob o peso da aflição. Quando tu te aproximares dele, que era até então um estranho para o sofrimento, oferece saudações em meu nome e dize: 'Tendo renunciado a Ayodhya e entrado na floresta, Shri Rama, Lakshmana e Sita não sofrem angústia; quatorze anos tendo passado, tu logo os verás retornar!'

"Entrega desse modo a minha mensagem de afeição repetidamente para o rei, para a minha mãe Kaushalya, as



outras rainhas e também Kaikeyi. Curvando-se aos pés da minha mãe Kaushalya, dize a ela que está tudo bem comigo e também com Sita e Lakshmana. Aconselha o rei a mandar chamar Bharata rapidamente e

quando ele chegar, que ele seja instalado como regente. Tomando o príncipe Bharata em teus braços, o nomeia rei; tu, assim, ficarás livre da dor causada por essa separação. Depois disso, que Bharata em meu nome seja instruído a tratar as nossas mães com afeto igual e com a mesma honra que é devida ao rei. Que ele considere Sumitra e minha mãe Kaushalya como a sua própria mãe Kaikeyi. Dize: 'Se tu aceitares o reino para agradar ao rei, a tua fama e felicidade em ambos os mundos estarão garantidas''.

Tendo falado assim, Shri Rama desejou dispensar Sumantra de sua presença com a mensagem, mas o ministro, profundamente angustiado, se dirigiu a ele, dizendo: "Ó Ramachandra, perdoa-me se eu profiro palavras com falta de reverência, impelido pela minha devoção por ti, nem me considera um hipócrita. Ó Raghava, Ayodhya, pela tua partida, parece alguém aflito pela perda de um filho, como eu voltarei lá sem ti? Vendo a carruagem sem ti, as pessoas ficarão cheias de angústia, o coração da cidade será partido em dois. Embora tu tenhas viajado longe, ainda nos corações dos cidadãos de Ayodhya tu ainda estás presente com eles. Certamente as pessoas nem se alimentaram nem tomaram água em tua

ausência. No momento da tua partida, ó príncipe, tu te familiarizaste com a sua dor, e testemunhaste o seu choro e lamentação. Quando eles virem a carruagem vazia, a sua tristeza aumentará mil vezes. Ao voltar para Ayodhya, com quais palavras eu devo me dirigir à tua mãe? Eu devo dizer 'Eu deixei teu filho na casa do teu irmão, não te aflijas?' Como eu posso proferir tal falsidade, porém como eu posso contar a verdade a ela? Esses cavalos nobres que puxaram a carruagem que trouxe a ti, Lakshmana e Sita, como eles serão conduzidos sem ti? Ó príncipe impecável, eu não posso voltar para Ayodhya sem ti, portanto me deixa ficar contigo na floresta. Se, apesar da minha súplica, tu ainda renunciarees a mim, eu irei, com a carruagem, entrar em um fogo ardente. Ó príncipe, todos os seres que procurarem frustrar a tua vida de devoção na floresta, eu irei repelir com a minha carruagem. Por ti, eu estou habilitado a conduzir a carruagem, agora tem a amabilidade de me deixar entrar na floresta contigo. Me aceita, portanto, como o teu protetor e me deixa entrar na floresta, eu te peço com amor extremo. Ó herói, se esses corcéis excelentes te servirem na floresta, eles alcançarão um estado espiritual elevado. Ó príncipe, por qualquer meio que eu possa te servir na floresta, eu vou estimá-lo mais do que a residência no céu ou em Ayodhya. Sem ti, eu sou incapaz de voltar para a capital, como o pecador Indra foi incapaz de entrar em Amaravati. É o meu maior desejo quando o teu período de exílio acabar te levar para a capital novamente. Ó Rama, quatorze anos contigo passarão como um momento, enquanto sem ti, eles

parecerão como mil anos. Ó amigo daqueles dedicados a ti, eu resolvi ficar na floresta com o filho do meu senhor. Como tu podes abandonar teu amigo devotado, que só procura fazer o seu dever?"

Assim repetidamente suplicado pelo ministro Sumantra, Shri Rama respondeu-lhe dizendo: "Ó tu que amas o teu mestre, eu sei da tua devoção por mim, mas ouve as razões que me levam a te enviar daqui para Ayodhya.

"Vendo-te voltar à capital, minha mãe Kaikeyi, convencida de que eu entrei na floresta ficará satisfeita e não mais repreenderá o rei, acusando-o de falsidade e injustiça. Eu desejo que a minha mãe Kaikeyi desfrute do reino próspero, regido por seu filho Bharata, portanto, para me agradar, retorna à capital e entrega a mensagem que eu confiei a ti".

Assim Rama, oferecendo explicação a Sumantra então falou palavras de bom senso e encorajamento para Guha, dizendo: "Ó Guha, não é apropriado que eu more na floresta na qual meus amigos residem, portanto, construindo uma cabana

de folhas e galhos em outro lugar eu viverei como um asceta. Para a prosperidade espiritual do meu pai, eu, Sita e Lakshmana, com cabelos emaranhados seguindo a disciplina ascética, residiremos na floresta. Traze-me, portanto, o leite da árvore bhurja.<sup>199</sup> Guha obedeceu à instrução do príncipe, após o que Rama derramou o líquido viscoso em sua própria cabeça

e também na cabeça de Lakshmana! Assim Shri Rama, aquele leão entre os homens, e seu irmão Lakshmana pareciam com ascetas e com seus mantos de pele e com cabelos emaranhados pareciam encantadores. Fazendo o voto de brahmacharya, os dois irmãos abordaram Guha dizendo: "Ó Guha, não negligencies os teus exércitos, o teu tesouro, as tuas tropas de defesa e o teu povo. Um reino é regido por diligência e esforço".

Despedindo-se de Guha, Shri Rama com Sita e Lakshmana foram rapidamente para o Ganges. Vendo o barco perto da margem do rio que flui rapidamente e desejoso de cruzá-lo, Rama disse a Lakshmana: "Ó leão entre os homens, segura o barco firme e ajuda a gentil Sita a embarcar, então tu, também, entra nele".

Agindo sob o comando de seu irmão, Shri Lakshmana primeiro ajudou a filha do rei de Mithila e depois subiu no barco. Então o resplandecente Rama seguiu, sendo o último a entrar, e Guha mandou seus servos conduzi-los sobre o rio sagrado.

Ocupando seu lugar no barco, o príncipe Rama começou a recitar o mantra védico para a condução segura de todos. Executando o ritual Achmana<sup>200</sup>, ele ofereceu saudações a Shri Gunga e Lakshmana também fez reverência ao rio sagrado. Shri Rama mais uma vez se despediu do auriga, do exército e de Guha, e pediu ao timoneiro para remar para o outro lado. O barco moveu-se rapidamente ao som dos remos.

Chegando ao meio do rio, a encantada Sita, com as palmas unidas, adorou Shri Gunga, dizendo: "Ó Gunga, que esse filho de Dasaratha, obedecendo às ordens de seu pai, seja protegido por ti. Que ele, passando quatorze anos na floresta, retorne outra vez com Lakshmana e comigo. Então, ó devi, ó Gunga abençoada, voltando com eles, eu te adorarei. Ó Gunga, tu és a realizadora dos desejos piedosos. Ó tu deusa tripartida, alcançando a morada de Brahma, e aparecendo no reino mortal como a consorte do rei do oceano, ó bela, eu me curvo a ti e te adoro. Quando, retornando com segurança da floresta, Shri Rama ocupar o trono, então eu, desejando te satisfazer, darei cem mil vacas, grãos abundantes e belas vestes para os brâmanes em caridade. Voltando a Ayodhya, eu oferecerei um sacrifício de cem jarros de vinho e arroz para ti. Eu adorarei todos os deuses que residem nas tuas margens e todos os lugares sagrados, como Prayaga e Kashi. Ó impecável, permite que Rama e Lakshmana, livres do pecado, completando o período de seu exílio, voltem novamente para Ayodhya".

Assim adorando a Gunga, a promotora de alegria, eles atingiram a outra margem. Então Rama, chefe de homens, deixando o barco na margem sul, prosseguiu para a floresta com Lakshmana e Janaki, e se dirigiu a Shri Lakshmana, dizendo: "Ó filho de Sumitra, protege cuidadosamente Shri Sita nas áreas solitárias e também nas áreas frequentadas da floresta. Nós devemos vigiá-la neste lugar desconhecido e desabitado, portanto, ó Lakshmana, vai à frente e que Sita te

siga, eu andarei atrás para proteger vocês dois, vamos defender uns aos outros, ó príncipe. Até agora, Shri Sita não testou sua força, mas a partir de hoje ela deve

199 Árvore bhurja: uma espécie de bétula.

200 Achmana: [Acamana], uma cerimônia purificatória.

suportar as dificuldades de uma vida na floresta. Hoje, a filha do rei Janaka vai entrar na floresta onde ninguém habita, nem existem campos ou jardins lá, mas solo duro e árido com brechas escancaradas em todos os lugares”.

Shri Lakshmana, assim instruído, foi à frente com Sita seguindo-o, Shri Rama vindo depois.

Enquanto isso, Sumantra, na outra margem, seguiu Raghava com seus olhos, e tomado pela dor, chorou amargamente. Shri Rama, resplandecente como os guardiões da terra, concesso de bênçãos, tendo atravessado o rio Gunga, chegou à terra de Batsya.

Depois disso, os dois irmãos caçaram veados e javalis, e outros animais, e ficando com fome, se alimentaram de raízes e frutos silvestres, como ordenado, descansando ao anoitecer debaixo de uma árvore.

## Capítulo 53 – Decididos a seguir seu destino eles entram no exílio

O alegrador do mundo, Shri Rama, sentado debaixo de uma árvore realizou suas rezas do anoitecer (Sandhya) e então se dirigiu a Shri Lakshmana desta maneira: "Ó irmão, essa é a nossa primeira noite na floresta sem Sumantra, não fiques desanimado. A partir de agora à noite apenas um de nós deve dormir, já que a proteção de Shri Sita é nossa preocupação. Ó Lakshmana, colhendo folhas e grama, vamos preparar uma cama e nos deitar".

Shri Rama, acostumado a um leito suntuoso e principesco, deitou-se aquela noite sobre a terra nua. Conversando com Shri Lakshmana, ele disse: "Ó Lakshmana, pode ser que o rei Dasaratha tenha um sono agitado neste dia, mas Kaikeyi, tendo realizado a sua ambição, certamente está satisfeita. Eu temo que ela, ávida pelo reino, mate o rei antes que Bharata retorne. O monarca idoso é indefeso, um escravo de Kaikeyi e sujeito ao desejo; sem mim, como é que o rei infeliz vai se proteger? Vendo a queda do rei e sua sujeição em matéria de desejo, parece que a concupiscência é mais poderosa do que a riqueza ou virtude. Ó irmão, que homem tolo, seduzido por uma mulher, abandonaria um filho obediente como eu? Só Bharata é

afortunado, que, com sua consorte, tendo adquirido Ayodhya, vai desfrutar do reino.

"O príncipe Bharata se tornará o governante de todo o império já que a vida do rei está chegando ao fim e eu vim para a floresta. Aquele que abandona a retidão e, desconsiderando a prosperidade, procura satisfazer seus desejos, como o rei Dasaratha, cai vítima da tristeza. Ó belo príncipe, eu creio que Kaikeyi entrou em nossa casa para destruir o rei, para me mandar para o exílio e instalar Bharata como governante do reino. Ó irmão, eu temo que Kaikeyi, cega pelo poder, possa perseguir Kaushalya e Sumitra, elas sendo nossas mães. Que tu, para que Kaushalya e Sumitra não sofram, vás para Ayodhya, por mim. Eu, com Sita, entrarei na floresta de Dandaka. Vai para Ayodhya e te torna o protetor da indefesa rainha Kaushalya. Kaikeyi, maldosamente propensa, por inimizade por nós, pode prejudicar as nossas mães. Ó Lakshmana, seguramente, em algum nascimento anterior, a minha mãe privou outras mulheres de seus filhos e está colhendo o fruto daquela ação nesta vida. Ai de mim, que tive que abandonar minha mãe que me nutriu com tanto amor e que agora deveria desfrutar de felicidade. Ó Lakshmana, que nenhuma mulher dê à luz um filho como eu, que sou a fonte de angústia infinita para minha

mãe. Ó irmão, uma maina<sup>201</sup> ensinada por mim gritou na audição de minha mãe: 'Morda o pé do inimigo enquanto você



estiver na sua boca'.<sup>202</sup> Ó Lakshmana, minha mãe desafortunada está hoje afundado em um oceano de dor e eu não sou capaz de socorrê-la. Melhor seria se ela não tivesse tido nenhum filho! Seguramente ela é um objeto de compaixão, lamentando por se separar de mim. Ai de mim! Que aflição extrema é dela hoje! Ó Lakshmana, se eu cedesse à ira, eu seria capaz de subjugar o mundo para não falar de Ayodhya, mas, para manter a retidão, eu não posso demonstrar meu poder. Se fizesse isso, eu incorreria em pecado e poria em perigo a vida futura; eu nunca tomar o reino à força".

Assim lamentando na floresta solitária, Rama, abandonando o comedimento, passou a noite em lágrimas.

Quando, parando de lamentar, Lakshmana viu Rama como um fogo extinto ou um mar calmo, ele se dirigiu a ele assim: "Ó grande herói, sem ti, Ayodhya está sem esplendor, como a noite, ao pôr-do-sol, mas, ó Rama, é indigno de ti te afligir, minando a coragem de Sita e a minha. Como peixes sem água, nós não podemos viver um instante sem ti. Ó grandioso, eu não desejo ver meu pai, meu irmão Shatrughna ou minha mãe Sumitra, nem mesmo o próprio céu".

Ouvindo as palavras de Lakshmana, cheias de bons conselhos, Shri Ramachandra levantou-se e sentou-se ao lado de Sita na cama de folhas. Decidido a seguir seu destino, Shri Rama iniciou o período de exílio. Daquele dia em diante, os dois grandes príncipes da casa de Raghu moraram na floresta

isolada, serenos e destemidos como dois leões residentes no cume de uma montanha.

## Capítulo 54 – Eles passam a noite em Prayaga no eremitério do sábio Bharadwaja

Quando o sol surgiu em um céu sem nuvens, tendo passado a noite sob uma figueira-de-bengala,<sup>203</sup> eles partiram dali e foram para onde o Gunga e o Yamuna se encontram, fluindo através da vasta floresta. Os dois irmãos ilustres viajando adiante contemplaram belas vistas na floresta, até então não vistas por eles, e eles, às vezes reclinando-se à vontade, se deleitavam com as árvores florescentes. Quando o dia estava quase no fim, Shri Rama disse ao filho de Sumitra: "Ó Lakshmana, olha em direção a Prayaga,<sup>204</sup> uma fumaça está se erguendo como a bandeira do deus do fogo; sem dúvida, isso é um sinal de que o eremitério do santo Bharadwaja está próximo. Nós certamente chegamos à junção do Gunga e do Yamuna, o som desses rios poderosos colidindo é ouvido claramente. Lenhadores cortaram as toras de árvores imensas e muitas são derrubadas no eremitério do sábio santo". Assim conversando, quando o sol estava se pondo, os dois grandes arqueiros chegaram à confluência do Gunga e do Yamuna, e ao eremitério de Bharadwaja. Desejosos de ver o sábio santo, eles

pararam respeitosamente a uma pequena distância do lugar. Então Rama lentamente e reverentemente entrou no eremitério, vendo ali o onisciente sábio Bharadwaja de votos poderosos, o conquistador do tempo pela

201 Mainá ou Mina: [sáriká, gracula religiosa], uma ave do tamanho de um papagaio, capaz de repetir palavras.

202 O significado é que Rama tinha uma ave que foi ensinada a falar. Vendo um papagaio capturado por um falcão, ela gritou: 'Ó papagaio, morda o pé do inimigo'. (Isto é, antes que você seja devorado).

203 [Árvore banyan].

204 Prayaga: a confluência do Ganges e do Yamuna, um local sagrado.

disciplina sagrada. Cercado por seus discípulos, oferecendo oblações no fogo sagrado, eles viram o rishi, e Rama com Sita e Lakshmana prestaram reverência a ele. Rama disse: "Ó sábio abençoado e poderoso, nós somos Rama e Lakshmana, os filhos do rei Dasaratha, e esta, minha esposa, é a filha do rei de Videha, essa afortunada está me seguindo para a isolada Tapovana. Meu nobre pai me mandou para o exílio, e o filho de Sumitra, meu irmão mais novo, sempre querido para mim,

fazendo o voto de brabmacharya, me seguiu. Ó senhor abençoado, cumprindo as ordens de nosso pai, nós entraremos na floresta sagrada e, praticando dharma, viveremos de raízes e frutos silvestres”.

O sábio virtuoso, Bharadwaja, ouvindo as palavras do príncipe Rama, oferecendo a eles madhuparka<sup>205</sup> junto com o arghya, e água para eles lavarem os pés, então lhes deu várias raízes e frutas. Então o sábio santo preparou um lugar de descanso para eles. O maharishi Bharadwaja, sentado em meio aos cervos e aves, assim honrou Rama, indagando sobre o seu bem-estar. Rama recebendo o culto do grande rishi refletiu sobre as palavras faladas a ele: “Ó príncipe, eu te vejo depois de um longo tempo, eu ouvi dizer que foste exilado sem motivo. Permanece aqui à vontade e em paz, neste lugar sagrado e agradável onde os dois grandes rios se encontram”.

Shri Rama, sempre dedicado ao bem de todos, respondeu: “Ó senhor, o teu eremitério é próximo das habitações dos homens e muitos virão aqui para ver Sita e a mim. Eu, portanto, não considero prudente ficar aqui. Ó abençoado, me informa sobre um lugar solitário, onde Sita, a filha de Janaka, possa viver em felicidade”.

Em tom gentil Shri Bharadwaja respondeu: “Ó filho, a dez milhas daqui há uma montanha, purificada pela presença de muitos sábios que residem lá, bela e agradável para a visão, que tu permaneças lá. Macacos, ursos e chimpanzés vagam lá livremente. A montanha é Chittrakuta, encantadora como

Gandhamadana. Aqueles que contemplam os picos de Chitrakuta obtêm mérito espiritual, suas mentes não admitem pecado e, vivendo lá, eles ganham recompensas divinas. Muitos sábios, praticando austeridades lá por milhares de anos, entraram no céu em seu estado encarnado. Ó Rama, esse lugar adorável é uma residência adequada para ti, eu creio, se tu não permaneceres aqui comigo até que o período do teu exílio tenha passado". Assim Bharadwaja honrou Rama com Sita e Lakshmana oferecendo-lhes todos os símbolos de hospitalidade devidos à sua classe real. Desse modo, no eremitério do grande sábio em Prayaga, Rama passou a noite conversando sobre os tempos antigos. Aliviado do cansaço, Shri Rama com Lakshmana e Sita passou a noite agradavelmente no eremitério sagrado. Quando amanheceu, Shri Ramachandra, aproximando-se do grande sábio que era resplandecente em virtude de práticas austeras, dirigiu-se a ele deste modo: "Ó tu devotado à verdade, tendo passado a noite à vontade no teu eremitério agora dá- nos permissão para partir para o lugar indicado por ti".

Shri Bharadwaja então respondeu, "Ó Rama, parte para a montanha Chitrakuta cheia de mel, raízes e frutas, digna de ser tua residência, coberta de árvores e a morada de seres celestes; lá, pavões gritam e elefantes imensos vagam. Vai então para aquele lugar sagrado, que é agradável e cheio de frutas e flores, e onde elefantes e veados passeiam pelas matas. Lá, demorando-te com Sita ao lado das fontes e

cachoeiras, nas encostas da montanha e cavernas pacíficas, a tua mente encontrará deleite. Ó Rama, parte para morar naquela montanha alta e

205 Madhuparka: uma oferenda tradicional, uma mistura de coalhos, manteiga, mel e leite de coco.

encantadora repleta de elefantes e vários animais, onde o tittibha<sup>206</sup> e o kokila<sup>207</sup> cantam”.

## Capítulo 55 – Eles cruzam o Yamuna e seguem viagem

Shri Rama e Lakshmana, os conquistadores de seus inimigos, tendo passado a noite em Prayaga, ofereceram reverências ao sábio e procederam em direção a Cittrakuta. Em sua partida, Shri Bharadwaja lhes deu sua bênção como um pai abençoa seu filho, e dirigindo-se a Rama, aquele herói da região da verdade, disse:

”Ó grandioso, indo para o oeste da junção dos rios, na margem do Yamuna, que flui para o Gunga de movimento rápido, tu

encontrarás uma balsa desgastada. Atravessa o rio por meio de uma vara à qual, em cada extremidade, um jarro virado para cima está pendurado. Na margem oposta, tu verás uma imensa figueira com folhas verdes cercada por muitas outras. As folhas dessa árvore são de uma cor verde escura e ela é frequentada por siddhas. Chegando a esse lugar, que tu, com Janaki, rezes pela realização dos teus desejos legítimos. Descansa lá por algum tempo, então vai além dele; chegando a Nilvan à distância de uma milha, lá muitas árvores sala, jamnu e badri<sup>208</sup> são vistas, esse é o caminho para Chitttakuta e muitas vezes eu percorri essa rota. Ele é belo e livre de incômodos e lá não há perigo de um incêndio florestal”.

Após indicar o caminho para Shri Rama, o sábio voltou ao seu próprio eremitério. Oferecendo saudações ao santo, Shri Rama, tendo se despedido, disse a Lakshmana: "Ó Lakshmana, certamente nós somos afortunados que o rishi santo nos tratou tão bondosamente”.

Conversando dessa maneira, os dois príncipes seguiram adiante, Shri Sita andando diante deles, e chegaram à margem do Yamuna de corrente rápida. Então eles começaram a considerar como o atravessariam, e coletando alguma madeira construíram uma jangada, amarrando juntas quantidades de bambu seco e enchendo os interstícios com grama kusha. Então Lakshmana, espalhando os ramos de árvores jambu e vettas, fez para Sita um assento confortável. Shri Sita timidamente segurando a mão de seu senhor, Shri Rama

colocou sua amada na jangada com suas roupas e ornamentos ao lado dela. Em seguida colocando os machados e o baú coberto com peles de veado, contendo suas armas lá, os dois irmãos começaram a navegar. Chegando ao meio do rio, Shri Sita, curvando-se, orou ao rio sagrado dizendo: "Ó devi, perdoa-nos por passarmos sobre ti, permite que o meu senhor possa cumprir seu voto sem obstruções. Quando eu voltar, para te agradecer eu vou oferecer mil vacas em caridade". Então, com palmas unidas, ela disse: "Que o senhor da Casa de Ikshvaku volte em paz para a capital".

Tendo atravessado a encrespada Yamuna, a filha veloz do sol, eles chegaram à sua margem sul; lá abandonando a jangada eles entraram na floresta e na margem do rio e chegaram à figueira fortemente sombreada.

Shri Sita disse: "Ó árvore poderosa, eu presto homenagem a ti, que o meu senhor cumpra seu voto, para que eu possa ver novamente Shri Kaushalya e a rainha Sumitra".

206 Tittibha: um pássaro, Parra Jacana ou Goensis.

207 Kokila: o cuco preto ou indiano.

208 Para as árvores veja o Glossário separado.



Então Sita circungirou a árvore com reverência e Rama, vendo a adorável Sita orando por seu bem-estar, disse a Lakshmana: "Segue adiante com Sita para quem nenhuma palavra ruim jamais foi proferida, que é sempre obediente a mim e é mais querida do que a própria vida. Ó chefe de homens, eu, com as minhas armas seguirei atrás. Qualquer fruta ou flor que a filha de Janaka possa desejar na floresta, colhe para ela, de modo que a sua mente possa encontrar alegria".

Shri Sita, entre os dois príncipes, andava como uma elefanta protegida por dois elefantes; a filha de Janaka, vendo muitas coisas, anteriormente desconhecidas para ela, questionava Rama a respeito de cada árvore, arbusto e planta trepadeira. Vendo muitas árvores belas cobertas de flores, Shri Lakshmana levava para a princesa tudo o que ela desejava. Vendo o rio e suas margens arenosas acariciadas pelas ondas, onde cisnes e garças gritavam, Shri Sita estava cheia de alegria.

Tendo percorrido alguma distância, os dois irmãos valentes mataram muitos cervos para alimentação, então, com Sita, passaram pelos bosques agradáveis, ressoando com os gritos de pavões e frequentados por elefantes e macacos.

Vendo um lugar agradável e abrigado que agradou Sita, e eles se alojaram lá livres do medo.

## Capítulo 56 – Eles chegam à montanha Chitrakuta e constroem uma cabana

A noite tendo passado, Shri Rama, acordando lentamente, despertou o adormecido Lakshmana e se dirigiu a ele, dizendo: "Ó Lakshmana, como são belos os papagaios, cucos, mainas e outras aves que são ouvidas aqui! Ó Parantapa,<sup>209</sup> essa é a hora de continuar a nossa jornada, vamo-nos daqui, ó príncipe!"

Shri Lakshmana, renunciando ao sono, se livrou de sua sonolência e levantou-se revigorado. Todos eles, se levantando e se banhando no rio Yamuna, ofereceram suas preces matinais. Então, tomando o caminho através da floresta de palasas,<sup>210</sup> eles procederam para Chitrakuta como instruídos pelo sábio santo.

Caminhando com Lakshmana, Rama então falou com Sita de olhos de lótus, dizendo: "Ó filha do rei de Videha, vê como a primavera cobriu as árvores palasa com flores de perfume doce, essas flores vermelhas brilhantes como o fogo e os ramos enfeitados com flores como se adornados com guirlandas. Quão ricas em beleza são as árvores bilwa<sup>211</sup> intocadas pelo homem que não é capaz de se aproximar delas. Aqui podemos coletar alimentos facilmente. Vê, ó Lakshmana, pendurados nas árvores, os favos de mel, de pelo menos um drona<sup>212</sup> de tamanho, cobertos de abelhas. Quão encantadoramente a ave aquática está cantando e o pavão respondendo com seu grito,

e olha! a terra está meio escondida com flores. Aqui estão os picos elevados de Chitrakuta onde inúmeras aves cantam e manadas de elefantes vagueiam. Em algum lugar em Chitrakuta um campo nivelado deve se encontrar entre os bosques de árvores, um lugar puro e imaculado, onde nós vamos morar”.

209 Parantapa: opressor do inimigo.

210 Palasa ou Palasha ou Panasa: Árvore de fruta-pão.

211 Bilwa: árvore bael ou macieira selvagem. Aegle marmelos.

212 Drona: uma medida de grãos, aproximadamente 92 libras.

Os dois irmãos, em companhia de Sita, conversando dessa maneira, chegaram à montanha agradável e cativante de Chitrakuta. Chegando àquele local, no qual havia aves de muitas espécies, cheio de várias raízes e frutos agradáveis e piscinas de águas transparentes, Rama disse a Lakshmana: "Ó irmão gentil, como é aprazível essa colina coberta com árvores sombreadas, trepadeiras e frutos de muitos tipos, parecendo agradável, e onde nós podemos viver imperturbados. Dentro da floresta, muitos sábios moram, este lugar é adequado para o nosso eremitério”.

Assim decidindo, Rama, Lakshmana e Sita chegaram ao eremitério do sábio Valmiki e, com reverência, prestaram homenagem a ele. O sábio virtuoso, cheio de alegria, prestou homenagem a eles, pedindo-lhes para se sentarem, dizendo: "Vocês são muito bem-vindos!"

Shri Rama, apresentando-se junto com seu irmão e Sita, contou a causa de seu exílio para o sábio e então se dirigiu a Lakshmana, dizendo: "Ó irmão, traze madeira forte e vamos construir uma cabana neste lugar. Ó príncipe excelente, aqui eu desejo morar".

Shri Lakshmana então trouxe muitos pedaços de madeira, cortados das árvores, e erigiu uma cabana coberta com folhas. Quando Shri Rama viu aquela cabana firme e agradável provida de uma porta, ele disse ao dedicado Lakshmana: "Ó Lakshmana, traze carne de veado com a qual nós possamos adorar a divindade da residência! Já que nós pretendemos viver aqui por muito tempo, nós devemos entrar nela com intenção pacífica! Ó filho de Sumitra, tendo matado um cervo preto, o traze aqui rapidamente. Sigamos a lei das escrituras nesse assunto".

Shri Lakshmana tendo obedecido à ordem de seu irmão, Rama disse: "Agora prepara a carne e vamos oferecê-la como um sacrifício. Apressa-te, ó irmão, essa é uma hora auspiciosa".

O ilustre filho de Sumitra matou um antílope preto e o assou nas chamas. Quando ele estava cozido e o sangue drenado

dele, Lakshmana dirigiu-se a Raghava, dizendo: "Ó divino, eu preparei a carne do cervo preto, agora oferece o sacrifício para propiciar o deus".

O devoto e resplandecente Rama, hábil em prece silenciosa e sacrifício, tendo se banhado, recitou os textos sagrados, oferecendo homenagem aos deuses, e então entrou na cabana, com seu coração cheio de alegria. Tendo adorado Rudra e Vishnu para a purificação da habitação, ele leu o Canto da Paz e outras preces propiciatórias. Repetindo o japa<sup>213</sup> e se banhando no rio, ele ofereceu oblações para a expiação dos pecados. Ele então erigiu altares nas oito direções para o culto de diferentes deuses e gratificando as divindades que presidem os elementos com oferendas de flores, guirlandas, frutas, carnes cozidas e a recitação de mantras védicos, ele, junto com Sita, entrou na cabana encantadora, coberta de folhas, erguida em um local adequado, protegida do vento.

Shri Rama, de sentidos subjugados, morou feliz naquela habitação, construída na floresta, a residência de animais e aves, cheia de árvores e flores, onde elefantes vagavam e os gritos dos animais selvagens ressoavam.

Vivendo na montanha agradável, Chitrakuta, perto das margens do rio Malati, Rama esqueceu a capital e não mais se lembrou da sua renúncia.

213 Japa: prece silenciosa, geralmente a repetição de uma fórmula sagrada.

## Capítulo 57 – Sumantra retorna à aflita cidade de Ayodhya

Separado de Rama, Guha estava cheio de angústia.

Conversando muito tempo com o auriga, ele viu Rama chegar à margem sul, e se dirigiu para casa.

Sumantra ouvindo integralmente dos homens de Shrangverpira<sup>214</sup> sobre a chegada de Rama em Prayaga, sua reunião e residência com o rishi Bharadwaja e sua jornada em direção a Chitrakuta, se despediu de Guha, e atrelando seus cavalos à carruagem, com o coração triste, partiu para Ayodhya. Passando rapidamente pelas florestas carregadas de flores e observando os rios, tanques, aldeias e cidades, ele chegou à aflita cidade de Ayodhya na noite do terceiro dia. Vendo a cidade silenciosa, ele refletiu: "A cidade com seu soberano, homens, elefantes e cavalos foi consumida pelo fogo do sofrimento, causado pela separação de Rama?"

Ponderando dessa maneira, em sua carruagem conduzida rapidamente, Sumantra chegou ao portão do interior da cidade

e entrou. Lá inúmeras pessoas correram em direção à carruagem e rodeando-a, gritaram: "Onde está Shri Rama?" "Onde está Shri Rama?" E Sumantra respondeu: "Tendo chegado às margens do Gunga, o virtuoso Rama me mandou voltar, portanto, eu vim". Então as pessoas, descobrindo que Rama tinha atravessado o rio sagrado, com seus olhos cheios de lágrimas, suspirando pesadamente, gritaram: "Ó Rama, ó Rama!" E todas, a uma só voz, exclamaram: "Ai de nós! Nós estamos privados da visão de Rama, nós estamos destruídos! Nós não mais veremos Rama, o distribuidor de presentes e realizador de sacrifícios, que se sentava em nossas assembleias e que se parecia com a montanha Meru belamente adornada! Ai! Onde está Shri Rama, nosso protetor, familiarizado com a necessidade de cada um e com a felicidade de todos?"

Então Sumantra, seguindo adiante, ouviu de todos os lados, através das treliças das casas, o pranto de mulheres lamentando por Rama, e ouvindo suas lamentações na estrada real, o auriga, cobrindo seu rosto, passou rapidamente em direção ao palácio do rei.

Descendo com toda velocidade do seu carro, ele atravessou os sete portões e entrou na residência real. Vendo Sumantra voltar sozinho, as mulheres, sentadas nas varandas e janelas do palácio, de sete andares de altura, deprimidas pela separação de Rama, irromperam em altas lamentações. Trocando olhares, com os olhos cheios de lágrimas, em vozes embargadas elas deram expressão à sua dor. Ele ouviu, também, o lamento débil

das rainhas do rei Dasaratha, dizendo: "O que Sumantra, que saiu com Rama e voltou sozinho, vai dizer à aflita rainha Kaushalya? Certamente a alma humana sofre dor e ansiedade mais prontamente que alegria, uma vez que a rainha Kaushalya ainda vive separada de Rama".

Ouvindo as palavras das rainhas e sobrecarregado com tristeza, Sumantra entrou na residência do rei, e passando pela oitava porta viu no aposento branco o rei infeliz, desconsolado e debilitado pela dor por causa de seu filho. Aproximando-se do rei sentado lá, Sumantra fazendo reverência a ele entregou a mensagem que lhe foi confiada por Shri Rama.

O rei a ouviu em silêncio, com sua mente agitada pela dor e aflição, e caiu inconsciente ao chão. As rainhas, vendo o rei caído em um desmaio, o ergueram em seus braços e o cobriram de lágrimas. Kaushalya e Sumitra, levantando o monarca caído do chão se dirigiram a ele, dizendo: "Ó tu afortunado, por que tu não respondes ao mensageiro de Rama que cumpriu sua tarefa árdua? Ó rei, tendo

214 [Shrangverpura?]

exilado Rama, por que estás agora cheio de vergonha? Levanta-te, não há motivo para essa angústia. Ó senhor, a rainha Kaikeyi não está aqui, por medo de quem tu não ousas te dirigir a Sumantra. Fala sem medo".



Assim exortando o rei, a rainha Kaushalya caiu inconsciente, com a garganta embargada por conta de sua tristeza.

As damas da corte e as outras rainhas, vendo Kaushalya jazendo no chão lamentando, começaram a chorar alto. Então todo o povo de Ayodhya, velhos e jovens, ouvindo o pranto dos aposentos internos do palácio, irrompeu em lamentação, como no dia em que Rama deixou a cidade.

## Capítulo 58 – Ele entrega a mensagem de Shri Rama para o rei

O rei, recuperando a consciência depois de um tempo, convocou o auriga real e voltou seu olhar para ele. Sumantra se aproximou reverentemente do monarca idoso que estava angustiado e inquieto, e suspirando pesadamente como um elefante recém-capturado. Então o soberano aflito falou com Sumantra que estava mais triste, com seu corpo coberto de poeira, com os olhos repletos de lágrimas, e disse: "Ó auriga, aquele virtuoso, digno de todo conforto e felicidade agora estará procurando refúgio sob uma árvore. Ó! Qual será seu alimento? Como Rama, o filho do rei Dasaratha, que não merece sofrimento, que é de digno de descansar em um leito real, dormirá como um órfão, na terra nua? Como pode aquele príncipe, anteriormente acompanhado por soldados e elefantes, e cujo carro era puxado por cavalos incomparáveis, dormir

agora na floresta isolada? Como Rama e Sita serão capazes de morar na floresta cheia de pítons e outros animais selvagens? Ó Sumantra, como a delicada e entristecida Sita com os dois príncipes, abandonando o carro, pode andar descalça na floresta? Ó auriga, tu és afortunado, pois tu viste os dois príncipes vagando na floresta como os Ashwini Kumaras na montanha Mandara. Ó Sumantra, quando eles entraram na floresta, o que Rama disse? O que Lakshmana disse? O que Sita disse? Ó auriga, fala-me detalhadamente sobre a habitação de Rama, seu sono e sua alimentação, assim poderei viver um pouco mais, como o rei Yayati antigamente, ao ouvir as palavras dos sadhus”.

Assim questionado por seu mestre real, Sumantra, com sua garganta embargada, sua fala entrecortada por soluços, respondeu: "Ó grande rei, Shri Rama, o defensor da justiça, unindo suas palmas reverentemente e inclinando sua cabeça, disse: 'Por minha ordem, oferece saudações repetidamente ao soberano mais louvável, renomado por todo o mundo como altamente virtuoso, e a todos os homens e mulheres do apartamento interno, leva notícias do meu bem-estar, com saudações condizentes com a sua posição. Transmite as notícias do meu bem-estar para a minha mãe Kaushalya com o meu mais profundo respeito, e a exorta a não negligenciar seu dever. Que ela pratique o dharma e cuide do pavilhão sacrificial. Dize a ela: 'Ó deusa, honra o rei, meu pai, como tu honrarias um deus. Abandonando orgulho de família e

prerrogativa real, serve as minhas outras mães com atenção. Kaikeyi é a favorita do rei, atende a ela como ao próprio rei”.

“Ó rei, Shri Rama instruiu o príncipe Bharata assim: ‘Que o príncipe saiba que eu estou bem e o instruí a tratar todas as suas mães com justiça. Dize ao ilustre príncipe Bharata que, embora regente, ele deve continuar obediente ao seu nobre pai. O rei tem idade muito avançada, que o príncipe Bharata não se proclame rei. Que ele obedeça ao rei e aja como coadjutor”.

“Shri Rama me carregou de lágrimas,

dizendo: ‘Que Bharata considere a minha amada mãe como a sua própria’. Rama, de braços poderosos e altamente ilustre, de olhos de lótus, dirigindo-se a mim dessa maneira, chorou alto.

“Então Shri Lakshmana, irando-se e suspirando pesadamente, disse: ‘Que falha esse príncipe nobre cometeu para ser exilado? Seguramente o rei concordou com o desejo tolo da rainha Kaikeyi, concedendo-lhe bênçãos sem considerar se elas eram próprias ou impróprias, pelas quais todos nós estamos envolvidos em miséria. Se Rama sofreu exílio para satisfazer a estupidez da rainha Kaikeyi, então certamente esse é um ato ruim. Mesmo se os deuses decretassem o exílio de Rama eu não veria nenhuma razão para isso. Agindo com discernimento imperfeito o rei baniu Rama sem considerar as consequências, o que certamente lhe causará sofrimento imenso. Eu não vejo afeto paterno no rei; para mim Shri Ramachandra é irmão,

mestre, parente e pai. Querido por todo o mundo, Shri Ramachandra, dedicado ao bem de todos, foi banido, como o povo pode aprovar esse ato? Tendo, em oposição à vontade do povo, exilado Shri Ramachandra, que é virtuoso e amado, como ele pode afirmar que ele é um rei?'

"A sagaz Janaki, ó rei, ficou muda, com os olhos fixos e vazios, como alguém possuído por um espírito. Aquela ilustre filha de Janaka, não familiarizada com o sofrimento, chorou de aflição e foi incapaz de falar. Vendo o rosto de seu marido molhado de lágrimas, sua boca ficou ressecada, e, olhando para mim, ela chorou amargamente. Assim Shri Rama, com o rosto contraído pela tristeza, apoiado por Lakshmana, se dirigiu a mim, sentado na carruagem real, enquanto a asceta Sita fixava seu olhar em mim em silêncio".

Capítulo 59 - O rei lamentando a ausência de Rama está se afogando em um mar de tristeza

Sumantra disse: "Ó rei, quando Shri Rama entrou na floresta, eu voltei e parando os cavalos cansados, fiquei imóvel, mostrando sinais de aflição. Fazendo reverência aos dois príncipes, eu subi na carruagem, e contendo a minha tristeza, fui em frente, permanecendo alguns dias com Guha, na esperança de que Sri Rama me chamasse novamente e me levasse com ele.

"Ó rei, voltando para casa, eu vi as próprias árvores cheias de angústia, seus brotos tenros, botões e flores estando murchos! A água nas piscinas e rios estava diminuindo lentamente, as folhas na floresta estavam caindo e os animais estavam imóveis, os elefantes inquietos já não vagavam aqui e ali. Aflita pela separação de Rama, a floresta tinha ficado silenciosa. Ó rei, as águas dos lagos tinham ficado barrentas e as flores de lótus tinham submergido, sendo incapazes de suportar a separação de Rama. Os peixes e as aves aquáticas tinham abandonado seus locais habituais e as plantas aquáticas e as que cresciam na terra já não exalavam seus aromas perfumados, enquanto seus frutos eram desprovidos de sabor. Os jardins estavam privados de beleza e as aves permaneciam imóveis na floresta.

"Entrando em Ayodhya, ninguém parecia estar feliz, e os cidadãos vendo a carruagem real sem Rama estavam suspirando perpetuamente. Ó senhor, vendo, de longe, a carruagem retornar sem Rama, todos estavam mergulhados na tristeza. As mulheres da cidade, das suas janelas, sacadas e telhados, vendo a carruagem sem Rama, irromperam em lamentações. Com lágrimas caindo de seus olhos sem pintura, cheias de angústia, elas afastaram seu olhar de todos. Hoje, eu sou incapaz

de distinguir amigo ou inimigo devido à dor. Todos os homens, junto com elefantes e cavalos, unidos no sofrimento e lamento,

estão todos aflitos pela separação de Rama! A cidade de Ayodhya, negligenciada e infeliz, parece a rainha Kaushalya sem seu filho!"

Ouvindo essas palavras, o rei ficou agitado e em voz trêmula dirigiu-se ao auriga: "Ó Sumantra, eu estou profundamente arrependido, que sem deliberar com os meus conselheiros capazes e anciãos, eu concedi as bênçãos para a mal-intencionada Kaikeyi, sob a influência de Manthara. Esse ato não premeditado foi realizado por mim, inspirado pelo meu desejo por Kaikeyi, sem consultar os meus amigos e ministros. Ó Sumantra, essa grande calamidade é o resultado do destino e vai destruir a Casa de Ikshvaku. Ó auriga! Se eu alguma vez fiz algum bem para ti, então me leva até Shri Ramachandra logo; a minha vida está deixando o meu corpo rapidamente, ou vai para a floresta e faze Rama voltar, se ele ainda for obediente a mim. Se aquele poderoso foi para muito longe daqui, então me leva na carruagem e dirige até lá rapidamente; eu desejo olhar para ele só mais uma vez. Onde está Rama, o irmão mais velho de Lakshmana, cujos dentes lembram os nenúfares e que é um guerreiro poderoso? Se eu quiser viver, eu devo ver aquele virtuoso. Se eu não vir Rama de olhos avermelhados, usando belos brincos, cravejados de pedras preciosas, eu certamente perecerei. Ó! O que pode exceder a minha dor, que, no momento da morte, eu não posso ver Rama, o herói da Casa de Ikshvaku? Ó Rama, ó Lakshmana, ó

paciente Sita, vocês não sabem que eu estou morrendo de angústia amarga”.

O rei, com sua mente submersa no mar de tristeza, gritou: “Ó Kaushalya, esse oceano de miséria causado pela separação de Rama é insondável, a separação de Sita são suas praias, suspiros profundos são os redemoinhos tornados túrbidos pelas minhas lágrimas, o esticar dos braços é seu movimento agitado, lamentações são o som do seu trovão, cabelos desgrenhados são suas algas, as palavras de Manthara são os crocodilos e Kaikeyi é o fogo em suas profundezas, os rochedos não escaláveis são as bênçãos que mandaram Rama para a floresta. Sem Rama, eu estou afundando nesse mar sem fundo, vivo, eu sou incapaz de cruzá-lo. Eu desejo ver Rama e Lakshmana hoje, mas, ai de mim! Eu não posso realizar o meu desejo, como resultado de algum grande pecado cometido antigamente por mim”.

Lamentando-se dessa maneira, o rei caiu sem sentidos no sofá. O monarca, lamentando a ausência de Rama, desmaiou. Ouvindo as palavras do rei, a mãe de Rama, a rainha Kaushalya, foi tomada pelo medo.

Capítulo 60 – O auriga tenta consolar a rainha Kaushalya

A rainha Kaushalya, jazendo tremendo no chão como alguém morto ou possuído por um espírito maligno, então disse ao auriga: "Ó Sumantra, me leva para o lugar onde Rama, Lakshmana e Janaki vivem! A vida sem eles, mesmo por um momento, é vã. Volta lá rapidamente na tua carruagem, ou eu devo segui-los ou entrar na região da morte".

Shri Sumantra, chorando e angustiado, respeitosamente procurou consolar a rainha, dizendo: "Ó senhora, abandona a inquietação, fixação e ansiedade nascidas da tristeza! Shri Rama viverá alegremente na floresta! Ó príncipe Lakshmana, autocontrolado, servindo Rama e vivendo de acordo com a virtude vai moldar para si

um futuro auspicioso. Na floresta solitária, Shri Sita, com sua mente totalmente centrada em Rama em devoção, viverá sem medo, como em sua própria casa. Eu não vejo falta de coragem na princesa Sita, parece que ela nasceu para residir em uma terra estranha. Como, nos tempos passados, ela gostava dos parques e jardins, assim ela agora desfruta da floresta desabitada. Sita, cujo rosto se assemelha à lua cheia, com sua mente absorta em Rama, dependendo dele, se diverte na floresta; com seu coração e mente centrados nele, ela não consideraria essa grande capital melhor do que uma selva sem Rama. Caminhando na floresta, vendo as aldeias, rios, cidades e vários tipos de árvores, ela pergunta a Rama a respeito da história e origem delas. Para ela, a floresta é um jardim de



diversão na vizinhança de Ayodhya. Isso eu me lembro de Sita, mas o que ela disse sobre Kaikeyi agora escapa da minha mente”.

Sumantra, retendo cuidadosamente a referência a Kaikeyi que havia escapado dele por inadvertência, e para propiciar a rainha Kaushalya, se dirigiu a ela novamente, dizendo: “O brilho da face de Janaki não está arruinado pelo cansaço da viagem, ou pelos ventos ou por medo de animais perigosos ou pelo calor do sol. O semblante da princesa, parecendo a lua cheia, não é prejudicado pela residência na floresta. Seus pés, já não pintados de vermelho-alaranjado, parecem tão viçosos quanto lótus.

A princesa, sempre extremamente dedicada a Rama, não colocou seus enfeites, mas com suas tornozeleiras tilintando viaja feliz, fazendo com que os próprios cisnes a invejem. Dependente do poder de Shri Rama, ela não sente medo ao ver um leão ou tigre na floresta. Ó senhora, não há motivo para tristeza por esses três ou pelo rei ou por ti mesma. O exílio autoimposto de Shri Rama, em obediência à ordem de seu pai, permanecerá como um tema de veneração para todo o mundo enquanto o sol e a lua durarem. Tendo banido a tristeza, Shri Rama, seguindo o caminho trilhado pelos sábios, vivendo de frutas e bagas, cumpre as ordens de seu pai”.

Embora consolada pelo auriga, a rainha Kaushalya, dilacerada pela tristeza, por estar separada de seu filho, gritou: “Ó meu querido, ó meu filho, ó Rama”, e continuou a chorar.

## Capítulo 61 – A rainha Kaushalya repreende o rei

O virtuoso Rama, o defensor do dharma, tendo partido, a rainha Kaushalya, chorando amargamente, se dirigiu ao seu consorte real: "Ó rei, o teu nome justo é conhecido em todos os três mundos; tu és considerado compassivo, caridoso e de fala gentil. No entanto, ó grandioso, dize-me, como é que os teus dois filhos, criados no conforto com Sita, poderão suportar a vida na floresta? Como é que a jovem e delicada Sita, digna de felicidade, suportará o calor e o frio? Como aquela princesa de olhos grandes, que vivia de pratos preparados por cozinheiros habilidosos, manterá a vida com os legumes selvagens da floresta? Como ela, acostumada aos acordes agradáveis de música, poderá suportar o rugido dos leões comedores de homens? Como os dois príncipes poderosos, cujos braços lembram o arco-íris,<sup>215</sup> dormirão no chão, apoiando suas cabeças em seus braços? Ó, quando eu voltarei a ver o rosto de lótus de Rama, emoldurado em belos cachos, cujos olhos são como o

<sup>215</sup> Provavelmente por sua extensão.

nenúfar e cujo hálito é perfumado como as ninfeácias?  
Certamente o meu coração deve ser tão duro quanto um diamante já que ele não se quebra em mil pedaços, sem Rama. Ó rei, banindo os teus filhos, tu foste impiedoso. Dignos de todo o conforto, eles agora estão vagando sem rumo na floresta. Caso Rama retorne, após quatorze anos, o príncipe Bharata vai devolver o reino e o tesouro para ele? Se aqueles que convidam os brâmanes piedosos e eruditos para o sacrifício funeral servirem primeiro os seus parentes pobres e merecedores e, posteriormente, os brâmanes, esses não vão aceitar o alimento desse sacrifício, rejeitando-o como vinho. Os brâmanes consideram como um sinal de desrespeito serem servidos mesmo com aquilo do qual outros brâmanes já compartilharam, que é como um touro despojado de seus chifres, de menor valor. Ó mestre do teu povo, Rama não vai desprezar assim mesmo o reino desfrutado por seu irmão mais novo e não merecedor? Um leão não vai comer o alimento morto por outros, nem Rama vai aceitar o que já foi desfrutado por outros. Como as libações, manteiga, grama kusha e pilares usados no sacrifício não são utilizados novamente, assim Rama não aceitará um reino que parece um sacrifício sem soma.<sup>216</sup>

Shri Rama nunca tolerará essa indignidade, como um leão não tolerará a torção de sua cauda. Todos não temem Rama quando ele aparece no campo de batalha? Ele é justo, indicando o caminho da virtude para os outros, ele próprio

nunca vai se apoderar do reino pela força! O poderosamente armado Rama com suas flechas douradas não é capaz de destruir todos os seres vivos e secar o mar? No entanto, hoje, aquele Rama, poderoso como um leão, tornou-se impotente por causa da ordem do rei, como a prole dos peixes é devorada por seus pais. Ó rei, se tu respeitasses as escrituras e as leis eternas, cumpridas e inculcadas pelos sábios eruditos, o teu filho virtuoso não teria sido exilado por ti. Ó senhor, o primeiro apoio de uma mulher é seu marido, o segundo é seu filho, o terceiro seus parentes, mas um quarto ela não tem! Tu deixaste de me considerar como tua, tu baniste o meu filho Rama, e eu não posso segui-lo e te deixar desolado. Ó senhor, tu me destruístes totalmente! Ó senhor, tu trouxeste a desgraça para os teus conselheiros, para todo o reino, para os ministros e para ti mesmo, e eu com meu filho e todos os cidadãos de Ayodhya estamos totalmente arruinados”.

Ouvindo as censuras amargas de sua consorte, o rei, refletindo sobre a causa dessa calamidade, dominado pela tristeza, caiu sem sentidos, submerso em um mar de tristeza.

Capítulo 62 – O rei é dominado pela dor

Cheio de angústia ao ouvir as palavras duras da rainha Kaushalya, o rei começou a refletir sobre o que poderia ser

feito. Recobrando a consciência, ele suspirou e começou a ponderar consigo mesmo. Ele então se lembrou de como, antigamente, ele tinha matado um jovem asceta inadvertidamente por uma flecha guiada pelo som, na floresta.

O monarca estava agora sujeito a uma dupla causa de dor, a recordação da sua antiga má ação e seu banimento de Rama. Assim aflito, de cabeça baixa, o rei dirigiu-se à rainha em voz vacilante: "Ó Kaushalya, sempre compassiva para com teus inimigos, eu te suplico, com as palmas unidas, para não me olhar com

216 Soma: uma libação sagrada oferecida aos deuses.

hostilidade. Ó senhora, para a esposa, o marido é um deus seja ele virtuoso ou desprezível, essa é a lei eterna. Eu sei que tu és sábia e familiarizada com o que é próprio e impróprio, não é adequado que tu pronuncies essas palavras ferinas".

Ouvindo esse discurso queixoso, lágrimas brotaram dos olhos da rainha como chuva caindo, e tomando as mãos dele nas dela, ela dirigiu-se ao rei, dizendo: "Ó senhor, não te aflijas, fica em paz, vê, eu coloco minha cabeça a teus pés, não supliques a mim, isso é como a morte para mim! Eu falei o que não devia ser proferido, perdoa a minha transgressão! É a mulher que não

é de família nobre que espera que seu marido a solicite com palavras humildes. Ó majestade, eu conheço o dever de uma mulher e sei que tu és um amante da virtude. O que eu disse foi proferido involuntariamente por aflição por causa do meu filho. A aflição destrói a paciência, a aflição destrói a compreensão, não há nada mais destrutivo que a aflição! O golpe de um inimigo desconhecido pode ser suportado, mas o sofrimento decorrente da aflição não é fácil de suportar, mesmo com resignação. Essa é apenas a quinta noite desde o exílio de Rama, mas para mim elas são como cinco anos. A tristeza afastou toda a alegria do meu peito e por causa de Rama a minha dor aumenta, agitando o meu coração como as águas de um rio que flui rapidamente perturbam o oceano”.

Enquanto a rainha ainda falava, o sol declinou e a noite caiu. Consolado pelas palavras da rainha Kaushalya, o rei, cansado pela tristeza, caiu no sono.

Capítulo 63 – Ele recorda uma má ação que é a causa dessa angústia atual

Uma hora inteira tendo passado, o rei acordou e foi tomado de angústia. Ele começou a refletir profundamente, mas sua mente estava nublada pela dor e, embora igual a Indra, a morte ameaçava agarrá-lo como Rahu<sup>217</sup> agarra o sol.

Na sexta noite após o exílio de Rama, o rei lembrou-se novamente da sua antiga má ação, e agitado pela lembrança de seu pecado, ele se dirigiu à rainha Kaushalya: "Ó Kalyani, ó auspiciosa, do que quer que o homem faça, seja bom ou mau, ele colhe o fruto. É considerado ignorante aquele que não considera o mérito ou demérito das suas ações antes de executá-las. Ó rainha, aquele, que, apreciando as flores vermelhas da árvore palasa, derruba a árvore de manga adjacente e ainda deseja compartilhar da manga, não realiza a sua expectativa quando a palasa dá frutos. Aquele que, que, sem se importar com as consequências, entra em ação, no fim se arrependerá como o homem que rega a árvore palasa.

"Ó senhora, eu cortei a árvore de manga e reguei a árvore palasa, agora, quando o fruto está maduro, eu também, tendo banido Rama, me arrependo amargamente. Ó Kaushalya, para ser estimado como um arqueiro, na minha juventude, eu guiava as minhas flechas apenas pelo som, e um ato grave foi cometido por mim. Eu sou a causa dessa presente aflição. Ó rainha, como uma criança engole veneno por ignorância, assim eu destruí a minha felicidade por esse ato cometido antigamente por ignorância. Como alguém enganado pela beleza da flor palasa a rega na expectativa dos frutos doces (da manga), assim eu cultivei o fruto que eu agora colho, por disparar a um som. Ó senhora, naquele tempo nós não éramos casados e eu era herdeiro presuntivo.

217 Rahu: um demônio mítico dito causar o eclipse do sol ou da lua.

"Naquela época, a estação chuvosa estando próxima, o aumento do desejo tendo chegado, o sol secando a terra, causticando o mundo com seus raios, entrou no caminho do sul. Então o calor diminuiu e nuvens refrescantes cobriram o céu, deleitando os pavões, as rãs e as andorinhas. As aves, encharcadas com a chuva, passavam a noite em angústia, jogadas para lá e para cá sobre as árvores pelos ventos úmidos. As águas límpidas nas correntes escuras e túrgidas dos depósitos do solo da montanha fluíam adiante lentamente.

"Naquela estação encantadora, levando meu arco e flechas na minha carruagem, eu cheguei à margem do rio Sarayu, desejando caçar. Posicionando-me em um vau onde búfalos, elefantes e tigres iam beber à noite, eu ouvi o som como o de um jarro sendo enchido com água na escuridão. Não vendo nada e julgando que aquele era o som de um elefante, eu tirei da minha aljava uma flecha mergulhada no veneno de uma cobra e a disparei para onde vinha o som. Tendo disparado a flecha afiada e envenenada, eu ouvi a voz de um jovem gritando, e ele, perfurado no flanco, caiu exclamando, "Quem atirou em um asceta que não tem inimigo no mundo todo? Desejoso de buscar água, eu vim aqui na calada da noite. Que mal eu fiz àquele que me atingiu? Por que eu, que vivo de frutas e raízes na floresta e não feri ninguém por palavras ou por atos,



deveria ser morto por armas? Que ganho há em destruir alguém que usa cascas de árvores e peles de veado? A quem eu prejudiquei? Tal ato é contrário à lei, como alguém que não respeita o leito de seu guru é considerado um indivíduo dissoluto, assim aquele que me feriu injustamente não pode ser um homem virtuoso. Eu não me aflijo pela perda da minha própria vida, mas pelo que vai acontecer aos meus pais, quando eu morrer! À qual condição eles serão levados após a minha morte, aquele casal idoso sustentado por mim por tanto tempo? Minha mãe, meu pai e eu fomos mortos por uma única flecha! Por qual o homem tolo todos nós fomos mortos?"

"Ó Kaushalya, eu, sempre desejoso de adquirir virtude e me abstendo do que era mau, ouvindo essa triste queixa, fiquei extremamente angustiado e o arco caiu das minhas mãos. O lamento do sábio me causou a aflição mais profunda, e, oprimido pela dor, eu avancei para onde ele jazia, ferido pela minha flecha. Lá eu o vi deitado no chão, com o cabelo desgrenhado, seu corpo coberto de sangue e poeira, a água se derramando do seu loshta<sup>218</sup> que jazia a uma certa distância dele. Ao me ver ali de pé consternado, ele me encarou com seu olhar como se ele fosse me consumir, e disse: 'Ó rei, que mal eu, um morador da floresta, fiz a ti, que tu me feriste ao buscar água do rio para os meus pais idosos? Tu infligiste um ferimento mortal pela tua seta e desse modo mataste minha mãe e meu pai também, que, fracos, idosos e cegos, e vítimas de sede extrema, aguardam a minha volta. Afligidos pela sede,

eles estão esperando pelo meu retorno. Ai de mim! Que fruto eu obtive pela prática de penitência e a audição do Veda e dos Puranas<sup>219</sup> já que o meu pai não sabe que eu estou jazendo mortalmente ferido aqui? No entanto, se ele soubesse, o que ele poderia fazer, já que ele é cego e aleijado? Como uma árvore cortada não pode apoiar outra, assim os meus pais cegos e aleijados não podem me ajudar. Ó rei, vai rapidamente até o meu pai e o informa da minha situação. Eu temo que ele te amaldiçoe e te consuma como o fogo queima a madeira! Ó rei, o caminho visto por ti leva à cabana dos meus pais. Vai lá e os concilia, ó rei, para que eles não se enfureçam e te amaldiçoem. Ó rei, livra o meu lado dessa flecha; essa seta penetrando meu corpo parece um rio que leva a margem longa e arenosa’.

218 Loshta: um pequeno recipiente de coco ou metal usado para pedir esmolas ou para propósitos cerimoniais.

219 Puranas: Lendas, ou antigos poemas épicos.

“Ó senhora, eu refleti que, enquanto a seta permanecesse fixa ele não morreria, embora sofrendo grande dor, mas que se eu a extraísse ele certamente pereceria. O filho do muni, vendo-me aflito e lendo meus pensamentos se dirigiu a mim em grande agonia e disse: ‘Ó rei, embora em angústia e confuso, com meu corpo tremendo de dor e prestes a morrer, eu ainda sou capaz

para controlar minha aflição e estou em paz. Põe de lado os teus medos, ó rei, embora o teu pecado seja grave, tu não mataste um brâmane.<sup>220</sup> Ó rei, eu nasci de uma mãe shudra e de um pai vaishya'.

"Enquanto ele falava, com seus olhos revirados, seu rosto empalidecido, lutando e tremendo no chão, eu retirei a seta e ele, olhando para cima em agonia, morreu.

"Ó rainha, profundamente aflito, eu vi aquele tesouro da verdade, lamentando, com seu corpo banhado em suor, no ato de abandonar sua vida".

#### Capítulo 64 – Dominado pela dor o rei morre

O rei, aflito após a separação de seu filho, continuou a descrever o ato infame, o assassinato do jovem asceta, à rainha e disse:

"Ó Kaushalya, tendo inadvertidamente cometido esse ato cruel, eu, profundamente angustiado, refleti sobre o que poderia então ser feito e decidi procurar os pais e conciliá-los. Pegando o jarro, cheio de água, eu o levei ao eremitério do asceta e lá vi sua mãe e seu pai, idosos e fracos, sentados juntos, como duas aves desprovidas de suas asas. Imóveis, privados por mim do seu amparo, eles estavam sentados, conversando sobre seu

filho e aguardando a água. A minha mente estava nublada pelo pesar e eu estava temeroso, mas vendo o par idoso, a minha angústia foi aumentada em mil vezes.

"Ouvindo o som dos meus passos, o pai falou: 'Ó meu filho, por que tu demoraste tanto? Dá-me água rapidamente, ó filho, por que tu estiveste te distraíndo na água? Vem depressa para o eremitério, a tua mãe está extremamente ansiosa. Ó meu filho, se de algum modo a tua mãe fez algo que te desagradou, cabe a ti te esquecer disso. Tu és o único amparo para nós que somos cegos e aleijados; tu és os nossos próprios olhos, as nossas vidas dependem de ti, por que tu não falas conosco?'

"Contemplando o muni, e como alguém extremamente consternado, eu proferi palavras desarticuladas, então, pela força de vontade, controlando a minha fala, eu contei a ele todo o infortúnio. Lentamente, eu narrei para o sábio o destino infeliz que se abateu sobre o seu filho e disse: 'Ó mahatma, eu não sou teu filho, o meu nome é Dasaratha e eu sou um kshatriya. Um ato pecaminoso foi cometido por mim do qual eu agora me arrependo. Ó senhor, armado com arco e flecha eu vim para a margem do Sarayu para caçar o elefante, tigre ou leão que pudesse ir lá para beber. Ouvindo o som de um jarro sendo enchido com água e supondo que era um elefante, eu disparei uma seta, e chegando à margem do rio vi um asceta deitado no chão perfurado no coração pela minha arma. Ó senhor, tendo confundido o teu filho, que tinha ido buscar água, com um elefante, eu o matei com uma flecha disparada ao

ouvir aquele som. A pedido dele eu extraí a flecha do seu coração causando-lhe

220 Um pecado mortal, os cinco pecados mortais sendo: matar um brâmane, beber licor intoxicante, roubar, cometer adultério com a esposa do preceptor espiritual e ter amizade com aqueles culpados dos acima mencionados.

dor e ele deixou essa vida lamentando por seus pais cegos. O teu filho foi morto de repente e inadvertidamente por mim sem intento; o que era para acontecer, foi realizado. Tu és um sábio, agora faze o que tu consideras adequado’.

“Ouvindo a história da má ação dos meus próprios lábios, o sábio se absteve de pronunciar uma maldição sobre mim. Com os olhos cheios de lágrimas e seu coração angustiado, ele se dirigiu a mim que lhe suplicava com as palmas unidas: ‘Ó rei, se tu mesmo não tivesses confessado essa má ação para mim, a tua cabeça se partiria instantaneamente em mil pedaços pela minha maldição. Ó rei, o assassinato de alguém que mora na floresta por um kshatriya faz com que ele perca a sua condição, mesmo se ele for Indra. Se alguém ataca intencionalmente um sábio ou preceptor espiritual com uma arma, a sua cabeça é partida em sete pedaços. Tu ainda vives, uma vez que a ação foi feita por ti sem intenção, do contrário tu e toda a Casa de Raghu pereceriam’.

"Ó Kaushalya, o sábio disse: "Leva-me ao lugar onde jaz o corpo do meu filho, eu desejo me familiarizar com o seu estado final. Ai de mim! Sob o decreto do destino ele está jazendo sem vida sobre a terra, com seu corpo coberto de sangue, despojado da pele de veado anteriormente usada por ele".

"Ó Kaushalya, levando o sábio profundamente angustiado e sua esposa àquele local, eles tocaram com seus dedos o corpo sem vida de seu filho. Aproximando-se do lugar, eles abraçaram o corpo morto de seu filho, o pai gritando: 'Ó filho, tu não estás nos dando as boas vindas hoje, nem tu falas comigo. Por que tu estás jazendo no chão, tu estás insatisfeito? Ó meu filho, se tu estás zangado comigo, dá atenção à tua mãe virtuosa. Por que tu não me abraças e me falas palavras ternas? Agora que metade da noite se foi, quem vai ler as Escrituras e os Puranas em voz gentil para mim? Ó meu filho, quem realizará as nossas abluções matinais e, depois de oferecer suas devoções da manhã, nos servirá e consolará? Desamparados e privados de recursos, quem colherá raízes, bagas e frutos para mim na floresta, e me alimentará, como um convidado amado? Ó meu filho, como eu nutrirei e sustentarei a tua mãe, cega, asceta e dedicada ao seu filho? Ó meu filho, fica, fica, não entra ainda na residência de Yama. Amanhã a tua mãe e eu te acompanharemos. Sem ti nós estamos angustiadíssimos, desamparados e desprovidos de amparo, nós vamos te acompanhar para a morada de Yama. Vendo o Senhor da Morte, nós lhe diremos: "Perdoa as nossas

transgressões do passado que nos levaram a ser separados de nosso filho e o deixa ainda ser o nosso amparo. Dá-nos essa bênção, ó Senhor da Morte, e nos torna livres do medo. Tu és justo e o renomado protetor do teu reino! Ó meu filho, tu és inocente e foste morto por um homem pecador, portanto, pelo poder da verdade, entra na morada dos heróis. Vai, meu filho, para aquele estado elevado atingido por aqueles que seguem a verdade e são mortos pelas mãos de seus inimigos, sem recuar. Vai para aquela região sublime alcançada por Sagara,<sup>221</sup> Shivya,<sup>222</sup> Dilipa,<sup>223</sup> Janamejaya,<sup>224</sup> Nahusha<sup>225</sup> e Dhundhumara.<sup>226</sup> Que o estado alcançado por aqueles versados no Veda e que praticam austeridades seja teu. Que o estado, ó meu filho, daqueles que cuidam do

221 O rei cuja história foi contada em um capítulo anterior. [No capítulo 38 do Livro I].

222 Shivya ou Sivi: rei de Usinara cuja caridade e devoção são glorificadas no Mahabharata, [Vana Parva, cap. 196].

223 Dilipa: pai de Bhagiratha que trouxe o Ganges para a terra.

224 Janamejaya: um dos reis virtuosos e grandiosos dos tempos antigos.

225 Nahusha: pai de Yayati.

226 Dhundhumara: matador do demônio Dhundhu, um título do rei Kuvalayaswa. [Kualaswa; Mahabharata, Vana Parva, cap. 200].

fogo sagrado, daquelas pessoas muito generosas que fazem doações de terra em caridade, que aquele estado adquirido por aqueles que dão milhares de vacas em caridade e servem seu guru determinadamente, ou aqueles que procuram a morte pelo fogo em meditação, seja teu. Ninguém nascido na tua família jamais desceu a um estado inferior, mas aquele que matou nosso filho acabará na miséria”.

“Assim, por um longo tempo lamentando em angústia, os pais idosos começaram a oferecer água cerimonial para seu filho morto. O filho daquele sábio em virtude de suas ações meritórias ascendendo para o céu em uma forma celestial, na companhia de Indra dirigiu-se aos seus pais com palavras consoladoras, dizendo: “Em virtude dos meus serviços a vocês, eu obtive esse estado, vocês, também, em breve se juntarão a mim aqui”. Depois disso, aquele asceta autocontrolado subiu ao céu em uma carruagem aérea. Ó senhora, aquele grande sábio com sua esposa realizando o ritual de água, disse para mim que estava perto com as palmas unidas: ‘Ó rei, agora põe um fim na minha vida também, eu não sinto tristeza em morrer. Esse era o meu único filho e por matá-lo tu me tornaste sem filhos. Como ele foi morto por ti, eu pronuncio uma maldição sobre ti. Que tu sofras a mesma dor que tu causaste a mim,



através da separação de teu filho, terminando na tua morte. Ó rei, tendo matado o sábio não intencionalmente, a culpa de matar um brâmane não será tua. Como o distribuidor de caridade recebe o mérito daquelas doações, assim tu padecerás na proporção do sofrimento que tu me causaste, pondo um fim à tua vida”.

”Ó rainha, depois de ter me amaldiçoado, eles lamentaram por algum tempo e, em seguida, juntando madeira, acenderam uma fogueira e entrando nela partiram dessa vida. Ó senhor, hoje me lembrando daquela má ação, cometida irrefletidamente na minha juventude, por disparar a seta pelo som, o fruto da minha ação me alcançou, como a doença vem depois da ingestão de alimentos nocivos. Ó senhora nobre, chegou a hora da realização da maldição do sábio ”.

Tendo dito isso, o rei, chorando e temeroso pela aproximação da morte, falou novamente: ”Ó Kaushalya, eu sou prestes a abandonar minha vida por causa do sofrimento pelo meu filho, eu não consigo te ver, te aproxima e me toca. Aqueles prestes a entrar na morada da morte não distinguem nada. Se Rama pudesse me tocar por um instante, ou receber a minha riqueza e a regência, eu ainda poderia viver. Ó senhora auspiciosa, eu não tratei Rama justamente, mas o que ele fez para mim é certo. Qual homem previdente abandonaria até mesmo um filho pecaminoso? Mas qual filho, enviado para o exílio não pensaria mal de seu pai? Ó Kaushalya, eu já não te vejo, a minha memória também está enfraquecendo. Ó rainha, os

mensageiros da morte me chamam para partir; qual aflição é maior do que esta, que na hora da morte eu não vejo o virtuoso Rama, o herói da verdade? A dor causada pela ausência do meu filho, que nunca se opôs aos meus desejos, seca a minha vida como o calor seca a água. Eles não são homens, eles são deuses, que olharão para aquele rosto adorável de olhos de lótus e feições encantadoras após quatorze anos! Abençoados são aqueles que verão a face de Rama parecida com a lua cheia, retornando para Ayodhya. Felizes são eles que irão contemplar Rama na capital, como o planeta Shukra,<sup>227</sup> completando sua trajetória nos céus. Ó Kaushalya, meu coração está partido, eu perdi o sentido do tato, paladar e som. Quando a mente expira, os sentidos se extinguem como a chama de uma lâmpada diminui quando o óleo é consumido. Ó Aflição, tu estás me destruindo e levando embora a minha vida como um rio leva as margens por sua força! Ó príncipe, ó herói poderoso, ó único

<sup>227</sup> Shukra: o planeta Vênus.

removedor da minha dor, ó querido do teu pai, ó meu mestre, meu filho, onde tu estás? Ó Kaushalya, ó virtuosa Sumitra, eu parto! Ó minha cruel inimiga Kaikeyi, destruidora da felicidade da minha família”.

Assim lamentando, o rei morreu na presença da mãe de Rama e da rainha Sumitra.

Dominado pela dor causada pelo exílio de seu filho, aquele rei generoso e poderoso rei, à meia-noite, morreu.

### Capítulo 65 – O palácio se enche com o som do pesar

A noite tendo passado, ao amanhecer, segundo o costume, os bardos chegaram ao palácio do rei, os cantores tradicionais, os versados em retórica e na história da dinastia, e músicos habilidosos familiarizados com ritmo e melodia, começaram a cantar os louvores do rei. O som de seus elogios e de suas canções encheu todo o palácio. Outros proferindo tributos e batendo palmas recitaram os atos admiráveis do monarca. As aves nas árvores perto do palácio e aquelas confinadas em gaiolas acordaram e cantaram. Suas notas se misturaram com as saudações dos brâmanes, a música das vinas, o canto dos santos nomes de Deus e os louvores daqueles que descreviam as grandes obras do rei. Eunucos e servos ficaram perto, prontos para servir, como era seu costume. Aqueles que cuidavam das abluções do rei trouxeram água perfumada com perfumes fragrantes, em jarros de ouro. Homens e mulheres graciosos e bem-vestidos vieram com óleo, unguentos, espelhos, pentes, toalhas e outros artigos e tudo o que era

necessário pelo rei foi providenciado segundo o costume. Até o nascer do sol, todos esperaram o rei, então eles se dirigiram uns aos outros dizendo: "Como é isso, sua majestade ainda não se levantou?" Então as mulheres, exceto Kaushalya, que anteriormente atendiam o rei, começaram a despertar seu senhor como era o seu hábito. Tendo com afeto e habilidade tocado o corpo do monarca, elas não encontraram nenhum sinal de vida nele. Então as mulheres, que conheciam bem o movimento do pulso e compreendiam os sinais do sono, começaram a tremer percebendo a condição do rei. Temendo que o rei já não respirasse, elas se agitaram como a grama narcal228 no meio de um rio corrente, e lentamente ficaram cientes de que seu soberano havia falecido.

As rainhas, Kaushalya e Sumitra, tomadas pela dor por conta da partida de seus filhos, jaziam como mortas. O sofrimento tinha tornado a rainha principal pálida e o seu corpo frágil. As duas rainhas, com seu esplendor diminuído pela tristeza, pareciam as estrelas escondidas pelas nuvens.

Vendo as duas rainhas jazendo inconscientes e o rei morto, as mulheres choraram alto em aflição.

Pelo lamento das mulheres atendedoras, como elefantas privadas de seu líder, Kaushalya e Sumitra voltaram a si. Tocando o corpo do rei e encontrando-o frio, elas caíram sem sentidos, gritando: "Ó, meu senhor", "Ó, meu senhor". Jazendo no chão, coberta de poeira, a rainha Kaushalya se assemelhava a uma estrela caída do céu.

228 Grama narcal: uma espécie de junco.

O rei estando morto, as senhoras dos aposentos internos viram a rainha deitada no solo como um naga<sup>229</sup> fêmea. As outras consortes do rei, com Kaikeyi, tomadas pela dor, caíram inconscientes ao chão.

Os lamentos das mulheres na parte interna, e aqueles que então os seguiram, encheram todo o lugar. A residência real, desprovida de alegria e cheia com o som do pesar, estava repleta de parentes e amigos aflitos lamentando e chorando. As rainhas, atingidas pela tristeza, lamentando copiosamente, como órfãs apegando-se ao seu pai morto, seguraram os braços do monarca poderoso.

Capítulo 66 – Os habitantes de Ayodhya lamentam por seu senhor

Kaushalya colocou a cabeça do rei morto, semelhante a um fogo extinto ou a um oceano sem água ou ao sol sem brilho, em seu colo, e oprimida pela dor, assim se dirigiu Kaikeyi: "Ó Kaikeyi, a tua ambição está realizada, agora governa sem mais oposição. Tendo abandonado o rei, desfruta do reino com teu filho, ó tu de má conduta! Rama tendo partido e o rei também, eu pareço um viajante em um caminho perigoso e difícil sem os seus companheiros. Não há mais alegria na vida para mim! Ai de mim! Qual mulher desprovida de seu senhor, sua divindade, desejaria continuar a viver? Só Kaikeyi é assim, tendo abandonado toda a virtude. Os gananciosos desconsideram as consequências dos seus atos, como um homem faminto devorando alimento venenoso sem considerar seus efeitos. Ai! Kaikeyi destruiu a dinastia de Raghu por instigação de uma mulher corcunda! Quão amargamente o rei Janaka vai lamentar, ao saber que o rei Dasaratha, incitado por Kaikeyi, exilou Rama juntamente com sua consorte. Rama de olhos de lótus, sem saber que o rei está morto, não sabe que eu, hoje, estou sem mestre e sou uma viúva! A filha do rei Janaka, a infeliz Sita, indigna de aflição sofrerá intensamente na floresta. Ouvindo o rugido temível de leões e tigres, na noite escura, ela irá se agarrar aterrorizada a Rama. O idoso Janaka, cuja única filha é Sita, seguramente morrerá de tristeza quando souber dos sofrimentos infligidos à sua filha! Eu, hoje, por devoção pelo meu senhor, entrarei no fogo ardente abraçando o corpo dele".

Ouvindo essas palavras, o ministro chefe, versado na tradição, afastou a rainha Kaushalya do corpo do rei, e colocando-o em um recipiente cheio com óleo, para preservá-lo, realizou as cerimônias necessárias. Os conselheiros familiarizados com os deveres consagrados pelo tempo não estavam dispostos a cremar o corpo do rei na ausência do príncipe. Quando o corpo foi baixado para o recipiente cheio de óleo, as mulheres do palácio choraram amargamente, exclamando: "Ai, o rei está morto". Levantando os braços, derramando lágrimas e pranteando lamentavelmente, elas gritaram: "Ó rei, tendo nos separado da Rama de fala agradável, por que tu, também, nos abandonaste? Como nós viveremos com a mal-intencionada Kaikeyi, que exilou Rama e matou seu marido? Ai de nós! Shri Rama, o principal amparo da nossa vida, foi para a floresta, renunciando à sua parte real. Como nós podemos viver sob as repreensões e a tirania de Kaikeyi, na ausência de Rama e de ti? Será que ela que exilou Rama, o poderoso Lakshmana e Sita e abandonou o rei não nos abandonará também?"

Então as principais rainhas, as consortes do rei Dasaratha, dominadas pela tristeza, derramando lágrimas, se sentiram desprovidas de toda felicidade. Como

229 Naga: um da raça de serpentes.

uma noite sem lua ou uma mulher adorável e jovem sem seu marido, a cidade de Ayodhya parecia arrasada. Cheia de homens e mulheres chorando e lamentando, a cidade não estava varrida, e seus caminhos estavam sem adornos! O grande soberano, tendo, por aflição pela separação de seu filho, abandonado sua vida, as rainhas choraram deitadas no chão, até que o sol desceu abaixo do horizonte e a noite escura chegou.

Os amigos e parentes do monarca, deliberando entre si, estando relutantes em cremar o corpo do rei na ausência de seu filho, o colocaram, portanto, em um recipiente de óleo.

O rei estando morto, os habitantes da cidade encheram as ruas e pátios, lamentando por seu senhor, fazendo Ayodhya se assemelhar à noite desprovida de estrelas. Homens e mulheres se reuniram, criticando a mãe de Bharata, a rainha Kaikeyi. Todos estavam perturbados e desprovidos de alegria!

Capítulo 67 – Os anciões recomendam que um membro da família de Ikshvaku seja nomeado rei

Para os habitantes da cidade, lamentando e chorando, a noite foi como uma montanha alta, escalada com dificuldade. O sol tendo surgido, os brâmanes conselheiros do reino se reuniram



na assembleia real, mesmo aqueles ilustres, Markandeya, Vamadeva, Kasyapa, Gautama, Katyayana e Javali. Esses sábios de renome, juntamente com os ministros, tomando seus lugares na presença do excelente Vasishtha o sumo sacerdote, declararam sua opinião, dizendo: "A noite passada foi como cem anos para nós. Aflito por causa da partida de seu filho, o rei abandonou sua vida. O rei está morto e Shri Rama foi para a floresta, junto com o poderoso Lakshmana. Os príncipes Bharata e Shatrughna estão na capital do reino de seu avô materno. Um membro da Casa de Ikshvaku deve ser nomeado rei para que o país não caia em ruínas. Em um reino desprovido de um soberano, nuvens carregadas de relâmpagos e trovões derramam chuva e granizo! Em uma terra sem governante, os lavradores não semeiam grãos; pais e filhos se opõem uns aos outros e esposas não mais permanecem sujeitas aos seus maridos! Em uma terra sem governante, não há paz, ladrões e salteadores exercem seu poder; mulheres, infiéis aos seus consortes deixam os seus lares! Onde as mulheres perdem a sua virtude, a confiança é também perdida. Em uma terra sem governante, não há assembleias, nem as pessoas visitam parques agradáveis e jardins ou constroem templos e casas de repouso. Em uma terra assim, os brâmanes autocontrolados não oferecerem sacrifícios nem aqueles de votos piedosos os auxiliam no rito sagrado. Em uma terra sem governante, os brâmanes não recebem a sua parte devida das taxas sacrificais; nem atores, nem regentes de música ou dança encontram alegria em tal terra. Os festivais sagrados que

promovem a prosperidade da terra não são mais celebrados, nem aqueles que recitam a tradição sagrada dão satisfação aos seus ouvintes. Em uma terra sem governante, virgens enfeitadas com ornamentos dourados não frequentam os jardins floridos no fim do dia, nem os devotos do prazer, em carros velozes em companhia de donzelas encantadoras, se dirigem para a floresta. Em tal terra, os ricos não são protegidos, nem o lavrador, o vaqueiro e o pastor dormem tranquilos com portas abertas. Em uma terra sem governante, grandes elefantes de sessenta anos de idade não vagueiam nas estradas reais adornados com sinos tilintantes. O som do arco do arqueiro não é mais ouvido, nem

os comerciantes percorrendo as estradas em segurança trazem as suas mercadorias para vender de terras distantes. Em uma terra sem governante, o sábio autocontrolado, fixando sua mente, em contemplação, na sua identidade com o espírito que permeia tudo, não recebe hospitalidade quando a noite cai. A riqueza não é inatacável, nem as necessidades do homem são supridas, os exércitos não têm líderes, nem podem se igualar ao inimigo na guerra. Em uma terra sem governante, nenhum homem, trajado esplendidamente, andando em uma carruagem excelente, puxada por corcéis velozes, pode sair sem medo; nem o erudito discutidor pode propor suas doutrinas na cidade ou na floresta. Em tal terra, guirlandas e doces, esmolas ou outros presentes, não são oferecidos por adoradores como um

sacrifício, nem na primavera, os príncipes, como árvores florescentes, adornados com sândalo e âmbar gris, caminham no exterior. Um reino sem um soberano é como um rio sem água, uma floresta sem vegetação, ou uma vaca sem um dono. Como uma carruagem é conhecida por seu estandarte, como um fogo é indicado pela fumaça, assim o rei, uma luz que representa o reino, foi extinto. Os homens não amam a sua própria espécie em uma terra sem governante, mas massacram e devoram uns aos outros. Os ateus e materialistas, ultrapassando os limites de sua casta, assumem domínio sobre outros, não havendo rei para exercer controle sobre eles. Como os olhos continuamente indicam o que é perigoso para o corpo, promovendo o seu bem-estar, assim o rei sempre considera a vantagem de seu povo, promovendo a verdade e a conduta ética. O rei conduz o seu povo no caminho da retidão e os guia em integridade, ele é o pai dos seus súditos e o maior dos benfeitores. No caminho do dever ele supera até Yama, Kuvera, Indra e Varuna. O rei, discernindo o bem e o mal, protege o seu reino; sem ele, o país está envolto em escuridão. Ó santo Vasishtha, enquanto o rei vivia, nós obedecíamos aos teus<sup>230</sup> mandatos como o mar se mantém dentro dos seus limites. Ó grande brâmane, considera as nossas palavras e o perigo que ameaça esse nosso reino, e nomeia alguém como rei se ele for da Casa de Ikshvaku”.

## Capítulo 68 – Mensageiros são enviados ao príncipe Bharata

Shri Vasishtha, tendo ouvido o pronunciamento dos ministros e brâmanes, disse: "O rei legou o reino a Bharata, que, com seu irmão mora feliz na casa do seu tio materno, portanto, despachem mensageiros velozes rapidamente, para trazer de volta os dois príncipes. Isso e nada mais deve ser feito".

Então todos disseram: "Que assim seja, ó senhor".

Vasishtha disse então a Siddartha, Vijaya, Jayanta, Asoka e Nandana:<sup>231</sup> "Venham aqui e prestem atenção ao que eu lhes mando fazer: em cavalos velozes partam para a cidade de Rajagraha e, escondendo todos os sinais de tristeza, abordem o príncipe Bharata desta maneira: 'O santo sacerdote Shri Vasishtha e seus conselheiros te saúdam e te informam que um assunto urgente aguarda a tua atenção na capital'".

"Tenham cuidado para não revelarem a ele a queda da dinastia de Raghu nem falem do exílio de Rama ou da morte do rei. Levem com vocês mantos de seda

230 Shri Vasishtha sendo o preceptor espiritual do rei.

231 Ministros do rei.

e gemas excelentes para o rei de Kaikeya e para o príncipe Bharata, e partam sem demora”.

Os mensageiros receberam as ordens de Shri Vasishtha e tomando providências para a viagem foram para as suas próprias casas. Em seguida, montando cavalos velozes, habituados a viagens prolongadas, eles partiram para o reino de Kaikeya.<sup>232</sup> Tendo se despedido do santo Guru, equipados com provisões, eles partiram com pressa. Sua rota, ao longo da margem do Malini, ficava ao sul entre a montanha Uparathala e ao norte de Pralamba. Eles cruzaram o sagrado Ganges em Hastinapura e foram para o oeste chegando a Panchala (Punjab) por meio de Kuru Jangala. No caminho, eles viram muitos lagos cheios de água límpida e córregos translúcidos e, passando adiante rapidamente, alcançaram o rio Sharadanda, cheio de água pura e frequentado por muitas espécies de aves aquáticas.

Na margem daquele rio crescia a árvore sagrada Satyapayachan, à qual os mensageiros prestaram homenagem e, em seguida, entraram na cidade de Kalinga. Passando pela aldeia de Abikala, eles atravessaram o rio Ikshumati brotando da montanha Bodhibhavana, um território antigamente pertencente à Casa de Ikshvaku. Lá os mensageiros beberam a água do rio das palmas de suas mãos e encontraram certos brâmanes versados no Veda.

Atravessando a terra de Vahlíka, eles avistaram a montanha Sudamana que tinha as marcas dos pés de Vishnu, e a adoraram devidamente. Eles viram os rios Vipasha e Shalmali e muitas piscinas, lagos e reservatórios. Seguindo adiante em sua jornada, de acordo com as instruções do seu mestre, eles viram leões, tigres, elefantes e outros animais.

Depois de um longo período os cavalos ficaram fatigados, mas os mensageiros prosseguiram para a cidade de Giribraja no reino de Kaikeya. Para realizar a vontade do seu senhor e preservar a dinastia real e a honra da Casa de Dasaratha, sem relaxar o seu passo, os mensageiros entraram na cidade ao cair da noite.

## Capítulo 69 – O sonho inauspicioso do príncipe Bharata

Na noite em que os mensageiros chegaram à cidade, o príncipe Bharata teve um sonho muito inauspicioso. Vendo aquele sonho ruim, o filho do imperador, quando a noite terminou, estava muito angustiado. Seus amigos íntimos, os companheiros da sua própria idade, vendo-o em aflição, falaram palavras agradáveis na assembleia e contaram tradições engraçadas para distrair sua mente. Alguns tocaram vinas para o seu entretenimento, outros dançaram, atuaram e narraram histórias.

Apesar dos esforços de seus companheiros amáveis, o príncipe Bharata permaneceu melancólico. Por fim, eles se dirigiram a ele, dizendo: "Ó amigo, nós temos tentado, em vão, entreter-te, por que tu não sorris?"

Bharata respondeu: "Ouçam a causa da minha tristeza. Em um sonho, eu vi meu pai em traje desbotado, com o cabelo despenteado, caindo de um pico de montanha em um poço de estrume de vaca. Lá, eu vi aquele grande rei,

232 ["O Kekayas ou Kaikayas no Punjab figuram entre as principais nações na guerra do Mahabharata; seu rei sendo um parente de Krishna". - Griffith].

chafurdando como um sapo e bebendo óleo das palmas de suas mãos; depois, eu o vi comendo arroz misturado com sementes de gergelim, com seu corpo lambuzado com óleo, ele estando imerso nisso. Além disso, nesse sonho, eu vi o mar secar e a lua cair sobre a terra e o mundo mergulhado na escuridão. As presas dos elefantes reais se quebraram em pedaços e um fogo ardente de repente foi extinto. Eu vi a terra partida e as folhas das árvores murcharem e as montanhas fendidas e emitindo fumaça. Eu vi o rei em um assento de ferro, vestido de preto e mulheres vestidas de preto e amarelo zombando dele. Aquele rei virtuoso, enfeitado com pasta de

sândalo, usando guirlandas de flores vermelhas, sentado em uma carruagem puxada por burros foi para o sul. Eu vi um demônio fêmea de forma monstruosa e vestida de vermelho ridicularizando o rei. Essa visão terrível foi vista por mim. Ou eu mesmo ou Rama ou o rei ou Lakshmana certamente iremos morrer. Quando, em um sonho, alguém é visto andando em uma carruagem puxada por burros, a fumaça da sua pira funerária em breve subirá. Por causa disso, eu estou inquieto, nada me dá alegria, minha garganta está sufocada e minha mente confusa. Eu não vejo razão para temer, mas estou apreensivo. Eu não posso falar ou respirar, meu corpo perdeu seu poder, estou agitado e não posso controlar a minha angústia. Eu nunca vi um sonho tão ameaçador! Refletindo sobre isso, eu estou perturbado, o medo tomou posse do meu coração e eu não sei se alguma vez verei o rei novamente”.

Capítulo 70 - A mensagem é entregue, Bharata e Shatrughna partem para o palácio

Enquanto Bharata estava contando o seu sonho, os mensageiros de Ayodhya, dominados pelo cansaço, entraram na cidade de Rajagrahapura dentro do fosso intransponível.

Após se aproximarem do rei de Kaikeya e do herdeiro presuntivo, o príncipe Yudhajita, e sendo recebidos por eles



com a devida hospitalidade, eles se dirigiram ao príncipe Bharata dizendo: "O sumo sacerdote Shri Vasishtha e seus conselheiros enviam saudações! Volta rapidamente para Ayodhya, um assunto urgente aguarda a tua atenção lá. Ó grande príncipe, pegando estas vestes preciosas e ornamentos enfeitados com pedras preciosas enviados para ti, oferece-os ao teu tio materno".

Shri Bharata, aceitando os presentes os ofereceu ao seu tio materno com grande carinho, então, provisionando os mensageiros e os acolhendo devidamente, ele posteriormente lhes disse: "Ó mensageiros, meu pai o rei está bem? O grande Ramachandra está bem, e meu irmão o príncipe Lakshmana? A rainha Kaushalya, a defensora do dharma, está bem de saúde? Ela, que é virtuosa e patrocinadora de brâmanes, que deve sempre ser adorada, que é sábia e a rainha principal? A segunda das rainhas do meu pai, Sumitra, a mãe de Lakshmana e Shatrughna, está bem? E minha mãe Kaikeyi, obstinada, dada à ira, arrogante e julgando-se sábia, está tudo bem com ela? Que mensagem ela enviou para mim?"

Os mensageiros, assim abordados pelo príncipe Bharata, responderam com respeito: "Ó leão entre os homens, aqueles cujo bem-estar é caro para ti estão bem. A prosperidade te aguarda, portanto, convoca a tua carruagem".

O príncipe Bharata disse: "Eu vou pedir permissão ao rei para partir e informar-lhe de que devo ir sem demora".

Desse modo, dispensando os mensageiros, o príncipe Bharata aproximou-se do seu avô e disse: "Sua majestade, incitado pelos mensageiros, eu desejo voltar

para o meu pai às pressas, eu virei novamente, quando tu tiveres a amabilidade de me chamar".

O rei Kaikeya, cheirando a cabeça do príncipe, se dirigiu a ele em palavras confortadoras, dizendo: "Ó Bharata, Kaikeyi é abençoada em ti, um filho virtuoso! Leva as minhas saudações à tua mãe e ao teu pai. Saúda também o sábio Vasishtha, e os brâmanes sábios e piedosos em meu nome e cumprimenta os guerreiros poderosos Rama e Lakshmana".

O rei Kaikeya, então, se despedindo de Bharata, elogiando-o, deu-lhe grandes elefantes e mantos valiosos, tecidos de lã e peles de veado. Ele lhe deu, também, com grande veneração, muita riqueza, dois mil colares, ornamentos de coral e de ouro e seiscentos cavalos excelentes. Ele também enviou conselheiros sábios e confiáveis para atendê-lo. Então o príncipe Yudhajita deu a Bharata dois elefantes imponentes chamados Iravata e Indrasihra e muitas mulas para transportar seus presentes. Seu tio deu-lhe também certos cães ferozes, criados no palácio, com grandes dentes igualando-se aos tigres em força.

Shri Bharata louvou os presentes conferidos a ele e pediu permissão para partir sem demora. Seu coração estava pesado por causa do seu sonho temível e da urgência dos mensageiros.

O príncipe saiu dos aposentos internos do palácio e, cercado por elefantes e cavalos, permaneceu na estrada real. Entrando no apartamento do rei, incontestemente, Shri Bharata se despediu de todos, então subindo em sua carruagem com o príncipe Shatrughna ele iniciou sua jornada. Servos, cavalos, camelos, touros e mulas seguiram a carruagem do príncipe. Escoltado pelos conselheiros particulares do rei, junto com o exército, o paciente e muito valente Bharata juntamente com Shatrughna deixou o palácio destemidamente, como os perfeitos deixam a região de Indra.

Capítulo 71 – O príncipe Bharata vê Ayodhya cheia de pessoas infelizes

Aquele príncipe corajoso e resplandecente, dirigindo-se para o leste, chegou ao rio Suddama, e atravessando-o alcançou o amplo Hladini e o Satali que flui para o oeste. Tendo cruzado o rio em Iladhana, ele chegou a Parvata e ao rio no qual todos os objetos jogados são petrificados, então prosseguindo ele vadeou o rio Shalyakartana. Então o príncipe virtuoso e amante da verdade subiu as montanhas e atravessou o rio Shilavaha perto da floresta Chitraratha, chegando à confluência do Ganges e do Saraswati, e percorrendo a terra de Viramatsya entrou na floresta Bharunda. Finalmente, chegando ao veloz rio

Kulinga inspirador de alegria, que desce das montanhas, ele cruzou o Yamuna e permitiu que seu exército descansasse. Lá, os cavalos cansados foram revigorados e seus seguidores se banharam e beberam, levando água com eles para uso futuro no caminho. Depois disso, o príncipe Bharata entrou na floresta desabitada sobre um grande elefante Bhadra, atravessando-a rapidamente. Descobrimo que não podiam atravessar o Gunga em Unchudhana, eles foram para o lugar chamado Pragavata e cruzando lá passaram por outro rio chamado Kutikoshtaka; em seguida, com seu exército, ele chegou à aldeia de Dharmavardhana. Descansando por um tempo em Varutha, o filho de Dasaratha foi para o leste para a floresta chamada Ujjihana que era cheia de

árvores kedumbra.<sup>233</sup> Chegando aos bosques de árvores sala<sup>234</sup> e bhanduka,<sup>235</sup> Bharata, deixando seu exército seguir lentamente, foi em frente com pressa, parando na aldeia de Sarvatirtha. Então, cruzando o rio Uttamika, ele atravessou vários outros rios com a ajuda de pôneis da montanha. Em Hastiprastaka, ele cruzou o rio Kutika, e em Lohitya, o Sukatavati. Chegando à floresta de Sahavana, tendo atravessado o Sthanumati perto de Eksala, ele cruzou o Gaumati em Vinata. Seus cavalos estando muito cansados pela viagem, o príncipe parou à noite em Salawan e ao amanhecer viu Ayodhya.

Tendo passado sete noites no caminho, vendo Ayodhya de longe, o príncipe disse ao seu auriga: "Ó auriga, esta parece ser a cidade renomada e imaculada de Ayodhya cheia de gramados verdes, mas à distância ela parece uma pilha de pó amarelo; antigamente o som da recitação do Veda era ouvido, entoado pelos brâmanes, e a cidade era frequentada por sábios reais. Hoje, eu não ouço os gritos alegres de homens e mulheres em busca de prazer! Os bosques ao anoitecer antes eram cheios de pessoas, correndo para cá e para lá em diversão, mas hoje eles estão solitários e silenciosos. Ó auriga, isto não é como Ayodhya para mim, mas parece ser um deserto. Os nobremente nascidos não são vistos indo e vindo em carros ou montando elefantes e cavalos. Os jardins de flores outrora ficavam cheios de pessoas alegres e os pomares com aquelas que se alegravam lá! Esses jardins, uma vez cheios de flores e árvores, com bosques e pérgulas agradáveis, hoje parecem lamentar. Eu já não ouço o grito de veados ou das aves cantando com alegria. Ó amigo, por que as brisas, fragrantas com o perfume de sândalo e âmbar gris, não sopram como antigamente sobre a cidade? No passado, o som de tambores e a música da vina eram ouvidos por nós, agora tudo está silencioso! Eu vejo sinais agourentos e maus presságios, a minha mente está pesada por causa desses augúrios. Ó auriga, sem motivo aparente o meu coração bate rápido e dolorosamente, a minha mente está nublada, e a apreensão congela os meus sentidos".

Entrando na capital pelo portão norte, seus cavalos estando tomados pelo cansaço, os guardas, indagando sobre o seu bem-estar, tentaram acompanhá-lo em seu caminho. Mas Bharata, profundamente aflito, recusou sua companhia, embora com a devida deferência.

Ele disse: "Ó auriga, eu vejo as casas com as portas escancaradas, despojadas de esplendor e não emitindo fragrância de incenso ou oferenda sacrificial! Cheias de pessoas infelizes e aquelas que estão em jejum, as casas estão desprovidas de todo esplendor. Guirlandas não pendem de nenhuma residência e os pátios se encontram negligenciados e não varridos. Os templos, sem sacerdotes atendentes, perderam o seu antigo esplendor, ninguém adora os deuses e os pavilhões sacrificais estão desertos. As lojas onde antigamente flores e outras mercadorias eram vendidas estão negligenciadas, e os comerciantes parecem deprimidos e ansiosos pela cessação de seu comércio. Aves nos bosques sagrados parecem sem alegria e homens e mulheres em trajes sujos, chorando e lamentando, abatidos pela dor, vagueiam pela cidade".

Falando assim para o auriga e vendo angústia da cidade, o príncipe Bharata seguiu em direção ao palácio. Contemplando a capital outrora alegre como a cidade de Indra, com as estradas e pátios desertos e as casas cobertas de poeira, ele foi dominado pela angústia. Afetado por esses presságios dolorosos anteriormente

233 Kedumbra: um tipo de acácia.

234 Árvore sala: árvore sal, Shorea robusta.

235 Bhanduka: Calosanthus indica.

desconhecidos por ele, Bharata, de cabeça baixa, com seu coração cheio de medo, entrou no palácio de seu pai.

Capítulo 72 – A rainha Kaikeyi começa a contar o que aconteceu

Não vendo seu pai no palácio, Bharata, desejoso de ver sua mãe, foi ao apartamento dela. Kaikeyi, vendo seu filho depois de uma longa ausência, com o coração alegre, ergueu-se do seu sofá dourado. Observando o apartamento de sua mãe, despojado de esplendor, Bharata reverentemente tocou os pés dela. Ela, tendo beijado a cabeça de seu filho, abraçando-o novamente, o fez sentar-se em seu colo, e disse: "Ó filho, quantos dias se passaram desde que tu deixaste a morada do teu avô? Tendo viajado com pressa, tu não estás cansado? Ó filho, o teu avô e o teu tio estão bem? Dize-me, ó querido, tu tens tido saúde desde que visitaste aquele outro país?"

Shri Bharata, assim questionado por sua mãe, contou tudo o que tinha ocorrido. Ele disse: "Ó mãe, sete dias e sete noites se passaram desde que eu deixei a casa do meu avô. Ele e meu tio estão bem. Os presentes de despedida, de riqueza e gemas, que o rei de Kaikeya me deu, eu deixei no caminho, para virem depois de mim, os animais de carga estando cansados! Os mensageiros que transmitiram as ordens do rei me mandaram voltar com toda velocidade. Agora, ó mãe, responde o que eu pretendo perguntar? Por que esse teu sofá dourado não está ocupado pelo rei? Por que os súditos do rei parecem infelizes? O rei costumava residir principalmente no teu palácio, onde ele está hoje? Eu vim aqui para chegar à sua augusta presença! Onde está meu pai agora? Eu vim oferecer saudações a seus pés. Ele está no aposento da minha mãe principal, a rainha Kaushalya?" Kaikeyi, sabendo tudo o que tinha acontecido, mas cheia de ambição, respondeu ao príncipe Bharata, que até agora desconhecia o assunto. Transmitindo a notícia desagradável em voz melífera, ela disse: "Aquele destino, que inevitavelmente alcança todos os seres, sobreveio àquela grande alma, aquele monarca renomado e poderoso, o amparo de seu povo, teu pai!"

O sincero príncipe Bharata, nascido de uma grande família, ouvindo essas palavras, oprimido pela dor, imediatamente caiu ao chão, e caindo batendo com suas mãos na terra, exclamou: "Ai de mim! Estou perdido!" Aquele príncipe resplandecente, profundamente comovido ao saber da morte de seu pai,



começou a lamentar, gritando: "Nesse sofá, o meu pai se parecia com a lua no outono, hoje, por conta de sua ausência, essa cama agradável parece o céu privado de estrelas ou o oceano sem água!"

Dando suspiros profundos, chorando amargamente e cobrindo o rosto com um tecido, o príncipe continuou a chorar.

A rainha Kaikeyi, vendo Bharata deitado no chão, dominado pela tristeza, como o ramo de uma árvore shala cortado pelos golpes de um machado, o ergueu e disse ao seu filho divino que se parecia com a lua, o sol ou o elefante em esplendor: "Ó filho de um rei! Ó ilustríssimo! Levanta-te! Levanta-te! Homens piedosos como tu não se entregam à dor dessa maneira! Ó sábio! Como o brilho do sol está fixo naquele orbe, assim tu, que és dedicado à caridade, sacrifício e boa conduta e que segues as injunções dos Vedas, deves ficar calmo!"

O príncipe Bharata, rolando no chão, chorou por um longo tempo, e então respondeu à sua mãe tristemente, dizendo: "Ó mãe, pensando que o rei estava a

realizar um grande sacrifício, tendo concedido o trono a Shri Rama, eu vim para casa com grande alegria, mas agora eu vejo que os assuntos são outros e a minha mente está dilacerada pela angústia, já que eu não vejo mais o meu pai sempre magnânimo! Ó mãe, de qual enfermidade o rei sofria, que ele foi levado embora na minha ausência? Como são

afortunados os meus irmãos, Shri Rama e Lakshmana, que realizaram as exéquias do monarca! Se o grande soberano tivesse tido conhecimento do meu retorno, ele não teria abaixado a cabeça e me abraçado? Ai de mim! Onde está aquela mão real, cujo toque me enchia de alegria e que limpava o meu corpo da poeira? Ó mãe, onde está o meu irmão sagaz, Rama, de quem eu sou servo e que se assemelha ao meu pai? Conta-me rapidamente, onde ele pode ser encontrado? Já que o meu irmão virtuoso e iluminado tornou-se agora como um pai para mim, eu desejo me refugiar aos pés dele, só ele é meu único amparo! Ó mãe, que ordens a meu respeito o rei justo e erudito, o monarca sempre verdadeiro de votos firmes, deu? Eu desejo ouvir as últimas palavras do grande soberano!"

Assim questionada, a rainha Kaikeyi respondeu abertamente, dizendo: "O rei, no momento da morte, não falou o teu nome, mas gritou 'Ó Rama, ó Sita, Ó Lakshmana' e assim abandonou sua vida! Teu pai, atado pelos laços do destino e do dever, como um elefante poderoso pego em uma emboscada, proferiu estas palavras no final: 'Aqueles que virem Rama, Sita e Lakshmana retornando da floresta realizarão seu desejo'".

Quando Kaikeyi revelou essa notícia desagradável, o príncipe ficou ainda mais perturbado e perguntou à sua mãe: "Ó mãe, onde está o virtuoso Rama, onde ele está agora com Sita e seu irmão Lakshmana?"

Assim questionada, a rainha começou a contar o que tinha ocorrido, supondo que a notícia do evento desagradável seria bem recebida por seu filho.

Ela disse: "Ó filho, aquele príncipe, vestido em trajes de pele, entrou na grande floresta de Dandaka com Sita e Lakshmana".

Ouvindo de sua mãe que Rama tinha entrado na floresta, o príncipe Bharata ficou alarmado, cheio de dúvidas e preocupado com a honra de sua Casa. Ele disse: "Ó mãe, como é isso? Shri Rama, sem motivo, matou alguém, rico ou pobre? Ou ele olhou para a esposa de outro com desejo? Por que razão Rama, versado nas escrituras, foi exilado para a floresta?"

Então a mãe de Bharata, imbuída de qualidades femininas, caprichosa e calculista, começou a relatar toda a questão.

Ouvindo as palavras de seu filho, Kaikeyi, satisfeita, vaidosamente imaginando-se sábia, disse: "Meu filho, Rama não roubou a riqueza de um brâmane, nem matou alguém, rico ou pobre, sem motivo, nem Rama olhou para a mulher de outro com desejo! Meu filho, tendo ouvido que ele seria proclamado regente, eu pedi ao teu pai para banir Rama e conferir o reino a ti! Teu pai, para honrar a promessa feita a mim, realizou o meu pedido. Ele enviou Rama, junto com Sita e Lakshmana, para a floresta. Então aquele monarca poderoso, incapaz de suportar a separação de seu filho, morreu. Ó príncipe justo, agora governa o reino! Por tua causa, eu planejei tudo isso! Meu filho, não te angusties, não te aflijas, o reino e a capital, estando agora sem um governante, dependerão de ti para a

subsistência. Portanto, buscando o aconselhamento de Shri Vasishtha e dos brâmanes, executa os ritos fúnebres do teu grande pai e, sem hesitação, aceita o trono!"

### Capítulo 73 – O príncipe Bharata repreende sua mãe

Sabendo da morte de seu pai e do exílio de seus irmãos, o príncipe Bharata, profundamente aflito, respondeu à rainha Kaikeyi: "De que me servirá o trono, visto que eu estou ferido pela morte de meu pai e desprovido de meu irmão, que era como um pai para mim? Tu destruístes o rei, e baniste Rama, levando-o a se tornar um asceta! Tu assim esfregaste sal nas feridas que tu infligiste! Tu entraste nessa Casa Real para a sua extinção, como a noite da morte! Meu pai, sem saber que tu eras um fogo devorador, te sustentou. Ó pecaminosa, tu privaste o rei de vida! Ó tu destruidora da família, dominada pela avareza, tu quebraste a paz do lar. Por se unir contigo, meu pai, um amante da verdade, sofreu miséria e dor incalculáveis! Por que tu mataste meu pai virtuoso? Por que tu exilaste Rama? Difícil de fato seria viver com tal mãe! Como Kaushalya e Sumitra agora suportarão a vida? Meu irmão mais velho, Shri Ramachandra, sempre dedicado ao seu dever e ao serviço a seu guru, te tratava como a sua própria mãe. Assim também a minha mãe de posição mais elevada, a rainha Kaushalya, sabendo o que iria acontecer, ainda agia em

direção a ti como uma verdadeira irmã, em um espírito apropriado. Tu mandaste o filho dela para a floresta em trajes de asceta e ainda assim tu não te afliges? O que tu ganhaste enviando aquele herói renomado, Rama, para a floresta, Rama, que não era familiarizado com o sofrimento? Tu eras ignorante do meu amor por Raghava, que tu, possuída pela avareza, cometeste esse grande pecado, ó mãe? Por qual poder eu posso governar, sem Lakshmana e aquele leão entre os homens, Shri Rama? O rei Dasaratha sempre dependeu daquele poderoso e valoroso Rama, como a floresta depende de Monte Meru! Como eu posso sustentar o peso do reino, sem o apoio de Rama? Como um bezerro suportaria a carga que põe à prova a força de um touro adulto? Mesmo que me fosse possível governar através da sabedoria e da política sadia, eu ainda não permitiria que a tua má intenção de procurar obter o reino para o teu filho prevalecesse! Eu te abandonaria, ó mãe, se eu não soubesse que Rama te considera como sua mãe também! Ó tu me mente má, tu trouxeste desgraça para a dinastia dos meus antepassados! Como tu concebeste tal propósito, trazendo vergonha para as nossas vidas? É o costume imemorial da nossa Casa que o irmão mais velho deve ocupar o trono e os irmãos mais novos obedecê-lo. Tu não és familiarizada com o dever de um rei nem tu sabes as regras de governo. Na Casa de Ikshvaku, a sucessão do filho mais velho é ordenada. Hoje, tu lançaste ao pó a glória e integridade da Casa de Ikshvaku, que era enriquecida pela conduta nobre de seus reis! Tu também, nasceste em uma Casa renomada e real,

como tu vieste a nutrir essa má intenção? Ó mãe, saibas que eu nunca vou realizar os teus maus desejos, aconteça o que acontecer, uma vez que tu introduziste o que é destrutivo de vida nessa Casa real! Eu agora trarei o meu irmão impecável, Rama, de volta para a capital e te frustrarei! Eu não só vou fazer Rama retornar da floresta, mas vou servi-lo com todo o meu coração!"

Assim reprovando Kaikeyi, ele próprio aflito, com palavras ásperas, Bharata falou mais uma vez, rugindo como um leão nas cavernas da montanha Mandara.

Capítulo 74 – Ele lamenta a morte de seu pai e o exílio de Shri Rama

Shri Bharata condenou sua mãe em grande ira, dizendo: "Ó de coração cruel, ó ser perverso, tu não tens virtude, vai para a floresta, eu estou prestes a morrer! Chora por mim; já que tu, tendo abandonado o teu consorte, não lamentas por ele. Dize-me, que mal o rei ou o virtuosíssimo Rama fizeram para ti, já que tu mataste um e exilaste o outro? Ó Kaikeyi, o pecado pelo qual tu destruístes a dinastia é igual ao assassinato de um brâmane! Que tu vás para o inferno! Tu não tens direito a habitar a região para a qual o rei foi! O teu ato e culpa são infames. Ao condenar Rama, que é amado por todo o mundo, tu me garantiste um reino, mas me trouxeste ignomínia. Tu és a

causa da morte do meu pai e do exílio de Rama, e também da minha desonra. Teu coração é duro, não és minha mãe mas um inimigo na forma de uma mãe! Ó assassina do teu marido, tu não mereces que alguém se dirija a ti! Ó difamadora do nome íntegro dessa dinastia, tu és a causa de aflição para as minhas mães, as rainhas Kaushalya e Sumitra! Tu perdeste o direito ao título de filha do grande rei Ashwapati; tu és certamente um demônio nascido naquela família para destruir a linhagem do meu pai! Tu baniste Rama para a floresta, ele, que sempre se deleitava na virtude, e tu privaste o meu pai ilustre de sua vida! Sou eu quem deve arcar com o peso da tua maldade, que sou órfão, desprovido de meus dois irmãos e um objeto de aversão universal! Ó tu pecadora, ó viajante no caminho da autodestruição, dize que condição tu obterás, que privaste a virtuosa Kaushalya de seu marido e de seu filho? Ó maligna, tu não sabias que Shri Rama era o principal amparo dos seus parentes, o filho de Kaushalya e um pai para mim? Todos os parentes são estimados, mas para a mãe, o filho é o mais querido, já que ele nasce do corpo e do coração do pai. Tu esqueceste essa verdade?

"Nos tempos antigos, a vaca Kamadhenu, adorada pelos deuses, vendo dois dos seus filhos cansados com a aração, desmaiou. Naquela época, o rei dos celestiais, Indra, estava vagando sobre a terra e as lágrimas perfumadas de Kamadhenu caíram sobre ele. Sentindo o odor doce que brotava do corpo da vaca sagrada Indra percebeu seu mérito

superior e assustado, olhou para cima e viu, no céu, a aflita Kamadhenu, chorando copiosamente. O portador da maçã,<sup>236</sup> angustiado ao ver a renomada Kamadhenu derramando lágrimas, se dirigiu a ela com humildade e disse: "Ó benfeitora do mundo, por que choras? É a premonição de alguma calamidade futura que te faz lamentar assim?"

A sábia Kamadhenu pacientemente respondeu: "Ó devaraj, tu não tens motivo para temer, eu estou aflita por causa do sofrimento de dois dos meus filhos. Vê, quão infelizes eles são, quão enfraquecidos e oprimidos pelo calor do sol! Ó devaraj! O lavrador os golpeou cruelmente! Nascidos do meu corpo, eu estou cheia de aflição ao vê-los atrelados ao arado pesado! Realmente, nada é mais precioso para uma mãe do que seu filho".

Indra, vendo que a vaca lamentava pelo estado lamentável de dois dos seus inúmeros filhos, reconheceu que para uma mãe nada é mais querido que um filho!

"Ó mãe, Kamadhenu estende as suas bênçãos igualmente para todos e tem o poder de realizar os desejos dos outros. Se ela, que está produzindo constantemente milhares de filhos, cheia de amor materno, lamenta, desse modo, por dois filhos, como então, ó Kaikeyi, Kaushalya vai suportar o exílio do seu único filho? Tu provocaste a separação de Rama da sua mãe Kaushalya e por isso tu não conhecerás a felicidade nesse ou no outro mundo! Eu realizarei os últimos ritos para



236 Indra às vezes era chamado de 'Portador da Maça'.

o meu pai e então, com meu coração e alma, servirei ao meu irmão e cuidadosamente promoverei sua honra. Tendo trazido Shri Rama de volta para a capital, eu, eu mesmo, morarei na floresta. Ó tu de má intenção, como eu suportarei a tua iniquidade, quando olhado pelo povo da capital com olhar entristecido? Agora te convém entrar no fogo ou te enforcar na floresta de Dandaka, só a morte tu mereces! Somente quando Rama retornar e aquele príncipe da verdade estiver ao meu lado eu encontrarei paz e o meu propósito será realizado!"

Bharata, lamentando e respirando como uma serpente, caiu ao chão como um elefante atormentado pelo aguilhão. Com seus olhos vermelhos de raiva, seu traje frouxo, suas joias postas de lado, ele caiu como a bandeira da Indra, arrancada ao fim da cerimônia.

Capítulo 75 – Ele procura consolar a rainha Kaushalya

O valente Bharata, recobrando a consciência, com os olhos cheios de lágrimas, viu sua mãe cheia de angústia. Sentado no meio de seus conselheiros, ele derramou censuras sobre sua

mãe dizendo: "Nunca foi meu desejo governar, nem eu consultei minha mãe nesse assunto; eu não estava familiarizado com a intenção do rei de conceder a coroa a Rama, estando longe da capital com Shatrughna. Eu não sabia nada do exílio de Shri Rama, Lakshmana e Sita, nem como ele veio a ocorrer. Meu coração está cheio de angústia".

Kaushalya, ouvindo o som do pranto de Bharata, disse a Sumitra: "Bharata, o filho da cruel Kaikeyi, chegou, eu quero ver o prudente Bharata".

A rainha, pálida e fraca por causa da sua separação de Rama, avançou tremendo para onde Bharata estava, enquanto o príncipe com seu irmão Shatrughna foram da mesma forma para o apartamento da rainha. Os dois irmãos viram a rainha infeliz prosseguindo com passos instáveis e ficaram cheios de aflição. Curvando-se a Kaushalya, eles choraram amargamente, então a rainha principal abraçou Bharata soluçando de tristeza e disse: "Era o teu desejo governar e a tua mãe cruel realizou essa questão sem impedimento, mas por que razão essa rainha impiedosa mandou o meu filho para a floresta em trajes de asceta? Que a rainha Kaikeyi me expulse também para aquela região onde o meu Rama ilustre e de cor dourada reside! Se não, eu irei junto com Sumitra para onde Rama vive, precedida pelo fogo sacrificial. Ó Bharata, que tu me leves para onde o meu filho, aquele leão entre os homens, em grande aflição está praticando ascetismo. A rainha Kaikeyi te

fez soberano desse país, repleto de riquezas, grãos, cavalos, elefantes e carros”.

Ouvindo as palavras amargas da rainha Kaushalya, Bharata ficou atormentado como um homem que sofre quando seu ferimento é examinado por uma lanceta. Agitado e confuso, ele caiu aos pés da rainha lamentando. Então, se recompondo, com as palmas unidas, ele dirigiu-se à rainha aflita: “Ó mãe, tu sabes como é grande o meu amor por Rama e também que eu sou inocente nessa questão. Por que tu me repreendes? Que aquele, que é a causa do exílio de Rama, esqueça os ensinamentos dos Vedas e da tradição sagrada. Que ele, que deu seu consentimento para o exílio de Rama, se torne um escravo da casta mais baixa ou incorra no pecado de matar uma vaca. Que tal homem seja sujeito à mesma punição que alguém que retém o salário de seus trabalhadores. Que aquele que concordou com a expulsão do príncipe santo carregue a mesma culpa que alguém que se rebela contra um rei que protege seus súditos como a sua própria prole! Que a culpa

de um rei que pega a sexta parte da receita de seu povo e ainda falha em protegê-lo seja daquele que exilou Rama.

“Que os frutos do pecado incorrido por alguém que, bem equipado com elefantes, cavalos e carruagens e todas as armas, não luta de acordo com a lei da justiça, seja dele! Que ele, que concordou com o exílio de Rama, esqueça os

ensinamentos do Vedanta que asseguram felicidade, e todos os segredos obtidos do seu preceptor espiritual por servi-lo! Que tal pessoa não viva para ver a coroação do príncipe Rama cujo semblante é igual ao sol e à lua em esplendor. Que aquele canalha incorra no pecado de alguém que, compartilhando de leite e arroz, não faz uma oferenda aos seus antepassados e convidados ou aos deuses. Que ele seja culpado de não honrar seu preceptor espiritual por oferecer saudações a ele de uma forma apropriada.

"Que aquele patife, que deu consentimento para o exílio de Rama, tenha a mesma culpa que alguém que golpeia uma vaca, insulta seu guru ou trai seus amigos! Que ele incorra na culpa de alguém que renega sua confiança. Que ele, que participou do exílio de Rama, colha o pecado de alguém que não faz bem aos outros.

"Que o miserável, que ordenou o exílio de Rama, carregue a culpa de alguém que, compartilhando de doces, não os divide com seus servos, mulheres, filhos ou aqueles que o cercam, ou alguém que, vivendo de alimentos excelentes, dá a seus inferiores aquele que é cru e mal cozido. Que ele, por quem foi Rama foi mandado para o exílio, morra sem se casar com uma mulher da sua própria casta ou produzir descendentes ou realizar o ritual do fogo! Que ele não veja o filho nascido de sua esposa! Que seus anos sejam breves! Que ele seja morto em batalha, fugindo com medo de um inimigo superior, ou que ele seja como aquele que mata um inimigo em fuga. Que ele, como

alguém vestido em trapos, demente, carregando um crânio na mão, vagueie mendigando de porta em porta! Que aquele que conspirou para enviar Rama para a floresta seja entregue ao vinho, a mulheres e ao jogo e se torne um objeto de desprezo por conta da sua concupiscência e raiva. Que ele sempre caia na prática da injustiça e esqueça o seu dever e distribua imensa riqueza em caridade para quem não merece! Que a riqueza acumulada e posses extensas daquele que promoveu o exílio de Rama sejam roubadas por ladrões. Que o pecado de quem dorme ao amanhecer ou ao pôr do sol seja dele! Que o pecado daquele que é culpado de incêndio criminoso ou que olha com desejo para a esposa do seu preceptor espiritual ou que trai seu amigo, seja dele, que defendeu o exílio de Shri Rama! Que ele, que concordou com o exílio de Rama, seja privado do culto de seus antepassados e pais como também dos ritos fúnebres! Que essa pessoa, agora mesmo, seja expulsa da sociedade de pessoas boas e perca o prestígio e o mérito da companhia dos virtuosos! Que a sua mente nunca seja dedicada a tais obras como as que são realizadas pelos virtuosos! Que o homem que procurou exilar Rama deixe de obedecer à sua mãe e sempre esteja ocupado em maldades! Que ele mantenha uma grande família em pobreza extrema! Que ele, sempre inquieto, seja consumido pela febre! Que ele seja culpado daquele pecado incorrido por alguém que não satisfaz um suplicante miserável que o procura em busca de socorro! Que ele seja enganoso, caluniador, vil, depravado e ande sempre com medo da autoridade! Que ele incorra na culpa de quem ignora sua

esposa casta e dedicada, que se aproxima dele na época de sua floração! Que ele seja estúpido e, abandonando sua esposa legítima, que ele viva em pecado com outras mulheres! Que a culpa de um brâmane que abandona seus filhos, que estão morrendo de fome, seja dele! Que ele seja como quem contamina um reservatório ou administra

veneno para outro! Que aquele homem perca a força de seus membros, como aquele que busca impedir que hospitalidade seja concedida a um brâmane, por falar mal dele! Que dele seja o pecado de alguém que bebe o leite da vaca que possui novilhos! Que ele incorra no pecado daquele que, tendo água em sua casa, manda embora da sua porta o homem sedento! Que ele carregue a culpa daquele que, arbitrando entre dois disputantes eruditos, concede a vitória àquele que ele favorece!"

Com essas palavras, o príncipe Bharata, procurando consolar a rainha Kaushalya pela separação de seu filho, caiu ao chão, dominado pela angústia.

A rainha então se dirigiu a ele, que, perturbado e aflito, procurando estabelecer sua inocência, havia caído por terra, e disse: "Meu filho, a minha dor aumentou pelas palavras que tu pronunciaste, mas é venturoso que os corações de Lakshmana e o teu estejam fixados no amor por teu irmão. Seguramente tu entrarás na região alcançada pelos abençoados".

Em seguida, a rainha, tomando o príncipe de braços poderosos em seu colo, chorou alto.

O príncipe cujo coração estava dilacerado pela dor também chorou em um excesso de tristeza. Afagado pela rainha, lamentando descontroladamente, prostrado no chão e suspirando pesadamente, ele passou a noite dessa maneira.

## Capítulo 76 – O príncipe começa a realização dos ritos fúnebres

Shri Vasishtha, renomado entre os sábios, vendo Shri Bharata vencido pela dor, se dirigiu a ele com palavras sábias, dizendo: "Ó príncipe ilustre, que a felicidade seja tua, contém a tua dor! Agora chegou a hora de realizar as exéquias do grande rei!"

Bharata, jazendo no chão, ouviu os comandos do sábio santo, e levantando-se, começou a realizar os ritos fúnebres.

Os atendentes então removeram o corpo do monarca do recipiente de óleo e o colocaram no solo. Embora o corpo tivesse assumido um tom amarelo por estar imerso em óleo por muitos dias, ainda parecia que o rei estava dormindo.

Eles, então, puseram o rei em um leito cravejado com gemas e Bharata, dominado pela tristeza, começou a lamentar. Ele disse: "Ó grande rei, eu não sei por que, na minha ausência, tu enviaste Rama para a floresta. Para onde tu foste, deixando-

me desprovido de Rama, aquele leão entre os homens e fazedor de atos famosos, ó grande soberano, que com uma mente constante é capaz de preservar seu reino imenso? Tu estás morto e Shri Rama está banido. Ó governante poderoso, essa terra está enviuvada e despojada de toda beleza sem ti! Sem ti, a capital parece uma noite sem lua”.

Shri Vasishtha novamente se dirigiu a Shri Bharata, vendo que ele ainda era vítima do pesar e disse: “Ó príncipe de braços fortes, esse não é o momento para dar lugar à tristeza ou à procrastinação, agora realiza os últimos ritos para o rei”.

Assim abordado, Shri Bharata, com a ajuda dos brâmanes e do preceptor espiritual do monarca, iniciou as cerimônias fúnebres.

No salão sacrificial, os sacerdotes realizaram o ritual do fogo. Os servos colocaram o corpo do rei em uma liteira e o transportaram de lá, chorando e lamentando. Espalhando moedas de ouro, e flores de prata e tecidos diante do

esquife, eles seguiram em seu caminho, enquanto que na frente do palácio, sândalo, âmbar cinzento e incenso foram acesos.

Nas margens do rio Sarayu, uma pira funerária de devadaru,<sup>237</sup> sândalo e outras madeiras perfumadas foi erguida. Ervas aromáticas foram jogadas na pira e o corpo do rei colocado sobre ela. Os sacerdotes sacrificantes derramaram oblações na pira funerária, a fim de que o monarca alcançasse o estado beatífico, e entoaram os mantras tradicionais,



enquanto os brâmanes, familiarizados com o Sama Veda,<sup>238</sup> cantaram os hinos Sama.

As rainhas, levadas em palanquins acompanhados pelos guardas reais e idosos, se aproximaram da pira funerária, chorando. Então elas, tomadas pela dor, junto com os sacerdotes, circungiraram o corpo em chamas do rei. O pranto comovente das rainhas afetadas e os gritos de angústia das inúmeras mulheres que as seguiam pareciam o chamado das aves krauncha na época de acasalamento. Em seguida, as rainhas, abandonando seus veículos, se aproximaram da margem do rio Sarayu e, junto com o príncipe Bharata, os conselheiros e ministros, ofereceram libações de água; depois, chorando amargamente, elas voltaram para a capital, onde, durante o período de dez dias elas dormiram na terra nua.

## Capítulo 77 – As cerimônias continuam

No décimo primeiro dia, o príncipe Bharata se purificou e no décimo segundo dia ele realizou cerimônia Sapindi,<sup>239</sup> e distribuiu joias, ouro, prata, trajes suntuosos e outros artigos entre os brâmanes.

Ele também deu em caridade incontáveis cabras brancas e vacas, servos homens e mulheres, carruagens e cavalos. No

décimo terceiro dia, Bharata de braços fortes, cheio de tristeza, foi recolher as cinzas do rei e, de pé perto da pira funerária, falou com a voz embargada de emoção. Ele disse: "Ó senhor, meu irmão, Ramachandra, a quem tu me confiaste, entrou na floresta e tu, também, me abandonaste, desamparado e miserável como eu sou. Ó pai, onde tu foste, abandonando a mãe Kaushalya, cujo filho está agora exilado?"

Vendo as cinzas brancas dos ossos do rei e do corpo totalmente consumido, Bharata irrompeu em outro lamento, e chorando, caiu sobre a terra. As pessoas tentaram levantar o príncipe, que estava jazendo no chão, como a bandeira de Indra, com seu suporte quebrado.<sup>240</sup> Os conselheiros ergueram o príncipe Bharata como os sábios antigamente ergueram o rei Yayati, que tinha caído do céu após o término do fruto do seu mérito. Vendo Bharata dominado pela tristeza, Shatrughna, lembrando-se de seu pai, também caiu sem sentidos no chão.

Estando um pouco recuperados, eles trouxeram à lembrança as excelentes qualidades do seu ilustre pai e Shatrughna gritou: "As bênçãos cobradas por Manthara são o oceano habitado pelo crocodilo Kaikeyi, no qual nós estamos submersos. Ó pai, para onde tu foste, abandonando o teu amado e delicado filho Bharata? Por que tu renunciaste a nós, tu que costumavas nos dar alimentos deliciosos, presentes adequados, vestes e ornamentos? Quem agora irá conferir

237 Devadaru: uma espécie de pinheiro.

238 Sama Veda: o terceiro Veda.

239 Cerimônia Sapindi [Sapinda]: a criação de conexão com os parentes através de oferendas fúnebres.

240 Uma alusão à cerimônia Shakra Dhwanā, na qual uma bandeira é levantada em um pilar ou árvore, em honra de Indra.

esses favores a nós? Por que a terra não está partida, assim desprovida de um soberano ilustre e piedoso? Ai de mim! O meu pai partiu para o céu e Shri Rama foi para a floresta! Como eu posso continuar a viver? Desprovido de meu pai e irmão, eu entrarei no fogo. Eu não voltarei para a capital, eu irei para Tapovana”.

Os atendentes do palácio, ouvindo o príncipe sofrendo tão amargamente, ficaram aflitos e caíram ao chão, atormentados como touros cujos chifres são quebrados.

Então o excelente e sábio Vasishtha, sumo sacerdote de seu pai, erguendo Bharata, se dirigiu a ele, dizendo: “Ó príncipe, treze dias se passaram desde a cremação do corpo do teu pai ilustre. Não demores mais, mas recolhe os ossos que restam. Todo homem sofre os três pares de opostos; fome e sede, prazer e dor, vida e morte. Não te permitas sofrer por aquilo que não pode ser evitado”.

Em seguida, o sábio Sumantra levantou Shatrughna, e consolando-o explicou a natureza do nascimento e da morte que visita todos os seres. Permanecendo eretos, aqueles dois leões entre os homens, com os olhos vermelhos de tanto chorar, pareciam os estandartes de Indra, destituídos de glória pelos efeitos do sol e da chuva. Então os conselheiros se aproximaram dos dois príncipes e lhes pediram para realizar as cerimônias restantes.

#### Capítulo 78 – A corcunda, Manthara, incorre no desagrado do príncipe Shatrughna

Enquanto Bharata, ainda angustiado, estava pensando em como ele se aproximaria de Shri Rama na floresta, o príncipe Shatrughna falou: "Ó irmão, como é que Shri Rama, o amparo de todos os seres em infortúnio e que é poderoso, foi banido para a floresta com sua consorte? Mesmo que Shri Rama estivesse confuso, porque o poderoso e corajoso Lakshmana não o defendeu e impediu seu pai? O rei, caindo sob o domínio do desejo, abandonou os preceitos de justiça, o príncipe Lakshmana, que estava familiarizado com o que era certo, deveria ter coibido o rei desse ato pecaminoso".

Enquanto o príncipe Shatrughna estava conversando assim com Bharata, a corcunda Manthara, vestida com roupas caras,

enfeitada com pedras preciosas, apareceu na porta leste. Pintada espessamente com pasta de sândalo, vestindo um manto e ornamentos próprios de uma rainha, concedidos a ela por Kaikeyi, com sua cintura rodeada por um cinto de joias, todo o seu corpo coberto de pedras preciosas, ela parecia um macaco cativo. Os guardas vendo aquela escrava perversa e deformada a agarraram e disseram ao príncipe Shatrughna: "Esta é a miserável pecaminosa que causou o exílio de Shri Rama e a morte do rei; lida com ela de acordo com a tua vontade".

Ao ouvir as palavras dos guardas, o príncipe ardendo de indignação refletiu sobre o seu dever e disse àqueles no palácio: "Que essa mulher, a causa do sofrimento de meus irmãos e da morte de meu pai, sofra a consequência de seus atos".

Shatrughna então agarrou Manthara do meio de suas companheiras com tal violência que seus gritos encheram o palácio! As mulheres, vendo Shatrughna tão enfurecido, tratando a corcunda dessa forma, fugiram para todas as direções. Elas refletiram entre elas mesmas, dizendo: "O príncipe enfurecido certamente acabará

com todas nós, vamos, portanto, nos refugiar com a compassiva, generosa e ilustre rainha Kaushalya, só ela vai nos proteger".

O príncipe Shatrughna, o conquistador de seus inimigos, com os olhos vermelhos de raiva jogou Manthara no chão e a arrastou à força para lá e para cá, enquanto todos os seus ornamentos eram espalhados, fazendo com que o palácio se parecesse com o céu outonal, cravejado de estrelas! Arrastando Manthara com raiva diante da rainha Kaikeyi, que procurava resgatá-la, o príncipe criticou sua mãe com palavras amargas. Angustiado pela linguagem rude do príncipe Shatrughna, a aterrorizada Kaikeyi correu para o príncipe Bharata em busca de proteção.

Vendo Shatrughna dominado pela raiva, Bharata dirigiu-se a ele, dizendo: "Ó irmão, as mulheres não devem ser mortas por nenhum ser vivo, portanto, perdoa-a e liberta-a! Se as mulheres estivessem sujeitas à lei da retribuição, e se Rama não fosse me desertar como um matricida, eu teria matado essa mulher pecaminosa há muito tempo! Se Shri Rama soubesse do nosso tratamento a essa mulher deformada, ele nunca mais conversaria conosco".

Assim instruído pelo príncipe Bharata, Shatrughna conteve a sua ira e libertou Manthara, que caiu aos pés da rainha Kaikeyi, arquejando e lamentando. Vendo Manthara cheia de medo sob o desagrado de Shatrughna e tremendo como uma ave krauncha aprisionada, Kaikeyi gradualmente a acalmou.

## Capítulo 79 – O príncipe Bharata decide ir para a floresta e trazer seu irmão de volta

De manhã no décimo quarto dia os ministros do rei, reunidos, se dirigiram desta maneira ao príncipe Bharata: "Nosso soberano venerável, o rei Dasaratha, tendo enviado seu filho mais velho Shri Rama e o poderoso príncipe Lakshmana para o exílio, juntou-se, ele próprio, ao círculo dos deuses. Tu és hoje o nosso senhor, ó príncipe poderoso. O reino está agora sem governante e o rei o deixou para ti, não é impróprio para ti, portanto, subir ao trono, e ninguém te criticará por causa disso. Ó príncipe da Casa de Raghu, todos os artigos para a tua coroação estão prontos; os teus parentes, conselheiros e ministros e os cidadãos olham para ti. Ó grande príncipe, aceita o reino dos teus antepassados paternos e faz com que tu mesmo sejas instalado e proteja a todos nós".

O falador da verdade, o ilustre Bharata, ouvindo essas palavras excelentes, circungirando reverentemente os artigos destinados à cerimônia de coroação, respondeu aos que assim se dirigiram a ele: "Ouve, ó meu povo, vocês sabem que de acordo com a tradição da nossa Casa Real o trono é herdado pelo filho mais velho do soberano falecido; é, portanto, impróprio que vocês me façam esse pedido. Shri Rama é meu irmão mais velho e, portanto, deve ser rei. Eu entrarei na floresta e residirei lá por quatorze anos em seu lugar. Agora ordenem que todo o meu exército se mantenha de prontidão, eu irei para a floresta e

trarei meu irmão de volta, levando comigo todos os artigos necessários para a sua instalação. Rama lá será proclamado rei! Eu o recolocarei como o fogo sagrado é levado para o lugar de sacrifício. Eu nunca permitirei que as ambições da rainha Kaikeyi sejam realizadas. Eu entrarei na floresta, difícil de penetrar, e farei de Rama o rei. Que as estradas irregulares e acidentadas sejam consertadas imediatamente por artesãos qualificados; que eles sejam seguidos por mecânicos e trabalhadores”.

As pessoas ficaram satisfeitas ao ouvirem as palavras auspiciosas do príncipe e responderam: “Ó príncipe, que a deusa da prosperidade<sup>241</sup> esteja sempre contigo! Desejoso de fazer de Rama o nosso rei, as tuas palavras são oportunas”.

Então todos os presentes sentiram grande alegria e derramaram lágrimas de delícia. Os cortesãos felizes, ministros e funcionários falaram alegremente, dizendo: “Ó chefe de homens, por tua ordem nós estamos convocando os trabalhadores para prepararem o caminho”.

Capítulo 80 – Uma estrada real é construída para o príncipe



Assim sendo, comandados pelo príncipe Bharata, adivinhos de água, mecânicos especialistas e diligentes, construtores de pontes, fabricantes de rodas, homens capazes de realizar todos os tipos de trabalho, lenhadores, artesãos hábeis na perfuração de poços, trabalhadores, cortadores de lenha, cozinheiros e aqueles familiarizados com o caminho, partiram. A multidão de pessoas avançando parecia impressionante, como o mar sob a lua cheia.

Aqueles proficientes de várias maneiras, equipados com machados e outras ferramentas, avançaram em grupos, cortando árvores, arbustos e rochas, nivelando-os e abrindo um caminho; plantando árvores onde essas eram necessárias, eles cortaram os ramos de outras que obstruíam o caminho. Homens fortes colocaram fogo em troncos de árvores e limparam a estrada, nivelando os lugares acidentados com barro e enchendo as valas. Outros construíram pontes sobre os pequenos rios e riachos e limparam a estrada de seixos e espinhos, pulverizando as rochas que impediam o fluxo de água. Eles rapidamente construíram barreiras para represar os pequenos córregos e aprofundaram as lagoas, cavando em muitos lugares. Eles também perfuraram poços onde a água era escassa, e construíram plataformas nas quais os homens pudessem descansar. Cal foi espalhada na estrada, árvores foram plantadas onde pássaros cantavam e a rodovia parecia como se adornada com bandeiras. Borrifada com a essência de

sândalo e decorada com ramos floridos, ela parecia o caminho dos deuses.

Os especialistas em construção prepararam residências em locais agradáveis perto de água fresca e árvores frutíferas. Acampamentos foram montados para o exército de acordo com as instruções do príncipe Bharata e tudo o que era necessário foi providenciado.

Aqueles familiarizados com as posições planetárias auspiciosas ergueram alojamentos para o ilustre Bharata. Ladeados por fossos profundos com estradas de interseção, esses acampamentos eram tão altos como a montanha azul.

Templos brancos majestosos foram construídos, e fileiras de casas, beirando as estradas, foram adornadas com bandeiras. As varandas dos edifícios, elevadas como pombais, se assemelhavam à morada dos deuses, e toda a arena rivalizava com a capital de Indra.

O caminho preparado para o príncipe Bharata se estendia até as margens do Ganges, em cujas águas frescas peixes deslizavam, conforme ele fluía entre bosques e florestas, e aquela estrada real, erguida por artesãos qualificados, parecia tão bela quanto o céu noturno, adornado pela lua e as estrelas.

241 Shri Lakshmi, a consorte de Shri Vishnu.

## Capítulo 81 – Vasishtha convoca a assembleia real

Um pouco da noite encantadora ainda restava quando os bardos começaram a louvar o príncipe; três horas antes de o sol nascer, os grandes tambores foram tocados com bastões de ouro, enquanto conchas eram sopradas e o som de inúmeros instrumentos musicais era ouvido.

A música enchendo os céus aumentou a tristeza do príncipe Bharata, que mandou que ela parasse, dizendo: "Eu não sou o rei". Então se dirigindo ao príncipe Shatrughna, ele disse: "Ouve, ó irmão, quão inapropriados são os louvores agora cantados por insistência da rainha Kaikeyi. Ela nos fez um grande mal. O rei partiu para as regiões dos deuses e me deixou desolado. O futuro e o reino, tremendo de incerteza, se assemelham a um navio sem navegador à deriva no oceano. Meu pai está morto e minha mãe, abandonando o caminho da virtude, mandou Shri Rama para o exílio".

As mulheres do palácio, ouvindo o grande príncipe lamentando, começaram a chorar alto lamentosamente. Nessa hora, o grande e ilustre sábio Vasishtha, versado na ciência de governo, apareceu na sala de reunião, que era decorada com ouro trabalhado, incrustado com pedras preciosas.

Acompanhado por seus seguidores, o preceptor espiritual da

dinastia real entrou na câmara de conselho como Indra entra na sala celestial chamada Sudharma. Sentado em um trono dourado, que era coberto com um tapete excelente com o desenho da suástica, Shri Vasishtha disse aos mensageiros: "Vão depressa e convoquem os brâmanes eruditos, os conselheiros, os guerreiros e os líderes do exército; questões de grande importância os aguardam! Tragam também os príncipes reais junto com seus secretários e ministros, Yudhajita e Sumantra!"

Um grande tumulto então se ergueu dos convidados, que se aproximaram em carruagens e em cavalos e elefantes.

Os conselheiros, vendo o príncipe Bharata se aproximando, ficaram contentes ao vê-lo como se o próprio rei Dasaratha tivesse entrado na assembleia.

A presença de Bharata contribuiu para o esplendor da corte de modo que ela parecia como quando o rei Dasaratha estava presente, ou como as águas cristalinas do oceano são abrihantadas por baleias, jacarés, conchas e areia dourada.

Capítulo 82 – Os chefes do exército se preparam para a partida

O sábio Bharata contemplou a assembleia real presidida pelo grande Vasishtha e outros sábios veneráveis, parecida com a

noite tornada gloriosa pela lua cheia. Iluminado por aqueles excelentes, que ocupavam seus lugares, vestidos com traje esplêndido, o conclave tinha brilho incomparável. A reunião de homens eruditos se assemelhava à beleza da lua cheia numa noite de inverno.

O sacerdote virtuoso, Shri Vasishtha, vendo todos os ministros e os conselheiros principais, gentilmente dirigiu-se a Bharata, dizendo: "Ó filho, o rei Dasaratha, tendo praticado virtude em sua vida, deixou essa terra rica e próspera para ti. Shri Ramachandra, cumprindo o voto de veracidade, em obediência ao seu pai e em conformidade com o dever que pesa sobre ele, para defender seus pais, não deixou de realizar a ordem de seu pai, como a lua não se abstém de derramar amplamente o seu brilho. Agora desfruta da posse desse reino pacífico dado a ti pelo teu pai e pelo teu irmão! Para agradar aos teus conselheiros, faze com que tu

mesmo sejas instalado. Os reis do norte, do sul e do oeste, os pares do reino e soberanos titulares da fronteira oeste e os monarcas de muitas ilhas te trarão inúmeras pedras preciosas como oferendas".

Ao ouvir as palavras de seu preceptor espiritual, o príncipe Bharata ficou angustiado, sabendo muito bem que de acordo com a antiga tradição da sua dinastia o filho mais velho herda o reino. Lembrando-se de Rama, Shri Bharata resolveu procurar

seu irmão mais velho. A garganta do príncipe jovem estava embargada e em tons parecidos com o grito do cisne, ele censurou melancolicamente o guru venerável pela impropriedade do seu comando.

Bharata disse: "Ó senhor santo, como eu posso usurpar a posse legítima de alguém que, versado nos Vedas e nas ciências, adquiridos por residir como um servo na casa de seu guru, sabe bem o seu significado e os segue na prática? Como pode alguém, nascido do rei Dasaratha, se esforçando para cumprir a lei do dharma, tomar posse do reino de Rama? Não só o reino pertence a Rama, mas eu também lhe pertença. Ó santo, que os teus conselhos estejam de acordo com a justiça! O rei Dasaratha possuiu esse reino como o rei Dilipa e Nahusha antes dele, assim o virtuoso príncipe Rama, o filho mais velho e o mais excelente, deve herdar o reino!

"Se, como instruído por ti, eu o aceitasse, isso seria um grande pecado e digno de um malfeitor, não de acordo com o caminho que leva ao céu e eu deveria ser julgado o destruidor da Casa de Ikshvaku. Eu abomino o mal cometido pela minha mãe, e eu ofereço saudações a Rama residente na floresta; eu vou segui-lo, só ele é rei e digno de governar os três mundos! Seria fácil para ele administrar esse reino".

Todos sentados na assembleia, devotados a Rama, tendo ouvido as palavras justas de Bharata, derramaram lágrimas de alegria. Shri Bharata falou mais uma vez, dizendo: "Se eu não conseguir trazer Shri Rama de volta então eu vou morar lá com

ele na floresta como Lakshmana tem feito. Ó homens sábios, me acompanhem à floresta e com a sua boa ajuda, eu tentarei por todos os meios persuadi-lo a voltar; hábeis escavadores, engenheiros e carpinteiros foram enviados à frente por mim para tornar a estrada transitável.”

Aquele que amava seu irmão, Shri Bharata, voltando-se para os conselheiros reais, dirigiu-se ao sábio Sumantra sentado perto deles e disse: "Vai depressa e convoca o exército em meu nome para me acompanhar à floresta e traze os líderes aqui".

Sumantra cumpriu alegremente os comandos do príncipe Bharata. Os comandantes militares ficaram cheios de alegria com a ordem do príncipe Bharata de ir com o exército chamar Shri Rama de volta. Em todas as casas, esposas exortavam alegremente seus maridos a irem com toda velocidade e trazerem de volta Shri Rama.

Os líderes do exército subindo em seus cavalos velozes ou em carros de boi e carruagens deram a ordem para marchar. Seu preceptor o guru Vasishtha estando perto, Shri Bharata disse a Sumantra estava ao seu lado, "Prepara o meu carro rapidamente". Sumantra respondeu com reverência "Que assim seja" e muito satisfeito trouxe a carruagem à qual cavalos excelentes estavam atrelados. O príncipe, cheio de coragem, ilustre, de votos fixos e um herói da região da verdade, resolvendo trazer Shri Rama da floresta, dirigiu-se a Sumantra dizendo: "Ó Sumantra, mobiliza o exército e ordena que os

meus amigos e os chefes do povo fiquem preparados. Eu desejo chamar Rama de volta, para o bem do mundo”.

Como instruído pelo grande príncipe, Sumantra rapidamente deu a ordem para os chefes do exército e os amigos de Bharata, explicando plenamente o seu propósito. Em cada residência os brâmanes, os guerreiros, os comerciantes e os trabalhadores reuniram camelos, carruagens, mulas, elefantes e cavalos excelentes.

### Capítulo 83 – Todo o exército chega ao rio Ganges

No início da manhã, o príncipe se levantou e, subindo em uma carruagem excelente, partiu com pressa, desejoso de ver Rama. A carruagem de Shri Bharata era precedida por ministros a cavalo e sacerdotes em coches e brilhava como o veículo do sol. Nove mil elefantes ricamente enfeitados e sessenta mil carroças com arqueiros, junto com cem mil soldados, acompanhavam o príncipe autocontrolado, o devoto da verdade. Kaikeyi, Sumitra e a renomada Kaushalya, viajando em carruagens resplandecentes, foram adiante para trazer Rama para casa. A multidão de nascidos duas vezes procedente da capital conversava unicamente sobre Shri



Ramachandra e ouvia apenas o que era relacionado a ele. Eles diziam: "Quando nós contemplaremos Shri Rama, aquele da cor das nuvens, de braços poderosos, de propósito fixo; o destruidor do sofrimento do mundo? Como o sol nascente acaba com a escuridão da terra, assim pela mera contemplação de Shri Rama a nossa tristeza desaparecerá".

Assim conversando sobre Rama e abraçando uns dos outros, os cidadãos seguiram adiante, cheios de alegria.

Os principais comerciantes de Ayodhya que tinham recebido permissão de Bharata para acompanhá-lo, também aqueles que não tinham sido assim favorecidos e outros, seguiram em frente alegremente para encontrar Rama. Gravadores habilidosos, oleiros, tecelões e trabalhadores de gemas, aqueles que faziam abanadores de penas de pavões, lenhadores, estucadores, trabalhadores de vidro e marfim, pedreiros e perfumistas, ourives famosos, fazedores de tecidos de lã, lavadeiros, massagistas, aplicadores de unguentos, médicos e aqueles que fumigavam as habitações com incenso, e também revendedores de vinho estavam presentes. Pisoeiros, alfaiates, chefes de aldeias, vaqueiros, dançarinos homens e mulheres, pescadores e incontáveis estudiosos védicos de mente subjugada, dedicados a Rama, seguiram o príncipe Bharata em carroças puxadas por bois. Todos vestidos em trajes puros, com seus corpos ungidos com sândalo vermelho, em veículos de vários tipos, seguiram na esteira do príncipe Bharata. Os líderes

do exército acompanharam o príncipe alegremente, agora partindo para trazer o príncipe Rama para casa.

Em carruagens, palanquins, carros de boi ou montados em cavalos e elefantes, os cidadãos prosseguiram por uma distância considerável e chegaram às margens do Ganges em Shringaverapur, onde o amigo de Shri Rama, Guha, morava com seu povo, protegendo a sua região com vigilância. Chegando às margens de Shri Gunga, o habitat das aves chakravaka,<sup>242</sup> aqueles que seguiam o príncipe pararam. O eloquente Bharata, vendo o belo Ganges, inspecionou suas tropas e disse aos seus ministros:

"Que todo o exército acampe aqui esta noite, amanhã vamos atravessar o rio.

Agora eu desejo oferecer uma libação para o espírito do meu pai, o rei!"

<sup>242</sup> Ave chakravaka: pato brahmani, [pato-ferrugíneo].

Seus conselheiros responderam: "Que assim seja, ó príncipe", e fizeram as pessoas pararem lá, cada uma de acordo com a sua posição. O santo Bharata sozinho em sua tenda, nas margens do Ganges, considerou ansiosamente como ele poderia trazer do melhor modo Shri Rama casa.

## Capítulo 84 - Guha, chefe dos barqueiros, se enche de apreensão

Observando o grande exército de Bharata acampado na margem do rio, Guha ficou cheio de apreensão, e disse aos seus seguidores: "Meus amigos, este grande exército que está ocupando as margens do rio não pode ser contado nem na imaginação. Seguramente o príncipe Bharata veio aqui com má intenção, uma vez que a bandeira da sua dinastia voa sobre a sua tenda. Ou ele veio para me amarrar e me destruir, ou ele está indo matar Rama que está exilado por seu pai, e indefeso! Talvez o filho de Kaikeyi deseje matar Rama a fim de ganhar a posse completa do reino. Mas Rama, o filho de Dasaratha, é meu senhor, meu defensor e meu amigo, eu ordeno, portanto, que vocês ponham suas armaduras e peguem em armas, alinhando-se nas margens do Ganges para a proteção de Rama. Que os meus servos e as tropas que vivem de frutas, raízes e carne protejam as balsas do Ganges. Que quinhentos barcos sejam tripulados com suas tripulações, e que cada um seja guardado por barqueiros jovens bem armados e equipados. Cuidem para que eles sejam vigilantes. Se o príncipe Bharata estiver bem disposto para com Rama o seu exército pode cruzar o Ganges hoje".

Assim, mobilizando suas tropas e servos, Guha, o chefe dos barqueiros, levando presentes de peixes, carne e mel, foi ao encontro do príncipe Bharata. Vendo Guha se aproximando, o excelente Sumantra disse a Bharata: "Este Guha acompanhado por mil parentes é o rei deste lugar, ele é um nativo dessa região e está totalmente familiarizado com a floresta, ele é um amigo do teu irmão, Shri Rama. Portanto, ó príncipe, que ele seja admitido em audiência contigo, ele certamente sabe o lugar onde Rama e Lakshmana vivem".

Ouvindo as palavras do sagaz Sumantra, Bharata disse: "Vai e dize a Guha que eu desejo encontrá-lo".

A sanção do príncipe Bharata sendo dada, Guha com os chefes do seu povo se aproximou do príncipe e assim se dirigiu a ele: "Ó senhor, considera este país como o teu próprio domínio; não estando familiarizado com a tua intenção, eu sou incapaz de te oferecer uma recepção apropriada. Esse reino insignificante é teu e nós também somos teus! Nós te suplicamos para permanecer na casa do teu servo. Eu trouxe raízes, frutas e carne fresca e seca para ti e outros produtos da floresta para o teu uso. A minha esperança é que o teu exército fique aqui essa noite como meu convidado; para que possamos ter a oportunidade de servir-te, ó príncipe; Amanhã tu podes seguir adiante com o teu exército".

## Capítulo 85 – Ele se enche de alegria ao saber da intenção do príncipe Bharata

O sábio Bharata escutou as palavras do chefe dos barqueiros e revelou seu propósito para ele, explicando seus motivos da seguinte forma: "Ó amigo do meu irmão mais velho, a tua hospitalidade é notável, uma vez que tu desejas entreter um exército tão grande como o que me acompanha".

O príncipe Bharata então se dirigiu a Guha mais uma vez em palavras gentis e bem escolhidas, e disse: "Ó chefe dos Nishadas, por qual caminho eu devo ir para o eremitério do sábio Bharadwaja? O vale do Ganges sendo inundado é difícil de atravessar".

Guha, familiarizado com todos os caminhos e partes inacessíveis da floresta, respondeu com grande humildade: "Ó príncipe ilustre, não tenhas ansiedade. Estes meus parentes, armados com arcos e flechas, totalmente familiarizados com a floresta, te acompanharão, e eu também te seguirei pessoalmente. Mas observando o teu grande exército, eu estou cheio de apreensão. Tu estás indo te aproximar de Rama incitado por alguma má intenção?"

Shri Bharata, cujo coração era puro como os céus imaculados, respondeu-lhe em tons gentis, dizendo: "Ó Guha! Que nunca chegue o tempo em que eu cause aflição a ele. Não me olhes com medo, ó amigo; Rama, meu irmão mais velho, é para mim

igual ao meu próprio pai! Ó Guha, eu vou para trazer de volta Shri Rama da floresta. Não imputes nenhum motivo mau a mim! Ó amigo, essa é a verdade e somente a verdade”.

Guha se encheu de alegria ao ouvir as palavras do príncipe Bharata e novamente se dirigiu a ele dizendo: “Ó Bharata, abençoado és tu. Em todo o mundo, eu não vejo ninguém igual a ti, já que tu desejas renunciar a um grande império que ficou para ti sem qualquer esforço teu. A tua fama no mundo viverá para sempre, já que tu, angustiado, partiste para trazer Shri Rama de volta ”.

Enquanto o príncipe Bharata e Guha estavam assim conversando, o sol se pôs e a noite se aproximou. Satisfeito com a conversa e a hospitalidade de Guha, com seu exército totalmente revigorado, Shri Bharata entrou em sua tenda para descansar. Mas o príncipe, cujo coração antigamente não estava familiarizado com a com tristeza e que era paciente e livre do pecado, que é a principal causa do sofrimento, ainda estava dominado pela dor por causa de Rama. A tristeza por Raghava o consumia internamente, como um fogo consome uma árvore seca e oca na floresta. O suor causado pelo fogo da aflição escorria pelo seu corpo, como a neve flui dos picos dos Himalaias derretendo sob o calor do sol.

Pela montanha, cujo pico era a tristeza, a recordação de Rama as rochas, seus suspiros os rios carregados de minerais, sua desolação a floresta, e o cansaço os promontórios, sua profunda ansiedade os animais selvagens, sua inquietação as

ervas, por essa montanha de aflição Shri Bharata estava oprimido.

Assaltado por angústia indescritível, o príncipe suspirava pesadamente e, quase privado de razão, inconsciente de seu corpo, como um touro afastado do rebanho, não teve descanso.

Guha, aproximando-se com seus amigos e parentes, abraçando Shri Bharata, gentilmente começou a tranquilizá-lo a respeito de seu irmão mais velho.

Capítulo 86 – Guha conta da estada de Shri Rama ao lado do rio sagrado

O morador daquela floresta densa, Guha, começou a consolar o príncipe virtuoso e afetuoso, cujo amor pelo piedoso Lakshmana e Shri Ramachandra era inabalável, e disse: "Ó senhor, quando o valente Lakshmana, bem armado, estava mantendo vigília sobre o então adormecido Rama, eu disse a ele, 'Ó amigo, um leito macio está preparado para ti, dorme nele à vontade, ó príncipe de Raghu, aqueles que residem na floresta estão acostumados a dificuldades, mas tu és digno de conforto, nós manteremos guarda sobre Shri Rama esta noite. Ó príncipe, não há ninguém no mundo tão querido para nós quanto Rama. Não fiques ansioso, nós vigiaremos Shri Rama; descansa. Pela graça de Rama, eu espero adquirir grande

renome e a riqueza ilimitada do dharma neste mundo. Portanto, ó príncipe, eu vou proteger meu amigo, Shri Rama, que está repousando com Sita! Meus parentes vigiarão; nada na floresta é desconhecido para mim, que a percorro constantemente; eu poderia desafiar um grande exército com sucesso, se ele se atrevesse a atacar Shri Rama!"

"Ó senhor, o ilustre Lakshmana, estabelecido na virtude, me respondeu dizendo: 'Ó Guha, quando os virtuosos Rama e Sita estão descansando sobre a terra nua, como eu ocuparia uma cama confortável? Como pode algum dos confortos da vida ou a própria vida serem meus se Shri Rama também não apreciá-los? Ó Guha, vê Shri Rama, capaz de subjugar os deuses e os demônios, descansando em uma cama de grama. Através de grande austeridade e penitência o Shri Dasaratha foi abençoado com um filho, como ele próprio. Seguramente, o rei não vai sobreviver por muito tempo ao exílio de Shri Rama, e a terra em breve se tornará viúva. As mulheres lamentarão alto e depois ficarão em silêncio. Eu temo que o meu pai, a rainha Kaushalya e a minha mãe Sumitra não vão sobreviver. Talvez a minha mãe continue a viver na expectativa do retorno de Shatrughna, mas Kaushalya, a mãe desse grande herói, certamente morrerá! O rei desejava transferir o trono ao príncipe Bharata, mas essa ambição não será realizada por ele, um dever importante e honroso será cumprido ao executar as cerimônias fúnebres para o meu pai. A capital do rei, cheia de belos terraços e parques, estradas agradáveis e casas altas



incrustadas com pedras preciosas, lotada de cavalos, elefantes e carros, ressoando com música, provida de áreas de lazer, onde pessoas felizes e saudáveis se reúnem, é abençoada por aqueles que caminham nela. Ó Guha, será que nós, voltando com Rama, o cumpridor de votos firmes, quando os quatorze anos de exílio estiverem terminados, entraremos alegremente em Ayodhya em sua companhia?"

Guha disse: "Ó príncipe, desse modo, mantendo vigilância, o poderoso Lakshmana, portando seu arco e flechas, passou a noite. Quando o sol claro se ergueu, os dois irmãos principescos, nessa mesma margem do rio sagrado, fizeram seus belos cabelos ficarem emaranhados e foram então transportados por mim, em segurança, sobre o Ganges.

Os irmãos reais, heroicos, resplandecentes e os subjugadores de seus inimigos, com seu cabelo emaranhado, vestidos em peles, armados com arco e aljava, partiram com Sita, olhando de volta para mim, como elefantes poderosos".

Capítulo 87 – Como Shri Rama passou sua primeira noite de exílio

Tendo ouvido a história tocante contada por Guha, o príncipe Bharata começou a refletir sobre Rama. Aquele príncipe jovem de braços poderosos, cujos ombros pareciam os de um leão e cujos olhos eram como o lótus, que era paciente, jovem e de

aparência encantadora, embora profundamente triste, finalmente caiu ao chão inconsciente, como um elefante atingido no coração por um agulhão.

O príncipe Shatrughna, sempre a serviço de Bharata, profundamente aflito por seu estado, abraçando seu corpo, chorou alto. Então todas as mães do príncipe Bharata, emaciadas pelo jejum e pela tristeza por seu senhor falecido, o cercaram, jazendo inconsciente na terra. A piedosa rainha Kaushalya, se aproximando, levantou Bharata e apertou-o contra o peito. A rainha asceta, que amava seu filho, abraçando-o junto ao peito como se ele fosse seu próprio filho, chorando, o questionou, dizendo: "Ó meu filho, tu estás aflito pela dor? A vida dessa família real depende inteiramente de ti! Ó filho, Shri Rama foi para a floresta com Lakshmana, eu vivo só se eu vir o teu rosto. O rei Dasaratha estando morto, somente tu és o protetor do povo. Ó filho, tu ouviste alguma coisa contra Lakshmana ou o meu único filho, que foi com sua esposa para a floresta?"

O renomado Bharata, voltando à sua consciência normal, consolou a lamentosa Kaushalya e então se dirigiu Guha: "Ó Guha, onde o meu irmão passou a noite aqui? O que ele comeu, em qual cama ele descansou? Onde Sita e Lakshmana ficaram?"

Guha, o rei dos Nishadas, contou alegremente como ele tinha acolhido seu convidado afável, Shri Rama. Ele disse: "Ó Bharata, arroz, outros alimentos e frutas em abundância foram

colocados por mim diante de Shri Rama. Para me agradar, aquele herói do reino da verdade, Shri Ramachandra, aceitou os presentes, mas relembrando seu dever como kshatriya não compartilhou deles. Ele disse: "Ó amigo, somos guerreiros e é nosso dever dar tudo para os outros, não aceitando nenhum presente para nós mesmos".

Naquela noite, Rama de grande coração, tendo com Sita bebido a água trazida por Shri Lakshmana, retirou-se para descansar, jejuando. Shri Lakshmana terminando a água que sobrou, todos mantiveram silêncio e realizaram a devoção noturna com concentração. Depois disso o filho de Sumitra trouxe grama kusha e a espalhou no chão para servir como um leito para Rama.

Enquanto Shri Rama e Sita descansavam lá, Shri Lakshmana lavou os pés deles com água pura e, em seguida, se moveu para longe para ficar de sentinela sobre eles.

Ó príncipe, aqui está a árvore ingudi, e aqui está o leito de grama no qual Rama e Sita dormiram. Aquele herói, Shri Lakshmana, com sua aljava cheia de flechas amarrada ao seu corpo, usando luvas feitas de pele de goha, puxando a corda de seu arco, deu voltas e mais voltas a uma distância, guardando o casal real.

Eu também, ó príncipe, cercado por meus parentes, armado com um arco excelente, vigiei a noite toda, protegendo Shri Ramachandra, que parecia Indra.

## Capítulo 88 – O príncipe Bharata dorme no mesmo local onde Shri Rama tinha descansado

Shri Bharata com seus conselheiros se aproximou reverentemente da árvore ingudi e olhou com amor para o leito de grama. Ele disse para sua mãe: "Essa grama foi pressionada pelo corpo real do ilustre Ramachandra, que passou a primeira noite de exílio neste lugar. Não fica bem para o grande e sábio filho do rei Dasaratha dormir na terra nua! Como pode Shri Rama, que sempre repousava em uma cama macia, dormir no solo descoberto? Shri Rama que morava em um palácio de sete andares, os pisos do qual eram cravejados com flores de ouro e prata, cobertos com tapetes macios de muitas cores nos quais desenhos florais maravilhosos eram tecidos, todo fragrante com o perfume de sândalo e âmbar gris, e que se assemelhava às nuvens; onde os gritos dos papagaios e mainas eram ouvidos constantemente e ar fresco fluía ininterruptamente através de dutos; onde as paredes incrustadas com ouro e prata pareciam a montanha Meru; em tal palácio Shri Rama estava acostumado a descansar, despertado a cada manhã pela doce música dos músicos reais e o tilintar suave das tornozeleiras das mulheres, e devidamente louvado pelos bardos, panegiristas e ministros, em verso e canção. Hoje, ele dorme na terra nua e ouve o grito de chacais e outros animais selvagens. Este caso é inacreditável, parece um sonho! Eu não

considero nada mais poderoso do que a vontade do Senhor; como de outra forma o filho do rei Dasaratha seria visto dormindo no chão? Como poderia a filha do rei Janaka, aquela bela princesa, a amada nora do rei Dasaratha, dormir no chão nu?

"Ó mãe, aqui está o leito do meu irmão, sobre o qual ele se jogou, esmagando a grama pelo peso dos seus membros. Parece que Shri Sita descansou aqui também, usando seus ornamentos, uma vez que eu vejo partículas de ouro jazendo aqui e ali. Ó mãe, vê, o lenço de Sita ficou emaranhado aqui, pois neste lugar eu vejo fios de seda! Seja duro ou macio, o leito de seu marido é agradável para uma mulher! Vê, a jovem e delicada Sita, dedicada ao seu marido, não sentiu aflição, descansando aqui. Oh, eu estou perdido! Que patife impiedoso eu sou! Por minha causa, Shri Ramachandra e sua esposa se deitaram nessa cama dura! Ai de mim que Shri Rama, privado de felicidade real, embora nascido em uma linhagem real, querido por todos e a causa de alegria universal, cuja tez parece o lótus azul, cujos olhos são levemente vermelhos,<sup>243</sup> encantador de se ver, não merecendo tribulação, tenha tido que dormir na terra nua.

"Abençoado e afortunado é Lakshmana, que seguiu seu irmão nos tempos de adversidade! Frutuosa é a vida da princesa Sita, que assim acompanhou seu senhor para a floresta. Infelizes somos nós, desprovidos de Shri Rama; nós nem temos certeza de que ele vai nos permitir servi-lo. O rei Dasaratha estando

morto, e Shri Rama tendo entrado na floresta, a terra me parece como um barco sem timoneiro. Ninguém deseja usurpar o lugar espiritualmente reservado para ele, que mora na floresta. Hoje a capital está vazia e desprotegida, cavalos e elefantes vagueiam aqui e ali soltos, não havendo ninguém para controlá-los; as portas da cidade estão abertas e não guardadas; o exército está melancólico e indiferente à defesa da capital! Ayodhya externamente sem proteção e desprovida de propósito está em um estado lastimável. Até os seus inimigos se afastam dela, como homens se afastam da comida envenenada!

243 É dito que essa é uma das marcas de uma encarnação divina.

"A partir de hoje, assumindo um traje de asceta, eu vou dormir no chão e viver de frutas e raízes. Eu viverei na floresta pelo resto do tempo que Rama tem de cumprir para que o seu voto possa ser completado. Meu irmão Shatrughna viverá comigo na floresta, enquanto Lakshmana retorna com Rama para proteger a capital! Os brâmanes eruditos instalarão Shri Rama em Ayodhya! Eu peço que os deuses realizem o desejo do meu coração. Se Rama, no entanto, não realizar o meu pedido, eu vou permanecer na floresta como seu servo, mas como ele

rejeitaria o meu apelo? Ele não é compassivo para com os seus devotos?"

## Capítulo 89 – O exército atravessa o rio sagrado

Bharata, tendo dormido no mesmo local onde Shri Rama tinha descansado recentemente, e a noite tendo terminado, chamou Shatrughna e disse-lhe: "Levanta-te, ó irmão, que o bem te acompanhe! O dia raiou, não dorme mais! Por favor, convoca Guha, o chefe dos Nishadas, para que ele possa transportar o nosso exército através o rio!"

Shatrughna respondeu: "Ó nobre, eu estou acordado, eu não pude dormir, pois como tu eu estive meditando em Shri Rama!"

Enquanto esses dois, os chefes de homens, estavam conversando, Guha, se aproximando, disse com humildade: "Ó príncipe, tu descansaste à vontade na margem do rio? Alguma perturbação visitou a ti ou ao teu exército?"

Ouvindo essas palavras de Guha proferidas com afeição, Shri Bharata lhe respondeu, dizendo: "Ó rei, nós passamos essa noite em paz, tendo sido muito honrados por ti. Agora que os teus servos transportem o nosso exército sobre o rio".

Guha voltou apressadamente para sua cidade e falou desta maneira aos seus servos e parentes: "Irmãos, se levantam,

acordem, que vocês sempre sejam afortunados! Tragam barcos para a margem e transportem o exército sobre o rio!"

Assim abordados, os barqueiros se levantaram e, reunindo quinhentos barcos, os levaram para a margem. Uma barcaça especial que era própria para alto-mar, chamada "Swastika", com grandes sinos pendurados e estandartes flutuantes com aberturas para o ar, também foi fornecida, sobre a qual mantos brancos de lã foram espalhados como tapetes, com pequenos sinos tilintando melodiosamente quando ela navegava. Essa barca era dirigida pelo próprio Guha. Nela entrou o ilustre príncipe Bharata e Shatrughna com as rainhas Kaushalya e Sumitra, e outras senhoras de alta posição, precedidos por seus preceptores espirituais, os sacerdotes e brâmanes eruditos; finalmente, a bagagem foi carregada.

No momento da partida, o barulho daqueles que queimavam o resíduo deixado pelo exército, daqueles que mergulhavam no Ganges sagrado e dos carregadores levando a bagagem, subiu ao céu. Os barcos, cheios de atendentes, guardados por barqueiros escolhidos, navegando rapidamente, os transportaram sobre o rio. Muitas embarcações continham apenas mulheres, enquanto outras estavam cheias de cavalos ou bois, carroças, gado e mulas.

Chegando à outra margem do rio, as pessoas desembarcaram, os barqueiros e parentes de Guha jogando diversos jogos na água enquanto eles voltavam. Alguns dos elefantes, parecidos com montanhas quando se moviam, foram levados para o



outro lado por seus cornacas, outros atravessaram em barcos, alguns em jangadas e alguns nadaram. Os servos transportaram o exército sobre o rio, antes de

tomarem seu banho matinal. Durante o período de Maitra, seguinte ao nascer do sol, o exército atravessou o rio sagrado e entrou na floresta encantadora.

Chegando ao sagrado Prayaga, o magnânimo Bharata falou palavras de incentivo para o exército e ordenou que eles acampassem à vontade. Então o príncipe, acompanhado pelo guru Vasishtha e outros sacerdotes, foi ver o sábio Bharadwaja.

Aproximando-se do eremitério daquele sábio erudito e iluminado, o filho de Brihaspati, eles viram, na floresta densa e aprazível, cabanas encantadoras cobertas com folhas.

Capítulo 90 – O príncipe Bharata com Shri Vasishtha visita o eremitério do sábio Bharadwaja

Bharata, vendo o eremitério do sábio Bharadwaja, deixando seu exército uma légua atrás e deixando de lado suas armas e trajes reais, vestido com uma roupa de seda simples, procedeu a pé, precedido por seu preceptor. Vendo o próprio sábio, ele deixou seus conselheiros e seguiu Shri Vasishtha somente. O

grande asceta Bharadwaja, vendo o príncipe Bharata se aproximando, levantando-se do seu assento, mandou seus discípulos trazerem o arghya. O muni avançando para cumprimentar Shri Vasishtha, o príncipe Bharata ofereceu saudações a ele, o sábio: reconhecendo-o como o filho do rei Dasaratha. O sábio Bharadwaja então mandando buscar o equipamento ritual o ofereceu com o arghya, e os revigorou com frutas; ele então perguntou a respeito do seu bem-estar e se todos estavam bem em Ayodhya. Então ele perguntou sobre o tesouro do estado e os ministros, mas, sabendo que o rei estava morto, ele não fez nenhuma pergunta a respeito dele.

Em retorno, Shri Vasishtha e Bharata perguntaram sobre a saúde do sábio, a condição de seu corpo, o fogo sagrado, seus discípulos, os cervos e as aves. O grande asceta Bharadwaja lhes informou a respeito de todas essas coisas e então, incitado pelo carinho que ele tinha por Shri Rama, disse a Bharata: "Ó príncipe, qual motivo te trouxe para cá, tu que és agora o soberano do reino? Conta-me tudo. O rei Dasaratha, instigado por sua consorte, banuiu o príncipe Rama para a floresta, pelo período de quatorze anos. Eu espero que tu, desejoso de desfrutar do reino sem reservas, não nutras inimizade pelo teu irmão!"

Cruelmente ferido pelas palavras do rishi, o príncipe Bharata, com os olhos cheios de lágrimas e a garganta embargada pela emoção, disse: "Ó senhor, tu és onisciente, se tu me consideras desse modo, então a minha vida é vã. Eu não estou envolvido

de nenhuma maneira no destino de Shri Rama. Tal vilania nunca proviria de mim. Ó meu senhor, por que tu me acusas assim? Aquilo que a minha mãe fez, por minha causa, não é aprovado por mim, nem eu jamais perdoaria isso. Eu vou satisfazer aquele príncipe grandioso por oferecer saudações a ele, e com a intenção de trazê-lo de volta para a capital. Ó divino, esse é o meu propósito, tem a bondade de me dizer onde Rama, agora o senhor da terra, pode ser encontrado?"

Rogado da mesma forma por Shri Vasishtha e os outros sacerdotes, Shri Bharadwaja, cativado pelas palavras de Bharata, respondeu: "Ó grandioso, tu nasceste na ilustre família de Raghu, e, portanto, não é motivo de admiração que o respeito obediente pelo teu preceptor, o autocontrole e a adesão ao caminho dos sábios estejam todos unidos em ti! Pelos meus poderes de yoga o conteúdo do teu coração era conhecido por mim, mas eu te questionei para que a tua resolução

pudesse ser estabelecida, e a tua fama proclamada em todo o mundo. Eu sei onde Shri Rama e Lakshmana, familiarizados com a justiça, moram. Eles residem na grande montanha Chitrakuta; vai lá amanhã. Hoje, fica aqui com os teus conselheiros. Ó sábio, concorda com o meu pedido".

Então Bharata, o príncipe de grande renome, aceitou a oferta do sábio e permaneceu toda a noite em seu eremitério.

## Capítulo 91 – Shri Bharadwaja acolhe o exército inteiro

O príncipe Bharata tendo decidido ficar no eremitério, o sábio o convidou para uma refeição. Shri Bharata disse: "Ó senhor santo, tu já me regalaste com água, frutas e bagas, eu estou totalmente satisfeito".

Shri Bharadwaja sorrindo respondeu: "Eu sei que tu ficas satisfeito com tudo o que é carinhosamente oferecido a ti, mas, ó príncipe, eu desejo receber todo o teu exército, é apropriado que tu concordes com o meu pedido. Ó grande príncipe, por que tu vieste, deixando o teu exército à distância? Por que vieste desacompanhado pelo teu exército?"

Ouvindo essas palavras, o príncipe Bharata respondeu com humildade: "Ó senhor, eu não vim acompanhado pelo meu exército em deferência a ti. Cabe a um rei ou ao filho de um rei proteger os eremitérios do seu reino! Ó senhor! Eu estou acompanhado por muitos cavalos e elefantes selvagens que ocupam uma vasta área. Temendo que eles destruíssem as árvores, as cabanas de palha e contaminassem a água das lagoas e poços, eu vim sozinho, deixando-os para trás".

Então o maharishi Bharadwaja disse: "Traz o teu exército para cá".

Assim ordenado, o príncipe levou seu exército para lá. Entrando no pavilhão sacrificial, o rishi bebeu três vezes de água lá, e recitando certa fórmula, aspergiu alguma em seu corpo. Então invocando Vishwakarma<sup>244</sup> para proporcionar a hospedagem, e falando devagar, ele disse: "Eu convoco os seres celestes, Vishwakarma e Twashta,<sup>245</sup> que eles preparem residências para o exército. Eu desejo oferecer hospitalidade ao príncipe Bharata, eu, portanto, invoco os deuses Yama, Varuna, Kuvera e também Indra. Que eles me ajudem a fornecer o acolhimento. Eu também convoco todos os rios que fluem acima ou abaixo do leste para o oeste e do oeste para o leste. Que alguns desses produzam o vinho delicioso chamado Maireya<sup>246</sup> e aquele chamado Saura,<sup>247</sup> e também água fresca, doce, como o suco da cana de açúcar. Eu convoco também os músicos celestes chamados Haha e Huhu, juntamente com outros seres divinos e ninfas. Eu convoco as apsaras dançarinas, Ghritachi, Vishwachi, Mishrakeshi, Alambusha, Nagadanta, Hema e Soma, que moram nos Himalaias. Eu invoco as ninfas dançarinas acompanhantes de Brahma e Indra; que elas se vistam em belos trajes, trazendo seus instrumentos. Eu desejo que a floresta celeste Chaitraratha apareça aqui, as folhas de cujas árvores são formadas como belas donzelas. Eu desejo, além disso, alimentos de muitos tipos que possam ser mastigados, chupados ou lambidos, e várias bebidas a serem preparadas pela divindade que preside a lua. Que guirlandas

244 Vishwakarma: o arquiteto dos deuses.

245 [Tvastar, Tvastr, ou Tvashtri].

246 Maireya ou Mireya: um tipo de licor inebriante feito das flores de *Lythrum Fruticosum* com açúcar.

247 Saura: uma bebida celeste, 'saura' significando 'relativo' ao sol.

de flores frescas sejam prontadas e belas taças e diferentes pratos de carne sejam produzidos aqui instantaneamente!"

Pelo seu poder de yoga e a recitação adequada dos mantras sagrados, o santo sábio Bharadwaja produziu tudo o que era necessário. De frente para o leste na postura de convite, Shri Bharadwaja sentou-se em meditação por um espaço de tempo. Em seguida, um a um, os deuses apareceram diante dele. As brisas frescas, lentas e perfumadas, soprando das montanhas Malaya e Dadura, diminuíram o calor. As nuvens derramaram flores e o som dos dundubhis (tambores) divinos foi ouvido; zéfiros agradáveis começaram a soprar, ninfas dançaram, os músicos celestes cantaram e as notas da vina eram ouvidas em todos os lugares. A terra e o céu se encheram de sons doces e harmoniosos, ouvidos por todos os seres vivos. Quando a música divina continuou, o exército de Bharata contemplou a estrutura maravilhosa feita por Vishwakarma. Eles perceberam

que toda a área em um raio de quatro milhas estava coberta com um tapete de grama verde e brilhante reluzindo como uma esmeralda verde. Sua beleza era realçada por árvores silwa, kapitha, amlaki<sup>248</sup> e árvores de manga. Um bosque apareceu onde as pessoas podiam passear, também um rio divino fluindo entre margens adornadas por várias árvores. Belas mansões brancas foram erguidas, com estábulos para os elefantes e os cavalos. Palácios com suas sacadas decoradas com folhas e flores eram vistos, e outros decorados com verde e ramos de flores e guirlandas de flores brancas puras borrifadas com água perfumada. Essas residências continham pátios retangulares servindo como salões de recepção com espaço para palanquins e coches. Alimentos de todos os tipos, arroz, caldo de cana-de-açúcar e todas as variedades de confeitos eram encontrados lá, com pastéis de curry, panquecas e outros pratos deliciosos servidos em recipientes limpos, enquanto tapetes e assentos excelentes foram espalhados para o relaxamento, e camas com cobertas e colchas impecáveis.

Entrando nessas mansões com a permissão do sábio Bharadwaja, o príncipe Bharata foi seguido por seus servos, ministros e sacerdotes que, percebendo que tudo estava bem suprido, ficaram altamente satisfeitos.

Em uma das mansões, uma sala foi separada contendo um trono onde atendentes segurando o dossel e o chamara estavam a serviço. Bharata com seus ministros circungirou o estrado real como se ele estivesse ocupado por Shri Rama e,

curvando-se a ele respeitosamente, Shri Bharata, segurando o chamara, ocupou um assento mais baixo, os conselheiros, sacerdotes e comandantes do exército assumindo posições de acordo com o seu respectivo posto.

Então, por ordem do sábio santo, rios de leite, engrossado com arroz, fluiu diante dos olhos de Bharata. Belas casas, lavadas com cal virgem, apareceram nas margens do rio. Vinte mil mulheres jovens, vestidas encantadoramente e usando belos ornamentos foram lá a pedido de Brahma. Kuvera também enviou vinte mil lindas donzelas enfeitadas com ouro, pedras preciosas e pérolas. Além disso, vinte mil ninfas da região de Indra apareceram, cuja beleza fazia os homens perderem a razão. Narada, Gopha e outros músicos brilhantes começaram a cantar e tocar diante de Bharata, e as ninfas celestes a dançar na presença do príncipe, ao comando do rishi. Todas as flores mais altamente estimadas nos jardins celestes entre os deuses foram vistas em Prayaga, através do poder de Bharadwaja. As árvores aplaudiram, a árvore bahadur tocou os pratos e a pipal dançou, através da influência do sábio, e aquelas chamadas devaparna, tala e kuraka assumiram a forma de anões! Plantas de nome shingsapa, amalaki e jambu, e as trepadeiras que

248 Para plantas e árvores, veja o Glossário separado.



se enroscam como o jasmim e a mallika, tomando a forma de mulheres no eremitério de Bharadwaja, gritavam: "Ó bebedores de vinho, bebam! Ó famintos, comam kheeva! Venham, saciem-se com vários tipos de carne!"

Cada pessoa foi banhada no rio fresco e atendida por sete ou oito belas donzelas com olhos brilhantes, que massagearam seu corpo com óleo e unguentos. Seu banho concluído, muitas mulheres as enxugaram com tecidos macios e lhes deram água adoçada, com sabor de ambrosia, para beber.

Os tratadores cuidaram atentamente dos cavalos, elefantes, mulas, camelos e bois. Os cavalos pertencentes aos estábulos reais e montados por grandes generais foram alimentados pelos cavalariaços com feixes de cana-de-açúcar e arroz tostado e adoçado, seus atendentes e cornacas mal podiam reconhecer seus carregadores. A tropa agora estava embriagada com vinho e entregando-se a todos os prazeres! Cada um era satisfeito em tudo o que desejava; com seus corpos unguentos com pasta de sândalo e unidos com as ninfas em flerte amoroso, eles exclamavam: "Nós nem iremos para Ayodhya nem entraremos na floresta de Dandaka! Que Bharata viva no conforto e Shri Rama more na floresta!"

Assim os guerreiros e cavalariaços se expressaram no estado de embriaguez, enquanto milhares de soldados, em exultação, gritavam alto: "Realmente, isso é o céu!" Correndo para lá e

para cá com guirlandas em volta de seus pescoços, inúmeros soldados dançaram, cantaram e gargalharam. Embora tivessem compartilhado ao máximo de pratos excelentes, doces como néctar, no entanto, quando viam artigos frescos de alimentação eles não podiam deixar de comer de novo!

Milhares de mensageiros, servos e as esposas dos soldados, vestindo trajes coloridos, se exibiam com orgulho. Elefantes, cavalos, camelos, cervos e aves foram plenamente satisfeitos; ninguém sentiu falta de nada! Ninguém, no exército de Bharata, foi visto em roupas sujas ou com fome ou desleixado, ninguém foi visto com o rosto sujo ou cabelo despenteado!

Os homens viram inúmeros pratos de carne de carneiro, carne de porco, carne de veado e outras carnes cozidas em sucos de fruta e fritas na manteiga com cravo, sementes de alcaravia e lentilhas fervendo suavemente neles. Milhares de recipientes estavam cheios de arroz temperado, decorados com flores e cálamos. Todos ficavam mudos de espanto ao vê-los! Dentro de um raio de cinco milhas, os poços foram cheios com manjar de trigo com leite e condimentos (kheeva) e vacas como Kamadhenu realizavam todos os desejos! As árvores gotejavam mel e os lagos foram cheios com o vinho espumante Maireya, e cercados com iguarias cozidas como veados, galinhas e pavões. Centenas e milhares de pratos foram fornecidos, e miríades de recipientes cheios de coalhos, misturados com sementes de alcaravia, gengibre e outras especiarias perfumadas, foram servidos lá. Lagos de iogurte e leite, junto

com pilhas de açúcar podiam ser vistos nas margens do rio, como também folhas perfumadas moídas e unguentos com grandes potes de pasta de sândalo, espelhos e toalhas! Uma abundância de sandálias e sapatos foi fornecida, enquanto antimônio, pentes, escovas, guarda-sóis, arcos e aljavas, armaduras e assentos ornamentais estavam colocados aqui e ali! Tanques, cheios de líquido misturado com ervas para promover a digestão, foram levados para as margens dos lagos onde a descida era fácil, e onde as pessoas podiam se banhar livremente e beber quando quisessem! Esses lagos eram cheios de água pura, cheios de flores de lótus e orlados com grama macia de cor azul e esmeralda; lá, lugares de descanso para os animais também podiam ser encontrados.

Os companheiros do príncipe Bharata ficaram espantados com o entretenimento fornecido pelo maharishi Bharadwaja. Todos passaram a noite em diversão, como no jardim de Indra!

Ao amanhecer, os rios, os músicos e ninfas celestes se despediram do maharishi e voltaram para a sua morada. Mas os seguidores do príncipe Bharata ainda estavam corados e inebriados, com seus corpos pintados com sândalo, as guirlandas de flores em pilhas como montanhas, jaziam em todos os lugares, espalhadas e pisadas por homens e animais.

## Capítulo 92 – O príncipe Bharata com o exército parte para o monte Chitrakuta

O príncipe Bharata, tendo passado a noite desfrutando do entretenimento proporcionado, no início da manhã, desejoso de ver Rama, aproximou-se do muni.

Com as palmas unidas, ele ficou diante do rishi santo que estava ocupado no ritual do fogo.

O sábio Bharadwaja o questionou, dizendo: "Ó príncipe impecável, tu passaste a noite no meu eremitério em paz? Estão todos satisfeitos com o escasso entretenimento proporcionado por mim?"

Shri Bharata, oferecendo saudações ao maharishi, que tinha saído de seu eremitério respondeu: "Ó senhor abençoado, eu e todo o meu exército ficamos completamente felizes no teu eremitério, tu satisfizeste plenamente a todos nós. O meu povo passou a noite agradavelmente, eles dormiram em casas excelentes e compartilharam de pratos deliciosos, e perderam todo o sentimento de fadiga causado pela jornada. Ó grande sábio, agora permite que eu me despeça de ti e vá até o meu irmão; olha-me com benevolência, eu te suplico. Ó sábio, o quão longe daqui é o eremitério do piedoso Rama e qual é o caminho para lá?"

O sábio, eminente em práticas ascéticas, respondeu a Bharata, que desejava ver seu irmão: "Ó príncipe, à distância de dez

milhas daqui, em um campo cheio de seixos, é a bela montanha chamada Chitrakuta! Ao norte dessa montanha flui o rio Mandakini, serpeando através de florestas floridas, suas margens plantadas com árvores florescentes. Ó amigo, perto daquele rio, na montanha Chitrakuta, tu encontrarás os teus dois irmãos morando em uma cabana coberta de palha. Ó príncipe afortunado, na margem sul do Yamuna tu verás dois caminhos, pega o caminho da direita com o teu exército, cavalos e elefantes! Esse caminho te levará até Shri Rama”.

No momento da partida as consortes do rei Dasaratha, descendo das suas carruagens, foram ao lugar onde o grande sábio estava e ficaram circundando-o. Entre elas as frágeis e trêmulas Kaushalya e Sumitra tocaram os pés do homem santo. Então Kaikeyi, frustrada em seus projetos e desprezada por todo o mundo, tocou os pés do sábio e o circungirou. Aflita, ela ficou um pouco longe de Bharata, quando o santo Bharadwaja se dirigiu ao príncipe, dizendo: “Ó príncipe, eu desejo me familiarizar com as tuas mães”.

O sempre eloquente Bharata respondeu humildemente: “Ó senhor santo, aqui está a rainha principal do meu pai, infeliz e enfraquecida pelo jejum, contudo semelhante a uma deusa. Ela é a mãe daquele leão entre os homens, o altamente intrépido príncipe Rama! Comparável a Aditi que gerou Prajapati, ela deu à luz Raghava! Ela que, apoiando-se no braço dela, permanece com o coração triste,

como o ramo da árvore karnikara despojado de suas flores, é a rainha Sumitra, a mãe daqueles heróis da verdade, Shri Lakshmana e Shatrughna. Ó grande sábio, ela que trouxe grande aflição àqueles dois chefes de homens e causou a morte do rei Dasaratha por separá-lo de seus filhos, que é dada à raiva e que é vaidosa e superficial, estimando-se favorecida, que é muito ambiciosa e inconstante e ainda olha para si mesma como livre de imperfeições, essa cruel e perversa Kaikeyi, é minha mãe! Ó grande muni, foi ela quem causou o meu grande infortúnio!"

Incapaz de falar mais, com sua garganta embargada pela emoção, o príncipe começou a suspirar pesadamente, com seus olhos inflamados, respirando como uma serpente provocada. Então o sábio santo, familiarizado com o que deveria acontecer, respondeu dizendo: "Meu filho, não repreendas a rainha Kaikeyi, o exílio de Shri Rama será produtivo de grande bem e os deuses e danavas e os sábios ilustres ganharão grandes benefícios por causa da presença de Shri Rama na floresta!"

Ouvindo isso, Bharata se curvou ao rishi e, recebendo a sua bênção, o circungirou com reverência. Em seguida, almejando a permissão do sábio para partir, ele ordenou que seu exército se preparasse para marchar.

Os líderes das tropas montaram em seus cavalos, enquanto outros, subindo em carruagens douradas, iniciaram sua jornada. Elefantes com assentos<sup>249</sup> fixados por correntes

douradas e enfeitados com bandeiras esvoaçantes foram em frente, os sinos pendurados nos elefantes machos e fêmeas causando um som como o trovão das nuvens no final da estação chuvosa! Os outros veículos grandes e pequenos, transportando os membros da família real, avançaram também.

Shri Bharata, com a intenção de ver Rama, viajando em um palanquim resplandecente brilhante como o sol ou a lua, com seu grande exército, se moveu para o sul, cobrindo a terra como uma vasta nuvem.

Os cavalos e elefantes estavam todos contentes e aquela grande multidão, inspirando os veados selvagens e as aves com terror, parecia esplêndida quando entrou na floresta profunda.

### Capítulo 93 – Eles veem o eremitério de Shri Rama

Conforme o exército imenso atravessava a floresta, os líderes das manadas de elefantes selvagens com seus companheiros fugiam alarmados. Ursos, leopardos e outros animais ferozes podiam ser vistos fugindo nos topos das colinas e nas margens do rio.

Extremamente satisfeito, o príncipe Bharata prosseguiu em meio aos seus soldados que gritavam enquanto marchavam. O exército do ilustre Bharata parecia um oceano, cujas ondas se espalhavam sobre a terra ou como as nuvens que cobrem o céu durante a estação chuvosa. O chão por milhas estava coberto com elefantes e cavalos, de modo que nenhum vestígio dele podia ser visto.

Tendo marchado uma distância considerável, Shri Bharata, percebendo que seus animais estavam cansados, se dirigiu ao santo sacerdote, Shri Vasishtha, dizendo: "Essa região parece ser tão bela como descrita para mim, eu creio que nós chegamos ao local mencionado pelo sábio Bharadwaja. Esta montanha é

249 [Howdah: um assento para andar nas costas de um elefante ou camelo, tipicamente com um dossel e que acomoda duas ou mais pessoas].

Chitrakuta, e este é o rio Mandakini, e esta é a floresta que, de longe, se assemelhava a uma nuvem azul. Estes são os picos gloriosos de Chitrakuta, que estão sendo pisados pelos meus grandes elefantes! Vê, ó santo guru, como as nuvens escuras derramam água na época das chuvas, assim os elefantes, cujas



trombas são marcadas pelos ramos oscilantes das árvores, espalham flores sobre as colinas.

"Ó Shatrughna, contempla a adorável montanha Chitrakuta procurada pelos deuses; em todos os lugares grupos de veados vagueiam realçando a sua beleza, como crocodilos nadando graciosamente no mar. Como nuvens impelidas pelo vento no inverno adornam o céu, assim esses veados correndo diante do exército tornam a floresta encantadora.

"Os nossos soldados, enfeitando suas cabeças com flores, parecem as pessoas do sul que se coroam com flores. Vê, ó Shatrughna, a floresta que parecia aterrorizante e que parecia respirar por estar cheia de homens se assemelha à própria Ayodhya!

"A poeira que se ergue dos cascos dos bois cobre o céu e se assenta lá, até que o vento a dissipa rapidamente, como se aquelas coisas que obstruem a minha visão de Shri Rama estivessem sendo removidas dos meus olhos. Ó Shatrughna, contempla esses cavalos atrelados às carruagens com seus aurigas passando rapidamente pela floresta! E vê aqueles belos pavões com penas longas, correndo com medo para a sua habitação na montanha. Ó irmão impecável, este lugar parece encantador para mim e uma residência adequada para ascetas.

"Como são adoráveis os cervos pintalgados vagando com suas corças; eles parecem como se cravejados de flores. Que os

meus líderes vão em frente e procurem o lugar onde Shri Rama e Lakshmana vivem”.

Ouvindo as palavras de Shri Bharata, os guerreiros, levando armas nas mãos, entraram na floresta e lá viram um local onde a fumaça estava subindo. Ao verem isso, eles retornaram ao príncipe Bharata e lhe comunicaram a sua crença, de que os dois irmãos reais habitavam onde a fumaça se erguia. Eles disseram: "Se não for Shri Rama e Lakshmana lá, então certamente é algum devoto que pode nos informar a respeito da residência de Raghava!"

Ouvindo esse relatório agradável, Shri Bharata se dirigiu aos líderes do exército, dizendo: "Vocês fiquem aqui, não prossigam, eu, com o santo guru Vasishtha e Sumantra, iremos àquele local”.

Assim comandados os guerreiros pararam e Shri Bharata olhou para o local onde a fumaça era visível. Observando a fumaça, os guerreiros, esperando naquele lugar, se alegraram, acreditando que a hora do encontro com Shri Rama estava próxima.

Capítulo 94 – Shri Rama decide passar seu exílio na montanha

Shri Rama, que havia passado muitos dias na montanha, agradava Shri Sita por lhe mostrar muitas cenas de beleza natural, eles mesmos parecendo tão adoráveis como Indra e sua consorte.

Shri Rama disse: "Ó afortunada, contemplando a beleza dessa montanha agradável, a separação de meus amigos ou de meu país não me causa mais dor! Ó centro de alegria! Contempla a beleza desses picos cheios de metais de vários tipos, atingindo os céus e frequentados por aves de todas as espécies! Esses picos,

alguns dos quais brilham como prata, alguns dos quais são avermelhados, alguns amarelos, alguns cintilantes com o esplendor das gemas brilhantes escondidas neles; alguns reluzentes com safira e cristal, e alguns parecendo mercúrio e luzentes como as estrelas! Embora muitos leões e leopardos abundem na floresta, contudo, influenciados pela natureza pura dos ascetas que moram aqui eles deixaram de seguir os seus instintos cruéis. Muitas variedades de aves têm seus ninhos lá naquela colina, árvores carregadas de frutas e flores fornecendo sombra deliciosa tornam a montanha encantadora!

"Aqui há árvores de manga, jambu, asana, lohdra, piyala, panasa, dhuva, ankotha, bhavya, tinisha, bilwa, tindura, bambu, kasanari, arista, varana, madhuca, tilaka, vadari, amlaka, nipa, vetra, dhanwaria, vijaka e outras.

"Ó princesa auspiciosa, contempla a graça arrebatadora dessas colinas onde os sábios kinnaras vagueiam em pares, suas espadas e roupas coloridas penduradas nos galhos. Vê os retiros charmosos dos vidya dharas<sup>250</sup> e seus companheiros. Essas montanhas com suas cascatas e fontes borbulhantes se parecem com elefantes imensos com a linfa escorrendo de suas testas.

"Que mente não se encheria de prazer pelas brisas que saem das cavernas da montanha, impregnadas com fragrância, agradáveis aos sentidos? Ó inigualável, se for para eu morar aqui contigo e Lakshmana por inúmeros anos, nenhuma tristeza ou ansiedade me visitará. Ó senhora adorável, sobre a montanha de Chitrakuta, tornada agradável por uma profusão de flores e frutas, cujos picos encantadores ecoam com o doce canto dos pássaros, eu estou contente em morar! Por residir aqui, dois objetivos foram alcançados, o cumprimento da promessa do meu pai e a satisfação do príncipe Bharata. Ó filha do rei de Videha, observa esse local encantador, onde autocontrole e ascetismo são facilmente praticados. Dize, tu és feliz aqui? A disciplina de residência na floresta é declarada pelos sábios reais como sendo um meio de libertação. Nossos antepassados como Manu afirmaram que a residência na floresta é o meio de adquirir a forma dos deuses. Vê, ó princesa, aquela montanha, adornada por milhares de rochas azuis, amarelas, purpúreas e brancas. À noite, as ervas que curam brilham como o fogo, iluminando os rochedos com seu

esplendor. Vê, ó princesa, algumas das cavernas se assemelham a casas, algumas aparecem com jardins de flores, todas realçando a glória da montanha. Parece que Chitrakuta brotou da terra e de todos os lados parece incomparavelmente bela. Observa, ó auspiciosa, como aqueles que se dedicam ao prazer espalharam leitos aqui e ali, e os cobriram com flores de lótus azuis sobrepostas com coberturas de pele. Vê as guirlandas murchas deixadas de lado por eles e as cascas de muitas frutas das quais eles compartilharam.

"Essa montanha Chitrakuta, em variedade de flores e águas transparentes, superou a capital de Indra em beleza. Ó Sita, eu passarei os doze anos aqui com o príncipe Lakshmana e contigo; adotando a maior virtude e disciplina, eu desse modo protegerei o meu reino e ganharei mérito".

## Capítulo 95 – Rama aponta as belezas da natureza para Sita

Tendo apontado a beleza das colinas para Sita, Raghava então lhe mostrou o rio agradável Mandakini brotando da montanha. O senhor de olhos de lótus se dirigiu

250 Vidya dharas: 'Possuidores de conhecimento', uma classe de divindades servidoras de Indra.

à filha do rei Janaka, cujo rosto parecia a lua, dizendo: "Ó princesa, contempla o rio Mandakini com suas margens aprazíveis frequentadas por cisnes, groux e outras aves aquáticas, cheias de árvores floridas de diferentes tipos, que o fazem parecer o rio Sangandhika na região de Kuvera. Seus vaus agradáveis, onde eu desejo me banhar, as águas dos quais foram tornadas turvas pelos grupos de veados que vieram beber e partiram recentemente, todos esses atraem o coração. Ó querida, os ascetas vestidos com mantos de pele e camurça se banham em determinadas épocas nesse rio. Ó princesa de belos olhos, aqui os munis cumprindo votos rigorosos e austeros ficam com os braços erguidos, adorando o sol. As árvores agitadas pela brisa fazem com que as colinas pareçam estar dançando. As flores espalhadas pela força do vento fazem parecer como se Chittrakuta estivesse oferecendo flores ao rio. Ó auspiciosa, aqui as águas do Mandakini brilham como gemas e lá elas formam uma praia de areia. Grupos de seres perfeitos frequentam a margem. Ó princesa, observa as pilhas de flores derrubadas dos galhos pelo vento, e outras flutuando no ar e caindo no rio para serem levadas embora pela água. Ó Kalyani, observa os gansos selvagens permanecendo nos lugares rasos, proferindo gritos doces para convocar seus companheiros ou divertindo-se com eles. Ó

adorável Sita, quando eu contemplo a montanha Chitrakuta e o rio Mandakini em tua companhia, eu considero essa uma alegria maior do que qualquer uma que Ayodhya poderia me dar. Vem, ó Sita, e vamos nos banhar no rio Mandakini, frequentado por seres perfeitos que são dotados de controle interno e externo e são dedicados à prática de austeridade. Ó princesa, tu antigamente te divertias com as tuas damas de honra em Ayodhya, hoje te diverte comigo no rio Mandakini, me atirando lótus brancos e espargindo as águas sobre mim. Ó querida, imagina que aqueles que moram aqui são os cidadãos de Ayodhya e que o Mandakini é o rio Sarayu. Ó Sita, eu estou feliz contigo, que és obediente ao meu comando, como é também o príncipe Lakshmana. Ó amada, banhando-me três vezes por dia contigo no rio e vivendo de mel, frutas e bagas, eu não sinto desejo pelos confortos do reino de Ayodhya. Quem não será feliz, residindo nas margens do rio Mandakini, onde manadas de elefantes passeiam e leões e macacos vêm saciar sua sede, e onde as flores crescem durante todo o ano?"

Assim Shri Rama conversou sobre muitas coisas maravilhosas relativas ao rio Mandakini com Sita e, tomando a mão da princesa, passeou com ela sobre a azul e bela montanha Chitrakuta.

## Capítulo 96 – Eles veem o exército se aproximando e Lakshmana jura destruí-lo

Tendo mostrado a Sita as belezas do rio Mandakini, Rama e Sita se sentaram em uma rocha. Regalando Videhi<sup>251</sup> com carne de veado, Shri Rama, para agradá-la, falou desta maneira: "Essa carne é pura e ficou deliciosa por ser assada no fogo".

Enquanto conversava assim com Sita, ele observou a poeira subindo como uma nuvem, agitada pelos pés do exército de Bharata que se aproximava e ouviu o passo dos guerreiros marchando, ao som dos quais os líderes dos elefantes com suas manadas corriam para lá e para cá em agitação. Vendo as manadas de elefantes fugindo por causa do tumulto causado pelo exército, Shri Rama disse a

251 Videhi: um nome de Sita, como a filha do rei de Videha.

Lakshmana: "Ó Lakshmana, a rainha Sumitra é realmente afortunada para ser tua mãe. Esse clamor bélico está vindo das nuvens? As manadas de elefantes residentes na floresta densa, os búfalos selvagens e os cervos estão fugindo aterrorizados! Algum rei ou príncipe veio caçar na floresta, ou algum animal terrível e sedento de sangue entrou na floresta? Investiga o



assunto, ó Lakshmana! Nem mesmo as aves estão despreocupadas em seu voo; cabe a ti procurar a causa dessa comoção".

Subindo rapidamente em uma árvore shala, Shri Lakshmana olhou para todas as direções. Primeiro ele examinou o quadrante leste, então ele olhou para o norte e lá ele viu um vasto exército composto de elefantes, cavalos, carruagens e infantaria bem armada!

Descrevendo o exército que se aproximava com seus elefantes, cavalos, carros e bandeiras, Shri Lakshmana disse a Rama: "Ó grandioso, apaga o fogo e que Sita entre na caverna, que tu te armes e pegues teu arco e flecha".

Shri Rama respondeu a Lakshmana dizendo: "Ó filho, verifica pelos símbolos nas bandeiras a quem pertence esse exército".

O príncipe ouviu palavras de Rama e ardendo de raiva, desejoso de destruir o exército, respondeu: "Sem dúvida, Bharata tendo assegurado o trono veio para nos matar a fim de desfrutar do governo sem oposição! Vê, ao lado daquela árvore grande e bela há uma carruagem com uma bandeira branca portando o sinal de uma romãzeira. Os soldados montados em cavalos de movimento rápido estão vindo em minha direção. Eu vejo os condutores de elefantes também. Ó herói, vamos nós dois, armados com arcos e flechas, subir a colina, ou, vestidos em trajes de batalha, fiquemos aqui totalmente preparados. Nós certamente derrotaremos Bharata.

Hoje, nós subjugaremos aquele por cuja causa todos os nossos sofrimentos vieram a ocorrer. Ó Rama, aquele Bharata, por cuja causa tu, Sita e eu, fomos privados de nosso reino e lançados em tribulação, está se aproximando como um inimigo. Ele certamente deve ser morto, ó príncipe, eu não vejo pecado em destruí-lo. Não seria pecado matar alguém que procura te ferir. Ó príncipe, ele já te prejudicou; por matar Bharata, tu podes adquirir o domínio sobre toda a terra. Hoje Kaikeyi, ávida pelo reino, verá seu filho morto no campo. Vendo Bharata morto por mim, como uma árvore arrancada por um elefante, Kaikeyi sofrerá grande angústia! Eu matarei Kaikeyi também, e seus amigos e Manthara também. Ó concesso de honra, eu livrarei o mundo da pecaminosa Kaikeyi; hoje eu soltarei a minha ira contida por tanto tempo sobre as forças do meu inimigo, como um fogo consome grama seca. Hoje, eu encharcarei os campos de Chitrakuta com o sangue de meus inimigos. Hoje aqueles elefantes, feridos pelas minhas flechas afiadas, e aqueles homens mortos por mim, serão arrastados para cá e para lá por animais selvagens. Hoje, eu cumprirei o meu voto, por destruir Bharata e seu exército com meu arco e flechas”.

Capítulo 97 – Shri Rama não pode acreditar que o príncipe Bharata venha como um inimigo

Vendo Lakshmana dominado pela raiva e desejo de vingança, Shri Rama tentou acalmá-lo dizendo: "Ó Lakshmana, o guerreiro erudito Bharata, armado, está vindo nos ver pessoalmente, que valor tem o escudo ou a espada? O que eu farei com um reino obtido por matar meu irmão Bharata, eu tendo me comprometido a cumprir as ordens do meu pai? Eu nunca vou aceitar riquezas obtidas pelo

assassinato de parentes e amigos que seriam tão aceitáveis para mim quanto comida misturada com veneno! Ó Lakshmana, eu te asseguro, é por causa dos meus irmãos que eu desejo buscar virtude, riqueza legitimamente adquirida, prazeres, e até mesmo o reino. Ó Lakshmana, eu falo a verdade, por este sinal, tocando os meus braços, 'Eu desejo um reino apenas para sustentar os meus irmãos e assegurar o seu bem'. Ó príncipe encantador! A aquisição do reino não é difícil para mim, mas, ó meu irmão, eu não desejo sequer o domínio da região celestial se ele só puder ser adquirido por meios injustos! Ó caro! Que o deus do fogo consuma tudo o que me dá alegria, se isso não for para o teu bem e em benefício de Bharata e Shatrughna! Parece-me que, quando o meu querido irmão, sempre dedicado a mim, voltou a Ayodhya da casa de seu tio materno, após saber que nós três, vestidos em pele tínhamos entrado na floresta, ele, dominado por afeto e tristeza, partiu para cá para nos procurar! Eu não vejo outro propósito para a sua vinda aqui. Ou pode ser que Bharata,

furiado com sua mãe a repreendeu com palavras amargas e veio aqui para se reconciliar comigo. É apropriado que Bharata me veja e eu não posso acreditar que ele venha como um inimigo. Que mal Bharata alguma vez fez para nós, ó irmão, que hoje tu tomas por certo que ele está contra nós? É impróprio para ti falar mal ou rudemente de Bharata. Essas coisas mordazes que tu disseste de Bharata, tu de fato disseste de mim. Ó filho de Sumitra, como um pai mataria seu filho, ou um irmão mataria seu irmão, aconteça o que acontecer? Se tu disseste tudo isso por causa do reino, então eu vou desejar que Bharata te dê o reino. Ó Lakshmana, se eu disser a Bharata 'Dá a coroa para Lakshmana', seguramente ele responderá 'Que assim seja'".

Shri Lakshmana foi profundamente humilhado pelas palavras de Rama, seus membros e músculos se contraíram e ele ficou cheio de vergonha. Ele disse: "Parece que o próprio maharaja Dasaratha veio aqui para nos ver".

Vendo Lakshmana envergonhado, Shri Rama respondeu: "Eu também acredito que meu pai veio nos ver, e vai procurar nos levar para casa para a capital, sabendo quão dolorosamente nós sofremos na floresta!"

"Pode ser, também, que o rei, sabendo que Sita é digna de toda felicidade, queira levá-la para casa. Vê, ó irmão, dois cavalos excelentes de raça nobre, rápidos como o vento, aparecem na vista! O elefante grande e idoso Shatrunjaya que transporta o meu pai ilustre marcha à frente do exército, mas eu me sinto

apreensivo, pois não vejo o guarda-sol branco do meu senhor renomado! Ó Lakshmana, desce da árvore”.

O príncipe tendo descido em obediência a Shri Rama ficou diante dele com palmas unidas.

Enquanto isso Shri Bharata mandou seu exército não se aproximar ou perturbar o eremitério de Rama. O exército com seus elefantes e cavalos ocupava uma área de sete milhas e o prudente Bharata que, para agradar Rama, tinha se livrado de todo o egoísmo e usado apenas meios virtuosos, o fez tomar sua posição a alguma distância da montanha Chittrakuta.

## Capítulo 98 – O príncipe Bharata vai a pé encontrar Shri Rama

Aquele nobre, Shri Bharata, realmente obediente às ordens de seu guru, vendo seu exército bem alojado, prosseguiu a pé para encontrar Shri Rama. Assim que o exército estava acampado, ele abordou Shatrughna com estas palavras: "Ó

excelente, tu com teus homens e alguns caçadores rapidamente examina a floresta e procura o eremitério de Shri Rama. Que Guha acompanhado por mil dos seus guerreiros, armados com arcos, flechas e espadas, procure por Shri Rama na floresta. Eu mesmo, na companhia dos conselheiros, dos

cidadãos, dos anciãos e dos brâmanes, continuarei a pé através da floresta. Eu não descansarei até que eu tenha visto o santo Rama, o valente Lakshmana e a muito auspiciosa Sita. Eu não procurarei repouso até que eu tenha olhado para o rosto brilhante de Shri Rama, meu irmão mais velho. A minha mente não experimentará paz até que eu tenha colocado a minha testa aos pés de Rama, que carregam as marcas da realeza. A minha alma não encontrará alegria até que eu tenha colocado Shri Rama no trono ancestral e o visto ungido com a água sagrada no momento da sua coroação! Afortunado é o príncipe Lakshmana, que olha para o rosto resplandecente, como a lua, de olhos de lótus, de Rama, todos os dias. Bem-aventurada é a filha do rei Janaka, que segue Shri Rama, o senhor da terra e do mar! Abençoada é também Chitrakuta, igual aos Himalaias, na qual Shri Rama reside, como Kuvera e Chitraratha moram na floresta. Abençoada é essa floresta hoje, cheia de serpentes venenosas e difícil de penetrar, porque o poderoso guerreiro Rama reside nela".

Falando dessa maneira, o valente príncipe Bharata entrou na floresta a pé. O mais notável dos homens eloquentes, o piedoso Bharata chegou ao centro da floresta, onde árvores florescentes e frutíferas enfeitavam os cumes da montanha. Escalando uma árvore shala, ele viu a fumaça subindo do fogo no eremitério de Rama. O príncipe com seus amigos se regozijou como aqueles que cruzaram o oceano, ao encontrar a morada de Rama. Descobrimo que Shri Ramachandra morava

na montanha frequentada por ascetas, Shri Bharata, deixando seu exército para trás, na companhia de Guha partiu rapidamente para o eremitério.

Capítulo 99 – Os quatro irmãos se encontram com lágrimas de alegria

Shri Bharata com grande avidez apontou as indicações da posição do eremitério de Shri Rama para seu irmão Shatrughna. Ele pediu para Shri Vasishtha trazer suas mães lá rapidamente, enquanto ele, dedicado ao seu irmão mais velho, seguiu na frente. Sumantra seguiu Shatrughna, que caminhava atrás de Bharata e que estava igualmente ansioso para ver Rama. O príncipe, prosseguindo, finalmente avistou a cabana coberta com folhas no meio dos eremitérios dos ascetas, e viu diante dela uma pilha de madeira quebrada e flores colhidas para adoração. Para marcar o local do ashrama, Shri Rama e Lakshmana tinham amarrado grama kusha e tiras de tecido às árvores. Ele também percebeu grandes montes de esterco de veado e de búfalo seco para combustível, para ser utilizado no inverno.

O ilustre e poderoso Bharata, avançando, falou palavras calculadas para seu irmão e conselheiros, dizendo: "Eu creio que nós chegamos ao lugar mencionado pelo sábio

Bharadwaja, e que o rio Mandakini não é muito longe daqui! O príncipe Lakshmana amarrou tiras de pano às árvores, de modo que, ao buscar água em uma noite escura, ele possa saber o caminho de volta para o eremitério. Esta parece ser a estrada percorrida pelos grandes elefantes que estavam rugindo na floresta. Eu percebo a fumaça negra subindo do fogo sacrificial dos ascetas. Aqui, eu verei aquele leão entre os homens, Shri Rama, o grande preceptor, sentado majestoso, como um sábio resplandecente”.

Prosseguindo um pouco mais, o príncipe Bharata chegou ao rio Mandakini em Chitrakuta, e abordando seus companheiros disse: “Aquele chefe de homens, um verdadeiro deus entre os seres vivos, está sentado nessa floresta isolada na postura de um asceta. Ai de mim, infame é a minha vida e o meu nascimento, por conta dos quais o muitíssimo resplandecente senhor de todos, Shri Ramachandra, está mergulhado nessa aflição e mora na floresta privado de toda alegria! Desprezado pelos homens por causa disso, eu agora cairei aos pés de Rama e Sita, a fim de conciliá-los”.

Enquanto ainda lamentava, Bharata viu a cabana de telhado de folhas, pura e agradável, coberta com ramos frondosos de sala, tala e outras árvores, semelhante a um altar coberto com grama kusha.



Aqui e ali arcos imensos e escudos cobertos com ouro, empunhados em batalha, estavam pendurados, contribuindo para a beleza do lugar, e perto havia uma aljava de flechas, brilhantes como os raios do sol e afiadas como as serpentes com cabelos brilhantes do rio Bhagawati. Havia também duas cimitarras em bainhas de ouro e dois escudos brasonados com flores douradas, também muitas peles de veado e luvas com manoplas bordadas com ouro. Aquela habitação era inexpugnável como uma caverna e inatacável pelos grupos de veados selvagens.

Bharata discerniu naquela habitação Shri Rama sentado perto do altar, resplandecente como o fogo. Por um longo tempo, Shri Bharata contemplou a beleza da cena. Ele viu Rama sentado, com seus cabelos emaranhados enrolados no alto da cabeça, brilhante como uma chama, seu corpo vestido em um manto de pele, coberto com a pele de um antilope preto, os ombros parecendo os de um leão, seus braços eram longos, seus olhos como lótus, aquele governante da terra e do oceano, o soberano de decretos eternos! Shri Bharata viu aquele virtuoso com Lakshmana e Sita, sentado em uma plataforma coberta de grama kusha, parecendo com o eterno Brahma.

Vendo-o sentado assim, o piedoso Bharata foi dominado pela tristeza e pelo carinho, e correu em direção a ele, com sua garganta embargada pela aflição, chorando e lamentando. Embora a dor estivesse fora de controle, ele ainda a dominou e falou: "Ai! meu irmão mais velho, digno de um assento na

assembleia real, amado por seus conselheiros, está hoje se associando com animais selvagens na floresta. Ele, digno de vestes adornadas com milhares de moedas de ouro, está sentado, vestido com uma pele de veado, a fim de praticar as obrigações da vida honrada. Shri Rama, que era antigamente adornado com guirlandas de diferentes flores, como ele pode suportar o peso de seus cabelos emaranhados? Ele, que deveria adquirir mérito pela realização de sacrifícios auxiliado pelos rishis, hoje aumenta seus atos meritórios pela prática de austeridade. Agora o rosto do meu irmão mais velho, anteriormente adornado com pasta de sândalo, está coberto de poeira! Ai de mim! é por minha causa que Shri Rama, que antes desfrutava de todos os prazeres, está hoje passando por esse infortúnio. Ai de mim, que sou odiado por todos”.

Lamentando dessa maneira, o infeliz Bharata, com seu rosto coberto de lágrimas, tentou correr e cair aos pés de Rama, mais caiu inconsciente no caminho. Profundamente aflito, o grande herói, o príncipe Bharata, gritou: "Ó excelente!" e não falou mais. Exclamando apenas, "Ó nobre majestade", ele não pode prosseguir mais. Shatrughna, também chorando, abraçou os pés de Shri Rama, no que Rama, reunindo os dois em seus braços, se derreteu em lágrimas.

Então Sumantra e Guha se aproximaram de Shri Rama e Lakshmana, e parecia como se o Sol e a Lua, Júpiter e Vênus tivessem se unido nos céus. Os

habitantes da floresta, vendo os quatro príncipes reunidos em seu meio, derramaram lágrimas de alegria.

Capítulo 100 - Shri Rama pergunta ao príncipe Bharata a respeito do cumprimento dos seus deveres reais

Shri Ramachandra viu Bharata jazendo no chão, vestido em traje de asceta, com seu cabelo enrolado no alto da cabeça, suas palmas unidas em súplica, assemelhando-se ao sol desprovido de seu esplendor, caído na terra, na época da dissolução do mundo.

Segurando as mãos de seu irmão, que estava emaciado e fraco, Shri Rama o levantou e, cheirando sua cabeça, o abraçou, apertando-o nos braços e ternamente perguntando a ele: "Ó filho, onde está o teu pai, que tu vieste à floresta sozinho? Se ele vivesse, tu não terias vindo aqui desacompanhado! Ai de mim! Eu me aflijo porque eu mal reconheço meu irmão, magro, cansado e cheio de preocupações. O que te traz à floresta? Ó meu irmão, o rei está bem e feliz? Ou será que a dor provocou o seu fim? Ó querido, tu és ainda uma criança, me dize, há alguma coisa errada naquele reino eterno? Ó herói da verdade, tu tens servido o rei bem? Dize, aquele soberano de homens, devotado à verdade e ao dever, o realizador do grande sacrifício, está bem de saúde?

Aquele monarca altamente erudito, mestre dos brâmanes ascetas, é plenamente estimado? Ó filho, a mãe Kaushalya e a rainha Sumitra, mãe de um filho ilustre, estão bem? A muito nobre rainha Kaushalya está feliz? Ó amigo, tu respeitas suficientemente aquele meu companheiro magnânimo, humilde, experiente, bem-nascido, ele que é hábil em ação, o filho de Shri Vasishtha? O sacerdote real, altamente versado no Veda, que é sábio e benevolente, te informa sobre o momento de sacrifício? Ó irmão, tu ofereces total reverência aos deuses, pai, mãe, guru, aos teus superiores, aos médicos e brâmanes? Ó amigo, tu dás o devido respeito e honra a Sudhama, hábil na ciência de armas e familiarizado com as armas acionadas por mantras? Tu tornaste teus conselheiros aqueles que são de confiança, pacientes, mestres de ética e que transcenderam a avareza? Ó príncipe, a boa sorte dos reis é a consulta secreta com os peritos nas leis espirituais. Meu filho, tu superaste o sono? Tu acordas cedo? Tu nas horas tardias meditas sobre os métodos de aquisição de riqueza legítima? Tu refletas só em questões de importância e consultas com os teus ministros em público? Os outros monarcas sabem das tuas decisões antes que elas sejam aplicadas? Quando tu estás decidido sobre o que precisa e deve ser feito tu o realizas rapidamente? Os reis menores conhecem a tua resolução determinada após o evento ou antes que tu o coloques em movimento? Tu preferes a companhia e aconselhamento de um pândita erudito à de incontáveis tolos? Em tempos de adversidade, é de infinita vantagem ter a proximidade de um homem erudito. Se um

soberano se cerca de dez mil pessoas ignorantes ele não receberá nenhuma ajuda delas, mas se um rei for auxiliado por um ministro sábio, previdente, estudioso, versado nas leis morais e de governo, ele obterá uma grande vantagem. Ó irmão, tu empregas homens de caráter nobre em assuntos de importância e outros inferiores em eventos sem importância? Tu nomeias ministros que são de coração puro, cheios de integridade e de uma disposição nobre, cujos antepassados têm servido a coroa em posições de autoridade? Ó filho da rainha Kaikeyi, os arrogantes e orgulhosos, quando enfurecidos, insultam a ti ou teus ministros? Como uma mulher

despreza alguém que tem relação ilícita com a esposa de outro homem ou os sacerdotes condenam aquele homem que pecou enquanto oferecendo sacrifício, assim é desprezado um rei que cobra taxas severas. Aquele monarca que não condena à morte um homem que, por avareza e iludido pela ambição, acusa outros que são virtuosos, e até ameaçou a vida do rei, é ele próprio destruído! Ó irmão, tu és atendido por tais pessoas? Um comandante supremo que é ativo, vitorioso sobre seus inimigos, perito em armas, paciente na adversidade, dedicado a ti e experiente, foi nomeado por ti? Tu tens honrado com recompensas adequadas aqueles homens que são valentes, distintos, eminentes em ciências militares, engenhosos e cujas habilidades foram testadas? Tu distribuis remuneração e provisões de forma apropriada quando são devidas? Servos

que não são pagos na época apropriada ficam irritados e desconsideram seu mestre. Serventes insatisfeitos são uma fonte de perigo.

"Os guerreiros e comandantes vassalos são dedicados a ti? Em momento de necessidade, eles estão prontos para sacrificar suas vidas por tua causa? Tu nomeaste, como teus embaixadores, aqueles que são cidadãos do teu reino, que podem adivinhar os motivos dos outros, que têm bom senso, que são eloquentes, e capazes de vencer seus adversários em debate? Tu empregas três espiões, cada um não familiarizado com o outro para se assenhorearem dos segredos dos quinze,252 excluindo os teus ministros, sacerdotes e o herdeiro legítimo? Tu colocaste vigilância sobre os inimigos que tu expulsaste do teu reino e também que voltaram? Tu os consideras inofensivos? Tu és auxiliado por brâmanes de opiniões ateístas? Tais homens se julgam sábios, mas, de fato, são tolos, contudo eles podem desviar outros do caminho da virtude, sendo hábeis no envio de almas para as regiões mais baixas. Eles não estudam os tratados autorizados sobre os deveres dos homens, mas se empenham em argumentos contra o Veda e, tornando-se eminentes em conhecimento inútil, discutem assuntos indignos continuamente.

"Ó amigo, tu proteges cuidadosamente a capital Ayodhya, a sede de nossos antepassados e grandes homens, justamente denominada 'Invencível' tendo portões fortes e sendo cheia de elefantes, cavalos e carruagens, onde brâmanes ocupados em

deveres espirituais residem, também guerreiros e comerciantes, e homens superiores que subjugaram seus sentidos e estão concentrados em vários empreendimentos; aquela cidade progressiva, que é repleta de templos de muitas formas, frequentados por homens instruídos? Ó irmão, a nossa é uma capital que tem sido o local de muitos grandes sacrifícios, que contém inúmeros templos e lagos, frequentados por homens e mulheres alegres, onde reuniões festivas são realizadas, onde nenhuma parte da terra fica sem cultivo, onde elefantes, cavalos e gado vivem em grandes números, onde ninguém vive em perigo, e que é irrigada por meios artificiais para que as necessidades das pessoas não dependam apenas da chuva; que é encantadora e onde animais perigosos, como leões, não abundam, que está livre de homens perversos, que melhora diariamente e que é protegida pelos espíritos dos nossos antepassados, dize-me, aquela cidade está próspera? Ó irmão, tu estás satisfeito com os lavradores e com aqueles que vivem por cuidar do seu gado? Tu forneces o que eles precisam e os proteges do mal? Tu sempre os preservas e lhes proporciona sustento? Ó irmão, um rei deve sempre proteger seus súditos por meios justos. Tu propicias as mulheres do teu reino? Elas são devidamente defendidas por ti? Tu colocas tua confiança nelas? Tu comunicas teus

252 Os quinze são: camareiros, ajudantes, tesoureiros, mestres das atas, comandantes supremos, chefes de polícia,

advogados, magistrados, guardas das florestas e montanhas, esmoleres, carcereiros, porteiros, superintendentes de obras públicas, sacerdotes e pagadores.

segredos a elas? Ó príncipe, tu, bem adornado, te mostras ao teu povo na sala de reunião antes do meio-dia? Aqueles que trabalham para ti se aproximam de ti com segurança, ou eles se contêm por conta do medo? Ambos esses estados são desvantajosos. Tu tratas teus súditos com moderação? Os teus fortes estão bem supridos com riqueza, alimentos, armas, água, armamentos, e equipados com arqueiros e flecheiros? Ó príncipe, a tua tesouraria contém mais do que é necessário para as tuas despesas? A tua riqueza é gasta inutilmente com músicos e dançarinos? Uma parte do teu tesouro é dedicada aos deuses, às tuas irmãs, aos brâmanes, aos hóspedes não convidados, guerreiros e amigos? Tu condenas alguém por avareza sem levar em conta a justiça ou sujeitando o infrator à investigação mais cuidadosa por aqueles eminentes em lei e que têm boa conduta? Aqueles que te servem são homens justos, inocentes de mentira e roubo, e não de má reputação? Ó nobre, aqueles que são presos por roubo, pegos no ato e sua culpa constatada após a devida investigação, eles são capazes de obter soltura por subornarem os oficiais? Em uma disputa entre um homem rico e um homem pobre, os teus juízes experientes executam a justiça não influenciados por um desejo de ganho? Ó príncipe de Raghu, as lágrimas daqueles que são



condenados injustamente por um monarca que vive no conforto e é indiferente à justiça que é dispensada destroem seus filhos e seus rebanhos! Ó príncipe, tu satisfazes os idosos, as crianças e os médicos, por lhes suprir com suas necessidades, tratand-os com carinho e lhes concedendo os benefícios da administração sábia? Tu ofereces saudações ao encontrar teu guru ou os idosos, os ascetas, desconhecidos, objetos sagrados, e os brâmanes que são eruditos e iluminados? Tu usas o tempo reservado para o cumprimento do teu dever para a aquisição de riqueza, ou tu desperdiças a oportunidade de cumprir teu dever e de adquirir riqueza por predileção pelo conforto e dissipação? Ó chefe dos conquistadores, ó conhecedor do significado do tempo, tu divides as tuas horas entre a observância do teu dever, a aquisição de riqueza e a distração legítima? Ó sábio, os pânditas eruditos e os cidadãos rezam diariamente pelo teu bem-estar? Ó Bharata, tu abjuras as quatorze falhas que um soberano deve evitar? Ateísmo, dissimulação, raiva, falta de atenção, procrastinação, negligência para com os sábios, indolência, rendição dos sentidos aos objetos externos, desrespeito ao conselho, consultar aqueles que defendem o mal, o adiamento do que já foi decidido, a ocultação de conselho recebido, o abandono da conduta correta, o oferecimento de respeito igualmente aos de nascimento inferior e superior, e a conquista cruel de outras terras.

"Ó rei, tu estás familiarizado com os resultados dos seguintes e tu refletas constantemente sobre eles? Caça, jogo, dormir durante o dia, calúnia, afeto desmedido, vaidade, concentração em dança e música, vaguear aqui e ali sem propósito; com as cinco fortificações: por fosso, por barreiras altas, por árvores densamente plantadas, por áreas desertas desprovidas de meios de subsistência e por uma região sem água; com os quatro meios para o sucesso: concluir a paz, generosidade, a punição e a semeadura de dissensão nas fileiras do inimigo; com os sete requisitos de administração: o rei, os ministros, governo, tesouraria, território, exército e aliados. Com os tipos de pessoas com quem não se deve contrair amizade: aqueles que falam mal dos outros, o atrevido, o curioso, o ofensivo, aqueles que tiram a propriedade de outros, o abusivo, o cruel; e com os oito objetos que devem ser procurados: virtude, aquisição de riqueza legítima, diversões adequadas, o estudo dos três Vedas, tratado, estratégia, invasão, momento adequado, e se aliar com os poderosos?

"Tu estás familiarizado com os cinco tipos de sofrimento causados por seres celestiais: pelo fogo, água, doença, fome e peste? Tu tens levado cuidadosamente em consideração os infortúnios causados por oficiais, ladrões, inimigos e pelos favoritos do rei? Tu refletas que não é apropriado ser íntimo com uma criança, com alguém que é senil, alguém que há muito tem estado aflito, alguém que foi excomungado, um

covarde, um terrorista, alguém que é avarento ou que excita a cobiça, alguém que é desprezado por outros, alguém que é voluptuoso, alguém que consulta a todos, alguém que fala mal dos brâmanes, alguém que atribui tudo ao destino, alguém que é aflito pela fome, ou que vagueia de um país para outro sem um propósito, alguém que tem muitos adversários, alguém que não age no tempo correto, alguém que não é dedicado à verdade, alguém que vive sob o domínio estrangeiro e alguém que é agressivo? Tu tens dado aos seguintes a devida consideração e verificado se eles estão de acordo contigo: teus súditos, as mulheres, o reino, aqueles que perderam sua riqueza, teu inimigo, teu amigo, e aqueles hostis para com o teu inimigo?

"Ó sábio, tu estás familiarizado com os preparativos necessários para uma viagem, os métodos de punição, a elaboração de tratados, e quem há de ser confiável e não confiável? Ó príncipe, tu, consultas com os teus conselheiros coletivamente ou separadamente, e tu trataas cada entrevista como particular? Tu conclus o teu estudo do Veda com doações de caridade? Tu usas a tua riqueza na distribuição de esmolas e em diversões legítimas? Os teus casamentos se tornam produtivos de progênie? Tu praticas o que aprendes com as escrituras? Tu aprovas atos de benevolência, dever e adoração e os considera produtivos de fama e longevidade? Ó príncipe, tu segues o caminho dos teus predecessores, que promove a felicidade e que todos aprovam? Ó Bharata, tu

compartilhas sozinho de pratos deliciosos? Quando entre os teus companheiros tu primeiro lhes oferece alimento suculento e então compartilha dele tu mesmo? Saibas, ó irmão, que o monarca que conhece a lei e também sabe como administrar a justiça e governa por meios justos se torna o senhor da terra e entra no céu após sua morte”.

#### Capítulo 101 – Shri Rama ouve o relato da morte de seu pai

Bharata, ouvindo essas palavras de Rama, respondeu: “De que me servirá o cumprimento dos deveres reais, que sou desprovido de toda virtude? Ó grandioso, de acordo com a tradição da nossa linhagem o irmão mais novo não pode ser o rei enquanto o mais velho viver, portanto, ó Raghava, volta comigo para a cidade auspiciosa de Ayodhya e para o bem da nossa família faze com que tu mesmo sejas instalado como rei. Alguns podem considerar o rei um homem, mas eu o considero um deus, uma vez que sua conduta é diferente dos outros, sendo inspirado por dever e graça divina. Quando eu estava na casa do meu tio materno e tu exilado para a floresta, o rei Dasaratha, adorado pelos bons, o realizador de sacrifícios espirituais, partiu para o céu. Assim que tu, com Sita e Lakshmana, deixaste a capital, o rei, dominado pela tristeza e aflição, faleceu. Ó chefe de homens, oferece as libações

tradicionais para o teu pai; Shatrughna e eu já executamos esse ritual. Ó príncipe, diz-se que a água e arroz oferecidos por um filho amado concedem bem-aventurança imperecível para alguém que partiu. Ó Raghava, tu foste realmente o amado do teu pai real; pelo sofrimento por tua causa e pelo desejo te ver, o teu pai,

com a sua mente incessantemente fixa em ti, dominado pela tristeza, partiu para o céu”.

## Capítulo 102 – Todos eles ficam aflitos com pesar

Ao ouvir de seu irmão o relato da morte de seu pai, Shri Rama caiu inconsciente.

As palavras de Bharata se mostraram tão terríveis para Shri Rama quanto a maçã de Indra caindo sobre os danavas em batalha. Torcendo as mãos, Raghava caiu ao chão como uma árvore cortada por um machado. O Senhor do Mundo, Shri Rama, caído na terra, jazia como um elefante que, tendo tirado a margem do rio, afunda sob a carga.<sup>253</sup> Seus dois irmãos, juntamente com Sita, vendo que ele tinha caído em um desmaio, o salpicaram com água para recuperá-lo.

Recuperando-se um pouco, Shri Rama começou a lamentar. O príncipe virtuoso, ciente de que seu pai havia falecido, proferiu estas palavras piedosas para Bharata: "O que eu devo fazer em Ayodhya agora meu pai partiu para o céu? Quem pode preservar a capital desprovida desse monarca ilustre? O que eu, indigno e infeliz, posso fazer por aquele magnânimo, meu pai, que morreu pelo sofrimento por se separar de mim e cujos ritos fúnebres eu não fui capaz de realizar? Ó Bharata impecável, tu de fato és abençoado, por quem os últimos ritos do teu pai guerreiro foram realizados. Agora, quando eu voltar para a capital após a conclusão do prazo do meu exílio, ninguém vai me instruir no que é bom e no que é mau. Antigamente, por afeição, meu pai, estando satisfeito com a minha boa conduta, me instruí. Quem agora vai proferir aquelas palavras que caíam agradavelmente em meus ouvidos?"

Voltando seu rosto para Sita cujo semblante se assemelhava à lua cheia, Rama se dirigiu deste modo a ela: "Ó Sita, teu sogro deixou essa vida, Ó Lakshmana, tu estás sem pai! Bharata contou essa notícia amarga para nós. Ó Lakshmana, traze a polpa da fruta ingudi e troca esse traje de pele. Eu desejo oferecer libações de água para o meu nobre pai. Que Sita me preceda e que tu a sigas; em tais ocasiões, esse procedimento deve ser observado".<sup>254</sup> Então Sumantra, o atendente idoso da linhagem real, sábio, inteligente, de bom coração, autocontrolado, e humilde, inteiramente dedicado a Rama,

consolou os príncipes e os levou para o rio Mandakini, cujas águas eram sagradas e meritórias.

Profundamente aflitos, os ilustres se aproximaram do rio agradável que passava em meio à mata florescente, e descendo à corrente pura, veloz e não enlameada, eles ofereceram a água ritual em nome de seu pai real, dizendo: "Ó grande rei, que esta água seja tua". Em seguida, Shri Rama, enchendo suas palmas com água, virando-se para o sul, chorou e disse: "Ó rei poderoso, que esta água sagrada oferecida hoje por mim seja tua para sempre na região dos teus antepassados".

Depois disso, Raghava com seus irmãos ofereceu bolos de arroz em memória do rei, às margens do rio Mandakini. Tendo feito um bolo por misturar o suco de

253 ["O senhor da terra à terra afundou, desamparado, como quando uma margem muito alta com ruína súbita enterra profundamente um elefante que dormia". - Griffith].

254 Quando eles descem para a água a ordem da procissão é que as crianças vão primeiro de acordo com a idade, então as mulheres, então os homens, os mais novos primeiro, os mais velhos por último. A ordem é revertida quando eles emergem.

frutos selvagens com a polpa da fruta ingudi, Shri Rama o serviu sobre a grama kusha e, profundamente triste, chorando, disse: "Ó rei poderoso, tem a bondade de aceitar e compartilhar deste alimento, pois aquele que é o alimento habitual do homem os deuses aprovam".

Então, subindo a ladeira, Shri Rama voltou pelo caminho que ele tinha percorrido. O grande Raghava, chegando à porta da cabana de palha, segurou as mãos de Lakshmana e Bharata e chorou. O som do choro dos quatro príncipes e de Sita ressoou nas montanhas como o rugido de um leão, e o exército ao ouvi-lo ficou muito perturbado, e eles disseram entre si, "Shri Rama e Bharata se encontraram e eles estão lamentando a morte do rei, seu pai".

Deixando seu acampamento e virando seus rostos para onde o som de lamento se erguia, eles foram às pressas para aquele local. Alguns montaram em cavalos e elefantes, alguns andaram em carruagens douradas, e outros se apressam a pé para lá, pois embora Shri Rama tivesse deixado a capital recentemente, lhes parecia como se ele estivesse longe deles há muito tempo. Desejosos de ver Rama, eles foram para o eremitério do príncipe ilustre em vários tipos de veículos e o som do seu avanço e das rodas rodando criou um barulho como um trovão. Elefantes aterrorizados pelo tumulto corriam com seus companheiros para outras florestas, perfumando a floresta com sua linfa. Javalis, lobos, búfalos, cobras, tigres, gado selvagem e cervos de várias espécies ficaram cheios de



medo. Patos, aves aquáticas, cisnes, gansos, cucos e garças fugiram em todas as direções. O ar estava cheio de pássaros, e a terra de homens, tornando ambos belos.

Finalmente, o exército chegou ao local onde eles viram o ilustre e inocente Rama, o chefe de homens, sentado em um assento sacrificial, e vendo sua condição eles começaram a praguejar contra Kaikeyi e Manthata e, chegando mais perto, choraram amargamente. Shri Rama, observando-os tão aflitos, abraçou-os como um pai. Abraçando aqueles que eram dignos de sua afeição, oferecendo saudações a alguns, ele tratou aqueles da sua idade e seus parentes com o respeito devido a cada um.

O som do seu pranto encheu a terra e o céu, e reverberou nas cavernas e em todos os quadrantes como a batida de um tambor.

### Capítulo 103 – Shri Rama cumprimenta as rainhas

Shri Vasishtha, precedido pelas rainhas viúvas do rei Dasaratha, prosseguindo em direção ao eremitério de Shri Rama contemplou o lento Mandakini e o lugar sagrado frequentado por Rama. Afligida pela dor, a rainha Kaushalya chorou e então disse a Sumitra e às outras rainhas: "Ó vejam! Aqui é o lugar onde os desprotegidos Rama, Lakshmana e Sita,

privados de seu reino por Kaikeyi, vêm se banhar. Ó Sumitra, aqui me parece que o teu filho Lakshmana incansavelmente traz água para o meu filho. Embora empenhado nesse trabalho humilde, um serviço gentil realizado para um irmão mais velho é um ato honroso! Embora o transporte de água seja uma ocupação humilde, quando Shri Ramachandra, persuadido por Bharata, voltar para a capital, então o teu filho, digno de todo conforto, abandonará esses deveres laboriosos”.

A rainha Kaushalya de olhos grandes então viu o bolo funerário oferecido por Shri Rama em memória de seu pai. Ela viu como o entristecido Rama tinha colocado

o bolo de farinha no solo em memória de seu grande pai, e ela então se dirigiu às viúvas do rei falecido, dizendo: “Vejam como isso foi oferecido por Raghava em memória do grande rei da Casa de Ikshvaku. Eu não considero esse bolo de farinha misturada com o suco da fruta ingudi como digno do mahatma Dasaratha, que era igual a um deus! Como o soberano da terra cercada pelos quatro mares acharia esse bolo de polpa de ingudi aceitável? Nada é mais doloroso para mim do que isso, que o ilustre Rama ofereça esse bolo de farinha insignificante para seu pai falecido! Por que o meu coração não quebra em mil fragmentos, vendo essa oferenda pobre? É um ditado comum entre os homens que o alimento consumido por um homem é o alimento do seu deus e dos seus antepassados”.

As consortes do rei consolaram a rainha principal e, seguindo adiante, chegaram ao eremitério onde elas viram Shri Rama sentado como um deus descido do céu. Vendo Shri Rama afastado de todos os prazeres, elas ficaram profundamente angustiadas e choraram amargamente.

Shri Rama, o devoto da verdade, levantou-se e tocou os pés de sua mãe, e as rainhas de olhos grandes com suas mãos delicadas tiraram a poeira dos pés dele. Shri Lakshmana, aflito ao ver sua dor, ofereceu saudações a elas com profundo afeto e elas, limpando a poeira dos pés de Shri Rama, demonstraram o mesmo amor pelo príncipe Lakshmana, já que ele, também, era o filho do rei Dasaratha. Sita também, cheia de tristeza, com os olhos repletos de lágrimas, ficou diante das rainhas tocando os pés delas.

Kaushalya, abraçando Shri Sita que estava emaciada por causa das privações de seu exílio, se dirigiu a ela como uma mãe à sua filha e disse: "Ai! Ai! A filha do rei de Videha, a nora do rei Dasaratha, e consorte de Shri Ramachandra, tem sofrido grandes privações na floresta. Ó Janaki, eu queimo com o fogo da aflição quando eu vejo o teu rosto chamuscado pelo sol como os lírios d'água carmesins desbotados, ou ouro sujo com poeira, ou a lua obscurecida pelas nuvens. Eu estou sendo consumida pela dor decorrente disso, como um pedaço de madeira<sup>255</sup> consumido lentamente pelo fogo".

Enquanto a rainha Kaushalya estava lamentando dessa maneira, Shri Ramachandra se aproximou do santo Vasishtha e

tocou seus pés de lótus. Tendo tocado os pés do grande asceta, que era tão resplandecente quanto o fogo, como Indra oferecendo saudações aos pés de Brihaspati, Shri Rama sentou-se perto dele.

Então o piedoso Bharata acompanhado por seus conselheiros, as pessoas mais importantes da cidade, e os seus generais, se aproximou de Shri Rama e ocupou um assento mais baixo.

O heroico Bharata, com palmas unidas, sentado ao lado de seu irmão mais velho, que estava vestido em trajes de asceta, parecia Prajapati sentado diante de Brahma! Naquele momento, os principais cidadãos presentes estavam cheios de curiosidade para saber o que Shri Bharata diria a Raghava. O sempre verdadeiro e valente Rama, sentado com Bharata e Lakshmana, justos se assemelhavam a três fogos rituais no lugar de sacrifício.

Capítulo 104 – Ele pede para o príncipe Bharata ascender ao trono

255 Videha é o nome dado aos dois pedaços de madeira dos quais um fogo é aceso. Há, portanto, um trocadilho com o nome de Sita, aqui.

Shri Rama, junto com Lakshmana, se dirigiu a Shri Bharata, dizendo: "Ó Bharata, dize por que vieste aqui para a floresta em trajes de asceta, vestido com pele e camurça? Para qual propósito, ó príncipe, tu, abandonando o teu trono, vieste à floresta, vestido com a pele do antílope?"

Assim questionado, Shri Bharata, controlando a sua dor, respondeu: "Ó nobre majestade, meu pai, o rei, por minha mãe agindo de uma maneira imprópria, morreu de tristeza por estar separado de seu filho. Ó príncipe poderoso, minha mãe fez um ato extremamente perverso e perdeu o seu bom nome. Viúva e oprimida pela aflição, ela irá para o inferno. Embora o filho de Kaikeyi, eu ainda sou teu servo. Sê bondoso para comigo e te permitas ser instalado hoje e ascende ao trono como Indra. Os anciãos do povo e a minha mãe, viúva vieram aqui para te suplicar. Tem a bondade de conceder o nosso pedido, ó senhor. "Ó tu que prestas a devida deferência a todos os homens, sendo o filho mais velho do rei, tu deves por direito ocupar o trono. Aceita a responsabilidade da realeza e satisfaz o desejo dos teus amigos. A terra, te obtendo como seu senhor, descansará satisfeita como a noite de inverno na presença da lua. Eu não sou só teu irmão, mas teu seguidor e servo

devotado. Meus ministros e eu te saudamos e te suplicamos a olhar com favor para o nosso pedido.

"Ó chefe de homens, não deixes que esses conselheiros e aqueles que tradicionalmente têm administrado pleiteiem em vão".

Tendo falado, o príncipe Bharata, com os olhos cheios de lágrimas, colocou sua cabeça aos pés de Shri Rama. Shri Rama levantando-o abraçou o príncipe Bharata que estava suspirando como alguém perturbado e disse: "Ó Bharata, por que um príncipe virtuoso e esclarecido como tu agiria de tal modo que seu irmão mais velho cometesse pecado? Ó herói, eu não vejo falha em ti, mas cabe a ti não falar mal da tua mãe. Ó impecável, o pai ou o preceptor espiritual pode ordenar seu discípulo, seu servo ou sua esposa como ele quiser. Portanto, deve ser conhecido por ti que um filho sábio ou devoto deve sempre demonstrar obediência. Eu sou, portanto, submisso ao meu pai.

"Ó adorável, nós estamos sujeitos ao rei e é o mesmo se ele nos enviar para a floresta, para a morada dos ascetas, ou nos manter em sua proximidade. Ó chefe dos virtuosos, uma mãe deve ser reverenciada assim como o pai. Ó Bharata, pelo comando de minha mãe e de meu pai virtuosos eu fui enviado para a floresta, como eu me atreveria a desobedecê-los?

"Ó príncipe, retorna para a capital e, aclamado pelo povo, sobe ao trono, enquanto eu resido na floresta como um asceta.

Lembra que o rei assim decidiu na presença de seu povo, e agora ele faleceu. O soberano é o instrutor de seu povo e de ti também, e foi apropriado que ele fizesse o que ele fez. Ó Bharata, desfruta do reino dado a ti pelo meu pai.

"Ó belo, eu permanecerei na floresta de Dandaka por quatorze anos e desfrutarei do que meu pai me concedeu. O monarca ilustre, meu pai, honrado por todo o mundo, me mandou vir para a floresta, e obedecê-lo é a minha felicidade.

"Parece-me que a soberania do mundo inteiro é vã se ela for minha em desafio à ordem de meu pai".

Capítulo 105 – O príncipe Bharata pede para Shri Rama voltar e governar o reino

Os príncipes cercados por parentes e amigos passaram a noite tristes. O dia tendo amanhecido, os irmãos celebraram o sacrifício do fogo e realizaram a repetição de prece silenciosa nas margens do rio Mandakini, em seguida, entrando no eremitério de Rama, eles se sentaram em silêncio profundo, ninguém dizendo uma palavra, uma grande paz prevalecendo sobre todos.

Por fim, Shri Bharata, no meio de seus amigos, quebrou o silêncio e se dirigiu deste modo a Shri Rama: "Ó meu irmão, o

nosso ilustre soberano conferiu o reino a mim para satisfazer minha mãe e cumprir a obrigação de suas antigas bênçãos e, minha mãe tendo dado este reino a mim, eu agora o ofereço a ti, desfruta dele sem impedimento. Quando a represa se rompe na temporada chuvosa ninguém pode deter a maré, similarmente ninguém além de ti pode proteger esse vasto domínio. Ó rei, como um burro não pode igualar o passo de um cavalo, nem o voo de uma ave comum o de uma águia, eu também sou incapaz de governar o reino sem ti.

"Ó Rama, feliz é o soberano de quem outros dependem, mas desprezível é aquele que depende de outros. Uma árvore plantada e regada, apesar de crescer e espalhar grandes ramos que nenhum anão pode escalar, e ser coberta com flores, se ela não der frutos, aquele que a plantou sofre descrédito. Ó herói poderoso, que essa metáfora seja entendida por ti, para que tu, sendo o senhor de todos, possas guiar os teus servos. Ó senhor, deixa-nos te ver, o destruidor de teus inimigos, sentado no trono real, brilhando resplandecente como o sol. Que estes elefantes poderosos sigam a tua carruagem e todas as rainhas residentes no palácio se regozijem".

As pessoas ouvintes das palavras de Shri Bharata as aplaudiram dizendo: "Bem dito!" "Bem dito!" Então, o compassivo Rama vendo Bharata aflito e lamentando consolou-o dizendo: "Ó Bharata, o homem não é livre, o tempo<sup>256</sup> o arrasta para lá e para cá. Todos os objetos perecem, todas as almas individualizadas devem partir quando



o seu mérito se esgota; filhos, amigos, esposas, todos os que vivem devem morrer um dia. Acúmulo e gasto, prosperidade e miséria, encontro e despedida, e vida e morte são todos semelhantes. Quando a fruta madura cai, nós não ficamos surpresos, portanto, um homem que nasceu não deve temer quando morte o reivindica.

"Como um edifício sustentado por pilares sólidos ao se tornar velho cai em ruínas, assim o homem sujeito à idade um dia tem que encontrar a dissolução. Ó Bharata, a noite uma vez passada não volta; assim as águas do Yamuna, fluindo para o mar, não retornam. Vê, os dias e as noites estão passando, diminuindo o período de duração da nossa vida, como os raios do sol no verão sugam a umidade da terra. Ó príncipe, te aflige por ti mesmo portanto, não há nada mais digno de aflição! A idade faz com que todos definhem, sejam móveis ou imóveis. A morte está sempre ao nosso lado, ela não nos deixa quando viajamos para um lugar distante, e ainda está presente no nosso retorno!

"O que um homem deve fazer quando sua pele está enrugada e cabelos grisalhos cobrem sua cabeça e ele está idoso? O homem se alegra quando o sol nasce e se põe, sem prestar atenção à diminuição dos seus poderes. Ele saúda a aproximação de cada estação, como a chegada da primavera, mas a sucessão das estações devora os dias do homem! Como pedaços de troncos, flutuando no mar, se reúnem por um espaço de tempo, dessa maneira esposas, filhos, parentes,

riqueza e propriedade permanecem conosco um pouco, mas, no decorrer do tempo, nos deixam.

256 O tempo na forma de destino.

"Alguém, sentado à beira do caminho, grita para um grupo de viajantes que passa, 'Deixem-me também ir com vocês!' por que então o homem se afligiria ao trilhar a estrada que foi trilhada por seus predecessores? A vida do homem, como um rio corrente, não volta, assim os nossos dias diminuem e nós devemos realizar aqueles atos virtuosos que nos levam ao conhecimento da Realidade.

"Praticando a virtude, o homem deve desfrutar de prazeres mundanos; nosso pai, o ilustre Dasaratha, tendo realizado atos benevolentes e dado presentes caridosos apropriados, morreu, coberto de virtude. Tendo nutrido seus servos e cuidado do seu povo, tendo cobrado somente aqueles impostos justificados pelo dever moral, tendo construído tanques e criado reservatórios e executado muitos atos sacrificais, ele faleceu. Deixando o mundo depois de desfrutar de uma variedade de prazeres e de oferecer incontáveis sacrifícios, o rei, em uma idade avançada, foi para o céu.

"Ó irmão, não é adequado lamentar pelo rei, que, cheio de anos, tendo desfrutado dos prazeres do mundo, respeitado pelos bons, abandonou sua vida. Tendo abandonado o seu corpo desgastado, ele obteve a forma de um ser celestial.

"Um homem sábio, culto e esclarecido como tu não deveria se afligir por um pai assim. Exercitando a paciência, tu deves parar de lamentar e abandonando a tristeza retornar à capital. Ó primeiro entre os eloquentes, teu pai te mandou morar em Ayodhya. Eu também cumprirei as ordens dele que sempre praticava justiça!

"Eu não posso desrespeitar os comandos do meu pai ilustre, ele é digno de ser obedecido por ti e por mim, sendo nosso pai e nosso soberano. Ó filho de Raghu, eu irei, portanto, obedecer à vontade dele e habitarei na floresta. Ó chefe de homens, aqueles que desejam felicidade em um estado futuro, e que são virtuosos e benevolentes, devem obedecer aos seus superiores. Ó grandioso, tem em mente as ordens de nosso pai, um amante da verdade, e volta para a capital para governar o reino!"

O magnânimo Rama, tendo pronunciado essas palavras sábias referentes à necessidade de obediência ao seu pai, ficou silencioso.

Capítulo 106 – Apesar das súplicas exortando-o a voltar, Shri Rama permanece firme em seu voto

Rama, o amante de seu povo, tendo falado, parou; então o piedoso Bharata respondeu a Rama, empregando argumentos persuasivos de teor justo, dizendo: "Ó senhor, quem há neste mundo como tu? A adversidade não te move, nem qualquer coisa agradável te toca. Todos olham para ti como seu superior, contudo tu procuras conselho com os mais velhos do que tu!

"O homem para quem os vivos e os mortos são o mesmo e que é indiferente quanto ao que ele possui ou perde, por que razão ele se afligiria? Ó senhor, aqueles que como tu, sabem, como tu sabes, qual é a natureza da alma e sua essência, não são afetados na hora de infortúnio!

"Ó príncipe de Raghu, como os deuses, tu és magnânimo, tu és sempre tolerante e fiel aos teus votos. Tu és sábio, tu sabes e vês tudo! Tu estás ciente dos motivos das ações dos homens e do motivo de eles as abandonarem, portanto, aquele sofrimento que é intolerável para os outros não te perturba de nenhum modo".

Tendo dito isso, Bharata continuou: "Ó Rama, sê bondoso para comigo, ainda que durante a minha ausência em uma terra estranha a minha mãe tenha cometido aqueles pecados que causam a minha aflição. Eu estou atado pelos laços do dever, senão eu teria matado a minha mãe perversa. Eu sei o que é

mau e o que é bom, descendente como eu sou do justo rei Dasaratha, portanto eu sou incapaz de agir de forma contrária à virtude. Eu não posso falar mal nessa assembleia do meu pai piedoso e idoso, que já faleceu, e onde pode ser encontrado o homem tão completamente familiarizado com a lei da justiça como era o rei, contudo, que pessoa conhecedora da lei moral cometeria um erro tão grande motivado pelo desejo de agradar a uma mulher? Há um ditado antigo dizendo que, com a aproximação da morte, o homem perde o poder de julgamento! O rei realmente comprovou esse adágio para o mundo inteiro! Por medo da ira da rainha Kaikeyi ou da sua ameaça de destruição autoimposta, ou por agitação mental, o rei pode ter agido assim sem consultar seus súditos, mas tu não estás vinculado por essa ação. Aquele que imputa as transgressões de seu pai a um motivo justo não é considerado um bom filho; como herdeiro do rei, não revela os erros do teu pai, mas esconde este ato injusto do mundo.

"Ó herói, é teu dever salvar minha mãe Kaikeyi, meu pai, meus parentes e a mim das consequências dessa ação condenada por todos. Ó irmão, lembra o teu dever como um guerreiro e reflete sobre o resultado da tua estada na floresta como um asceta, mas também considera o bem do teu povo. Não cabe a ti adotar esse curso de ação. O primeiro dever de um guerreiro é ser instalado para que ele possa ser capaz de proteger seu povo. Dize, por que um homem, desistindo daquele que é um dever estabelecido, adotaria aquele que é miserável, triste,

imaginário e indefinido? Se, ó abençoado, tu desejas passar por essa mortificação, por que tu não a procuras através do trabalho árduo de governar as quatro castas? Diz-se que o dever de um chefe de família é o dharma mais elevado, então, por que tu o abandonas?

"Ó senhor, ouve-me, eu sou apenas teu filho em relação à erudição, idade e estado, como eu seria capaz de governar o reino? Eu, uma criança, desprovido de conhecimento e virtude e em posição também teu inferior; como eu seria capaz de viver sem ti, muito menos governar em teu lugar? Portanto, ó Raghava, ó virtuoso, que tu, com teus parentes, governes o reino sem oposição e adquiras mérito! Ó grande sábio, o santo Vasishtha está aqui presente com os ministros e sacerdotes, permita-te ser coroado e volta conosco para Ayodhya!

"Como Indra, tendo conquistado seus inimigos, entrou no céu acompanhado pelos Maruts, que tu entres em Ayodhya, cumprindo assim os teus deveres para com os deuses, os sábios e os teus antepassados, satisfazendo as ambições dos teus amigos! Considera-me como teu servo, e comanda-me! Ó nobre, que os teus amigos hoje se alegrem com a tua entronização e que os malfeitores fujam para os mais remotos confins da terra! Ó chefe de homens, lava a nódoa da culpa da minha mãe e livra o nosso grande pai desse pecado hediondo. Com a minha cabeça baixa em submissão, eu te suplico; como Shri Vishnu demonstra sua compaixão por todos os seres, te compadece de nós. No entanto se tu rejeitares a minha súplica

e partires daqui para alguma outra floresta, então eu te seguirei até lá!"

Shri Rama, assim rogado por Shri Bharata, que tinha colocado a cabeça aos pés de seu irmão em humildade, ainda permaneceu firme em seu voto e não vacilou ou concordou em voltar para Ayodhya. Vendo a constância de Shri Rama, todos os presentes se regozijaram ao vê-lo fiel ao voto, mas lamentaram a sua decisão de não retornar à capital.

Os comerciantes, os brâmanes eruditos e os sacerdotes cheios de admiração, e as matronas chorando, elogiaram Bharata e unidamente suplicaram para Rama retornar.

Capítulo 107 – Ele instrui o príncipe Bharata a voltar e ser instalado

Shri Rama, adorado por Bharata, que procurava lhe suplicar ainda mais, respondeu ao seu irmão mais novo na presença dos outros guerreiros, dizendo: "Ó Bharata, filho da rainha Kaikeyi e do poderoso Dasaratha, o que tu disseste é adequado e correto. Nos tempos antigos quando o rei Dasaratha, nosso pai, pediu a tua mãe, a princesa Kaikeyi, em casamento, ele prometeu ao pai dela que ele seria sucedido por

um filho dela. Além disso, na guerra entre os deuses e asuras, o nosso soberano fez a promessa de duas bênçãos para a tua mãe em retribuição aos seus grandes serviços, em consequência do que a tua mãe ilustre e encantadora pediu dois favores do rei, segurando-o à sua palavra.

"Ó leão entre homens! Por uma bênção o meu exílio foi garantido e pela outra o reino foi obtido por ti. Ó chefe de homens, como resultado da bênção concedida pelo meu pai eu concordei em viver na floresta por quatorze anos.

"Determinado a provar a verdade da palavra de meu pai, eu entrei na floresta com Sita e Lakshmana, indiferente ao calor e ao frio. Ó grande governante, cabe a ti também provar que o teu pai era um devoto da verdade e te permitir ser instalado rapidamente. Ó Bharata, honra essa dívida, tu deves isso ao rei, e assim protege o bom nome dele. Ao ocupar o trono, tu terás sucesso em me agradar e em alegrar tua mãe, a rainha Kaikeyi.

"Ó amigo, eu ouvi dizer que antigamente um grande monarca chamado Gaya, ao oferecer um sacrifício em Gaya para o espírito de seus antepassados, disse: 'Um filho é chamado de "Puttra" porque ele salva seu pai do inferno e protege os espíritos de seus antepassados por meio de atos de benevolência prescritos'.

"Ter muitos filhos eruditos e virtuosos deve ser muito desejado, pois algum deles pode oferecer um sacrifício em Gaya e assim libertar o espírito de seus antepassados.



"Ó filho de Raghu, todos os sábios reais aprovaram essa doutrina, tu deves também, portanto, aceitá-la. Ó Bharata, volta para Ayodhya com Shatrughna e teu povo e promove a felicidade de teus súditos lá.

"Ó rei, eu vou me retirar rapidamente para a floresta de Dandaka com Sita e Lakshmana. Ó Bharata, sê rei dos homens e eu serei soberano sobre os animais selvagens. Retorna alegremente para a capital e eu procederei alegremente para a floresta.

"Que o dossel real te proteja do calor do sol, eu vou procurar abrigo de seus raios nas sombras densas das árvores. Ó Bharata, Shatrughna de compreensão ilimitada te atenderá, e eu serei atendido pelo ilustre príncipe Lakshmana. Ó irmão, não sê mais vítima da aflição, desse modo nós, os quatro filhos do grande rei Dasaratha, estabeleceremos sua fama no reino da verdade".

Capítulo 108 – Um brâmane profere palavras contrárias ao dharma

Quando Shri Rama assim instruiu Bharata, um brâmane chamado Javali proferiu estas palavras contrárias ao dharma: "Bem falado, ó Raghava, mas tu não deves pensar como

homens comuns, pois tu és um homem de compreensão e também um filósofo. Considera bem, ó príncipe, um homem não tem nem um amigo de verdade, nem um inimigo, ele entra no mundo sozinho e o deixa sozinho também. Aquele que pensa 'Este é meu pai' ou 'Esta é a minha mãe' e se apega a essa relação não tem percepção. Do ponto de vista do raciocínio correto, ninguém pertence a ninguém. Como um homem viajando da sua própria aldeia para outra permanece à noite em algum lugar no caminho e o deixa ao amanhecer, assim pai, mãe, riqueza e família permanecem com um homem por um breve espaço de tempo e os sábios não se apegam a eles.

"Ó chefe de homens, tu, sendo jovem, não mereces o caminho do sofrimento cheio de tormentos; não cabe a ti abandonar o reino de teu pai. Volta para Ayodhya e governa aquela terra próspera. A deusa que protege Ayodhya, devotada a ti, aguarda o teu retorno. Ó príncipe, desfruta daqueles prazeres seletos que são próprios para um rei e te diverte na capital como Indra em Amaravati. Dasaratha é nada para ti, nem tu para ele, o rei é uma pessoa e tu outra, portanto, segue o conselho que eu te dou.

"A semente do pai é apenas a causa remota de nascimento do homem, já que se ela não entrar no ventre da mãe ela não pode frutificar; a verdadeira fonte de concepção é o ventre da mãe. O rei partiu para o lugar destinado a todos os mortais. Por que tu alegas esse falso relacionamento e te angustias em vão, ó Rama? Eu lamento por aqueles que, abandonando os prazeres

do mundo, procuram adquirir mérito para felicidade na vida futura e caem em uma morte prematura, eu não lamento por outros. Homens desperdiçam comida e outras coisas preciosas por oferecerem-nas anualmente como sacrifícios em honra de seus antepassados falecidos. Ó Rama, um homem morto alguma vez compartilhou de alimentos? Se o que é comido por um nutre outro, então aqueles que viajam nunca precisam carregar provisões no caminho. Parentes podem alimentar um brâmane, em seu nome, em casa!

"Ó Ramachandra, essas injunções das escrituras foram estabelecidas por homens instruídos, hábeis em induzir os outros a dar e em encontrar outros meios de obtenção de riqueza, subjugando assim os simplórios. Sua doutrina é 'Sacrifiquem, doem em caridade, consagrem-se, passem por austeridades e se tornem ascetas'. Ó Rama, sê sábio, não existe outro mundo além desse, isso é certo! Desfruta daquilo que está presente e deixa para trás o que é desagradável! Adotando o princípio aceitável para todos, recebe o reino oferecido a ti por Bharata".

Capítulo 109 - Shri Rama responde com palavras baseadas nos Vedas

Shri Rama, pacientemente dando atenção à pronúncia de Javali, respondeu com o devido senso de julgamento e em palavras baseadas na sua crença de que aqueles deveres ordenados nos Vedas deviam ser cumpridos. "Ó muni, isso que tu falaste com o desejo de me agradar não está autorizado, nem as tuas admoestações são justas, já que até mesmo a análise mais superficial demonstra que elas são falsas. Ó sábio, na assembleia dos bons, homens que não são autocontrolados e que têm falta de integridade e aqueles que agem

contrariamente ao que é ordenado pelas escrituras não são honrados. É a sua conduta que torna o homem virtuoso, um covarde ou um herói, e transmuta impureza em pureza. Se eu adotasse o erro e abandonasse a autoridade dos meus superiores, abandonando a retidão e a honra, como também a conduta moral e os decretos védicos, então eu, em conformidade com as tuas crenças e sacrificando a prudência, perderia o respeito de homens sábios e virtuosos.

"Seguindo o teu conselho, se eu deixasse de buscar o caminho da verdade e trilhasse o caminho inferior, por quais meios eu alcançaria o céu? Se eu me afastasse do código de moral, então todo homem poderia agir de acordo com a sua propensão, já que o súdito se espelha no rei, em ação.

"Acima de tudo, um soberano deve manifestar proibidade, benevolência, seu principal dever sendo a manter a verdade; a

verdade é, realmente, a reino, pela verdade é o mundo sustentado.

"Os deuses e os sábios estimam a verdade como o princípio mais alto. Aquele que diz a verdade atinge o estado supremo. Os homens temem um mentiroso como eles temem uma serpente venenosa, a verdade é a raiz de toda felicidade e o suporte não só desse mundo, mas a melhor forma de alcançar o céu!

"Tudo o que é oferecido em sacrifício, toda austeridade que é empreendida tem seu fundamento na verdade, assim os Vedas declaram, por isso a verdade é a mais sagrada de todas as coisas.

"Um mantém uma família, outro governa o mundo inteiro, outro cai no inferno, outra alcança o céu de acordo com o fruto das suas ações! Familiarizado com a lei do karma fundada na verdade, eu não deveria provar que o meu pai é um devoto daquela verdade? Por que eu, que dei a minha palavra, não deveria seguir aquilo que eu aceito como verdade? Honrando o voto do meu pai, eu nunca vou abandonar o caminho da verdade, seja para governar um reino ou por ser desencaminhado por outros ou por ignorância ou raiva. Tu não ouviste que nem os deuses nem os antepassados recebem as oferendas de alguém que é indeciso, de propósito instável e infiel à sua palavra?

"Eu considero a verdade como a virtude suprema da humanidade. Eu desejo reverenciar aquela verdade mantida pelos homens de antigamente. Se eu seguisse o dever de um guerreiro, eu seria injusto. Fazer o que é falso é digno apenas de almas desprezíveis, avarentas e depravadas. Se eu seguisse esse caminho desonesto, indicado por ti, então eu cometeria falsidade, através da mente, do corpo e da alma. Aqueles que defendem a verdade adquirem terras, notoriedade, fama, e também o céu; portanto, que todos os homens falem a verdade e ajam segundo a verdade!

"Aquilo que tu, depois de muita deliberação, acreditas ser verdade, e recomendas para mim é totalmente inadequado. Ó, como eu posso ignorar a ordem de meu pai, que eu deveria residir na floresta? Quando eu dei a minha palavra na presença de meu pai, para entrar na floresta, a rainha Kaikeyi ficou profundamente alegre, como eu agora lhe daria motivo de angústia?

"Abandonando a falsidade e o engano, diferenciando entre o que deve e o que não deve ser feito, subjugando os sentidos, possuidor de plena fé nas injunções védicas, eu me dedicarei ao cumprimento da vontade de meu pai!

"Por sacrifício, alguém adquire o estado de Indra e entra no céu. Os sábios em virtude do sacrifício têm ido para lá".

O ilustre e glorioso Ramachandra, muito descontente com os argumentos materialistas de Javali, falou assim em termos de

refutação e repreensão: "Ó Javali, por falar a verdade, por adotar os deveres de sua casta e posição, por mostrar sua

coragem em tempo de necessidade, por fala gentil, pelo serviço ao seu preceptor espiritual, aos deuses e aos convidados inesperados, os homens chegam ao céu! Portanto, aqueles brâmanes instruídos na verdade buscam a virtude com propósito único, de acordo com sua casta e posição, e aguardam ansiosamente a sua entrada em Brahmaloça.<sup>257</sup> Ó Javali, eu vejo com pesar a ação do meu ilustre pai em permitir que alguém de ideias ateístas, que decaiu do caminho da retidão prescrito nos Vedas, permanecesse em sua corte. Aqueles que pregam a doutrina herética da escola Charvaka não são apenas infiéis, mas se desviaram do caminho da verdade. É dever de um monarca lidar com essas pessoas como com os criminosos, nem os homens de compreensão e erudição devem permanecer na presença desses ateus.

"Ó Javali, os versados em sabedoria, que te precederam, realizaram muitos atos sagrados em virtude dos quais eles adquiriram eminência aqui e no reino espiritual. Aqueles sábios sempre praticaram inofensividade, veracidade, ascetismo, caridade, benevolência e sacrifício.

"Ó Javali, aqueles que cumprem o seu dever espiritual, que são os mais notáveis em obras de caridade, e que não ferem ninguém, que frequentam as assembleias dos bons e são

reverenciados por todos os homens, eles não têm pecado, seu nome viverá para sempre como o do nosso guru ilustre, Shri Vasishtha”.

Rama, tendo pronunciado essas palavras duras para Javali, ele com humildade dirigiu-se a Rama dizendo: "Ó Rama, eu não sou ateu; nessa ocasião, eu assumi esse disfarce ateu a fim de te desviar do teu propósito e te convencer a voltar para a capital!"

Capítulo 110 – Vasishtha, proclamando a tradição da dinastia, roga a Rama para retornar

Vendo que Rama ainda estava indignado com o discurso de Javali, o santo Vasishtha disse:

"Ó Rama, o sábio Javali acredita na transmigração da alma; ele falou dessa maneira pelo seu desejo de te persuadir a retornar à capital. Ó soberano de homens, ouve de mim a respeito da criação do mundo.

"No começo, tudo era água, desse elemento a terra foi formada, e após isso Brahma e outros deuses vieram à existência. O eterno, imperecível Brahma foi gerado do akasha (éter) e dele surgiu Marichi, e dele Kashyapa foi produzido. De Kashyapa nasceu Vivaswat, e o filho de Vivaswat era o próprio



Manu, que foi o primeiro entre os Prajapatis. Ikshvaku era o filho de Manu e a ele o mundo inteiro foi dado por Manu, e Ikshvaku tornou-se o primeiro rei de Ayodhya. O filho de Ikshvaku se chamava Kukshi e seu filho era Vikukshi, cujo filho era o resplandecente e ilustre rei Vana, e o grande guerreiro Anavanya era seu filho. Durante o reinado do virtuoso rei Anavanya não havia fome nem escassez de chuva, nem qualquer ladrão. O filho de Anavanya era Prithu e seu filho era Trishanku. Tão grande era a observância da verdade de Trishanku que ele alcançou o céu em seu estado encarnado. Seu filho era o poderoso Dhundhumara. O filho de Dhundhumara era Yuvanashwa e seu filho era Mandhata. O ilustre Susandhi era filho de Mandhata, e Dhruvasandhi e Prasenagita eram os filhos de Susandhi. O renomado Bharata era filho de

257 Brahmaloaka: a residência de Shri Brahma, o Criador.

Dhruvasandhi e de Bharata nasceu Ajita, contra quem os grandes reis, Himaya, Talagangha e Shashavindu declararam guerra. Ajita os sitiou através da construção de fortificações, mas encontrou sua derrota cercado de dificuldades.

“Renunciando ao seu trono, ele se retirou para os encantadores Himalaias para se dedicar a práticas espirituais. Diz-se que uma das duas suas rainhas estava grávida e a outra lhe deu

veneno para destruir o feto. A rainha Kalindi se aproximou do sábio Chyavana, filho de Bhrigu, que morava nos Himalaias naquela época, e lhe prestou homenagem respeitosa. Ele, satisfeito, sabendo que ela desejava um filho, disse: 'Ó deusa, tu darás à luz um filho, que será renomado, virtuoso, magnânimo, de conduta excelente, um promotor da sua linhagem e um subjugador de seus inimigos'.

"A rainha, ouvindo isso, saudou o rishi com reverência; ela então voltou para casa e deu à luz um filho, cujos olhos pareciam o lótus e que se assemelhava a Brahma em esplendor. Tendo nascido com o veneno que sua consorte companheira tinha administrado a ela, o filho de Kalindi foi chamado de Sagara.

"Consagrado em uma época apropriada, o rei Sagara drenou o oceano. Seu filho se chamava Asamanjas, ele oprimiu o povo e o rei ordenou que fosse banido por conta dos seus maus hábitos. O filho de Asamanjas era Anshuman e seu filho era Dilipa. O filho de Dilipa era Bhagiratha. O filho de Bhagiratha era Kakustha cujo filho era Raghu de quem a linhagem real já foi mencionada. Os filhos de Shri Raghu eram conhecidos pelos nomes de Pravridha, Purushadaka, Kalmashapada e Soudasa. O filho de Kalmashapada era Shankhana que, chegando a um grande poder, por uma maldição, foi destruído com seu exército inteiro. O poderoso herói Sudarshana era filho de Shankhana e seu filho era Agnivarna e o filho de Agnivarna era Shighraga. Seu filho se chamava Meru, e o filho de Meru era

Prashusvara, e seu filho era o grande sábio Ambarisha. O filho de Ambarisha era o príncipe sincero Nahusha, cujo filho era o virtuoso Nabhaga. Nabhaga teve dois filhos, Aja e Suvrata, e o filho de Aja era o soberano ilustre Dasaratha. Tu és o filho do grande monarca Dasaratha renomado em todo o mundo, que reinou sobre a terra e o céu.

"Na dinastia de Ikshvaku, o filho mais velho sucede ao trono; enquanto o filho mais velho viver, ninguém mais pode se tornar rei. Não é apropriado que tu violes essa tradição sagrada da Casa de Raghu. Ó grandioso, reina sobre essa terra cheia de tesouros e esses domínios extensos sujeitos a ti, como teu pai fez!"

Capítulo 111 – O príncipe Bharata ainda suplica a Shri Rama que está decidido a cumprir a ordem de seu pai

Tendo falado dessa maneira, Shri Vasishtha continuou, proferindo palavras de sabedoria. "Ó Rama, quando um homem nasce, ele deve considerar como seus professores seu pai, sua mãe e seu preceptor espiritual.

"Ó chefe de homens, os pais conferem ao homem o corpo físico, mas o preceptor espiritual confere sabedoria a ele, e por isso ele é chamado de guru.

"Eu sou o preceptor do teu pai e de ti, presta atenção ao meu conselho e não ignores o caminho do bem. Ó meu filho, aqui estão teus parentes, os brâmanes eruditos e o povo da capital, como também os guerreiros e comerciantes. Cumpre o teu dever para com eles e não ultrapasses os limites da obrigação moral.

"Aqui está a tua mãe piedosa e idosa, a quem tu não deves desobedecer. É chamado de virtuoso o homem que presta obediência à sua mãe.

"Ó príncipe, tu não te desviarás do caminho da ação correta por concordares com o pedido de Bharata para que tu ocupes o trono".

Assim, tendo se dirigido a Rama com brandura, o santo guru Vasishtha retomou seu lugar.

O poderoso Rama, em seguida, respondeu, dizendo: "O bem que os pais fazem para seu filho não pode ser facilmente recompensado. Na infância, eles o presenteiam com belas roupas e pratos deliciosos, eles o colocam para descansar e ternamente esfregam seu corpo com óleo de semente de gergelim e demonstram carinho com conselhos gentis; além disso eles se esforçam única e exclusivamente para o seu maior bem.

"As ordens de meu pai, o criador do meu ser, não devem ser postas de lado".

O magnânimo Bharata, ouvindo essas palavras de Ramachandra, sofreu grande aflição, e falou com Sumantra, dizendo:

"Ó auriga, prepara um assento de grama kusha neste suporte de assento, eu vou me colocar diante de Shri Rama, até que ele tenha a bondade de conceder meu pedido. Como um brâmane, que é desamparado, eu vou ficar à porta dessa cabana, jejuando e cobrindo o meu rosto, até que Shri Rama concorde em voltar à capital".

Sumantra, olhando para Shri Rama, espalhou a grama kusha, e o príncipe Bharata, cheio de dor, sentou-se ali, diante de seu irmão.

Vendo isso, Shri Rama, chefe dos sábios reais, disse a ele: "Ó amado Bharata, que mal eu fiz para que tu sentes, assim, diante de mim? Um brâmane pode adoptar essa medida em relação ao seu agressor, mas não é adequado que uma cabeça coroada faça isso. Ó leão entre os homens, levanta-te, abandona esse voto cruel e volta rapidamente para a capital".

Bharata, aflito, mas resoluto, mantendo-se firme, disse aos cidadãos da capital e do campo que o rodeavam: "Por que vocês também não rogam a Shri Rama?"

Então eles responderam dizendo: "Nós somos incapazes de pressionar Kakustha<sup>258</sup> ainda mais, já que ele está decidido a seguir as ordens de seu pai".

Rama, ouvindo as palavras deles, disse a Bharata: "Ó príncipe, considera as palavras dos teus companheiros versados em justiça e pesa o assunto com cuidado. Tendo refletido sobre as suas palavras com atenção, levanta-te, ó Raghava, e te submete àquilo que te purificará por teres desempenhado um papel que não convém a um guerreiro. Bebe água e me toca também".

Bharata erguendo-se, disse: "Ouçam, ó brâmanes, compatriotas e guerreiros! Eu não desejo o reino de meu pai, eu não incitei minha mãe a exigi-lo. Eu não sabia nada do exílio de Shri Rama. Se for preciso que alguém more na floresta em obediência à ordem de meu pai, então eu residirei lá por quatorze anos em seu lugar".

Shri Rama, surpreso com a resolução de seu irmão, dirigiu-se às pessoas presentes, dizendo: "Amigos, tudo o que foi comprado, prometido ou vendido pelo rei em sua vida não pode de maneira nenhuma ser cancelado por mim ou por Bharata. Nem eu posso aceitar injúria e permitir que Bharata vá como meu representante para a floresta. O que Kaikeyi exigiu foi legitimamente concedido pelo rei.

"Eu sei que Bharata é desinteressado e um verdadeiro discípulo de seu guru, e esse excelente é um amante da verdade. Eu com isso declaro que no meu retorno da floresta eu aceitarei o reino e com meu irmão virtuoso governarei o país com honra.

258 Kakustha: um nome de Rama, como descendente do rei Ikshvaku.

"Ó Bharata, eu cumpri a bênção concedida a Kaikeyi pelo rei e defendi sua honra. Livra o rei da acusação de falsidade e cumpre a segunda bênção".

Capítulo 112 – Seguindo o conselho dos sábios celestes, o príncipe Bharata se conforma em se tornar o representante de Shri Rama

Os grandes sábios que estavam presentes ao encontro dos dois irmãos ilustres ficaram admirados. Os sábios reais, aqueles perfeitos também os seres celestiais, que eram invisíveis, elogiaram os dois príncipes e disseram: "Bem-aventurado é o rei, cujos filhos são altamente virtuosos e verazes, nós estamos imensamente satisfeitos em ouvir sua conversa".

Desejosos que a vida e o reinado de Ravana terminassem logo, certos sábios se aproximaram de Bharata e unidos se dirigiram a ele, dizendo: "Ó Bharata, ó príncipe altamente resoluto, ó piedoso e renomado, lembra que nasceste em uma linhagem real, que a palavra de Rama não seja desrespeitada por ti, se tu

desejas levar felicidade ao espírito do teu pai. É nosso desejo que o teu pai que entrou no céu possa ser absolvido de todas as dívidas, tendo cumprido as suas obrigações com a rainha Kaikeyi”.

Tendo falado assim, aqueles sábios celestes voltaram à sua morada.

Rama, gratificado por suas palavras, disse: “Por vocês eu foi ajudado na defesa da virtude”.

O príncipe Bharata com voz trêmula novamente implorou a Rama, dizendo: “Ó Rama, aquele que é hábil em governo justo e que é o mais velho sobe ao trono. Que tu, observando a tradição, satisfaças o desejo da tua mãe Kaushalya. Eu sozinho não tenho nem a coragem para administrar domínio tão vasto, nem seria capaz de satisfazer as pessoas da capital e do reino.

“Nossos parentes, amigos e guerreiros esperam a tua conversão à soberania como o lavrador antecipa avidamente as nuvens de chuva. Portanto, ó sábio, aceita a coroa, pois só tu és capaz de estabelecer este reino”.

Tendo falado assim, Bharata caiu aos pés de seu irmão e fervorosamente suplicou a ele, gritando: “Ó Rama, ó Rama”.

Shri Rama, levantando o jovem príncipe que, eloquente e de olhos de lótus, se assemelhava a um cisne selvagem, o abraçou e disse: “Essa humildade genuína que tens demonstrado te fornecerá coragem suficiente para governar o reino. Consulta os teus ministros, conselheiros e amigos no grande trabalho do



teu governo. A lua pode parar de brilhar, e o Himalaia abandonar as neves, o Monte Meru o seu esplendor ou o oceano ultrapassar seus limites, mas eu não renunciarei ao voto feito na presença de meu pai. Ó amado, não é para ti determinar se o que foi provocado pela tua mãe foi feito por amor a ti ou por ambição de te ver feito rei, tu deves tratá-la como tua mãe”.

Então o príncipe Bharata respondeu a Rama que se parecia com o sol em glória e a lua nova em esplendor, dizendo: “Ó nobre, coloca os teus pés nessas sandálias enfeitadas com ouro, já que logo elas vão fornecer o nosso único meio de apoio e proteção”.

O ilustre Rama, tendo colocado as sandálias, as tirou e as devolveu a Bharata. Ele, curvando-se reverentemente às sandálias dirigiu-se a Rama assim: “A partir de hoje por quatorze anos eu, assumindo cabelos emaranhados e um traje de pele, viverei de frutas e raízes, aguardando o teu retorno. Oferecendo a

administração do reino a essas sandálias por quatorze anos, se eu não te vir voltando no último dia desse período, eu entrarei no fogo e serei consumido!”

Shri Rama abraçando Bharata com grande reverência respondeu “Que assim seja.” Então ele falou mais, dizendo: “Cuida da tua mãe Kaikeyi, e não fica zangado com ela. Em

meu nome e em nome de Shri Sita, eu te ordeno solenemente a reverenciar e proteger a rainha Kaikeyi!" Com seus olhos repletos lágrimas, Shri Rama então se despediu de Shri Bharata e de Shatrughna.

Bharata oferecendo a devida reverência às sandálias ornamentadas e brilhantes circungirou Shri Rama e as colocou sobre a cabeça do elefante poderoso pertencente ao rei Dasaratha.

Em seguida, Shri Rama, imóvel como os Himalaias, na prática de virtude, e o promotor da honra da Casa de Raghu, prestou homenagem ao seu santo guru, aos ministros, aos cidadãos e aos seus irmãos, e os dispensou.

Suas mães, tomadas pela dor, não foram capazes de proferir uma única palavra. A elas também Shri Rama ofereceu saudações reverentes e entrou tristemente na sua própria residência.

### Capítulo 113 - O príncipe Bharata começa a viagem de retorno

Então Shri Bharata, totalmente conformado, tirando as sandálias da cabeça do elefante, as colocou na dele e subiu no carro com Shatrughna, Shri Vasishtha, Vamadeva e Javali de votos firmes, com todos os conselheiros sagazes o precedendo.

Circulando o monte Chitrakuta, eles foram para o leste, junto ao rio Mandakini, onde eles viram incontáveis veios de metal.

Shri Bharata com seu exército foi em frente e a uma curta distância de Chitrakuta viu o eremitério no qual o santo Bharadwaja e outros sábios moravam. Aproximando-se do eremitério do sábio Bharadwaja, Shri Bharata, tendo descido da sua carruagem, ofereceu saudações a ele. Bharadwaja, cheio de alegria, disse a Bharata: "Ó amigo, tu viste Shri Rama? O teu objetivo está realizado?"

Shri Bharata, sempre devotado ao seu irmão, respondeu ao sábio, dizendo: "Ó senhor, eu e o santo Guru Vasishtha suplicamos a Rama para retornar, mas ele respondeu alegremente: 'O decreto do meu pai, que eu deveria residir na floresta por quatorze anos, será cumprido fielmente por mim'.

"Então o erudito e eloquente Shri Vasishtha, hábil em sabedoria, dirigiu-se a Shri Rama desta maneira: 'Ó sábio, tem a amabilidade de dar as tuas sandálias, adornadas com pedras preciosas, ao teu representante. Leva o bem da capital no teu coração'.

"Shri Rama, em obediência ao seu santo guru, voltando-se para o leste, colocou as sandálias e depois disso as entregou para mim.

"Agora, frustrado no meu projeto de trazer Shri Rama de volta, eu estou voltando para Ayodhya com essas sandálias".

O maharishi Bharadwaja, em seguida, proferiu estas palavras auspiciosas: "Ó príncipe versado no conhecimento da virtude, a tua excelência é uma fonte de surpresa tão pequena quanto a água sempre fluindo para uma depressão. O rei Dasaratha, possuidor de um filho justo e amante do dever assim como tu, certamente encontrou a imortalidade".

Shri Bharata, tocando os pés do rishi santo, em grande reverência, com palmas unidas, o circungirou e, em seguida, com seus conselheiros, prosseguiu para Ayodhya.

O exército que seguia o príncipe Bharata, alguns montados em elefantes, alguns em cavalos, e alguns em carros de boi, cruzou o Yamuna com suas ondas cantantes, e chegou às águas sagradas do Ganges.

Tendo cruzado o rio sagrado Gunga, com seus companheiros, Shri Bharata entrou na cidade de Shringavera e de lá seguiu seu caminho para Ayodhya. Contemplando Ayodhya, uma cidade arrasada, abandonada por seu pai, o rei Dasaratha, e por seu irmão, Shri Ramachandra, o príncipe Bharata, profundamente angustiado, disse ao seu auriga: "Observa a capital arruinada desprovida de sua antiga glória, sem adornos e sem nenhum sinal de festa! Quão silenciosa, quão infeliz está essa cidade, anteriormente cheia de vida".

## Capítulo 114 – Ele encontra Ayodhya desolada

O príncipe, em sua carruagem que emitia um som trovejante enquanto avançava, entrou em Ayodhya. Lá ele viu a cidade onde gatos e corujas vagueavam, e onde as portas das residências estavam fechadas, escuridão e melancolia reinando sobre tudo. A cidade assemelhava-se ao planeta Rohini,<sup>259</sup> tendo perdido o seu esplendor no eclipse da lua, ou a um rio de montanha cujas águas secaram no calor do sol, abandonado pelas aves aquáticas, todos os peixes tendo perecido.

Triste e infeliz por causa de sua separação de Rama, Ayodhya lembrava a chama sacrificial, que quando a oblação é derramada nela, brilha como um cone dourado e em seguida se reduz a cinzas fumegantes, ou como um exército poderoso privado de suas armas na batalha, com seus cavalos, elefantes, carros e estandartes espalhados amplamente e com seus guerreiros heroicos mortos. Aquela cidade que parecia, por assim dizer, como as ondas do mar açoitadas em espuma pela tempestade, rolando e quebrando e depois afundando em silêncio com a extinção do vento, ou como o pavilhão sacrificial abandonado pelos sacerdotes que saem em busca de esmolas após o sacrifício; ou como vacas desprovidas do touro, que cessaram de pastar no pasto e permanecem desanimadas no recinto cercado; ou como um colar desprovido de suas pedras preciosas; ou como um meteoro, com sua virtude esgotada, caído à terra, privado de seu esplendor; ou como um ramo

florescente, carregado de flores na primavera, visitado por um enxame de abelhas, que é subitamente consumido por um fogo florestal.

As ruas estavam desertas e as feiras e os mercados fechados, e nenhuma mercadoria era oferecida para venda. Sombria e temível, Ayodhya parecia as estrelas e a lua obscurecidas por nuvens pesadas na estação chuvosa, ou uma taverna abandonada, seus foliões tendo partido, o licor esgotado e nada exceto fragmentos de vidro quebrado e canecas em desordem selvagem espalhadas aqui e ali. Ayodhya parecia com um tanque afundado na terra, a água tendo sido gasta, as fundações tendo ruído, os jarros e recipientes de barro jazendo espalhados entre os sedentos, permanecendo lá em desespero; ou ela parecia a corda do arco de um grande herói que foi cortada pela seta de seu adversário e está jazendo no chão; ou

259 Rohini: a constelação de cinco estrelas (Touro) contendo Aldebaran, qual estrela é provavelmente aludida aqui; chamada de 'A Vermelha' e dita ser a consorte favorita da lua.

uma mula velha e mal nutrida, instigada por um soldado, morta na batalha deixada ignorada.

Observando a desolação, o príncipe Bharata, sentado em sua carruagem, falou para Sumitra, que estava dirigindo a equipagem: "Ai! Como é triste que essa cidade, outrora tão alegre, hoje pareça tão melancólica, o perfume inebriante de guirlandas florais e o cheiro de incenso não mais a enchendo. Ó Sumantra, eu não ouço, como antigamente, o ruído de carros barulhentos, o relincho de cavalos e o bramido prolongado de elefantes. Ai! Desde que Rama partiu, os jovens de Ayodhya pararam de se enfeitar com guirlandas de flores frescas e sândalo e os homens já não andam fora de casa adornados com flores. Festivais não são mais celebrados e o povo da capital está imerso em tristeza; parece como se a glória da cidade tivesse partido com Rama. Oh! Ayodhya está desprovida de luz, como a noite nublada com nuvens na época da lua crescente. Quando meu irmão, Ramachandra, voltará como um festival, difundindo alegria em Ayodhya, como fazem as chuvas outonais? Antigamente, as estradas reais da capital eram cheias de jovens ricamente vestidos, mas hoje elas estão todas desertas".

Chorando e lamentando, o príncipe Bharata entrou no palácio de seu pai, o qual, sem o rei, parecia uma caverna sem um leão.

Vendo a divisão interna em total escuridão, o príncipe chorou alto, como os deuses, quando em guerra com os titãs, ficam aflitos ao verem o escurecimento do sol.

Capítulo 115 – O príncipe Bharata se retira para Nandigrama e governa o reino a partir daquela cidade

O triste Bharata, firme em sua decisão, tendo levado suas mães de volta para Ayodhya, disse ao santo guru Vasishtha e aos anciãos:

"Eu almejo a sua permissão para me retirar para Nandigrama e lá suportar as aflições ocasionadas pela ausência de Shri Rama. O rei faleceu e o meu irmão mais velho entrou na floresta. Eu irei, portanto, aguardar o retorno de Shri Rama, já que só ele de fato é o senhor de Ayodhya".

Shri Vasishtha e os conselheiros, ouvindo as palavras do príncipe Bharata, responderam-lhe dizendo: "Ó príncipe, as tuas palavras, inspiradas pela devoção por teu irmão, são dignas de louvor. Realmente, elas te honram! Quem ousará se opor a ti, que és profundamente ligado ao teu irmão e que, nessa terra, alcançaste um estado tão elevado?"

Vendo que os conselheiros não se opunham ao seu propósito, o príncipe disse a Sumantra: "Traz aqui a carruagem!"

A carruagem tendo chegado, Bharata, após conversar com suas mães, subiu na equipagem com seu irmão Shatrughna. Acompanhados pelos sacerdotes e ministros, os dois príncipes



foram alegremente para Nandigram, o guru Vasishtha e os brâmanes piedosos liderando a procissão.

Então o exército, elefantes, cavalos e carros, juntamente com o povo da capital, o seguiram espontaneamente. O inigualável Bharata, cheio de amor fraterno, carregando as sandálias de Shri Rama na cabeça, finalmente chegou a Nandigram.

Descendo da carruagem, ele se dirigiu ao seu preceptor espiritual e aos anciãos, dizendo: "Meu irmão, Shri Rama, deu esse reino para mim, como uma

responsabilidade preciosa, em verdade estas sandálias, enfeitadas com ouro, o representarão".

Erguendo mais uma vez as sandálias reverentemente até sua cabeça, ele se dirigiu ao povo da capital, dizendo: "Ó homens de Ayodhya, aceitem estas sandálias como símbolos dos pés de Shri Rama. Deixem que elas repousem sob o dossel real e abanem o chamara sobre elas. Essas são as sandálias do nosso guru supremo e por elas a justiça será estabelecida no reino. Eu preservarei a confiança amavelmente depositada em mim por Rama, até o seu retorno. Quando ele voltar para Ayodhya, eu mesmo vou ajudá-lo a colocar as sandálias. Então eu, unido com ele mais uma vez, entregarei o reino a ele e como um filho o honrarei. Ao devolver a capital e o reino para Rama, eu removerei o estigma de desonra causado a mim por minha mãe. Shri Rama será instalado e seus súditos serão felizes;

então a má fama passará, e eu ganharei honra excelente do povo”.

Assim lamentando, o aflito Bharata, com o auxílio de seus conselheiros, retirou-se para Nandigrama e governou o reino a partir daquela cidade. Com cabelos emaranhados, assumindo os trajes de pele de um asceta, Shri Bharata morou em Nandigrama, protegido por seu exército.

Residindo em Nandigrama, obediente a Shri Rama e fiel à sua promessa, Shri Bharata, colocando as sandálias no trono real, estendendo o dossel sobre elas e abanando o chamara sobre elas, entregou os selos do reino à sua guarda, ele próprio passando a sua vida como um servo de Rama.

Toda questão de importância e todo negócio de estado era colocado diante das sandálias, e todo presente levado ao rei era primeiro oferecido a elas, e depois tratado como a ocasião exigia.

Capítulo 116 – Os homens santos de Chitrakuta partem, temendo a vindoura opressão dos asuras

Bharata tendo partido para Ayodhya, Shri Rama viu que os ascetas que viviam em Chitrakuta estavam cheios de apreensão e desejosos de se retirar daquele lugar.

Anteriormente, aqueles homens santos residentes em Chitrakuta procuravam a proteção de Shri Rama, mas agora eles buscavam partir. Pela expressão em seus olhos e outros sinais, eles revelavam suas apreensões e podiam ser observados conversando secretamente em voz baixa entre si.

Shri Rama, vendo a sua ansiedade se dirigiu a eles com humildade, dizendo: "Ó abençoados, a minha conduta em relação a vocês sofreu uma mudança? Por qual razão os seus corações estão cheios de medo? Ó santos, meu irmão mais novo os prejudicou involuntariamente? Ou Shri Sita, sempre dedicada a meu serviço, deu-lhes motivo de ofensa? Por acaso ela fez algo que não é apropriado para uma mulher?"

Assim questionado, um grande sábio, um asceta idoso, com seu corpo emaciado por austeridades, respondeu tremulamente ao sempre compassivo, dizendo: "Ó filho, generoso para com tudo o que vive, Shri Sita é inocente de qualquer violação da atitude tradicional para com qualquer um, muito menos em relação aos homens santos. Na verdade, a razão é que os asuras, por inimizade por ti, começaram a oprimir os sábios, e, portanto, eles estando aterrorizados, buscam como podem se defender em segredo.

"O irmão mais novo de Ravana, Kara, que mora aqui, está expulsando os ascetas de seus eremitérios. Ó amigo, ele é implacável e é um guerreiro poderoso. Ele é brutal e não pode

tolerar a tua presença aqui. Desde que tu vieste residir nesse eremitério, os asuras aumentaram a perseguição aos sábios. Aparecendo em formas grotescas e terríveis, eles os enchem de terror, então, para lhes causar mais prejuízo, eles atiram objetos impuros e inauspiciosos nos recintos sagrados, finalmente, quando encontram os eremitas sinceros e puros de coração, eles os matam. Esses asuras de coração mau vagam por toda parte secretamente, até que, vendo que um sábio está sozinho e indefeso, eles põem fim à vida dele.

"Na hora do sacrifício, quando o fogo sagrado é aceso pelos ascetas, então os asuras, espalhando os recipientes e conchas consagrados, extinguem o fogo por jogarem água sobre ele e destruírem os utensílios. Ó Shri Ramachandra, cansados desses asuras perversos, os sábios estão nos incitando a abandonar esses eremitérios e partir daqui.

"Ó Rama, esses asuras terríveis ameaçam matar todos nós, portanto, nós estamos deixando esse eremitério. Não muito distante é a maravilhosa Tapovana pertencente ao maharishi Ashwa; ela é rica em frutas e raízes, lá nós queremos morar. Ó amigo, se isso te parece adequado, vai para lá, pois a tua opressão também está planejada.

"Ó príncipe, embora tu sejas capaz de te defender, a tua permanência aqui com tua santa consorte está repleta de perigos".

Ouvindo as palavras de Kulupati e percebendo que eles estavam ansiosos para ir embora, Shri Rama procurou convencê-los a ficar, mas em vão, e os sábios partiram. Shri Rama os acompanhou uma curta distância, em seguida, se despedindo deles e lhes oferecendo reverência, voltou para a sua morada sagrada. Ao deixar os homens santos, eles o instruíram amorosamente no caminho do dever e se despediram dele.

Shri Rama então não abandonou o eremitério, que os sábios tinham abandonado. Entre eles havia uns poucos que, inspirados pelo exemplo de Rama, tinham entregado seus corações a ele, e a eles o príncipe estava sempre atento.

Capítulo 117 – Shri Rama decide deixar o eremitério e vai para o ashrama do sábio Atri

Os rishis tendo deixado o eremitério, Shri Rama refletiu sobre o assunto e julgou mais prudente não morar mais lá. A recordação de seu povo, de suas mães e do príncipe Bharata que tinham se reunido com ele lá lhe causava angústia incessante. Além disso, os elefantes e cavalos do exército de Bharata tinham poluído e devastado o solo, tornando-o sujo e lodoso. Após reflexão madura, ele pensou "Nós partiremos

daqui" e, levando Shri Sita e Lakshmana com ele, ele deixou aquele local.

Seguindo adiante, ele chegou ao ashrama do sábio Atri, e prestou homenagem a ele, aquele santo considerando-o com um carinho paterno. Ele concedeu sua graça igualmente a Sita e Lakshmana e tratou Rama com a hospitalidade que lhe é devida.

O virtuoso sábio Atri, sempre dedicado ao bem de todos, convocou sua esposa idosa e piedosa Anasuya, e, respeitosamente pedindo-lhe que se sentasse,

se dirigiu à sua cômjuge excelente e digna. Ele disse: "Shri Sita visitou nosso eremitério, leva-a contigo e a recebe com hospitalidade".

Então o sábio Atri disse a Ramachandra: "Antigamente, quando a chuva foi retida por um período de dez anos, e a terra secou, esta mulher virtuosa, Anasuya, por sua grande austeridade, produziu frutos e bagas para os sábios e fez o sagrado Ganges descer para que eles pudessem se banhar nele; assim, por suas práticas ascéticas árduas, ela dissipou os impedimentos no caminho dos sábios. Ó impecável Rama, essa é a mesma Anasuya que uma vez, para socorrer os sábios, fez dez noites serem reduzidas a uma. Essa Anasuya deve ser muito reverenciada por causa de sua idade, e é o objeto de reverência de todos os seres. Permite que a princesa Sita acompanhe a

meiga e idosa Anasuya. Por seus atos grandiosos e nobres, ela adquiriu fama imensurável. Que Janaki a escute”.

Em seguida, Shri Ramachandra respondeu: “Que assim seja”, e o príncipe ilustre disse a Sita: “Ó princesa, tu ouviste as palavras proferidas pelo sábio; para o teu próprio bem acompanha essa asceta idosa”.

Conseqüentemente Shri Sita foi com Anasuya que era proficiente em todas as virtudes. Por conta de sua idade, sua forma física era fraca e magra, seu cabelo cinzento, enquanto seu corpo tremia como uma palmeira agitada por um vento forte.

Proferindo seu nome, Shri Sita prestou homenagem a ela, a santa gentil retornando sua saudação com humildade e perguntando a respeito do seu bem-estar. A idosa Anasuya, vendo Shri Sita oferecendo reverência humilde, falou palavras encorajadoras, dizendo:

“Ó Sita, afortunada és tu, que és atenta aos deveres para com o teu consorte. É extremamente auspicioso que tu, abandonando o teu povo, o teu conforto individual, a tua riqueza e as tuas posses acompanhes teu marido na floresta.

“Aquele que é dedicada a seu esposo, seja na cidade ou na floresta, independentemente de ele ser pecador ou virtuoso, aquela mulher alcança a região mais elevada. Se um marido é cruel, ou escravo dos desejos, ou pobre, uma esposa virtuosa continuará a adorá-lo como um deus. Ó princesa, eu estudei

profundamente e eu não acho que uma mulher pode ter um amigo melhor do que seu marido, pois ele, em todas as circunstâncias, a protege.

"Ó princesa de Videha, aquelas mulheres más que, escravizadas pelo desejo, não consideram o que deve ou não deve ser feito, ó princesa de Mithila, elas imprudentemente cometem atos indignos e, tornando-se detestáveis, decaem da virtude. Mas mulheres como tu, familiarizadas com o que é bom ou mau no mundo, como homens piedosos, alcançam o céu. Ó Sati, tu sempre tens sido fiel ao teu dever conjugal, e através dos teus atos virtuosos, empreendidos junto com o teu marido, obterás mérito e fama".

Capítulo 118 - A princesa Sita recebe presentes de amor da esposa do sábio

A irrepreensível Anasuya tendo falado, Shri Sita, aprovando suas palavras, respondeu gentilmente: "Ó nobre senhora, o conselho que tu me deste não é de modo algum uma fonte de surpresa para mim, pois é minha convicção que o marido é autoridade sobre sua esposa. Mesmo se o marido for pobre e ignorante, contudo as mulheres, tais como eu, não devem sentir aversão por ele.



"Mas o marido que é digno de louvor por causa de suas qualidades excelentes e que é compassivo, autocontrolado, constante em suas afeições, totalmente familiarizado com seu dever e que manifesta a bondade amorosa de um pai, supera toda expectativa.

"Todo o amor que Shri Ramachandra tem por sua mãe Kaushalya ele concede igualmente às outras rainhas, e não só isso, mas para quem quer que o rei tenha olhado com carinho, aquela mulher ele também considera como sua própria mãe.

"Quando partindo para a floresta temível, minha sogra, a rainha Kaushalya, transmitiu certa instrução a mim, e eu gravei as palavras dela na tábua do meu coração. Eu trago à lembrança também o conselho me dado pela minha própria mãe no momento das minhas núpcias.

"Ó virtuosa, a disciplina máxima para uma mulher é o serviço ao seu senhor. Hoje, tu despertaste em minha memória os conselhos anteriormente dados a mim por meus parentes.

"Hoje, Savitri mora no céu por meio do serviço ao seu cônjuge, tu também entrarás na morada suprema através do serviço ao teu senhor. Rohini, uma pérola entre as mulheres e residente na região celestial, sempre acompanha a lua. Assim, muitas outras que seguiram a virtude, com determinação fixa, entram no céu por seus méritos".

Anasuya se alegrou ao ouvir as palavras de Sita e beijando sua cabeça em bênção disse: "Ó Sita, muito mérito adveio a mim por prece e jejum. Ó princesa de coração puro, eu desejo te conferir uma bênção em virtude desses méritos. Dize-me, o que tu desejas? Ó princesa de Mithila, as tuas palavras me deram extrema satisfação. Agora dize o que de bom eu posso realizar em teu nome".

Shri Sita, ouvindo as palavras da piedosa Anasuya, versada em serviço doméstico, e estando cheia de admiração, respondeu sorridente: "A tua bondade já realizou todos os meus desejos".

Shri Anasuya ouvindo essas palavras ficou ainda mais satisfeita e disse: "Ó Sita, afortunada eu sou em te ver! Que a minha alegria dê frutos, pede uma bênção. Eu posso te dar guirlandas celestiais, trajes e unguentos preciosos para enfeitar o teu corpo. Ó filha de Janaka, os meus presentes irão realçar a tua beleza, eles nunca se desvanecerão e eles te convirão bem. Aplica este pó que eu agora te dou; tu, por isso, aumentarás a beleza do teu marido como Lakshmi aumenta a glória do imperecível Vishnu".

A princesa aceitou as vestes, pó e ornamentos, presentes de amor, da asceta. A ilustre Sita, tendo recebido os símbolos de carinho de Anasuya, sentou-se perto dela com as palmas unidas.

Então Anasuya pediu para Shri Sita contar algo de importância, dizendo: "Ó Sita, eu ouvi um breve relato do teu casamento, o descreve para mim agora em detalhes".

Shri Sita obedientemente respondeu: "Ouve-me, e eu vou contar tudo para ti. O rei de Mithila, aquele monarca corajoso e virtuoso, Janaka, o protetor de seu povo como convém a um guerreiro, uma vez, quando arando a terra para estabelecer uma área sacrificial, me viu como uma filha emergindo do sulco. Naquele momento, o rei, repetindo os textos sagrados, estava lançando as sementes de ervas e, vendo o meu corpo coberto de poeira, ficou atônito. Não tendo filhos, ele me pegou em seus braços e disse: 'Essa será a minha filha', e me tratou com amor extremo. Então, uma voz soou do céu, dizendo: 'Ó rei, realmente ela é tua filha'.

"O rei se alegrou em minha posse e desde o meu nascimento a prosperidade dele tem aumentado. Aquele soberano, constante na realização de sacrifício, me deu aos cuidados da sua rainha principal, ela me nutrindo com afeto materno. Quando eu cheguei à maturidade, meu pai ficou ansioso, como um homem indigente que é privado de tudo o que ele possui.

"O pai de uma filha, mesmo que ele seja igual a Indra, deve se submeter ao seu genro, quer ele seja seu igual ou seu inferior em condição. Meu pai estava disposto a se submeter a essa eventualidade e estava consumido pela ansiedade, como

alguém desejoso de cruzar um rio, que se encontra sem o meio de transporte.

"Depois de muito procurar, ele foi incapaz de achar um noivo adequado e estava cheio de medos. Em reflexão profunda, ele decidiu convocar uma reunião de príncipes, para que eu pudesse eleger um marido.

"Nos tempos antigos, por ocasião de um sacrifício, um dos nossos antepassados reais recebeu de Varuna um grande arco com duas aljavas nas quais nunca faltariam flechas. O arco era tão pesado que muitas pessoas juntas não podiam movê-lo e nenhum monarca podia puxá-lo, nem em sonho.

"Por seu mérito, o meu honrado pai adquiriu o arco e ele, convocando os reis em conselho, falou-lhes, dizendo: 'Ó soberanos de homens, eu darei a minha filha em casamento àquele que for capaz de erguer e encordoar este arco'.

"Os reis, vendo o arco semelhante a uma montanha em peso, incapazes de levantá-lo, o reverenciaram e seguiram seu caminho.

"Depois de um longo tempo o resplandecente Ramachandra chegou ao sacrifício do meu pai em companhia do sábio Vishwamitra. O rei, meu pai, ofereceu àquele herói amante da verdade junto com o sábio Vishwamitra, hospitalidade abundante.

"Então Shri Vishwamitra disse ao rei: "Esses são os dois filhos do rei Dasaratha, que desejam ver o arco. Tem a bondade de permitir que esses dois príncipes o vejam'.

"O rei Janaka mandou o arco ser trazido como solicitado pelo sábio Vishwamitra.

"Em um instante Shri Ramachandra, levantando o arco, o puxou. Tendo sido curvado pela correia, o arco se partiu em dois, criando um som como o estrondo do trovão. Depois disso, meu honrado pai fez com que água fosse trazida e a ofereceu para Shri Ramachandra e se preparou para me conceder a ele, mas Shri Ramachandra não consentiu em aceitar a minha mão até que as intenções do seu próprio pai fossem conhecidas.

"O rei Janaka então pediu ao idoso rei Dasaratha para ir até lá e ele, concordando com o assunto, assim o fez. Com a sua aprovação eu fui prometida para Ramachandra de grande alma; minha irmã mais nova, uma moça sincera, Urmila, sendo casada com Shri Lakshmana.

"Ó grande asceta, assim eu fui entregue em casamento e desde então tenho tido extrema alegria em servir ao meu Senhor, Shri Ramachandra, como é meu dever".

Capítulo 119 – Os ascetas santos abençoam os exilados que entram na floresta

Shri Anasuya, fiel ao dever, ouviu essa narrativa excitante e, pegando as mãos de Shri Sita, a abraçou, saboreando a fragrância de seus cabelos, e então se dirigiu a ela, dizendo: "Eu ouvi a tua história expressa brilhantemente e claramente, que tu narraste tão singularmente para mim. Ó de fala doce, eu de bom grado ouviria mais da tua história, mas o sol se pôs atrás da montanha Asatalachala e a noite encantadora está muito próxima. Vê! as aves que procuraram alimentos por toda parte o dia inteiro agora estão voltando para casa para descansar. Ouve! como elas cantam! Os santos ascetas, também, estão voltando do seu banho com seus mantos de pele molhados, com loshtas em suas mãos. A fumaça, em tonalidade parecida com o pescoço de um pombo, erguendo-se dos fogos sagrados dos sábios, está sendo levada pelo vento aqui e ali. As árvores nuas, mal vistas à distância, parecem como nuvens densas na escuridão crescente. A luz está desaparecendo lentamente em cada quadrante. Vê, os viajantes da noite estão no exterior e os cervos da floresta Tapovana estão dormindo em volta dos altares sagrados. Vê! Ó Sita! A noite adornada com estrelas chegou e a lua difundindo sua luz apareceu nos céus.

"Vai, ó princesa, e serve ao teu senhor, Shri Ramachandra. Como eu sou afortunada de ter tido uma conversa agradável contigo! Ó princesa, te veste nesses mantos e ornamentos, e, assim, aumenta a minha alegria".

Shri Sita, adornando-se com as vestes deslumbrantes, colocou sua cabeça aos pés de Anasuya e partiu.

Shri Ramachandra, o muito eloquente, vendo Sita enfeitada com os ornamentos dados a ela por Anasuya, ficou cheio de alegria. Shri Sita então lhe contou da liberalidade da asceta idosa, e mostrou-lhe todos os seus presentes. Raros de fato eram aqueles presentes, e Shri Rama e o grande guerreiro Shri Lakshmana, se alegraram com a generosidade de Anasuya.

A noite passou e o dia amanheceu, os dois príncipes se banharam, realizaram suas devoções matinais e, em seguida, se aproximaram dos ascetas para se alimentar.

Os eremitas piedosos então se dirigiram a Shri Rama e disseram: "Ó príncipe, é perigoso passear na floresta por conta da presença de asuras. Ó príncipe, vagueando sob vários disfarces, esses seres se alimentam de carne humana e bebem o sangue dos homens. Essas criaturas como feras matam e devoram qualquer asceta que seja negligente ou impuro. Ó príncipe, por nossa causa, que tu os destruas. Este caminho, ó príncipe, é a trilha pela qual os sábios vão colher frutas, que esse seja o teu caminho também".

Então os homens santos humildemente abençoaram Shri Rama e ele, o atormentador de seus inimigos, entrou na floresta como o sol entra em uma nuvem escura.

## L I V R O III

### Capítulo 1 – Rama é recebido pelos sábios da floresta de Dandaka

Entrando na vasta floresta de Dandaka, o invencível Rama, mestre de seus sentidos, viu um círculo de cabanas pertencentes aos ascetas, cobertas com pele e grama kusha, resplandecentes com esplendor espiritual mal suportado pelo olho mortal, como o sol do meio-dia é uma fonte de tormento para os homens.

Esse retiro, um refúgio para todos os seres, o terreno do qual era zelado cuidadosamente, era frequentado por muitos cervos e multidões de aves e alegrado pela dança das tropas de apsaras.

Belo com suas cabanas espaçosas, onde o fogo sagrado queimava, cercadas por conchas e outros artigos de culto, tais como peles, grama kusha, combustível, jarros de água, frutas e raízes; cercado por grandes e sagradas árvores da floresta, curvadas sob o peso de frutas maduras e deliciosas, todo o eremitério era santificado por oferendas e libações sacrificais e ressoava com a recitação de hinos védicos.

Acarpetado com flores de todos os tipos, possuindo tanques cobertos com flores de lótus, ele tinha sido o retiro de eremitas



antigos, que subsistiam de frutas e raízes e que, vestindo roupas de pele e peles de antílope negro, com seus sentidos totalmente controlados, assemelhavam-se ao sol ou ao fogo. Agora sábios notáveis e piedosos, praticando toda austeridade, contribuía para o seu brilho. Parecendo a residência de Brahma, aquele eremitério ressoava com o canto de hinos védicos, e brâmanes, versados no Veda, o adornavam com sua presença.

Vendo aquele lugar sagrado, o ilustre Raghava, desencordoando seu arco, entrou, e os sábios augustos, possuidores de conhecimento espiritual, muito satisfeitos, avançaram para encontrá-lo.

Vendo aquele virtuoso, parecendo a lua crescente, com Lakshmana e Vaidehi de beleza deslumbrante, aqueles ascetas de votos rígidos os receberam com palavras de boas-vindas e os habitantes da floresta ficaram pasmos com a bela aparência de Rama, seu aspecto jovem, majestade e traje gracioso e, tomados de admiração, olhavam sem piscar para Raghava, Lakshmana e Vaidehi, como para uma grande maravilha.

Então, aqueles sábios abençoados, dedicados ao bem-estar de todos os seres, conduziram Rama para uma cabana coberta de folhas, onde, oferecendo-lhe a hospitalidade tradicional, aqueles homens afortunados e piedosos, assemelhando-se ao próprio fogo, trouxeram água para que ele pudesse lavar suas mãos e pés. Sentindo grande deleite, aqueles ascetas de

grande alma, lhe oferecendo as boas- vindas, colheram flores, frutas e raízes, colocando todo o conteúdo do eremitério à disposição daquele herói magnânimo.

Posteriormente, aqueles ascetas, versados na tradição sagrada, com as palmas das mãos unidas se dirigiram a ele, dizendo: "Ó Raghava, um rei é o defensor dos direitos de seu povo e seu amparo; ele é digno de toda honra e respeito, ele porta o cetro, ele é o guru e compartilha de uma quarta parte da glória de Indra; ele desfruta das mais altas prerrogativas e recebe todas as homenagens. Nós, estando sob o teu domínio, devemos ser protegidos por ti, seja vivendo na capital ou na floresta; tu és nosso Soberano, ó Mestre do Mundo!

"Tendo renunciado a todo o desejo de vingança, subjugado a raiva e dominado os nossos sentidos, que tu nos protejas na prática da virtude, como uma mãe protege o bebê em seu peito".

Com essas palavras, eles prestaram reverência a Rama, que estava acompanhado por Lakshmana, oferecendo-lhe frutas, raízes, flores e todos os

produtos do campo e da floresta, enquanto outros ascetas, parecidos com o fogo em brilho, cumpridores de votos sagrados, honraram ao Senhor de acordo com a tradição.

## Capítulo 2 – O demônio Viradha leva Sita embora

Tendo recebido a homenagem dos ascetas, ao amanhecer Rama prestou reverência a eles e, seguido por Lakshmana, entrou na floresta, que era cheia de todas as espécies de veados e frequentada por ursos e tigres.

Lá, árvores, trepadeiras e arbustos tinham sido pisoteados, de modo que os caminhos eram pouco distinguíveis e o reflexo dos tanques e lagos era ofuscante; nenhum pássaro cantava em toda aquela região, que estava cheia com o zumbido de grilos.<sup>260</sup>

Seguido por Lakshmana, Rama examinou as profundezas da floresta com seu olhar e naquela mata, cheia de animais ferozes, Kakutstha, acompanhado por Sita, viu um titã tão grande quanto uma montanha criando um grande tumulto.

De aspecto formidável, hediondo, deformado, com seus olhos profundamente afundados em sua testa, com uma boca vasta e barriga protuberante, vestido em uma pele de tigre, coberto de sangue e repugnante de se olhar, ele infligia terror nos corações de todos os seres; parecia como se a própria morte estivesse se aproximando com a boca aberta.

Três leões, quatro tigres, dois leopardos, quatro veados malhados e a cabeça de um grande elefante com suas presas, dos quais a gordura escorria, pendiam de sua lança.

Vendo Rama, Lakshmana e Sita, a princesa de Mithila, ele correu para eles em fúria, como o Tempo<sup>261</sup> na destruição dos mundos. Então, criando um grande barulho, fazendo a terra tremer, ele agarrou Vaidehi em seus braços e começou a levá-la embora, dizendo:

"Ó vocês, usando cabelos emaranhados, vestidos em mantos de pele, acompanhados por uma consorte comum, vocês estão prestes a morrer! Entrando na floresta de Dandaka, armados com armas, arcos e lanças, de onde vocês vieram, ó ascetas, e por que moram aqui na companhia de uma mulher? Canalhas perversos e maus, quem são vocês, que trazem má reputação para os sábios?

Eu sou o titã Viradha, esse é o meu refúgio e eu vago na floresta impenetrável, armado com armas, me alimentando da carne de ascetas. Esta mulher de membros adoráveis se tornará minha esposa e, em combate, eu vou beber o sangue de vocês dois, ó infames!"

A filha de Janaka, Sita, ouvindo o discurso cruel e arrogante de Viradha de coração perverso, cheia de medo, começou a tremer como uma palmeira agitada pelo vento.

Rama, vendo Viradha carregando a bela Sita para longe, ficando pálido, disse a Lakshmana:

"Ó amigo, vê a filha de Janaka, minha casta consorte, uma princesa ilustre, criada no luxo, retida firmemente nos braços de Viradha! Ai de mim! O desejo de Kaikeyi foi realizado hoje! Ó Lakshmana, a entronização de seu filho não bastou

260 O comentador explica que toda essa destruição era devida à presença do demônio Viradha e que as aves tinham abandonado o lugar com medo dele.

261 O Tempo na forma da Morte, o Destruidor.

para aquela mulher astuta, já que ela me levou a ser banido para a floresta apesar do amor que os meus súditos tinham por mim. Agora ela que reina suprema no meio de nossas mães ficará satisfeita! Que outro tenha colocado as mãos em Vaidehi é o maior dos meus infortúnios, pior até do que a morte do meu pai ou a perda do meu reino, ó Saumitri!"

Ouvindo as palavras de Kakutstha, Lakshmana, com seus olhos cheios de lágrimas, sibilando como uma cobra ferida, disse rudemente:

"Ó Kakutstha, ó protetor de todos os seres, que és igual ao próprio Indra, uma vez que eu sou teu servo, por que tu lamentas como se tu não tivesses defensor?"

"Perfurado pela flecha que estou prestes a disparar em minha ira, o titã Viradha morrerá e a terra beberá o seu sangue. A

amargura que eu senti em relação a Bharata por ele desejar o trono eu vou derramar sobre Viradha, como o deus que porta o raio o descarrega numa montanha! Com toda a força do meu braço, atirando essa seta afiada, eu perfurarei o peito dele! Que ele abandone sua vida e caia rolando no chão!"

### Capítulo 3 - A luta entre Viradha e os dois irmãos

Depois disso Viradha falou de novo, enchendo a floresta com sua voz: "Quem são vocês, para onde estão indo, me respondam!"

Então o ilustre Rama respondeu àquele titã, cujo rosto estava vermelho de raiva, dizendo:

"Saibas que nós somos dois guerreiros da linhagem de Ikshvaku, fixos em nossos votos, vagando na floresta; mas agora nós queremos saber quem tu és, vagando aqui e ali nas matas?"

Então Viradha disse a Rama, cuja força era a verdade:

"Ouve e eu te direi, ó príncipe da Casa de Raghu! Eu sou o filho de Java e minha mãe é Satarhada. Eu sou conhecido entre os titãs em todo o mundo como Viradha. Tendo agradado a Brahma pelas minhas penitências, eu obtive uma benção e me

tornei invulnerável a qualquer arma na terra; é impossível me matar pelo uso de armas!

"Desistindo dessa formosa, que vocês, renunciando a toda esperança, sem voltarem atrás, partam daqui sem demora e eu lhes concederei suas vidas!"

Então Rama, com os olhos vermelhos de raiva, respondeu àquele demônio hediondo, o cruel Viradha, dizendo:

"Canalha que tu és, maldito seja o teu intento perverso, seguramente tu estás cortejando a morte, e realmente, a encontrarás em combate; espera só um instante e tu não escaparás vivo!"

Curvando seu arco e colocando rapidamente duas setas afiadas nele, Rama atingiu aquele demônio com suas flechas penetrantes e, depois, esticando a corda firmemente, ele disparou sete flechas velozes, adornadas com penas e de pontas de ouro, iguais em voo a Suparna e Anila.

Tendo perfurado o corpo de Viradha, aquelas flechas ardentes, enfeitadas com plumas de garça, caíram no chão sibilando e manchadas de sangue.

Ao receber esses ferimentos, Viradha perdeu seu domínio sobre Vaidehi e brandindo a sua lança em fúria atirou-se sobre Rama e sobre Lakshmana que o acompanhava. Emitindo um rugido poderoso, agarrando sua lança, semelhante ao

estandarte de Indra, com suas mandíbulas escancaradas, ele parecia a própria morte.

Então os dois irmãos derramaram uma saraivada de flechas flamejantes sobre Viradha, que se parecia com o tempo, a morte ou o destino, mas aquele demônio terrível, irrompendo em gargalhadas, parando e abrindo as mandíbulas, vomitou aquelas flechas pontiagudas em virtude do benefício que ele havia recebido. Contendo sua respiração e brandindo sua lança, o demônio Viradha novamente avançou nos dois descendentes de Raghu, no que Rama, o mais hábil dos guerreiros, com duas setas cortou aquela lança, que brilhava como um relâmpago e parecia uma chama no céu.

Despedaçada pelas setas de Rama, a lança caiu no chão, como uma borda rochosa partida pelo raio. Nisso, desafivelando suas espadas, aqueles guerreiros rapidamente caíram sobre Viradha como duas serpentes negras, atingindo-o fortemente repetidamente.

Embora atacado duramente, seu oponente formidável os repeliu vigorosamente com os punhos, mas eles se mantiveram firmes, no que ele tentou erguê-los do chão e Rama, adivinhando a sua intenção, disse a Lakshmana:

"Que o demônio nos leve pelo caminho tanto quanto ele desejar, ó Saumitri! Permite que esse predador noturno nos leve de acordo com o seu capricho, já que ele está procedendo ao longo da nossa trilha".



Logo após, o demônio, orgulhoso de sua força, com grande energia os levantou e os colocou em seus ombros como dois adolescentes; então, tendo colocado os dois descendentes de Raghu em seus ombros, o demônio Viradha, viajante da noite, emitindo um grande rugido, caminhou a passos largos para dentro da floresta.

Entrando naquela floresta, cheia de árvores de todas as espécies, onde diversas aves enchiam o ar com sua canção e que era repleta de chacais, animais e serpentes, ele se assemelhava a uma grande nuvem.

#### Capítulo 4 - Rama e Lakshmana matam o demônio Viradha

Vendo os dois irmãos, a glória da Casa de Raghu, sendo levados para longe, Sita, erguendo os braços, começou a chorar alto, refletindo desta maneira:

'Rama, o filho de Dasaratha, que é verdadeiro, virtuoso e honesto, está sendo levado por um demônio de aspecto aterrorizante; eu me tornarei uma presa para ursos, tigres e panteras!'

Pensando assim, ela gritou: "Ó principal dos demônios, eu te suplico, me leva e poupa esses dois descendentes de Raghu!"

Ouvindo as palavras de Vaidehi, Rama e Lakshmana, cheios de coragem, se prepararam para matar aquele patife perverso, no que Saumitri quebrou o braço esquerdo daquele demônio temível e Rama o direito; depois disso, aquele titã, parecendo uma massa de nuvens, com os braços quebrados, ficando fraco, de repente caiu no chão inconsciente, como uma montanha atingida pelo raio.

Então os dois irmãos bateram no demônio com seus punhos e pés e erguendo-o, novamente o arremessaram ao chão; contudo, embora atingido por inúmeras setas e ferido por suas espadas, o demônio não morreu.

Vendo que era impossível matar aquele gigante, semelhante a uma montanha, o abençoado Rama, o refúgio de todos os que estão em perigo, falou assim:

"Em virtude de suas penitências, ó tigre entre homens, esse demônio não pode ser vencido em combate com armas, vamos, portanto, lançá-lo em uma cova. Ó Lakshmana, como se para um grande elefante, cava um buraco na floresta para esse demônio de tamanho formidável".

Tendo assim ordenado Lakshmana dizendo: "Cava um buraco", o valente Rama ficou com o pé no pescoço do demônio.

Ouvindo essas palavras, o demônio em voz humilde se dirigiu àquele descendente de Raghu, aquele touro entre homens, dizendo:

"Ó leão entre heróis, sob os golpes de um guerreiro cuja força é igual à de Indra eu estou morrendo. Em minha ignorância, eu não te reconheci, ó leão entre homens! Eu vejo agora que tu és o filho nobre de Kaushalya. Ó filho querido, tu és Rama e esta é a afortunada Vaidehi e o ilustre Lakshmana.

"Por uma maldição, eu tive que assumir a forma monstruosa de um titã, mas na realidade eu sou o gandharva Tumburu, que incorreu na ira de Kuvera. Aquele deus glorioso, sendo conciliado por mim, disse: 'Quando Rama, o filho de Dasaratha, te vencer em luta, então, assumindo a tua forma natural, tu retornarás para a região celestial'. Devido à minha falta reverência por ele, com raiva o senhor Kuvera me condenou por ter concebido uma atração pela ninfa Rambha. Pela tua graça, eu estou livre dessa maldição terrível e agora voltarei para a minha residência. Todas as saudações a ti, ó castigador de teus inimigos!

"Ó filho querido, não muito longe daqui, a cerca de quatro milhas e meia distância, mora o virtuoso Sharabhangha, uma mina de austeridade, um rishi notável e poderoso, refulgente como o sol. Vai lá, sem demora; ele te dará o conselho mais excelente!

Tendo me enterrado em um buraco, ó Rama, segue o teu caminho em paz! Aqueles demônios que estão prestes a morrer devem de acordo com uma lei fixa ser enterrados em uma cova".

Tendo falado assim para Kakutstha, o corajoso Viradha, perfurado por muitas flechas, deixando seu corpo, subiu ao céu.<sup>262</sup>

Então Raghava disse a Lakshmana: "Cava uma cova para esse demônio de atos terríveis, como para um grande elefante na floresta". Tendo falado assim para Lakshmana dizendo 'Cava uma cova!', Rama, que era dotado de grande destreza, permaneceu parado com o pé sobre a cabeça de Viradha.

Então Lakshmana, pegando uma picareta, cavou um grande buraco ao lado do demônio, cujas orelhas pareciam conchas, e o jogou dentro dele, enquanto ele emitia gritos terríveis.

Descobrimo que não podiam matar o grande titã com suas armas afiadas, aqueles dois leões entre os homens, tendo empregado toda a sua habilidade, puseram um fim em Viradha por enterrá-lo no buraco.

O próprio Viradha, um vagueador da floresta, desejando morrer nas mãos de Rama, tinha indicado a ele como ele devia proceder, dizendo: "Eu não posso ser morto por armas".

Ouvindo isso, veio a Rama a ideia de lançá-lo em um buraco, e ao ser lançado nele, aquele demônio todo-poderoso fez a floresta ressoar com seus gritos.

<sup>262</sup> As passagens seguintes indicam claramente a retomada da narrativa em uma ocasião posterior.

[“A conclusão desse Canto é toda uma vã repetição; ela é manifestamente ilegítima e uma imitação muito fraca do estilo de Valmiki”. – Griffith].

Tendo jogado Viradha na cova, Rama e Lakshmana, livres de seus temores, se regozijaram naquela floresta, como o sol e lua no firmamento.

Capítulo 5 – O encontro com o sábio Sharabhangha e sua ascensão para Brahmaloaka

Tendo matado o poderoso e terrível Viradha na floresta, o valente Rama abraçou Sita e a consolou; então se dirigindo ao resplandecente Lakshmana ele disse:

“Essa floresta impenetrável é perigosa e nós não somos seus habitantes naturais; vamos, portanto procurar o sábio Sharabhangha sem demora”.

Raghava então voltou seus passos na direção do eremitério de Sharabhangha e, aproximando-se daquele sábio, cuja alma foi purificada pela renúncia, ele observou uma grande maravilha.

No céu ele viu Indra, esplendidamente vestido em mantos livres de qualquer partícula de poeira, seu corpo brilhando como o sol

ou o fogo, sobre uma carruagem esplêndida, seguido por todos os celestiais e inúmeros sábios de grande alma como ele próprio, que serviam como sua escolta. Cavalos baios estavam unidos àquele carro aéreo, que brilhava como o sol nascente e, luminoso como disco da lua, se assemelhava a uma massa de nuvens brancas.

Rama também observou um dossel imaculado com guirlandas magníficas e abanadores maravilhosos feitos de caudas de iaques com cabos de ouro de grande valor, que duas mulheres de rara beleza abanavam para frente e para trás sobre a cabeça daquele deus, enquanto gandharvas, imortais, seres celestes e grandes rishis o homenageavam com cânticos sublimes, enquanto ele pairava no espaço.

Vendo Shatakratu conversando com o sábio Sharabhangha, Rama mostrou a carruagem para seu irmão e pediu-lhe para contemplar a visão extraordinária.

Ele disse: "Ó Lakshmana, tu vêes aquele carro deslumbrante de grande esplendor brilhando como o sol no céu? Sem dúvida, esses são os cavalos baios celestes de Indra dos quais nós ouvimos, que viaja através do espaço e que é invocado constantemente na hora do sacrifício. Aqueles guerreiros jovens usando brincos, que, em grupos de centenas, com espadas em suas mãos, ficam em volta dele no céu, com seu peito largo e braços fortes que lembram maçãs, vestidos de roxo magnífico, parecem com tigres ferozes. Em seu peito brilham fileiras de pérolas, e aqueles leões entre os homens, de aparência bela,

parecem ter vinte e cinco anos de idade, que é a idade na qual os deuses sempre permanecem, ó Saumitri. Fica aqui um momento, ó Lakshmana, para que eu possa descobrir quem é realmente esse grande herói na carruagem”.

Tendo proferido as palavras 'Fica aqui' para Saumitri, Kakutstha avançou para o eremitério de Sharabhangha.

Vendo Rama se aproximando, o senhor de Saci, despedindo-se do sábio, disse aos deuses:

“Rama está vindo para cá, me levem para a minha morada antes que ele se dirija a mim; mais tarde ele me verá! Quando ele voltar vitorioso, tendo cumprido seu propósito, eu me mostrarei prontamente para ele. É para ele realizar uma grande façanha impossível para qualquer outro executar”.

Depois disso, oferecendo saudações ao asceta, com toda a humildade, o deus que porta o raio, o flagelo de seus inimigos, subiu ao céu em sua carruagem, atrelada com cavalos.

Quando o deus de mil olhos tinha partido, Raghava se reuniu com sua consorte e seu irmão e juntos eles se aproximaram de Sharabhangha, que estava sentado diante do fogo sagrado. Abraçando seus pés, Rama, Sita e Lakshmana, a seu convite, sentaram-se no lugar que lhes foi atribuído.

Questionado por Raghava a respeito da visita de Indra, Sharabhangha lhe contou tudo. Ele disse:

"Ó Rama, aquele Deus magnânimo queria me conduzir para Brahmaloça, a região que eu alcancei pelo mérito das minhas penitências, que é inacessível para aqueles que não são mestres de si mesmos.

"Vendo-te te aproximando, saibas bem, ó principal dos homens, que eu não tive vontade de entrar em Brahmaloça antes que eu tivesse apreciado a tua presença gentil no meu eremitério. Ó leão entre os homens, ó príncipe virtuoso e magnânimo, tendo me comunicado contigo, eu ascenderei primeiro aos três céus inferiores e depois disso para o mais alto. Esses mundos de beleza insuperável que foram conquistados por mim, essas sublimes moradas de Brahma, que são minhas por direito, aceita, ó leão entre os homens!"

Ouvindo as palavras do Rishi Sharabhangã, Raghava, aquele leão entre os homens, versado nos Shastras, respondeu:

"Eu também conquistei todos os mundos, ó grande asceta, mas em obediência ao meu voto eu desejo permanecer na floresta".

Assim abordado por Raghava, cujo poder era igual ao de Indra, o eminentemente sagaz Sharabhangã falou novamente, dizendo:

"Ó Rama, o ilustre e virtuoso Sutikshna vive nessa floresta; aquele santo te dirá o que é melhor para tu fazeres.

"Segue o rio Mandakini, essa corrente que é coberta com um tapete de flores, e tu chegarás à residência dele. Lá está o caminho, ó tigre entre homens, mas fica comigo um momento,



no entanto, até eu abandonar esse corpo como uma cobra rejeita sua pele”.

Depois disso, tendo preparado um fogo e derramado manteiga clarificada nele, Sharabhangá, aquele sábio de mérito supremo, entrou nas chamas com o acompanhamento de fórmulas sagradas.

O cabelo daquele magnânimo foi consumido junto com sua pele enrugada, seus ossos, sua carne e seu sangue, após o que, assumindo uma aparência jovem e esplêndida, Sharabhangá levantou-se da pira como uma chama.

Percorrendo a região onde os fogos sacrificais são cuidados por sábios de grande alma, assim como a dos deuses, ele ascendeu para a residência de Brahma. Aquele principal dos rishis, de karma purificado, lá viu o avô do mundo, com aqueles seus acompanhantes, que, vendo aquele sábio, se dirigiu a ele, dizendo:

“Tu és bem-vindo!”

## Capítulo 6 – Os sábios buscam a proteção de Rama

Sharabhangá tendo subido ao céu, os ascetas reunidos se apresentaram diante de Rama, o filho de Kakutstha de energia flamejante, e entre eles estavam aqueles que surgiram das unhas e do cabelo do corpo de Brahma, também da água na

qual os pés dele foram banhados; havia aqueles que viviam dos raios da lua; aqueles que se mantinham com grãos moídos; aqueles que faziam penitência por permanecerem na água; aqueles que dormiam no chão nu; aqueles que viviam ao ar livre durante todo o ano; aqueles que subsistiam só de água e de vento; aqueles que nunca procuravam a sombra; aqueles que passavam por longos jejuns; aqueles que praticavam ininterrupta repetição de prece; aqueles que se entregavam a penitência perpétua; aqueles que moravam nos topos das altas montanhas; aqueles que tinham subjugado seus sentidos e aqueles que viviam entre cinco fogos.<sup>263</sup>

Todos esses sábios, fixos em yoga, dotados dos poderes de Brahma, se reuniram no eremitério de Shatabhanga a fim de se aproximarem de Rama.

Aquelas virtuosas companhias de rishis, tendo se reunido lá, se dirigiram a Rama, o mais notável dos bons, que estava familiarizado com o seu dever supremo, dizendo:

"Ó senhor da Casa de Ikshvaku e do mundo inteiro, guerreiro do grande carro, tu és nosso defensor e líder, como Maghavan é dos deuses.

"Tu és famoso nos três mundos por teu valor e glória! Devoção filial, justiça e fé encontram sua consumação em ti, ó senhor. Cabe a ti, que és conhecedor da virtude, perdoar a nossa temeridade ao nos aproximarmos de ti para fazermos a nossa súplica.

"Seria um sinal de defeito para um rei receber um sexto da receita de seu povo se ele não os protegesse como os seus próprios filhos. No entanto, se ele defender aqueles que habitam seu reino como a sua própria vida ou como a vida de seus filhos, a quem ele é sempre dedicado, ele ocupará uma posição elevada na região de Brahma.

"A bem-aventurança suprema adquirida por aqueles ascetas que vivem de raízes e frutas não é igual a um quarto daquela alcançada pelo monarca que governa seus súditos de acordo com a lei.

"Torna-te o defensor daqueles incontáveis brâmanes que vivem na floresta que estão sem um protetor, e assim os defende da perseguição cruel dos titãs.

"Vem e vê os corpos de inúmeros ascetas de coração puro, que foram mortos de diversas formas na floresta por titãs.

"Eles causaram grande carnificina entre as pessoas que moram no lago Pampa, perto do rio Mandakini e em Chitrakuta. Nós não podemos mais suportar a situação terrível desses sábios, provocada na floresta por aqueles titãs de atos cruéis; portanto, nós nos refugiamos em ti; protege-nos, ó Rama, contra aqueles predadores noturnos, que buscam a nossa destruição. Nós não temos refúgio na terra além de ti, ó príncipe valente; nos salva dos titãs".

Tendo ouvido os sábios, o virtuoso Kakutstha respondeu a eles, que eram ricos em penitências pesadas, dizendo:

"Não me roguem dessa maneira; eu não sou o servo dos sábios? É unicamente para cumprir o meu dever que eu entrei na floresta. É para livrá-los da opressão dos titãs e cumprir as ordens de meu pai que eu estou aqui. É em seu interesse e para a sua felicidade que eu vim aqui por minha própria vontade.

263 Cinco fogos: quatro fogos e o sol acima. Veja também o Glossário sob Ascetas.

"A minha estada na floresta será muito vantajosa para vocês; eu matarei os titãs, os inimigos dos ascetas. Que os sábios testemunhem a minha destreza em combate e a do meu irmão também, ó rishis!"

Tendo cedido à súplica dos ascetas, aquele herói, firme em seu dever, acompanhado por Lakshmana, dirigiu seu rumo para o eremitério de Sutikshna, seguido pelos sábios, que lhe prestaram todas as honras.

## Capítulo 7 - A reunião entre Rama e Sutikshna

Rama, o flagelo de seus inimigos, acompanhado por seu irmão, Sita e os sábios, se aproximou do eremitério de Sutikshna, e

tendo ido longe e cruzado muitos rios profundos ele viu uma montanha maravilhosa tão alta quanto o monte Meru.

Depois disso aqueles dois descendentes da Casa de Raghu seguiram adiante com Sita através de uma floresta repleta de muitas espécies de árvores e, tendo penetrado naquela floresta densa, cheia de árvores carregadas de flores e frutas, Rama observou em um local solitário um eremitério decorado com guirlandas e cascas de árvores.

Lá ele viu o sábio Sutikshna, uma mina de ascetismo, com seu cabelo emaranhado, coberto de poeira, sentado na postura de lótus e se dirigiu a ele, dizendo:

"Ó abençoado, eu sou Rama, que vim aqui para te ver. Tem a amabilidade, ó rishi virtuoso e ilustre, ó essência da santidade, de falar comigo".

Vendo Ramachandra, o sábio, o principal dos ascetas, tomou-o nos braços e se dirigiu a ele assim:

"Sê bem-vindo, ó melhor dos Raghus, ó Rama, chefe de homens virtuosos. Daqui em diante esse eremitério, no qual tu entraste, tem um protetor. Eu tenho esperado por ti, ó herói ilustre, e por essa razão não ascendi para a região dos deuses, deixando o meu corpo aqui na terra. Eu soube que tu, sendo banido do teu reino, tinhas ido para Chitrakuta, ó Kakutstha!

"O chefe dos deuses, Shatakratu, veio aqui e, se aproximando de mim, aquele poderoso rei dos celestiais me informou que eu

tinha conquistado todos os mundos em virtude do meu bom karma.

"Todas aquelas bênçãos adquiridas pelos sábios divinos através do ascetismo eu ofereço a ti; desfruta delas com a tua consorte e Lakshmana".

Para aquele sábio grandioso e ilustre de votos rígidos e discurso sincero, Rama, o mestre de seus sentidos, respondeu, como Vasava se dirige a Brahma, dizendo:

"Ó sábio ilustre, eu mesmo conquistei os mundos; porém de acordo com o comando recebido por mim eu escolhi morar na grande floresta. 'Tu és possuidor de tudo, contudo estás empenhado no bem-estar de todos os seres', foram as palavras do asceta Sharabhangha, aquele Gautama de grande alma, para mim".

Ouvindo as palavras de Rama, o grande rishi, renomado em todo o mundo, graciosamente se dirigiu a ele, dizendo:

"Que tu vivas nesse eremitério, ó Rama, que é agradável e frequentado por companhias de sábios, onde se pode colher raízes e frutas em todas as estações, onde grupos de cervos admiráveis se reúnem sem prejudicar ninguém e vêm e vão encantando a todos com sua beleza. Não há nenhum mal a ser enfrentado aqui, salvo o que os cervos ocasionam".

Ouvindo as palavras do grande rishi, o irmão mais velho de Lakshmana, erguendo seu arco e flechas, disse:

"Ó senhor abençoado, o que poderia ser mais lamentável do que se eu com meu arco e flechas polidas afiadas matasse aqueles veados que se reúnem aqui, e, assim, te causasse dor? Por essa razão eu não devo permanecer muito tempo nesse santuário".

Tendo falado desse modo, Rama ficou em silêncio e realizou suas devoções vespertinas; então com Sita e Lakshmana ele se preparou para passar a noite no ermitério encantador de Sutikshna. O anoitecer tendo passado e noite caído, o magnânimo Sutikshna com as suas próprias mãos distribuiu grãos descascados, o alimento tradicional dos ascetas, àqueles leões entre os homens, tendo prestado homenagem a eles.

## Capítulo 8 - Rama se despede de Sutikshna

Rama, tendo sido tratado com toda a honra por Sutikshna, passou a noite no ashrama com Saumitri, e acordando ao amanhecer se banhou com Sita nas águas frescas, perfumadas com o aroma dos lótus.

No momento adequado, tendo devidamente adorado Agni e os deuses naquela floresta que continha os retiros dos ascetas,

Rama, Lakshmana e a filha de Videha, observando que o sol tinha nascido, aproximaram-se de Sutikshna com cortesia, dizendo:

"Ó senhor, tu nos atendeste generosamente e nos prestaste toda a honra, agora pedimos permissão para partir, uma vez que os ascetas que nos acompanham desejam que nós avancemos sem demora.

"É nosso desejo visitar todos os retiros habitados por homens santos de práticas devotas na floresta de Dandaka. Portanto, te pedimos para nos despedir desses grandes sábios, fixos em seus votos, purificados por penitência e semelhantes a chamas claras.

"Nós desejamos partir daqui antes que os raios do sol brilhem muito violentamente e se tornem insuportáveis, como alguém que usurpou prerrogativas reais por meios ilegais".

Tendo falado assim, Raghava com Saumitri e Sita curvou-se aos pés do sábio, e aquele principal dos ascetas, levantando aqueles dois heróis, apertou-os afetuosamente contra o seu coração e disse:

"Segue o teu caminho com segurança, ó Rama, na companhia de Saumitri e Sita, que te segue como uma sombra. Visita os lugares solitários da floresta de Dandaka, onde residem aqueles eremitas cujas almas são purificadas pela renúncia. Tu verás lá matas ricas em frutas, raízes e flores, magníficos grupos de veados, bandos de aves mansas, tufos de lótus em



flor, lagos tranquilos repletos de aves aquáticas, encantadoras nascentes de montanha e cataratas esplêndidas caindo das colinas com bosques maravilhosos ecoando ao grito do pavão. Vai, ó filho, e tu também, filho de Sumitra; então vem novamente a esse retiro quando tu tiveres visto todos”.

Assim abordados, Kakutstha e Lakshmana responderam: “Que assim seja!” E circungirando o sábio se prepararam para partir.

Depois disso Sita de olhos grandes entregou àqueles irmãos suas aljavas excelentes, arcos e espadas brilhantes, e se despedindo dos grandes sábios os dois

descendentes da Casa de Raghu, de beleza inigualável, prendendo suas aljavas e portando seus arcos e espadas, partiram rapidamente com Sita.

## Capítulo 9 – Sita implora a Rama para não atacar os titãs

Quando seu senhor, a alegria da Casa de Raghu, tendo obtido a permissão de Sutikshna estava prosseguindo em seu caminho, Sita, em voz graciosa e gentil, se dirigiu a ele dizendo:

“Embora tu sejas nobre, um pequeno defeito por graus imperceptíveis se torna grande, mas é sempre possível evitar o

mal nascido do desejo. Há três falhas nascidas do desejo; a primeira é falar o que é falso, mas as outras duas são de significância mais grave, ou seja, associação com a esposa de outro e atos de violência cometidos sem provocação.

"Ó Raghava, a falsidade nunca foi, nem nunca poderia ser, a tua fraqueza; nem ainda, ó Indra entre os homens, tu poderias, mesmo em pensamento, cobiçar a mulher de outro; essa falha, destrutiva de virtude, nunca foi tua, ó filho de um rei! Tu sempre centraste a tua atenção na tua própria consorte!

"Tu és justo, humilde e fiel às ordens de teu pai; em ti, justiça e integridade florescem em sua plenitude. Tudo isso é possível para aqueles que dominam os seus sentidos, ó guerreiro de braços longos, e tu és totalmente autocontrolado, ó tu de presença encantadora!

"O terceiro mal, que por ignorância leva os homens a terem hostilidade uns para com os outros sem justa causa, agora se mostra em ti! Ó príncipe valente, tu juraste para os moradores da floresta de Dandaka, cujo defensor tu és, matar os demônios sem piedade, e por essa razão, equipado com arcos e flechas, tu partiste com teu irmão para a floresta conhecida como Dandaka. Vendo-te avançando dessa maneira a minha mente está cheia de apreensão e eu estou refletindo sobre como agir do modo mais vantajoso para o teu bem-estar nesse mundo e no próximo. A tua partida para a floresta de Dandaka não é aprovada por mim, ó herói; eu te direi o motivo.

"Entrando na floresta com teu irmão, armado com arcos e flechas, pode muito bem ser que, ao ver os titãs, tu dispares as tuas setas! Como a proximidade dos feixes de galhos<sup>264</sup> aumenta a violência do fogo, assim mesmo a posse de um arco aumenta a força e a energia de um guerreiro!

"Antigamente, ó príncipe de braços longos, em uma floresta sagrada frequentada por veados e aves morava um asceta devoto e virtuoso. Com a intenção de obstruir suas austeridades, Indra, o senhor de Saci, sob o disfarce de um guerreiro, foi àquele eremitério, de espada na mão. Naquele retiro, ele deixou aquela espada excelente, pedindo ao sábio, envolvido em atos piedosos, para guardá-la sob seus cuidados. Recebendo aquela arma, ele, plenamente consciente da responsabilidade colocada sobre si, percorria a floresta vigiando cuidadosamente a espada que lhe foi confiada. Com a intenção de preservá-la, ele não se aventurava em nenhum lugar sem aquela espada, fosse para colher frutas e raízes ou por outras razões. Portando constantemente aquela arma e negligenciando as suas penitências, gradualmente aquele asceta desenvolveu inclinações guerreiras. Com o tempo aquele eremita insensato, carregando a espada, começou a apreciar nada

264 [Amarrados e usados como combustível].

mais que a violência e, perdendo a sua sobriedade, se desencaminhou e caiu no inferno.

"Esse, antigamente, foi o resultado portar armas! Como o contato com o fogo opera mudança em um pedaço de madeira, desse modo o porte de armas causa alteração na mente de quem as carrega.

"Por afeição e reverência por ti, eu chamo a tua atenção para esse assunto. Eu não ousou te instruir. Equipado com arcos como tu estás, eu te peço para renunciar a todo pensamento de matar os titãs na floresta de Dandaka sem provocação. Ó guerreiro! o mundo olha com desconfiança para aqueles que atacam sem justa causa. É dever dos guerreiros proteger aqueles de alma subjugada que estão em perigo. O porte de armas e a retirada para a floresta, a prática de guerra e o exercício de ascetismo, são opostos uns dos outros; vamos, portanto, honrar o código moral que diz respeito à paz. Pensamentos assassinos, inspirados pelo desejo de lucro, nascem do manuseio de armas. Quando tu voltares a Ayodhya, tu poderás assumir as funções de um guerreiro mais uma vez. A alegria da minha sogra e sogro<sup>265</sup> será completa se durante a renúncia do teu reino tu lemares a vida de um asceta. Assim a felicidade advém para quem cumpre o seu dever; através do cumprimento do próprio dever o mundo inteiro é conquistado, o dever constituindo a sua própria essência. É pela completa

negação de si que os santos obtiveram bem-aventurança; a felicidade não nasce do prazer!

"Ó meu amigo, com o coração puro cumpre o teu dever na solidão; tu és familiarizado com a natureza dos três mundos.

"É por fraqueza feminina que eu falo assim, pois quem se atreveria a te instruir sobre o teu dever? Tendo refletido cuidadosamente sobre o que eu disse, faze o que tu consideras melhor sem mais delongas!"

## Capítulo 10 – Rama lembra Sita de sua promessa aos ascetas

Ouvindo o discurso de Vaidehi, inspirado por ternura conjugal, Rama, com sua energia reforçada, respondeu à filha de Janaka, dizendo:

"Ó senhora nobre, é com palavras apropriadas, ditadas pela tua afeição, que tu procuraste me instruir nos deveres da minha casta.

"Como eu vou te responder, ó princesa? Tu mesma disseste: 'Guerreiros portam seus arcos para que a palavra "opressão" não possa ser ouvida na terra'. Ó Sita, é por causa daqueles ascetas de penitências severas, cercados de perigos na floresta de Dandaka, que procuraram a minha proteção, que eu vim para cá. Sempre morando na floresta, onde vivem de frutas e

raízes, eles são incapazes de desfrutar de uma existência pacífica por conta dos titãs, ó senhora tímida. Esses eremitas da floresta de Dandaka são devorados por esses demônios terríveis, que vivem de carne humana. "Vem nos ajudar" foi o grito daqueles excelentes nascidos duas vezes, e quando ouvi essas palavras saindo de seus lábios, eu prometi obedecê-las e respondi 'Não temam!' Vê-los ajoelhados aos meus pés foi uma fonte da maior aflição para mim, quando era eu que deveria estar tocando os deles".

265 ["Gorresio observa que Dasaratha estava morto e que Sita havia sido informada de sua morte. Em sua tradução ele substitui pelas palavras do texto 'teus parentes e meus'. Isto é bastante supérfluo. Dasaratha embora no céu ainda tinha um interesse amoroso no destino de seu filho". - Griffith].

"O que vocês desejam de mim?", eu perguntei àquela assembleia de nascidos duas vezes, após o que, se aproximando, eles falaram as seguintes palavras:

"Na floresta de Dandaka, inúmeros demônios, assumindo diferentes formas, nos atormentam cruelmente. Ó Rama, nos protege! A hora do sacrifício Homa e os dias da lua cheia

chegaram, ó príncipe irrepreensível! Tu és o refúgio seguro de todos os santos e ascetas que atormentados pelos titãs buscam a tua proteção. Pelo poder do nosso ascetismo seria fácil para nós destruir esses viajantes da noite, mas nós estamos relutantes em perder os frutos da austeridade, ganhos no decurso de um longo período.

“Penitência prolongada está sujeita a inúmeros obstáculos, e é extremamente difícil, ó Rama! Por esse motivo nós nos abstermos de pronunciar uma maldição sobre esses demônios, embora eles nos devorem. Atormentados desse modo pelos titãs que frequentam a floresta de Dandaka, nós imploramos a ti e ao teu irmão para nos proteger; tu és nosso amparo’.

“Ouvindo essas palavras, eu prometi a minha proteção aos sábios da floresta de Dandaka, ó filha de Janaka!

“Enquanto eu viver, portanto, eu não posso violar a promessa dada aos ascetas.

“Eu posso abandonar a minha vida ou até mesmo a ti, ó Sita, bem como Lakshmana, mas eu não posso faltar a uma promessa feita para brâmanes.

“Mesmo que eu não tivesse lhes prometido nada, ó Vaidehi, é meu dever sagrado proteger os sábios; quanto mais agora!

“Eu estou satisfeito contigo, ó Sita, pois alguém não oferece conselho àqueles que não ama. As tuas palavras são dignas de ti, ó bela. Por seguir o caminho do dever tu te tornaste mais preciosa para mim do que a própria vida”.

Tendo falado assim para Sita, a filha do rei de Mithila, o magnânimo Rama, carregando seu arco, continuou a vaguear através daqueles lugares ermos arrebatadores com Lakshmana.

## Capítulo 11 – Rama visita os diferentes retiros e ouve sobre Agastya

Andando na frente, Rama era seguido por Sita, enquanto atrás dela vinha Lakshmana, com arco na mão. Com Sita, eles foram mais além, vendo muitas colinas e planícies, bosques e rios encantadores com gansos e grouns frequentando suas margens, e tanques cobertos com flores de lótus, cheios de aves aquáticas, e grupos de veados, búfalos cornudos no cio, ursos e elefantes, os destruidores de árvores.

Tendo viajado uma grande distância, eles viram, quando o sol estava se pondo, um lago maravilhoso, de cerca de quatro milhas de extensão, atapetado com flores de lótus e lírios d'água, agraciado com manadas de elefantes selvagens e cheio de gansos, cisnes e cercetas.<sup>266</sup>

Daquele lago encantador, de águas tranquilas, o som de instrumentos musicais e canto podiam ser ouvidos, mas ninguém era visível lá. Cativados, Rama e Lakshmana



começaram a questionar um sábio chamado Dharmabhrit, dizendo:

266 [Cerceta: espécie de pato pequeno, de plumagem escura, das regiões boreais].

"Ó grande asceta, essa música maravilhosa, ouvida por todos nós, nos move estranhamente; o que ela pode ser? Tem a bondade de nos dizer".

Assim questionado por Raghava, o sábio magnânimo começou imediatamente a contar a história daquele lago mágico.

Ele disse: "Este lago, chamado Panchapsara,<sup>267</sup> está sempre cheio de água e foi criado pelas penitências do sábio Mandarkini.<sup>268</sup>

"Praticando um rígido ascetismo, esse grande sábio, ficando na água por milhares de anos, vivia só de ar! Então os deuses com Agni em sua dianteira ficaram agitados e, reunindo-se, disseram uns aos outros: 'Esse sábio aspira ao nosso estado!' Assim eles falaram, com suas mentes cheias de apreensão.

"Então todos os deuses, para destruir o mérito do sábio adquirido através de suas penitências, enviaram cinco das mais belas ninfas, cuja cor se assemelhava ao relâmpago e, embora o asceta estivesse totalmente familiarizado com o que era bom

e mau, ele foi cativado por aquelas ninfas e caiu sob o domínio do deus do amor.

"Aquelas cinco ninfas se tornaram as esposas daquele sábio, que construiu uma residência secreta no lago para elas. Lá elas vivem felizes, trazendo alegria para o asceta, que, em virtude de suas penitências, se tornou jovem. Eles passam o tempo em divertimento e essa é a causa da música extasiante mesclada com o tilintar de seus ornamentos".

Essa foi a história estranha narrada por aquele sábio de alma pura.

Assim conversando, o ilustre Rama e seu irmão visitaram o círculo de eremitérios, cobertos de kusha grama e peles, que eram resplandecentes com o brilho dos brâmanes.

Acompanhado por Vaidehi e Lakshmana, o descendente de Raghu, Kakutstha, penetrou no círculo abençoado daqueles leões entre os homens.

Recebido com alegria e honrado por aqueles grandes rishis, Rama vagou pelas matas silenciosas, aquele grande guerreiro permanecia com os ascetas, às vezes por dez meses, às vezes por um ano, às vezes por quatro meses, ou cinco ou seis meses, às vezes por muitos meses ou um mês e meio apenas, às vezes três meses, e às vezes oito. Dessa maneira, envolvido em passatempos inocentes, dez anos se passaram.

Tendo visitado todos os retiros dos ascetas, Rama retornou ao eremitério de Sutikshna e, recebendo a homenagem dos sábios,

aquele subjugador de seus inimigos permaneceu lá por algum tempo.

Um dia, quando estava sentado aos pés de asceta, com toda a humildade ele se dirigiu a ele, dizendo:

"Ó abençoado, eu soube que Agastya, aquele mais notável dos sábios, vive nessa floresta, mas ela é tão vasta, que eu não sei onde o seu eremitério pode ser encontrado. Onde se encontra o eremitério daquele rishi sagaz? Pela tua graça, ó senhor abençoado, eu, meu irmão mais novo e Sita desejamos prestar nossos respeitos a ele".

Ao ouvir as palavras do virtuoso Rama, aquele sábio ilustre, Sutikshna, bem satisfeito, respondeu ao filho de Dasaratha, dizendo:

"Era minha intenção falar disso para ti e Lakshmana, ó Raghava e dizer: 'Que tu, com Sita, procures Agastya'. Agora tu mesmo propuseste isso então está bem. Eu agora te direi, ó Rama, onde mora aquele grande asceta Agastya.

"Meu filho, a quatro milhas daqui para o sul tu chegarás ao eremitério do irmão de Agastya, situado em uma planície fértil, coberta de bosques encantadores

267 Panchapsara: 'Lago das cinco apsaras'.

268 [Mandakarni. - Griffith].

de figueiras, repleto de frutas e flores, onde a canção de muitas aves pode ser ouvida. Inúmeros lagos de águas tranquilas, acarpetados por lótus e frequentados por cisnes, patos e gansos contribuem para a sua beleza. Tendo passado a noite lá, ao amanhecer segue o caminho, através de uma clareira, para o sul e lá tu chegarás ao retiro de Agastya, a quatro milhas de distância, em um local encantador plantado com árvores adoráveis. Esse lugar encantará Vaidehi bem como Lakshmana e a ti, pois esse canto da floresta, sombreado por inúmeras árvores, é arrebatador.

"Se tu desejas visitar o grande asceta, Agastya, então parte hoje, ó príncipe de sabedoria extraordinária".

Ao ouvir essas palavras, Rama com Lakshmana e Sita, tendo prestado homenagem a Sutikshna, partiram para procurar o sábio Agastya.

Apreciando os bosques e colinas maravilhosas, que pareciam uma massa de nuvens, e os lagos e rios a serem vistos no caminho, Rama procedeu rapidamente pela rota indicada pelo sábio Sutikshna, e cheio de alegria aquele magnânimo disse a Lakshmana:

"Seguramente este deve ser o retiro do irmão ilustre de Agastya, aquele sábio de karma abençoado, que nós vemos agora. Observa como ao longo do trajeto do bosque milhares de árvores, curvadas com o peso de seus frutos e flores,

podem ser vistas, e o odor pungente de figos maduros é carregado pela brisa. Aqui e ali jazem montes de lenha, com grama darbha, da cor de lápis-lazúli; vê também aquela coluna de fumaça, como uma coluna de nuvem escura, subindo na floresta de um fogo recém-aceso no eremitério.

"Depois de realizar suas abluções nas lagoas sagradas, os nascidos duas vezes estão oferecendo as flores que eles mesmos colheram. As palavras ditas por Sutikshna se revelaram verdadeiras, ó amigo. Aqui, de fato, é o retiro do irmão de Agastya.

"Em seu desejo de estar a serviço dos mundos, em virtude de suas austeridades aquele grande sábio venceu a morte e separou este quadrante como um lugar de refúgio.

"Aqui antigamente os demônios cruéis Vatapi e Ilvala viviam, dois grandes asuras que juntos conceberam um plano para matar os brâmanes.

"Assumindo a forma de um sábio, o impiedoso Ilvala, usando a língua sânscrita, convidava os ascetas para participarem de um banquete. Preparando seu irmão disfarçado como um carneiro em um prato, ele alimentava os nascidos duas vezes, de acordo com os ritos tradicionais. Quando os ascetas tinham comido, Ilvala clamava em alta voz: 'Ó Vatapi, apareça'.

"Ao som da sua voz, Vatapi, berrando como um carneiro, dilacerando os corpos dos ascetas, emergia.

"Assim, milhares de brâmanes foram mortos por esses devoradores de carne humana, que mudavam a sua forma à vontade e eram cheios de truques.

"A pedido dos Deuses, o grande rishi Agastya foi ao banquete e comeu o enorme asura, após o que Ivala disse: 'Está bem', e oferecendo água para o convidado lavar suas mãos, gritou: "Saia, ó Vatapi!"

"Mas enquanto aquele matador de ascetas falava assim, Agastya, aquele sábio excelente, irrompendo em gargalhadas, disse-lhe:

"Como aquele demônio pode sair, uma vez que eu o consumi? Teu irmão, na forma de um carneiro, entrou na residência de Yama'.

"Ouvindo que seu irmão estava morto, o demônio enfurecido avançou no asceta, lançando-se sobre aquele Indra dos nascidos duas vezes, mas o sábio, brilhando com poder espiritual, por um único olhar o consumiu, e ele pereceu.

"Este é o eremitério, embelezado por lagos e bosques, pertencente ao irmão daquele sábio, que por compaixão pelos ascetas realizou aquela façanha árdua".

Enquanto Rama falava assim para Saumitri, o sol se pôs por trás da montanha e a noite se aproximou; fazendo

devidamente as suas preces sandhya, ele entrou no eremitério e ofereceu reverências ao asceta.

Recebido calorosamente por aquele bem-aventurado, Raghava passou a noite lá, tendo compartilhado de frutas e raízes e, quando a manhã veio e o disco do sol era visível ele prestou homenagem ao irmão de Agastya, dizendo:

"Senhor reverente, eu te saúdo e te agradeço pela noite pacífica que passei aqui, agora eu irei e procurarei o meu preceptor espiritual, o teu irmão mais velho".

"Assim seja", respondeu o sábio, após o que o descendente de Raghu seguiu pelo caminho indicado a ele, apreciando a floresta com as inúmeras árvores Nirvara, Panasa, Sala, Vanjula, Tinisha, Shiribilwa, Madhuka, Bilwa e Tinduka em plena floração, entrelaçadas com trepadeiras floridas e árvores rompidas pelas trombas de elefantes, onde macacos se entretinham, e que ressoavam com o gorjeio de uma miríade de aves.

Então Rama de olhos de lótus disse ao valente e heroico Lakshmana, que o seguia:

"A julgar pela folhagem lustrosa das árvores e a mansidão dos veados e das aves nós estamos, sem dúvida, não muito distantes do retiro daquele rishi grandioso e de alma pura e de práticas virtuosas.

"Esse eremitério que elimina todo o cansaço, pertencente ao sábio Agastya, bem conhecido entre os homens por sua virtude,

com seus bosques cheios de uma fragrância rara, com seus mantos de pele e guirlandas penduradas aqui e ali, frequentado por grupos de cervos mansos, os galhos frondosos permeados por incontáveis aves, pode agora ser visto por nós.

"Tendo vencido Mrityu pelo seu poder, em seu desejo de fazer o bem para o mundo inteiro ele criou esse refúgio inviolável no sul, que é evitado por demônios que temem devastá-lo.

"Desde o dia que essa região foi tornada habitável por aquele asceta virtuoso, os demônios deixaram de exercer seu ódio e crueldade aqui. Essa terra afortunada do sul, famosa nos três mundos, associada com o nome daquele sábio abençoado, não é mais frequentada por aqueles seres perversos.

"A montanha Vindhya, a principal da sua espécie, que ameaçava interceptar os raios do sol, não se atreveu a crescer mais, submetendo-se à ordem de Agastya, e esse retiro encantador, frequentado por veados, pertence àquele de vida longa e de feitos sublimes. O virtuoso Agastya, honrado pelos homens, que está sempre engajado no bem-estar de todos os seres, na nossa chegada nos dará uma grande acolhida.

"Eu quero prestar homenagem àquele grande asceta pessoalmente e passar o resto do meu exílio na floresta com ele, ó meigo! Aqui os deuses, gandharvas, siddhas e os grandes sábios, que vivem de alimento simples, constantemente prestam homenagem ao sábio Agastya, mas homens



desonestos, cruéis, maus e perversos não são capazes de permanecer na presença daquele grande asceta.

"Os imortais, no entanto, os yakshas e aqueles da raça de serpentes, os grandes rishis também, dedicados a uma vida virtuosa, moram aqui, e fixos em santidade, esses seres exaltados, descartando seus corpos cansados, assumindo novos, sobem ao céu em carruagens que se assemelham ao sol.

"Lá os deuses realizam os desejos dos virtuosos, lhes concedendo imortalidade, poderes divinos e todos os graus de majestade.

"Nós agora chegamos ao eremitério, ó Saumitri, entra nele e anuncia a minha chegada com Sita para o rishi".

## Capítulo 12 – Agastya recebe Rama em seu eremitério

Tendo entrado no eremitério, Lakshmana, o irmão mais novo de Raghava, aproximou-se de um discípulo de Agastya e disse a ele:

"O filho mais velho do rei Dasaratha, o ilustre Rama, chegou com sua consorte, Sita, para prestar homenagem ao sábio. Eu

sou seu irmão mais novo, obediente e dedicado a ele e seu humilde servo; por acaso ouviste falar de nós?

"Nós entramos nessa floresta perigosa por ordem de nosso pai real. Nós três desejamos ver o bem-aventurado, anuncia isso a ele".

Ouvindo as palavras de Lakshmana, o discípulo disse: "Que assim seja!" e foi informar Agastya no local onde o fogo sagrado queimava. Com as palmas unidas se aproximando daquele principal dos munis cujas austeridades o tinham tornado invencível, ele transmitiu a notícia da chegada de Rama para ele.

Em conformidade com as palavras de Lakshmana, o estimado discípulo de Agastya disse: "Os dois filhos do rei Dasaratha, Rama e Lakshmana, vieram para o eremitério com Sita. Aqueles dois guerreiros, vencedores de seus inimigos, vieram te ver e oferecer seus serviços; tem a bondade de me instruir no que deve ser feito agora!"

Ao ouvir de seu discípulo que Rama, seguido por Lakshmana e pela auspiciosa Vaidehi, estavam esperando, Agastya respondeu: "Quão venturoso que depois de tanto tempo Rama tenha vindo me ver hoje. Sempre foi o desejo do meu coração ver aquele príncipe grandioso. Dá as boas-vindas a Rama e lhe pede para entrar junto com sua consorte e Lakshmana que o acompanha; que eles sejam trazidos à minha presença; por que isso já não foi feito?"

Assim abordado por aquele muni poderoso, versado na tradição espiritual, o discípulo o saudou com as palmas unidas e disse: "Que assim seja!" Depois disso, saindo do eremitério, ele se aproximou de Lakshmana e se dirigiu a ele, dizendo: "Qual de vocês é Rama? Que ele entre e se aproxime do sábio".

Então Lakshmana, movendo-se para mais perto do portão de entrada do eremitério, apontou Rama e Sita, a filha de Janaka, para ele, e aquele discípulo humildemente comunicou a mensagem do rishi Agastya, conduzindo Rama para dentro do eremitério.

Rama, acompanhado por Sita e Lakshmana, entrando no terreno cercado, que estava cheio de cervos mansos, observou os altares erigidos para Brahma e Agni e também os lugares sagrados dedicados a Vishnu, Mahendra, Vivaswat, Soma, Bhaga, Kuvera, Dhatar e Vidhatar, Vayu, o deus que segura o fio em sua mão,<sup>269</sup> o magnânimo Varuna, Gayatri, os Vasus, os Nagas, Garuda, Karttikeya e Dharma.

Escoltado pelo discípulo, ele viu tudo isso e subitamente viu o próprio sábio famoso. Ao vê-lo à frente dos ascetas, brilhando com o esplendor adquirido pela prática de austeridades, o valente Rama disse a Lakshmana, o aumentador de sua alegria:

269 Yama, o deus da morte.

"Ó Lakshmana, vê aquele asceta abençoado, Agastya, deixando o lugar de sacrifício; é com orgulho que eu me curvo diante daquele tesouro de renúncia".

Falando assim de Agastya, que brilhava como o sol, enquanto ele avançava em direção a ele, a alegria da casa de Raghu segurou os seus pés e prestou reverência a ele. Tendo-o saudado, o virtuoso Rama ficou diante dele com as palmas unidas, acompanhado pela filha de Videha e Saumitri.

Então, abraçando Kakutstha e honrando-o com água e um assento, questionando-o a respeito de seu bem-estar, o santo lhe deu as boas-vindas de acordo com a tradição da floresta. Oferecendo oblações no fogo, e presenteando seus convidados com o arghya, aquele asceta os regalou com alimentos e colocando-se ao lado de Rama, que, conhecedor do seu dever, estava sentado com as palmas unidas, disse-lhe:

"Ó príncipe, um asceta que deixa de oferecer hospitalidade adequada se alimenta da sua própria carne no outro mundo, assim como aquele que dá falso testemunho. Ó senhor do universo, cumpridor do teu dever, guerreiro do grande carro, que és digno de toda a honra e respeito, tu vieste afinal e és meu querido convidado".

Com essas palavras, o sábio Agastya, como um símbolo de homenagem, ofereceu a Rama frutas, raízes, flores, água e outras coisas em grande profusão, e disse-lhe:

"Aqui está um arco celeste e poderoso, incrustado com ouro e diamantes, que pertenceu a Vishnu. Ó tigre entre homens, ele é criação de Vishwakarma.

"Aqui também está o dardo Brahmadata, que é infalível e parece o sol; ele é eminente e foi-me dado por Mahendra; aqui também estão essas duas aljavas inesgotáveis, cheias de flechas afiadas que ardem como tochas e aqui uma forte bainha de prata e uma espada decorada com ouro.

"Com esse arco, ó Rama, Vishnu matou o grande asura em batalha e anteriormente adquiriu glória inexprimível entre os moradores nas regiões celestes.

"Aceita esse arco, essas duas aljavas, o dardo e a espada, garantias de vitória, ó guerreiro orgulhoso, e os porta como Vajradhara porta o raio".

Assim falando, o ilustre e afortunado Agastya deu a Rama toda a panóplia de armas pertencentes ao poderoso Vishnu, e mais uma vez se dirigiu a ele:

## Capítulo 13 – Rama vai para Panchavati a conselho de Agastya

“Ó Rama, que a felicidade te acompanhe! Ó Lakshmana, eu estou satisfeito contigo que com Sita tu vieste aqui me prestar homenagem. Sem dúvida, a longa viagem deve ter cansado vocês dois, como também Maithili, cujos suspiros revelam isso.

“Essa jovem senhora, que não está acostumada ao esforço, veio para a floresta por amor a seu senhor, embora o caminho seja cercado de dificuldades; portanto, ó Rama, faze aquilo que lhe dará prazer.

“Desde o início dos tempos, ó alegria da casa de Raghu, tem sido a natureza da mulher ser fiel a um homem na prosperidade e abandoná-lo na adversidade.

Rápida como um raio em pensamento, afiada como uma espada em palavras, seus humores comparáveis ao voo de uma águia, assim é a mulher! Mas a tua consorte é totalmente livre desses defeitos, ela é digna de louvor e é a mais notável daquelas devotadas a seu senhor; entre os deuses ela é conhecida como uma segunda Arundhati. Será famosa aquela região onde tu, Saumitri e essa princesa peregrinarem, ó conquistador de teus inimigos”.

Desse modo o sábio se dirigiu a Raghava, que, com as palmas unidas, em voz humilde, respondeu àquele asceta que brilhava como uma chama, dizendo:

"Eu estou dominado pela graça,<sup>270</sup> uma vez que o primeiro entre os ascetas está satisfeito comigo, como também com meu irmão e minha consorte que me acompanham.

"Indica-me um lugar cheio de árvores, e com água abundante, onde eu possa viver em paz e felicidade".

Ouvindo as palavras de Rama, aquele sábio excelente e magnânimo, refletindo um instante, deu esta resposta ponderada:

"Meu querido filho, a oito milhas de distância daqui há um lugar conhecido pelo nome de Panchavati, onde raízes, frutas e água abundam e onde há muitos cervos. Vai para lá e com Saumitri estabelece um eremitério, vivendo lá alegremente e cumprindo as ordens de teu pai.

"Pelo poder da minha penitência, e em virtude do carinho que eu tinha pelo rei Dasaratha, eu estou familiarizado com a tua história, ó príncipe irrepreensível. Embora tu tenhas prometido ficar comigo nessas solidões as minhas austeridades me revelaram os verdadeiros desejos do teu coração. Portanto, eu te digo mais uma vez: 'Procura Panchavati!' Ela é uma floresta encantadora, que irá encantar Maithili. Aquele lugar, digno de todo o louvor, não é longe daqui, ó Raghava, e fica perto do rio Godaveri; Sita será feliz lá. Cheio de raízes, frutas e todos os

tipos de aves, ele é reservado, ó herói de braços longos, e é adorável, agradável e sagrado. Tu de caminhos justos, que és sempre ativo e capaz de defender todos os seres, residirás lá, ó Rama, a fim de proteger os ascetas.

Ao norte da floresta Madhuka, que tu és capaz de ver daqui, ó herói, tu encontrarás um bosque de figueiras. Escala os cumes da montanha, não muito distante, e tu chegarás à renomada Panchavati, localizada lá com seus bosques florescentes”.

Ouvindo as palavras do sábio Agastya, Rama, acompanhado por Saumitri, despediu-se daquele asceta ilustre, e tendo-o circungirado, prestou homenagem aos seus pés, e com a sua permissão partiu para os ermos de Panchavati, acompanhado por Sita.

Os dois príncipes, invencíveis em combate, pegando seus arcos e amarrando suas aljavas, resolutamente seguiram o caminho para Panchavati, indicado pelo grande sábio.

## Capítulo 14 - Jatayu revela sua linhagem para Rama

Enquanto ele estava prosseguindo para Panchavati, aquele descendente de Raghu observou um abutre grande e poderoso. Vendo aquela ave nos bosques, os



270 ["Como eu sou abençoado, e que gratidão eu tenho que o nosso grande Mestre se digne a mostrar sua graça ...". - Griffith].

dois príncipes ilustres, Rama e Lakshmana, pensando que ele era um demônio em outra forma, disseram-lhe: "Quem és tu?"

Então, em tons gentis carinhosos, a ave, como se estivesse se dirigindo a alguém querido para ele, respondeu, dizendo:

"Querido filho, saibas que eu sou amigo de teu pai!"

Em deferência a essa relação, Raghava prestou reverência a ele, e perguntou-lhe a respeito de seu nome e linhagem, e ele, ao ouvir as palavras de Rama, disse:

"Em uma era antiga existiam os Prajapatis, que eu vou enumerar - o primeiro deles foi Kardama e imediatamente depois dele veio Vikrita, então vieram Shesha e Samsraya, o pai de muitos filhos poderosos, depois vieram Sthanu, Marichi, Atri, Kratu que era cheio de energia, Pulastya, Angira, Pracheta, Pulaha e Daksha seguido por Vivaswat e Arishtanemi; ó Raghava, o renomado Kashyapa foi o último desses. Ó herói de fama infinita, nós ouvimos que o Prajapati Daksha tinha sessenta filhas encantadores e ilustres. Kashyapa se casou com oito dessas donzelas de cintura elegante, Aditi, Diti, Danu, Kalika,<sup>271</sup> Tamra, Krodhavaśa, Anila<sup>272</sup> e Manu,<sup>273</sup> e, bem

satisfeito, disse-lhes: 'Todas vocês gerem filhos, semelhantes a mim, que serão os Senhores dos três mundos'.

"Então Aditi consentiu, ó Rama, como fizeram Diti, Danu e Kalika, mas as outras se recusaram.

"Aditi se tornou a mãe dos Trinta e três Imortais. Ó meu filho, Diti deu à luz os ilustres Daityas; era a eles que a terra com seus mares e florestas pertencia.

"Danu deu à luz um filho chamado Ashagriva, ó subjugador de teus inimigos, e Kalika deu à luz Naraka e Kalaka; e as cinco filhas famosas, Kraunchi, Bhasi, Shyeni, Dhritarashtri e Shuki foram produzidas por Tamra.

"Kraunchi gerou as corujas e Bhasi os abutres; Shyeni foi a mãe dos falcões e águias possuidoras de grande energia; Dhritarashtri, de cisnes, flamingos e aves aquáticas.

"A bela Shuki gerou Nata cuja filha era Vinata. Ó Rama, Krodhavasa teve dez filhas: Mrigi, Mrigamanda, Hari, Bhadramada, Matangi, Sharduli, Shiveta,<sup>274</sup> Surabhi e Surasa, que eram todas dotadas de beleza; por último, Kadruka nasceu.

"Ó primeiro dos homens, Mrigi se tornou a mãe de todos os veados; Mrigamanda gerou ursos, búfalos e iaques.

"Bhadramada teve uma filha chamada Iravati que era a mãe de Airavata, que é o guardião do mundo.

"Hari deu nascimento a poderosos leões e macacos, amantes da floresta; Sharduli gerou chimpanzés e tigres. De Matangi

nasceram elefantes, ó Kakutstha, ó melhor dos homens! Shiveta deu nascimento aos elefantes que sustentam a terra.

"Duas filhas nasceram da deusa Surabhi: Robini, e a auspiciosa Gandharvi.

271 [Kalaka].

272 [Anala].

273 ["Eu teria duvidado se Manu seria a leitura correta aqui, mas ela ocorre novamente no verso 29, onde é da mesma maneira seguida por Anala, no verso 31, de modo que certamente parece que o nome Manu destina-se a representar uma mulher, a filha de Daksha. A recensão Gauda, seguida pelo Sr. Gorresio (III. 20.12), adota

uma leitura completamente diferente no final da linha, isto é, 'Bala e Atibala', em vez de Manu e Anala. Eu vejo que o professor Roth aduz a autoridade do Amara Kosha e do Comentador sobre Panini para afirmar que a palavra às vezes significa 'a esposa de Manu'. No texto do Mahabharata I. Cap. 65, também, Manu parece ser o nome de uma mulher: 'Anavadya, Manu, Vansa, Asura, Marganapriya, Anupa, Subhaga, Vasi [ou Bhasi] eram as filhas de Pradha (filha de Daksha)'. - Muir. Original Sanskrit Texts, Vol. I, p. 161].

274 [Sveta].

"Robini produziu vacas, e Gandharvi gerou cavalos. Sarasa era a mãe das serpentes de capelo, ó Rama, e Kadru deu origem a todas as outras cobras.

"Manu, esposa do magnânimo Kashyapa, deu à luz homens, brâmanes kshatriyas, vaishyas e shudras, ó leão entre homens.

"Segundo a tradição, de sua boca nasceram os brâmanes, de seu peito os kshatriyas, de suas coxas os vaishyas e de seus pés os shudras.

"Todas as árvores de frutos suculentos nasceram de Anala.

"Vinata, cuja avó era Shuki, ela mesma gerou Kadru e sua irmã, Surasa.

"De Kadru nasceram milhares de serpentes, as sustentadoras da terra, e Vinata teve dois filhos, Garuda e Aruna.

"Saibas que eu nasci de Aruna, assim como Sampati, meu irmão mais velho.

Meu nome é Jatayu, o descendente de Shyeni, ó subjugador de teus inimigos.

"Ó meu filho querido, eu estabelecerei minha residência na tua vizinhança, se tu assim o desejares, e vigiarei Sita, enquanto tu estiveres longe com Lakshmana".

Raghava, tendo ouvido muitas vezes sobre a amizade de seu pai com o abutre, ficou cheio de alegria e o abraçou com afeto, prestando reverência a ele.

Tendo pedido àquela ave poderosa para vigiar Sita, ele seguiu para Panchavati com ele, acompanhado por Lakshmana, firmemente decidido a destruir seus inimigos e a celebrar devidamente as suas práticas religiosas diárias.

## Capítulo 15 – Rama estabelece sua residência em Panchavati

Quando chegou a Panchavati, frequentada por animais selvagens e cervos,

Rama disse ao seu irmão Lakshmana, que estava queimando de energia:275

"Ó meu caro, nós chegamos ao local descrito pelo sábio, essa floresta de árvores floridas, a muito amada Panchavati. Ó tu que és cheio de recursos, olha em volta por toda parte e verifica em qual local é conveniente que nós construamos o nosso eremitério. Que ele seja na vizinhança de um tanque onde o charme da floresta e da água contribuam para a sua beleza, onde tu, Sita e eu possamos viver em paz, onde flores, combustível e grama kusha abundem".

Ouvindo as palavras de Rama, o filho de Kakutstha, Lakshmana, com as palmas unidas, na presença de Sita, respondeu a ele:

"Se tu fosses viver cem anos, eu ainda seria o teu servo, ó Kakutstha!

Escolhe algum lugar preferido por ti e me manda construir um retiro".

Bem satisfeito com a complacência de Lakshmana, aquele herói ilustre, olhando aqui e ali, escolheu um terreno que combinava todas as vantagens, e naquele local, pegando a mão de Saumitri na dele, disse:

"Aqui está um lugar plano que é agradável e cercado por árvores; é aqui que eu desejo que tu construas um retiro. Perto há um rio encantador, embelezado por lótus, brilhante como o sol, exalando um aroma delicioso, como descrito a mim por aquele rishi de alma pura, Agastya. Esse é o encantador rio Godaveri, cercado de árvores floridas, repleto de cisnes e aves aquáticas, com gansos realçando a sua beleza e apinhado de grupos de cervos, nem muito perto, nem muito longe, que vêm aqui beber.

"E ressoando ao grito de pavões, colinas adoráveis cobertas com árvores florescentes, contendo muitas cavernas, parecem grandes elefantes com enormes

275 ["Lakshman de vigor irreprimido". - Griffith].

assentos bordados em ouro, prata e cobre, que são ornamentados aqui e ali com pequenos espelhos.

"Árvores Sala, Tala, Tamala, Kharjura, Panasa, Nivara, Tinisha e Punnaga são a sua decoração, enquanto Cuta, Ashoka, Tilaka, Ketaka e Champaka, entrelaçadas com trepadeiras floridas e plantas, abundam como também Syandana, Chandana, Nipa, Panasa, Lakuka, Dhara, Ashwakarna, Khadira, Shami, Tinduka e árvores Patala. Nesse lugar sagrado, nesse local encantador cheio de cervos e aves, vamos morar com Jatayu, ó Saumitri".

Assim abordado por seu irmão Rama, Lakshmana, o matador de guerreiros hostis, dotado de grande energia, erigiu para ele um retiro lá sem demora e construiu uma cabana espaçosa com paredes de lama, sustentada por estacas fortes feitas de longos bambus graciosos, coberta com galhos de árvore Shami.

Trepadeiras, grama kusha e sarpat a fortaleciam, enquanto juncos e folhas foram também utilizados para o telhado, o seu piso sendo bem nivelado.

Então o afortunado Lakshmana, tendo construído aquela cabana excelente, adorável de se ver, foi para o rio Godaveri, e, depois se banhar, reuniu lótus e frutas, retornando ao eremitério para oferecer as flores lá e executar aqueles ritos

tradicionais próprios para a paz daquela residência, depois disso levando Rama para a cabana ele havia montado.

Vendo aquele retiro encantador e a cabana coberta de palha, Raghava, que estava acompanhado por Sita, sentiu intensa alegria.

Altamente satisfeito, ele apertou Lakshmana contra o seu coração e em uma voz cheia de ternura e sentimento, disse-lhe:

"Eu estou satisfeito contigo, tu realizaste um grande feito, ó meu irmão, pelo qual como um sinal de satisfação eu agora te abraço. Enquanto tu ainda vives, com teu zelo, tua devoção e tua virtude, ó Lakshmana, o nosso pai ilustre não está morto".

Tendo falado assim para Lakshmana, Raghava, a fonte da prosperidade de outros,<sup>276</sup> começou a viver alegremente naquela região rica em frutas. E servido por Sita e Lakshmana, aquele ilustre viveu lá com eles por algum tempo, como os deuses no céu.



Enquanto o magnânimo Rama estava permanecendo lá, o outono acabou e o inverno começou.

Um dia, ao amanhecer, o filho da Casa de Raghu foi ao encantador rio Godaveri para realizar suas abluções e o valente Saumitri, de jarro na mão, seguindo humildemente com Sita, se dirigiu a ele, dizendo:

"Agora chegou aquela estação querida por ti, ó príncipe amável, durante a qual todo o ano parece se vestir de esplendor! O chão está coberto de geada e a água não é mais agradável para beber.

276 ['Que emprestava graça à fortuna'. - Griffith].

"Tendo oferecido grãos maduros aos pitris e aos deuses, os homens são purificados de seus pecados, os seus sacrifícios tendo sido feitos na estação apropriada. Desejosos das necessidades da vida, todos estão agora abundantemente supridos com leite e manteiga.

"Reis, sonhando com a conquista, partiram em suas campanhas. O sol, virando para a região sul, amada de Antaka, faz com que o norte pareça uma mulher cuja marca de tilaka está apagada. A montanha Himavat, coberta de neve,

justamente leva seu nome. Aqueles dias claros, quando alguém busca o sol e foge da sombra e da umidade, são extremamente agradáveis, mas agora há apenas tênue luz do sol, geada constante, frio intenso e neve profunda. As longas noites frias estão conosco, quando já não é possível deitar a céu aberto, e a estrela Pushya que servia como um farol agora está obscurecida no ar carregado de neve. A lua, que tira o seu esplendor do sol, já não brilha, e seu disco congelado está opaco, como um espelho manchado pela respiração; enrugada pelo frio, a superfície desse orbe, embora cheia, já não envia seus raios, como Sita, quando a sua tez, bronzeada pelo sol, perde seu brilho.

"Agora que a neve está misturada com seu sopro o vento do oeste é gelado, e as manhãs são muito frias. Os bosques estão envoltos em névoa e os campos de cevada e trigo, cobertos de geada, cintilam ao sol nascente, enquanto garças e groux gritam em coro. Os campos de arroz com espigas semelhantes a flores Kharjura se curvam graciosamente sob o peso dos grãos.

"Com seus raios mal penetrando as nuvens carregadas de neve, o sol, muito depois de ter surgido, parece a lua, mas gradualmente ganhando força durante as horas da manhã alegra o coração ao meio-dia, com seus raios derramando uma beleza pálida sobre a terra, fazendo as estradas da floresta, cobertas com grama e encharcadas de orvalho, brilharem.

"O elefante selvagem, sofrendo de sede extrema, retira sua tromba subitamente ao entrar em contato com a água congelada, e as aves aquáticas, permanecendo nas margens, não se atrevem a entrar no rio, como guerreiros covardes, com medo de colocar o pé no campo de batalha.

"Envolvidas em sereno à noite e cercadas de névoa fria cinzenta ao amanhecer, as árvores, desprovidas de flores, parecem dormir. Os rios estão envoltos em cerração e os grous, com sua plumagem escondida sob a neve, só pode ser distinguidos por seus gritos; as areias nas margens também estão molhadas com a neve.

"Por causa da fraqueza dos raios do sol, a água permanece nas cavidades das rochas duras após a queda da neve e tem sabor doce. Os lótus são queimados pela geada, com seus estames secos, suas pétalas caídas, só os talos restando, e nas garras do frio intenso perderam toda a sua beleza.

"Ó leão entre homens, nessa estação, em devoção a ti, o infeliz e fiel Bharata está passando por penitência na cidade. Renunciando ao reino, pompa e a todos os prazeres, praticando austeridade, ele se entrega ao jejum e à restrição, e nesse exato momento está certamente fazendo o seu caminho até o rio Sarayu, cercado por seus ministros, para realizar suas abluções.

"Criado no luxo, extremamente frágil, atormentado pelo frio, como, na última hora da noite, ele é capaz de suportar a água gelada?

"Com seus grandes olhos que lembram pétalas de lótus, sua pele escura e umbigo achatado,<sup>277</sup> aquele notável e virtuoso Bharata, que é obediente, verdadeiro,

277 ['Sua forma graciosa é alta e reta'. - Griffith].

contido, com seus sentidos totalmente controlados, de fala doce e gentil, aquele herói de braços longos, o subjugador de seus inimigos, renunciando a todos os prazeres, é totalmente devotado a ti, ó Rama.

"Meu irmão, o magnânimo Bharata, por viver como se banido para a floresta, imitando a ti residente lá, conquistou o céu, ó Rama.

"Diz-se que um homem se assemelha a sua mãe e não ao seu pai. Se é assim, como pode uma mulher tão cruel quanto Kaikeyi ser sua mãe?"

Assim falou o virtuoso Lakshmana com carinho fraterno, mas Rama, incapaz de tolerar que sua mãe fosse criticada, respondeu a ele, dizendo:

"Ela, que ocupa o segundo lugar entre as rainhas, ó meu amigo, não deve ser menosprezada de forma alguma. Não continua a falar de Bharata, o protetor da Casa de Ikshvaku.

"Embora eu tenha decidido morar na floresta o meu amor por Bharata abala a minha determinação e me faz vacilar de novo. Eu me lembro das suas palavras gentis e afetuosas, doces como Amrita, alegrando a alma. Ó, quando eu me reunirei com o magnânimo Bharata e o valente Shatrughna, juntamente contigo, ó alegria da Casa de Raghu?"

Lamentando dessa maneira, Kakutstha chegou ao rio Godaveri, onde ele, seu irmão mais novo e Sita realizaram suas abluções; em seguida, tendo oferecido água aos deuses e aos pitris, aqueles impecáveis adoraram o sol nascente, e o Senhor Narayana, purificando-se assim.

Depois disso, Rama, acompanhado por Sita e Lakshmana, parecia belo, semelhante ao Senhor Shiva acompanhado por Nandi e a Filha das Montanhas.<sup>278</sup>

## Capítulo 17 – A chegada de Shurpanakha ao eremitério

Tendo se banhado no rio Godaveri, Rama, Sita e Lakshmana deixaram suas margens e voltaram para o eremitério. Ao chegarem ao seu retiro, Raghava com Lakshmana realizou suas

devoções da manhã e entrou na cabana coberta de folhas. Na cabana, aquele herói de abraços longos com Sita ao seu lado vivia alegremente, honrado pelos grandes rishis, e brilhava como a lua acompanhada pela estrela Chitra.

Um dia, enquanto Rama estava recitando os textos tradicionais, aconteceu de um demônio feminino passar por ali, de nome Shurpanakha, que era a irmã de Ravana.

Aproximando-se de Rama, ela observou que ele parecia um deus, com seu rosto radiante, seus braços longos, seus olhos grandes como pétalas de lótus, seu andar majestoso parecido com o de um elefante, com cabelos emaranhados coroando sua cabeça; jovem, cheio de valor, portando as marcas da realeza, sua cor a do lótus azul e atraente como o próprio deus do amor.

Vendo aquele herói, o equivalente a Indra, a rakshasi foi tomada de desejo. Rama era bonito, ela hedionda; a cintura dele era esbelta, a dela grossa e pesada; ele tinha olhos grandes, os dela eram estrábicos; os cabelos dele eram belos, os dela eram vermelhos; toda a aparência dele era agradável, a dela repelente. A voz de Rama era sonora, a dela estridente; ele era belo e jovem, ela velha e

278 Girija, um nome de Parvati.

desfigurada; ele era amável, ela rabugenta; ele era autocontrolado, ela desregrada; ele era cativante, ela odiosa.

Consumida pela paixão, a rakshasi disse a Rama:

"Com teus cabelos emaranhados e disfarce de asceta, portando arco e flechas, por que tu, acompanhado pela tua consorte, vieste para essas florestas, que são frequentadas por demônios? Qual é o propósito da tua viagem?"

Ouvindo as palavras da rakshasi, Shurpanakha, aquele herói, o flagelo de seus inimigos, com sinceridade perfeita começou a relatar tudo.

Ele disse: "Havia um rei chamado Dasaratha, que era tão poderoso quanto um deus. Eu sou seu filho mais velho, conhecido entre os homens como Rama; este é o meu irmão mais novo, Lakshmana, meu fiel companheiro, e esta, minha consorte, a ilustre Sita, filha do rei de Videha.

"Obrigado pela vontade do meu pai e para cumprir o meu dever, eu vim morar na floresta.

"Mas agora eu gostaria de saber quem é teu pai, quem tu és, e qual a tua raça? A julgar pelos teus encantos, tu és uma rakshasi! Dize-me sinceramente, o que te trouxe aqui?"

Ouvindo as palavras de Rama, a rakshasi, atormentada pelas dores do amor, respondeu:

"Ouve, ó Rama e eu te direi a verdade! Eu sou Shurpanakha, uma rakshasi, que pode mudar sua forma à vontade. Eu vago na floresta, infligindo terror nos corações de todos os seres. Meus irmãos são Ravana, de quem tu sem dúvida ouviste falar, e o poderoso e sonolento Kumbhakarna, o virtuoso Bibishana um estranho às nossas práticas, e outros dois famosos por suas qualidades marciais, Khara e Dushana.

"Eu, que sou mais poderosa do que eles, tendo te visto, ó Rama, desejo unir-me a ti, ó senhor, ó primeiro dos homens!

"Eu sou dotada de poder e capaz de vagar à vontade apenas pelo pensamento; portanto, te torna meu mestre. O que Sita é para ti?

"Deformada, sem beleza, ela não é digna de ti, ao passo que eu provarei ser uma parceira bem combinada, com minha beleza igual à tua; se tu olhares para mim como tua consorte. Essa fêmea humana feia, de aspecto horrível, de abdômen magro, será devorada por mim neste dia na tua presença, junto com esse teu irmão.

"Tu e eu vamos passear no topo das montanhas e através das florestas juntos, explorando toda a região de Dandaka, de acordo com o teu capricho".

Falando assim, a rakshasi lançou olhares apaixonados para Rama que, sorrindo, deu a seguinte resposta astuta.



## Capítulo 18 - A mutilação de Shurpanakha

Sorrindo um pouco, Rama, em tons gentilmente zombeteiros, respondeu a Shurpanakha, que tinha sido apanhada no laço do amor, dizendo:

"Eu já sou casado e essa é minha amada esposa! A rivalidade entre co- esposas seria insuportável! O meu irmão mais novo, no entanto, que é de uma disposição alegre, de aparência agradável, virtuoso e casto, se chama Lakshmana e é cheio de vigor. Ele ainda não experimentou as alegrias da companhia de uma esposa e deseja uma consorte. Ele é jovem e atraente e, portanto, seria um marido adequado para ti. Recebe o meu irmão como teu senhor, ó senhora de olhos

grandes e quadris graciosos, e desfruta dele sem uma rival, como o Monte Meru desfruta da luz do sol".

Ouvindo essas palavras, a rakshasi, cega pela paixão, deixando Rama, imediatamente se dirigiu a Lakshmana, dizendo:

"A minha beleza me torna uma esposa digna de ti, portanto, vem e vamos juntos felizes percorrer a floresta de Dandaka e as montanhas".

Assim abordado pela rakshasi Shurpanakha, Lakshmana, o filho de Sumitra, hábil com as palavras, sorrindo, deu esta resposta engenhosa:

"Como tu podes desejar te tornar a esposa de um escravo assim como eu? Eu sou totalmente dependente do meu nobre irmão, ó tu cuja cor parece a do lótus, que és agradável de se olhar e casta! Ó senhora de olhos grandes, tu és um modelo de perfeição, torne-te a consorte daquele herói incomparável. Renunciando àquela mulher feia, velha, má e rabugenta, cujos membros são deformados, ele certamente se dedicará a ti! Ó senhora de aparência arrebatadora e membros encantadores, que homem sensato sacrificaria essa tua beleza incomparável por uma mulher comum?"

Pensando que as palavras de Lakshmana eram sinceras e não entendendo a sua zombaria, aquela rakshasi cruel e deformada, na cegueira de sua paixão mais uma vez se dirigiu a Rama, o flagelo de seus inimigos, que estava sentado na cabana coberta de folhas com Sita, e disse:

"É por essa mulher horrorosa, má e rabugenta, que é velha e deformada, que tu me desprezas?"

"Eu vou devorá-la na tua presença hoje, e viverei feliz contigo sem uma rival".

Falando assim, a rakshasi, cujos olhos brilhavam como tochas, lançou-se em fúria sobre Sita, como um grande meteoro descendo no planeta Rohini.

Então o poderoso Rama a conteve, quando, como o laço da morte, ela avançou em direção a Sita, e dirigiu-se com raiva a Lakshmana, dizendo:

"Não é sábio insultar aqueles seres que são vis e cruéis, ó Saumitri. Toma cuidado, vê, Vaidehi está em perigo, ó amigo! Mutila esse demônio hediondo de barriga protuberante, que é mau e cheio de fúria".

O valente Lakshmana, muito enfurecido com a rakshasi, então puxou sua espada da bainha e, na presença de Rama, cortou fora as orelhas e nariz dela.

Com suas orelhas e nariz cortados, Shurpanakha emitiu um grito terrível e correu para a floresta. Sendo mutilada, a rakshasi, derramando sangue, criou um tumulto terrível, como uma tempestade na estação chuvosa e, pingando sangue, aquele monstro hediondo, levantando os braços, mergulhou uivando nas florestas profundas.

Em seguida, a ferida Shurpanakha procurou seu irmão Khara de grande poder, que, cercado por uma tropa de demônios, estava sentado em Janasthana, e se jogou no chão diante dele, como um meteorito caindo do céu.

Desvairada com terror e coberta de sangue, a irmã de Khara, quase privada de seu juízo, contou tudo sobre a chegada de Raghava na floresta com sua consorte e Lakshmana, e as circunstâncias da sua desfiguração.

## Capítulo 19 – Shurpanakha conta para seu irmão Khara sobre a sua desfiguração

Vendo sua irmã deitada no chão, mutilada e derramando sangue, o demônio, cheio de raiva, disse a ela:

"Levanta! Dize-me porque tu estás perturbada! Domina o teu pavor e conta lucidamente quem te desfigurou dessa maneira. Quem se atreveu a tocar uma serpente preta e venenosa, esticada pacificamente ao lado dele, com o pé? O tolo que te tratou assim não sabe que nesse dia ele engoliu um veneno virulento e colocou o laço da morte em volta do pescoço.

"Quem te trouxe a esse estado, tu que és imbuída de energia e coragem, que és capaz de vaguear por todos os lugares à vontade, a rival do próprio Antaka? Como é que tu és encontrada nessa situação lamentável? Entre deuses, gandharvas, sábios poderosos e outros seres, quem é suficientemente poderoso para ter te desfigurado? Eu não sei de ninguém em todos os mundos que se atreveria a me provocar, a não ser Mahendra, Ele de mil olhos, que derrotou o demônio Paka. Hoje eu exigirei a vida do teu difamador com as minhas flechas distribuidoras de morte, como cisnes sugam a substância leitosa que flutua sobre a água.

"Derrubados na luta, mortalmente feridos por minhas flechas, o sangue espumante de quem a terra beberá hoje? Os membros

de quem os urubus, atraídos pelos meus chamados, rasgarão e devorarão com prazer quando eles caíram sob os meus golpes em combate?

"Nem os deuses nem os gandharvas nem os pisachas nem os rakshasas poderão resgatar das minhas mãos o desgraçado, naquele combate feroz.

"Acalma-te, e com tranquilidade me dize, quem é o canalha que, abusando de seu poder, te maltratou dessa maneira?"

Tendo ouvido as palavras de seu irmão, Shurpanakha, fora de si de raiva, respondeu chorando:

"Eles são dois jovens muito belos e poderosos, com grandes olhos que lembram flores de lótus, vestidos com peles e peles de antílope negro, vivendo de frutas e raízes, com seus sentidos sob controle, praticando penitência e o voto brahmacharya, os filhos do rei Dasaratha, dois irmãos, Rama e Lakshmana, que possuem as marcas da realeza e se parecem com o rei dos gandharvas. Eu sou incapaz de dizer se são seres humanos ou deuses. Entre eles, eu vi uma jovem e bela donzela de cintura fina, adornada com muitos tipos de joias, e é por causa daquela mulher jovem que eu estou reduzida a essa situação, como alguém abandonado e aviltado por conta de sua infidelidade. Eu quero beber o sangue daquela mulher e daqueles dois jovens no campo de batalha".

Ouvindo sua irmã pronunciar essas palavras, Khara, louco de raiva, chamou quatorze demônios de grande força, iguais ao próprio Antaka, e disse a eles:

“Dois homens providos de armas, vestidos com peles e peles de antílope negro, se aventuraram dentro da inacessível floresta de Dandaka em companhia de uma mulher jovem; matem-nos e também aquela própria desgraçada. Minha irmã deseja beber o sangue deles! Ó rakshasas, esse é o maior desejo da minha irmã, vão, portanto, com toda velocidade e com o seu grande poder os destruam. Ao ver os dois irmãos atingidos por seus golpes, minha irmã vai beber o sangue deles no campo, com alegria”.

Recebendo esse comando, os quatorze demônios partiram rapidamente, acompanhados por Shurpanakha, como nuvens impulsionadas diante do vento.

## Capítulo 20 – Rama mata os demônios enviados por Khara

A cruel Shurpanakha, tendo chegado ao eremitério de Raghava, apontou os dois irmãos e Sita para os demônios, e eles viram Rama, cheio de valentia, sentado em sua cabana de folhas, acompanhado por Sita, servido por Lakshmana.

Vendo Shurpanakha e os demônios que a acompanhavam, o ilustre descendente da Casa de Raghu, Rama, disse para Lakshmana que era cheio de coragem:279

"Fica um momento com Sita, ó Saumitri, para que eu possa matar esses demônios que seguiram a rakshasi".

Ouvindo as palavras de Rama, versado no conhecimento do Eu, aquele rebento prudente da Casa de Raghu respondeu com deferência, dizendo: "Que assim seja".

Então o virtuoso Raghava, esticando seu grande arco, incrustado com ouro, se dirigiu aos demônios, dizendo:

"Nós somos os filhos de Dasaratha, dois irmãos, Rama e Lakshmana, que viemos com Sita à inacessível floresta de Dandaka. Vivendo de raízes e frutas, com os nossos sentidos sob controle, nós praticamos penitência e o voto brahmacharya e passamos os nossos dias na mata. Por que vocês procuram nos prejudicar, canalhas que vocês são? É a pedido dos sábios que eu vim aqui castigá-los por suas más ações no campo de batalha. Parem onde vocês estão e não avancem mais! Se vocês desejam viver, voltem atrás, ó predadores noturnos".

A essas palavras, aqueles assassinos de brâmanes, os quatorze demônios, tendo lanças nas mãos, cheios de raiva, com seus olhos vermelhos, terríveis de se ver, cheios de uma exultação feroz, responderam a Rama, cujos olhares ardentes e fala doce revelavam uma coragem que eles não tinham visto até aquela hora, e disseram:

“Por teres incorrido no desagrado do nosso mestre, o muito magnânimo Khara, tu estás prestes a cair sob os nossos golpes em batalha. Que poder tu tens sozinho para matar tantos no campo? És tu que hoje perderás tua vida nesse conflito. Nossos braços portando maças, lanças e dardos vão tirar a tua força e o teu arco cairá da tua mão”.

Assim falando, os quatorze demônios, brandindo suas armas formidáveis, lançaram-se sobre Rama, jogando suas lanças no invencível Raghava, mas Kakutstha com o mesmo número de flechas com pontas de ouro cortou aquelas catorze lanças.

E aquele guerreiro ilustre, cheio de ira, tirando mais flechas, que tinham sido afiadas em pedra, agarrou seu arco e colocando-as na corda, fez dos titãs seu alvo.

Então Raghava, disparando aquelas flechas, como Indra seu raio, rapidamente perfurou o peito daqueles demônios, e as setas, todas ensanguentadas, penetraram na terra como serpentes desaparecendo em um formigueiro.

Com seu peito perfurado por aquelas flechas, os demônios caíram ao chão, como árvores cujos troncos foram cortados.

Banhados em sangue, mutilados, desprovidos de vida, eles jaziam estirados sobre a terra, e Shurpanakha, vendo-os assim, cega de raiva, fugiu, para procurar seu irmão Khara.



279 [Ou literalmente, 'ardente de coragem'; Griffith lê 'glorioso'].

Ferida novamente, com o sangue coagulando como uma árvore exsudando resina, Shurpanakha prostrou-se diante de seu irmão e em sua presença criou um grande tumulto, lamentando e gritando, derramando lágrimas, com suas feições distorcidas.

Tendo visto os demônios caírem no campo de batalha, Shurpanakha, voltando com toda pressa para seu irmão Khara, descreveu suas mortes para ele com todos os detalhes.

## Capítulo 21 – Shurpanakha incita Khara a lutar com Rama

Vendo Shurpanakha fora de si, deitada no chão, tendo voltado sem realizar seu plano, Khara se dirigiu a ela em tons ásperos, dizendo:

"Eu não coloquei aqueles demônios valentes, que vivem de carne, à tua disposição, por tua vontade? Por que tu ainda reclamas? Eles são zelosos, leais e sempre foram meus servos de confiança. Embora invencíveis, mesmo se tivessem que morrer eles não me desobedeceriam. O que é isso? Eu quero saber a razão pela qual tu estás rolando sobre a terra como uma serpente, gritando 'Ó meu senhor'. Por que, visto que eu

sou teu protetor, tu lamentas como alguém abandonado? Levanta-te, levanta-te! Não vamos ter mais dessas lágrimas e desmaios”.

Assim Khara, seu irmão, falou àquela terrível rakshasi para confortá-la, e ela, enxugando as lágrimas, disse:

”Quando eu vim aqui com meu nariz e orelhas cortadas, encharcada em sangue, que fluía como um rio, tu me consolaste. Para me agradar, tu mandaste quatorze demônios valentes para matar os cruéis Rama e Lakshmana. Aqueles demônios, furiosos contra Rama, armados com arpões e lanças, caíram vítimas das flechas assassinas dele, em combate. Vendo aqueles guerreiros habilidosos derrubadas no chão em um instante e o grande feito de Rama, eu estou cheia de medo extremo.

”Totalmente trêmula, apavorada e fora de mim, eu me refugio em ti mais uma vez, ó predador da noite, vendo motivo de apreensão por todos os lados. Submersa como estou no infinito oceano de angústia, assombrado pelos crocodilos de aflição e as ondas de medo, tu não vais me salvar? Sob as flechas flamejantes de Rama, os demônios, comedores de carne, que me seguiram estão jazendo no chão.

”Se tu tens alguma piedade de mim e daqueles demônios, se tu és possuidor de coragem e força para enfrentar Rama em batalha, então, ó rondante da noite, mata esse espinho na

carne dos demônios, que estabeleceu seu eremitério na floresta de Dandaka.

"Se tu não provocares a morte de Rama, o matador de seus inimigos, no dia de hoje, eu vou abandonar a minha vida na tua presença, desonrada. Eu vejo claramente que, mesmo apoiado pelas tuas tropas, tu não és capaz de enfrentar Rama em batalha intensa.

"Tu te julgas um grande herói, mas tu não és realmente assim, a tua bravura só existe nas tuas próprias imaginações vaidosas; portanto, deixa Janasthana, com toda pressa, com teus companheiros, ó estigma da tua raça! Volta vencedor da luta, pois, se tu não tens nem a força nem a coragem para matar esses dois homens, como tu podes permanecer aqui?

"Derrotado pela destreza de Rama, tu certamente morrerás, pois ele é realmente corajoso, aquele filho de Dasaratha, Rama, e seu irmão também, que me desfigurou, é extremamente valente!"

Assim, na presença de seu irmão, aquela rakshasi lamentou repetidamente, batendo no peito e, dominada pela mortificação, perdeu a consciência. Então, voltando a si depois de um espaço de tempo, atormentada pela dor, ela continuou a gritar e a golpear o peito com suas mãos.

## Capítulo 22 – Khara e seus quatorze mil demônios marcham contra Rama

Ouvindo as reprovações de Shurpanakha, Khara, queimando de raiva, sentado em meio a seus guerreiros, respondeu ferozmente:

"O teu desprezo me incita à fúria incontrolável, eu estou fora de mim e não posso mais tolerar isso do que é possível suportar sal derramado em uma ferida. Eu creio que Rama é insignificante e o considero como já morto. Sua ofensa causará o seu fim neste dia; portanto, contém as tuas lágrimas, e não te angusties mais. Eu vou despachar Rama e seu irmão para a região da morte, e tu, ó rakshasi, hoje beberás o sangue quente daquele de atos maus, derrubado por meu machado".

Muito alegre ao ouvir essas palavras saindo dos lábios de seu irmão, Shurpanakha, em sua tolice, começou a louvar Khara, o principal dos titãs.

Primeiro criticado, em seguida enaltecido por ela, Khara chamou Dushana, o comandante de seu exército, dizendo:

"Ó amigo, prepara quatorze mil titãs treinados, que sejam obedientes aos meus comandos, cheios de ardor marcial, que nunca recuam em batalha, que parecem nuvens de trovão e

que se deleitam com a crueldade e que têm grande prazer em matar homens.

"Que tu, com toda velocidade, tragas o meu carro também, com arcos, flechas, espadas reluzentes, dardos e lanças, que foram bem afiados. Eu desejo me colocar na vanguarda daqueles titãs magnânimos, a fim de matar o arrogante Rama, ó guerreiro hábil!"

Enquanto ele falava, Dushana atrelou cavalos excelentes ao grande carro, que brilhava como o sol, quando então Khara subiu na carruagem parecida com o pico de Meru, que era vasta, revestida de ouro puro, com rodas douradas e varais cravejados de esmeraldas. Decorada com símbolos de boa sorte, tais como peixes, flores, árvores, rochas, montanhas, aves e estrelas, ela era equipada com bandeiras e lanças, com sinos encantadores pendurados e atrelada a corcéis excelentes.

Então Khara, encolerizado com impaciência, como também Dushana, vendo aquele grande exército, provido de carruagens, escudos, armas e estandartes, gritou para aquela multidão de demônios: "Avancem!"

Depois disso aquele poderoso exército de titãs, contando quatorze mil, equipados com escudos formidáveis, armas e bandeiras, avançou impetuosamente, em meio a um grande tumulto.

Armados com martelos, picaretas, arpões, machados afiados, sabres, discos e lanças brilhantes, assim como dardos, clavas

descomunais, arcos imensos, agulhões, espadas, maçãs e raios, terríveis de se olhar, aqueles titãs ferozes, obedientes às ordens de Khara, deixaram Janasthana, e ele, retirando-se um pouco,

inspeccionou aqueles titãs de aspecto maligno, que estavam avançando, e depois os seguiu.

Obediente à ordem de Khara, o auriga subiu no carro daquele matador de seus inimigos, incitando seus corcéis mosqueados, cujo arreio era feito de ouro puro, avançou com toda velocidade, fazendo os pontos cardeais e outras regiões ressoarem com o som.

E Khara, em tons ásperos, ardendo de raiva, irritado com o desejo de destruir seu adversário, dotado de grande força, igual a Antaka, instigou seu auriga repetidamente, rugindo como uma grande nuvem prestes a soltar uma torrente de granizo.

Capítulo 23 – O exército de titãs avança em meio a maus presságios

Naquele momento presságios terríveis apareceram e de uma nuvem escura caiu uma chuva de sangue. Os corcéis de pés

velozes atrelados à carruagem de Khara tropeçaram no caminho plano da estrada real, coberta de flores; o sol estava coberto com um disco preto, margeado, por assim dizer, de sangue, como um círculo de carvões ardentes, enquanto um abutre assustador pousou no estandarte com seu suporte dourado.

Aves e animais predadores, vagando na vizinhança de Janasthana, emitiam gritos ensurdecedores, criando um clamor aterrorizante, e perto daquela região chacais terríveis emitiam uivos temíveis e horripilantes, como demônios.

Imensas e formidáveis nuvens carregadas de relâmpagos, parecendo elefantes com têmporas esmagadas, derramavam uma chuva de sangue, que escondeu todo o firmamento; uma grande escuridão caiu, fazendo os cabelos se arrepiarem, obscurecendo os quatro quadrantes. O anoitecer chegou antes da hora marcada, assumindo uma cor sanguinolenta e, enquanto Khara prosseguia, animais selvagens e aves de aspecto aterrorizador barravam seu caminho, enquanto garças, hienas e abutres criavam um clamor medonho.

Chacais hediondos, um sinal de infortúnio na guerra, uivavam para o exército que se aproximava, com chamas dardejando de suas mandíbulas, e um tronco sem cabeça, semelhante a uma clava, foi visto perto do sol. Embora a hora do eclipse não tivesse chegado aquele orbe dourado foi apanhado pelo planeta Swarbhanu; os ventos sopravam violentamente e o sol

estava desprovido de brilho; embora ainda não fosse noite, estrelas numerosas como vaga-lumes apareceram.

Aves e peixes mergulhavam nas profundezas dos lagos, nos quais as flores de lótus tinham murchado, e naquela hora as árvores estavam desprovidas flores e frutos, e sombrias nuvens de poeira surgiam sem a agitação do vento. Papagaios gritavam descontroladamente 'Chichikuchi' e cometas de aspecto sinistro caíam sem um som; a terra com suas montanhas, matas e florestas, tremeu.

Quando Khara, de pé em seu carro, estava erguendo seu grito de guerra, seu braço esquerdo se contorceu e sua voz se extinguiu; olhando ao redor para todos os lados, seus olhos ficaram repletos de lágrimas, sua cabeça latejava, porém em sua tolice ele não voltou atrás.

Testemunhando esses maus presságios que faziam seus cabelos se arrepiarem, com uma risada desafiante, Khara se dirigiu àquela tropa de titãs, dizendo:

"Eu considero esses presságios medonhos, terríveis de se ver, como nada em comparação com o meu poder e os ignoro como os fortes fazem com os fracos! Eu sou capaz de derrubar as estrelas do céu com minhas flechas afiadas! Eu posso subjugar o império da própria morte! Até que, por meio de minhas armas poderosas, eu tenha abatido Rama, que depende de sua força apenas, como também Lakshmana, eu



não vou voltar atrás. Que a minha irmã, por cuja causa eu jurei provocar a morte de Rama e Lakshmana, beba o sangue daqueles dois. Até essa hora, eu não conheci a derrota no campo de batalha; vocês são testemunhas disso, eu não profiro falsidade! Em minha ira eu sou capaz de matar o chefe dos deuses que porta o raio, montado no inebriado Airavata, quanto mais eu sou capaz de matar esses dois mortais?"

Ouvindo aquelas palavras arrogantes, o vasto exército dos titãs, a quem a morte já tinha em seu laço, encheu-se de alegria incomparável, e avançou cheio de vigor, ansioso para entrar em combate.

Nisso, os rishis de grande alma, devas, gandharvas e charanas se reuniram e aqueles seres virtuosos disseram uns aos outros:

"Reverências às vacas, aos brâmanes e a todos aqueles que adquiriram mérito espiritual no mundo!

"Como Vishnu, portando o disco em sua mão, subjugou os Asuras, assim que Rama também triunfe sobre os titãs nessa luta".

Repetidamente expressando esse desejo e muitos outros, os ilustres rishis e os deuses, posicionados no céu, olharam para baixo para o exército dos titãs, que estava prestes a ser destruído.

Então Khara em sua carruagem veloz foi para frente de seu exército e aqueles doze de extrema coragem: Karaviraksha, Parusha, Kalakarmukha, Hemamalin, Mahamalin, Sarpasya,

Shyengamin, Prithugriva, Vajdashatru, Vihangama, Dirjaya, Krudhirashana, o cercaram, e Mahakapala, Sthulaksha, Pramatha e Trishiras, esses quatro seguiram Dushana.

Como um grupo de planetas avança na direção do sol ou da lua, assim em sua avidez de entrar na luta aquele exército formidável de titãs se lançou com ímpeto tremendo sobre os dois príncipes.

#### Capítulo 24 – Começa o combate entre Rama e os Titãs

Quando Khara de grande destreza avançou para o eremitério de Rama os dois príncipes observaram muitos presságios terríveis, e Rama, profundamente alterado, disse a Lakshmana: "Ó de braços fortes, esses presságios inauspiciosos, causando terror a todos os seres, predizem a destruição dos exércitos de demônios.

"Lá nuvens de cor parda, parecendo a pele de jumentos, passam pelo céu, derramando sangue em convulsões terríveis. Vê, ó Lakshmana, a fumaça subindo das minhas setas, como se elas se regozijassem com a disputa vindoura, e meu arco de ouro batido movendo-se por si próprio, ansioso pela ação. Parece-me que o grito das aves selvagens que frequentam as florestas prediz perigo, não só isso, que as próprias vidas dos

nossos inimigos estão em perigo. Seguramente uma grande batalha ocorrerá em breve; a contração do meu braço esquerdo denuncia isso. Ó herói, para nós a vitória é iminente, e a derrota dos titãs assegurada. O teu semblante está resplandecente e exultante, ó Lakshmana! Aqueles guerreiros que entram em combate com uma aparência triste estão perdidos.

"Eu ouço o rugido daqueles titãs de ações cruéis e o som de seus tambores. Se um homem prudente deseja sucesso e quer escapar da derrota, ele deve ser prevenido contra o futuro. Assim, portando teu arco e flechas, levando Sita contigo, te dirige para uma caverna na montanha, protegida por árvores e de difícil acesso. Ó Lakshmana, não te oponhas aos meus comandos, mas, jurando obediência aos meus pés, vai para lá, ó amigo, sem demora. Tu és valente e bem capaz de derrotar os titãs, mas eu desejo matar esses rondantes noturnos sozinho".

Tendo assim falado, Lakshmana, pegando seu arco e flechas, se retirou com Sita para uma caverna inacessível.

Quando Lakshmana entrou na caverna com Sita, Rama se alegrou com a submissão de seu irmão e vestiu sua cota de malha.

Vestido em armadura que brilhava como fogo, Rama se assemelhava a uma chama poderosa iluminando a escuridão, e

aquele herói, permanecendo ereto, pegou seu arco e flechas e, pela vibração da corda, fez os quatro pontos cardeais ressoarem.

Então os deuses, gandharvas, siddhas e charanas se reuniram para testemunhar a luta e os rishis de alma grande começaram a conversar uns com os outros, dizendo:

"Que tudo esteja bem com todas as vacas e brâmanes que se encontram sobre a terra! Que Raghava derrote os descendentes de Pulastya em combate! Que ele possa ser tão vitorioso quanto Vishnu, que com seu disco derrotou totalmente os principais dos asuras!"

Tendo falado assim, trocando olhares, eles acrescentaram:

"Mas como Rama pode vencer sozinho aqueles quatorze mil demônios de atos terríveis?"

Depois disso aqueles rajarishis e siddhas, posicionados em suas carruagens aéreas, foram movidos pela curiosidade quanto ao resultado do conflito e vendo Rama, esplendidamente equipado, de pé sozinho no campo de batalha, todos aqueles seres ficaram cheios de apreensão; o incomparável Rama, no entanto, o fazedor de atos nobres, assumiu o aspecto daquele deus vingador e de grande alma, Rudra!

Enquanto os deuses, gandharvas e charanas ainda estavam conversando, o exército dos titãs, criando um clamor terrível, vestido em armadura, portando armas e estandartes, apareceu por todos os lados.

Proferindo altos gritos de guerra, empurrando uns aos outros, vibrando suas cordas de arco, escancarando suas mandíbulas, eles gritavam: "Vamos destruir o inimigo!" Esse tumulto apavorante encheu a floresta e infligiu terror nos corações de seus habitantes, que fugiram do som, sem se atrever a olhar para trás.

Então o exército de demônios, parecendo um mar tempestuoso, brandindo todos os tipos de armas, se aproximou de Rama rapidamente, mas ele, um guerreiro experiente, olhando em volta para todos os lados, viu aquele exército de Khara avançando e saiu para enfrentá-lo, tirando suas flechas de sua aljava e esticando seu arco temível, emitindo um grito lancinante pressagiando a morte dos titãs.

Terrível de se ver em sua ira, ele lembrava o fogo na dissolução do mundo, e vendo-o cheio de energia as divindades da floresta fugiram. Em sua cólera, Rama parecia o portador do arco Pinaka decidido a destruir o sacrifício de Daksha.

Com seus arcos e armas, seus carros e suas armaduras, que brilhavam como fogo, as tropas daqueles comedores de carne humana pareciam uma massa de nuvens escuras na hora do nascer do sol.

Capítulo 25 – O combate entre Rama e os titãs continua

Aproximando-se do eremitério, Khara, em companhia com os que o precediam, viu Rama, o destruidor de seus inimigos, cheio de ira, armado com seu arco e, vendo aquele guerreiro poderoso de arco na mão, Khara mandou seu auriga ir até ele com seu carro.

Assim ordenado, Suta guiou seus cavalos para onde o ilustre Rama, empunhando seu arco, permanecia impassível.

Vendo Khara avançando sobre Rama, os titãs, proferindo gritos, o cercaram por todos os lados, e ele, postado em sua carruagem em meio àqueles Yatudhanas, lembrava o planeta Marte cercada por estrelas.

Disparando mil flechas, Khara emitiu um tremendo grito de guerra e todos os demônios em fúria despejaram vários mísseis sobre aquele arqueiro invencível Rama, atingindo-o em seu frenesi com clavas de ferro, espadas, lanças e machados.

Com sua estatura colossal e força extraordinária, eles pareciam montanhas quando se lançavam sobre Kakutstha com seus carros e cavalos.

Em seu desejo de superar Rama, aquelas hordas de demônios, montados em elefantes tão altos quanto os picos das montanhas, o cobriram com uma saraivada de armas, como grandes nuvens despejando sua chuva sobre o rei das montanhas, e Raghava foi cercado por todos os lados por aqueles demônios de aparência feroz.

Como à noite Mahadeva é cercado por seus satélites, assim Rama foi envolvido pelas lanças dos titãs, mas aquele príncipe recebeu os mísseis lançados contra ele como o mar recebe os rios que se esvaziam nele. Como os Himalaias permanecem imóveis ao serem atingidos por um raio, assim ele permaneceu quando aquelas armas terríveis rasgaram a sua carne.

Perfurado em todos os membros, o sangue jorrando por todos os lados, ele parecia o sol do anoitecer envolto em nuvem.

Vendo Rama cercado por milhares de titãs, os deuses e os sábios ficaram profundamente agitados, mas ele, ficando furioso, curvando seu arco como uma foice, soltou centenas e milhares de flechas de pontas afiadas, que não podiam ser interceptadas e levavam a morte àqueles que elas perfuravam. Como se em esporte, no campo de batalha, Rama disparou inúmeras setas decoradas com plumas de garças, de pontas de ouro, destruindo inúmeros titãs como o laço da própria morte.

Despreocupadamente disparadas por Rama, aquelas setas atravessavam os corpos dos demônios e, manchadas de sangue, voavam pelo ar como tochas ardentes. Incontáveis flechas tiradas da aljava de Rama caíam às centenas e milhares, roubando dos demônios seu ar vital, seus arcos, suas bandeiras, seus escudos e sua armadura, seus braços enfeitados com ornamentos e suas coxas parecendo trombas de elefantes.

As flechas de Rama, disparadas da corda do arco, cortavam cavalos atrelados às carruagens com seus arreios dourados

junto com os aurigas; elefantes com seus condutores, cavaleiros com seus cavalos, foram todos trespassados por suas flechas e despachados para a região de Yama.

Perfurados por aquelas flechas penetrantes, os viajantes da noite emitiam gritos terríveis, e dizimada por aquelas flechas conessoras de morte, a hoste de demônios era incapaz de se defender, como madeira seca é acesa pela proximidade do fogo.

Então certos guerreiros demônios, cheios de energia e zelo, em um acesso de raiva, atiraram lanças, tridentes e outras armas em Rama, mas ele, interceptando-as, cortou as cabeças daqueles demônios com suas flechas, privando-os, assim, de suas vidas. Eles, tendo tido suas cabeças, seus escudos e suas cordas de arco cortadas, caíam por terra, como árvores derrubadas pelo sopro das asas de Garuda.

Então os titãs restantes fugiram, procurando refúgio daquelas flechas conessoras de morte com Khara, mas Dushana, pegando seu arco, os reagrupou e avançou em Rama como se ele fosse o próprio Antaka; depois disso os titãs, ficando mais ousados, lançaram-se em Rama de novo, armados com troncos de árvores Sala e Tala e rochas enormes.

Com lanças, maçãs e laços, portando dardos, clavas e laçadas em suas mãos, aqueles grandes guerreiros cobriram o campo inteiro com uma torrente de mísseis, derramando saraivadas de



árvores e rochas. Nisso o combate se tornou furioso, de arrepiar, e ora parecia como se Rama fosse o vitorioso e novamente os demônios pareciam triunfar. Então, vendo-se cercado por todos os lados, aquele poderoso guerreiro Rama, coberto por uma saraiva de dardos, emitiu um grito terrível, colocando a arma Gandharva, acionada por mantras, em seu arco, no que mil setas se projetaram do seu arco curvado, cobrindo as dez regiões.

Rama disparava as suas flechas com tal habilidade que os demônios eram incapazes de distinguir quando ele as tirava de sua aljava e quando ele as atirava, e suas flechas fizeram a escuridão se espalhar sobre o céu e obscurecer o sol.

Mortos aos milhares, os demônios caíam em pilhas e o campo de batalha estava cheio de cadáveres. Derrubados, estripados, trespassados, dilacerados e cortados em pedaços, eles podiam ser vistos às centenas, e o chão estava coberto com cabeças envoltas em turbantes, braços envoltos em pulseiras, coxas e torsos com seus ornamentos, cavalos, elefantes poderosos, carruagens despedaçadas, espanadores, abanadores, guarda-sóis e estandartes de todos os tipos, e vendo os mortos, os demônios restantes ficaram aflitos e incapazes de resistir mais a Rama, aquele captor de fortalezas hostis.

Capítulo 26 – Rama destrói os titãs e mata Dushana

Vendo suas tropas destruídas, o poderosamente armado Dushana colocou-se à frente de cinco mil titãs intrépidos e invencíveis, para quem o recuo era desconhecido.

Armados com lanças, sabres, rochas e árvores, eles soltaram uma chuva de mísseis sobre Rama de todos os lados, sem poderem feri-lo. Seu ataque era formidável e para todos, exceto Rama, mortal. O virtuoso Raghava, no entanto, enfrentou o ataque com suas flechas, de olhos fechados, tão despreocupado quanto um touro sob a forte chuva. Depois disso, ficando irado, ele resolveu destruir todo o exército de Khara e, ardendo de energia, cobriu aquela hoste e seu líder, Dushana, com suas flechas, no que Dushana, o matador de seus inimigos, enfrentou Raghava com armas que pareciam raios. Então o heroico Rama, enfurecido, cortou o arco imenso de Dushana, matou os quatro corcéis atrelados à sua carruagem e cortou a cabeça de seu auriga com uma seta em forma de meia-lua, depois perfurando o peito de Dushana três vezes com suas flechas.

Então Dushana ergueu sua maça coberta de ouro, que parecia um pico de montanha e era capaz de destruir o exército dos deuses. Cravejada de pregos, suja com a carne de seus inimigos, afiada como um diamante, capaz de atravessar os portões de cidades hostis, aquela arma, semelhante a uma

cobra poderosa, era manejada por aquele titã de más ações, que se atirou sobre Rama.

Entretanto, quando Dushana se precipitou sobre ele, Rama cortou ambos seus braços com suas setas, e aquela maça, solta das suas mãos, caiu para frente no campo como a bandeira de Indra, enquanto Dushana, privado dela, com seus braços cortados, caiu ao chão como um poderoso elefante que, despojado de suas presas, sucumbe.

Vendo Dushana jazendo no campo de batalha, todos os seres, testemunhando aquele conflito, gritaram "Bem feito! Bem feito!" e prestaram reverências a Rama.

Enquanto isso, impelidos pelo destino, os três generais, Mahakapala, Sthulaksha e o poderoso titã Pramathin avançaram em Rama; Mahakapala brandindo um grande tridente, Sthulaksha portando um arpão e Pramathin, um enorme machado. Ao vê-los avançando, Raghava, tirando algumas flechas afiadas de ponta de aço, adiantou-se para encontrá-los, como alguém recebe um convidado, e o deleite da Casa de Raghu cortou a cabeça de Mahakapala com uma única flecha e atacou Pramathin com inúmeras setas, ao que ele caiu por terra como uma árvore cortada a machadadas; depois disso, Rama cegou Sthulaksha com suas flechas afiadas e, cheio de ira, com cinco mil flechas matou um número igual dos seguidores de Dushana, enviando-os para as regiões inferiores.

Ouvindo que Dushana e seus guerreiros estavam mortos, Khara, em grande fúria, dirigiu-se aos líderes do exército, dizendo: "Que todos os titãs ataquem aquele canalha miserável, Rama, e o golpeiem com armas de todos os tipos".

Falando assim, Khara, cheio de fúria, atirou-se sobre Rama, seguido por Durjaya, Karaviraksha, Parusha, Kalakarmuka, Hemamalin, Mahamalin, Sarpashya, Syengamin, Prithagriva, Vajnasatru, Vihangama e Rudhinashana, aqueles doze generais valentes com suas tropas, que caíram sobre Rama, disparando suas flechas excelentes.

E Rama, dotado de energia suprema, com suas flechas incrustadas com ouro e diamantes, despachou o restante das tropas de Khara, e aquelas flechas, desprovidas de penas, como hastes de ouro, assemelhando-se a chamas envoltas em fumaça, abateram os demônios como o relâmpago derruba as árvores gigantes. Com cem flechas em forma de asa<sup>280</sup> Rama matou cem titãs; e mil com o mesmo número de setas. Com suas couraças e ornamentos despedaçados, seus arcos quebrados, aqueles viajantes da noite caíram ao chão, banhados em sangue. Com seu cabelo desgrenhado, cobertos de sangue coagulado, eles jaziam no campo de batalha como grama kusha espalhada sobre o altar, e aquela grande floresta, juncada de cadáveres de demônios e suja com a sua carne e sangue, parecia a região do inferno.

Quatorze mil demônios de atos cruéis foram mortos por Rama, um mortal, sozinho e a pé! De todo o exército só Khara do

grande carro e o titã Trishiras sobreviveram, todos os outros sendo mortos pelo irmão mais velho de Lakshmana, o ilustre Rama.

280 [Alça ou orelha].

Então, vendo aquele vasto exército destruído no grande conflito, Khara, subindo em sua carruagem esplêndida, avançou sobre Raghava com sua maça erguida.

Capítulo 27 - Rama e Trishiras se enfrentam em combate.

Trishiras é morto

Quando Khara estava avançando em Rama, o líder do exército, Trishiras, se aproximou dele e disse: "Ó senhor, abstém-te de entrar em combate com Rama e tendo recorrido a mim, que sou possuidor de destreza, testemunha a derrota dele. Eu te juro por minha espada que eu vou matar Rama e vingar a morte de toda a hoste de demônios. Nessa luta eu serei como

Mrityu para ele ou ele para mim, mas tu, ó excelente, deves conter o teu ardor marcial algum tempo e ser apenas um espectador. Se Rama for morto, tu podes voltar para casa triunfante, mas se eu morrer, entra no campo contra ele”.

Cedendo às persuasões de Trishiras, Khara disse a ele, que já estava condenado: "Vai, trava combate com Rama!"

Então Trishiras, como uma montanha de cume triplo, avançou em Raghava em uma carruagem reluzente atrelada a corcéis excelentes e, como uma grande nuvem derrama chuva, assim ele disparou uma saraivada de setas, rugindo o tempo todo como um timbale.

Vendo aquele demônio se aproximando, Rama disparou algumas setas de pontas afiadas e uma luta terrível se seguiu, de modo que parecia como se um grande leão e um elefante poderoso estivessem lutando entre si.

Trishiras tendo perfurado a testa de Rama com três setas, aquele herói, enfurecido, se dirigiu a ele em tons cortantes, dizendo: "Ó titã valente, as setas que tu disparaste eu carrego em minha frente como uma coroa de flores, recebe agora as flechas do meu arco”.

Então Rama atirou quatorze setas serpentiformes, atingindo Trishiras no peito, e com mais quatro setas derrubou seus quatro cavalos, matando seu quadrigário com outros oito dardos e com uma única flecha cortando o estandarte erguido na frente de seu carro. Então, quando aquele viajante noturno

estava descendo da sua carruagem despedaçada, Rama perfurou seu peito com mais flechas, privando-o de seus sentidos, e ele de bravura incomensurável com suas flechas velozes cortou as três cabeças de Trishiras, fazendo o sangue fluir do tronco atingido, e as cabeças daquele vagueador da noite caíram enquanto ele ainda estava em pé depois da destruição de suas tropas.

Então os titãs restantes, perdendo a coragem, fugiram como veados debandando pela aproximação de um caçador, e Khara, vendo-os fugindo, encolerizando-se, os reagrupou e avançou em Rama como Rahu na lua.

## Capítulo 28 – O combate entre Rama e Khara

Vendo que Dushana e Trishiras tinham sido mortos na luta e testemunhando as proezas de Rama, Khara estava cheio de apreensão e refletiu:

“Meu grande exército com meus generais Dushana e Trishiras foi destruído por Rama, sozinho”.

Diante disso aquele demônio Khara foi tomado pelo desânimo e se atirou em Rama, como o titã Namuchi em Indra. Esticando seu arco imenso, Khara disparou em Rama algumas setas

sugadoras de sangue, parecendo cobras venenosas, e, em sua carruagem, começou a percorrer o campo de batalha, exibindo sua habilidade no uso de armas, cobrindo os quatro quadrantes com suas flechas.

Vendo isso, como Parjanya com suas torrentes de água, Rama, armado com seu arco poderoso, encheu todo o firmamento com suas flechas irresistíveis, que pareciam línguas de fogo, e todo o espaço estava cheio de setas por todos os lados, que tinham sido disparadas por Khara e Rama.

Enquanto aqueles dois heróis lutavam, o sol foi obscurecido e a escuridão desceu; então, como um elefante poderoso golpeado com um aguilhão, Rama atacou seu oponente com Nalikas, Narachas e Vikarnas de pontas afiadas, e aquele demônio, permanecendo em sua carruagem, com arco na mão, se assemelhava à própria Morte carregando seu laço. Naquele momento Khara julgou que o destruidor de suas tropas, dotado de heroísmo, o extremamente poderoso Rama, estava vencido pelo cansaço, mas Rama permaneceu imóvel sob os ataques de Khara, como um leão poderoso ignora a presença de um cervo insignificante.

Então Khara, em sua carruagem ardente como o sol, se aproximou de Rama, como uma mariposa se aproxima de uma chama e, exibindo sua habilidade, cortou o arco de Rama no ponto em que ele o segurava, depois disso atirando sete flechas como maçãs semelhantes aos raios de Indra, que despedaçaram a armadura de seu adversário resplandecente



como o próprio sol, de modo que ela caiu no chão. Rugindo como um leão, ele atirou mil flechas, ferindo Rama de poder sem igual, e naquele conflito Khara deu um grito poderoso.

Perfurado pelas flechas de Khara, o corpo de Rama parecia uma chama clara e sem fumaça, e aquele destruidor de seus inimigos, para atingir a derrota do titã, pegou outro grande arco, encordoando-o com uma vibração poderosa. Erguendo no alto aquele arco prodigioso, chamado Vaishnava, concedido a ele pelo rishi Agastya, Rama avançou em Khara, disparando suas flechas decoradas com penas douradas e cortou sua bandeira banhada a ouro, que caiu da carruagem, como o sol cai sobre a terra, amaldiçoado pelos deuses.

Altamente provocado, Khara mirou no coração de Rama e o perfurou com quatro setas, de modo que ele parecia um grande elefante sob o dilúvio na época das chuvas, e Rama, gravemente ferido por suas flechas, coberto de sangue, enfureceu-se, e aquele principal dos arqueiros, com habilidade consumada, disparou seis flechas bem dirigidas. Com uma, ele atingiu a cabeça de Khara, com duas outras, seus braços, e com as três setas restantes em forma de meia-lua ele perfurou seu peito. Então aquele guerreiro ilustre, em sua ira, atirou treze setas afiadas na pedra de amolar, brilhantes como o sol; uma cortou os varais do carro de seu adversário, mais quatro derrubando os cavalos; com uma sexta ele atingiu a cabeça de seu quadrigário, e com três outras aquele guerreiro notável e intrépido despedaçou os eixos da carruagem; com a décima

segunda ele cortou o arco de Khara no ponto em que ele o segurava, e com a décima terceira flecha, que brilhava como um relâmpago, Raghava, que era igual a Indra, trespassou Khara, como se fosse em diversão.

Com seu arco quebrado, privado de seu carro, seus cavalos mortos, seu auriga caído, Khara, de maça na mão, saltou para o chão e ficou esperando.

Vendo o feito de armas de Rama, que era insuperável, os deuses e os grandes sábios se regozijaram e, reunindo-se no céu, com as palmas unidas, glorificando a façanha extraordinária daquele guerreiro poderoso, ofereceram reverências a ele.

Capítulo 29 – Rama e o demônio Khara provocam um ao outro

Então o ilustre Rama se dirigiu a Khara, que estava de pé com maça na mão, privado de seu carro, e em voz severa, disse:

“Ó herói, com o apoio desse exército de elefantes, cavalos, carros e homens, tu adotaste um curso de ação condenado por todos. Aquele que inflige dor a outros por oprimi-los, que é cruel e envolvido em maldades, nunca conhecerá a felicidade, mesmo que ele seja o senhor dos três mundos.

"Ó viajante da noite, alguém que, como um tirano, trabalha contra os interesses dos outros e parece uma cobra perigosa e saqueadora, é por fim destruído! Aquele que, dominado pela avareza ou pela inveja, adota uma má conduta, sem refletir sobre as consequências, perde a sua vida e chega a um fim miserável, como um pato brahmani que se alimenta de granizo.

"Ó titã, como tu podes escapar das consequências do assassinato daqueles ascetas que habitam a floresta de Dandaka, aumentado o seu mérito pela prática de virtude?

"Mesmo se alcançarem a soberania, os perversos, envolvidos em atos cruéis, condenados por todos os homens, não a desfrutam por muito tempo, mas caem como árvores cujas raízes foram cortadas.

"Ó residente na escuridão, como na sua época adequada a árvore desenvolve suas flores, assim no decorrer do tempo as más ações produzem frutos amargos.

"Como um homem que engole veneno logo sucumbe, assim o pecador colhe rapidamente os frutos das suas ações perversas. É para eliminar os instigadores do mal, os opressores de outros, que eu, sob as ordens do rei, vim para cá. Hoje as minhas flechas brilhantes penetrarão na tua carne, como serpentes entram em um formigueiro, e tu seguirás na esteira daqueles ascetas virtuosos que moram na floresta, a quem tu mataste sem provocação. Logo aqueles sábios excelentes, antigamente mortos por ti, voltarão em seus carros aéreos para te ver

jazendo no inferno derrubado pelas minhas setas. Ó pior dos homens, ó tu que és de uma raça odiosa, defende-te como quiseres, eu em breve cortarei a tua cabeça como o fruto de uma palmeira”.

Ouvindo as palavras de Rama, Khara, com os olhos ardendo de raiva, fora de si, respondeu zombeteiramente: “Ó filho de Dasaratha, tu és só um homem comum; porém, tendo matado esses titãs insignificantes em batalha, tu te enalteces sem razão. Aqueles que são corajosos e valentes nunca se vangloriam de suas proezas; só a escória da casta guerreira louva a si própria como tu fizeste. Onde está o guerreiro que, no campo de batalha, com a sua morte iminente, cantaria o seu próprio louvor? Tu revelaste a tua indignidade por essa autoglorificação, como o latão usando a aparência de ouro revela o seu verdadeiro valor em um fogo de grama kusha.

“Ó Rama, armado com uma maça, eu permaneço imóvel no campo, como uma montanha enriquecida por metais preciosos. Contempla-me com minha maça, como o próprio Antaka armado com seu laço, prestes a acabar com a tua vida; eu

destruirei não só a ti, mas os três mundos! Eu poderia falar mais, mas me contenho, para que o nosso combate não seja interrompido porque a hora do pôr do sol está próxima.

Quatorze mil titãs caíram sob os teus golpes; por te matar hoje eu enxugarei as lágrimas dos seus familiares”.

Falando dessa maneira, Khara, cheio de fúria, arremessou sua maçã admirável envolvida em ouro em Rama. Deixando a mão de Khara, aquela maçã maciça e refulgente, parecendo um raio ardente, reduzindo as árvores e arbustos a cinzas, aproximou-se de Rama, mas ele, quando ela estava prestes a cair como o laço da morte, despedaçou-a em fragmentos com suas flechas enquanto ainda no ar. Despedaçada e quebrada, ela caiu no chão como uma serpente atingida pela eficácia de ervas e o poder de encantamentos.

### Capítulo 30 – A morte de Khara

Tendo interceptado e quebrado aquela grande maçã com suas setas, o sempre virtuoso Rama, embora ainda irado, falou como se estivesse brincando:

"Ó titã, essa é a extensão do teu poder? Como é estranho que alguém tão deficiente em destreza se gabe tão alto! Cortada pelas minhas flechas, eis que a tua maçã se encontra em pedaços no chão! Tu te gabaste inutilmente! Tu não declaraste: 'Eu vou enxugar as lágrimas derramadas pela morte dos titãs?' Palavras vãs! Como Garuda antigamente roubou o néctar da imortalidade, eu estou a ponto de privar-te de tua vida, tu canalha vil e mentiroso! A terra neste dia beberá o sangue espumante brotando da tua garganta, que as minhas flechas

terão cortado. Logo o teu corpo, coberto de poeira, com os braços estendidos, abraçará a terra, como um amante frenético abraça a mulher que ele ganhou, após longa demora.

"Ó opróbrio da tua raça, após tua morte a floresta de Dandaka se tornará um refúgio para aqueles que são eles próprios um refúgio; as minhas flechas livrarão a floresta de todos os titãs e os ascetas andarão por lá sem medo. Hoje as mulheres titãs em angústia extrema, chorando e apavoradas, fugirão desse lugar. Elas que inspiravam terror em outros, tendo malfeitores como tu como seus cônjuges, hoje provarão as dores da tristeza! Ó patife cruel, decaído e de coração falso, com medo de quem os sábios tremem quando eles derramam suas oferendas no fogo sagrado".

Quando Raghava, dominado pela ira, proferiu essas palavras, Khara, espumando de raiva, começou a lançar insultos contra ele, dizendo: "Realmente, apesar da tua jactância tu estás cheio de terror e diante da morte não sabes se falas ou ficas em silêncio. Aqueles que estão prestes a morrer perdem o poder dos seus cinco sentidos e não sabem mais o que é certo e o que é errado".

Tendo dito isso, aquele viajante noturno, Khara, carrancudo, olhou à sua volta em busca de uma arma e, vendo uma grande palmeira perto, a arrancou violentamente e girando-a com energia impressionante a arremessou em Rama, rugindo:

"Agora tu estás morto!"

Nisso Raghava com sua arma cortou aquela árvore em pedaços, e em um acesso de raiva resolveu matar Khara. Com seu corpo coberto de suor, os olhos ardendo, ele perfurou Khara com inúmeras setas, de modo que rios de sangue jorraram de suas feridas, assim como as torrentes da montanha Prasravana.

Entorpecido pelas flechas de Rama e enlouquecido pelo cheiro de sangue, Khara avançou em Rama, que, vendo-o se aproximar cheio de fúria e coberto de

sangue, recuou alguns passos; então, para matá-lo, ele escolheu uma flecha que brilhava como fogo, assemelhando-se à vara de Brahma. E aquele virtuoso disparou aquela flecha em Khara, que tinha sido conferida ao sábio Agastya por Indra, e como um raio ela atingiu o seu peito de modo que ele, consumido pela chama que brotava dela, caiu ao chão. Como Rudra com seu terceiro olho consumiu o demônio Andhaka na floresta de Sweta, como Vritra foi morto pelo raio, como Namuchi pela espuma, como Bala pela maçã de Indra, assim Khara caiu.

Então os deuses e os charanas se reuniram e, maravilhados e encantados, tocaram seus tambores, derramando flores sobre Rama e dizendo: "Nesse grande conflito Raghava, por meio de suas flechas afiadas, matou em um instante quatorze mil demônios, capazes de mudar sua forma à vontade, com seus

generais, Khara e Dushana. Grande de fato é essa façanha de Rama, versado na ciência do Eu. Que valor! Sua destreza se assemelha à do próprio Vishnu!"

Dizendo isso, os deuses retornaram de onde tinham vindo.

Posteriormente os rajarishis e os paramarishis, acompanhados por Agastya, alegremente prestaram homenagem a Rama e disseram:

"Foi por isso que o matador de Paka, o poderoso Purandara, visitou o eremitério do sábio Sharabhangha. Foi por isso que os grandes rishis te trouxeram a esse lugar, ó príncipe, para que tu pudesses efetuar a destruição dos titãs de atos maus. Tu cumpriste a tua missão entre nós, ó filho de Dasaratha; a partir de hoje os sábios virtuosos podem realizar suas devoções na floresta de Dandaka em paz".

Então aquele herói, Lakshmana, acompanhado por Sita, saiu da caverna da montanha e entrou alegremente no eremitério, e o vitorioso e heroico Rama, honrado pelos grandes sábios, voltou para o ashrama, onde Lakshmana lhe prestou reverência.

Vendo seu consorte retornando vitorioso, tendo trazido felicidade para os ascetas, a feliz Vaidehi o abraçou. Vendo aquelas hostes de demônios mortos, e aquele destruidor de hostes inimigas adorado pelos sábios magnânimos, a filha de Janaka começou a servir seu senhor e cheia de alegria, abraçando-o de novo em seu deleite, experimentou felicidade suprema.



## Capítulo 31 – Ravana ouve da morte de Khara e decide matar Rama

O titã Akampana, deixando rapidamente Janasthana, foi para Lanka a fim de procurar Ravana, abordando-o assim:

"Ó rei, os inúmeros titãs residentes em Janasthana pereceram e o próprio Khara caiu no campo de batalha; por acaso, eu fui permitido chegar aqui vivo".

Ouvindo essas palavras, Ravana, com seus olhos avermelhando-se de raiva, dirigiu seu olhar sobre Akampana como se ele o fosse consumir, e disse:

"Quem, buscando a sua própria destruição, se atreveu a exterminar meu povo? Nada no mundo será capaz de protegê-lo, nem mesmo Indra, Kuvera, Yama ou o próprio Vishnu. Nenhum homem pode salvar aquele que me desafiou! Eu sou o Senhor do Tempo, o Consumidor do Fogo, a morte da própria Morte! Em minha ira eu sou capaz de reduzir Aditya e Pavaka a cinzas! Realmente eu posso subjugar o próprio vento em seu curso!"

Nisso, Akampana, com palmas unidas, em uma voz estrangulada de terror, pediu a proteção dele de dez pescoços, que estava louco de raiva, no que aquele

senhor dos titãs deu-lhe garantia de segurança, inspirando-o com confiança, e Akampana então se dirigiu a ele corajosamente, dizendo:

"Há um filho do rei Dasaratha, que é jovem, parecendo um leão, de ombros largos como um touro, possuindo braços longos, belo, renomado e de destreza incomensurável; seu nome é Rama; foi ele que em Janasthana matou Khara e Dushana".

A essas palavras, Ravana, rei dos titãs, respirando como uma grande serpente, questionou Akampana, dizendo: "Ó Akampana, quando chegou a Janasthana Rama estava acompanhado pelo líder dos deuses e todos os celestiais?"

Ao ouvir as palavras de Ravana, Akampana começou a descrever as façanhas grandiosas e nobres de Raghava, dizendo:

"Ó rei, Rama é um guerreiro poderoso, um arqueiro invencível e igual ao próprio Indra em valentia; seus olhos são levemente vermelhos e sua voz lembra um timbale, seu rosto é como a lua cheia. Seguido por Lakshmana, como Anila segue Pavaka, esse é o afortunado líder de monarcas que destruiu a tua colônia, como o fogo, espalhado pelo vento, consome uma floresta! Rama não foi de modo algum ajudado pelos deuses - disso não há dúvida - mas as suas flechas de asas de ouro voando pelo ar, transformando-se em cobras de cinco cabeças, destruíram os demônios. Ó soberano poderoso, para onde quer que eles

fugissem em seu terror, eles viam Rama diante deles, e dessa maneira Janasthana foi destruída por ele”.

Ouvindo as palavras de Akampana, Ravana gritou: "Eu irei para Janasthana e matarei Rama e Lakshmana!"

Então Akampana lhe respondeu, dizendo:

"Ó rei, ouve de mim a verdadeira extensão da força e destreza de Rama. Extremamente virtuoso e corajoso, ninguém no mundo é capaz de subjugá-lo em sua ira. Por meio de suas setas, ele é capaz de conter um rio em seu curso e de despedaçar o próprio firmamento com suas estrelas e planetas; não só isso, se a terra estivesse submersa, ele poderia levantá-la e, se ele assim o desejasse, alterar os limites do mar e inundar os continentes com suas águas. Ele é capaz de dominar todas as criaturas e controlar o rumo do próprio vento; na verdade, aquele mais notável dos homens, tendo destruído os mundos, pode criar um novo universo. Ó tu de dez pescoços, como um pecador não é capaz de entrar no céu, nem tu, nem teus titãs podem derrotar Rama em combate. Os deuses e os titãs juntos não podem vencê-lo; contudo há uma maneira de destruí-lo, que eu vou agora revelar a ti.

"Rama é casado com uma mais bela do que qualquer mulher na terra, e aquela moça de cintura delgada é conhecida pelo nome da Sita. Na plena flor da juventude, e possuidora de membros proporcionais, ela é uma joia adornada por joias. Em beleza ela supera os seres celestes, ninfas e nagas. Tendo

atraído Rama para a floresta, que tu a leves embora! Sem Sita Rama não sobreviverá!"

O senhor dos rakshasas ficou muito satisfeito ao ouvir essas palavras e, depois de um pouco de reflexão, disse a Akampana: "Que assim seja! Amanhã, acompanhado pelo meu auriga somente, eu, de coração contente, trarei a princesa de Videha para esse palácio espaçoso!"

No dia seguinte Ravana partiu em sua carruagem, atrelada a mulas, que era brilhante como o sol, iluminando os quatro quadrantes. Seguindo o caminho das estrelas em seu curso rápido, ela parecia a própria lua cercada por nuvens.

Percorrendo uma grande distância, ele se aproximou do eremitério do filho de Taraka, Maricha, que o acolheu com pratos maravilhosos desconhecidos do homem. Presenteando-o com um assento e água com a qual lavar os pés, aquele demônio

se dirigiu a ele, dizendo: "Ó senhor dos titãs, está tudo bem contigo e com o teu povo? Ó soberano, sendo ignorante da tua intenção, a tua chegada inesperada e súbita me enche de apreensão!"

Então o resplandecente e eloquente Ravana respondeu a Maricha, dizendo: "Ó amigo! Rama, que é capaz de realizar aquilo do qual a razão recua,

destruiu toda a colônia de Janasthana, até então inexpugnável, como também meus generais, Khara e Dushana. Que tu, portanto, me ajudes a raptar sua consorte, Sita”.

Ouvindo essas palavras do rei dos titãs, Maricha respondeu: “Ó rei, o homem que assim te aconselhou a respeito de Sita é seguramente um inimigo sob o disfarce de um amigo. Por tal conselho, ele sem dúvida te ofendeu e ele tem inveja do teu grande poder.

”Rouba Sita!”, Quem proferiu tais palavras? Quem procura cortar a cabeça da hoste inteira de titãs? Sem dúvida o homem que te aconselhou dessa maneira é teu inimigo, já que ele deseja que tu extraias as presas venenosas de uma serpente com as tuas mãos nuas. Quem é que procura te desencaminhar e atinge a tua cabeça enquanto estás dormindo feliz?

”Raghava, aquele elefante inebriado, não pode ser resistido no campo de batalha. Com a linhagem de uma Casa ilustre como sua tromba, sua valentia a linfa, seus braços estendidos as presas, tu és totalmente incapaz de competir contra ele. Não despertes aquele leão adormecido que caça os titãs como cervos, as flechas de cuja aljava são suas garras, sua espada afiada as mandíbulas.

”Ó rei dos titãs, não te atires naquele oceano temível e sem fundo chamado Rama, cujo arco é o crocodilo, a força de cujo braço é o pântano, cujas flechas são as ondas crescentes, e cujo campo de batalha é suas águas.

"Ó senhor de Lanka, acalma-te e volta em paz para a tua capital. Ó Indra dos titãs, continua a desfrutar da companhia de tuas esposas, e deixa Rama se deleitar com a dele, na floresta".

Ouvindo as palavras de Maricha, Ravana o de dez cabeças retornou para a cidade de Lanka e reentrou em seu palácio.

### Capítulo 32 – Shurpanakha repreende Ravana e o incita a destruir Rama

Quando Shurpanakha viu aqueles quatorze mil titãs de atos terríveis mortos por Rama sozinho no campo de batalha, junto com Khara, Dushana e Trishiras, ela mais uma vez emitiu gritos terríveis e rugiu como um trovão. Vendo a destreza incomparável de Raghava, ela ficou extremamente agitada e foi para Lanka, a capital de Ravana.

Lá ela viu Ravana brilhando em glória, cercado por seus ministros no terraço de seu palácio, como Indra no meio dos Maruts. Sentado em seu trono dourado, ardendo como uma chama, Ravana parecia um grande fogo aceso em um altar, mantido vivo por oferendas sacrificais. Não vencido por deuses, gandharvas, rishis ou outras criaturas, aquele guerreiro, que se assemelhava à própria morte com mandíbulas

escancaradas, tinha em seu corpo as feridas causadas pelos raios na guerra entre os deuses e os titãs e em seu peito as marcas das presas de Airavata.

Tendo vinte braços, dez cabeças, um peito largo, usando um traje deslumbrante e portando as marcas da realeza, ele estava adornado com uma

corrente de esmeraldas e ornamentos de ouro fino, e com seus grandes braços, dentes brancos e boca enorme ele parecia uma montanha.

No combate com os deuses, Vishnu o atingiu cem vezes com seu disco, e ele trazia as marcas de outras armas daquela grande luta, mas seus membros estavam intatos e não tinham sido cortados. Ele que era capaz de agitar os mares, um feito não realizado por qualquer outro, cujos mísseis eram os topos das montanhas, ele o flagelo dos deuses, que transgredia toda lei moral, o violador das esposas de outros, o manejador de armas celestes, o destruidor de sacrifícios, que desceu para a cidade de Bhogavati e subjugou a serpente Vasuki, de quem, após sua derrota, ele roubou a consorte delicada; ele que escalou o monte Kailasha e derrotou Kuvera privando-o de sua carruagem aérea Pushpaka, que o transportava para onde quer que ele desejasse; ele que em sua raiva destruiu o jardim de Chaitaratha, a piscina de lótus e o bosque Nandana e todos os retiros aprazíveis dos deuses, e com seus vastos braços,

parecidos com picos de montanhas, impediu o curso do sol e da lua, duplos flagelos de seus inimigos, elevando-se em esplendor; praticando ascetismo na imensa floresta por mil anos ele ofereceu suas cabeças em sacrifício a Swyambhu<sup>281</sup> e obteve a benção que nem deva, danava, gandharva, pisacha, pataya nem uraga seria capaz de matá-lo, mas do homem não houve menção; orgulhoso de sua força, ele roubou o suco Soma, santificado por mantras, antes da sua espremedura pelos nascidos duas vezes no sacrifício; esse canalha perverso, Ravana de atos maus, assassino de brâmanes, cruel, impiedoso, deleitando-se em causar danos a outros, era realmente uma fonte de terror para todos os seres.

A mulher titã viu seu irmão cheio de poder, resplandecente em traje suntuoso, adornado com guirlandas celestes, sentado em seu trono, parecendo o Tempo na destruição dos mundos, aquele Indra dos demônios, o descendente orgulhoso de Pulastya e ela, tremendo de medo, para se dirigir a ele, se aproximou daquele matador de seus inimigos, que estava sentado em meio a seus conselheiros. Perturbada com terror e aflição, Shurpanakha, que estava acostumada a vagar por toda parte sem medo, agora mutilada por ordem daquele magnânimo Ramachandra, exibindo as suas feições destruídas diante de Ravana, cujos olhos grandes pareciam emitir chamas, proferiu estas palavras amargas para ele:



### Capítulo 33 – As palavras de Shurpanakha para Ravana

Cheia de raiva, Shurpanakha se dirigiu a Ravana, o opressor dos mundos, em tons ásperos, dizendo:

"Ó Ravana, totalmente dedicado ao prazer e entregando-te a todos os caprichos sem escrúpulos, tu estás esquecido da grande calamidade que te ameaça. Aquele monarca que é dado à luxúria e outras dissipações e que é avarento é desconsiderado por seus súditos, como é o fogo no crematório. Aquele rei que não cumpre os seus deveres na época apropriada traz ruína para o seu estado. O príncipe que, cometendo excessos, é governado por suas cônjuges e prontamente dá credibilidade ao conselho de outro, é evitado como a lama de um rio é evitada por um elefante. Aqueles governantes que são incapazes de proteger suas terras, ou de recuperar o território tirado à força deles, vivem sem glória, como montanhas submersas no oceano.

281 [Swyambhu].

"Em inimizade com os deuses, os gandharvas e os danavas, que são mestres de si mesmos, fazendo o que não deve ser feito e inconstante, como tu és capaz de governar como rei?

"Ó titã, tu és infantil e imprudente e não estás familiarizado com o que deve ser conhecido por ti; como tu podes governar? Aqueles monarcas que não têm nem emissários, nem riqueza nem política à sua disposição parecem homens comuns, ó príncipe dos conquistadores! Já que os reis são informados por seus espiões a respeito do que está ocorrendo no exterior, é dito que eles veem longe. Parece-me que tu não cumpres o teu dever e que os conselheiros que te cercam são inexperientes, uma vez que tu és insensível à destruição do teu povo e do seu território.

"Quatorze mil titãs de atos terríveis com Khara e Dushana foram mortos por Rama sozinho; Rama de façanhas imperecíveis livrou os ascetas do medo, estabeleceu a paz na floresta de Dandaka e fustigou Janasthana, mas tu, que és cobiçoso e escravo da luxúria, estás inconsciente do perigo que ameaça o teu domínio. Em tempo de perigo, ninguém vai ajudar aquele monarca que é vil, violento, dissoluto, orgulhoso e pérfido. Até os próprios parentes dominarão um rei que é excessivamente vaidoso, pretensioso, arrogante e irascível. Aquele monarca que falha em seu dever e, sob a ameaça de perigo é embalado em uma falsa segurança, na hora da adversidade será varrido do seu reino como uma palha. Madeira seca, turfa ou poeira têm algum valor, mas um rei que é degenerado é inútil e parece uma coroa de flores desbotadas ou uma peça de roupa estragada pelo uso. Aquele monarca que é vigilante, no entanto, familiarizado com o que está

acontecendo e virtuoso, estabelece o seu trono para sempre. O rei que, mesmo durante o sono, ainda está desperto para a ordenação de seu reino, que manifesta sua raiva ou aprovação em um momento apropriado, é reverenciado por todos.

"Ó tu, cujos emissários falharam em te informar da grande carnificina entre os titãs, que és desprovido de sabedoria, ó Ravana, tu és carente de todas essas grandes qualidades.

"Desconsiderando outros, entregue aos prazeres dos sentidos, incapaz de obter vantagem de hora e lugar ou de discernir entre o que é bom e mau, tendo sacrificado o teu reino, tu logo perecerás".

Refletindo sobre as fraquezas que sua irmã tinha atribuído a ele, Ravana, o senhor dos titãs, opulento, arrogante e poderoso, ficou absorto em pensamentos.

Capítulo 34 – Shurpanakha incita Ravana a matar Rama e a se casar com Sita

Ouvindo as palavras amargas de Shurpanakha, Ravana, cercado por seus ministros, perguntou com raiva: "Quem é Rama? Qual é a sua força? Como ele se parece e qual é a extensão da sua destreza? Por que ele penetrou nas profundezas solitárias e inacessíveis da floresta de Dandaka?"

Com quais armas ele destruiu os titãs naquele conflito, matando Khara e Dushana como também Trishiras? Dize-me a verdade, ó adorável, quem te desfigurou?"

Assim abordada pelo senhor dos titãs, Shurpanakha em um assomo de raiva começou a contar a história de Rama.

Ela disse: "Rama, o filho do rei Dasaratha, parece o deus do amor; seus braços são longos, seus olhos grandes; vestido em mantos de pele e em uma pele

de antílope negro, portando um arco envolto em ouro semelhante ao de Indra, ele dispara flechas ardentes que se assemelham a cobras venenosas. Emitindo um grande grito, ele atira suas setas formidáveis, e na luta eu não podia distingui-lo, mas vi a hoste sendo dizimada sob a chuva de suas setas, como a colheita é destruída pelo granizo enviado por Indra. Em um curto espaço de tempo, sem ajuda, sozinho, ele matou quatorze mil titãs com Khara e Dushana, assim levando a paz aos sábios na floresta de Dandaka e os livrando do medo. De alma cavalheiresca, Rama, o conhecedor do Eu, não iria aprovar a morte de uma mulher e, tendo sido mutilada por ordem dele, eu escapei.

"Seu irmão, dotado de grande valor, é famoso por sua virtude; seu nome é Lakshmana e ele é devotado a Rama. Cheio de fogo, indomável, vitorioso, poderoso, inteligente e sábio, ele é a sua mão direita e o seu próprio ar vital. E a esposa virtuosa,

gentil e dedicada de Rama, de olhos grandes, cuja face parece a lua cheia, está sempre ocupada no que é agradável para seu senhor. Com seus cabelos graciosos, nariz bem formado, belos ombros e sua graça e dignidade, alguém a consideraria como uma divindade da floresta ou a própria Lakshmi. Com a pele da cor do ouro derretido, unhas que são rosadas e longas, aquela mulher extremamente adorável é Sita, a princesa de Videha de cintura delgada. Nenhuma mulher tão bonita jamais apareceu no mundo, ou entre os deuses, gandharvas, yakshas ou kinnaras. Aquele de quem Sita se tornar esposa e a quem ela abraçar calorosamente viverá no mundo mais feliz do que Purandara. Com sua amabilidade natural, sua beleza maravilhosa, que é sem igual na terra, ela se revelaria uma consorte digna para ti, e tu também és digno de ser seu senhor. Era para trazer para ti aquela dama de quadris esculturais, peito suavemente arredondado e feições encantadoras, que eu aplicava meus esforços, quando, ó de braços poderosos, eu fui mutilada pelo implacável Lakshmana!

"Quando tu vires Vaidehi, cujo rosto parece a lua cheia, tu serás instantaneamente perfurado pelos dardos do deus do amor. Se tu desejas conquistá-la, então parte rapidamente com o pé direito e situa o coração dela. Se, ó Ravana, o meu conselho encontra a tua aprovação, então, ó rei dos titãs, o segue sem demora.

"Conhecendo a fraqueza dessas pessoas, ó valente chefe dos titãs, faze de Sita, que é sem defeito, a tua consorte. Sabendo

que Rama com suas flechas que nunca erram seu alvo matou os titãs estabelecidos em Janasthana, e da morte de Khara e Dushana, tu tens um dever a cumprir”.

### Capítulo 35 – Ravana visita o demônio Maricha mais uma vez

Ouvindo as palavras de Shurpanakha, que fizeram seus cabelos se arrepiarem, Ravana dispensou seus ministros e começou a refletir sobre o que deveria ou não deveria ser feito. Explorando a verdadeira implicação do empreendimento e pesando a desejabilidade e a indesejabilidade do assunto, ele chegou à conclusão: 'Eu devo agir desse modo', e, fixo em sua determinação, foi secretamente ao pavilhão esplêndido onde suas carruagens eram mantidas de prontidão, mandando seu motorista trazer seu carro.

Por sua ordem, o zeloso auriga, em um instante, preparou aquela carruagem excelente e maravilhosa, e Ravana subiu no carro dourado cravejado de pedras

preciosas, que corria onde quer que ele desejasse, ao qual mulas em arreios dourados, tendo as cabeças de trasgos, estavam atreladas.

Sobre aquela carruagem, cujas rodas faziam um som como um trovão, o irmão mais novo de Dhanada, o deus da riqueza, prosseguiu ao lado do senhor dos rios e riachos ao longo do litoral.

Sentado sob um dossel branco puro com seus chouris<sup>282</sup> brancos, suas dez cabeças da cor de lápis-lazúli, usando ornamentos de ouro puro, com dez pescoços e vinte braços, o irmão mais novo de Dhanada, o inimigo dos deuses, o matador dos principais entre os ascetas, possuidor de cabeças enormes, semelhante ao Indra das montanhas, com seus dez topos, parecia belo, em sua carruagem, correndo à vontade como uma massa de nuvens coroada de raios e acompanhada por um bando de garças.

E aquele grandioso, dotado de destreza, contemplou as margens do mar com suas rochas e inúmeras árvores, carregadas de frutas e flores de todos os tipos, rodeadas por lagos de água límpida cheios de lótus, e eremitérios espaçosos com seus altares e bosques de bananeiras fornecendo brilho à cena, que era realçado por coqueiros, árvores Sala, Tala e Tamala florescentes.

Esses lugares tinham sido tornados ilustres pela presença de milhares de grandes rishis de penitências rígidas e nagas, suparnas, gandharvas e kinnaras; eles eram tornados agradáveis por siddhas e charanas, que eram totalmente autocontrolados, e aqueles descendentes de Brahma que derivavam seu alimento dos raios solares e aqueles que viviam

de alimentação simples como os ajas, vaikhanasas, mashas, valakhilyas e marichipas.<sup>283</sup> Inúmeras ninfas de beleza celeste, adornadas com guirlandas e joias, os divertiam com todos os tipos de passatempos nos quais elas se distinguiam, e as consortes auspiciosas dos deuses os honravam por residirem entre eles, enquanto danavas e outros seres celestes que se alimentavam de amrita frequentavam aquele local. Cisnes, grous, pelicanos e aves aquáticas se divertiam na relva verde-esmeralda, úmida e brilhante com a névoa do mar; carros espaçosos enfeitados com guirlandas celestes dos quais brotavam acordes de música agradável voavam aqui e ali à vontade daqueles que tinham conquistado os mundos por sua austeridade, juntamente com gandharvas e apsaras.

Ravana examinou inúmeras florestas de sândalo, cujas raízes eram cheias de seiva perfumada, deliciando o sentido do olfato, e bosques de excelentes árvores Agallocha e Takkola com árvores de pera e arbustos de pimenta preta e pilhas de pérolas jazendo na costa, e recifes de coral e promontórios de ouro e prata, cataratas de água cristalina e cidades cheias de grãos e tesouros, onde as pérolas do mundo feminino podiam ser vistas, e que eram repletas de cavalos, elefantes e carros.

Nas margens do oceano, o senhor dos titãs viu um local plano e encantador sobre o qual brisa fresca soprava parecendo o próprio céu, no centro do qual crescia uma grande figueira, como uma nuvem brilhante, onde muitos sábios se abrigavam, e por todos os lados os seus ramos se estendiam até uma



distância de vários yojanas. Foi lá que o poderoso Garuda levou um enorme elefante e uma tartaruga gigante em suas garras, querendo devorá-los entre os ramos, mas o galho quebrou sob o peso daquela ave enorme, e os vaikhanasas, mashas, valakhilyas, marichipas, ajas e dhumras estando reunidos lá, Garuda teve compaixão deles e transportou o

282 [Chouri: rabo de iaque provido de cabo e usado em solenidades indianas, como enxota-moscas e como insígnia da realeza; chamara].

283 Veja sob 'ascetas' no Glossário.

ramo junto com o elefante e a tartaruga em uma garra até uma distância de cem yojanas, onde aquela ave excelente se regalou com sua carne.

Destruindo o império dos Nishadas com o ramo cortado, desse modo libertando os sábios, a sua alegria foi redobrada e a sua energia aumentada, após o que, cheio de força, ele resolveu roubar o néctar da imortalidade. Tendo quebrado as barras de ferro, ele entrou na fortaleza enfeitada com joias e levou o amrita daquele lugar onde tinha sido escondido pelo poderoso Indra.

Foi essa mesma árvore Nyagrodha, frequentada por grupos de grandes sábios, que ainda tinha as marcas da Suparna e que

era chamada 'Subhadra', que o irmão mais novo de Dhanada agora viu diante dele.

Passando para o lado mais distante daquele senhor das águas, o oceano, Ravana viu um eremitério solitário, um retiro antigo e sagrado no meio de uma floresta. Lá ele encontrou o demônio Maricha vestido com uma pele de antílope negro, usando cabelos emaranhados e entregue à prática de ascetismo.

Ravana tendo se aproximado dele, Maricha, de acordo com a tradição, o recebeu de muitas formas não conhecidas pelo homem. Colocando alimento puro e água diante de seu soberano, ele humildemente se dirigiu a ele dizendo:

"Está tudo bem com Lanka, ó chefe dos titãs? Com qual propósito tu vieste aqui novamente tão rapidamente?"

Ao ouvir essa pergunta, o poderoso e eloquente Ravana respondeu desta maneira:

Capítulo 36 – Ravana revela seu projeto para o demônio Maricha

"Ó Maricha, ouve-me enquanto eu te conto tudo! Ó meu filho, eu estou profundamente aflito e só tu podes mitigar a minha angústia!

"Tu conheces Janasthana, foi lá que o meu irmão Khara, Dushana de braços longos, a minha irmã Shurpanakha e o poderoso Trishiras e outros titãs comedores de carne, vagueadores da noite, estabeleceram sua residência por minha ordem, para atormentar os sábios naquela vasta floresta, que estavam engajados em suas austeridades.

"Quatorze mil titãs de atos terríveis, cheios de coragem e extremamente habilidosos, moravam em Janasthana sob a liderança de Khara. Esses guerreiros poderosos reunidos lá se encontraram com Rama no campo de batalha. Providos de todos os tipos de armas, vestidos em armadura, e liderados por Khara, eles foram atacados pelo enfurecido Rama, sem uma única palavra provocativa ter sido proferida, que dirigiu as flechas de seu arco contra eles, e sob os dardos ardentes de um simples mortal, lutando sozinho e a pé, aqueles catorze mil titãs de grande coragem caíram; Khara pereceu naquela luta e Dushana foi derrubado com Trishiras também; a paz foi assim estabelecida na floresta de Dandaka.

"Tendo sido exilado para a floresta com sua esposa por um pai ultrajado, aquele mortal insignificante, Rama, o opróbrio da classe guerreira, um homem sem princípios morais, cruel, impetuoso, fanático, ávido e um escravo de seus sentidos, mora em seu eremitério, tendo renegado o seu dever. Essencialmente injusto, visando prejudicar os outros sem justa causa, dependendo só da sua própria força, ele mutilou a minha irmã por cortar fora as suas orelhas e nariz.

"Eu resolvi levar sua consorte, Sita, pela força, que parece uma filha dos deuses, e eu agora peço a tua ajuda nesse empreendimento. Ó herói, eu com meus

irmãos não tenho nada a temer dos deuses, portanto, que tu me acompanhes como um aliado leal; ó titã; tu não tens igual em orgulho e coragem em batalha e em estratégia; tu és também um mestre, sendo versado nas leis da magia.

"Ouve de mim como tu podes me ajudar melhor! Assumindo a forma de um cervo dourado, mosqueado de prata, anda para lá e para cá perto do eremitério de Rama na presença de Sita. Vendo aquela corça adorável, seguramente Sita vai dizer ao seu senhor e a Lakshmana: 'Capturem-na!'

"Quando eles estiverem bem distantes e, por sorte, Sita for deixada sozinha, eu a levarei embora sem impedimentos, como Rahu devora o esplendor da lua. O rapto de sua consorte fará Rama morrer de tristeza, e eu vou recuperar a minha felicidade e segurança com o coração totalmente satisfeito!"

Ouvindo essas palavras a respeito de Sita, as feições benevolentes de Maricha murcharam de terror e, passando a língua sobre os lábios secos, com o olhar fixo como um morto, ele olhou para Ravana. Cheio de medo, sabendo muito bem que a defesa da floresta era mantida valentemente por Rama, com as palmas unidas Maricha se dirigiu a Ravana em palavras que visavam o seu bem-estar:

## Capítulo 37 – Maricha tenta aconselhar Ravana contra o seu propósito

Ouvindo as palavras daquele soberano dos titãs, o sábio e eloquente Maricha lhe respondeu, dizendo:

"Ó rei, aqueles que recorrem à lisonja são fáceis de encontrar, mas são raros aqueles que estão dispostos a ouvir aquele discurso que é severo porém salutar. Certamente tu não conheces Rama e não estás familiarizado com as suas grandes qualidades, que se igualam às de Mahendra e Varuna.

"Tu és imprudente e teus espiões são incompetentes; como tu podes viver em segurança com teus titãs, ó amigo? Rama em sua ira não é capaz de livrar o mundo de titãs? A filha de Janaka não virá a ser o que irá determinar a tua morte? Sita não se tornará a causa de uma grande catástrofe?

"A cidade de Lanka não perecerá contigo e teus titãs, já que ela tem a ti, que segues os ditames das tuas paixões, que és escravo dos teus sentidos e que não conheces restrição, como seu senhor? Um monarca sem princípios, como tu, é escravo de seus desejos e em sua perversidade dá atenção apenas aos maus conselhos, colocando assim seus súditos e seu reino em perigo.

"Rama nem foi rejeitado por seu pai, nem é infiel ao seu dever, nem é avarento, nem perverso, nem o opróbrio da casta guerreira. O filho de Kaushalya não é desprovido de lealdade nem de outras virtudes, nem ele é dado à raiva, nem procura prejudicar os outros. Sabendo que seu pai foi enganado por Kaikeyi, mas cheio de devoção filial ele disse 'Eu cumprirei sua promessa' e foi para o exílio na floresta.

Para agradar Kaikeyi e seu pai Dasaratha, ele renunciou ao seu trono e prerrogativas, a fim de entrar na floresta de Dandaka.

Rama não é impetuoso nem é um homem ignorante, cujos sentidos são insubmissos; o que foi contado para ti é falso e nunca deveria ter sido proferido. Rama é o dever personificado; ele é virtuoso, e esse grande herói é o Senhor do Mundo, como Indra é o chefe dos deuses. Em virtude de sua castidade e sua devoção, Vaidehi protege Rama como Prabha o Sol, como tu podes pensar em levá-

la embora à força? Não entres no fogo inextinguível de Rama, que no campo de batalha usa suas flechas como chamas e seu arco como combustível. Não importa o quão grande seja a tua ira, não cabe a ti te aproximar daquele guerreiro invencível, portando seu arco, seu semblante inflamado com ira, equipado com todas as armas, o destruidor de seus inimigos!

"A menos que tu desejes perder o teu reino, a tua felicidade e a própria vida, que é preciosa para todos, não te aproximes de

Rama, que parece o próprio Antaka. Como tu podes levar embora a filha de Janaka da floresta, que é protegida pelo arco de Rama de poder imensurável? A esposa amada daquele leão entre os homens, cujo peito é largo, é mais querida para ele do que a sua própria vida, e ela é totalmente devotada a ele. A princesa de Mithila de cintura fina nunca será arrancada dos braços daquele grande guerreiro que parece uma chama em um braseiro aceso.

"Por que iniciar um esforço tão inútil, ó grande rei? Se Rama te escolher no campo de batalha, tudo estará acabado para ti. Uma vez que isso diz respeito à tua vida, tua fortuna e ao teu reino, até então invencível, te aconselha com teus ministros com Bibishana em sua chefia. Em honra reflete e pesa cuidadosamente os méritos e deméritos, ganho e perda, dessa questão. Compara o teu valor com o de Raghava! Considera qual é a tua vantagem e depois faze o que tu achares correto. Não me parece apropriado que tu enfrentes o filho do rei de Koshala no campo de batalha. Eu te aconselho para o teu próprio bem, ó rei dos viajantes noturnos!"

Capítulo 38 – Maricha descreve o seu primeiro encontro com Rama

"Ó rei, antigamente eu possuía grandes poderes e percorria a terra em um corpo semelhante a uma montanha, dotado da força de mil elefantes. Em cor como uma nuvem escura, usando braceletes de ouro fino, minha testa envolvida por um diadema, armado com uma clava, eu semeava terror nos corações de todas as criaturas.

"Vagando na floresta de Dandaka, eu me alimentava da carne de ascetas, e o grande e virtuoso sábio Vishwamitra, alarmado, foi pessoalmente ao rei Dasaratha e se dirigiu àquele Indra entre os homens, dizendo: 'Que Rama me proteja com vigilância no dia do sacrifício! Ó chefe de homens, eu temo Maricha muitíssimo'.

"A essas palavras, o monarca justo Dasaratha respondeu àquele asceta ilustre, Vishwamitra, dizendo: 'Raghava não tem ainda doze anos de idade e não é hábil no uso de armas, mas eu mesmo liderarei um exército composto de quatro angas<sup>284</sup> contra aqueles predadores da noite, ó melhor dos ascetas, e destruirei o teu adversário de acordo com o teu desejo!'

"Assim abordado pelo rei, Vishwamitra respondeu:

"Realmente tu foste o refúgio dos deuses e as tuas façanhas são famosas nos três mundos, contudo, por mais poderoso que o teu exército seja, ninguém na terra além de Rama tem o poder de derrotar esses demônios. Então fica aqui, ó flagelo de teus inimigos! Embora ainda uma criança, Rama é totalmente



capaz de subjugar os demônios, eu, portanto o levarei comigo; que tudo fique bem contigo!

"Tendo dito isso, o sábio Vishwamitra, muito satisfeito, levou o filho do rei com ele para o seu eremitério.

284 Divisões. Veja o Glossário.

"Na floresta de Dandaka ele iniciou os sacrifícios tradicionais, enquanto Rama, com seu arco encordado em prontidão, se mantinha bem próximo. Embora uma criança, com sua pele escura de tom azulado e seus olhares brilhantes, vestido com uma túnica simples, portando o seu arco, com seus cabelos amarrados em um nó, usando uma corrente dourada, ele iluminava a floresta de Dandaka com seu esplendor, como a lua nova prestes a surgir.

"Naquele momento, cheio de poder e orgulhoso das dádivas obtidas de Brahma, brilhando como uma nuvem e usando brincos de ouro, eu entrei no eremitério. Vendo-me, Rama pegou sua flecha e a colocou na corda de seu arco com cuidado. Em minha ignorância eu passei por ele, considerando-o apenas como uma criança e avancei em direção ao altar, onde Vishwamitra estava. Nisso Rama disparou uma flecha afiada fatal para seus inimigos, e me atingindo, me arremessou

ao mar, a uma distância de cem yojanas! Ó amigo, o valente Rama, não tendo desejo de me matar, poupou a minha vida, mas subjugado pela violência do golpe eu perdi a consciência e fui atirado para as profundezas do oceano. Depois de um longo tempo, recuperando os meus sentidos, eu retornei para Lanka. Embora a minha vida tenha sido poupada, os meus companheiros, que foram me ajudar, foram todos mortos pelo menino Rama de atos imperecíveis, que provou ser um mestre na ciência do tiro com arco.

"Se, me pondo de lado, tu entrares em conflito com ele, então tu certamente atrairás uma retribuição imediata, terrível e inescapável, impossível de ser evitada.

"Os titãs que não conhecem nada exceto diversões e entretenimentos de todos os tipos e que só sonham com assembleias e festividades serão mergulhados na miséria vã.

"Por conta de Sita, a cidade de Lanka, com seus templos e palácios, incrustada com todos os tipos de pedras preciosas, será arrasada sob os teus olhos. "Mesmo aqueles que são piedosos e inocentes sofrem pelas más ações de outros através de seu contato, como peixes em um lago infestado de cobras.

"Com seus membros perfumados com pasta de sândalo divina, usando ornamentos celestes, tu verás os titãs jazendo sobre a terra por causa da tua tolice. Os sobreviventes com suas consortes, exceto aquelas que foram levadas embora,<sup>285</sup>

fugirão para todas as direções, incapazes de encontrar refúgio. Sob uma saraivada de setas, rodeados por chamas, tu verás os edifícios de Lanka reduzidos a cinzas.

"Ó rei, não há pecado maior do que se unir com a mulher de outro; tu tens milhares de concubinas no teu séquito; portanto, apegando-te às tuas esposas legítimas, preserva tua linhagem, tua honra, fortuna, reino e tua vida. Se tu desejas viver feliz com tuas esposas e amigos, não entres em conflito com Rama.

"Se, apesar de meus conselhos amigáveis, tu levares Sita à força, tu e os teus parentes, junto com todo o teu exército certamente descerão para a região de Yama sob as flechas mortais de Rama".

Capítulo 39 – Maricha novamente procura dissuadir Ravana de seguir o seu plano

"Ó Ravana, eu te disse como a minha vida foi poupada; agora ouve o que aconteceu além disso.

285 ['E com suas esposas, ou viúvos, fugirão ... ' – Griffith].

"Eu não fiquei de modo algum assustado com esse evento e, acompanhado por dois demônios, entrei na floresta de Dandaka disfarçado como um cervo. Lá eu vagava vivendo da carne de ascetas, visitando os retiros sagrados, os fogos sacrificais e locais de adoração, semeando o terror entre os sábios, a quem eu perseguia. Ficando extremamente voraz, eu matava aqueles ascetas, bebendo o seu sangue e devorando a sua carne, a minha crueldade me tornando o terror de todos os habitantes da floresta.

"Enquanto eu vagava aqui e ali jogando obstáculos no caminho dos ritos religiosos, eu encontrei Rama vivendo uma vida de ascetismo com a abençoada Sita e o poderoso Lakshmana, envolvido em práticas piedosas e dedicado ao bem-estar de todos.

"Cheio de desprezo pelo poderoso Rama, que tinha se retirado para a floresta, e refletindo: "Então ele agora se tornou um asceta', eu, me lembrando da minha antiga derrota, cheio de raiva, avancei nele com chifres abaixados, em minha tolice desejando matá-lo. Mas ele, veloz como Suparna ou Anila, puxando seu grande arco, disparou três flechas afiadas e mortais, e essas flechas terríveis com pontas polidas parecendo raios, voaram como uma, sedentas de sangue.

"Conhecendo a habilidade e bravura de Rama de tempos anteriores e reconhecendo o perigo em que eu estava, eu fugi e escapei; mas os dois titãs que me acompanharam foram mortos. Tendo escapado com extrema dificuldade das flechas

de Rama preservando assim a minha vida, eu me retirei para este lugar, adotando o caminho de um asceta e praticando Yoga. Desde aquele dia eu vejo Rama, vestido em peles, usando uma pele de antílope negro, portando seu arco, em cada árvore, semelhante ao próprio deus da morte carregando seu laço! Em meu terror, eu vejo milhares de Ramas, ó Ravana! Toda a floresta assume a forma de Rama e até mesmo em lugares desertos eu o vejo! Ó chefe dos titãs, no sono também ele aparece para mim e eu me levanto bruscamente com medo. Tal é o pavor que ele inspira em mim que, mesmo aquelas palavras que começam com a sílaba 'Ra', como 'ratna'<sup>286</sup> e 'ratha',<sup>287</sup> me encham de temor.

"Tendo reconhecido a destreza daquele descendente de Raghu, eu estou convencido de que não és capaz de resistir a ele em combate, quando até Bali e Namuchi sucumbiram a ele. Se tu entrares em conflito com ele ou fizeres as pazes, não fales o nome dele para mim, se queres me ver vivo!

"Neste mundo, existem inúmeras almas virtuosas dedicadas à prática de Yoga, cumprindo todas as suas obrigações, que ainda perecem com aqueles em volta delas por culpa de outro. Eu também, portanto, seria condenado a morrer pelos erros de outros! Ó viajante noturno, faze o que tu consideras certo, mas eu não te seguirei. Realmente Rama, que é cheio de zelo, coragem e valentia, virá a ser o destruidor dos titãs desse mundo. Embora Khara de mente perversa de Janasthana tenha

sido morto por ele por causa de Shurpanakha, como, de fato, pode-se culpá-lo por isso?

"Eu proferi essas palavras para o teu bem e para o bem de teus parentes; se tu as ignorares, tu e o teu povo certamente perecerão em combate com Rama!"

286 Ratna: colar.

287 Ratha: carruagem.

#### Capítulo 40 – A ira de Ravana

Como alguém prestes a morrer recusa um remédio, desse modo Ravana repudiou as palavras sensatas e oportunas de Maricha e, tendo ouvido esse discurso salutar, respondeu em tons duros e irrefletidos, dizendo:

"Ó patife, o que tu disseste não dará resultado, como semente que é semeada em solo estéril se perde, nem alterará a minha decisão de entrar em combate com Rama, que é apenas uma criatura tola e insignificante.

"Na tua presença eu levarei a esposa amada de Rama, o matador de Khara, que renunciou a pai, mãe, reino e amigos por uma mulher sem importância. Ó Maricha, a minha mente está fixa; nem os deuses nem os titãs nem o próprio Indra podem alterar a minha decisão.

"É apropriado, quando solicitado, apresentar as vantagens e desvantagens de um projeto e o que melhor servirá ou prejudicará um intento; um ministro sábio, questionado por seu soberano, buscando o bem de seu mestre, responderá com a devida deferência, permanecendo diante dele com as palmas unidas, com palavras apropriadas para a ocasião, mas um discurso sombrio não agrada a um monarca que, tendo em conta a sua dignidade, é afrontado por isso.

"Reis de poder ilimitado representam os cinco deuses: Agni, Indra, Soma, Yama e Varuna, simbolizando ardor, valor, brandura, retribuição e perdão; portanto em todos os momentos eles devem ser honrados e reverenciados. Tu, no entanto, desconsiderando o teu dever, apenas manifestas arrogância. Tu a quem eu vim como um convidado me trataste como um canalha. Eu não te consultei sobre o que é conveniente ou adequado, ó titã, eu peço o teu auxílio nesse empreendimento. Ouve como tu podes me ajudar.

"Assumindo a forma de um cervo dourado salpicado de prata vai ao eremitério de Rama e passa para lá e para cá diante de Vaidehi; após cativá-la, tu podes partir. Vendo-te transformado em um cervo pelo teu poder mágico, Vaidehi, tomada de admiração, imediatamente chamará Rama para te capturar. Quando Kakutstha estiver longe, tendo deixado o eremitério, que tu, imitando a voz dele, profiras gritos tais como 'Ó Sita! Ó Lakshmana!'

"A esse chamado, instigado por Sita, Saumitri, por amor fraterno, estando perturbado, apressadamente seguirá na esteira de Rama. Kakutstha e Lakshmana estando ambos muito distantes, eu levarei Sita embora, como o deus de mil olhos levou Sachi. Tendo realizado isso de acordo com o meu plano, eu vou conferir a metade do meu reino a ti, ó titã.

"Ó amigo, sigas o caminho que leva ao sucesso desse empreendimento e eu te seguirei na minha carruagem. Obtendo a posse de Sita sem luta por enganar Rama, eu voltarei para Lanka contigo, com o meu objetivo realizado.

"Se tu não me obedeceres, mesmo contra a tua inclinação, ó Maricha, eu te matarei imediatamente! Eu te obrigarei! Ninguém pode obter felicidade e prosperidade por se opor à vontade de seu soberano. Realmente por chegar diante de Rama tu arriscarás a tua vida, mas a morte certa te espera se tu te opuseres a mim; portanto, reflete cuidadosamente sobre o que é mais aconselhável, e faze o que tu achares adequado".



## Capítulo 41 – Maricha dá mais conselhos a Ravana

Assim comandado pelo imperioso rei dos titãs, Maricha respondeu em tons ousados e destemidos, dizendo:

"Qual patife te aconselhou a tomar esse rumo, que levará à tua extinção, junto com teus filhos, teu reino e teus conselheiros, ó viajante da noite? Ó rei, quem é aquela pessoa má, invejosa da tua boa sorte, que procura abrir os portais da morte para ti? Seguramente ele é teu inimigo, que em sua impotência trama a tua derrota sob os golpes de um antagonista superior. Qual canalha de má intenção visa te impelir ao longo do caminho da autodestruição? Os conselheiros, que não te dissuadem do teu plano cruel, merecem a morte e ainda vivem. Ministros honestos sempre refreiam um rei que, seguindo os seus próprios desejos, entra em um mau caminho. Tu que deves assim ser guiado estás cego.

"Pela graça de seu soberano os ministros alcançam justiça, lucro, prazer e fama, mas esses objetivos nunca são encontrados, ó Ravana, se um rei é deficiente em virtude, e seu povo sofre somente infortúnio.

"Ó tu, principal dos conquistadores, o rei é a base da retidão e da boa reputação de seus súditos, ele deve, portanto ser

sempre protegido por eles. Nenhum reino sobrevive sob um soberano que é violento, arrogante e intemperado, ó viajante da noite. Os ministros que aconselham a violência perecem com seu chefe, como uma carruagem é precipitada em um abismo por um motorista imprudente. Muitas pessoas piedosas neste mundo, engajadas em seus deveres, encontraram a destruição com seus parentes por culpa de outros. Um déspota cruel é tão incapaz de proteger seus súditos quanto um chacal é incapaz de defender um bando de veados. Os titãs, cujo senhor tu és, insensato, cruel e escravo das tuas paixões, estão condenados.

"Não sou eu quem deve ser lamentado por essa calamidade inesperada que me atingiu, mas tu, que com o teu exército em breve encontrarás a destruição. Tendo sido derrubado por Rama, ele te matará rapidamente. Com minha missão realizada, eu encontrarei a minha morte sob os golpes do teu adversário. Tenhas certeza de que eu perecerei assim que aparecer diante de Rama e saibas bem que o rapto de Sita te custará a tua vida, bem como a de teus parentes.

"Se tu conseguires tirar Sita do eremitério com a minha ajuda, será o fim de ti, de Lanka e dos titãs.

"Apesar de buscar o teu bem e desejar ser de auxílio para ti, tu ignoras as minhas palavras, como aqueles para quem a última hora soa não seguem o conselho de seus amigos".

## Capítulo 42 – Maricha assumindo a forma de um cervo vai para o eremitério

Tendo dirigido essas palavras amargas a Ravana, Maricha, cheio de apreensão, disse: "Vamos, mas saibas que quando eu chegar diante daquele guerreiro equipado com flechas, espada e arco, que ele manejará para a minha destruição, a minha vida estará perdida! Não só isso, aquele que se opuser a Rama não voltará vivo! Para ti ele virá a ser a vara da morte e tu hás de cair sob os seus golpes. De que forma eu posso ajudar no teu plano perverso? Porém eu vou. Que a prosperidade esteja contigo, ó viajante noturno!"

Muito satisfeito por essas palavras, Ravana, abraçando-o calorosamente, se dirigiu a ele em voz melíflua, dizendo:

"Essa magnanimidade é digna de ti, agora que tu estás disposto a concordar com o meu pedido eu sei que tu és realmente Maricha; até aqui outro demônio se dirigiu a mim. Sobe comigo na minha carruagem alada, incrustada com pedras preciosas, à qual mulas com cabeças de trasgos estão atreladas. Após ter cativado Vaidehi de acordo com o meu desejo, foge de lá, e ela, sendo deixada sozinha, será levada para longe forçosamente por mim".

"Que assim seja", respondeu o filho de Tataka, no que Ravana subiu na carruagem parecida com um carro celeste, e deixando

aquele local solitário partiu com toda velocidade. Olhando para baixo para muitas vilas, florestas, montanhas, rios, reinos e cidades, eles finalmente chegaram à floresta de Dandaka na qual ficava o eremitério de Rama. Descendo do carro dourado, o senhor dos titãs, acompanhado por Maricha, viu o retiro de Rama e tomando aquele demônio pela mão Ravana disse-lhe:

"Aqui é eremitério de Rama à sombra de palmeiras; agora cumpre o propósito pelo qual nós viemos para cá".

Ouvindo as palavras de Ravana, Maricha em um instante se transformou em um cervo e começou a andar para lá e para cá à frente do eremitério de Rama.

Assumindo uma forma admirável, maravilhosa de se ver, com as pontas de seus chifres cravejadas de pedras preciosas, sua pele mosqueada, sua boca como um lótus vermelho, suas orelhas de cor azul celeste, seu pescoço esticado, sua barriga em um tom de safira, seus flancos da cor da flor Madhuka, brilhando como os filamentos da flor Kanja, seus cascos como esmeralda, suas pernas finas e proporcionais, suas ancas cintilando com todas as cores do arco-íris, aquele demônio em um instante havia se tornado uma gazela arrebatadora de cor iridescente, cravejada com todos os tipos de gemas, de beleza extraordinária. Toda a floresta e o retiro encantador de Rama foram preenchidos com o esplendor daquela forma, maravilhosa de se ver, que tinha sido assumida pelo titã.

A fim de captar os olhares de Vaidehi com suas cores reluzentes, ele vagueou aqui e ali na grama entre as flores. Sua pele era pontilhada com centenas de pontos prateados, dando-lhe uma aparência encantadora, enquanto ele perambulava mordiscando os brotos verdes das árvores.

Aproximando-se do círculo de palmeiras, ele passou lentamente aqui e ali, entre as árvores Karnikara no eremitério, às vezes aparecendo em plena vista de Sita. Aquele corço gracioso de muitas cores vagueou para lá e para cá nas imediações do ashrama de Rama, indo e vindo à vontade, às vezes desaparecendo à distância, então se aproximando novamente, dando saltos alegremente, depois agachando-se no chão, ou seguindo um grupo de veados; então outra vez ele aparecia à frente deles, e por todos os meios esse titã, sob a forma de uma gazela, descrevendo mil círculos alegres, procurou atrair a atenção de Sita. Os outros gamos, se aproximando, cheiravam seu perfume e então se espalhavam em todas as direções, mas o demônio, que anteriormente tinha tido prazer em matá-los, agora, para não trair sua verdadeira natureza, absteve-se de molestar aqueles que se aproximavam dele.

Enquanto isso Vaidehi de olhares brilhantes estava ocupada em colher flores, divertindo-se entre árvores karnikara, ashoka e cuta que ela tanto amava. Quando ela vagava aqui e ali arrancando as flores, aquela princesa de aparência delicada, que não merecia o exílio na floresta, viu diante de si o corço cravejado de pedras preciosas, com seus membros incrustados

com diamantes e pérolas. Vendo aquela gama, com seus belos dentes e lábios, sua pele cor de prata, Sita de cintura fina arregalou os olhos de espanto e prazer, e a corça maravilhosa, vendo a consorte

amada de Rama, continuou a andar para lá e para cá diante dela, iluminando a floresta. Olhando para aquele cervo, nunca antes visto pelo homem, Sita, a filha de Janaka, ficou assombrada.

#### Capítulo 43 – Sita é cativada pelo corço

Então a adorável Sita, de membros perfeitos e pele de cor dourada pura, colhendo flores, viu aquela corça arrebatadora com flancos dourados e prateados e muito encantada chamou seu senhor e Lakshmana, que estavam equipados com armas, dizendo: "Ó príncipe, vem depressa com teu irmão mais novo!" Assim ela gritou repetidamente, enquanto continuava a observar o cervo, e a seu chamado aqueles dois leões entre os homens, Rama e Lakshmana, voltaram os olhos naquela direção e viram o gamo.

Surpreso, Lakshmana exclamou: "Sem dúvida, o titã Maricha assumiu a forma de um cervo. Reis que caçam na floresta,

atraídos por essa forma enganosa, são mortos por ele e, ó Rama, este gamo brilhante, cujo esplendor rivaliza com o sol, é o truque de um mágico; um cervo assim não existe sobre a terra, ó mestre do mundo, ele é uma ilusão, nascida da astúcia”.

Enquanto Lakshmana estava falando assim, Sita com um sorriso encantado interrompeu-o e, estando totalmente cativada por aquela aparição, disse:

“Ó filho de um rei, esse gamo maravilhoso tomou posse do meu coração; captura-o, ó grande guerreiro, ele servirá como um brinquedo. Muitas criaturas belas, adoráveis de se ver, percorrem a floresta nas proximidades de nosso eremitério, como chamaras, srimaras e rikshas, enquanto tropas de prishatas, vanaras e kinnaras<sup>288</sup> se divertem aqui, mas, ó heróis de braços longos cheios de graça e força, eu nunca vi uma criatura selvagem cujo brilho e modos ágeis suaves fossem iguais aos desse gamo maravilhoso. Com seu corpo esbelto de muitas cores incrustado de pedras preciosas, ele ilumina toda a floresta ao meu redor com um brilho que lembra o da lua. Que beleza! Que resplandecência! Que graça! Que brilho! Esse gamo maravilhoso com seus membros graciosos me possui totalmente. Se tu puderes capturá-lo vivo, ele virá a ser um objeto de extrema admiração no eremitério, e quando o nosso exílio acabar ele será um ornamento para o palácio das rainhas.

“Ó senhor! O príncipe Bharata e minha mãe, vendo esse cervo divinamente belo, serão tomados de espanto. Se tu não

puderes capturar esse gamo maravilhoso vivo, a sua pele será preciosíssima, ó leão entre os homens. Eu me deleitarei ao me sentar em seu couro dourado, coberto de grama kusha. Eu peço perdão se esse desejo cruel parece indigno de uma mulher, mas a beleza do cervo excita a minha admiração!"

Aquela criatura graciosa com sua pele dourada, seus chifres cravejados de pedras preciosas, brilhando como o sol nascente ou a Via-Láctea, cativou o próprio Rama que, ao ouvir as palavras de Sita, cedeu ao desejo dela e alegremente se dirigiu a Lakshmana, dizendo:

"Ó Lakshmana, observa como esse cervo provocou o desejo de Vaidehi. Por causa de sua beleza suprema essa corça vai perder a sua vida hoje. Nem na

288 [Segundo Griffith, os seres são: a vaca da floresta, o cervo, o gamo, o macaco, o urso, o cervo pintalgado e os kinnaras].

floresta, nem na região de Nandana, nem na solidão de Chaitaratha, nem em qualquer lugar na terra um gamo assim existe.

"Vê como, de qualquer jeito que a sua pele aveludada listrada seja tocada, ela reluz. Quando ele abre a boca, a língua dispara para frente como uma chama brilhante em um braseiro aceso



ou um relâmpago de uma nuvem. Com sua cabeça de esmeralda e cristal, sua barriga brilhando como madrepérola, o coração de quem não seria roubado por sua beleza indescritível? Quem, ao ver essa aparição divina, brilhante como ouro, coberta com todo tipo de gema, não ficaria encantado?

"É para alimentação e por esporte em que os reis, portando seus arcos, caçam animais selvagens na floresta, e muitos tesouros de diferentes tipos são encontrados lá por acaso, como pérolas, diamantes e ouro, aumentando as posses do homem, superando a imaginação de Indra, e, ó Lakshmana, essa é a riqueza mencionada por aqueles que são versados no Artha-Shastra.

"Vaidehi de cintura fina vai sentar-se comigo no velo daquele cervo maravilhoso; nem a pele de kadali, priyaka, prabeni ou abiki se compara em textura à desse cervo. Verdadeiramente primorosa, essa gazela e sua contraparte<sup>289</sup> nos céus são ambas divinas, uma entre as estrelas e a outra na terra, mas se tu tens certeza de que essa é uma ilusão criada pelo titã, ó Lakshmana, eu vou destruí-la. Aquele Maricha cruel e de alma má matou muitos grandes ascetas vagando na floresta; inúmeros reis, armados com arcos, caçando aqui, caíram sob os seus ataques, quando ele assumiu a forma de um veado ilusório; vamos, portanto, acabar com a sua vida.

"Antigamente Vatapi oprimia os sábios aqui também, e, entrando em seus estômagos, emergia, rasgando-os, como o

embrião de uma mula pode causar a morte de sua mãe. Um dia aquele demônio enfrentou o grande sábio Agastya, dotado de poderes divinos, e foi devorado por ele quando apresentado na forma de uma oferenda por seu irmão Ilwali; quando o repasto foi concluído aquele titã gritou: 'Vatapi saia', mas o rishi excelente, abordando Ilwali com um sorriso, disse:

"Já que cegados pelo teu poder muitos sábios ilustres foram tuas vítimas nessa terra, o teu irmão foi agora totalmente consumido por mim'.

"Ó Lakshmana, esse titã também será aniquilado como Vatapi por ter me aviltado, que estou fixo em meu dever e sou mestre de meus sentidos. Ele encontrará o seu fim, como Vatapi que desafiou Agastya. Permanece aqui sem te ausentar e protege Sita com cuidado. Esse é o nosso primeiro dever, ó alegria da Casa de Raghu! Eu matarei aquele cervo ou o trarei de volta vivo; até que eu volte com o cervo, o que eu farei sem demora, fica aqui com Sita, ó filho de Sumitra. Ela terá o gamo; sua pele lhe custará a sua vida hoje. Agora vigia Sita no eremitério. Até que, com uma única flecha eu tenha derrubado esse corço mosqueado e o matado, fica aqui, ó Lakshmana, com o abutre poderoso, Jatayu, que é forte e sábio e sempre engajado em atos piedosos, e protege Maithili de todas as maneiras".

Capítulo 44 – Rama mata Maricha

Tendo dado essa ordem para seu irmão, aquele guerreiro invencível, a alegria da Casa de Raghu, dotado de grande destreza, colocou sua espada em sua bainha dourada, e pegando seu arco triplamente curvado, sua insígnia pessoal e duas

289 Isso se refere à quinta constelação lunar Mrigashira, dita parecer um cervo.

aljavas cheias de setas, ele partiu a passos largos. Vendo aquele Indra entre os homens, o rei dos animais com medo desapareceu só para reaparecer mais uma vez.

Com sua espada na cintura e levando seu arco na mão Rama correu na direção do cervo e o viu em toda a sua beleza, perto dele. Arco na mão, fixando os olhos no corço enquanto esse fugia para a floresta, ele viu que ele às dava um único salto, e, em seguida, a fim de atraí-lo para frente, permitia que ele se aproximasse. Tímido e medroso, ele saltava no ar, às vezes se tornando visível e então desaparecia nas profundezas das matas.

Como, no outono, nuvens dispersas atravessam a face da lua, de modo que ela às vezes brilha em todo o seu esplendor e em

outras parece distante, assim aparecendo e desaparecendo, Maricha, na forma de um cervo, atraiu Rama para longe do eremitério.

Kakutstha se encontrou, apesar de seus esforços, assim iludido e o gamo, fingindo fadiga, se agachava na grama ou, para melhor enganá-lo, se juntava a um bando de veados, mas quando Rama se aproximava ele fugia mais uma vez, se escondendo, apenas para voltar a aparecer à distância. Às vezes, com medo, ele se fazia invisível, então, com Rama em perseguição desesperada, ele aparecia em uma moita longe. Então cada vez mais irado, Rama tirou uma flecha reluzente mortífera, mais brilhante do que os raios do sol, e colocando-a firmemente em seu arco, esticando-o com grande energia, disparou aquela seta que se assemelhava a uma serpente flamejante.

Atirando aquela flecha flamejante, que parecia um lampejo de relâmpago, formada pelo próprio Brahma, aquela seta maravilhosa perfurou o coração de Maricha, que havia assumido a forma de um cervo. Nisso, saltando no ar tão alto quanto uma palmeira, o titã caiu mortalmente ferido e jazeu na terra, tendo apenas poucos momentos de vida. A ponto de morrer, emitindo um grito terrível, Maricha abandonou sua forma assumida.

Relembrando as palavras de Ravana e refletindo sobre como induzir Sita a mandar Lakshmana embora, para que em seu isolamento ela pudesse ser levada para longe, Maricha,

considerando que o momento estava próximo, imitando a voz de Rama, gritou "Ó Sita, ó Lakshmana!"

Atingido no coração por aquela flecha extraordinária, descartando a sua forma de veado, Maricha assumiu a forma enorme de um titã. Então Rama, vendo aquele titã de tamanho formidável, se contorcendo no chão e prestes a morrer, com seus membros cobertos de sangue, lembrou-se das palavras de Lakshmana e refletiu: "A ilusão criada por Maricha, citada por Lakshmana, se revelou, é Maricha a quem eu matei. O que Sita não fará ao ouvir o grito do titã atingido: 'Ó Sita, ó Lakshmana'? A qual situação o poderoso Lakshmana terá chegado?"

Assim refletiu o virtuoso Rama, com seu cabelo arrepiado e, tendo matado o titã na forma de um cervo e ouvido o seu grito, um grande temor se apoderou dele.

Aquele corço mosqueado estando morto, Rama rapidamente matou e agarrou a carcaça de outro veado e apressou-se em direção ao eremitério.

## Capítulo 45 – Sita envia Lakshmana para ajudar Rama

Ouvindo aquele grito de angústia, que parecia vir de seu marido, Sita disse a Lakshmana:

"Tu não reconheces a voz de Raghava? Vai depressa e vê o que aconteceu a ele. Ouvindo seu grito, o meu coração está cheio de ansiedade; ele deve estar em grande perigo para chamar dessa maneira; vai ajudar teu irmão, ele está precisando de ti. Ele foi dominado pelos titãs como um touro por leões".

Relembrando o comando de Kama, Lakshmana resistiu ao apelo de Sita e não se mexeu, no que Janaki, altamente provocada, disse-lhe:

"Ó filho de Sumitra, sob o disfarce de afeto tu mostras inimizade para com o teu irmão, visto que tu não vais ajudá-lo imediatamente! Por minha causa, Rama está prestes a morrer! Em teu desejo de me possuir, tu te recusas a seguir Raghava; tu recebes com alegria a morte dele e não tens afeição por ele. É por essa razão que tu ficas indiferente à situação dele; se ele está em perigo, de que serve a minha vida? É por causa dele que eu vim para cá".

Assim, chorando e tomada pela dor, Vaidehi falou, e Lakshmana, respondendo a ela que estava tremendo como uma corça assustada, disse:

"Ó Vaidehi, nem serpentes, titãs, seres celestes, deuses, gigantes nem demônios podem vencer teu senhor. Seguramente, ó princesa, entre deuses e kinnaras, feras e duendes, não há ninguém que possa resistir contra Rama em batalha. Ó bela, ele que é igual a Indra é invencível. Não fales

assim! Eu não me atrevo a te deixar sozinha na floresta sem Rama.

"Até mesmo os três mundos e os deuses, com o próprio Indra à sua frente, enfrentando Rama em combate, seriam superados por ele, portanto, acalma-te e elimina todo o medo. O teu senhor em breve voltará, tendo matado o cervo maravilhoso; aquela voz seguramente não é a dele, nem a de um deus; ela é uma ilusão, como a cidade dos gandharvas, e foi produzida pelo titã.

"Ó Vaidehi, tu foste deixada aos meus cuidados pelo magnânimo Rama. Ó bela, eu não ousa te deixar aqui sozinha. Nós somos um objeto de ódio para os titãs desde a morte de Khara e a destruição de Janasthana. Os titãs são capazes de simular as vozes de outros na grande floresta e têm prazer nisso para importunar os virtuosos. Ó Vaidehi, não tenhas ansiedade!"

Ao ouvir essas palavras, Sita, com os olhos flamejando de raiva, respondeu: "Ó patife de coração mau, opróbrio da tua raça, que te deleitas no infortúnio de Rama! É de se admirar que um vilão como tu, perverso, cujos motivos são ocultos, fale dessa maneira na hora da angústia de Rama? Por um excesso de perfídia, tu acompanhaste Rama para a floresta e, praticando fraude, cobiças a mim, enquanto assumes a forma de um amigo! Ou tu foste contratado por Bharata como seu agente? O teu plano como também o de Bharata não terá sucesso, ó Saumitri! Como eu desejaria outro após servir Rama de olhos

de lótus como o meu senhor? Eu preferiria abandonar a minha vida na tua presença, ó Saumitri; sem Rama, eu não posso manter a vida nessa terra nem por um instante”.

Ouvindo essas palavras cruéis, fazendo-o estremecer, Lakshmana, o mestre de seus sentidos, com palmas unidas respondeu-lhe, dizendo:

“Não é para eu te contradizer, tu és como uma deusa para mim. Uma afirmação irrefletida de uma mulher não causa surpresa. Negligente em seu dever, inconstante e irritadiça, a mulher é a causa de discórdia entre pai e filho; realmente eu não posso suportar essas tuas palavras que perfuram meus ouvidos como dardos flamejantes, ó filha de Janaka! Ó Vaidehi, que todos os habitantes da floresta testemunhem que às minhas palavras respeitadas tu respondeste com tanta amargura! Esse dia será difícil para ti por teres me aviltado, eu que sou obediente às ordens do meu irmão mais velho! Que todas as deidades te protejam, ó senhora de

olhos grandes! Presságios sinistros se apresentam para mim!  
Que eu te encontre segura quando eu voltar!

“A essas palavras, a filha de Janaka começou a chorar e lágrimas escaldantes banhavam seu rosto quando ela respondeu:

“Se eu for separada de Rama eu vou me jogar no rio Godaveri!  
Ó Lakshmana, eu me enforcarei ou entrarei no fogo, mas eu



nunca me aproximarei de qualquer outro homem além de Raghava!"

Assim protestando diante de Lakshmana, Sita, perturbada, batia em seu peito com as mãos e lamentava.

Diante de seu desespero, Lakshmana, angustiado, procurou confortá-la, mas ela se recusou a responder ao irmão de seu senhor, ao que ele, curvando-se diante dela, partiu para se reunir a Rama, olhando para trás repetidamente.

#### Capítulo 46 – Ravana se aproxima de Sita

Ferido pelas palavras amargas de Sita, Lakshmana, em seu desejo ardente de se juntar ao seu irmão mais velho Rama, partiu sem mais delongas.

Então Ravana, sob o disfarce de um mendicante, valendo-se da oportunidade, se aproximou rapidamente do eremitério com o objetivo de buscar Vaidehi. Com cabelos emaranhados, vestido com uma túnica cor de açafrão e carregando um bastão triplo e um loshta, aquele altamente poderoso, sabendo que Sita estava sozinha, a abordou na floresta, na forma de um asceta, ao anoitecer quando a escuridão encobre a terra na ausência do sol e da lua. Olhando para Sita, a consorte de Rama, Ravana parecia Rahu olhando para Rohini na ausência de Shasi.

Vendo aquela aparição monstruosa, as folhas das árvores pararam de se mover, o vento ficou imóvel, o curso turbulento do rio Godaveri diminuiu e começou a fluir tranquilamente. Ravana de dez cabeças, no entanto, tirando proveito da ausência de Rama, aproximou-se de Sita sob o disfarce de um monge de aparência venerável enquanto ela estava dominada pela aflição por causa de seu senhor.

Aproximando-se de Vaidehi em um disfarce honroso, como Saturno se aproxima da estrela Chitra, Ravana parecia um poço fundo coberto de grama. Ele ficou lá olhando para a gloriosa consorte de Rama de beleza incomparável, Sita, com seus lábios e dentes brilhantes, seu rosto tão radiante quanto a lua cheia, sentada sobre um tapete de folhas, oprimida pela tristeza, chorando amargamente.

Ao ver a princesa de Videha sozinha, vestida em um sari de seda amarela, cujos olhos se assemelhavam a pétalas de lótus, o titã, atingido pela flecha de Kama, a abordou com alegria, fingindo os tons gentis de um brâmane. Elogiando a sua beleza sem igual nos três mundos, que a fazia parecer Shri, ele disse:

"Ó tu, possuidora do brilho do ouro e da prata, que estás vestida em um sari de seda amarela e que, como uma lagoa de lírios estás envolta em guirlandas de flores frescas, tu és Lakshmi desprovida de seu lótus ou Kirti ou uma ninfa de aspecto gracioso? Tu és Bhuti de quadris esbeltos, ou Rati divertindo-se na floresta? "Quão retos, afiados e brancos são os teus dentes, como são grandes os teus

olhos levemente avermelhados com suas pupilas escuras, como são proporcionais e arredondadas as tuas coxas e quão charmosas as tuas pernas, parecendo a tromba afunilada de um elefante! Como são redondas e rechonchudas as tuas bochechas,

como o fruto polido das árvores Tala; quão encantador é teu peito, decorado com pérolas!

"Ó senhora de sorrisos doces, dentes adoráveis e olhos expressivos, como um rio varre suas margens com sua correnteza veloz assim tu roubas meu coração, ó graciosa. Tua cintura é fina, teu cabelo brilhante, os teus seios tocando um ao outro aumentam o teu encanto; nem as consortes dos deuses, dos gandharvas, dos yakshas nem dos kinnaras podem se comparar contigo. Até essa hora, eu nunca vi sobre a terra ninguém tão perfeito; tua juventude, tua beleza e tua graça são inigualáveis nos três mundos!

"Ver-te morando aqui na solidão aflige meu coração. Vem comigo! Não é apropriado que tu permaneças aqui; esse lugar é frequentado por demônios cruéis, que são capazes de assumir diferentes formas à vontade. Tu debes residir em palácios suntuosos e encantadores nas proximidades de cidades agradáveis, cercados por bosques de arbustos de cheiro doce e árvores verdes, onde tu possas passear vestida com belos mantos, enfeitada em guirlandas perfumadas, com

um consorte digno da tua beleza, ó graciosa. Ó senhora de olhos escuros de sorriso doce, tu és casada com um dos Rudras, os Maruts ou Vasus? Tu me pareces divina, mas esses não são os retiros dos gandharvas, devas ou kinnaras, mas dos titãs. Como tu chegaste aqui?

"Tu não temes viver entre macacos, leões, tigres, cervos, lobos, ursos, hienas e leopardos? Ó formosa, tu não tremes diante daqueles elefantes terríveis, enlouquecidos com a exsudação de sucos temporais, nessa grande floresta? Quem és tu? A quem tu pertences? Por que razão tu vagas sozinha na floresta de Dandaka, que é frequentada por titãs terríveis?"

Com essas palavras lisonjeiras Ravana de mente má se dirigiu a Sita, e vendo-o no disfarce de um brâmane, ela o recebeu com a hospitalidade tradicional devida a um hóspede não convidado. Levando-o a um assento, ela trouxe água para lavar seus pés e lhe ofereceu comida, dizendo: "Tem a bondade de aceitar esta refeição!" Vendo-o na forma de um duas vezes nascido com seu loshta e manto cor de açafrão, irreconhecível em seu disfarce, Sita o acolheu como um verdadeiro brâmane, dizendo:

"Senta-te, ó brâmane, e aceita essa água para lavar os teus pés, e também essa refeição, composta de frutas maduras e grãos torrados, preparada para ti, da qual, por favor, desfruta".

Assim ela o recebeu com palavras hospitaleiras, mas Ravana, com seu olhar fixo na princesa de Mithila, decidiu levá-la embora, preparando assim a sua própria destruição.

Sita, esperando ansiosamente o seu ilustre senhor retornar da caça, com o príncipe Lakshmana, examinou a floresta vasta e escurecida com os olhos, mas não foi capaz de ver Rama ou seu irmão lá.

#### Capítulo 47 – A conversa entre Ravana e Sita

Assim abordada por Ravana sob o disfarce de um mendicante, que tinha resolvido raptá-la, Sita refletiu:

'Essa pessoa é meu convidado e um brâmane; se eu não lhe responder ele pode me amaldiçoar!' E pensando assim, ela disse:

"Que o bem te aconteça! Eu sou a filha de Janaka de grande alma, o rei de Mithila, meu nome é Sita e eu sou a consorte

amada de Rama. Por doze anos, eu morei no palácio de Ikshvaku, onde todos os meus desejos eram satisfeitos e eu desfrutava de todo conforto.

"No décimo terceiro ano, o rei com a aprovação de seus ministros decidiu entronizar Rama. Tudo estando pronto para a instalação de Raghava, Kaikeyi, uma das minhas sogras, pediu uma benção de seu senhor. Tendo satisfeito meu sogro por seus serviços, ela arrancou duas promessas dele, o exílio de meu marido e a instalação de seu filho Bharata, dizendo: 'Eu não comerei nem beberei nem dormirei se Rama for entronizado e esse virá a ser o fim da minha vida'.

"O senhor da terra, meu sogro, ouvindo-a falar assim, lhe ofereceu diversos presentes, mas Kaikeyi os recusou. Naquela época, meu senhor tinha vinte e cinco anos de idade e eu dezoito. Sendo leal, virtuoso, honrado e dedicado ao bem de todos, meu senhor, Rama, dotado de braços longos e olhos grandes, era renomado em todo o mundo. Nosso pai, o rei Dasaratha, cego pela paixão, a fim de agradar Kaikeyi, não instalou Rama, e quando ele chegou diante de seu pai, para receber a coroa, Kaikeyi dirigiu as seguintes palavras amargas a ele: "Ó Ramachandra, ouve de mim o decreto emitido pelo teu pai. Este grande reino deve ser dado a Bharata e tu deves morar na floresta por quatorze anos. Agora parte e salva teu pai do pecado de perjúrio".

"Então o imperturbável Rama respondeu: 'Que assim seja' e agiu conformemente. Meu senhor de votos firmes, acostumado

a dar e não a receber ordens, que sempre fala a verdade sem prevaricação, ouvindo essas palavras aquiesceu e tem cumprido seu voto ao máximo. Seu irmão, o valente Lakshmana, um leão entre os homens e o companheiro de Rama em combate, o destruidor de seus inimigos, dado ao ascetismo, portando seu arco, seguiu Rama para o exílio comigo.

"Assim Raghava, fixo em seu voto, usando cabelos emaranhados, acompanhado por mim e por seu irmão mais novo, penetrou nas profundezas da floresta de Dandaka. Nós três fomos todos banidos do reino por Kaikeyi e, dependendo da nossa própria força, vagueamos na floresta. Permanece aqui por algum tempo, ó principal dos nascidos duas vezes, o meu senhor em breve retornará com uma abundância de raízes e frutas e carne de veado suficiente, tendo matado cervos, vacas e javalis. Mas, ó brâmane, dize-me quem és e qual é o teu nome, família e linhagem. Por que tu percorres a floresta de Dandaka sozinho?"

Ouvindo as palavras de Sita, a consorte de Rama, o poderoso titã respondeu com estas palavras duras:

"Ó Sita, eu sou aquele Ravana, o rei dos titãs, com medo de quem o mundo, os deuses, titãs e homens tremem. Ó fonte de deleite, desde que eu te vi brilhando como ouro, vestida em seda, as minhas consortes deixaram de ter a minha aprovação. Torna-te a rainha principal daquelas incontáveis mulheres, roubadas de muitos quadrantes por mim.

"Lanka, a minha capital, situada no meio do mar, está construída no topo de uma colina. Lá, ó Sita, passeia comigo nos bosques e, assim, esquece a floresta. Ó adorável, se tu te tornares minha esposa, cinco mil servos adornados com diversos ornamentos te atenderão".

A irrepreensível filha de Janaka, assim sendo abordada por Ravana, ficou cheia de indignação e respondeu àquele titã com desprezo, dizendo:

"Eu sou dependente de meu senhor, Rama, que é tão firme como uma rocha, calmo como o oceano e igual ao próprio Mahendra, Rama, dotado de todas as boas qualidades, que parece a árvore Nyagrodha em estatura. Eu sou dependente daquele guerreiro ilustre e nobre, cujos braços são longos, cujo peito é largo, cujo andar é como o de um leão, não só isso, que se assemelha ao rei dos animais; a ele, o maior dos homens, eu dou toda a minha lealdade. A Rama, cujo rosto parece a lua cheia, o filho de um rei, mestre de suas paixões, de poder e renome imensuráveis, eu sempre permanecerei fiel.

"Ó chacal, tu desejas uma leoa, mas não és mais capaz de me possuir do que de agarrar a luz do sol! Tu canalha que procuras levar a esposa amada de Raghava! Realmente tu imaginas que as árvores que vês diante de ti são feitas de ouro,<sup>290</sup> que estás buscando puxar os dentes de um leão faminto e corajoso, aquele inimigo dos cervos, ou extrair as presas de uma cobra



venenosa. Tu desejas erguer a montanha Mandara com as tuas mãos nuas ou viver tranquilamente depois de beber veneno? Tu procuras esfregar teus olhos com uma agulha e lambe uma navalha com tua língua! Tu desejas cruzar o oceano com uma pedra em volta do teu pescoço ou agarrar o sol e a lua. Ó tu que buscas roubar a amada esposa de Rama, tu estás te esforçando para carregar um fogo ardente em teu manto ou andar em pontas de ferro.

"A disparidade entre ti e Rama é como aquela entre um chacal e um leão, um riacho e um oceano, o néctar dos deuses e mingau de cevada azedo; entre ouro e ferro, sândalo e lama, um elefante e um gato, uma águia e um corvo, um pavão e um pato, um cisne e um abutre. Mesmo que tu me roubes, se aquele arqueiro poderoso, Rama, cuja destreza é igual à do Senhor de Mil Olhos, ainda viver, tu não serás mais capaz de me devorar do que uma mosca pode comer a manteiga clarificada na qual ela caiu".

Dirigindo-se àquele cruel viajante da noite dessa maneira, a inocente Sita tremia como uma folha ao vento.

Percebendo a aflição dela, Ravana, terrível como a morte, começou a se gabar de sua raça, seu poder, seu nome e seus feitos, a fim de aumentar o seu medo.

Provocado pelas palavras orgulhosas de Sita, Ravana, carrancudo, respondeu a ela em tons ferozes:

"Ó dama de bela cor, que a prosperidade te acompanhe! Eu sou irmão do senhor da riqueza, meu nome é Ravana. Eu sou o poderoso Dashagriva de quem, como todas as criaturas diante da morte, os deuses, gandharvas, pisachas, patagas e nagas fogem aterrorizados. Eu subjuguéi o meu irmão de sangue Kuvera, que por certa razão eu incitei para o combate e que, vencido por mim, fugiu alarmado de sua residência suntuosa e buscou refúgio em Kailasha, o senhor das montanhas.

"Em virtude da minha destreza eu lhe roubei a sua carruagem maravilhosa, Pushpaka, que se move de acordo com a vontade de alguém, e nela eu percorro os

290 As árvores do inferno, ditas serem feitas de ouro.

céus. Vendo o meu aspecto temível, os deuses com Indra em sua chefia fogem aterrorizados, ó Maithili. Onde quer que eu ande, o vento sopra com temperança e os raios do sol parecem os da lua. Onde eu paro, as folhas das árvores ficam imóveis e os rios deixam de fluir.

"Além do mar se encontra a minha capital magnífica, Lanka, habitada por titãs poderosos, igual à cidadela de Indra, Amaravati.

"Aquela bela fortaleza, cercada por muralhas deslumbrantes com baluartes dourados e portões de esmeralda, é uma cidade de sonhos.

"Cheia de elefantes, cavalos e carros, ecoando ao som de clarins, ela é embelezada por jardins agradáveis plantados com diversas árvores, que produzem frutos de todos os gostos desejáveis. Ó Sita, ó tu filha de um rei, naquela cidade tu viverás comigo, esquecendo-te da sina das mulheres mortais. Lá tu provarás delícias celestes! Ó senhora de feições delicadas, não penses mais Rama, que é apenas humano e cujo fim está próximo. Colocando seu filho amado no trono, o rei Dasaratha mandou seu herdeiro de destreza insignificante para a floresta. O que tu farias com aquele Rama, privado de seu reino, vivendo como um asceta na solidão, ó beleza de olhos grandes? Eu, o senhor de todos os titãs, vim a ti pessoalmente, trespassado pelas flechas do deus do amor. Não te convém me desconsiderar. Ó dama tímida, se tu me preterires, tu te arrependerás, como Urvashi, que empurrou Puraravas com o pé. Rama é só um mortal e não se iguala nem a um dedo meu em combate. Por sorte eu vim a ti; portanto te entrega a mim, ó formosa".

A essas palavras, Vaidehi, com os olhos faiscando de raiva, embora sozinha, respondeu àquele senhor dos titãs ousadamente, dizendo:

"Já que tu clamas ser o irmão do deus Kuvera, que é considerado com veneração por todos os celestiais, como tu te atreves a cometer esse ato infame, ó Ravana? Sem dúvida, todos os titãs encontrarão a destruição, tendo uma pessoa tão cruel, insensata e luxuriosa como tu como seu soberano. O raptor da consorte de Indra, Sachi, pode sobreviver, mas aquele que leva a esposa de Rama nunca viverá em paz. Ó titã, seria possível para aquele que priva o portador do raio de sua consorte de beleza inigualável viver na terra, mas aquele que me insulta nunca escapará da morte, mesmo que ele beba a água da imortalidade!"

#### Capítulo 49 – O sequestro de Sita por Ravana

Ouvindo aquelas palavras de Sita, o poderoso Ravana, batendo uma mão na outra, revelou sua forma gigantesca e, hábil em discurso, se dirigiu a ela, dizendo:

"Parece-me que tu abandonaste o teu juízo, tu não ouviste sobre a minha grande destreza e coragem? Permanecendo no espaço, eu sou capaz de levantar a terra; eu posso beber as

águas do oceano e destruir a própria morte em combate. Com as minhas flechas eu posso perfurar o sol e rachar o globo terrestre. Tu, que te permites ser enganada por qualquer truque e segues qualquer capricho, vê como eu posso mudar minha forma à vontade”.

Falando assim, Ravana, cheio de ira, com os olhos brilhando como brasas, parecia uma chama, e descartando seu aspecto benigno, ele, o irmão mais novo de Kuvera, assumiu uma forma terrível, assemelhando-se à própria morte.

Com olhos fumegantes, vítima da raiva, resplandecente em ornamentos de ouro fino, como uma nuvem escura, aquele viajante da noite apareceu diante dela com suas dez cabeças e vinte braços. Abandonando seu disfarce de asceta, o rei

dos titãs tomou sua forma natural; vestindo um manto vermelho-sangue, ele cravou seus olhos naquela pérola entre as mulheres, Maithili, dirigindo-se em seguida a ela, que se parecia com o sol, cujo cabelo era escuro e que estava vestida com um manto e joias, dizendo:

“Ó dama formosa, se tu desejas um mestre famoso em todos os três mundos então te entrega a mim. Eu sou um marido digno de ti; que tu me sirvas para sempre! Eu te farei uma grande honra e jamais vou te desagradar. Renunciando ao teu apego a um homem, coloca o teu afeto em mim. O que te liga a Rama, ó tu tola que te julgas sábia; ele que foi banido de seu

domínio, que falhou em cumprir seu destino e cujos dias estão contados, Rama, que pela ordem de uma mulher abandonou reino, amigos e povo para morar em uma floresta frequentada por animais selvagens?"

Falando desse modo para Maithili, que era digna de ternura e de fala gentil, aquele titã cruel, inflamado pela paixão, a agarrou como Budha apanha Rohini. Com sua mão esquerda ele agarrou o cabelo de Sita de olhos de lótus, e com a direita, as coxas dela. Vendo Ravana com seus dentes afiados como o pico de uma montanha, parecendo a própria morte, os seres celestes fugiram apavorados. Então instantaneamente a grande carruagem pertencente a Ravana, feita de ouro, à qual mulas zurrando estavam atreladas, apareceu e, dirigindo-se a Sita em tons rudes, ele a levantou e, apertando-a, subiu no carro.

Então a virtuosa e desafortunada Sita, sendo dominada pelo titã, começou a gritar alto, "Rama! Rama!", mas ele estava longe nas profundezas da floresta. Embora ela não tivesse amor por ele, Ravana, ardendo de paixão, ergueu-se alto no ar com ela, enquanto ela lutava como a consorte do Indra das serpentes.

Vendo-se levada através do ar pelo rei dos titãs, Sita com gritos estridentes, perturbada pela angústia, gritou: "Ó Lakshmana, ó guerreiro de braços longos, sempre contribuindo para a satisfação dos teus superiores, tu não sabes que eu estou sendo levada por um titã capaz de assumir qualquer

forma à vontade? Ó Raghava, tu, que estás disposto a renunciar à vida e à felicidade pela causa do dever, tu não vês que eu estou sendo raptada por alguém de maldade sem igual? Ó tu, o flagelo de teus inimigos, tu não estás acostumado a punir os malfeitores? Por que tu não subjugas a arrogância desse titã perverso? É verdade que uma má ação não dá frutos imediatamente, mas o tempo faz o grão amadurecer.

“Por esse ultraje, privado da tua razão pelo destino, tu, ó Ravana, encontrarás uma vingança terrível, acarretando o teu fim. Ai de mim! Os planos de Kaikeyi são coroados com sucesso, visto que eu, a consorte virtuosa de Rama, sou separada daquele herói. Eu invoco as árvores Janasthana e as florescentes Karnikaras, para que elas possam dizer a Rama rapidamente que Sita foi levada por Ravana! Eu apelo ao rio Godaveri, que ressoa ao grito de grous e cisnes, para informar a Rama que Ravana roubou Sita! Oferecendo saudações às divindades da floresta, eu as invoco para contar ao meu senhor do meu rapto! Eu rogo a todas as criaturas, sejam elas quais forem, seja animal ou ave ou aquelas que habitam a floresta, para anunciar essa notícia para Rama e lhe contar que a sua esposa delicada, para ele mais preciosa do que a vida, foi levada à força por Ravana. Se a morte fosse a minha raptora, ele de braços poderosos, ouvindo essa informação, me salvaria por sua destreza!”

No limite da sua dor, Sita de olhos grandes, proferindo esse lamento, viu o abutre Jatayu, pousado em uma árvore. Ao vê-

lo, a bela Sita, levada por Ravana, que estava cheio de desejo carnal, gritou em tons comoventes:

"Ó nobre Jatayu, vê como eu estou sendo impiedosamente levada pelo perverso rei dos titãs, como uma mulher desprovida de seu protetor. Tu não serás capaz de resistir a ele, pois esse cruel e malvado viajante noturno é poderoso, arrogante e provido de armas. No entanto, ó ave, leva as notícias do meu sequestro para Rama e Lakshmana e lhes conta tudo, não omitindo nada".

## Capítulo 50 - Jatayu ataca Ravana

Jatayu, que estava dormindo, acordou ao ouvir essas palavras e viu Ravana e a filha de Videha.

Nisso, o rei das aves, com seu bico afiado semelhante ao pico de uma montanha, pousado na árvore, falou brandamente com Ravana, dizendo:

"Ó Dashagriva, eu sou familiarizado com os Puranas, firme em meus votos, e sigo o caminho do dharma. Ó irmão, não cabe a ti cometer essa infâmia na minha presença! Meu nome é Jatayu, o rei dos abutres; ela a quem tu procuras levar é a bela Sita, a consorte fiel e ilustre do protetor dos mundos, aquele



senhor de homens, Rama, o filho de Dasaratha, que é igual a Varuna e Mahendra e sempre engajado no bem-estar de todos os seres.

"Como pode um rei, fixo em seu dever, olhar para a esposa de outro homem? Ó tu de bravura imensa, tu deves especialmente defender as consortes de reis, portanto, controla a tua vil inclinação para insultar a esposa de outro. Um homem nobre sempre evitará aquilo que possa trazer opróbrio a ele, e protegerá a esposa de outro como se fosse a sua.

"Ó deleite de Pulastya, quer se trate daquilo que é conveniente ou aceitável, na ausência da autoridade das escrituras, homens de honra seguem o exemplo de um rei em questões de dever. Um rei representa o dever, um rei representa o desejo e é o tesouro supremo de seus súditos; ele é a raiz do bem e do mal.

"Ó rei dos titãs, tu és mau e inconstante por natureza; como tu obtiveste um reino, como um pecador ganhando a morada celestial? É difícil para um homem desregrado e irascível mudar sua natureza; conselhos nobres não são muito lembrados por pessoas perversas. Já que o poderoso e virtuoso Rama nunca fez uma ação má no teu reino ou capital, por que tu procuras provocá-lo? Rama de ação irrepreensível é culpado se ele matou o cruel Khara em Janasthana por conta de Shurpanakha? Por que tu buscas roubar a consorte daquele senhor de homens? Solta Vaidehi neste instante, para que, com seu olhar terrível semelhante a um braseiro brilhante, ele não te consuma, como Indra reduziu Vritra a cinzas com seu raio.

"Ó Ravana, tu estás inadvertidamente carregando uma serpente altamente venenosa no teu manto; sem perceber isso, tu estás usando o laço da morte em volta do teu pescoço. Um homem só deve suportar aquele peso que não vai esmagá-lo e comer apenas aquilo que não dá origem à doença. Quem se envolveria em um ato que não é louvável, nem justo, nem honrado, e que vai custar-lhe a vida? "Ó Ravana, eu tenho sessenta mil anos de idade e governei o domínio dos meus antepassados com justiça. Eu sou extremamente idoso, tu és jovem e estás equipado com um arco, armadura e flechas, em um carro, contudo tu não escaparás sem dano, se tu procuras levar Vaidehi. Tu não serás capaz de levá-la à força na minha presença mais do que é possível destruir a sabedoria do Veda pela lógica.

"Se tu não tens medo, ó Ravana, então para um instante e luta! Tu cairás na terra como Khara antes de ti! Rama, vestido em mantos de pele, que mais de uma vez venceu os daityas e danavas no campo de batalha, logo teria te matado em combate. Quanto a mim, o que eu posso fazer? Os dois príncipes estão longe, e sem dúvida tu estás fugindo com toda pressa por medo deles, patife! No entanto, enquanto eu viver, tu não levarás a adorável Sita, a consorte amada de Rama, cujos olhos lembram as pétalas do lótus. Mesmo arriscando a minha vida eu prestarei esse serviço ao magnânimo Rama, como se ao próprio rei Dasaratha. Para! Para! Ó Dashagriva,

reflete só por um momento. Ó Ravana, eu te derrubarei da tua grande carruagem como um fruto maduro de seu caule! Ó predador noturno, eu te desafio a lutar até o fim”.

## Capítulo 51 – O combate entre Jatayu e Ravana

Enquanto Jatayu, o rei das aves, estava falando assim, Ravana, aquele Indra entre os homens, usando brincos de ouro, com os olhos vermelhos de raiva, caiu sobre ele e uma luta terrível se seguiu no céu, assemelhando-se a nuvens impelidas pela força do vento; naquele conflito Jatayu, o rei dos abutres, e Ravana, o senhor dos titãs, pareciam duas grandes montanhas aladas.

Então Ravana começou a derramar inúmeras flechas de pontas de aço sobre o poderoso rei dos abutres, mas ele, o principal daqueles cujas asas são sua carruagem, as recebeu impassível e com os pés e garras afiadas aquele principal dos pássaros infligiu incontáveis ferimentos ao titã. Então Dashagriva, cheio de fúria, ansioso para destruir seu adversário, tirando setas formidáveis, iguais ao deus da morte, puxou seu arco até seu ouvido e perfurou o abutre com aquelas flechas, as quais, voando direto para o seu alvo, penetraram nele com suas pontas de aço.

Vendo a filha de Janaka, com os olhos banhados em lágrimas, no carro do titã, Jatayu, ignorando aquelas flechas, atirou-se em seu oponente e, com suas garras aquele valente príncipe da tribo emplumada quebrou aquele arco decorado com pérolas e gemas e as setas também.

Então Ravana, num acesso de raiva, pegou outro arco e cobriu-o com uma chuva de centenas e milhares de flechas. Enterrado sob aquelas flechas, Jatayu parecia um pássaro em seu ninho, mas batendo as asas ele rompeu aquela nuvem de flechas e com suas garras afiadas quebrou aquele arco poderoso; com um golpe de suas asas ele despedaçou o escudo brilhante de Ravana, que se assemelhava ao fogo, e afastou os dardos flamejantes que o cercavam.

Então Jatayu, naquele conflito, matou as mulas velozes com cabeças de demônios, atreladas com ouro, e destruiu o carro de Ravana, provido de um estandarte triplo de varas de bambu, que era guiado apenas pelo pensamento, brilhante como fogo, com seus degraus cravejados de pedras preciosas. Com um único movimento de suas asas Jatayu derrubou o dossel, como a lua cheia, com os chouris e os titãs que os manuseavam.

Com seu arco quebrado, privado de seu carro, cavalos e auriga, Ravana saltou para o chão, apertando Sita contra seu peito. Vendo Ravana descer, com seu carro destruído, todos os seres expressaram a sua alegria e louvaram o rei dos abutres repetidamente, prestando reverência a ele.

Ravana, porém, percebendo que o herói alado estava enfraquecendo por exaustão e pela idade, muito encorajado, ergueu-se alto no ar, apertando a filha de

Janaka junto a ele. Embora sem um arco, suas outras armas estando quebradas em combate, possuindo só sua espada, ele apertou Janaki apaixonadamente contra seu peito. Em seguida, o rei dos abutres disparou em direção a ele, barrando sua passagem, e disse-lhe:

"Ó insensato, tu estás levando embora a amada consorte de Rama, radiante como um relâmpago; é para a tua perdição que tu efetuaste o rapto dela. Como homens sedentos bebendo água potável, tu estás engolindo veneno, com teus amigos, parentes, ministros, exército e povo. Aqueles que por falta de discriminação não conseguem prever as consequências de seus atos logo perecem, assim tu também encontrarás o teu fim.

Pego no laço da morte, para onde tu fugirás? Tu és como o peixe que engole o anzol bem como a isca. Seguramente aqueles dois heróis invencíveis, filhos da Casa de Raghu, não vão tolerar a violação de seu domicílio. O ato que tu cometeste baixamente será condenado pelo mundo, como o caminho frequentado por bandidos é evitado por pessoas honestas. Se tu não és um covarde, luta, ó Ravana, ou pausa um instante e tu jazerás morto sobre a terra, como o teu irmão Khara. Realmente tu estás empenhado naquilo que virá a ser a tua

destruição, como alguém que à beira da morte comete um ato cruel. Aquelas ações que levam ao mal não são realizadas nem pelo Senhor da Criação, o próprio Swyambhu”.

Proferindo essas palavras duras, o valente Jatayu precipitou-se sobre o demônio de dez cabeças e, agarrando-o em suas garras, rasgou sua carne como o condutor de um elefante rebelde. Infligindo ferimentos profundos, ele mergulhou seu bico em suas costas e arrancou seus cabelos com suas garras. Assim atacado pelo rei abutre, o titã, tremendo de raiva, apertando Vaidehi contra o seu lado esquerdo, espumando de fúria, atingiu Jatayu com a palma da sua mão, no que o poderoso abutre Jatayu, o destruidor de seus inimigos, atirou-se sobre Dashagriva e com o bico arrancou seus dez braços esquerdos. Seus braços sendo cortados, em um instante outros dez brotaram de novo, como serpentes saindo de um formigueiro, cuspidando veneno.

Então, em sua ira, o poderoso Dashagriva soltou Sita para repelir o rei dos abutres com seus punhos e pés, e uma luta poderosa começou entre aqueles dois combatentes intrépidos, o chefe dos titãs e a principal das aves, até que Ravana, puxando a espada, cortou as asas e os pés de Jatayu, perfurando o lado daquele campeão de Rama. O viajante dos céus tendo cortado as duas asas daquele rei dos abutres, Jatayu caiu ao chão, prestes a morrer, e vendo-o no chão, banhado em sangue, Vaidehi, extremamente aflita, disparou em direção a ele, como para alguém da sua própria família.

Então o senhor de Lanka viu aquela ave nobre de destreza excelente, com seu peito amarelo e plumagem parecendo uma nuvem escura, jazendo sobre a terra, como uma tocha extinguida, após o que a chorosa Sita, filha de Janaka, cujo rosto era como a lua cheia, apertou aquela criatura alada, vítima do cruel Ravana, contra seu peito.

Capítulo 52 – Jatayu estando morto, Ravana retoma sua fuga

Vendo aquele rei dos abutres derrubado por Ravana, ela, cuja face era tão formosa quanto a lua, tomada pela dor, irrompeu em pranto, gritando:

"Visões, presságios, sonhos e gritos de aves são os sinais inevitáveis de boa ou má sorte entre os homens. Ó Kakutstha, por minha causa animais e aves estão fugindo; tu não compreendes que uma grande calamidade caiu sobre mim? Ó Rama, essa ave, com pena de mim, tentou me libertar e agora está morrendo na terra devido ao meu mau destino! Ó Kakutstha, ó Lakshmana, se apressem para me ajudar!"

Assim aquela mulher adorável gritou em seu terror, como se eles pudessem ouvi-la, e o chefe dos titãs, Ravana, continuou a

perseguiu-a, que, longe de seus protetores, portando uma guirlanda desbotada, estava pedindo ajuda. Agarrando-se às árvores como uma trepadeira que se entrelaça, gritando: "Salvem-me! Salvem-me!", ela correu para cá e para lá perseguida pelo rei dos titãs. Sem Raghava, que estava muito longe na floresta, ela estava chamando "Rama, Rama!" quando Ravana, assemelhando-se à própria morte, para a sua própria destruição agarrou-a pelos cabelos.

A esse ultraje, todo o universo de seres animados e inanimados tremeu e uma profunda escuridão cobriu tudo. O vento ficou imóvel, o sol escureceu, e o avô do mundo, o próprio Swyambhu, por meio de seu poder divino vendo Sita derrotada, exclamou: "Nosso propósito está realizado!" Vendo mãos violentas colocadas em Sita, os sábios ilustres que habitavam a floresta de Dandaka, reconhecendo que a destruição de Ravana estava agora assegurada, se encheram de alegria!

O senhor dos titãs, no entanto, segurando Sita que estava chorando e gritando: "Rama! Rama! Ó Lakshmana!" subiu com ela no ar.

Da cor do ouro derretido, vestida com um sari amarelo, aquela filha de um rei parecia o relâmpago através das nuvens; seu manto de seda, flutuando ao vento, dava a Ravana a aparência de um vulcão em chamas, e as folhas de lótus acobreadas e perfumadas, caindo de Vaidehi de beleza incomparável, o cobriram. Sua túnica de seda amarela flutuando no ar parecia uma nuvem iluminada pelo sol poente, mas seu semblante puro,



enquanto ela estava sendo transportada através do espaço para longe de Rama, tinha perdido o seu esplendor, como um lótus separado de seu caule.

Semelhante à lua se erguendo do coração de uma nuvem escura, Sita, com suas belas sobrancelhas coroadas com belos cachos, parecia como um lótus em flor que tinha perdido o seu brilho.

Com seus dentes afiados e brilhantes, olhos gloriosos, nariz bem formado, boca doce e lábios de rubi, ela se parecia com a lua, adorável de se contemplar, e transportada pelo ar no colo de Ravana, seu rosto, banhado em lágrimas, brilhava tão fracamente quanto aquele orbe durante o dia.

Sita de cor dourada vista contra o titã de cor escura parecia a cilha de ouro que envolve um elefante. Como o lótus amarelo, a filha de Janaka com seus ornamentos brilhantes iluminava Ravana como um raio ilumina uma nuvem de tempestade, e acompanhado pelo som das joias dela se chocando o rei dos demônios se parecia com uma nuvem murmurante.

Enquanto Sita estava sendo levada, as pétalas de seu cabelo caíram em uma chuva sobre a terra, e essa chuva de flores, causada pela fuga rápida de Ravana, o cobriu também, como uma coroa de estrelas circunda o monte Meru, e de repente a sua tornozeleira, incrustada com pérolas, atingiu o solo como um relâmpago.

Como galhos rosados ela cobria os membros escuros do rei dos titãs com um brilho igual à cilha dourada de um elefante e, como um meteoro imenso ilumina os

céus com seu esplendor, assim ela foi levada através do ar pelo irmão mais novo de Vaishravana.

As joias dela, reluzindo como fogo, caíram tilintando no chão, onde se partiram em pedaços, como meteoros caindo do firmamento, e sua corrente de pérolas, brilhante como a lua, caiu de seu peito, emitindo um brilho de luz, como o Ganges caindo do céu.

As árvores, abrigando uma miríade de aves, fustigadas pelo vento seguinte que balançava os galhos mais altos, pareciam sussurrar "Não temas!", e os lagos, atapetados com lótus murchos, repletos de peixes e criaturas aquáticas afetadas, pareciam estar chorando por Maithili como por uma amiga. Avançando irados por todos os lados, leões, tigres e outros animais e aves seguiam a sombra de Sita, e as montanhas também, com suas cataratas como rostos banhados em lágrimas, seus topos como braços erguidos, pareciam lamentar por Sita, enquanto ela estava sendo levada. Vendo Vaidehi carregada pelo ar, o sol glorioso, oprimido pela tristeza, perdeu seu brilho e se tornou apenas disco pálido.

"Não há justiça, nem equidade, nem verdade, nem sinceridade, nem bondade, visto que a consorte de Rama, a princesa de

Videha, está sendo levada por Ravana". Assim os seres reunidos lamentavam, enquanto os filhotes das criaturas selvagens, abandonados e aterrorizados, emitiam gritos lamentosos. Erguendo os olhos, vítreos de medo, repetidamente, as deidades da floresta, totalmente trêmulas, testemunharam a angústia de Vaidehi, que estava sendo levada para longe de forma tão cruel e que olhava constantemente em direção à terra e gritava com voz fraca: "Ó Lakshmana, ó Rama".

A sincera Vaidehi, com seu cabelo ondeando atrás dela, sua tilaka apagada, foi levada por Dashagriva para a sua própria destruição; Maithili com seus belos dentes e sorriso gracioso, sem seus amigos, não vendo Rama ou Lakshmana, empalideceu e se sentiu totalmente esmagada sob o peso de seu desespero.

### Capítulo 53 – Sita censura Ravana

Encontrando-se levada pelo espaço, Maithili, filha de Janaka, muito alarmada e cheia de angústia, em um acesso de medo, com os olhos vermelhos de lágrimas e indignação, sua voz quebrada por soluços, se dirigiu àquele feroz rei dos titãs que a estava levando para longe, em tons queixosos, dizendo:

"Ó patife vil, tu não te envergonhas desse ato? Sabendo que eu estava sozinha, tu puseste as mãos em mim e me carregaste. Ó ser pecaminoso, foste tu que, procurando me raptar, na forma de um cervo atraíste o meu senhor para longe pelo poder de ilusão.

"O rei dos abutres, aquele amigo do meu sogro, que procurou me defender, está morto! Realmente tu mostraste grande coragem, ó último dos titãs! Para a tua eterna vergonha, tu não me ganhaste em luta justa, mas sem revelar o teu nome!<sup>291</sup> Tu não te envergonhas de cometer tal ultraje? Canalha que és, para roubar uma mulher que é indefesa e a esposa de outro! A tua façanha desonrosa será proclamada em todos os mundos. Maldito sejas tu, ó bárbaro infame, que te gabas do teu heroísmo! Maldita seja essa bravura e destreza, ó tu, o opróbrio da tua raça, maldito sejas tu no mundo, pela tua conduta! Como alguém conteria a ti que foges

<sup>291</sup> Era tradicional anunciar o próprio nome antes de entrar em combate.

tão precipitadamente? Para só por um instante e a tua vida estará perdida! Se tu ficasses ao alcance daqueles dois reis dos homens tu não sobreviverias por um único momento, mesmo que estivesses apoiado por um exército! Como uma ave não é

capaz de suportar o ardente fogo florestal, tampouco tu poderias suportar a menor de suas flechas; portanto, para o teu próprio bem, me solta imediatamente, ó Ravana!

"Provocado pelo meu sequestro, meu senhor, com a ajuda de seu irmão, vai se esforçar para te destruir se tu não me deixares ir. A tua má intenção, por causa da qual tu procuras me levar, esse propósito vil, nunca encontrará a realização; pois mesmo se eu nunca mais visse meu senhor, que é dotado de sabedoria suprema, e caísse vítima de um inimigo, eu não sobreviveria por muito tempo.

"Tu desconsideras o teu próprio bem e pareces alguém que, em sua última hora, escolhe o que é fatal para si; ninguém que deseja esse fim procura aquilo que irá salvá-lo. Eu vejo o laço da morte em volta do teu pescoço, já que tu não tremes nessa emergência, ó titã. Sem dúvida, tu verás aquelas árvores douradas, com folhas como espadas afiadas e o terrível rio Vaitarani fluindo com sangue e a terrível floresta e a árvore Shamali, com suas flores de ouro refinado e suas folhas de esmeralda, com espinhos de ferro.<sup>292</sup>

"Tendo feito essa afronta a Rama de grande alma, tu não sobreviverás ao veneno que engoliste, ó impiedoso. Tu estás preso firmemente no laço da morte; para onde tu te voltarás em busca de proteção contra o meu senhor magnânimo? Ele que, num piscar de olhos, sem seu irmão, destruiu quatorze mil demônios em combate, como aquele herói, descendente da Casa de Raghu, hábil no uso de todas as armas, cheio de valor,

não te perfurará com suas flechas afiadas, tu que roubaste sua amada esposa?"

Com essas palavras desafiantes e outras proferidas em tons lamentosos, Vaidehi, levada para longe nos braços de Ravana, se dirigiu a ele, embora cheia de aflição e medo. No entanto, apesar de sua angústia e lamentações, Ravana continuou seu caminho, carregando aquela princesa doce e gentil, que ainda lutava para se libertar.

#### Capítulo 54 – Ravana chega a Lanka com Sita

Levada por Ravana, Vaidehi, não vendo ninguém que a defendesse, de repente observou cinco macacos poderosos em pé no cume de uma montanha.

Então aquela princesa de olhos grandes de encantos extraordinários deixou cair entre eles o seu manto de seda, brilhante como ouro, e suas ricas joias. Refletindo 'Que eles transmitam as notícias para Rama', a bela Sita deixou cair seu manto e ornamentos no meio deles.

Em sua ansiedade Dashagriva de olhos vermelhos não viu esse procedimento, mas aqueles macacos excelentes viram Sita de olhos grandes, que não moveu suas pálpebras enquanto estava gritando.<sup>293</sup> Então aquele senhor dos titãs, passando além do

lago Pampa, com o rosto voltado para Lanka, continuou seu caminho, agarrando a lamentosa Maithili. Embora sentindo um êxtase de alegria,

292 Na região do inferno.

293 Assim não revelando a sua intenção para Ravana.

Ravana de fato estava carregando a sua própria destruição em seus braços, como uma serpente venenosa e de dentes afiados.

Percorrendo o ar, ele deixou para trás florestas, rios, montanhas e lagos e, acelerando como uma flecha disparada de um arco, ele passou sobre aquele santuário de baleias e crocodilos, a morada indestrutível de Varuna, o refúgio dos rios, o oceano. Vendo Sita raptada, as águas ficaram agitadas e as grandes serpentes e peixes ficaram assustados.

Então as vozes dos siddhas e charanas podiam ser ouvidas no céu, dizendo: "O fim de Dashagriva está próximo!" Ravana, no entanto, que simbolizava a própria morte, carregando Sita que se debatia em seu colo, entrou na cidade de Lanka.

Chegando àquela capital com suas estradas amplas e espaçosas, ele entrou no palácio e penetrou nos apartamentos

internos. Foi lá que Sita de sobancelhas escuras, vítima do sofrimento e do desespero, foi estabelecida por Ravana em seu próprio domínio, como Maya derrama sua ilusão.

Então Ravana se dirigiu àqueles demônios de aspecto terrível, dizendo: "Que ninguém veja Sita sem a minha autorização! É minha vontade que ela tenha pérolas, rubis, vestes e ornamentos na medida de seu desejo! Quem quer que fale asperamente com ela, consciente ou inconscientemente, vai perder a vida!"

Tendo falado assim para as mulheres titãs, Ravana deixou o aposento interno e começou a refletir sobre o que mais deveria ser feito agora.

Observando oito titãs valentes, comedores de carne, aquele extremamente poderoso, cego pela bênção que havia recebido, após exaltar a força e o heroísmo dele, lhes disse:

"Equipados com todos os tipos de armas dirijam-se com toda velocidade para Janasthana, onde Khara residia antigamente e, criando coragem, banindo todo o medo, se estabeleçam naquele local, que é agora um deserto por conta do massacre dos titãs. Um exército grande e poderoso estava entrincheirado em Janasthana, que, com Khara e Dushana, foi destruído em combate com Rama. Desde aquele momento, uma ira desmedida que eu não posso controlar tomou posse de mim, impedindo todo resto. Eu quero me vingar do meu inimigo jurado, nem vou dormir até tê-lo matado em combate. Na hora



que eu causar a morte do matador de Khara e Dushana eu me regozijarei, como um mendigo ao adquirir riqueza.

"Estabelecidos em Janasthana, me mantenham informado escrupulosamente a respeito de Rama e seus movimentos. Sem descanso, que os viajantes da noite entrem em ação e se esforcem constantemente para provocar o fim de Rama. Estando familiarizado com a sua bravura, que eu tenho testemunhado muitas vezes no campo, eu escolhi vocês para irem para Janasthana".

Ouvindo essas palavras lisonjeiras e significativas de Ravana, aqueles titãs, curvando-se a ele, deixaram Lanka em um grupo e tomaram a direção de Janasthana com toda pressa, tendo primeiro se feito invisíveis.

Mas Ravana, tendo garantido a filha de Mithila e a levado para o palácio, embora tivesse assim incorrido na hostilidade de Rama, entregou-se a êxtases de alegria sem sentido.

## Capítulo 55 – Ravana implora para Sita se tornar sua consorte

Após emitir comandos para aqueles oito titãs, conhecidos por sua bravura, Ravana, cuja percepção era nublada, considerou que tinha se preparado para qualquer eventualidade.

Pensando em Vaidehi, violentamente perfurado pelas flechas do deus do amor, ele se apressou para os seus aposentos suntuosos, ardendo de desejo pela sua presença. Entrando lá, Ravana, o rei dos titãs, observou Sita tomada pela dor, rodeada de mulheres titãs, como um navio naufragando no mar à mercê de uma tempestade ou uma gazela separada do bando cercada por cães de caça.

Então Ravana, aproximando-se daquela princesa, cuja cabeça estava baixa e que estava desconsolada, a obrigou a olhar para aquela mansão que parecia a residência dos deuses, contendo muitos andares e aposentos espaçosos, habitada por inúmeras mulheres e enriquecida por incontáveis pedras preciosas, enquanto bandos de pássaros a enchiam com seu gorjeio. Graciosos pilares de ouro, marfim, cristal e prata, incrustados com esmeraldas e diamantes podiam ser vistos, e gongos celestes ressoavam lá.

Ravana, em companhia de Sita, subiu a magnífica escadaria dourada, ornamentada com ouro polido. Aqueles altos edifícios possuíam excelentes janelas de ouro e marfim cobertas com grades de ouro, e seus pisos de mármore eram incrustados com pedras preciosas que derramavam seu brilho em todos os lugares. Então Dashagriva mostrou a Maithili as fontes e piscinas cobertas com flores de lótus e todos os tipos de flores; tudo isso ele levou ao conhecimento de Sita que estava tomada de aflição; e depois de dirigir a atenção de Vaidehi para os

esplendores do palácio, aquele patife perverso, com a intenção de seduzi-la, disse:

"Ó Sita, além de idosos e crianças, dez mil titãs, vagueadores noturnos, todos os quais são famosos por suas façanhas, me reconhecem como seu senhor, e cada um entre eles colocou mil servos leais à minha disposição. Esse estado inteiro, como também a minha vida, são teus, ó senhora de olhos grandes. Tu és mais querida para mim do que a própria vida! Ó Sita, torne-te a rainha daquelas numerosas mulheres excelentes que são minhas esposas. Ó amada, sê minha consorte, isso é para o teu benefício. O que adianta considerar qualquer outra coisa, dá a tua consideração à minha proposta; cabe a ti olhar favoravelmente para mim, que estou ardendo de desejo.

"Cercada pelo mar, essa cidade de Lanka, se estendendo por cem yojanas, nunca pode ser tomada pela tempestade, nem mesmo pelos próprios deuses com Indra em sua chefia. Entre os celestiais, yakshas, gandharvas e nagas, eu não posso ver ninguém em todos os mundos igual a mim em destreza. Privado de seu reino, sem posses, dedicado a práticas ascéticas, viajando a pé, o que tu podes esperar de Rama, um mero homem sem recursos?

"Ó Sita, eu sou um consorte digno de ti, me aceita; a juventude logo passa, ó querida; desfruta dessas delícias comigo. Ó senhora de aparência encantadora, não penses em ver Raghava novamente. Como ele poderia vir aqui, mesmo em pensamento? Quem pode acorrentar o vento impetuoso no céu

ou agarrar a chama pura de um braseiro? Nada nos três mundos pode te roubar dos meus braços. Governa esse vasto império de Lanka e todos os seres, animados e inanimados; até eu e os deuses seremos teus servos. Banhando-te em águas cristalinas, sê feliz e vive em deleite. O teu antigo mau karma foi expiado pelo tempo passado por ti na floresta. É aqui que serás capaz de colher o fruto das tuas boas ações. Em minha companhia, ó Maithili, desfruta dessas guirlandas com sua fragrância divina e desses ornamentos magníficos. Comigo te diverte na carruagem aérea Pushpaka,

brilhante como o sol, que já foi de Vaishravana, que eu ganhei pela minha bravura em combate, aquele carro vasto e belo, rápido como o pensamento.

"O teu rosto, perfeito e adorável de se ver, puro como uma flor de lótus, está pálido por conta da tristeza e perdeu seu esplendor, ó senhora de membros encantadores e feições graciosas".

Enquanto ele falava, a bela Sita cobriu o rosto que brilhava como a lua com a bainha de seu manto e permitiu que suas lágrimas fluíssem.

Nisso o pecaminoso Ravana, aquele viajante da noite, dirigiu-se a Sita que estava mergulhada em pensamento e desamparada, com suas bochechas pálidas por causa da angústia, dizendo:

"Ó Vaidehi, não temas infringir o dharma; a cerimônia que consagrará a nossa união é sancionada pelo Veda! Eu pressiono os teus pés delicados com minhas cabeças; aceita o meu pedido rapidamente! Eu sou teu escravo e sempre obediente a ti! Que essas palavras, inspiradas pelos tormentos do amor, não se revelem infrutíferas; nunca antes Ravana baixou a cabeça diante de uma mulher".

Tendo falado assim para Maithili, filha de Janaka, Dashagriva sob a influência do destino pensou: "Ela é minha!"

#### Capítulo 56 – Sita é vigiada pelas mulheres titãs

Ouvindo essas palavras, Vaidehi, embora ainda angustiada, deixou de tremer e colocou uma folha de grama entre ela e Ravana, dizendo:

"O rei Dasaratha, a muralha indestrutível da justiça, cuja piedade lhe trouxe fama, teve um filho, Raghava. Famoso nos três mundos, aquele virtuoso, possuidor de braços poderosos e olhos grandes, é meu deus e meu senhor. É ele, aquele herói, nascido na Casa de Ikshvaku, ilustre, possuindo ombros semelhantes aos de um leão, que, com seu irmão Lakshmana, vai te privar da tua vida!

"Se tu tivesses colocado mãos violentas em mim na sua presença, ele teria te obrigado a te conter e teria te matado em um combate, assim como ele matou o próprio Khara em Janasthana. Esses titãs de aspecto sombrio, a quem tu exaltas para mim, embora sejam valentes, seriam privados de seu poder na presença de Raghava, como as serpentes abandonam seu veneno diante de Suparna. Aquelas flechas douradas, disparadas da corda do arco de Rama, perfurariam seus corpos, como o Ganges leva suas margens! Embora tu não possas ser morto por asuras ou deuses, contudo agora que tu provocaste a fúria de Raghava tu não escaparás vivo.

"Tu tens apenas pouco tempo de vida! Raghava vai empreender o teu fim! Essa vida que tu consideras impossível de perder é como um animal amarrado à estaca sacrificial! Se Rama deixar cair sobre ti o seu olhar ardente de ira, tu serás destruído imediatamente, ó titã, como Mamatha por Rudra! Ele, que é capaz de derrubar a lua do céu e destruí-la ou de secar o oceano, seguramente é capaz de resgatar Sita. A tua vida, tua prosperidade, teu ser e faculdades estão perdidas; Lanka, desprovida de seus habitantes, será deixada desolada por culpa tua. Não só isso, esse ultraje te trará nada além de infortúnio, ó tu que na ausência de meu senhor me levaste embora pela força, nunca mais tu conhecerás a felicidade!

"Meu marido ilustre, acompanhado por seu irmão, dependendo da sua própria energia, não teme viver na floresta de Dandaka. A tua destreza, a tua força, a tua arrogância e a tua presunção

serão todas aniquiladas sob a chuva de suas flechas na batalha. Quando a hora, determinada pelo destino para a destruição dos seres,

está próxima, eles ficam loucos sob o seu domínio. O meu sequestro pressagia o teu futuro e o dos titãs e dos que moram nos aposentos internos. Como um intocável não pode se aproximar do altar sagrado, equipado com conchas e recipientes de culto no momento do sacrifício, assim a esposa legítima de alguém fixo em virtude, fiel aos seus votos, não pode ser abordada por um pecador como tu, ó último dos titãs!

"Como um cisne real, divertindo-se em meio aos tufos de lótus com seu companheiro, se preocuparia com um cormorão na margem? Amarra ou destrói este corpo inanimado<sup>294</sup>, eu não tenho desejo nem de preservá-lo nem à minha vida, ó titã, pois eu nunca vou me submeter à desonra".

Depois de falar assim em sua ira de fazer o sangue congelar, Vaidehi ficou em silêncio, e Ravana respondeu a ela em tom ameaçador, dizendo: "Reflete bem, ó linda princesa; se tu não te entregares a mim dentro do período de doze meses, os meus cozinheiros te cortarão em pedaços para a minha refeição da manhã".

Tendo falado desse modo, Ravana, o desafiador de seus inimigos, muito irado, se dirigiu às mulheres titãs nestas palavras:

"Ó demônios terríveis de aspecto feroz que vivem de carne e sangue, esmaguem imediatamente o orgulho dessa mulher!"

Quando ele disse isso, aqueles monstros de aspecto terrível, unindo as mãos, cercaram Maithili, e Ravana ordenou aquelas mulheres, formidáveis de se ver, que caminhando atingiam a terra com tal força que ela tremia, dizendo:

"Levem Maithili para o centro do bosque Ashoka, e lá, cercando-a, montem guarda sobre ela secretamente, e às vezes por ameaças e em outras por discurso gentil procurem, de todas as maneiras, quebrar a sua vontade, como se fosse uma elefanta".

Assim comandadas por Ravana, aquelas mulheres titãs, segurando Maithili, a arrastaram para o bosque Ashoka, que era plantado com árvores cobertas com flores de todos os tipos e muitas frutas, capazes de satisfazer todos os desejos, onde os pássaros se divertiam em amor.

E, como uma gazela no meio de tigresas, Sita, a filha de Janaka, com seus membros cedendo sob seu desespero, caiu sob o domínio daquelas titãs.

Como um antílope tímido pego em uma armadilha, Maithili, a filha de Janaka, dominada pela aflição e pelo medo, não pode encontrar socorro. E ameaçada por aqueles monstros terríveis, a princesa de Mithila, incapaz de descansar, lembrando-se de seu senhor e cunhado amados, sob o peso do terror e da tristeza, desmaiou.



## Capítulo 57 – Rama vê presságios terríveis

Tendo matado Maricha, aquele titã capaz de mudar sua forma à vontade que perambulava na forma de um cervo, Rama tomou seu caminho de volta para o eremitério com toda velocidade, ansioso para ver Maithili e, enquanto ele se apressava, chacais começaram a uivar tristemente atrás dele. Ao ouvir aqueles sons sombrios, que o faziam tremer, Rama, tomado de temor, refletiu: "Vaidehi está segura e bem ou ela se tornou vítima dos titãs? O grito dado por Maricha sob o disfarce de um cervo, imitando a minha voz, se ouvido por Lakshmana, pode fazê-lo deixar Sita para vir me ajudar! Pode ser que os titãs tenham resolvido matar Sita e

294 Implicando que o próprio corpo é inanimado quando não energizado pela Consciência.

por essa razão Maricha, sob a forma de uma gazela, me atraiu para longe! Tendo me trazido a uma grande distância, aquele titã caiu vítima de minhas flechas e simulando a minha voz, exclamou: 'Ó Lakshmana, eu estou morto!' Está tudo bem com

eles, privados de minha presença na floresta? Por causa de Janasthana eu me tornei odioso para os titãs, e numerosos e terríveis são os presságios que eu agora vejo ao meu redor”.

Refletindo assim ao ouvir gritos dos chacais, Rama apressadamente fez seu caminho em direção ao eremitério, ponderando sobre os meios adotados pelo titã ao assumir a forma de um cervo para atraí-lo para longe de seus bem-amados.

Dirigindo seus passos para Janasthana, com o coração cheio de apreensão, ele observou as aves e os animais passando à sua esquerda, emitindo gritos terríveis, e testemunhando esses sinais temíveis Raghava viu Lakshmana se aproximando, de semblante pálido.

Já cheio de ansiedade, Rama ficou ainda mais angustiado ao ver seu irmão abatido dessa maneira.

Observando que ele havia deixado Sita sozinha na floresta isolada frequentada por titãs, pegando Lakshmana pela mão esquerda, ele falou-lhe com uma voz suave, em tons tristes e reprovadores, dizendo:

“Ah! Lakshmana, tu erraste ao vires para cá, deixando Sita desprotegida. Ó meu amigo, como isso pode vir a ser auspicioso? Seguramente a filha de Janaka foi morta ou mesmo devorada pelos titãs que percorrem a mata! Já que tantos maus presságios apareceram para mim, ó Lakshmana, eu me pergunto se nós encontraremos Sita, a filha de Janaka,

viva, ó leão entre homens! Visto que essa multidão de animais e chacais estão emitindo gritos temíveis e as aves também, enquanto elas voam para o sul, eu temo que nem tudo esteja bem com aquela filha de um rei, ó herói de grande destreza!

"Aquele titã, usando a forma de um cervo, me enganou e me atraiu para longe do eremitério. Tendo-o matado com dificuldade, prestes a morrer, ele se revelou para mim em sua verdadeira forma. Meu coração está pesado e desprovido de toda alegria, e meu olho esquerdo lateja. Sem dúvida, ó Lakshmana, Sita não está mais lá e ou foi levada embora ou está morta ou perdida na floresta".

## Capítulo 58 – O lamento de Rama

Vendo Lakshmana abatido e deprimido, aproximando-se sem Vaidehi, o filho de Dasaratha o questionou, dizendo:

"Ó Lakshmana, onde está Vaidehi, que me seguiu para a floresta de Dandaka e que tu deixaste sozinha ao vires para cá? Onde está ela de forma graciosa, a companheira do meu infortúnio quando eu fui banido do meu reino e, desanimado, percorria a floresta de Dandaka; onde está Sita, sem quem eu não posso viver por um instante, companheira da minha vida, que parece uma filha dos deuses?"

"Ó herói, separado da filha de Janaka, cuja pele era como ouro, eu não tenho nenhum desejo pela soberania dos deuses ou da terra. Ó Lakshmana, Sita é mais preciosa para mim que a própria vida. Ó Saumitri, o meu banimento se tornou inútil? Se, por conta de Sita, eu morresse e tu retornasses para a cidade sozinho, isso não seria a consumação dos desejos de Kaikeyi e ela encontraria a felicidade? Kaushalya, com seu filho morto, não se tornaria a escrava abjeta de Kaikeyi quando, tendo realizado seu plano, ela governasse o domínio com seu filho? Se Vaidehi

ainda estiver viva, eu voltarei ao eremitério, mas se a minha esposa virtuosa estiver morta eu abandonarei a minha vida, ó Lakshmana! Se ao voltar ao ashrama a filha de Videha, cujas palavras eram sempre precedidas por um sorriso, não falar comigo, eu renunciarei à minha vida.

"Dize-me, ó Lakshmana, se Vaidehi está viva ou não, ou se em consequência de tu a deixares aquela criatura infeliz foi devorada pelos titãs. Ai! A infeliz Sita, tão delicada e frágil, sem nunca ter experimentado infelicidade, ficará totalmente desolada na minha ausência. Aquele titã, cheio de astúcia e artifícios, gritando 'Ó Lakshmana', te inspirou medo? Eu suponho que Vaidehi, ouvindo aquele grito por socorro proferido em uma voz semelhante à minha, te suplicou para descobrir o que aconteceu comigo e tu vieste aqui com toda velocidade. Tu cometeste um erro irreparável ao abandonares

Sita na floresta, assim fornecendo àqueles titãs cruéis e impiedosos uma oportunidade de se vingar. Aqueles demônios comedores de carne estão aflitos por causa da morte de Khara e agora, sem dúvida, mataram Sita. Ai de mim! Eu estou totalmente submerso em um oceano de tristeza, ó destruidor de teus inimigos! O que eu farei agora? Eu tremo diante daquilo que me espera!"

Assim imerso no pensamento de Sita, aquele modelo de perfeição entre as mulheres, Raghava se apressou em direção Janasthana em companhia de Lakshmana.

Amontoando censuras sobre seu irmão mais novo, que estava tomado de com angústia, atormentado pela fome, fadiga e sede, Rama, suspirando pesadamente, com seu semblante pálido, vítima do desespero, entrou em seu ermitério e encontrou-o deserto.

Voltando ao ashrama, aquele herói correu para lá e para cá onde Sita estava acostumada a se divertir e, recordando aqueles retiros onde ela costumava passear, ele ficou perturbado, com seus cabelos arrepiados.

Capítulo 59 – Rama repreende Lakshmana

Saindo do eremitério, Rama, a alegria da Casa de Raghu, continuou a se dirigir a Lakshmana em uma voz fraca, dizendo:

"Tendo confiado Maithili aos teus cuidados durante a minha ausência na floresta, por que tu a abandonaste? Vendo-te aparecer sozinho, tendo deixado Maithili desprotegida, o meu espírito ficou perturbado, receando grave perigo. Ó Lakshmana, vendo de longe tu te aproximando não acompanhado por Sita, o meu olho e braço esquerdo se contraíram e meu coração palpitou".

A essas palavras, o filho de Sumitra, que levava as marcas da realeza, foi tomado de angústia e disse ao arrasado Rama:

"Não, não foi por mim mesmo que eu vim para cá, nem foi pela minha própria inclinação que eu deixei Sita e saí para encontrar-te, mas eu fui instado a isso pelas súplicas dela para vir te ajudar.

"O grito, 'Ó Lakshmana, me salva!' como se proferido por seu senhor, chegou aos ouvidos de Maithili e ela, ouvindo esse chamado desesperado, por afeição por ti, chorando e cheia de terror, me disse: 'Vai! Vai!'. Enquanto ela continuava assim a me incitar, repetindo 'Vai', eu falei com ela, procurando tranquilizá-la, dizendo: 'Eu não sei de nenhum titã que possa despertar medo em Rama; não é ele, mas outro que chama, ó Sita. Como aquele guerreiro ilustre, o inspirador de temor nos próprios deuses, proferiria palavras tão vis e vergonhosas como 'me salva'? Quem imitou a

voz do meu irmão e pronunciou essas palavras covardes e por qual motivo? Seguramente é um demônio que, em seu limite, proferiu o grito: 'Socorro!'. Ó adorável, não cabe a ti tremer como uma mulher de nascimento humilde! Tem coragem, acalma-te e elimina a tua ansiedade. Não há ninguém nascido, nem ainda por nascer nos três mundos, que seja capaz de triunfar sobre Raghava no campo em luta aberta. Ele não pode ser derrotado em combate, nem mesmo pelos deuses com Indra em sua chefia".

"Assim abordada por mim, Vaidehi, perturbada e derramando lágrimas, proferiu estas palavras cruéis:

"Ó Lakshmana, na tua extrema perversidade tu procuras unir-te comigo após a morte de teu irmão, mas tu nunca me possuirás! Foi por instigação de Bharata que tu acompanhaste Rama, uma vez que, apesar do seu grito desesperado, tu não vais auxiliá-lo. Escondendo o teu verdadeiro propósito, tu traiçoeiramente seguiste Rama por minha causa e por essa razão te recusas a ajudá-lo'.

"Ouvindo as palavras de Vaidehi eu deixei o eremitério, com meus lábios tremendo, meus olhos ardendo de fúria".

Quando Saumitri tinha falado assim, Rama, que estava perturbado pela ansiedade, disse-lhe: "Ó amigo, tu cometeste um grande erro ao vires aqui sem Sita. Tu bem sabes que eu

sou capaz de me defender contra os titãs, entretanto, por conta de uma palavra precipitada tu abandonaste Vaidehi.

"Eu não estou satisfeito que tu a deixaste nem que vieste aqui por causa das injúrias de uma mulher indignada. Submeter-te a Sita e ceder ao impulso de raiva te fizeram infringir a lei espiritual e desobedecer a minha ordem.

"Aquele titã que assumiu a forma de um cervo a fim de me atrair para longe do eremitério agora jaz atingido pelas minhas setas. Esticando meu arco, eu coloquei uma flecha nele e a disparei, como se fosse por esporte, abatendo-o.

"Livrando-se da sua forma de cervo e assumindo a forma de um titã enfeitado com braceletes, ele emitiu gritos de agonia; depois disso, fingindo a minha voz, em tons capazes de serem ouvidos bem longe, ele gritou, e ao ouvir aquele grito sinistro tu abandonaste Maithili e viste para cá".

## Capítulo 60 – A busca por Sita

Enquanto Rama se apressava, seu olho esquerdo começou a se contrair; ele tropeçou e foi tomado por um acesso de tremor. Observando esses sinais inauspiciosos, ele perguntava repetidamente a Lakshmana: "Será que está tudo bem com Sita?"



Ansioso para vê-la novamente, ele apressou o passo e acelerou adiante, mas quando chegou ao eremitério ele o encontrou deserto e, cheio de apreensão, começou a correr para lá e para cá, procurando por toda parte. Para aquele descendente de Raghu, sua cabana de palha, sem Sita, parecia com um lago desprovido de lótus, privado de sua beleza no final do verão.

Vendo o eremitério deserto, com suas árvores que pareciam estar chorando, suas flores murchas, os cervos e os pássaros melancólicos, desprovido de charme, totalmente desolado, as divindades da floresta o tendo abandonado, os tapetes e peles de veado jazendo aqui e ali, os assentos de grama murchos e pisoteados, Rama começou a chorar e a gritar:

"Aquele tímida foi levada embora ou morta ou devorada ou ela se afogou ou se escondeu na floresta? Por acaso ela ainda não voltou da coleta de frutos e flores ou ela foi trazer água dos tanques ou do rio?"

Exausto com a procura, sem encontrar qualquer vestígio de sua amada na floresta, correndo de árvore em árvore, escalando as colinas, procurando ao lado de rios e córregos, lamentando todo o tempo e dominado pela aflição, ele parecia como alguém lutando em um pântano!

"Ó árvore Kedumbra", ele gritou, "tu não viste a minha querida, que te apreciava? Se tu sabes alguma coisa, então me diz, onde a encantadora Sita pode ser encontrada? Ó árvore Bilwa!

Dize, tu viste a ela, que veste um manto de seda, que é tão formosa quanto novos brotos verdes e cujos seios parecem as tuas frutas? Ou tu, ó árvore Arjuna! Dá-me notícias daquela que te amava, aquela filha de Janaka; aquela criatura frágil ainda vive? Esta árvore Kadubha com certeza sabe de Maithili, cujas coxas se assemelham ao seu fruto, e aqui está a bela Vanaspati envolta em trepadeiras florescentes, botões e folhas, em cuja sombra as abelhas zunem, sem dúvida, tu és a monarca das árvores! Certamente esta Tilaka que amava Sita sabe onde ela está agora! Ó árvore Ashoka, dissipadora de dor, prova a verdade do teu nome e alivia a dor que pressiona o meu coração ao revelares a minha amada para mim sem demora. Ó árvore Tala, tem piedade de mim e se viste aquela moça formosa, cujos seios lembram a tua fruta madura, me fala! Ó árvore Jambu, se tu viste o meu querido amor, cujo esplendor parece a Jambunada, então fala sem medo, e tu, a principal das árvores Karnikara, cujas flores são de beleza insuperável, ó amável, dize, tu viste a minha amada?"

Assim o ilustre Rama questionou cada árvore, as árvores Cuta, Nipa, a gigante Sala, Panasa, Kuravasa, também Vakula, Punnaga, Candana e Ketaka, correndo para lá e para cá na floresta como um demente.

Depois disso ele se dirigiu aos animais, dizendo: "Ó cervos, vocês não sabem onde Maithili pode ser encontrada, cujos olhos pareciam os de uma gazela, que, com seus olhares como corça era seguida pelos gamos novos que ela havia domado? Ó

elefante, me parece que tu sabes dela, cujas coxas pareciam as tuas trombas; eu rogo, dize-me, tu a viste? Ó tigre, se tu viste a minha esposa gentil, cujo rosto se assemelhava à lua em brilho, então me dize sem medo.

"Por que tu te escondes, ó minha amada? Eu te vejo, ó de olhos de lótus! Não te escondas entre as árvores sem responder! Para! Para! Ó princesa de membros adoráveis, tu não tens piedade de mim? Por que tu zombas de mim? Não é da tua natureza dar-te a essa insensatez, ó senhora de cor bela, é inútil fugir de mim, o teu sari amarelo te torna facilmente distinguível, eu te vi! Para, se tu tens algum amor por mim! Ai de mim! Não é ela - minha Sita de sorrisos graciosos! Sem dúvida ela desapareceu já que a minha dor a deixa indiferente!

"Seguramente aquela mulher jovem foi devorada em minha ausência; Sita, com seu rosto adorável, dentes e lábios excelentes, nariz simétrico e belos brincos, cuja pele parece o jasmim de inverno, pereceu, e sua beleza se extinguiu, como a lua cheia sob o eclipse. O pescoço delgado da minha bem-amada, da cor do sândalo, adornado com um colar, foi devorado, como o de alguém pobre e indefeso, que não possui nem amigos nem parentes.

"Ó de braços fortes, tu não vês a minha amada em algum lugar? Ó, onde tu foste, ó Sita, ó minha adorável?"

Assim Rama lamentou, e, chamando, correu de bosque em bosque, às vezes girando como um redemoinho, às vezes

parecendo como alguém que tinha perdido o juízo. Com a intenção de encontrar seu amor, percorrendo a floresta, escalando a

montanha, explorando os rios e as cachoeiras, ele acelerou através das florestas sem descanso.

Procurando por todos os lados sem pausa, buscando Maithili em toda a floresta, na esperança de encontrar sua amada, ele ficou exausto.

## Capítulo 61 – O lamento de Rama

Vendo o eremitério e a cabana abandonados, com os assentos de grama espalhados aqui e ali e não encontrando Vaidehi em lugar nenhum, Rama, o filho de Dasaratha, erguendo seus belos braços, proferiu estas palavras dolorosas:

"Ó Lakshmana, onde está Vaidehi, onde ela foi? Ó Saumitri, quem levou ou devorou a minha querida? Ó Sita, se tu te escondeste atrás de uma árvore e estás zombando de mim, então põe fim a essa brincadeira; tu te divertiste com a minha angústia por tempo suficiente! Ó querida, as gazelas jovens com as quais tu brincavas definham na tua ausência, com os olhos cheios de lágrimas. Sem Sita eu não posso viver, ó

Lakshmana, eu estou dominado pela dor por causa do sequestro dela. Hoje eu me reunirei com aquele grande monarca, meu pai, no outro mundo, que vai me repreender, dizendo: 'Como aconteceu que tu, tendo me deixado para cumprir o meu voto, vieste aqui antes da hora marcada? Ó escravo dos teus desejos, tu és desprovido de honra e lealdade, ai de ti!'

"Sem dúvida, o meu pai vai se dirigir a mim dessa maneira na outra região! Ó cruel! perturbado como eu estou e dominado pela tristeza, tu me abandonaste, como um bom nome se separa de um caloteiro! Ó princesa adorável, não me deixes! Ó senhora de cintura fina, no abismo no qual tu me mergulhaste, eu abandonarei a minha vida!"

Assim Rama lamentou, desejando ver Sita mais uma vez, mas o desafortunado Raghava não pode ver a filha de Janaka em nenhum lugar. Afundado na miséria por conta de Sita, ele parecia um elefante poderoso preso em um terreno pantanoso no qual pôs os pés.

Então Lakshmana, em seu desejo ardente de consolá-lo, disse: "Ó herói, ó mina de sabedoria, não te aflijas! Vamos juntos aplicar os nossos esforços. Essa colina é famosa por suas muitas cavernas, e Maithili, que, encantada com a floresta muitas vezes passeava nessas matas, sem dúvida se aventurou na floresta profunda ou visitou o lago coberto com lótus em flor ou foi ao rio cheio de peixes e frequentado por aves de bela plumagem. Talvez ela tenha se escondido no desfiladeiro para

nos assustar e ver se vamos procurá-la. Ó leão entre os homens, vamos procurá-la sem demora! Ó príncipe afortunado, se tu crês que ela está em algum lugar na floresta, nós não deixaremos nenhum quadrante inexplorado; não te aflijas, ó Kakutstha!"

Essas palavras de Lakshmana, inspiradas por carinho fraterno, confortaram Rama, que com Saumitri começou a procurar Sita mais uma vez com o coração tranquilo. Mas, percorrendo as matas, colinas, rios e lagos por toda parte, examinando os planaltos, cavernas e cumes da montanha, aqueles dois filhos de Dasaratha não conseguiram encontrar Sita em lugar nenhum, e tendo-a procurado por toda parte daquela montanha Rama disse a Lakshmana:

"Eu não vejo nenhuma pista da adorável Vaidehi nessa montanha, ó Saumitri!"

Então Lakshmana em grande aflição dirigiu-se ao seu irmão, que era dotado de energia flamejante, dizendo: "É por percorrer a floresta de Dandaka que tu serás reunido com Maithili, filha de Janaka, ó sagaz, como Vishnu cobriu a terra ao subjugar Bali".

Sendo assim abordado pelo valente Lakshmana, Raghava, cujo coração estava pesado de tristeza, respondeu em tons lamentáveis, dizendo:

"Toda a floresta foi investigada com cuidado por nós, e também os lagos onde os lótus florescem e essa montanha com suas muitas cavernas e cachoeiras, ó príncipe prudente, contudo eu não posso encontrar nenhum vestígio de Vaidehi que vale mais para mim do que o meu ar vital".

Assim lamentando, Rama, tomado de ansiedade, com seu coração contraído pela dor, em um excesso de angústia, desmaiou. Totalmente trêmulo, com a mente confusa, atordoada e enfraquecida, aquele príncipe infeliz, dando suspiros profundos e ardentes, em uma voz estrangulada com soluços, gritou: "Ó Sita, ó minha amada!"

Então Lakshmana, perturbado pela ansiedade, procurou consolar seu querido irmão por todos os meios, permanecendo diante dele com as palmas unidas.

Mas Rama não deu ouvidos às palavras que saíram dos lábios de Lakshmana e, não vendo a sua querida Sita, continuou a chamá-la repetidamente.

## Capítulo 62 – O seu desespero

Na ausência de Sita, Rama de lótus de olhos, justo e poderoso, com sua mente perturbada pelo sofrimento, torturado pelo

amor por ela, embora incapaz de vê-la, com suspiros amargos, a repreendeu como se ela estivesse presente, dizendo:

"Ó tu, cuja jovem floração é mais graciosa do que os ramos da Ashoka, não te escondas e não aumentes a minha dor! Ó querida! As tuas coxas lembram os ramos de bananeira que te escondem, porém, ó deusa, tu não podes te esconder de mim! Rindo, tu te refugiaste no bosque Karnikara, mas chega dessa brincadeira que está me torturando! Não é apropriado se divertir desse modo em um eremitério, embora eu saiba que o riso é natural para ti, ó querida! Volta, ó moça de olhos grandes, a tua cabana está desolada!

"Ai de mim! É certo que aqueles titãs devoraram a minha Sita ou a levaram e é por essa razão que ela não aparece; ela nunca iria zombar de mim assim em minha tristeza, ó Lakshmana!

"Ó Saumitri, observa esses cervos de cujos olhos as lágrimas caem e que parecem dizer que Sita foi devorada por aqueles viajantes da noite. Ó senhora nobre, onde tu foste? Ó minha casta, minha amada! Ai de mim! Os desejos de Kaikeyi estão realizados hoje! Eu fui para o exílio com Sita e agora voltarei sozinho. Como eu entrarei no palácio das rainhas sem a presença dela? As pessoas não vão dizer: 'Ele é um patife sem coração!'?"

"Pela perda de Sita, eu levarei o estigma de covardia e quando o meu exílio acabar, Janaka, o rei de Mithila, vai me perguntar sobre o nosso bem-estar. Como eu lhe responderei?"



O soberano de Videha, vendo-me voltar sem Sita, será dominado pela dor por causa de sua morte e se tornará vítima da loucura!

"Não, eu nunca vou voltar a Ayodhya governada por Bharata; o próprio céu seria um deserto sem Sita. Deixa-me na floresta e volta para a opulenta cidade de

Ayodhya. Quanto a mim, eu não posso viver em nenhum lugar sem Sita. Abraçando Bharata ternamente, dize-lhe, em meu nome: 'É a ordem de Rama que tu governes a terra'. Prestando homenagem às nossas mães, Kaikeyi, Sumitra e Kaushalya, com o devido respeito, as protege com todas as tuas forças, aconselhando-te com os sábios. Ó destruidor de teus inimigos, tu deves lhes contar a morte de Sita e a minha, com todos os detalhes".

Assim Raghava lamentou, enquanto percorria a floresta cheio de aflição, longe de Sita de madeixas adoráveis, enquanto Lakshmana, com o rosto pálido de terror, sentiu-se prestes a perder a razão por excesso de dor.

Capítulo 63 – Ele continua a lamentar

Aquele filho de um rei, entristecido e vítima da ansiedade, separado de sua amada, tendo feito seu irmão se angustiar, caiu em um desânimo cada vez mais profundo. Afundado em um abismo de tristeza, Rama com suspiros ardentes e gemidos profundos dirigiu-se a Lakshmana, que estava tomado de ansiedade, com palavras inspiradas pela sua própria aflição, dizendo:

"Não há ninguém no mundo que eu considere mais miserável do que eu; desgraça após desgraça segue uma à outra em sucessão ininterrupta; isso está partindo o meu coração. Certamente, antigamente eu planejei ou executei inúmeros atos de maldade e agora o seu fruto amadureceu e calamidades cada vez maiores me assaltam! A perda do meu reino, a separação dos meus parentes, a despedida da minha mãe, a lembrança dessas coisas contribui para a soma da minha infelicidade. Porém essas dores foram esquecidas como também as privações do meu exílio na floresta, mas agora o desaparecimento de Sita reacende sua lembrança como um braseiro quase apagado subitamente irrompe em chamas.

"A minha jovem e tímida esposa foi levada através do céu por um titã, emitindo gritos de cortar o coração incessantemente em seu terror, ela que antigamente estava acostumada a conversar tão docemente. Seguramente o peito da minha amada, polvilhado com açafraão de grande valor, agora está sujo de poeira e sangue, mas eu ainda vivo! Sita, cuja fala era gentil, clara e doce, cuja beleza era realçada por seus cabelos

encaracolados, ficou pálida, tendo caído vítima dos titãs e ela perdeu seu brilho, como a lua na boca de Rahu. O pescoço da minha consorte amada e fiel, enfeitado com um colar de pérolas, pode agora mesmo ter sido cortado pelos titãs em algum lugar deserto, onde eles estão bebendo seu sangue. Sem a minha presença, rodeada de titãs na floresta onde eles moram e levada por eles, a desafortunada Sita de olhos grandes estará gritando lamentavelmente como uma águia-pescadora ferida.

"Neste vale Sita de aparência graciosa, sentada ao meu lado, se dirigia a ti com palavras gentis e sorrisos doces, ó Lakshmana. Talvez ela esteja vagando nas margens desse mais belo dos rios, o Godaveri, tão amado por ela, mas não, ela nunca costumava andar sozinha! Ela cuja face parecia o lótus, com os olhos como suas pétalas, foi colher lírios d'água, mas como isso é possível, uma vez que sem mim ela nunca colhia flores?

"Será que ela entrou na floresta cheia de árvores florescentes, frequentada por bandos de aves de todos os tipos? Ai, não! Ela era temerosa demais para se aventurar sozinha e teria morrido de medo! Ó Sol, testemunha de tudo o que acontece na terra e de cada ato, seja ele bom ou mal, a minha amada se afastou ou

ela foi raptada? Ó dize-me, para que eu não morra de tristeza! Ó Vento, nada no mundo é desconhecido para ti; dize, Sita, a flor de sua raça, perdeu seu caminho ou foi levada, ou ela está morta?"

Assim Rama lamentou, vítima da angústia e do desespero, e o valente Saumitri, fixo em seu dever, se dirigiu a ele em palavras apropriadas para a ocasião, dizendo:

"Ó herói, abandona a tua dor e toma coragem! Olha para o desaparecimento da tua cōnjuge com despreendimento e te empenha com energia em tua busca por ela. Homens de espírito não se permitem ser derrubados, mesmo em face de extrema adversidade".

Assim falou o altamente poderoso Lakshmana, apesar de sua angústia, mas Rama, o principal da Casa de Raghu, não prestou atenção às suas palavras e, mais uma vez entregou-se à sua grande tristeza.

## Capítulo 64 – A ira de Rama

Aflito, Rama se dirigiu a Lakshmana em voz entrecortada, dizendo: "Ó Lakshmana, vai com toda pressa ao rio Godaveri; pode ser que Sita tenha ido lá para colher flores de lótus".

Ao ouvir essas palavras, Lakshmana imediatamente foi ao adorável rio Godaveri e tendo visitado os vaus sagrados, retornando, falou a Rama, dizendo:

"Eu procurei em todos os lugares sagrados, mas eu não a vi em lugar algum nem ela responde ao meu chamado. Onde Vaidehi pode ter ido? Eu não sei onde aquela senhora de cintura fina pode estar, ó Rama".

Ouvindo Lakshmana falar assim, o infeliz Rama, perturbado pela ansiedade, correu para as margens do rio Godaveri e lá gritou: "Onde está Sita?"

Mas nem os espíritos da floresta nem o rio ousaram informar a Rama que ela tinha sido levada por aquele Indra dos titãs, que merecia a morte.

A Godaveri, lembrando as antigas façanhas do perverso Ravana, foi contida por medo de transmitir o que era conhecido por ela sobre o destino de Vaidehi. O silêncio do rio fez Rama abandonar toda a esperança de ver Sita novamente e tomado pelo desespero por causa do seu desaparecimento, ele disse a Saumitri:

"A amada Godaveri não tem nenhuma resposta para mim, ó Lakshmana. O que eu direi para Janaka ou para a mãe de Vaidehi quando, voltando sem ela, nós nos encontrarmos mais uma vez? Vendo-me sem Vaidehi, eu me tornarei um objeto de ódio para eles.

"Quando, desapossado do meu reino, eu fui forçado a viver na floresta de frutas silvestres, a minha miséria foi amenizada pela princesa de Videha. Onde ela está agora? Longe de meus parentes, incapaz de encontrar Vaidehi, como eu passarei as longas noites sem dormir?

"Eu procurei em todos os lugares, próximo ao Mandakini, em Janasthana e na montanha Prasravana para encontrar Sita. Ó herói, observa os veados selvagens, cheios de energia, que me olham incessantemente e por seus olhares parecem querer se comunicar comigo".

Vendo-os, aquele leão entre os homens, Raghava, fixando seu olhar sobre eles gritou: "Onde está Sita?" com uma voz entrecortada por soluços. Assim abordados por aquele senhor de homens, os veados ergueram e viraram suas

cabeças em direção ao sul, olhando para cima, indicando assim o caminho pelo qual Sita tinha sido levada.

Depois disso aqueles cervos, virando para sul, às vezes fixavam o olhar naquele chefe de homens, e então, olhando para o céu, emitiam gritos, correndo na frente dos dois irmãos, buscando atrair a sua atenção, e Lakshmana, compreendendo os seus movimentos e os seus gritos, disse ao seu irmão mais velho:

"Ó meu senhor, desde que tu abordaste esses veados dizendo: 'Onde está Sita?' Eles, levantando-se, têm indicado a direção sul, vamos, portanto, seguir esse caminho; talvez nós

descubramos algum vestígio daquela senhora nobre ou ela mesma”.

“Que assim seja”, respondeu Kakutstha, dirigindo seu passo para o sul, seguido por Lakshmana. Nisso, olhando para o solo, ele observou algumas flores espalhadas no chão e, extremamente angustiado, disse ao seu irmão:

“Ó Lakshmana, eu me lembro dessas flores, pois eu as colhi na floresta e as dei para Vaidehi, com essas ela enfeitou seu cabelo. Parece-me que o sol, o vento e a terra as preservaram para o meu prazer”.

Então Rama se dirigiu à montanha de inúmeras torrentes, dizendo:

“Ó senhor das colinas, tu viste aquela princesa de membros adoráveis, aquela graciosa que eu deixei nesse bosque encantador?”

Então em tom de angústia ele começou a ameaçar a montanha, como um leão ruge na presença de um cervo, e gritou: “Ó montanha, mostra-me aquela senhora cuja pele parece o ouro batido ou eu vou quebrar os teus topos”.

Assim questionada por Rama a respeito de Sita, a princesa de Mithila, a montanha teria falado de bom grado, mas por medo de Ravana manteve-se em silêncio; após o que o filho de Dasaratha dirigiu-se àquela massa rochosa, dizendo:

"As minhas flechas ardentes te reduzirão a cinzas, tu serás despojada de teu verdor, tuas árvores, e tuas trepadeiras, e ninguém te habitará. Ó Lakshmana, este rio também será secado por mim se não revelar onde Sita pode ser encontrada, cujo esplendor se assemelha à lua cheia em seu curso".

Em sua ira, Rama de bom grado teria consumido a montanha com seu olhar, quando de repente ele viu a marca do pé do titã no chão e as de Vaidehi, que em seu terror tinha corrido para lá e para cá antes de ser arrastada por ele.

Vendo as marcas dos pés de Sita e as do titã, com o arco quebrado, duas aljavas e partes do carro, Rama, com o coração batendo rapidamente, disse ao seu amado irmão:

"Vê, ó Lakshmana, os fragmentos dispersos dos ornamentos de Vaidehi e as muitas guirlandas e as gotas de sangue brilhantes como ouro derretido cobrindo a terra por todos os lados. É certo, ó Lakshmana, que os titãs que mudam a sua forma à vontade cortaram o corpo de Sita em pedaços, que eles já devoraram. Por conta da Sita uma luta terrível ocorreu aqui, ó Saumitri.

"Este grande arco, incrustado com pérolas, maravilhosamente incrustadas, que está quebrado e jazendo no chão, a quem pode pertencer, ó amigo? A qual titã ou a qual deus, ó meu filho, esta armadura dourada pertence, brilhante como o sol nascente, enriquecida com esmeraldas e pérolas, cujos pedaços estão espalhados sobre a terra? O dossel de quem se encontra



aqui, possuindo cem varetas, decorado com guirlandas celestes, com seus suportes quebrados? E de quem são essas mulas, atreladas com ouro, tendo cabeças de trasgo, terríveis de se ver, que foram mortas na luta? Essa carruagem de guerra, brilhante como uma chama, que está virada e quebrada, a quem ela pertence? Estas setas também, de cem

de comprimento, de aspecto aterrorizante, suas pontas douradas sem corte, jazendo em cem fragmentos e as duas aljavas cheias de flechas excelentes, de quem elas são?

"Vê o auriga jazendo no chão, o chicote e as rédeas ainda em suas mãos, que era seu mestre? Sem dúvida, essas pegadas são as de um titã poderoso, ó Lakshmana. Vê como sob mil disfarces se manifesta o ódio amargo desses titãs, que são cruéis e capazes de mudar de forma à vontade! Ai de mim, a bem-aventurada Vaidehi foi levada daqui ou ela está morta e foi devorada! Se a virtude não foi capaz de proteger Vaidehi de ser levada furtivamente na grande floresta e ela foi devorada, ó Lakshmana, como podem mesmo os grandes desse mundo me oferecer qualquer consolo? O próprio Criador supremo do universo, se Ele manifestasse compaixão, seria mal compreendido e julgado com desprezo pelo mundo, e eu, que sou gentil por natureza, que subjuguiei meus sentidos e que exerço a misericórdia, desejando o bem-estar de todos, seria considerado desprovido de coragem pelos deuses.

"Ó Lakshmana, as minhas virtudes serão ofuscadas hoje, como tu em breve testemunharás, e a minha ira se manifestará na destruição dos demônios e de todos os seres criados! Como o sol nascente obscurece o esplendor da lua, assim os meus grandes atributos serão afastados e o meu esplendor puro resplandecerá; não haverá escapatória para ninguém nos três mundos, nem yaksha, gandharva, pisacha, rakhasa, kinnara, nem para o homem, ó Lakshmana. Logo tu verás as minhas setas enchendo o firmamento, os planetas parados em suas rotas, a lua velada, fogo e vento detidos, o brilho do sol obscurecido, os topos das montanhas despedaçados, os lagos secos, trepadeiras e árvores arrancadas e o oceano drenado.

"Se os deuses não trouxerem Sita de volta para mim eu destruirei os três mundos! Então, ó Saumitri, eles serão forçados a reconhecer a minha bravura! Ninguém encontrará refúgio em nenhum lugar no espaço, ó Lakshmana; hoje tu verás o universo ultrapassar seus limites. Com a ajuda das setas disparadas do meu arco, que eu vou esticar até o meu ouvido, nenhum ser será capaz de sobreviver; por causa de Sita eu vou livrar o mundo de duendes e demônios e os deuses testemunharão o poder desses mísseis, disparados em minha ira.

"Os mundos dos deuses, gigantes, yakshas e titãs será aniquilado sob o impacto de minhas flechas. Com minhas setas eu quebrarei as defesas dos três mundos, se os deuses não devolverem Vaidehi para mim como ela estava antes de ter

sido levada para longe. Se eles não trouxerem de volta a minha amada incólume, eu devastarei todo o universo e tudo contido nele. Até eu me encontrar na presença de Sita uma vez mais, eu soltarei todas as armas de destruição”.

Tendo falado assim, Rama, com os olhos faiscando de raiva, seus lábios comprimidos e trêmulos, amarrou firmemente o seu manto de pele e camurça e amarrou seu cabelo, após o que aquele sagaz parecia Rudra empenhado na destruição de Tripura.

Pegando seu arco das mãos de Lakshmana, ele o puxou com força, escolhendo uma flecha terrível de ponta de aço semelhante a uma serpente venenosa, e o refulgente Rama, cheio de ira, o flagelo de seus inimigos, parecendo o fogo na destruição do mundo, disse:

“Como os seres não podem escapar da velhice, do destino ou da morte, assim ninguém é capaz de conter a minha ira! Ó Lakshmana, se eu não recuperar Sita nesse dia com toda a sua beleza imaculada, eu destruirei o universo com seus deuses, gandharvas, seres humanos, punnagas e montanhas”.

Vítima da aflição por causa do rapto de Sita, Rama, parecendo o Fogo da Dissolução, procurou causar a destruição dos mundos.

Com suspiros ardentes ele contemplou o arco encordado, como Hara no final do ciclo do mundo fica pronto para consumir o universo.

Vendo Rama arrebatado pela raiva, até então nunca manifestada por ele, Lakshmana, com as feições pálidas de terror, se dirigiu a ele com palmas unidas, dizendo:

"Antigamente tu sempre eras gentil, de mente controlada e dedicado ao bem-estar de todos os seres, não cedas agora à ira e não renuncies à tua verdadeira natureza. Como o brilho da lua, o esplendor do sol, a velocidade do vento e a paciência da terra, assim a tua glória é manifesta sem igual e sem fim. Por que tu procuras destruir os mundos por causa do pecado de um só homem?

Não se sabe a quem pertence essa carruagem despedaçada nem por causa de quem nem entre quem a luta, da qual nós vemos os vestígios, ocorreu. Este local traz as marcas de rodas e pés e está borrifado com gotas de sangue; ele é a cena de uma luta violenta, ó filho de um rei, mas é uma luta entre combatentes sozinhos, ó mais eloquente dos homens! Eu não vejo nenhum traço de um grande exército e não é justo que tu destruas os mundos por conta de um homem.

"Reis devem sempre governar com justiça, gentileza e moderação. Tu sempre foste o amparo de todos os seres e seu refúgio supremo. Quem perdoaria o rapto da tua consorte, ó Raghava? Rios, mares, montanhas, deuses, gandharvas e danavas não têm nenhum desejo de te desagradar, assim como o sacerdote oficiante não prejudicaria aquele que empreende um sacrifício depois de ter realizado os ritos preparatórios.

"Ó príncipe, tu deves procurar o raptor de Sita, seguido pelos grandes sábios e por mim com o meu arco. Vamos examinar o oceano, as montanhas, as florestas, as cavernas profundas e inúmeros lagos cheios de lótus. Vamos questionar os deuses e gandharvas em cada região, até encontrarmos o captor de tua consorte. Se os chefes dos deuses não devolverem a tua esposa pacificamente, então, ó rei de Koshala, adota aquelas medidas que tu considerares adequadas. Se, por gentileza, humildade e prudência, tu não recuperares a tua esposa, ó Indra entre os homens, então dispara as tuas inúmeras flechas com pontas de ouro, parecidas com os raios de Mahendra".

Capítulo 66 - Lakshmana procura inspirar Rama com coragem

Dominado pela tristeza e lamentação como um órfão, Rama, profundamente aflito, estava mergulhado na miséria, após o

que Lakshmana, o filho de Sumitra, segurando seus pés e pressionando-os, procurou consolá-lo e confortá-lo, dizendo:

"Por grande austeridade e incontáveis atos piedosos o rei Dasaratha te obteve, como os Celestiais adquiriram o néctar da imortalidade. Ligado a ti por tuas virtudes, aquele grande monarca após a tua partida retornou para a região celeste,

assim nós ouvimos de Bharata. Se tu não és capaz de suportar a calamidade que te alcançou, então como um homem comum o faria?

"Ó chefe de homens, coragem! Qual ser vivo não está sujeito à adversidade, que se aproxima como uma chama e passa imediatamente? Assim mesmo é o mundo. Yayati, o filho de Nahusha, não caiu do céu vencido pela má sorte? Em um único dia o grande sábio Vasishtha, o sumo sacerdote de nosso pai, ficou sem os quatrocentos filhos que lhe nasceram; e a Mãe do Mundo, a própria Terra, reverenciada por todos, às vezes treme, ó mestre de Koshala! O sol e a lua, os olhos do mundo, os próprios símbolos da virtude por quem todas as coisas são ordenadas, sofrem eclipse. Aqueles grandes seres, os próprios deuses, estão sujeitos ao destino, ó leão entre os homens; quanto mais o homem? É dito que até Indra e os deuses aguentam vicissitudes; não cabe a ti, portanto, lamentar.

"Mesmo que Vaidehi tenha sido morta ou levada, ó Raghava, não é digno de ti ceder ao desespero como um homem

comum. Os teus iguais nunca se alteram nem nos maiores perigos, mas olham para tudo com equanimidade, ó Kakutstha! "Ó melhor dos homens, após a devida consideração, discrimina entre o que é bom e o que é mau; pessoas de sabedoria correta estão sempre cientes do que é certo ou errado. Devido ao elemento de incerteza, não se pode distinguir imediatamente a vantagem ou desvantagem de uma ação, mas se alguém não agir o resultado desejado não ocorrerá. Assim tu me instruístes muitas vezes, ó herói, e quem é capaz de te ensinar qualquer coisa? Nem mesmo o próprio Brihaspati. Os próprios deuses são incapazes de fixar o limite da tua sabedoria, ó tu de intelecto poderoso.

"Eu quero despertar o poder que a tristeza extinguiu em ti! Tendo refletido sobre a força dos deuses, dos homens e de ti mesmo, ó leão dos Ikshvakus, prepara-te para vencer teus inimigos! De que te serviria destruir o mundo, ó melhor dos homens? Procura o teu adversário pérfido e põe fim à vida dele!"

## Capítulo 67 – Rama encontra Jatayu

Ao ouvir essas palavras pertinentes, cheias de sabedoria, proferidas por seu irmão mais novo Lakshmana, Raghava,

recuperando a posse de si mesmo, retomou sua coragem mais uma vez. Controlando sua ira, Rama de braços longos, apoiando-se em seu arco maravilhoso, disse a Lakshmana: "Ó meu amigo, o que deve ser feito? Para onde nós iremos, ó Lakshmana? Como encontraremos Sita novamente? Vamos considerar essas coisas com cuidado".

A essas perguntas ansiosas Lakshmana respondeu: "Tu deves investigar Janasthana que é habitada por inúmeros titãs e coberta com árvores e trepadeiras de todos os tipos. Lá, despenhadeiros inacessíveis, abismos e cavernas são encontradas e grutas escuras habitadas por manadas de animais selvagens, o retiro de kinnaras e o refúgio de gandharvas; comigo explora esses lugares. Como as montanhas não são afetadas pela tempestade, nem as adversidades podem assustar os sábios como tu, ó leão entre homens".

Falando desse modo, Lakshmana começou a vasculhar a floresta, e Rama, ainda irritado sob a adversidade, avançou segurando seu arco no qual estava encordoada uma flecha formidável de ponta de aço, quando de repente ele viu Jatayu, aquele excelente rei das aves, semelhante a um pico de montanha, jazendo

na terra coberto de sangue. Vendo aquele grande abutre, como o cume de uma montanha, Rama disse a Lakshmana:



"Sem dúvida, aqui está o titã que, percorrendo a floresta sob o disfarce de um abutre, destruiu Sita, a princesa de Videha! Tendo se satisfeito ao devorar aquela princesa de olhos grandes, ele está descansando à vontade; eu o perfurarei com minhas setas terríveis e ardentes que voam direto para o alvo".

Falando assim, Rama, fixando uma flecha afiada em seu arco, correu em direção a ele e em sua ira parecia que iria destruir a terra, cujos limites são o mar.

Vomitando sangue, aquela ave então se dirigiu a Rama o filho de Dasaratha, na voz triste de alguém a ponto de morrer, dizendo:

"Ó tu de vida longa, aquela divindade a quem procuras na grande floresta, como se procura uma erva que cura,<sup>295</sup> foi levada por Ravana, assim como a minha vida.

"Ó Raghava, na tua ausência e de Lakshmana aquela princesa foi vista por mim sendo arrastada pelo todo-poderoso Ravana. Voando para auxiliar Sita, ó senhor, Ravana foi jogado ao chão por mim na luta que se seguiu, e sua carruagem e dossel foram quebrados. Com um golpe de minha asa eu matei o auriga, mas estando no fim das minhas forças, as minhas duas asas foram cortadas pela espada de Ravana, e ele, agarrando Sita, a princesa de Videha, escapou para o ar. Aquele titã me deixou aqui para morrer; não me mates, ó príncipe".

Recebendo essas notícias preciosas a respeito de Sita, Rama, largando o grande arco, abraçou o rei dos abutres, e, então,

apesar de sua determinação, caiu ao chão dominado pela angústia e começou a se lamentar com Lakshmana. Vendo Jatayu sozinho naquele caminho perigoso e isolado, gemendo sem cessar, Rama, cheio de piedade, disse a Saumitri: "A perda do meu reino, o exílio para a floresta, o rapto de Sita e a morte desse duas vezes nascido tornam o meu destino tal que ele consumiria o próprio fogo. Mesmo se o mar estivesse cheio até a borda e eu entrasse nele neste dia aquele senhor dos rios secaria por causa dos meus infortúnios.

"Tal é a adversidade que me cerca que não há ninguém em todos os mundos entre os seres animados e inanimados que seja tão miserável quanto eu! Por causa do meu mau karma, esse amigo de infância do meu pai, o poderoso rei dos abutres, está morrendo sobre a terra!".

Repetindo essas palavras frequentemente para Lakshmana que o acompanhava, Rama começou a acarinhar Jatayu, passando a mão amorosamente sobre o corpo do amigo de seu pai.

Então pegando o rei dos abutres, cujas asas tinham sido cortadas e que estava banhado em sangue, em seus braços, ele disse:

"Para onde foi Maithili, que vale mais para mim do que a vida?" e tendo falado assim, Raghava afundou na terra.

Na presença do abutre, a quem o terrível Ravana tinha abatido, Rama, cheio de compaixão por todos, dirigiu-se ao filho de Sumitra com estas palavras:

"Essa ave, que procurou defender os meus interesses, foi ferida mortalmente na luta com o titã e por minha causa agora está morrendo aqui. Suas respirações

295 Lit. Oshadi ou Oshadi Prastha, 'o lugar das ervas medicinais'.

vitais são pouco perceptíveis, ó Lakshmana, os seus olhos estão turvos e ele não consegue falar.

"Ó Jatayu, se for possível para ti, então dize o que aconteceu a Sita e como tu chegaste a essa condição lamentável. Por que razão Ravana levou a minha amada? Como aquele rosto radiante e encantador, parecido com a lua, parecia naquele momento, ó melhor dos nascidos duas vezes? Que palavras Sita pronunciou naquele momento? Qual é a força, a aparência e o karma daquele titã? Onde é que ele vive, ó amigo, me responde!"

Vendo Rama lamentando como um órfão, o virtuoso Jatayu respondeu em voz fraca: "Sita foi levada por aquele Indra dos

titãs, Ravana, aquele canalha perverso que recorre à ajuda de feitiçaria e é capaz de libertar o vento e a tempestade. Ó filho querido, eu estando exausto, aquele predador noturno cortou as minhas duas asas e, depois disso, agarrando Sita, fugiu na direção sul. A minha respiração está difícil e a minha vista fraca, ó Raghava, eu vejo diante de mim as árvores douradas com folhas formadas de Ushira.<sup>296</sup> A hora em que Ravana levou Sita era aquela na qual o perdedor logo recupera o que está perdido, 'Vindya' é seu nome, ó Kakutstha, e Ravana não estava ciente disso. Como um peixe que engole a isca, ele logo perecerá! Portanto, não percas a esperança de recuperar Janaki; em breve tu te divertirás com ela, tendo matado Ravana em batalha!"

Enquanto o abutre estava respondendo assim para Rama, sangue e pedaços de carne fluíram de seu bico e, à beira da morte, mantendo sua consciência, Jatayu acrescentou: "Ravana é filho de Vishravas e irmão de Vishravana!" e então abandonou sua vida.

"Fala! Fala mais!", exclamou Rama, dirigindo-se a ele com as palmas unidas, mas os ares vitais, afastados do corpo daquele abutre, já estavam dissipados. Então, o rei dos abutres caiu sobre a terra, as pernas, o corpo e a cabeça esticadas e, vendo aquela ave semelhante a uma montanha de grandes proporções, aquela ave de olhos avermelhados, sem vida, Rama, vacilando sob o peso do seu infortúnio, disse a Saumitri em tons amargos:

"Passando muitos anos felizes na floresta, o refúgio de titãs, essa ave finalmente abandonou sua vida! Tendo vivido incontáveis anos, ele agora jaz aqui inanimado! Nada pode resistir ao rumo do destino! Vê, ó Lakshmana, esse abutre que morreu a meu serviço tendo procurado proteger Sita, e que foi morto por Ravana de poder superior. Ele renunciou ao domínio legado a ele por seus antepassados e sacrificou sua vida por minha causa. Sem dúvida, os virtuosos praticam coragem, devoção e cumprimento do dever, mesmo no reino animal, ó Saumitri! Eu não senti uma dor tão forte pelo rapto de Sita como pela morte desse abutre, que se sacrificou por mim, ó castigador de teus inimigos!

"Eu tenho por esse rei das aves a mesma veneração que eu tinha pelo monarca ilustre e afortunado, Dasaratha, ó Saumitri! Traze combustível para que eu possa acender a pira desse rei dos abutres, que morreu por mim. Colocando o corpo desse protetor do reino das criaturas aladas na pira funerária, que foi destruído pelo titã cruel, eu vou cremá-lo. Ó rei dos abutres, ó ser magnânimo, cremado e abençoado por mim, parte e ascende para aquelas regiões além das quais não é possível ir e que são a morada daqueles que habitualmente oferecem sacrifício, daqueles heróis que nunca recuam no campo de batalha e daqueles que distribuem terra em caridade".

296 Ushira: uma grama como cabelo dita crescer nas árvores no inferno.

Com essas palavras, o virtuoso Rama colocou o rei das criaturas aladas sobre a pira funerária e, cheio de tristeza, acendeu a chama como se realizando o rito para o seu próprio parente.

Depois disso o ilustre Rama, acompanhado por Saumitri, entrou na floresta e, matando alguns cervos Rohi gordos, espalhou a carne na grama verde como uma oblação para aquela ave. Rasgando a carne daqueles cervos e amassando-a em bolas, ele as ofereceu para o abutre naquela agradável região de floresta, colocando-as sobre grama fresca. Depois, para que Jatayu pudesse logo chegar à morada celestial, ele recitou aquelas fórmulas sagradas proferidas pelos brâmanes, depois do que os dois príncipes foram ao rio Godaveri para oferecer água em honra da ave nobre. Seguindo os ritos tradicionais, aqueles dois descendentes de Raghu se banharam e realizaram a cerimônia Udaka<sup>297</sup> para o rei dos abutres, que, tendo caído no campo de batalha, realizou um feito glorioso e difícil e agora, abençoado por Rama, tinha chegado ao lugar preparado para ele no reino dos santos.

Então aqueles dois príncipes, depois de oferecerem os últimos ritos em honra daquela ave excelente, como se para o seu pai,

entraram na floresta, com suas mentes voltadas para a recuperação de Sita, como Vishnu e Vasava, os soberanos dos deuses.

## Capítulo 69 – Rama e Lakshmana encontram Ayomukhi e Kabandha

Após realizarem os ritos de purificação em honra de Jatayu, os dois príncipes entraram na floresta em busca de Sita, indo para o sudoeste. Armados com espada, arco e seta, aqueles ramos da Casa de Ikshvaku seguiram um caminho até então não trilhado, coberto de arbustos, árvores e trepadeiras de vários tipos, que era de difícil acesso, com moitas densas em ambos os lados e de aparência sinistra; apesar disso os dois guerreiros poderosos prosseguiram através daquela mata vasta e perigosa.

Tendo percorrido Janasthana e coberto mais de três léguas, aqueles irmãos, dotados de grande energia, penetraram nas matas espessas da floresta Krauncha, que parecia um grupo de nuvens e apresentava um aspecto alegre com suas muitas flores brilhantes e grupos de veados selvagens e bandos de aves que a habitavam.

Depois de explorarem essa floresta, ansiosos para contemplar a princesa de Videha mais uma vez, às vezes parando para lamentar o seu desaparecimento, os dois irmãos retomavam a viagem, e cobrindo uma distância de três léguas chegaram ao eremitério de Matanga.

Tendo examinado toda a floresta cheia de feras temíveis e aves e plantada com inúmeras árvores e matas densas, os dois filhos de Dasaratha viram uma caverna na montanha, profunda como a região debaixo da terra onde reina a escuridão eterna.

Então aqueles dois leões entre os homens, se aproximando da caverna, viram a grande forma de um titã fêmea de aparência hedionda. De aspecto temível, ela era um objeto de terror para as criaturas mais fracas com suas feições asquerosas, estômago vasto, dentes afiados, imensa estatura e voz áspera.

Esse monstro subsistia da carne de animais ferozes e agora apareceu diante de Rama e Lakshmana, com seu cabelo desgrenhado, e falou-lhes, dizendo:

297 Cerimônia Udaka: oferecimento ritual de água para os antepassados.

"Vamos passar o tempo em flerte juntos". Então ela agarrou Lakshmana, que tinha precedido seu irmão e acrescentou:



“Estou me chamo Ayomukhi, eu sou tua, torna-te meu senhor, ó herói! Vamos nos entregar a uma longa vida de prazer nos cumes das montanhas e entre as ilhas nos rios”.

Ouvindo essas palavras, o matador de seus inimigos, Lakshmana, cheio de ira, puxou a espada e cortou fora as suas orelhas, nariz e seios. Suas orelhas e nariz sendo cortados, aquele titã terrível fugiu com toda velocidade, e quando ela tinha desaparecido, os dois irmãos, Rama e Lakshmana, castigadores de seus inimigos, continuaram com pressa e entraram na floresta densa.

Em seguida o poderoso Lakshmana, cheio de lealdade, charme e nobreza, dirigiu-se ao seu irmão resplandecente com as palmas unidas, dizendo:

“Eu estou consciente de um latejar violento em meu braço esquerdo e a minha mente está cheia de apreensão, enquanto por todos os lados eu vejo presságios infaustos; que tu, portanto, te mantenha de prontidão, ó grandioso, e segue o meu conselho; esses diferentes augúrios pressagiam perigo iminente. O pássaro Vanchulaka está emitindo gritos terríveis que indicam uma vitória rápida para nós”.

Então os dois irmãos começaram a explorar corajosamente toda a floresta, quando um clamor terrível surgiu parecendo rasgar as árvores; tal era o tumulto que parecia que um vento forte tinha passado de repente através da floresta.

Procurando averiguar a causa dessa perturbação, Rama, armado com uma espada, arco na mão, avançando com seu irmão mais novo, viu um titã de vastas proporções, possuindo coxas enormes, de pé diante dele. Sem cabeça, com a boca na barriga, coberto com pelos eriçados, em estatura igual a uma montanha, sua cor a de uma nuvem escura, terrível de se olhar, sua voz ressoando como um trovão.

Brilhando como uma tocha acesa, ele parecia emitir faíscas; o seu único olho, provido de pálpebras amarelas abrindo em seu peito, era estranho e horrendo e esse monstro, possuidor de dentes enormes, estava lambendo os lábios. Apesar da ferocidade e tamanho deles, ele se alimentava de ursos, leões, veados e aves, capturando-os com seus grandes braços a uma distância de quatro milhas. Com as mãos ele agarrava bandos de pássaros e grupos de cervos, que ele colocava em sua boca.

Tendo-os observado a uma milha de distância, ele obstruiu o progresso dos dois irmãos e ficou esperando por eles. Aquela criatura colossal, medonha e terrível de aspecto sinistro, com seu tronco e braços enormes, temível de se ver, esticando-se, agarrou os dois irmãos e os segurou com toda a sua força.

Por conta de sua frieza e coragem, o valente Raghava permaneceu impassível, mas Lakshmana, sendo um mero adolescente e volátil por natureza, começou a tremer, e aquele irmão mais novo de Raghava disse-lhe:

"Ó herói, vê como eu caí sob o poder desse titã; deixa-me como uma oferenda para as forças do mal e segue o teu caminho alegremente; tu logo te reunirás com Vaidehi, essa é a minha firme convicção! Ó Kakutstha, quando tiveres recuperado o reino dos teus antepassados e estiver instalado no trono, lembra-te de mim!".

Ao ouvir essas palavras, pronunciadas por Lakshmana, filho de Sumitra, Rama respondeu: "Não temas, ó valente, pessoas do teu valor nunca ficam perturbadas".

Enquanto isso, o titã sem cabeça, de braços enormes, o principal entre os gigantes, disse-lhes:

"Quem são vocês, cujos ombros se assemelham aos de um touro, armados com grandes espadas e arcos? De fato é venturoso para mim que por acaso vocês tenham ficado ao meu alcance nesse lugar perigoso. Digam por que razão vocês vieram aqui, onde eu espero devastado pela fome, vocês que estão armados com setas, arcos e espadas e parecem touros com chifres pontiagudos? Tendo se aproximado de mim, a sua morte é iminente".

Ouvindo as palavras do perverso Kabandha, Rama, com seu rosto empalidecendo, disse a Lakshmana:

"Nós caímos de um perigo para outro ainda maior, ó herói; essa má sorte pode custar as nossas vidas sem que sejamos capazes de reencontrar a nossa amada Sita. O poder do

destino sobre todos os seres é inexorável, ó Lakshmana! Vê, ó leão entre homens, como a má sorte nos leva ao maior extremo; não há nada que pese tanto sobre o homem quanto o destino. Mesmo os guerreiros bravos, poderosos, grandiosos e hábeis no campo de batalha, alcançados pelo destino, são varridos como margens de areia”.

Assim falou aquele filho heroico e ilustre de Dasaratha, cheio de angústia, com os olhos fixos em Saumitri, enquanto em sua alma a sua serenidade estava plenamente estabelecida.

## Capítulo 70 - Rama e Lakshmana cortam os braços de Kabandha

Vendo os dois irmãos caídos em seus braços como se em uma armadilha, Kabandha lhes disse:

“O que lhes aflige, ó mais notáveis entre os guerreiros? Já que eu estou atormentado pela fome, o fado os destinou para minha alimentação e por essa razão os privou de sua sabedoria”.

Ouvindo essas palavras, Lakshmana, embora muito angustiado, decidiu mostrar sua coragem e se dirigiu a Rama em palavras dignas da ocasião, dizendo:

"Nós logo nos tornaremos o alimento desse demônio vil, que com seus braços vastos e poderosos subjuga todos os seres; vamos com nossas espadas cortar os seus braços com toda velocidade, ó senhor, ou ele dará fim a nós. É vergonhoso para os guerreiros acabar com aqueles que não podem se defender como um animal privado de sua liberdade que é levado ao sacrifício".

Essas palavras enfureceram o demônio, que escancarou sua boca terrível, preparando-se para devorá-los, no que os dois irmãos, escolhendo um momento favorável, como se em diversão cortaram os seus dois braços na altura dos ombros, Rama cortando o direito e Lakshmana, com um golpe vigoroso de sua espada, o esquerdo. Então Kabandha, com seus imensos braços cortados, emitindo gritos altos que ressoaram na terra e no céu como um trovão, caiu ao chão. Vendo seus dois braços cortados e o sangue fluindo em córregos, o demônio infeliz questionou aqueles dois guerreiros em voz fraca: "Quem são vocês?"

Assim abordado, o supremamente corajoso Lakshmana começou a exaltar as virtudes de Kakutstha, dizendo:

"Este é Rama, o descendente da Casa de Ikshvaku, conhecido em toda a terra, e eu sou seu irmão mais novo, Lakshmana. Privado de seu reino pela rainha Kaikeyi, Raghava foi exilado para a grande floresta, onde viveu com sua consorte e comigo. Enquanto esse herói, forte como um deus, morava naquele

retiro bucólico, um titã roubou sua consorte, em busca de quem nós viemos para cá.

"E tu, quem és tu, vagando nessas matas emitindo chamadas, com as tuas coxas afundadas no teu corpo?"

Ao ouvir Lakshmana, Kabandha, lembrando as palavras de Indra, respondeu alegremente:

"Bem-vindos, ó tigres entre homens, vê-los é a minha salvação; para o meu bem, vocês cortaram os meus braços. Ouçam-me como, devido à minha arrogância, eu vim a assumir essa forma monstruosa. Ó ilustres, eu lhes contarei tudo verdadeiramente".

## Capítulo 71 – Kabandha conta sua história

"Ó Rama de braços longos, antigamente eu era cheio de inimaginável energia e coragem; a minha beleza era famosa em todos os três mundos e igual ao sol, à lua e ao próprio Indra. Assumindo uma forma terrível, eu me tornei um objeto de medo para todos e infligi terror nos corações dos ascetas que viviam na floresta.

"Ó Rama, em certa ocasião eu provoquei a ira de um grande rishi chamado Sthulashira, a quem eu atormentei nessa forma repugnante, enquanto ele estava colhendo frutos silvestres. Fixando seu olhar em mim, ele pronunciou uma terrível maldição, dizendo: 'Mantém para sempre essa forma temível, assumida por ti a fim de prejudicar os outros!'

"Apelando àquele asceta ofendido para anular sua maldição, ele teve compaixão de mim e disse: 'Quando Rama te cremar na floresta isolada, depois de ter cortado os teus dois braços, tu recuperarás a tua forma grandiosa e maravilhosa'".

"Ó Lakshmana, saibas que eu sou realmente o filho de Danu, que era extremamente belo de se olhar; a minha atual aparência é devida a uma maldição pronunciada por Indra no campo de batalha.

"Por penitências rigorosas eu ganhei a boa vontade de Brahma, e ele me concedeu a bênção de longevidade. Depois disso eu me enchi de orgulho e, pensando 'O que Indra pode me fazer agora', eu o desafiei para o combate, no que ele arremessou sua maça de cem gumes em mim. Pela força dessa arma, as minhas coxas e cabeça foram empurradas para dentro do meu corpo; eu roguei a ele para acabar com a minha vida, mas ele, dizendo: 'Que as palavras de Brahma se revelem verdadeiras', me obrigou a continuar vivendo. Então eu me dirigi a Mahendra, dizendo: 'Como eu viverei sem comida, uma vez que tu forçaste a minha cabeça e coxas para dentro do meu corpo?'

"Nisso, Indra fez os meus braços se estenderem por quatro milhas e colocou uma boca com dentes afiados na minha barriga. Desde então, esticando meus braços, eu vagueio na floresta e agarro leões, tigres e cervos e os coloco em minha boca. Então Indra me disse: 'Quando Rama e Lakshmana cortarem os teus braços, tu alcançarás o céu'.

"Desde então, ó grandioso, eu tenho capturado todos os seres vivos que encontro na floresta e tenho estado à espera de Rama para cortar meus braços; antecipando isso, eu esperei pela morte. Agora, ó senhor, tu chegaste, sê abençoado! Ninguém além de ti pode pôr um fim à minha vida; as palavras do grande rishi se revelaram verdadeiras, ó ilustre. Eu colocarei meu conselho a teu

serviço, ó touro entre homens, e, quando eu receber a consagração do fogo, farei um pacto de amizade com vocês dois".

Ao ouvir essas palavras de Danu, Rama, na audição de Lakshmana, lhe respondeu, dizendo: "Ravana levou a minha consorte ilustre, Sita, enquanto eu e meu irmão estávamos ausentes do eremitério. Eu só sei o nome daquele titã, mas não sua forma, nem estamos familiarizados com sua força, nem onde ele mora. Desamparados e aflitos, nós vagueamos aqui e ali na floresta; cabe a ti mostrar tua compaixão por nós. Depois de reunirmos todos os ramos que estão secos e que foram



quebrados por elefantes e de cavarmos um grande buraco, nós te cremaremos na hora indicada por ti. Dize-nos quem raptou Sita e onde ela pode ser encontrada. Nos presta esse grande serviço, se tu sabes a verdade”.

Assim abordado por Rama, Danu, hábil com as palavras, respondeu a Raghava, dizendo: "Eu não sou possuidor de clarividência divina, nem conheço a princesa Sita, mas sendo cremado por ti, retomando a minha forma natural, eu poderei te indicar alguém que vai saber o que aconteceu com ela. Sem ser consumido pelo fogo, eu sou incapaz de te dizer quem está familiarizado com aquele titã que levou Sita. Por causa de uma maldição, a minha presciência foi destruída, ó Raghava, e por minha própria culpa eu me tornei um objeto de aversão para todo o mundo, mas antes que o sol com seus corcéis cansados se retire para trás do horizonte ocidental joga-me na cova, ó Rama, e me crema de acordo com os ritos tradicionais.

"Cremado por ti com o devido cerimonial, ó alegria da Casa de Raghu, eu te direi quem conhece aquele titã. Tu debes selar um pacto de amizade com ele de acordo com a lei. Ó Raghava, aquele herói veloz de dará seu auxílio.

"Por uma razão ou outra ele percorreu os três mundos e não há nada no universo que não seja conhecido por ele”.

Capítulo 72 – Kabandha diz a Rama como encontrar Sita

Depois que Kabandha tinha falado assim, aqueles dois guerreiros, os mais notáveis entre os homens, Rama e Lakshmana, procuraram uma cavidade na encosta da montanha e acenderam um fogo. Com o auxílio de tições brilhantes Lakshmana acendeu a pira que irrompeu em chamas por todos os lados. O vasto tronco de Kabandha começou a derreter no calor do fogo como um pedaço de manteiga, e depois o poderoso Kabandha, espalhando as cinzas, ergueu-se da pira usando vestes imaculadas e uma guirlanda celeste, e aquele belo demônio, com seus membros cobertos com diversos enfeites, subiu em uma carruagem de beleza deslumbrante puxada por cisnes, em seu esplendor iluminando as dez regiões. Depois disso, permanecendo no céu, ele se dirigiu a Rama, dizendo:

"Saibas, ó Raghava, por quais meios tu poderás recuperar Sita. Há seis meios<sup>298</sup> pelos quais o infortúnio pode ser combatido, e à luz dos quais todas as coisas devem ser consideradas. Aquele que caiu na pior desgraça pode encontrar consolo se ele tiver alguém com quem compartilhar sua sina, mas tu e Lakshmana estão privados desse consolo na calamidade que se abateu sobre vocês por causa do roubo de Sita. Ó Rama, tu que és o principal dos amigos estás precisando de um

298 Seis meios: Sandhi: fazer as pazes; Vighraha: travar guerra; Yana: marchar contra o inimigo; Ashana: manter um posto contra o inimigo; Daidibhava: semear dissensões; Samshraya: procurar a proteção de outros.

amigo. Após a devida reflexão, eu não vejo possibilidade de sucesso para ti exceto por isto.

"Escuta, ó Rama, o que eu estou prestes a te dizer. Há um macaco chamado Sugriva, que foi banido por raiva por seu irmão Bali,<sup>299</sup> filho de Indra. O sagaz e valente Sugriva com quatro de seus companheiros habita a montanha elevada Rishyamuka situada nas margens do lago Pampa.

"Esse Indra entre os macacos, que é cheio de energia e destreza, de aparência brilhante, leal, controlado, inteligente e magnânimo, hábil, corajoso, sábio e poderoso, foi banido por seu irmão por causa do reino. Ele certamente virá a ser teu amigo e te ajudará na tua busca por Sita. Ó Rama, não fiques perturbado por esse motivo; aquilo que está destinado deve acontecer. Ó leão entre os Ikshvakus, o destino é implacável!

"Parte daqui, portanto, com toda velocidade, ó valente Raghava, e procura o poderoso Sugriva. Sem demora conclui uma aliança com ele e, jurando lealdade mútua na presença do fogo, une-te com aquele ser benéfico. Tu não deves desconsiderar aquele rei da tribo de macacos, Sugriva, que é de uma disposição grata, capaz de mudar sua forma à vontade

e digno da tua amizade. Tu também serás capaz de realizar os planos dele, mas, beneficiado por ti ou não, ele executará o teu propósito.

"Esse filho da consorte de Riksharajas e de Bhaskara perambula sem descanso nas margens do lago Pampa e está em guerra com Bali. Deixando de lado as tuas armas, procura o retiro daquele macaco na montanha Rishyamuka sem demora e forma um vínculo de amizade com aquele habitante da floresta. Aquele principal dos macacos está familiarizado com todos os retiros dos titãs comedores de carne no mundo e tem explorado seus refúgios exaustivamente; não há nada nessa terra que não seja conhecido por ele, ó Raghava.

"Enquanto o sol de muitos raios continuar a brilhar, ó flagelo de teus inimigos, ele com seus companheiros irá procurar nos rios, nos penhascos, nas montanhas inacessíveis e nas cavernas pela tua consorte. Ele enviará os seus macacos de grande estatura para vasculhar todas as regiões, a fim de encontrar Sita, cuja separação partiu teu coração. Ele vai procurar por Maithili de membros adoráveis até na própria residência de Ravana. Caso a tua irrepreensível e amada Sita tiver sido levada para o cume do monte Meru ou abandonada no inferno mais baixo, aquele leão entre a tribo de macacos, tendo matado os titãs, a devolverá para ti".

## Capítulo 73 – O conselho de Kabandha para Rama

Após revelar o caminho para recuperar Sita, o engenhoso Kabandha aconselhou Rama nas seguintes palavras significativas, dizendo:

“Este é o caminho que leva para o oeste para o monte Rishyamuka, ó Rama, cheio de árvores floridas; Jambu, Priyala, Panasa, Nyagrodha, Plaksha, Tinduka, Ashwattha, Karnikara, Cuta, Naga, Tilaka, Naktamala, Nilashoka, Kadamba, Karavira, Agnimukha, Ashoka, Raktachanda, Paribhadra e muitas outras árvores crescem lá e, subindo nelas ou dobrando-as pela força, elas devem ser usadas por vocês para se sustentarem no caminho com seus frutos doces.

299 [Também escrito Vali e Valin].

“Passando por esses bosques floridos, ó Kakutstha, tu chegarás a outros que se assemelham aos jardins de Nandana, onde, como acontece com os Kurus do norte, as árvores dão frutos e produzem mel em todos os meses do ano e cada estação está representada simultaneamente como na floresta de Chaitaratha. Lá, grandes árvores com ramos imensos, curvadas

sob o peso de seus frutos, parecem nuvens altaneiras ao lado da montanha. Lakshmana subirá naquelas árvores com facilidade ou as puxará para baixo para te oferecer o fruto igual em sabor ao néctar da imortalidade. Percorrendo aquelas montanhas adoráveis, vagando de colina em colina e de floresta em floresta, ó heróis, vocês chegarão ao lago Pampa coberto com lótus, livre de pedras e cascalho, cujas margens niveladas não apresentam fendas e, portanto, nenhum perigo de queda. Ó Rama, seu leito é de areia e ele é coberto com lírios flutuantes; cisnes, patos, garças e águias-pescadoras são ouvidas chamando docemente sobre as águas daquele lago; elas nem temem o homem, ó Raghava, uma vez que ninguém jamais caçou lá. Alimentem-se daquelas aves, gordas como manteiga, ó Rama, bem como de Rohita, Chakratunda e Nala.

"Ó Rama, o dedicado Lakshmana te oferecerá peixes diversos e excelentes, sem escamas ou barbatanas, gordos, possuidores de um único osso, que podem ser espetados com setas e assados no fogo. E quando tu tiveres te banqueteadado, Lakshmana, trazendo água pura, perfumada com o aroma de lótus, fresca, límpida, brilhante como prata, a oferecerá a ti em uma folha de lótus.

"À noite, vagueando aqui e ali, Lakshmana apontará para ti os grandes macacos que habitam nos bosques e nas cavidades das colinas, e tu verás aqueles macacos selvagens e ferozes, rugindo como touros, vindo para as margens do lago para beber.

"Passeando ao anoitecer, a tua dor será amenizada ao contemplar as árvores em flor e as águas auspiciosas do lago, e tu verás as árvores florescentes Tilaka e Naktamala com os lótus vermelhos e brancos totalmente desabrochados, que dissiparão a tua aflição. Nenhum homem jamais colheu aquelas flores e as guirlandas feitas delas jamais murcham, ó Raghava, pois os discípulos do grande asceta Matanga moravam lá, que, proficientes em penitência, carregados com os frutos silvestres que tinham colhido para seu guru, cobriram a terra com gotas de sua transpiração a partir das quais essas flores brotaram; em virtude de suas austeridades essas flores nunca morrem.

"Aqueles ascetas já faleceram, mas lá ainda vive alguém que os servia, uma mulher mendicante chamada Shabari. Ó Kakutstha, ela, que está sempre fixa em seu dever, é agora extremamente idosa e, ao ver a ti que és honrado por todo o mundo, subirá ao céu.

"Ó Rama, chegando à margem oeste do lago Pampa, tu verás um local adorável, isolado e escondido, que é o eremitério de Matanga. Lá, com medo de sua autoridade divina, nenhum elefante entra, apesar de haver muitos. Esse lugar é conhecido como o bosque de Matanga, ó Raghava, e ali, ó alegria da Casa de Raghu, onde cada variedade de pássaro canta e que se assemelha ao jardim de Nandana ou a um bosque celestial, tu poderás descansar.

"A montanha Rishyamuka, coberta de árvores floridas e cheia de aves, se ergue defronte ao lago Pampa e é de difícil acesso,

jovens elefantes barrando o caminho. Essa montanha majestosa foi antigamente criada por Brahma e um homem virtuoso que dorme em seu cume e sonha com tesouro encontrará riqueza ao acordar, ao passo que um malfeitor que tentar escalá-la será capturado por demônios enquanto ainda estiver dormindo. Lá também, o som de trombeta dos elefantes jovens que se divertem no lago Pampa pode ser ouvido. Ó Rama, naquela

parte do eremitério onde Matanga os alojou, elefantes selvagens de grande tamanho, com linfa vermelha escorrendo, correm para o lago, cheios de ardor, como grandes nuvens; lá eles matam sua sede nas águas frias, que são lípidas, agradáveis e extremamente auspiciosas para aqueles que se banham nelas e que exalam uma fragrância doce. Tendo se divertido, aqueles elefantes reentram nas matas com os ursos, panteras e lobos. Vendo-os, assim como os cervos de semblante suave parecendo safira, que são inofensivos e não temem o homem, a tua dor será amenizada.

"Ó Kakutstha, nessa montanha, talhada na rocha há uma grande caverna, de acesso difícil, coberta por todos os lados com frutas deliciosas, e na entrada há um grande lago de água fresca cheio de todos os tipos de répteis; lá o virtuoso Sugriva e seus companheiros vivem, embora às vezes ele resida no topo da colina".



Tendo assim instruído os dois príncipes, Rama e Lakshmana, Kabandha, semelhante ao sol no brilho, envolto em guirlandas, iluminou os céus com seu esplendor. Nisso aqueles dois heróis, vendo aquele abençoado estacionado no céu, falaram-lhe, dizendo: "Vai em paz!" ao que Kabandha respondeu dizendo: "Prossigam, vocês alcançarão o seu objetivo!"

Então Kabandha, após recuperar a sua beleza imaculada, brilhando com graça e esplendor, fixou o olhar em Rama e falou novamente do céu, dizendo: "Celebra uma aliança com Sugriva".

#### Capítulo 74 – Rama visita Shabari

Os dois príncipes, seguindo as instruções de Kabandha, seguiram ao longo da rota para o oeste que leva ao lago Pampa. Seguindo seu caminho, desejosos de encontrar Sugriva, eles contemplaram as muitas árvores carregadas de flores e frutas, com gosto de néctar, que cresciam nos lados da montanha. Passando a noite em um platô, aqueles dois descendentes de Raghu chegaram à margem oeste do Pampa cheio de lótus e viram o retiro agradável de Shabari.

Aproximando-se daquele eremitério encantador, sombreado por todos os lados por árvores incontáveis, eles viram aquela

perfeita que, vendo-os, ergueu-se e com as palmas unidas tocou os pés de Rama e do prudente Lakshmana e, de acordo com tradição, ofereceu água para enxaguar suas bocas e lavar seus pés.

Então Rama se dirigiu àquela mulher asceta, fixa em seu dever espiritual, e disse: "Tu superaste todos os obstáculos ao ascetismo, ó tu de fala gentil? As tuas austeridades aumentam diariamente? Tu subjugaste a tua ira e a tua necessidade por alimento? Ó solitária, tu tens cumprido os teus votos e obtido tranquilidade interior? O teu serviço ao teu guru deu resultados?"

Assim interrogada por Rama, a virtuosa Shabari, reverenciada pelos deuses, extremamente idosa, permanecendo diante dele, ofereceu-lhe homenagem e disse:

"Abençoada pela tua presença, eu adquiri perfeição e o meu ascetismo foi coroado. Hoje o meu nascimento deu frutos e o serviço aos meus gurus foi totalmente honrado. Hoje as minhas práticas piedosas encontraram realização. Ó mais notável dos homens, o maior dos celestiais, adorando-te, eu alcançarei o reino celeste. Ó gentil, ó matador de teus inimigos, ó tu que conferes honra aos homens, purificada pela tua atenção compassiva, eu irei, pela tua graça, chegar aos mundos imperecíveis, ó subjugador de teus inimigos.

"Quando tu puseste os pés no monte Chitrakuta, aqueles ascetas a quem eu servia, subindo em carros celestes de esplendor incomparável, partiram para o céu e aqueles grandes sábios, conhecedores da virtude, me disseram:

"Rama visitará o teu retiro sagrado; recebe a ele e Lakshmana com a hospitalidade tradicional. Ao vê-lo, tu atingirás a esfera mais elevada de onde ninguém retorna".

"Ó principal dos homens, assim aqueles ascetas abençoados se dirigiram a mim e para ti eu colhi os frutos silvestres de diversos tipos que crescem nas margens do lago Pampa".

Ouvindo essas palavras, Raghava disse a ela, que não tinha sido deixada em ignorância por seus gurus a respeito do passado e do futuro:

"Eu ouvi a verdade sobre a grandeza dos teus gurus de Danu e agora eu de bom grado a testemunharia com meus próprios olhos, se tu julgasses apropriado".

Ouvindo essas palavras saindo dos próprios lábios de Rama, Shabari, guiando os dois irmãos para a vasta floresta, dirigiu-se a eles dizendo:

"Ó Raghunanda, vê essa floresta semelhante a uma nuvem escura, cheia de aves e animais, conhecida como o bosque de Matanga. Aqui os meus gurus de alma pura sacrificaram ao fogo, com seus corpos consagrados pelos mantras através dos quais eles tinham se purificado, consagrando assim a floresta e fazendo dela um lugar sagrado. Aqui também está o altar de

frente para o oeste, onde, com as mãos tremendo de fadiga, os meus preceptores veneráveis ofereciam flores aos seus deuses. Ó principal dos Raghus, vê este altar de beleza incomparável, que, por causa do poder das penitências deles, ainda lança seu brilho iluminando as quatro regiões. Observa também os sete mares, atraídos para cá em virtude do seu pensamento, já que, por causa do jejum e do peso dos anos, eles eram incapazes de andar. Esses mantos de pele, deixados pendurados nas árvores por eles na conclusão de suas abluções, ainda estão molhados e os lótus de cor azul-celeste oferecidos por eles em culto não murcharam.

"Agora tu viste a floresta e ouviste tudo o que tu desejas saber; eu abandonarei o meu corpo para que eu possa me aproximar aqueles ascetas puros de alma a quem eu costumava servir, a quem esse eremitério pertence e cuja serva eu sou.

"Ouvindo essas palavras piedosas, Rama, que estava acompanhado por Lakshmana, sentiu grande alegria e exclamou:

"Isso é extraordinário!" Então se dirigindo a Shabati de práticas ascéticas, ele disse: "Ó santa, eu fui totalmente honrado por ti; agora vai para onde tu queres e sê feliz".

Tendo recebido a permissão de Rama para partir, Shabari, usando cabelos emaranhados, mantos de pele e uma pele de

antílope negro, lançou-se ao fogo, depois subindo no ar como uma chama brilhante.

Enfeitada com ornamentos celestes, envolta em guirlandas, emitindo uma fragrância divina, aspergida com pasta de sândalo e vestida em traje celeste, ela apareceu primorosa e iluminou os céus como um lampejo de relâmpago. Em virtude de suas meditações ela ascendeu para aquelas moradas sagradas onde os seus preceptores espirituais, aqueles ascetas de grande alma, moravam.

#### Capítulo 75 – Rama chega ao lago Pampa

Quando Shabari havia subido ao céu pelo mérito de seu valor espiritual, Rama com seu irmão Lakshmana começou a refletir sobre a influência piedosa daqueles grandes ascetas e, refletindo consigo mesmo sobre a autoridade divina daqueles homens santos, Raghava disse para seu irmão:

"Ó amigo, eu agora visitei o refúgio daqueles sábios magnânimos de ações milagrosas, onde cervos e tigres vagueiam, junto com aves de todas as espécies. Ó Lakshmana, nós realizamos as nossas abluções nas águas sagradas desses sete mares e oferecemos oblações aos nossos antepassados. O nosso mau karma foi assim destruído e a prosperidade manifesta; meu coração está cheio de paz. Parece-me, ó leão entre os homens, que em breve nós encontraremos a boa sorte.

Vem, vamos caminhar em direção ao encantador lago Pampa! A montanha Rishyamuka pode ser vista à distância; é lá que os quatro grandes macacos com Sugriva, o filho de Surya, vivem com medo constante de Bali. Eu estou impaciente por ver esse leão da tribo de macacos, Sugriva, pois é ele quem averiguará onde Sita pode ser encontrada”.

Assim falou o heroico Rama, e Saumitri lhe respondeu, dizendo: “Vamos para lá sem demora, o meu coração também almeja aquele local”. Então, saindo do eremitério de Matanga, o poderoso Rama, senhor de homens, acompanhado por Lakshmana, procedeu em direção ao lago Pampa.

Por todos os lados, ele viu inúmeras árvores em plena floração e tanques onde pequenos groux brancos se aninhavam nos juncos, e pavões, abibes e pica-paus, enchendo a floresta com seus gritos, como também um grande número de outras aves.

Apreciando as árvores de diferentes fragrâncias e muitas lagoas, Rama, cheio de deleite, aproximou-se de uma cujas águas, deliciosas para o paladar, vinham do lago Matanga. Lá os dois descendentes de Raghu permaneceram em recordação silenciosa. Depois disso, a angústia invadindo novamente o coração de Raghu, o filho de Dasaratha, ele entrou no lago encantador coberto de lótus.

Adornado por todos os lados com árvores Tilaka, Ashoka, Punnaga, Vakula e Uddalaka, que eram nutridas por suas águas, ele estava emoldurado em bosques encantadores e suas

ondas, puras como cristal, nas quais flutuavam flores de hibisco, fluíam sobre areia fina. Peixes e tartarugas abundavam lá e as margens eram embelezadas por árvores entrelaçadas com trepadeiras amigáveis. Kinnaras, uragas, gandharvas, yakshas e rakshasas o frequentavam e diversas árvores e arbustos lançavam sua sombra sobre ele. Aquele lago era realmente uma joia com suas águas frescas e límpidas, os seus lótus e nenúfares emprestando-lhe um brilho acobreado, enquanto que aglomerados de ninfeáceas lançavam reflexos prateados e o azul de safira era realçado por outras flores. Flores Aravinda e Utpala abundavam em volta do lago, que estava coberto com inúmeros lótus, enquanto bosques de manga em flor forneciam sua sombra, e pavões o enchiam com seus gritos.

Rama, o poderoso filho de Dasaratha, que estava acompanhado por Lakshmana, vendo o lago Pampa adornado como uma noiva com Tilaka, Bijapura, Vata, Lodhra, Sukladruma, Karavira, Punnaga em flor, matas de Malati e Kunda, Bandira, Nichula, Ashoka, Saptaparna, Ketaka, Atimukta e diversas outras árvores de diferentes perfumes, deu expressão ao seu pesar:

"Lá está na margem direita a montanha Rishyamuka, cheia de vários metais e famosa pela variedade de suas árvores e flores, mencionada por Kabandha, onde o

filho do magnânimo Riksharajas, o valente Sugriva, vive. 'Ó mais notável dos homens, procura o rei dos macacos', foram as suas palavras".

Depois disso, Rama falou com Lakshmana novamente, dizendo: "Ó Lakshmana, como Sita poderá viver sem mim?"

Tendo falado assim para Lakshmana, o principal dos Raghus, atormentado por seu amor, o que o impedia de pensar em qualquer outra coisa, entrou no maravilhoso lago Pampa, tendo dado voz à sua tristeza.

Prosseguindo devagar, observando a floresta, Rama, chegando ao lago Pampa, cercado por todos os lados com bosques encantadores, cheios de uma infinidade de aves, entrou em suas águas com Lakshmana.



**InfoLivros.org**

